00042668

BOMBAY BRANCH
OF THE
ROYAL ASIATIC SOCIETY.
TOWN HALL, BOMBAY.

Digitized with financial assistance from the
Government of Maharashtra
on 09 July, 2016

DA ASIA

DE

JOÃO DE BARROS

DOS FEITOS, QUE OS PORTUGUEZES FIZERAM NO DESCUBRIMENTO, E CONQUISTA DOS MARES, E TERRAS DO ORIENTE.

DECADA TERCEIRA

PARTE PRIMEIRA.

vol 3 pt 1
42668
LIBRARY OF THE ... BRANCH OF THE ... ASIATIC SOCIETY

LISBOA

NA REGIA OFFICINA TYPOGRAFICA.

ANNO MDCCLXXVII.

Com Licença da Real Meza Censoria, e Privilegio Real.

HH. I.

Fr 915
Bar/Asi
42668
00042668

INDICE

DOS CAPITULOS, QUE SE CONTÊM NESTA PARTE I. DA DECADA III.

LIVRO I.

CAP. I. *Como ElRey D. Manoel mandou por Capitão geral, e Governador da India Lopo Soares d'Albergaria em huma Armada de treze náos, o qual partio deste Reyno o anno de quinhentos e quinze; e do que fez depois que partio, e assi na India com sua chegada.* Pag. 1.

CAP. II. *Como Lopo Soares, despachado Fernão Peres com huma Armada pera a China, pelo recado que lhe ElRey Dom Manoel mandou deste Reyno da Armada que o Soldão do Cairo fazia pera a India, elle Lopo Soares partio com huma grossa frota pera o mar Roxo em busca desta Armada.* 13.

CAP. III. *Em que se descreve o sitio da Cidade Judá: e o fundamento de huma Armada, que o Soldão tinha enviado por Raez Soleimão seu Capitão mór, que estava naquella Cidade Judá.* 22.

CAP. IV. *Do que Lopo Soares passou no porto de Judá, e depois que se dalli par-*

tio té chegar a Camaram, onde inver-nou, e ahi veio ter D. João, ao qual elle mandou buscar á costa da Abassia. 39.

CAP. V. *Como partido Lopo Soares da Ilha Camaram, foi ter á Cidade Zeila, que está na costa da terra Africa, principal porto do Reyno Adel, a qual tomou por armas, e depois queimou.* 54.

CAP. VI. *Como Lopo Soares se partio pera a Cidade Adem: e do que alli passou com o Capitão della; e querendo ir sobre a Cidade Barbora, com hum temporal que lhe deo, arribou a Ormuz, e a maior parte de sua Armada per diversas partes passou grandes naufragios, e infortunios.* 62.

CAP. VII. *Do que fizeram D. Fernando, e D. João, que D. Goterre mandou de Armada: e o que succedeo em huma entrada, que elle mandou fazer em as terras firmes de Goa, onde matáram João Machado, e alguma gente da nossa, donde se causou o Hidalcão a mandar cercar, no qual tempo os nossos padecêram muito trabalho té a chegada de Antonio de Saldanha.* 70.

CAP. VIII. *Como D. Goterre mandou Dom Fernando com gente de cavallo, e de pé sobre o Capitão Ancostaó, na qual entrada mor-*

morreo o Alcaide mór João Machado com muita gente nossa, e foi causa da Cidade Goa ser cercada té a vinda de Antonio de Saldanha, que partio deste Reyno com huma Armada. 78.

CAP. IX. *Do que succedeo a Jorge de Brito depois que entrou na capitania de Malaca: e do que se passou nella depois de seu falecimento sobre quem o succederia no cargo de Capitão.* 86.

CAP. X. *Da viagem que Antonio de Saldanha fez o anno de dezesete, que deste Reyno partio, e as cousas que passáram na India com sua chegada: e como Lopo Soares o mandou de Armada á costa da Arabia, e assi enviou D. João da Silveira ás Ilhas de Maldiva.* 94.

LIVRO II.

CAP. I. *Em que se descreve o sitio, e cousas da Ilha Ceilão, a que os antigos chamam Taprobana.* Pag. 104.

CAP. II. *Como Lopo Soares, per mandado d'ElRey D. Manoel, foi á Ilha Ceilão fazer huma fortaleza: e o que passou ante de ser feita com o Rey da terra, o qual ficou tributario deste Reyno.* 118.

CAP. III. *Do que passou D. João da Silveira nas Ilhas de Maldiva, onde o enviou*

viou Lopo Soares, e assi em Bengala, onde elle foi ter, té chegar a Ceilão a ser mettido de posse de capitanía da fortaleza de Columbo. [illegible]

CAP. IV. *De algumas cousas que D. Aleixo de Menezes fez depois que chegou a Malaca, entre as quaes foi mandar Duarte Coelho a ElRey de Sião: e do que elle passou nesta viagem.* 146.

CAP. V. *Em que se descreve o grande Reyno de Sião, e algumas cousas notaveis delle.* 152.

CAP. VI. *Como ElRey D. Manoel mandou Fernão Peres d'Andrade descubrir a enseada de Bengala, e a costa da China: e o que passou primeiro que fosse á Cidade Cantam, que he a principal de huma das Provincias que a China tem.* 173.

CAP. VII. *Em que se descreve a terra da China, e relata algumas cousas que ha nella, e principalmente da Cidade Cantam, que Fernão Peres hia descubrir.* 186.

CAP. VIII. *Do que Fernão Peres passou em quanto esteve na China.* 205.

CAP. IX. *De algumas cousas que passáram em Malaca, em quanto D. Aleixo de Menezes esteve nella.* 224.

LI-

LIVRO III.

CAP. I, *Como ElRey D. Manoel o anno de quinhentos e dezoito mandou por Capitão geral, e Governador da India a Diogo Lopes de Sequeira.* Pag. 233.

CAP. II. *Do que se passou em Malaca depois que D. Aleixo de Menezes se partio, assi no cerco que lhe ElRey de Bintam poz, como na vitoria que os nossos houveram na ida do rio Muar, tomando-lhe a fortaleza que alli tinha feita na entrada do rio.* 242.

CAP. III. *Como Garcia de Sá foi ter a Malaca, e Affonso Lopes d'Acosta, por estar mui doente, lhe entregou a capitanía da Cidade, e se veio á India, onde morreo em chegando: e do que Antonio Correa passou assi em Pegu, como em Malaca, onde Diogo Lopes de Sequeira o mandou.* 260.

CAP. IV. *Como Antonio Correa chegou ao Reino de Pegu: e assi se descreve o sitio, e cousas delle, e da paz que elle Antonio Correa assentou com o seu Rey, e do mais que fez té chegar a Malaca.* 273.

CAP. V. *Como Garcia de Sá ordenou huma Armada a Antonio Correa pera entrar no rio Muar, e assi ir ao Pago, on-*

onde ElRey de Bintam estava, a qual elle desbaratou, e destruio. 285.
CAP. VI. *Como Garcia de Sá mandou de Armada a Manoel Pacheco sobre o porto de Pacem, e Achem: e do feito que cinco Portuguezes, que com elle foram, fizeram: e do mais que sobre este caso succedeo.* 298.
CAP. VII. *Em que se descreve o sitio das Ilhas de Maldiva, e algumas cousas dellas: e como João Gomes, que foi enviado a fazer huma fortaleza na principal chamada Maldiva, a fez, e depois o matáram os Mouros, e a causa porque.* 305.
CAP. VIII. *Do que fez Christovão de Sousa com huma Armada, que lhe o Governador Diogo Lopes deo para ir á costa de Dabul: e assi do que passáram outros, que tambem enviou o anno seguinte.* 316.
CAP. IX. *Do que passou huma Armada de quatorze vélas, Capitão mór Jorge d'Alboquerque, que o anno de quinhentos e dezenove ElRey D. Manoel mandou á India: e do que Diogo Lopes de Sequeira nisso fez.* 324.
CAP. X. *Como o Governador Diogo Lopes de Sequeira partio com huma grossa Armada ao estreito do mar Roxo: e do que passou té chegar á Ilha Maçuá, onde o Em-*

Embaixador Mattheus foi conhecido ser do Preste João ; e do mais que se alli passou. 336.

LIVRO IV.

CAP. I. *Em que se escrevem as cousas d'ElRey da Abassia, ou Ethiopia sobre Egypto, a que vulgarmente chamamos Preste João : e as cousas do error deste nome, e o mais que deste Principe temos sabido, e assi do seu estado, e povo.* Pag. 359.

CAP. II. *Como a Rainha Sabá se foi ver a Jerusalem com Salamão Rey de Judéa, de que houve hum filho chamado David, do qual, segundo dizem os póvos Abassijs, procedem os seus Reys, e o mais que elles dizem desta Rainha Sabá, e assi da chamada Candáce, e de algumas cousas do estado deste Principe, e sua religião, e costumes.* 374.

CAP. III. *Como Diogo Lopes de Sequeira se vio com o Barnagax, hum principal Capitão do Preste, com o qual assentou paz; e entregue o Embaixador Mattheus, e D. Rodrigo de Lima, que elle em sua companhia mandou ao Preste, se partio pera ir invernar a Ormuz : e o mais que fez neste caminho.* 397.

CAP. IV. *Em que se escrevem algumas cousas dos estados d'ElRey de Narsinga, e Hidalcão, e huma guerra que entre si tiveram em quanto Diogo Lopes foi ao estreito, e o que dello resultou em proveito nosso.* 414.

CAP. V. *Como ElRey Chrisnarão assentou seu arraial, e combateo a Cidade Rachol, a qual tomou, depois que deo huma batalha ao Hidalcão em que o venceo, e esta tomada foi por favor dos nossos que se acháram com elle: e do mais que se passou entre estes dous Principes, no qual tempo Ruy de Mello Capitão de Goa tomou as terras firmes.* 424.

CAP. VI. *Do que Lopo de Brito Capitão da fortaleza de Ceilão passou com a gente da terra.* 443.

CAP. VII. *Em que se dá noticia do curso dos tempos nas partes do Oriente, que navegámos, donde se causa o verão, e inverno dos navegantes, e das suas monções. E como Diogo Lopes se partio de Ormuz onde invernou, passando per Mascate, onde achou recado de huma Armada que aquelle anno partíra deste Reino, e dalli se foi pera a India: e o que lhe succedeo no caminho, e assi em Dio com Melique Az.* 452.

CAP. VIII. *Como Diogo Lopes de Sequeira,*

ra, depois que despachou as náos, que o anno de quinhentos e vinte vieram com carga de especiaria pera este Reyno, fez huma grossa Armada, em que foi pera Dio com tenção de fazer abi huma fortaleza. 472.

CAP. IX. *Como Diogo Lopes de Sequeira com sua frota chegou sobre a Cidade Dio, onde não fez fortaleza, e a causa porque; e como foi invernar a Ormuz, espedindo os Capitães que hiam ordenados pera as partes de Malaca, os quaes foram em companhia de D. Aleixo de Menezes, que os havia de despachar em Cochij.* 481.

CAP. X. *Do que aconteceo a Simão Sodré ao longo da costa caminho de Goa, e houvera de acontecer a D. João de Lima que se com elle achou: e do despacho que D. Aleixo deo, depois que chegou a Cochij, aos Capitães, que levava em sua companhia.* 496.

LIVRO V.

CAP. I. *Em que se descreve a situação da Ilha Çamatra, e Reinos della, e de algumas cousas que nella acontecêram aos nossos: e a causa por que o Principe do Reyno Pacem mandou á India pe-*

pedir ajuda ao Governador contra hum tyranno, que lho tinha tomado. Pag. 505.

CAP. II. *Como Jorge d'Alboquerque chegou ao Reyno de Pacem, e como pelejou com o tyranno que o tinha, e o tomou com quanta gente comsigo tinha em huma fortaleza, e depois metteo o Principe em posse delle.* 519.

CAP. III. *Como Jorge de Brito com sua Armada foi ter ao Reyno Achem, onde elle, e outros Capitães com muita gente foram mortos em huma peleja, que tiveram com o Rey da terra; e vindo seu irmão Antonio de Brito com os navios a Pedir, onde os achou, tomou posse da capitanía delles: e do mais que elle, e Jorge d'Alboquerque passáram tê chegarem a Malaca, e o que aconteceo aos outros Capitães, que ficáram em Pacem.* 535.

CAP. IV. *Como Jorge d'Alboquerque foi á Ilha de Bintam pera destruir a povoação que ElRey nella tinha, e o que lhe succedeo nesta ida, no fim da qual Antonio de Brito se partio pera Maluco.* 550.

CAP. V. *Em que se descrevem as Ilhas chamadas Maluco, e se dá noticia de algumas cousas dellas.* 564.

CAP. VI. *Das cousas que succedêram a Antonio d'Abreu, e Francisco Serrão,*

que

que Affonso d'Alboquerque na tomada de Malaca mandou descubrir as Ilhas de Maluco, e Banda: e o que succedeo em todo aquelle tempo té a partida de Antonio de Brito, que hia fazer huma fortaleza por causa das razões precedentes, que eram requerimentos delRey de Ternate, que he o principal dellas. 583.

CAP. VII. *Da viagem que Antonio de Brito fez nas Ilhas de Banda, e Maluco: e o que passou té fazer huma fortaleza em a Ilha Ternate.* 605.

CAP. VIII. *Como Fernão de Magalhães se foi a Castella em deserviço d'ElRey Dom Manoel, e as cousas porque: e como ElRey D. Carlos de Castella, que depois foi Emperador, acceitou seu serviço, e se determinou em o mandar ás Ilhas de Maluco per nova navegação.* 622.

CAP. IX. *Da viagem que Fernão de Magalhães fez com esta frota: e o que succedeo a elle, e a ella té descubrir hum estreito, que passava ao mar do Ponente.* 632.

CAP. X. *Do que Fernão de Magalhães passou em sua navegação do mar do Ponente té chegar á Ilha Subo, onde matáram a elle, e a principal gente de sua Armada: e do que mais succedeo aos que ficáram.* 647.

DE-

PROLOGO.

ESCREVE Platão em o seu Timéo, contando a prática, que hum Sacerdote Egypcio tinha com Solon sobre a antiguidade, e noticia das cousas della, que lhe disse o Sacerdote com grande indignação: » Ó » Solon, Solon, sempre vós-outros, os » Gregos, haveis de ser moços, e o vos- » so animo sempre mancebo, em o qual » não ha conhecimento da antiguidade, » nem sciencia de cans? » Nas quaes palavras quiz dizer, que todos aquelles, que se não davam ao conhecimento da antiguidade das cousas, as quaes se alcançam pela lição da Historia, tinham entendimento de meninos, porque como estes confusamente recebem o objecto de qualquer cousa que vem, e a todo homem chamam pai, por não terem noticia perfeita pera distinguir qual he o seu proprio: assi os que carecem do conhecimento da Historia estam

póstos em vida de confusão. E ainda (como diz Tullio) pela falla differimos dos brutos quanto ao discurso do juizo : os homens, que totalmente ignoram a Historia, e aborrecem as letras, são a elles mui conformes. Cá nunca o seu juizo se estende a mais, que ao presente a olhar se lhe traz damno, ou proveito a vida, e do entendimento dás outras cousas fazem pouca conta, como se nascêram sómente pera contentar o corpo em seus affectos, e desejos. Quasi como gente, que vêm a degenerar da natureza humana, mostrando que não ha nelles natural desejo de saber; o qual he tão proprio do homem, (como diz Aristoteles,) que lhe vieram chamar investigador, e inventor das cousas. Da qual propriedade veio o mesmo Aristoteles fazer hum problema, perguntando : Porque os homens se deleitavam mais em a noticia das cousas, que se sabem per exemplo, que per enthymemia, que he huma razão curta, de que os Logicos usam, a

que

que Tullio chama argumento, que conclue em huma só cousa. E parece que procede o que Aristoteles pergunta; porque os exemplos tem muitas razões, causas, e vivos feitos, em que o entendimento se mais satisfaz, e deleita, que em huma só razão secca, e curta. E como a Historia he hum agro, e campo, onde está semeada toda a doutrina Divina, Moral, Racional, e Instrumental, quem pastar o seu fruto, convertello-ha em forças de entendimento, e memoria pera uso de justa, e perfeita vida, com que apraz a Deos, e aos homens; pero fica aqui huma parte a mais principal desta lição da Historia, que he saber eleger qual Historia esta será pera frutificar em proveito proprio, e commum. Em a qual eleição parece que a gente Veneziana tem muito acertado, porque assi pera o governo proprio, como público da patria, he mui dada á lição de seus proprios Annaes, e Historia, e a toda outra, de que podem tirar exemplo pera admi-

niſtrarem os Magiſtrados, e officios, de que a ſua Républica os póde prover, e principalmente pera ſaberem aconſelhar quando forem admittidos no Conſelho público, no qual ſe hum homem entrar ſem doutrina da Hiſtoria, he como hum mudo entre doutos oradores, ou ſurdo ante a harmonia de vozes. O fruto do qual uſo, que elles tem, ſe vê na perpetuidade da ſua Républica; a duração da qual ainda não temos viſto ſer contaminada per tantas centenas de annos em outra Nação. E são os Italianos geralmente tão dados á lição da hiſtoria, por cauſa do governo da patria, pera da conferencia do paſſado ordenarem o preſente, que ſe traz quaſi em Proverbio: *Italianos ſe governam pelo paſſado, Heſpanhoes pelo preſente, e os Francezes pelo que eſtá por vir.* Aqui, ſe licito fora, ſe pudera dar huma reprehensão de penna á noſſa Heſpanha ácerca deſta parte preſente, pero como a verdade não apraz quando toca em culpa propria, leixemos o ſeu
pre-

presente, porque o futuro lhe mostrará que tal foi. Sómente huma cousa lembrará esta nossa penna, em que fique entendido parte do que leixou por dizer, com que satisfaremos á obrigação da prática sem doutrina Platonica, (como traz Plotino em o livro de Sapiencia:) que não convem olhar sempre as cousas presentes, mas a revolução que ellas tem do preterito pera o futuro, porque o seu curso natural he hum bem responder ao outro, e hum mal ao outro mal, por estarem as cousas futuras sujeitas a terem as vezes que já tiveram, quasi como hum curso circular. E como a Historia he hum espertador do entendimento pera a consideração deste natural, e Christão curso, a primeira lição, (depois da Divina, que sempre deve preceder a todas,) em que se devem crear aquelles, que Deos elegeo pera o governo, e administração pública, he em os Annaes, e Chronicas de seu proprio Reyno, e patria, e em toda a outra escritura, pela qual venha

em

em conhecimento dos homens antepassados, e do que fizeram, e disseram. Cá desta tal lição, por ser propria de casa, vem elles governar, e aconselhar o Reyno per exemplos do mesmo Reyno, que he a revolução que dissemos. O qual Reyno em os negocios, e ordem do governo segue o processo, que a Natureza leva na multiplicação das familias; que se o filho não tem o parecer do pai, tem muita semelhança com o avô, ou de algum outro parente muito conjuncto, porque a Natureza nunca póde tanto degenerar, que fique em monstro fóra de sua especie. Assi os negocios, e cousas, que succedem em vida de hum Rey, se não são semelhantes em tudo ás do passado, conformam-se com as dos trespassados de maneira, que mais se parecem nossas cousas presentes com as nossas passadas, que com as estranhas, e remotas da patria. Por isso não louvamos muito a homens, que dam razão de toda a historia Grega, e Romana; e se lhe perguntais pe-

lo

lo Rey passado do Reyno, em que vivem, não lhe sabem o nome, ainda que coma os bens da Coroa, que o proprio Rey dá a seu avô. E não he muito, porque outro tanto fazem os taes ao nome do primeiro instituidor do Morgado, ou Capella, que possuem, no qual esquecimento parece que o tal instituidor do Morgado o adquirio, e ajuntou per tal modo, que o conta Deos em numero daquelles per os quaes a Escritura diz: *E a lembrança delles será deserta, quasi como se não foram no Mundo*: por ser justa cousa esquecerem aquelles, que por serem lembrados na terra, se esquecêram do Ceo. E' ainda pera adquirir estes bens da terra, a que os homens são tão sujeitos, se bem olharem o discurso do Mundo, muito aproveita a lição da Historia, pera virem a grande estado de honra, e fazenda, como Marco Tullio, que huma das cousas, que o poz em a dignidade Consular, que era a maior, que naquelle tempo havia, foi

ter grande conhecimento das linhâgens, familias, das propriedades, e de outros negocios públicos do povo Romano, sem as quaes cousas o seu orar fora musica sem compasso. E não sómente elle, que trouxemos por exemplo, mas grande numero de homens creou o Mundo, que por esta generalidade de noticia de cousas alcançáram em seu modo tanto, como o mesmo Tullio, porque nascêram em tempo, ou terra, que se soube aproveitar delles. Pero aos que faleceo alguma destas duas cousas, não sómente perdêram o premio, que os outros houveram, e ficou-lhe sua mercadoria em casa sem abrir tenda; mas ainda os direitos della, que per obediencia pertencem ao Senhor da terra, lhe foram engeitados, como cousa que não servia ante elle. Depois desta lição, que dissemos ser mui proveitosa, por natural, e propria de casa, deve-se dar este tal Aprendiz á lição das Chronicas dos Reynos vizinhos, com que communicam, e tem conferencia de negocios,

e de

e de si a toda outra historia proveitosa. Não apontamos nas sciencias de profissão, porque estas são pera homens particulares, que as elegêram por genero de divida, as quaes requerem outro ocio, outro juizo, e são caras de as perder, e por isso os seus Professores as vendem por mui caro preço. Sómente enculcamos lição commum a toda qualidade, e idade, barata em preço, leve de saber, proveitosa em uso, e que serve na paz, na guerra, no prazer, no pezar, na abastança, e necessidade, por ser como huma medida Lesbia, que se accommoda a tudo o que com ella quizermos medir. Quem quizer passar dos exemplos de casa, e dos vizinhos, tem a Historia Romana, Grega, e toda a outra, ainda que dos barbaros seja, porque não reprovamos estas em mais, que na precedencia de as antepôrem ás naturaes, e familiares de casa. E porque aqui está hum grande perigo, em que póde incorrer a gente de tenro juizo, que são os mancebos,

po-

polo não corromperem com algum veneno de damnosa lição, diremos o que Platão diz em nome de Socrates: *Que mais grave he o perigo no aceitar da disciplina, ou lição de livros, que no comprar as cousas do mantimento, de que vivemos, porque este da praça não se leva logo no estomago, mas em cousa, que se nellas houver algum veneno, não nos póde empecer; e ainda sobre isso temos conselho do Medico, que nos ensina quaes podemos comer, e quaes não, o que se não faz na compra dos livros.* Donde vem, que primeiro lavra a peçonha da má doutrina, e leitura delles no animo, que assentamos no entendimento. Por acudir ao qual damno, e perigo apontaremos alguns vicios, e defeitos, em que cahíram alguns desta lição da Historia, que sirvam em lugar de balizas áquelles, que tanto não alcançam no ler, e no compôr della, pois a todos podem servir. A primeira, e mais principal parte da Historia he a verdade della; e porém em algumas

cou-

cousas não ha de ser tanta, que se diga por ella o dito da muita justiça, que fica em crueldade, principalmente nas cousas, que tratam de infamia de alguem, ainda que verdade sejam. E certo que nesta parte, mais ganhou no juizo de homens justos, e doutos Thucydides, sendo Gentio, o quál contando o que commetteo contra os Athenienses o Rhetor Antifonte, por reverencia de tão douta pessoa, e de ser seu mestre, calou o modo, e genero de morte, que lhe foi dada per mui infame; do que ganhou Suetonio, Paulo Jovio em os seus elogios, que tendo dignidade Episcopal, descubrio vicios alheios, de que muitos não sabiam parte, com que infamou as almas dos defuntos, de quem os elle escreve. Cá destes taes exemplos mais procede licença de vicios, que abstinencia delles; porque como evitára a hum homem o impeto de má inclinação, quando Suetonio lhe põe exemplo de muitos em Principes illustres, como foram os Em-

pe-

peradores; e taes vicios, que a mesma Natureza fecha os olhos, esconde o rosto, e tapa os ouvidos por não ouvir taes torpezas de si. E verdadeiramente nunca alguem escreveo estas abominações, e abusos, que ante meu juizo não tenha por culpado nelles, como se vê nas más mulheres, que se gloriam em haver muitas, porque ficam menos culpadas. Tambem calar os louvores de alguem, ou notar suas taxas por odio, ou por comprazer a outrem, quanta Salustio perdeo na primeira parte, tanta culpa tem Antonio de Nebrissa: na segunda Salustio calando na sua historia algumas cousas, que davam louvor a Trellio, polo odio que lhe tinha, posto que muitos não pôde encubrir, em que foi louvado: e Antonio de Nebrissa por comprazer na Chronica, que compoz d'ElRey Dom Fernando de Castella, disse taes abominações d'ElRey D. Henrique, e da Rainha D. Joanna sua mulher, que pera tão douto Barão fora mais seguro a

sua

ſua conſciencia, e nome por dizer, que ditas. E perdoe-me a ſua alma, porque melhor he que fique elle com eſta nota de paixão, ou complacencia, que taes Principes infamados per ſua eſcritura. E ſe não fora porque nas couſas dos Reys, e Principes ſe deve fallar com toda reverencia, por a dignidade Real, que lhes Deos deo, ainda noſſa penna pudera manifeſtar couſas não de ſuſpeita, como elle Antonio de Nebriſſa fez, mas de feito, em caſo, que per via de caſamento ſe moveo, em que o meſmo Rey D. Fernando approvou o contrario do que elle diz. Quanto a encubrir os caſos, e infortunios aquecidos ao Principe, ou povo, em cujo louvor ſe eſcreve, por lhe não derogar o poder, e retorcer as couſas do tal damno em outrem com infamia de nome, e não de feitos. Se na primeira Tito Livio he louvado na relação, que fez como os Francezes tomáram Roma, na ſegunda não ganhou muito em dizer delles, que por cauſa do vinho, que havia em Ita-

Italia, entráram nella, e isto em modo de infamia. Pois contar prodigios taes, que o mesmo Tito Livio, que os escreveo na sua historia, os não cria, em o qual vicio tambem Cesar cahio por abonar seus propositos, isto he tão estranhado na Historia, que melhor soffre hum hyperbole, dizendo era tamanha a grita da gente, rugido das armas, quebrar das lanças, que chegava o estrondo até o Ceo. Nem menos convem á fé da Historia dizer, que dos imigos morrêram tantos mil, feridos sem conto, e dos nossos mortos foram dous, ou tres, e feridos doze. Já nomes torpes, cruéis, e de vituperio, como usam alguns neste nosso tempo, chamando aos Reys de França, e Inglaterra, o Francez, o Ingrez, e per este modo os da parte contraria outros taes ao Emperador, mais vituperam a quem os diz, que por quem se dizem. E quanto os taes Escritores são taxados por notar no Principe defeitos, em que a Natureza he culpada, e não o ani-

animo delle; tanto louvor ſe dá áquelle Pintor, que tirando a ElRey Filippe pai de Alexandre per natural, tomou-lhe a poſtura do roſtro de maneira, que lhe encubriſſe o defeito que tinha, que era hum olho menos. E melhor eſtá a hum Author per eſte modo diſſimular os taes defeitos, que louvar os Principes de maneira, que vendo elles tanta liſonjaria, façam o que fez Alexandre; o qual offerecendo-lhe Ariſtobolo hum livro de muitos louvores, deo com elle em hum rio, dizendo, que deſejava depois de morto tornar ao Mundo, pera ver ſe o louvavam tanto. E não ſe eſcandalizem de nós, ſe no eſpertar deſtas couſas apontamos em tão graves, e doutos Barões, parecendo que nos queremos gloriar das taes cenſuras como de couſa propria, pois entre homens de boa lição são mui communas. Sómente as notamos por ſerem nelles culpas de animo apaſſionado, e não dignas de perdão: como os deſcuidos de animo canſado do eſtudo, e daquel-

quelle genero das de Homero, de que dizia Horacio: *Ás vezes dormia o bom Homero.* Pois se estes, e outros taes perigos estam em homens de tanta erudição, e doutrina, que será no enxurro de tantos Escritores, como o ganho, e trato da impressão trouxe á praça deste nosso tempo? Se não tapar os narizes, como quem passa per monturo, onde, ainda que se acha hum retalho de panno de boa côr, e fino, a companhia, em que está, faz que se haja nojo delle. Verdade he, que se o monturo destes fosse como o de Ennio, no qual dizia Virgilio, que achava pedras preciosas, ainda se soffrêra o seu máo cheiro; mas ver as quiméras de tanta, e tal escritura, a que se não póde dar nome, posto que seus donos lhe dem grande titulo, não causa o zelo, a indignação de ver estas cousas fazer versos, como diz Juvenal, mas riso, como diz Horacio, por outras taes. E certo, que considerando no fruto, que se póde tirar das taes escrituras, pare-

ce

ce que mais erudição dará a lição das fabulas, isto não por causa da materia, mas da torpeza da forma; porque quanto á materia, certo he ser mui differente tratar de historia verdadeira, ao argumento de huma fabula, pero tem tanta potencia a forma de qualquer cousa, que em muitas vence a materia por excellente que seja. Em tanto, que se hum vaso de ouro tiver a forma de algum, que serve em cousas vís, e torpes, ante quererão beber per outro de barro de forma natural deste uso, que pelo outro, porque naturalmente aborrecemos as cousas disformes, e as formadas com as leis naturaes, segundo o genero de cada huma, de nós são mui aceptas. Donde Alexandre, sendo tão cubiçoso de gloria que o fez prodigo de fazenda, veio desejar ter por Escritor o pai de todalas fabulas em nome, que foi Homero; (que pudera fazer suspeita toda sua historia,) não porque quizesse que com palavras supprisse o que a elle falecia em feitos;

pois os ſeus foram tantos, e taes, que occupáram trinta, e tantos Eſcritores Gregos, e Latinos; mas porque tem tanto poder a força da eloquencia, que mais doce, e acepta he na orelha, e no animo huma fabula compoſta com o decóro, que lhe convem, que huma verdade ſem ordem, e ſem ornato, que he a forma natural della. E eſta aceptação não he em orelhas de homens gentios, ou profanos, mas de graves, e doutos Barões da Religião Chriſtã, como ſe vê na lição Grega, e Latina, tantas vezes recitada, e repetida nas ſuas eſcolas; porque como todolos homens graves, principalmente nas eſcrituras moraes, a fim de doutrinar vam ordenadas, mais reſpeito tem a mover por exemplo, e induzimento de vivas razões, (pero que o argumento ſeja fabuloſo) que a fé da couſa, porque a fé ſem imitação de obras figura pintada he, e não viva. E como, a fim de bem obrar, os Eſcritores ordenáram ſuas eſcrituras, aquellas são mais uti-

les,

les, e proveitosas pera ler, que mais móvem pera bem obrar, (nas profanas fallamos,) cá em as da Lei de Deos, que professámos, Paulo deo aviso, que por não derogar a Fé da Cruz de Christo, não as prégava com eloquencia. Pero aquellas, cuja doutrina está em força de palavras, e não em fé de Lei, usaremos dellas como Agostinho na sua Doutrina Christã aconselha, dizendo: *Que se os Filosofos disseram algumas cousas proveitosas á nossa Fé, não sómente as não devemos recear, e temer, mas ainda as devemos pera nosso uso tomar delles como de injustos possuidores.* E se estas servem ao bem da Fé, que será naquellas, que tratam sómente pera uso da boa policia: por isso não se póde chamar escritura sem fruto a que tem doutrina de imitação. Fabulas são as de Homero em nome, e argumento; mas nellas vai elle enxertando o discurso da vida activa, e contemplativa, e por isso no proemio das Pandectas do Direito Civil lhe chama o Em-

pe-

perador Juſtiniano *pai de toda virtude.* E Macrobio diz delle, que he fonte, e origem de todalas divinas invenções, porque deo a entender a verdade aos ſapientes debaixo de huma nuvem de ficção poetica. Fabula he a Cyripedia de Xenofon; mas nella quiz elle debuxar, que tal havia de ſer hum Rey em o governo de ſeu Reyno, e por iſſo era eſte livro o familiar per que eſtudava Scipião e Cicero andando na guerra. Fabula moderna he a Utopia de Thomaz Moro; mas nella quiz elle doutrinar os Inglezes como ſe haviam de governar. Fabula he o Aſno de ouro de Apuleio; mas no diſcurſo delle moſtra quão brutos animaes são os homens, que andam occupados, e envoltos em vicios, e fóra delles ficam racionaes em vida. Fabula he a multidão das que eſcreveo o Filoſofo Eſopo; mas nellas eſtam pintados todolos affectos humanos, e como nos havemos de haver nelles. Fabula he a Taboa do Filoſofo Cebes; mas neſta pintura eſtá todo

o

o processo da vida justa, e perfeita. Todas estas, e outras escrituras, ainda que sejam profanas, e de argumento fingido, quando vam verdadeiras em todalas partes, e affectos, que lhe convem, são mui aceptadas, e recebidas de todolos doutos Barões; porque vendo elles com quanto fastio das gentes se recebiam a moral doutrina em argumento descuberto, e grave, ao modo de Platão, e Aristoteles, entendêram que os Escritores, que seguíram este genero de escritura, tiveram por fim dar na doçura da fabula o leite da doutrina; e por isso quando liam as taes escrituras, lançavam a casca do argumento fóra, e gostavam o fruto da interior erudição. Mas escrituras, que não tem esta utilidade de lição, além de se nellas perder o tempo, que he a mais preciosa cousa da vida, barbarizam o engenho, e enchem o entendimento de cisco com a enxurrada dos feitos, e ditos que trazem. E o que he mais pera temer, escandalizam a alma, conce-

bendo odio, e má opinião das partes infamadas per elles. Por causa de evitar os quaes damnos, parece que seria cousa mui justa, per edito público, a papelada das taes escrituras ser entregue ás tendeiras pera embrulhar cominhos, como dizia Persio polos versos de alguns fracos Poetas do seu tempo.

DECADA TERCEIRA.

LIVRO I.

Dos Feitos, que os Portuguezes fizeram no descubrimento, e conquista dos mares, e terras do Oriente.

CAPITULO I.

Como ElRey D. Manuel mandou por Capitão geral, e Governador da India Lopo Soares d'Albergaria em huma Armada de treze náos, o qual partio deste Reyno o anno de quinhentos e quinze: e do que fez depois que partio, e assi na India com sua chegada.

COMO o coração dos Reys, (segundo diz a Escritura,) está em a mão de Deos, por serem na terra seus Ministros no governo della, moveo o animo d'ElRey D. Manuel a que este anno de qui-

quinhentos e quinze mandasse Governador á India, pola necessidade que havia de ter de quem a governasse, por causa do falecimento de Affonso d'Alboquerque, segundo elle mesmo dizia, estando na agonia da morte; posto que a tenção d'ElRey em o mandar vir era pera lhe dar galardão do trabalho das armas, que per espaço de dez annos tinha passado. E porque Lopo Soares d'Albergaria, filho do Chanceller mór Ruy Gomes d'Alvarenga, era neste Reyno estimado por huma pessoa de muita prudencia; e na Armada que o anno de quinhentos e quatro ElRey mandou á India, de que elle foi por Capitão mór, se mostrou poder servir este cargo de Governador, e Capitão geral da India, ordenou de o mandar na Armada deste anno de quinze, em que Affonso d'Alboquerque se havia de vir. No qual anno ElRey tomou outro têrmo ácerca do governo das cousas da India, assi naquellas que tocavam á conquista, e guerra della, como das ordenadas ao commercio, e vencimento de ordenados de Capitães, Officiaes, e homens d'armas. Porque como com Affonso d'Alboquerque acabavam muitos Capitães, e Officiaes o termo de tres annos, que eram obrigados a servir, em nenhum tempo mais sem escandalo podia ordenar estas cousas, pera as quaes fez mui-

tos Regimentos, limitando o que cada pessoa podia trazer daquellas partes, e os direitos que dellas havia de pagar, dos quaes Regimentos se ora usa. Pera a qual ida ElRey mandou aperceber treze náos, em que haviam de ir mil e quinhentos homens d'armas, além dos mareantes; muita parte da qual gente eram Fidalgos, e cavalleiros, e outra homens de boa creação. Os Capitães da qual frota eram, Simão da Silveira filho de Nuno Martins da Silveira senhor de Góes, D. Goterre de Monroy filho de D. Affonso de Monroy, Cavalleiro que fora da Ordem de Alcantara em Castella, Christovão de Tavora filho de Lourenço Pires de Tavora, Alvaro Telles Barreto filho de João Telles, Francisco de Tavora filho de Pero Lourenço de Tavora senhor do Mogadoiro, D. João da Silveira filho de D. Martinho da Silveira, Jorge de Brito Copeiro mór d'ElRey D. Manuel, e filho de Artur de Brito Alcaide mór da Villa de Béja, Alvaro Barreto de Montemor o novo, e Simão d'Alcaçova filho de Pero d'Alcaçova em huma náo de armadores pera a China, de que Fernão Peres d'Andrade, que hia com Lopo Soares, havia de ir por Capitão mór desta viagem da China, e com elle Jorge Mascarenhas filho de João Gonçalves Montans, e Joannes Impole hum mercador. Aos

quaes na India Lopo Soares havia de dar navios pera Fernão Peres fazer este descubrimento da terra da China. E porque ElRey mandava a Lopo Soares que entrasse no mar Roxo, quiz enviar com elle o Embaixador do Preste João, que Affonso d'Alboquerque (como atrás fica) tinha mandado a este Reyno; porque nesta entrada elle Lopo Soares o podia entregar no porto de Arquico, que está dentro das portas do estreito, que, segundo elle Mattheus Embaixador dizia, era do Preste. E assi ordenou de ir com elle Mattheus, Duarte Galvão Fidalgo de sua casa filho de Ruy Galvão Secretario que fora d'ElRey D. Affonso o Quinto, o qual por ser homem de muita prudencia, e que já fora enviado a negocios de importancia a Reys, e Principes desta Europa, poderia mui bem fazer este tão novo, e estranho. Como era tratar amizade, e communicação com hum Principe Christão, senhor de mui grande estado, e mettido no interior da Ethiopia, cercado de Pagãos, e Mouros, e que desejava metter-se no gremio da Igreja Romana, de cuja doutrina estava mui desfalecido, por não ter communicação com ella por os barbaros que entre elle, e ella se mettiam. Da qual obra elle Rey D. Manuel recebia grande louvor em toda a Europa, e mais outros pro-

proveitos, e beneficios, tendo com elle prestança, como per este seu Embaixador lhe mandava offerecer, em destruição da casa da abominação dos Mouros situada na Arabia tão vizinha a este Preste. Com o qual Duarte Galvão mandava ElRey Sacerdotes, ornamentos, e cousas do uso Romano, pera que os daquellas partes pudessem tomar doutrina: e assi mandava muitas cousas pera serviço da pessoa do Preste, por mostra das que havia nestas partes. Acabádas de prover todalas cousas necessarias pera esta viagem, partio Lopo Soares do porto de Lisboa a sete de Abril; e com bons tempos que lhe cursáram chegou a Moçambique, onde achou dous navios, de hum dos quaes era Capitão Luiz Figueira Cavalleiro da casa d'ElRey, e do outro Pedreanes de alcunha Francez, que servia tambem de Piloto, os quaes o anno passado partíram deste Reyno a onze de Junho per mandado d'ElRey a irem descubrir a Ilha de S. Lourenço, e assentar nella Feitoria pera commercio de gengivre, em hum porto chamado Matatána, onde havia huma grande povoação de gente da terra, e alguns Mouros da costa de Melinde. Porém Luiz Figueira não fez na terra mais que huma força, em que se recolheo per tempo de seis mezes, que o alli detiveram os mora-

do-

dores, dizendo que esperasse vir a novidade do gengivre; e per derradeiro levantáram-se contra elle polo roubar, que causou vir-se a Moçambique, onde achou Pedreanes, que havia poucos dias que era chegago. O qual elle Luiz Figueira, em quanto esteve em Matatána, tinha enviado a descubrir a costa da Ilha; e entre alguns portos que descubrio, foi hũma bahia, a que ora chamam de Santo Antonio, por assi haver nome o navio que levava. No cabo da qual Ilha contra Leste descubrio o porto, a que os naturaes chamam Bemaró, onde fez resgate de muita quantidade de ambre. E por lhe o tempo não servir pera se tornar onde leixou Luiz Figueira, arribou a Moçambique. Lopo Soares, recolhidos estes dous navios, e espedido Christovão de Tavora, que hia por Capitão pera a fortaleza de Çofala, na vagante de Sancho de Toar, que lá estava, partio-se pera a India, e chegou a Goa a oito de Setembro. E a primeira cousa que fez foi metter de posse da capitanía da Cidade a D. Goterre de Monroy, que a levava por ElRey na vagante de D. João d'Eça, que a servia. E assi espedio Jorge de Brito, que levava a capitanía da Cidade Malaca, em lugar de Jorge d'Alboquerque, que lá estava, e mandou com elle Diogo Mendes de Vasconcel-

los,

los, que levava a capitanía, e feitoria de Cochij, pera lhe logo dar aviamento, por não perder aquella monção de Setembro. E fez-se todo o seu despacho tão brevemente, e teve Jorge de Brito tal viagem, que chegou a Malaca no fim de Outubro, cousa que té hoje não aconteceo a Capitão algum, partir daqui a oito de Abril, e chegar lá no Outubro daquelle anno, em companhia do qual Lopo Soares mandou Antonio Pacheco, que havia de servir de Capitão mór do mar. Passados doze dias, em que Lopo Soares se deteve em Goa provendo algumas cousas, sem esperar a vinda de Affonso d'Alboquerque, de que tinha nova estar em Ormuz mui prospero com a tomada da Cidade, partio-se pera Cochij a ordenar a carga ás náos, que haviam de tornar a este Reyno com especiaria. E de caminho foi visitando as fortalezas, e leixando nellas os Capitães que de cá levava: em Cananor Simão da Silveira, em lugar de Jorge de Mello, que acabava seu tempo; e em Calecut Alvaro Telles, onde estava Francisco Nogueira. Os officiaes de Cochij, chegado elle ao porto, como era Governador novo, a que todos queriam comprazer, o recebêram com grande festa, sómente ElRey de Cochij, que lhe não fez muita, quando se vio com elle. A causa foi por não ser

mui

mui contente da vinda d'outro Governador, e ida de Affonſo d' Alboquerque, por lhe ter dado o ſer de Rey, (como atrás eſcrevemos;) e mais deteve-ſe elle tantos dias em ſe ir ver com Lopo Soares, moſtrando não ſerem todos infelices pera as taes viſtas, ſegundo lhe diziam ſeus agoureiros; que enfadado Lopo Soares de eſperar por elle, quando ſe víram, não lhe moſtrou o gazalhado, nem fez aquellas ceremonias de cortezias, que lhe Affonſo d'Alboquerque coſtumava fazer. Porque além de Affonſo d'Alboquerque ter per condição huma facilidade no agazalhar, e tratar as peſſoas per artificio de negocio, ſabia contentar aquelles, de que tinha neceſſidade, principalmente ElRey de Cochij, que havia miſter ter contente pera bom, e breve deſpacho da carga da eſpeciaria. A qual condição era pelo contrario em Lopo Soares, por ſer hum homem grave, e ſevero, que ſe dobrava mal a eſtes artificios de comprazer. E he tão prejudicial, e cuſtoſa eſta ſeveridade, e ſeccura naquelles que hão de governar, que mais perdem em ſeus negocios, do que ganham de authoridade em ſuas peſſoas; porque a facilidade, ainda que ſeja prodiga no acolhimento das partes, ſempre ganhou o animo de muitos; e a ſeveridade avara de autos, e palavras ſempre per-

perdeo com todos. Do modo do qual tratamento, assi nesta, como em outras vezes que ElRey de Cochij se vio com Lopo Soares, dizia entre os seus, e assi a alguns officiaes da Feitoria d'ElRey, de que se este mostrava amigo: *Lopo Soares tratame á sua vontade, e por isso eu farei a minha na Feitoria d'ElRey de Portugal; e Affonso d'Alboquerque tratavame á minha, e por isso fazia quanto queria em meu Reyno.* Passados os primeiros dias da chegada de Lopo Soares, veio D. Garcia de Noronha, que (como atrás escrevemos) Affonso d'Alboquerque espedíra de Ormuz com poderes de Governador, pera fazer a carga das náos, e se vir pera este Reyno com ella. Por razão dos quaes poderes, e qualidades de sua pessoa, não sabendo ainda a nova da morte de seu tio Affonso d'Alboquerque, querendo elle ordenar, e mandar nas cousas da carga, houve entre elle, e Lopo Soares alguns desgostos, e muito maiores com a nova, que Simão d'Andrade levou do falecimento de Affonso d'Alboquerque, que não tardou muitos dias. Porque chegando Simão d'Andrade mais embandeirado, do que convinha a hum homem, que leixava seu Capitão morto, Lopo Soares o recebeo com tanto prazer, como elle trazia nas bandeiras, e artilheria que ti-

tirou, que não pareceo bem a muitos. Peró que alguns, que isto não louváram a Simão d'Andrade, por sua parte depois o desculpavam, dizendo, que tinha razão de parentesco com Lopo Soares, e de Affonso d'Alboquerque muitos aggravos. Das quaes cousas, e d'outras desta qualidade se causou, que confiado D. Garcia nos meritos de sua pessoa, e aborrecido do modo que Lopo Soares tinha no seu despacho, por não haver mais desgostos, se partio pera este Reyno, trazendo ainda paioes vazios de pimenta na sua náo. E em sua companhia viéram por Capitães das outras Pero Mascarenhas, D. João d'Eça, Jorge de Mello Pereira, Francisco Nogueira; e assi veio huma grande camada de Fidalgos, e cavalleiros, que naquelle tempo eram a flor da India, creados na escola do Viso-Rey D. Francisco d'Almeida, e de Affonso d'Alboquerque, em cujo tempo os homens tinham por honra os meios per que se ella ganha, e não tratos per que se adquire fazenda, que dalli por diante se começáram usar mui soltamente: com que as cousas do estado da India tomáram hum termo, declinando mais em cubiça de huma cousa, que da outra, com que estam postas no que ora vemos. Despachadas estas náos pera este Reyno, onde chegáram a salvamento,

tornou-ſe Lopo Soares pera Goa, e de caminho paſſando per Calecut, ſe vio com o Çamorij; nas quaes viſtas que foram fóra da fortaleza, houve pouca detença polos agouros d'ElRey, de que ſe elles ás vezes ſervem por deſculpa de ſuas deſconfianças. Do qual porto Lopo Soares eſpedio Simão d'Andrade em huma náo groſſa, que foſſe a Baticalá carregar de mantimentos, e os levaſſe á Cidade Ormuz, por eſtar desfalecida delles; e em o modo de contratar com a gente da terra, eſtando Simão d'Andrade recolhendo eſtes mantimentos, ſe levantou hum arroido, em que foram mortos dos noſſos obra de vinte e quatro peſſoas. Lopo Soares vindo ſeu caminho pera Goa, e ſendo ſabedor deſte caſo per Jorge Maſcarenhas, que elle topou ao monte Delij, chegado a Baticalá, tomou por ſatisfação delle entregarem-lhe os da terra dous Mouros velhos, dizendo ſerem elles authores do arroido, que cauſou aquellas mortes. E porque Affonſo d'Alboquerque trazia a mão ſobre a cabeça dos Mouros mais aſpera em ſatisfação de qualquer ſangue que derramavam noſſo, não recebeo a gente bem eſta diſſimulação de Lopo Soares; porque como os Mouros são manhoſos, algumas vezes commettem eſtes crimes por tomarem experiencia da condição do novo Capitão; e quan-

e quando vem que não acode com ferro a estes primeiros desmandos, tomam licença pera commetter maiores insultos. Chegado Lopo Soares tanto avante como Anquediva já no mez de Fevereiro, onde se acolheo com hum tempo que lhe deo, passado elle, espedio dalli D. Aleixo de Menezes filho do Conde de Cantanhede por Capitão mór de certas vélas, mandando-lhe que désse huma vista á costa de Arabia, e soubesse alguma nova da Armada dos Rumes, e dahi se fosse invernar a Ormuz. Em companhia do qual fôram estes Capitães, Christovão de Brito, Francisco de Tavora, D. Alvaro da Silveira, D. Diogo seu irmão, Nuno Fernandes de Macedo, Alvaro Barreto, João Gomes Cheira-dinheiro. O qual D. Aleixo por achar os tempos contrarios por ir já hum pouco tarde, não pode andar naquella costa da Arabia, e foi invernar a Ormuz, onde assentou algumas cousas da terra, e assocegou o animo dos Mouros, vendo a gente que levava; porque pela morte de Affonso d'Alboquerque, que os mettêra debaixo do nosso jugo, ordenavam de se livrar delle, como fizeram, segundo veremos a seu tempo. Assi que nesta viagem não fez D. Aleixo mais, que segurar as cousas da Cidade, e fortaleza nossa, e trabalhar assi per terra, como per mar,

(per meio de alguns Mouros que ElRey de Ormuz a isso mandou) saber o estado da Armada, que o Soldão mandava á India, de que havia differentes novas; e com as mais certas que per este modo pode haver, tanto que o tempo deo lugar, se partio pera a India.

CAPITULO II.

Como Lopo Soares, despachado Fernão Peres com huma Armada pera a China, pelo recado que lhe ElRey D. Manuel mandou deste Reyno da Armada que o Soldão do Cairo fazia pera a India, elle Lopo Soares partio com huma grossa frota pera o mar Roxo em busca desta Armada.

DEpois que Lopo Soares deo aquella vista ás fortalezas da costa Malabar, e mandou prover a de Ormuz, assi per Simão d'Andrade, como per as náos de Dom Aleixo, deteve-se em Goa os dias necessarios, em quanto deo ordem ao governo da Cidade, e de si tornou-se a Cochij ter o inverno, no qual tempo despachou Fernão Peres d'Andrade pera fazer sua viagem á China, da qual adiante faremos relação. E em todo aquelle inverno, assi em Cochij, como nas outras fortalezas, mandou fazer grandes apercebimentos pera como viesse o ve-

verão partir pera o mar Roxo, por esta ser a cousa em que lhe ElRey mandava primeiro entender. E a mais principal obra que mandou fazer foi acabar certas galés, e navios de remo, que Affonso d'Alboquerque já tinha principiado, assi em Calecut, como em Cochij, por serem os mais proveitosos navios pera navegação do estreito do mar Roxo; onde elle esperava tornar. Andando no qual apercebimento, sobreveio chegar huma náo deste Reyno, Capitão, e Mestre hum Diogo d'Unhos, homem diligente nas cousas do mar, o qual partíra deste Reyno a vinte e quatro de Abril do anno de quinhentos e dezeseis, depois de ser partida a Armada que aquelle anno ElRey despachou pera a India. E teve tanta diligencia, e dita em sua navegação, que chegou primeiro hum mez que as náos que partíram ante delle. A causa da qual partida foi por vir recado a ElRey per via de Rodes, como o Soldão do Cairo tinha feito huma grossa Armada em o porto de Suez do mar Roxo, a qual estava de todo presestes pera partir pera a India. E posto que ao tempo que elle Lopo Soares partio deste Reyno, se dizia desta Armada, e ElRey lhe mandava que entrasse no mar Roxo, não se havia a nova por tão certa, nem se sabia o número de vélas, e outras particula-

ridades que per este Diogo d'Unhos ElRey mandava dizer a Lopo Soares, e o que sobre isso logo fizesse. Per o qual Diogo d'Unhos soube, que ante delle eram partidas cinco náos, de que era Capitão mór João da Silveira, Trinchante d'ElRey D. Manuel, filho de Fernão da Silveira, e os Capitães das outras eram Affonso Lopes d'Acosta filho de Pero d'Acosta de Tomar, e Garcia d'Acosta seu irmão, e Antonio de Lima filho de Francisco Ferreira, e Francisco de Sousa Mancias de alcunha, filho de Jorge de Sousa. Dos quaes os primeiros dous chegáram á India hum mez depois de Diogo d'Unhos, e os outros se perdêram nos baixos de S. Lazaro, de que sómente escapou Francisco de Sousa, e a sua gente. E João da Silveira com mastos quebrados escapou milagrosamente daquelle temporal, que causou invernar aquelle anno em Quiloa. Lopo Soares como vio o tempo passado em que estas tres náos que faleciam podiam ir á India, parecendo-lhe que invernavam em Moçambique, sem saber a fortuna que passáram, enviou a Rodrigo Eanes em hum navio que as viesse buscar, mandando dizer aos Capitães que o fossem esperar á Ilha Çocotorá, por quanto elle sería com elles em tal tempo, dando-lhe conta do que lhe ElRey mandava fazer por razão da Arma-
da

da do Soldão. Espedido este navio a grão pressa, deo carga a quatro náos que este anno vieram com especiaria, que lhe deram algum trabalho, por falecer neste tempo Diogo Mendes de Vasconcellos, que servia de Feitor, e Capitão de Cochij, dos quaes cargos proveo a Lourenço Moreno de Feitor, por o servir dantes, e de Capitão a Aires da Silva. Ficando Lopo Soares despejado do despacho destas náos, sendo já a este tempo chegado D. Aleixo de Ormuz, onde invernou, per o qual soube mais particularmente da Armada do Soldão ser partida do porto de Suez, se partio de Cochij pera Góa. Onde por já ter provídas todalas cousas, assi as necessarias pera sua viagem, como pera guarda das fortalezas da India, se deteve oito dias sómente, e partio dalli aos oito de Fevereiro do anno de quinhentos e dezeseis, levando huma frota de trinta e sete vélas entre náos de alto bordo, galés, e galeotas, navios latinos, e outros de remo. Os Capitães das quaes eram Dom Aleixo de Menezes, D. João da Silveira, e D. Alvaro seu irmão, Jorge de Brito, e Lopo de Brito seu irmão, Affonso Lopes d'Acosta, e Garcia d'Acosta seu irmão, Dom Gonçalo Coutinho, Francisco de Tavora, Gaspar da Silva, Antão Nogueira, Alvaro Barreto, Aires da Silva, Gonçalo da Sil-

vei-

veira, Pero Lopes de Sampayo, Duarte de Mello, Antonio Ferreira, Jeronymo de Sousa, Pero Ferreira, Antonio de Miranda d'Azevedo, Antonio d'Azevedo, Fernão Gomes de Lemos, Christovão de Sousa, João de Mello, D. Alvaro de Castro, Diniz Fernandes de Mello, Lopo de Villa-lobos, Francisco de Gá, Lourenço de Cosme, João d'Ataide, Gomes de Soutomaior, Lourenço Godinho, Bastião Rodrigues, Fernão de Rezende, Antonio Raposo, Diogo Pereira, João Fernandes Malabar, e João Gomes Cheira-dinheiro. Na qual frota levaria mil e duzentos homens Portuguezes, e oitocentos Malabares, a fóra a gente do mar que seriam outros oitocentos. Chegado Lopo Soares á Ilha Cocotorá, do dia de sua partida a vinte dias não fez mais detença que em quanto tomou agua, e lenha, sem nella achar recado das náos que mandára buscar, e dahi se partio pera a Cidade Adem, onde o Capitão Miramirzam, que a defendeo a Affonso d'Alboquerque, (como atrás escrevemos,) o recebeo com muita festa, mandando-lhe logo entregar as chaves della, e dizendo que a queria ter em nome d'ElRey de Portugal; e que outro tanto fizera elle a Affonso d'Alboquerque, se fora homem de alguma boa conclusão; mas como era mais amigo da

guerra que da paz, não quizera acceitar nenhuma de quantas cousas lhe offereceo, e por isso determinou de se defender delle; e outro tanto fizera dos Rumes, que poucos dias havia que eram partidos dalli bem escalavrados. A causa deste Mouro tão levemente fazer esta offerta a Lopo Soares, foi temendo tão grande frota, e não se atrevia a defender a Cidade com hum pedaço do lanço do muro em terra, que lhe derribou Ráez Soleimão Capitão mór da Armada do Soldão, que Lopo Soares hia buscar, o qual havia pouco que se dalli fora, e dera huma bateria á Cidade, com que lhe derribou aquelle lanço do muro, e recebido muito damno se tornou recolher pera dentro das portas do estreito, do qual logo daremos razão. Lopo Soares vendo a facilidade com que este Mouro lhe entregava a Cidade, fez fundamento de á tornada tomar posse della, por lhe parecer que leixando logo alli alguma gente, ficava com mais pouca pera commetter a Armada do Soldão: cá repartindo-se em duas partes, ficaria sem forças pera cada huma dellas, e podia perder ambas estas emprezas. Finalmente por não dar lugar a que a Armada do Soldão fosse avisada de sua ida, não se deteve mais que em quanto o Capitão da Cidade lhe mandou refresco de mantimentos

da

da terra, e lhe deo quatro Pilotos pera a navegação daquelle estreito. E espedido delle se partio pera o estreito, mandando diante alguns navios de remo, que lhe fossem tomar qualquer véla que achassem nas portas do estreito, por não ser sabida sua ida; os quaes navios, quando elle chegou, tinham tomado tres vélas, a que chamam marreazes. E parece que D. Alvaro de Castro filho de Estevão de Castro Capitão de huma galeota que tomou hum destes, carregou-se tanto de roupa que achou nelle, que com hum pouco de vento que se aquella noite levantou, a fez soçobrar sem se salvar pessoa alguma. E entre as de nome que se alli perdêram com D. Alvaro, (que per todos seriam quarenta.) foi Jorge Galvão filho de Duarte Galvão, que hia alli por Embaixador pera o Preste João. E assi se perdeo a náo, Capitão Antonio Raposo, em que hiam trezentos e tantos Malabares, e sete, ou oito Portuguezes com toda a pedra, e cal que levavam pera a fortaleza, que Lopo Soares mandava fazer em a Ilha Camaram, ou onde lhe melhor parecesse, conforme a tenção d'ElRey D. Manuel. Ao seguinte dia, que eram dez de Março, passada a noite, em que se perdêram estas duas vélas, foi o vento tão furioso, que desapparecêram a náo S. Pedro, Capitão D. João

da Silveira, em que hia o Embaixador Mattheus, e a do Capitão Diogo Pereira, em que hiam trezentos Malabares, e muitas munições, da fortuna dos quaes verémos adiante. Lopo Soares, passada a furia do vento, mandou tomar as vélas, por esperar estas quatro peças que achava menos da sua frota; e quando vio que tardavam sem saber de sua fortuna, parecendo-lhe que todas quatro seguiriam huma conserva, por ter dado regimento geral do que cada hum havia de fazer apartando-se delle; seguio sua derrota via da Ilha Camaram, peró que tivesse já nova em Adem serem os Rumes partidos dalli, temendo que como os Mouros sempre fallam pouca verdade, podia ainda alli estar alguma parte da Armada delles. E chegando na paragem da Ilha á vista della, mandou duas caravélas que lhe fossem saber se estavam alli, as quaes trouxeram recado não haver já rastro delles, com a qual nova poz o rostro no caminho da Cidade Judá, em que teve assás trabalho; porque faltáram os ventos por davante que o detiveram doze dias por entre muitos baixos de Ilhas, que traziam os Pilotos assombrados, e cansados de andarem todo o dia com a sonda na mão, por se não fiarem muito na pilotagem dos Mouros que levavam. Andando no qual trabalho,

lho, veio dar na Armada hum barco pequeno, a que os Mouros dahi chamam gelua, em que vinham certos homens Christãos, os mais delles Venezeanos, e os outros daquellas partes de Italia todos Officiaes mecanicos da obra do mar, os quaes vinham fugidos de Judá da Armada dos Rumes, e deram novas do estado em que ficavam, e que elles foram tomados per mandado do Soldão em o porto de Alexandria de algumas náos que alli estavam fazendo sua mercadoria. Lopo Soares depois que soube delles o que desejava saber do sitio, e porto da Cidade, e estado em que ficava a Armada delles, os mandou repartir per as náos da frota, os quaes alvoroçáram tanto aos nossos com o que contavam da pouca força dos Mouros, que com este prazer sobreveio bom tempo, que poz a nossa frota em poucos dias no porto de Judá. Do sitio da qual, e assi do principio, e fundamento desta Armada do Soldão, e do que passou depois que se armou, e partio do porto de Suez té se pôr no estado em que estava, faremos relação neste seguinte Capitulo.

CA-

CAPITULO III.

Em que se descreve o sitio da Cidade [J]dá: e o fundamento de huma Armad[a] que o Soldão tinha enviado por Ra[ez] Soleimão seu Capitão mór, que estava naquella Cidade Judá.

A Cidade Judá, (ou Gidá, como lhe alguns Arabios chamam,) está situada na terra de Arabia Felix, em altura do Norte de vinte e hum gráos e meio, o qual sitio he mui esteril, sem ter em si hum ramo verde, por toda a sua ribeira ser hum triste areal, e a terra escampada sem amparo dos ventos Nortes, e Nordestes, que a escaldam. E peró que a terra per natureza seja tão esteril depois da morte de Mahamed, que Méca ficou por casa de sua abominação, que será deste lugar té doze leguas, povoáram os Mouros esta Cidade, por ser porto conveniente pera os seus secazes, que habitáram todas aquellas partes da entrada, e sahida daquelle mar Roxo; e assi por causa do commercio da especiaria, que por ser a meio caminho daquelle estreito, fizeram a tal escala. Verdade he que dizem os Mouros, que no proprio lugar houve já huma Cidade nobre, donde alguns dos nossos, que entendem em as cousas de Geo-

Geografia, querem dizer que esta Cidade será aquella a que Ptolomeu chama Badeo regia, a qual opinião nós não approvamos. Porque a terra he tão esteril, e secca, que a agua que bebem de huns poços lhe vem dahi a sete leguas de hum lugar chamado Benihaçan; e he tão cara na Cidade, que custa huma carrega de camelo della hum quarto de cruzado; e se acerta de concorrer muita gente no tempo que per alli passa alguma Armada do Soldão, val huma carrega hum cruzado. E mais toda aquella Comarca he meia deserta, donde parece ser cousa novamente povoada dos Mouros, por ser tão vizinha á sua casa de Méca; e por authorizarem mais o lugar, dizem ser cousa mui antiga, e mostram fóra da Cidade hum monte, em que dizem estarem sepultados Adão, e Eva. A Cidade Badeo, de que Ptolomeu falla, a nosso parecer, he huma povoação que está mais a baixo em altura de vinte gráos, em que elle situa Badeo, ao qual lugar chamam os Mouros Xerefem, onde ha muita cópia de agua, e ainda hoje apparecem duas torres antigas da grande povoação que alli foi. E logo mais adiante está outra Cidade chamada Confutá, cousa mui antiquissima, e em que apparecem letreiros, que ninguem sabe ler, e ora he mui célebre por o sertão della começar

çar dalli por diante a ser mui povoado dè lugares, o que a terra atrás não tem. E tornando á esteril Judá, o porto della he hum pouco brigoso pera quem a quizer demandar com mão armada, por não podérem chegar a elle per espaço de huma grande legua com baixos, e restingas que tem, per os quaes não póde andar em muitas partes hum batel, e de maré vazia fica huma praia de arêa, per que podem passear. Sómente tem hum canal per que a Cidade se serve, da figura desta letra S, ficando a povoação no fim da ponta de cima, e á entrada do canal em a de baixo, e todo o outro circuito he cheio dos baixos que dissemos. A Cidade parte della he de boas casas de pedra, e cal, e o demais de taipa, e barro; e havia pouco tempo que com temor nosso da parte do mar tinha começada huma cerca do muro. E no principio delle, quando entram por o segundo cotovelo, que a terra faz, tinham feito á maneira de baluarte, em que estava assentada alguma artilheria pera offender a quem quizesse ir avante. A maior parte dos moradores da qual Cidade eram mercadores, por razão das mercadorias que alli concorriam, assi per entrada, como sahida, e a outra gente era dos Alarves da terra, e todos viviam atemorizados dos Baduijs do campo,

que

que ás vezes de ſobreſalto entravam a Cidade, e faziam damno por a roubar ante que ella foſſe cercada. A qual cerca do muro fez Mir Hocem, o Capitão do Soldão, que D. Franciſco d'Almeida Viſo-Rey da India desbaratou em Dio, (como atrás eſcrevemos.) E porque eſte ſeu desbarato não ſómente cauſou cercar elle eſta Cidade, mas ainda fazer o Soldão outra Armada contra nós, que era aquella que alli eſtava, ſerá neceſſario fazer relação de tudo pera melhor entendimento da hiſtoria. Mir Hocem vendo-ſe que com aquelle desbarato de Dio ficava fóra do eſtado, e poder com que entrou na India, poſto que na morte de Dom Lourenço, e feito de Dabul tinha bem ſervido ao Soldão, e na boca dos Mouros da India, e Cairo era louvado de cavalleiro, e Capitão, não ouſou de tornar naquelle eſtado ante a preſença do Soldão. E como era homem prudente, cuidando no modo que teria pera ſe reſtituir na graça delle, achou que nenhum lhe ſeria mais leve, e facil que eſte, ſimular zelo de virtude, capa que cobre intereſſes proprios; e foi deſta maneira. Per algumas vezes que teve prática com Melique Az Capitão de Dio, e aſſi com ElRey de Cambaya, e outros ſeus Capitães, fez-lhes crer, que ſegundo noſſas Armadas andavam ſenhoras daquelles mares,

res, não ſeria muito commettermos a entrada do mar Roxo, e tomarmos a Cidade Judá, porto muito perto per que podiamos ir a Méca, e dahi a Medina roubar o corpo do ſeu profeta, e o termos em noſſo poder ao modo que elles tinham a Cidade Jeruſalem, que era a caſa de toda noſſa crença, cuja romagem era hum dos maiores rendimentos que o Soldão tinha. E porque elle ſentia que por ſeus peccados Deos lhe dera aquelle caſtigo em o desbaratarmos, por ſeu ſerviço, e de ſeu profeta Mahamed, elle ſe queria diſpôr a cercar de muro a Cidade Judá, e ſe pôr nella té acabar aquella obra, e a defender, ſe lá quizeſſemos entrar, e pera iſſo havia logo de mandar recado ao Soldão que lhe mandaſſe officiaes, que lhe ajudaſſem fazer eſta obra. Pera a qual, per via de petitorios aſſi d'ElRey de Cambaya, como de Melique Az, e de muitos nobres, ajuntou tanta eſpeciaria, roupas, e outras mercadorias de Cambaya, que carregou tres náos, dando todos como quem fazia eſmola mui acceita a Deos, por ſer em defensão do corpo do ſeu Mahamed. Finalmente chegado Mir Hocem com eſtas tres náos a Judá, em companhia doutras náos de mercadores, foi recebido com grande feſta, e prazer de todos, ſabendo o propoſito que levava; porque cercando el-

elle a Cidade, não sómente ficava segura de nossas Armadas, mas do concurso dos Mouros Baduijs do campo, que os avexavam. E por se reconciliar com o Soldão, escreveo-lhe logo como começava pôr mãos á obra, na qual não sómente tivera respeito ao serviço de Deos, mas ainda ao seu; porque com cercar aquella Cidade, elle a segurava de nós, por andarmos mui senhores de todos aquelles mares, e portos da India, e mais dos alarves do campo; e sobre tudo ficava ella com hum jugo pera se não rebelar mais contra elle, como muitas vezes tinha feito. Cá sua tenção era, tanto que cercasse a Cidade, fazer huma fortaleza pera a sojugar; e não começava logo nella, por não dar suspeita de sua tenção aos moradores, e poder-lhe-hiam ir á mão a isso em quanto elle não tinha mais gente comsigo: por tanto lhe pedia que o provesse com officiaes, e gente, que dinheiro, e cabedal elle vinha provído pera toda obra, e os mercadores da Cidade queriam contribuir 'té se de todo acabar. Finalmente com estes, e outros enganos tanto adoçou o animo do Soldão, que o provêo logo; e mais mandou com muita diligencia fazer outra Armada no porto de Suez, pera nella tornar a mandar elle Mir Hocem á India. Aconteceo, que andando este Mir Hocem na obra

dos

dos muros da Cidade, que era no tempo que Affonso d'Alboquerque fazia a fortaleza de Calecut, veio ter ao porto de Judá huma náo de Mouros carregada de mercadorias, a qual partíra de Calecut. E por razão das nossas pazes, per licença de Affonso d'Alboquerque vinham muitos Mouros nellas pera assentarem alli vivenda, os quaes viviam em Calecut; e Affonso d'Alboquerque por elles despejarem a terra, lhes dava algumas franquezas, principalmente aos que levavam mulher, e filhos. Calif, que assi havia nome o Capitão daquella náo, como era costumado vir da India áquella Cidade com mercadorias, quando vio que a cercavam, por ver a obra, foi lá hum dia onde os officiaes andavam lavrando no muro, e acertou de ser em tempo que estava Mir Hocem presente; o qual vendo o Mouro Calif, e sabendo delle ser Capitão daquella náo que chegára, perguntou-lhe pelo nosso Capitão mór; ao que elle respondeo, que o leixava em Calecut fazendo huma fortaleza. E porque elle a gabou de muito forte, tomou Mir Hocem disso tanto desprazer, por ser em presença dos pedreiros, que lavravam no muro, que disse contra o Mouro Calif: *Porque hajas esta por mais forte que essa que dizes, tu, e os de tua náo trabalhareis aqui hum pouco.*

co. E assi como o Mouro estava vestido bem tratado, e os que com elle vinham, mandou acarretar pedra, e cal, e servíram na obra té noite, segundo elle depois contou aos nossos quando tornou a Calecut, dizendo padecer aquelle trabalho por louvar as cousas dos Portuguezes. O Soldão porque pera a Armada que ordenava fazer não tinha madeira, por a não haver naquellas partes do Egypto, per meio (segundo se disse) dos Venezeanos houve a das montanhas de Escandalor, que eram do estado do Turco, com quem elle então estava em rompimento de guerra. Da passagem da qual madeira pera Egypto foi ElRey D. Manuel avisado ante da partida de Lopo Soares pera a India; porque hum Fr. André Cavalleiro da Ordem de S. João de Rodes de nação Portuguez, que era Conservador da mesma Ordem, que por parte d'ElRey D. Manuel fazia lá as cousas deste Reyno, lhe mandou esta nova. E mais que o Soldão indinado de quão mal succedeo á sua Armada na India, fazia grandes tyrannias, e males aos Christãos da Europa, que andavam naquellas partes, quasi como quem queria fazer verdadeiro o que tinha escrito ao Papa per o Padre Fr. Mauros, que veio a este Reyno, (como atrás escrevemos.) Sobre o qual negocio ElRey D. Fernando de Cas-

Castella mandou a este Soldão Pedro Martyr, segundo elle conta em hum tratado que fez desta sua peregrinação, que ainda impresso com suas obras, e estas mesmas cousas escreveo á Religião de Rodes hum Cavalleiro da Ordem, Chipriano de nação, que tambem andava no Cairo; e assi os Padres do Mosteiro de Santa Catharina de Monte Sinay. As quaes novas vindas per tantas mãos, não sómente deram aviso a ElRey D. Manuel pera melhor prover nas cousas da India, mas ainda foram causa que a mesma Religião de Rodes fez huma Armada maior das que ordinariamente fazia cada anno, a capitanía da qual deo ao dito Fr. André Conservador, que depois foi Bailio da Ordem neste Reyno, dignidade principal entre elles. Em a qual Armada entravam seis náos, quatro galés, e seiscentos homens de peleja, e na passagem da madeira da Grecia pera Egypto. deo-lhe tal vitoria contra a Armada do Soldão, que sendo vinte e cinco vélas, em que hiam oitocentos Mamelucos, e outros mil homens de peleja, lhe metteo cinco no fundo do mar, e tomou seis, em que lhe matou trezentos Mamelucos. E a fóra esta obra, que Fr. André fez per si, hum temporal que depois deo em as náos que ficáram, foi tal, que sómente escapáram dez: parece que como

mo esta Armada era contra Portuguezes, quiz Deos que hum Capitão Portuguez começasse a primeira destruição della. Posta a madeira que se salvou deste damno em o porto de Suez, já lavrada no Cairo, por ser menos custosa de levar em camelos, per espaço de vinte leguas, com alguns officiaes Levantiscos, que tomou das náos de toda Italia, que estavam em Alexandria, em breve acabou vinte e sete vélas. No qual tempo com fama desta Armada, que o Soldão queria mandar á India, se veio a seu serviço hum cossairo, que tinha grande nome naquelle arcipelago das Ilhas de Grecia, do qual queremos fazer particular relação, por ser o que estava em Judá, quando Lopo Soares chegou. E tambem por causa d'outro que andava com elle, com o qual havemos de continuar parte desta nossa historia, por ser aquelle Coge Sofar o da Cidade Dio, pessoa principal na morte d'El-Rey de Cambaya em tempo do Governador Nuno da Cunha, como se verá em seu lugar, porque se veja de quão pequena fortuna os homens vem a grandes estados. Segundo soubemos per pessoas, que andáram em companhia deste Capitão Raez Soleimão, de que queremos fallar, elle era natural de huma Ilha do arcipelago chamada Mitylene, homem de baixa sorte, Turco

de

de nação, cujo officio era carpinteiro de navios, e fustas, o qual por ser homem de espirito quiz tentar a fortuna, mettendo-se a furtar em huma fusta que fez per suas mãos; e deo-se-lhe tão bem o officio, que veio ter nome de cossairo entre os seus, já com número de oito fustas, seis proprias, e duas d'outros que se chegáram a elle. Lançado daquellas partes da Turquia, como encartado, polos queixumes que delle faziam ao Turco, veio ter á costa da Ilha de Sicilia, onde tomou huma galeota que logo esquipou. Passado daqui á costa de Napoles, topou seis galés, quatro do mesmo Reyno, de que era Capitão hum Biscainho de alcunha Villamarim, que alli andava a soldo, e duas de Genoezes, Capitães dous irmãos, cujo appellido era Gobo; das quaes galés havendo elle vista, poz-se em fogida á força de remo. Villamarim tanto que lhe vio fazer volta, começou de o seguir com suas quatro galés, e adiantáram-se neste alcanço duas dellas tanto, que veio Soleimão a fazer volta sobre elles, e as tomou, e com ellas as outras duas, onde Villamarim foi prezo; e as dos Genoezes por serem mais vagarosas nesta seguida, se salváram. Havida esta vitoria, ficou Soleimão tão poderoso, que andou naquella costa d'Apulia fazendo muito damno. No qual tempo entre

tre alguns cativos houve hum moço natural da Cidade Brinde, filho de hum Antonio Britime Albanes de nação, e de huma Maria Afria natural da mesma Cidade, o qual depois houve nome Coge Sofar, aquelle que dissemos. Finalmente com as tomadias elle Soleimão ficou tão poderoso, que determinou de se ir pera o Soldão em odio do Turco, com fundamento de o servir naquella empreza da India. E com este apparato de vélas se foi ao porto de Alexandria, e dalli assentou suas cousas com o Soldão, dando-lhe a capitanía mór da Armada que tinha feito em Suez; posto que té sua chegada sempre se fez com voz que Mir Hocem havia de tornar á India nella. Leixando elle Soleimão todalas suas vélas repartidas per os Capitães, que lhe ajudáram ganhar aquella honra, se metteo em duas galés sómente, mui bem esquipadas, levando mais de cincoenta cativos, todos officiaes de obra do mar, ao qual o Soldão recebeo com honra, e o espedio logo que fosse tomar posse da Armada, que eram vinte e sete vélas, entre galés, galeotas, e náos de alto bordo pera mantimentos, e munições, em que iriam té tres mil homens, muita parte delles Mamelucos, Arabios, e alguns arrenegados artilheiros. Com a qual frota elle partio do porto de Suez, e foi fazen-

do ſuas eſcalas té chegar a Adem, levando de Judá em ſua companhia Mir Hocem, como ſegunda peſſoa da frota per ordenança do Soldão. O Rey de Adem tanto que ſoube per o ſeu Capitão Miramirjão, que tinha na Cidade, a vinda deſta Armada, partio a grão preſſa da Cidade Elhach, que he a cabeça do ſeu Reyno; e côm grande número de Arabios que troúxe, ſe metteo nella pera a defender. E peró que Raez Soleimão lhe deo bateria, de maneira que derribou o lanço do muro que os noſſos víram, quando per alli paſſáram, querendo os Mamelucos entrar per combate, foi tanta a mortandade nelles, que conveio a Raez Soleimão apartar-ſe daquelle commettimento, e meio desbaratado ſe tornou recolher pera dentro do eſtreito á Ilha Camaram. Na qual o Soldão lhe mandava que fizeſſe huma fortaleza, quando não tomaſſe Adem, porque dalli poderia fazer a guerra á India té que lá houveſſe outra couſa, em que pudeſſe eſtar ſeguro de noſſas Armadas. Poſtos na obra da fortaleza, cujo muro tinha vinte e oito pés de largo, em quanto nella trabalhava a gente commum, ordenou Raez Soleimão de entrar dentro na terra firme, e tomar huma Cidade chamada Zeibid, porque a gente que alli tinha era muita, e gaſtava-lhe os mantimen-

tos;

tos; e quando neſte caminho não fizeſſe mais que trazer alguns, iſto tomaria polo trabalho delle. Finalmente ficando Mir Hocem com toda a Armada fazendo a obra da fortaleza, Raez Soleimão entrou pola terra dentro com a melhor gente que tinha, e tomou a Cidade, que era dalli obra de doze leguas, na qual ſe leixou eſtar alguns dias, por achar nella muito esbulho, e por ſer viçoſa, e abaſtada, era a gente má de ſahir della. Neſte tempo veio nova da Cidade Judá, que o Turco em huma batalha que deo ao Soldão, desbaratára, e matára; a qual nova ainda que não ſe havia por mui certa, folgou Mir Hocem com ella, por favorecer a ſeu propoſito. Porque como tinha mortal odio a Raez Soleimão, por lhe tirar a capitanía mór daquella Armada, e mais era Turco, e elle Cordij, nações que ſempre eſtam em odio mortal, e mais no modo de mandar a frota, tinha recebido delle alguns deſgoſtos, amotinou a gente, dizendo: *Amigos, o Soldão noſſo ſenhor he morto, e a nós os ſeus vaſſallos, que vimos neſta ſua Armada, convem defendermos ſua terra; e ainda que a nova de ſua morte não ſeja mui certa, baſta termos por certo as batalhas que já per vezes houve entre o Turco, e elle. E porque Raez Soleimão he Turco, e veio ao ſervi-*

ço do Soldão fugido do Turco pelos insultos, e roubos que tem feito em sua propria patria, e ora com esta nova quererá tomar voz por elle, pera se restituir na sua graça, em quanto se elle anda enchendo de dinheiro, e riquezas, que houve na tomada de Zeibid, onde elle, e os outros que o seguíram estam mimosos da fertilidade da terra, meu parecer he que nos vamos pera Judá, té se saber o certo em que termo estam as cousas do Soldão nosso senhor; porque muito mais importa a seu serviço segurar-lhe aquella Cidade, que eu per seu mandado cerquei com tanto trabalho, e assi segurar esta sua Armada, que custou hum grande número de dinheiro, que estarmos nesta Ilha morrendo com a pedra ás costas nesta obra, que eu não hei por cousa importante a seu serviço. A gente como andava cansada da obra, e muita adoecia do trabalho, e roins ares da terra, e sobre tudo mui indinada de Soleimão, e dos de sua companhia, por lhe dizerem quanto despojo houveram na tomada da Cidade, facilmente foram na opinião de Mir Hocem. Finalmente elle se partio com a melhor parte da frota, leixando algumas pera quando Raez Soleimão tornasse ter embarcação, e isto não por amor de sua pessoa, sómente por Mamelucos que anda-

vam

vam com elle por ſerem naturaes do Cairo. Raez Soleimão tanto que ſoube eſta partida de Mir Hocem, provída a Cidade de gente que alli leixou em guarnição, tornou-ſe a Camaram, e embarcado nas vélas que achou, foi-ſe a Judá, onde Mir Hocem o não quiz recolher, dando por eſcuſa a nova do desbarato do Soldão; e que em quanto não ſoubeſſe outra couſa em contrario, elle o não leixaria entrar, por ſer homem ſuſpeitoſo ao eſtado do Soldão, poſto que em ſeu ſerviço andaſſe, dando pera iſſo todalas razões que approvavam ſua opinião. Sobre o qual negocio vieram ás armas, ao que acudio o Xerife Paracate, que eſtava na caſa de Méca, que eram dalli doze leguas, o qual como homem religioſo metteo a mão entre *elles*, e os concertou por eſta maneira: que Mir Hocem recolheſſe a Raez Soleimão na Cidade, e cada hum eſtiveſſe por Capitão da gente que tinha em quanto mandaſſem recado ao Soldão que determinaſſe eſte caſo entre elles, por ſe não ter por mui certo ſeu desbarato. Peró Raez Soleimão, depois que foi recolhido na Cidade, não guardou que vieſſe o tal recado, poſto que logo deſpachaſſem cartas pera o Soldão, porque ante de poucos dias manhoſamente prendeo Mir Hocem com quanta vigia tinha ſobre ſi. E não ouſando

de

de o matar, nem ter prezo, o mandou metter em huma galé, dizendo que o mandava ao Soldão que o castigasse daquella união que fizera; e secretamente disse ao Capitão da galé, que como fosse no mar largo que o lançasse nelle com huma pedra ao pescoço, e assi acabou. E porque a nova da morte do Soldão dobrou com huma batalha que lhe deo o Turco; Raez Soleimão em seu nome levantou bandeira per todas as torres do muro da Cidade, posto que em verdade o Soldão não era morto neste tempo, sómente tinha perdido algumas batalhas. Porém quando veio o anno de dezoito, a vinte e quatro de Agosto, o Turco lhe deo outra em que elle morreo; o qual entre os Mouros per excellencia se chamava o Rey, per este vocabulo Soltão, que nós corrompemos em Soldão, chamado per proprio nome Cansor Algavri, em quem acabou o nome do Soldão do Cairo cabeça de todo o Reyno do Egypto, o qual estado ficou mettido na coroa da casa Otthomana dos Turcos. Estas differenças entre estes dous Capitães havia poucos dias que passáram, quando Lopo Soares chegou ao porto de Judá; e com esta voz que Raez Soleimão tomou pelo Turco naquella Cidade, e presentes que lhe mandou do despojo de Zeibid, se tornou reconciliar com elle, e depois pa-

gou

gou a morte de Mir Hocem, como adiante se verá.

CAPITULO IV.

Do que Lopo Soares passou no porto de Judá, e depois que se dalli partio té chegar a Camaram, onde invernou, onde veio ter D. João da Silveira, ao qual elle Lopo Soares mandou buscar á costa do Abassi.

SUrta a nossa frota no porto da Cidade Judá, mandou Lopo Soares por razão do canal per que se ella servia, que era retorcido da maneira que dissemos com o banco de arêa que tinha, que as vélas de remo se puzessem diante, e as náos grossas na boca do canal, ficando com toda a Armada quasi de rostro com a Cidade; e ainda que sería espaço de huma legua, os pelouros de ferro coado, com que tiravam dous basaliscos, vinham saltar entre as náos. E era este banco de arêa tão baixo, que na vasante da maré ficava huma praia, per a qúal ao terceiro dia da chegada de Lopo Soares veio hum homem, e acenando dalli ás náos, mandou elle a Bastião Rodrigues Lagues de alcunha que em hum batel fosse ver o que queria. O qual era hum arrenegado que fallava mui bem o Hespanhol, e trazia huma carta de desafio a Lopo Soares

de

de Raez Soleimão, chea de todalas rebolarias que os Turcos coſtumam, commettendo batalha por mar, ou por terra, hum por hum, ou tantos por tantos, por evitar morte de gente. E poſto que Gaſpar da Silva, e D. Affonſo de Menezes pedíram a Lopo Soares que lhe concedeſſe a cada hum delles eſta mercê, foi a reſpoſta levada ao Mouro, que diſſeſſe a Raez Soleimão, que a reſpoſta elle eſperava de lha ir dar em terra. E quando veio ao ſeguinte dia, quaſi como em ſatisfação de ſeu requerimento, mandou Lopo Soares a D. Affonſo de Menezes, e com elle Diniz Fernandes de Mello em a ſua galé que lhe foſſe ſondar todo o canal; e em quanto elles iſto faziam, foram outros Capitães com alguns bateis poer fogo a humas náos, que eſtavam no meio do canal. O qual depois de ſer poſto, aſſi tomou poſſe de hum galeão, fazendo-o todo em huma labareda, que parecia aos da Cidade que ardiam já nelle, e começáram de a deſpejar. Raez Soleimão quando vio o alvoroço da gente, começou dizer: *Senhores, e amigos, onde vos quereis ir? que temeis? Não vedes vós que aquella gente ha tres dias que veio, e não fez mais que queimar aquelle galeão que achou deſamparado de defensão? Se credes que ha de ſahir em terra, eſtais enganados, porque*

quem

quem quer sahir em terra, não ha de queimar o galeão, mas vir a elle, e tomallo; por tanto tornai-vos a vossas casas, que não he aquella a gente que se ha de pôr nesse trabalho. E porque os assombremos de cá, tanto quanto os assombram os pelouros dos basaliscos que lhes lá vam fazer damno, demos-lhes huma mostra por fóra dos muros, porque vejam que esta Cidade não está tão desamparada como elles cuidam. Finalmente com estas, e outras amoestações, elle poz toda a gente em ordenança com grande estrondo de seus tangeres, e bandeiras, e deo de si mostra ao longo da ribeira, sahindo por huma porta, e entrando por outra; e de cima dos muros, onde todo o povo estava posto, eram tamanhos os alaridos, que sendo huma legua donde os nossos estavam, lhes vinham estrugir as orelhas. E de quando em quando tiravam tres, ou quatro basaliscos de trinta palmos de comprido, cujo pelouro era de tamanho da cabeça de hum homem, alguns dos quaes andavam pulando entre as náos; mas aprouve a Deos que andando nestes saltos como huma péla de vento, não fizeram damno algum. Lopo Soares sabendo de D. Affonso, e de Diniz Fernandes como pelo canal não se podia entrar senão com muitas voltas, e ainda que fossem em navios de remo razos corriam

mui-

muito risco, por os Mouros terem posta a sua artilheria em parte que lhes faria muito damno; assentou com alguns Capitães em segredo de mandar dous, ou tres dos Christãos cativos dos que fugíram na gelua, que fossem de noite em hum batel encravar esta artilheria, nas costas dos quaes iriam outros bateis pera pôrem entretanto fogo ás galés que estavam no estaleiro. Peró nenhuma cousa destas houve effeito, porque os cativos depois que lhes foi communicado este negocio, promettendo-lhes Lopo Soares grande premio se o fizessem, respondêram que aquillo era irem elles morrer sem fruto algum, porque a artilheria, e galés tudo se velava de noite com muita gente: que seu parecer era pôr o peito em terra; por ventura quando vissem os Mouros esta sua determinação, despejariam a Cidade, como já o começavam fazer de temor sem ver mais que o corpo de tão formosa frota. Lopo Soares com estas cousas dissimulou per espaço de dous dias, parecendo-lhe que o tempo, e o cuidado nellas lhe dariam algum modo com que cumprisse com a vontade d'ElRey D. Manuel, segundo o regimento que pera esta entrada do estreito lhe tinha dado. E quando soube que per toda a frota havia grande murmuração porque não sahia em terra, chamou a conselho to-

dolos Capitães, e pessoas notaveis; e por sua justificação, depois que lhes fez relação do que tinha feito, e consultado com alguns delles nos dias que eram passados depois de sua chegada, mandou-lhes ler pelo Secretario o Regimento que lhe ElRey dera sobre a entrada daquelle estreito. No qual lhe mandava, que em nenhuma maneira commettesse caso onde manifestamente a gente corresse perigo da vida, e outras muitas cautelas, de que devia usar, tudo por resguardo da vida dos homens, e tambem por não aventurar o estado da India em hum feito, em que se não ganhava muito pera a segurança delle, falecendo-lhe já quatro vélas que eram desapparecidas, que levavam a quarta parte da gente da frota, e a maior das munições que havia mister. E porque elle Lopo Soares sempre tinha mais respeito ao que lhe ElRey mandava, que a quantas murmurações podia haver naquella frota em gente de pouca consideração, não cumpria com seus appetites, que era sahirem todos em terra. E que verdadeiramente elle não tinha escandalo de quem isto dizia, ante os julgava por cavalleiros, e homens de generoso animo, pois estimavam pouco a vida por serviço de seu Rey; porém tambem deviam de crer que elle era tão amigo de ganhar honra, como cada hum delles,

les, e que deter-ſe na determinação deſte feito não era à outro fim ſenão eſperar ſe viriam as outras vélas, e tambem ver ſe achava algum caminho como pudeſſe cumprir com o que lhe ElRey mandava, e elles deſejavam; e porque té então nenhuma couſa deſtas ſuccedêra, elle os ajuntára pera cadá hum dizer o que lhe niſſo parecia. Leixando Lopo Soares eſte negocio nos votos dos Capitães, foram elles tão differentes, e apaixonados na maneira de ſe contrariar huns aos outros, que tomou elle por conclusão eſta, que lhe ElRey encommendava, não aventurar a gente em caſos de tão manifeſto perigo. Dando por razão, que elles não eram vindos alli a mais que a pelejar com aquella Armada do Soldão, a qual ſe achàram no mar, per qualquer modo que fora a commettêram té a metter no fundo, porque a tenção d'ElRey era ſómente tirar aquelles Mouros do Cairo navegarem pera a India per via de commercio, quanto mais com mão armada. Porém como as galés que alli eſtavam varadas já não eram pera navegar, (ſegundo os cativos diziam,) por eſtarem já gaſtadas do Sol, e mais com as eſcalas que Raez Soleimão andou fazendo, e differenças d'ante elle, e Mir Hocem ſe desbaratou a gente, a elle lhe parecia que com a nova que ſe alli ha-

via

via por certa da morte do Soldão, todalas Armadas contra a India acabariam. Porque primeiro que o Turco acabasse de tomar aquelle grande estado do Cairo, e pacificar os Mouros da Arabia, que naturalmente tem odio aos Turcos, passariam muitos annos. E quando o Turco fosse senhor pacífico de todo, não em conquistar a India, mas defender-se da Christandade, e do Xeque Ismael Rey da Persia, que tinha da outra ilharga, havia mister seu poder por serem vizinhos de ante a porta. Assi que per qualquer via destas elle havia aquellas galés por desbaratadas, e elle se haveria por mais desbaratado no juizo aventurar contra o mandado d'ElRey a flor de toda a India, por queimar hum pouco de páo que já não servia, nem lhe podia fazer damno. E se o haviam por razão de tomar a Cidade, elle não comprava com tão grande preço, como era, vidas de muita nobreza que nella podiam perecer, tão vil cousa como ella era, pois segundo diziam os cativos que della sahíram, todolos seus moradores estavam de maneira apercebidos na salvação de suas fazendas, que quando a leixassem havia de ser com as paredes vasias. Finalmente examinadas estas, e outras razões por parte deste negócio, ficou assentado ser serviço d'ElRey leixar o commettimento de

ca-

cada huma das ditas cousas por o pouco que importavam, e muito que se nellas aventurava, e determinou Lopo Soares de se partir dahi a dous dias, havendo onze que alli estava. E quando veio á sahida da frota, como eram muitas vélas, e o lugar estreito, não pudéram sahir naquella maré huma náo, Capitão Affonso Lopes d'Acosta, e duas galés, Capitães Lopo de Brito, e Fernão Gomes de Lemos, sobre as quaes mandou logo Lopo Soares a D. Aleixo que se mettesse na caravela de Francisco de Gá, e que lhas recolhesse. Quando na maré do outro dia pela manhã que D. Aleixo deo sinal com huma bombarda que levassem todos ancora, sahio de dentro do porto de Judá huma galé mui bem esquipada; e em chegando junto de Fernão Gomes de Lemos, que era o que estava mais dentro do canal, tirou-lhe com hum basalisco, a força do repuxo do qual foi tão grande, que fez dar á galé huma volta em redondo de maneira, que lhe víram os nossos a quilha. E ou que ella não vinha a mais que a fazer aquelle tiro, que foi em vão, ou que elle lhe fez algum damno, tornou-se mais teza pera dentro do que vinha, e na conjunção da sua chegada Diniz Fernandes de Mello como tinha huma galé bem esquipada, arrancou rijo, e foi dar hum cabo á

galé de Lopo de Brito, que era mui pezada no remo, por ſer a maior de toda a frota. E porque a gente Portuguez quando olha de fóra, muitas vezes ſe não contenta do que os outros fazem, quizeram alguns taxar a Fernão Gomes no modo que teve de ſe recolher, fazendo elle niſſo o que devia, como Cavalleiro que era, e procedeo daqui o que adiante diremos. Lopo Soares, recolhida toda ſua frota, fez ſeu caminho pera a Ilha Camaram, com fundamento de desfazer a fortaleza que Raez Soleimão alli tinha começada. E a primeira couſa que fez em chegando, foi mandar duas caravelas, Capitães Franciſco de Gá, e Lourenço de Coſme, que foſſem á outra coſta do Abexij buſcar D. João da Silveira, e as outras vélas que ſe apartáram da frota, por não ter ſabido o que era feito dellas. E tambem trabalhaſſem muito por tomar o porto da Ilha Maçuá, e do lugar Arquico, que era na terra firme, os quaes diziam ſer do Preſte João, e ſoubeſſem ſe era vêrdade ter elle mandado Mattheus por ſeu Embaixador a ElRey de Portugal pola dúvida que havia niſſo, e tudo foſſe o mais diſſimuladamente que ſer pudeſſe, e ſe informaſſem bem das couſas do Preſte. Com os quaes mandou ir o bacharel Juzarte Viegas, e dous Linguas, hum chamado Anto-
nio

nio Fernandes, e outro Ajamet Mouro Granadil, que já estivera naquella terra do Preste. Partidos estes navios, foram ter á Ilha Dalaca, e defronte della em outra chamada Daruá acháram D. João da Silveira, que aportou alli com assás fortuna, e lhe deo nova que no dia do temporal que o fez apartar da frota, se perdeo o junco, Capitão Diogo Pereira, salvando-se todolos Malabares que hiam nelle, sómente tres, ou quatro. E que da Ilha Dalaca, cujo porto elle primeiro tomára, se passára áquella ilheta, por estar mais seguro dos Mouros della, por lhe dizer Mattheus Embaixador do Preste que com elle vinha, ser mui povoada delles, e o Rey senhor della mui máo homem, de quem se não havia de fiar, principalmente depois que elle D. João tomára duas geluas carregadas de mantimentos, por necessidade que tinha delle. Passado o primeiro dia da chegada destes dous Capitães, teve D. João conselho com elles, e com o Bacharel Juzarte Viegas sobre o que Lopo Soares mandava que elles fizessem pera ser certo das cousas de Mattheus, e assentáram o mais dissimuladamente que pudéram, (dando-lhe entender ser a outro fim,) que em aquelles dous navios o levassem á Ilha Dalaca, porque como elle sabia tanto do Rey della, poderia ser que have-

ria

ria alli quem o concedesse. Peró Mattheus quando lhe foram com este negocio, em nenhuma maneira pudéram com elle que sahisse da náo, e fez grandes exclamações, e requerimentos da parte d'ElRey D. Manuel, que em nenhum modo navio algum fosse áquella Ilha por a maldade d'ElRey della, como já muitas vezes tinha dito; e de como elle fazia este requerimento, pedia ao Escrivão da náo que lhe désse hum assinado pera apresentar ao Capitão mór. D. João, e os Capitães, quando víram tantas exclamações delle, tiveram pera si que tudo eram cautelas por não ser conhecido da gente da Ilha, de quem se podia saber ser elle quem cuidavam algum Mouro do Cairo enviado a Portugal por espia das cousas delle; e leixando-o em sua contumacia, espedio D. João as duas caravellas que fossem fazer o que lhe Lopo Soares mandava, e elle partio pera Camaram, onde chegou a salvamento. E ao tempo de sua chegada, que foi a primeira oitava de Pascoa do Espirito Santo, hum Clerigo per nome Francisco Alvares, que vinha em esta náo em companhia de Mattheus, foi ver Duarte Galvão que estava em estado da morte, não de enfermidade, mas de velhice, e nojo. Ao qual Francisco Alvares, por ser da sua creação, elle Duarte Galvão disse: *Padre,*

perguntais-me como estou, e não me dais nova da morte de meu filho Jorge Galvão? Senhor (respondeo Francisco Alvares) *estará prazendo a Deos em algum porto da terra donde nós vimos. Por mais certo* (disse Duarte Galvão) *tenho eu que elle, e meu sobrinho D. Alvaro com quantos hiam na sua fusta, estam no Paraiso, onde N. Senhor os levaria por sua misericordia, pois morrêram em seu serviço, e de seu Rey. Cá podeis ter por certo que todos se alagáram no mar; e Lourenço de Cosme, e alguns do seu navio, os Mouros lhes cortáram as cabeças na Ilha Dalaca, onde os vós leixastes.* As quaes palavras foram tão verdadeiras, como o mesmo caso: cá dahi a dous dias que Duarte Galvão falleceo, vieram as duas caravellas, e contáram como Lourenço de Cosme, e o Escrivão do navio com alguns em sua companhia sahíram na Ilha Dalaca, por saberem as cousas de Mattheus, foram mortos pelos Mouros, e seis escapáram mal feridos, e que isto causára o Mouro Ajamet lingua que leváram. O qual caso não foi por culpa de Ajamet, ante elle foi o primeiro a que o Rey da terra mandou cortar a cabeça, dizendo que elle trouxera alli os Portuguezes; e isto souberam depois os nossos quando Diogo Lopes de Sequeira alli veio ter, sen-

ſendo Governador da India, e mandou Dom Rodrigo de Lima por Embaixador ao Preſte em companhia de Mattheus, como em ſeu lugar ſerá eſcrito. Parece que não quiz Deos que foſſe levada eſta embaixada per Duarte Galvão, como levou outras a Reys, e Principes da Chriſtandade; e permittio que acabaſſe ſeus dias a nove de Junho de quinhentos e dezeſete, em idade de ſetenta e tantos annos, e foſſe enterrado naquella Ilha Camaram, e ſeu filho no ventre dos peixes do mar Roxo, ſem hum ſaber da morte do outro, ſómente o pai que vio em eſpirito a do filho. Parece que o animo do homem, quando já eſtá de partida pera o lugar dos eſpiritos, quaſi meio ſeparado da carne, vê em eſpirito o que a nós não he manifeſto. Foi eſte Duarte Galvão filho de Ruy Galvão Secretario d'ElRey D. Affonſo o Quinto: Era homem douto nas letras de Humanidade: Compoz per mandado d' ElRey D. Manuel a Chronica d'ElRey D. Affonſo Henriques primeiro Rey deſte Reyno de Portugal, ou (por melhor dizer) apurou a linguagem antiga, em que eſtava eſcrita; e quem quer que foi o primeiro compoedor della, dará conta a Deos de macular a fama de tão illuſtres duas peſſoas, como foram a Raynha D. Tareija, e ElRey D. Affonſo Henriques ſeu filho nas differenças, que

conta haver entre elles. Pois ao tempo que ſeu pai o Conde D. Henrique falleceo, elle Principe D. Affonſo ficou em idade de ſeis annos debaixo da obediencia, e tutoria de ſua Madre, ſem ella lhe dar Padraſto, nem elle aprender, e outras fabulas que a Chronica conta. A verdade da vida, e feitos do qual Principe, ſe a N. Senhor aprouver darnos vida, ſe verá em noſſa Europa. Compoz mais Duarte Galvão no tempo que ElRey o mandou com eſta embaixada, huma exhortação ſobre a empreza daquella conquiſta, e deſtruição da caſa de Méca, trazendo pera iſſo muitas authoridades, e algumas profecias, que denunciavam haver de ſer feita per a Chriſtandade deſta noſſa Europa. Concluindo, que per outro caminho ſe não podia mais levemente fazer, que per aquelle eſtreito do mar Roxo, ajuntando-ſe as Armadas d'ElRey D. Manuel com as gentes do Rey dos Abexijs chamado Preſte João, e alguns Principes Chriſtãos pela parte de Soria, em hum meſmo tempo poderiam tomar das mãos dos Mouros a Caſa Santa de Jeruſalem, onde eſtam todos os paſſos dos Myſterios de noſſa Redempção. Sobre a qual exhortação ElRey D. Manuel o anno de quinhentos e cinco tinha mandado ſecretamente o meſmo Duarte Galvão ao Emperador Maximiliano, e a ElRey de

Fran-

França, e ao Papa Alexandre, como mais largamente escrevemos em sua propria Chronica. E no fim desta exhortação elle Duarte Galvão dá desculpa de si, sendo homem de tanta idade, acceitar huma tal empreza, com tantos, e taes perigos de mar, e de terra. Fizemos esta digressão sobre as cousas de Duarte Galvão, porque pois tomámos cuidado de escrever os trabalhos, que os naturaes deste Reyno passáram naquella conquista de Asia, convem que não neguemos a cada hum, que á nossa noticia vier, o premio deste lugar de memoria; e tambem devemos isto a Duarte Galvão por razão das letras, pois per ellas, quanto sua possibilidade alcançou, deo nome a muitos. Os ossos do qual foram depois em tempo de D. Henrique levados daquelle lugar per Francisco Alvares Clerigo, e elle os mandou á India, e de lá os trouxe a este Reyno Antonio Galvão seu filho, vindo por Capitão de huma náo. E não sómente por causa das vezes que nossas Armadas invernáram naquella Ilha Camaram, sepultura de tanta gente, mas ainda com esta particular de Duarte Galvão, e com hum caso que se commetteo junto della, fica celebrada em nome ácerca de nós: o qual caso procedeo da sahida da galé de Fernão Gomes de Lemos per o canal de Judá, como

atrás

atrás apontámos. Cá ouvindo elle que se diziam algumas cousas que tocavam em sua honra, no modo que teve em se sahir do canal, desafiou por isso a Simão d'Andrade pera esta sepultura de Duarte Galvão: o successo do qual feito, por ser materia de honra, ficará entre elles, basta saber que cada hum fez o que cumpria á sua, e no fim ficáram amigos.

CAPITULO V.

Como partido Lopo Soares da Ilha Camaram, foi ter á Cidade Zeila, que está na costa da terra Africa, principal porto do Reyno Adel, a qual tomou por armas, e depois queimou.

FAllecido Duarte Galvão, que era a principal parte por cujo respeito ElRey D. Manuel mandava a Lopo Soares que tomasse a costa da terra Abexij, e tambem com a morte de Lourenço de Cosme, e cousas que passáram em Dalaca, em que Mattheus se havia por falso Embaixador, posto que seus receios foram verdadeiros, nascêram daqui entre elle, e Lopo Soares taes desgostos, que nunca mais hum quiz ver o outro, com que elle Lopo Soares assentou de não ir a este negocio, e fazer sua via caminho da India, com fundamento de es-

escrever a ElRey o que sentia de Mattheus, e era passado por sua causa. Peró ante da sua partida, em quanto alli invernou, passou trabalhos de fome, sede, e enfermidades, que era cousa piedosa ver morrer a gente que alli ficou parte della enterrada na terra, e outra lançada no mar. E o que tambem causou parte desta morte foi o trabalho que teve em derribar o que Raez Soleimão, e Mir Hocem tinham feito na fortaleza. E porque na terra firme da Arabia, que tinham por vizinha, pouco mais de huma legua junto de hum lugar chamado Ceilif, começáram acudir alguns Mouros com mantimentos da terra, mandou Lopo Soares que neste ir, e vir aos comprar, andasse sómente hum bargantim, de que era Capitão Bastião Rodrigues. O qual havendo dias que servia neste commercio, dando, e recebendo com os Mouros pacificamente sem muitas cautelas, vieram duas geluas, que são barcos leves, per mandado de Raez Soleimão, como descubridores do que fazia nossa Armada; e vendo a seguridade com que o nosso bargantim fazia seu resgate com os Mouros, assentáram estes das geluas com os da terra, que os entretivessem pera hum tal dia, e que sahiriam de huma encuberta, e fariam seu feito. O qual negocio succedeo tanto em favor dos Mouros,

por

por o nosso bargantim estar quasi em secco quando deram sobre elle, que foi tomado com dezesete homens, e levados a Raez Soleimão, o qual os mandou de presente ao Turco, e hum delles que fugio de Constantinopla, e veio ter a este Reyno, contou todo o caso. Lopo Soares agastado deste desastre, e dos mais succedimentos da entrada daquelle estreito, com os primeiros Ponentes que ventáram, se fez á véla, e foi surgir diante da Cidade Zeila, situada na terra Africa, em sahindo das portas do estreito obra de vinte e seis leguas, em huma enseada que a terra alli faz, a qual, (segundo sua situação,) parece ser aquella povoação a que Ptolomeu chama Avalites emporium. Porque a Cidade em si tem antiguidade de edificios de pedra, e cal, ao modo da Cidade Adem, e a comarca dentro no interior da terra, fertil, e per ella sahem quasi a maior parte das cousas, que per via de commercio se tiram da terra do Rey dos Abexijs, e assi entram as que se lá despendem. O senhor da qual he ElRey do Reyno Adel, cuja Metropoli se chama Arar, que está dentro do sertão no principio da região, a que Ptolomeu chama Tica, e distará desta Cidade Zeila espaço de trinta e oito leguas contra o Sudueste, E a causa por que Lopo Soares quiz

dar

dar nesta Cidade Zeila foi por o favor que a Armáda de Racz Soleimão achou nella depois do damno que leixava feito em Adem; como quem os favorecia em odio della; porque ambos estes Reys o de Adem, e o de Zeila, peró que não residissem nellas sómente os Governadores que tinham posto, e elles estavam dentro no sertão, era este odio entre elles por causa do rendimento da entrada, e sahida das mercadorias do estreito. Cá antigamente esta Zeila foi mais célebre emporio, e escala daquellas portas do estreito, do que era Adem; e depois que nós entrámos na India, começou esta de se nobrecer com diminuição de Zeila. E além desta causa a principal, houve outra, que era irem os homens tão quebrados no animo, e desgostosos daquella jornada polo pouco que tinham feito, que pera os satisfazer em alguma maneira, quiz Lopo Soares sahir nesta Cidade, fazendo conta que Adem seguro tinha leixalla debaixo da nossa obediencia, polos offerecimentos, e modos com que o Capitão della o recebeo. Assi que com este fundamento chegada a nossa Armada ao porto, sem muita resistencia ella foi posta em nosso poder, á custa das vidas de muitos Mouros que ficáram per essas ruas: a dianteira da qual entrada deo Lopo Soares a D. João da Silveira per

hu-

huma parte, e a Jorge de Brito, e D. Garcia Coutinho per outra. E não foi tão brevemente commettida, quão prestes foi despejada dos Mouros, e logo dos nossos, porque lhe mandou Lopo Soares pôr o fogo, e deo ás trombetas que se recolhessem a suas embarcações com mui pouco despojo, por ella o não ter em si, e algum que havia, o fogo tomou posse delle. A causa de os Mouros tão levemente despejarem a Cidade, e nella acharem pouca fazenda foi, porque neste tempo que Lopo Soares alli chegou, era ido o Capitão della a chamado do seu Rey com a melhor, e mais gente que pode levar, por razão de huma guerra que tinha com o Preste João, com quem elle vizinha. E temendo os Mouros que nella ficáram, que a sahida de nossa Armada fosse per aquella costa, como a entrada do estreito fora pela outra da Arábia, da qual poderiam receber algum damno, por ficar com pouca gente, tinham a Cidade despejada de toda sua fazenda, e sómente ficou com a gente pera pelejar. E entre alguns catívos, que se alli tomáram, foi hum Portuguez chamado João Fernandes marinheiro, que dizia ser natural de Leça junto da Cidade do Porto, que fora alli ter do bargantim de Gregorio da Quadra da Armada de Duarte de Lemos, de que atrás escrevemos.

mos. O qual os Mouros prendêram, polo accusarem tres Catelães, que alli foram a vender armas, a quem se elle descubrio que era Portuguez, parecendo-lhe que com esta accusação podiam elles ter mais favor no vender suas mercadorias. Da qual obra elles não esperáram o galardão dos nossos, porque foram dos primeiros que se puzeram em salvo tanto que elles tomáram a praia, e naquelle despojo foram achadas muitas folhas de espadas largas, e compridas, ainda em preto, que elles alli tinham vendido. E o caso de maior contemplação ácerca destas armas levadas áquelles infieis per estes homens sem temor de Deos, foi, que não sómente se perdêram as que tinham por vender, mas as vendidas, que o Capitão da Cidade levou, quando o seu Rey o mandou chamar pera a guerra, que dissemos ter com o Preste João, e elle na confiança dellas foi morto per esta maneira. Querendo ElRey de Adel fazer huma entrada nas terras do Preste com poder de gente, foi elle sabedor disso, e o mais em breve que pode lhe sahio ao caminho, sendo naquelle tempo em idade de dezesete annos; e per espias sabendo que o Mouro tinha assentado seu arraial em hum grande campo cercado de montes, mandou-lhe tomar os passos per onde podia sahir, e deo so-

ſobre elle huma ante manhã. O Mouro quando vio ſobre ſi tão grande poder de gente, aconſelhado per eſte Capitão de Zeilá chamado Mahamed, poz-ſe em ſalvo com ſinco de cavallo, e elle Capitão eſperou a batalha: e como homem animoſo, e confiado nas boas armas, que houvera dos Catelães, eſtando as batalhas pera romper, ſahindo do corpo da gente, chegou-ſe tanto á do Preſte, que podia ſer ouvido, e começou em voz alta chamar ſe havia alguem que ſe quizeſſe matar com elle, ante que as batalhas rompeſſem. Ao qual deſafio ſahio hum Frade chamado Gabri Andres, que como valente homem matou eſte Capitão Mahamed, e foi apreſentar ſua cabeça ao Preſte, como ſinal da vitoria que havia de haver de ſeus imigos, pois o ſeu Capitão era morto, e aſſi foi: cá com eſta morte o exercito dos Mouros ſe poz logo em fugida, na qual o Preſte ficou ſenhor do campo, matando hum grande número delles. Do qual caſo ſe fez huma cantiga ao modo como ácerca de nós ſe cantam os rimances de couſas acontecidas, que os noſſos ouvíram cantar na Corte do Preſte dahi a dous annos, quando Diogo Lopes de Sequeira, que ſuccedeo a Lopo Soares naquella governança da India, entrou naquelle eſtreito, e mandou a D. Rodrigo de

Li-

Lima por Embaixador ao Prefte, como fe verá em feu lugar. E hum Francifco Alvares Sacerdote, que foi nefta companhia de D. Rodrigo, conta em hum Itinerario que fez defta ida, que elle vio efte Gabri Andres andar na Corte do Prefte pofto em honra por razão defte feito; e o Prefte gloriando-fe defta vitoria, mandára moftrar a D. Rodrigo cinco, ou feis feixes de terçados de cabos de prata, que houvera no defpojo defta batalha, tendo já dados outros muitos. E que mandando-lhe dar huma tenda de brocadilho de Méca pera elle Francifco Alvares dizer Miffa ao Embaixador, lhe mandára avifo que a defenviolaffe, e benzeffe, por fer do ufo d'ElRey de Adel, tomada naquella batalha. Affi que dous exercitos da Chriftandade, hum da Igreja Romana, e de Rey Occidental, e outro da Igreja Abaffia de Principe Oriental, concorrêram ambos em hum dia em deftruição daquelle barbaro infiel, que he o mais poderofo daquellas partes da Ethiopia.

CAPITULO VI.

Como Lopo Soares se partio pera a Cidade Adem: e do que alli passou com o Capitão della; e querendo ir sobre a Cidade Barbora, com hum temporal que lhe deo, arribou a Ormuz, e a maior parte de sua Armada per diversas partes passou grandes naufragios, e infortunios.

LOpo Soares, havida a vitoria desta Cidade, passou-se a outra costa da Arabia com fundamento de se ir prover de agua, e mantimentos á Cidade Adem, e a leixar tributaria nossa, como quem estava seguro no que tinha passado com Miramirzam. Peró como tudo o que elle fez foi por ter o muro da Cidade em terra, e ver que Lopo Soares naquelle tempo hia mui poderoso, e inteiro com sua gente, quando o vió ante o porto de Adem com a Armada mui desfalecida de suas forças, e desacreditada polo que passára em Judá, das quaes cousas era sabedor, e tinha o seu muro bem repairado, e a Cidade provída pera se defender, dissimulou com o provimento da agua, e mantimentos que lhe Lopo Soares pedio, e muito mais descubertamente em se fazer vassallo d'ElRey de Portugal. Finalmente em mentiras, e em hoje lhe mandar hu-

huma pipa de agua, e á manhã outra, fingindo escusas de se não poder mais fazer, por a Cidade estar mui necessitada, o deteve dez dias, té que Lopo Soares, por não perder tempo, e acabar de gastar sobre ancora mais agua do que alli lhe davam, por a grão necessidade que tinha della, e de mantimentos, se fez á véla pera a outra costa de Africa, com fundamento de ir dar em huma Cidade chamada Barbora, que estava abaixo de Zeila contra o cabo Guardafu, e defronte da Cidade Adem. Mas como era no fim de Agosto, em que alli cursão os ventos Levantes, e as aguas andam com elles, ambas estas cousas abatêram, e espaldeáram tanto a Armada, que perdiam do caminho: té que havendo dias que andavam neste trabalho com assás clamor da gente, por perecer á fome, e sede, veio huma trovoada, que durou per dias da parte do Norte, com que se ella espalhou, tomando cada hum o porto que pode. Lopo Soares com dez, ou doze navios tomou o porto de Calayate, já em dez de Setembro a Deos misericordia, e dalli espedio o caravelão de Lourenço de Cosme, que matáram os Mouros. No qual mandou por Capitão Lopo de Villa-lobos hum cavalleiro natural da Villa de Estremoz, e Pero Vaz de Vera por Piloto com cartas a El-

Rey

Rey D. Manuel, em que lhe dava conta do que passára no estreito, e sentia das cousas de Mattheus, e isto a fim que este recado viesse a ElRey ante que a Armada do anno seguinte partisse deste Reyno, pera prover nella o que havia por seu serviço que se fizesse. O qual caravelão veio, e foi huma das cousas que té então se vio da India por milagrosa, por ser tão pequena vasilha, que como por cousa maravilhosa, nos templos se põe huma pelle de lagarto chea de palha, por se ver quão grandes os cria a terra de Africa; assi diziam todos que El-Rey houvera de mandar dependurar aquelle caravelão por memoria de quão pequena cousa viera da India. Espedido Lopo de Villa-lobos, Lopo Soares se foi pera a Cidade Ormuz a prover algumas cousas, e principalmente por ter nova que os Rumes a queriam vir cercar; e dahi mandou Dom Aleixo em a náo Santa Catharina, e outras vélas com todolos doentes, pera ir dar ordem á carga das náos que se esperavam deste Reyno. E quanto á viagem, casos que passáram os Capitães que se apartáram de Lopo Soares, certo que havendo-se de escrever o curso delles, era recitar huma triste, e miseravel tragedia, porque ante, nem depois se vio tamanho corpo de Armada sem pelejar, desbaratar-se per tantos desas-

tres.

tres. Porque entre mortos de fome, ſede, doenças, naufragios, differenças de alguns mal avindos, e outros deſaſtres em Melinde, Moçambique, Çocotorá, e outras partes daquella coſta da entrada do mar Roxo, onde alguns Capitães foram ter primeiro que tornaſſem á India, paſſáram de oitocentos homens. Cá ſómente em a náo de D. Alvaro da Silveira, de cento e trinta que levava, ficáram vinte e cinco; e ainda eſtes vendo lançar ſeus companheiros poucos, e poucos ao mar por mantimento aos peixes, e elles mui neceſſitados do que haviam miſter pera ſuſtentar a vida, hiam alguns tão mal avindos por pontos da vaidade de honra, (materia de toda a paixão da nação Portuguez) que eſtando o ſeu Capitão em terra, em huma aguada que fazia, dous delles, que ſe leixáram ficar com elle detrás dos outros que hiam carregados dos barris de agua, o matáram á traição, ſendo ambos os principaes que elle tinha por amigos, e a que mais honra fazia. Hum ſe chamava Jeronymo d'Oliveira filho de Antão d'Oliveira, que depois por eſte caſo per juſtiça foi degollado em Cochij; e o outro havia nome Mendafonſo, o qual era em mais obrigação a D. Alvaro, porque fora criado de ſeu tio o Barão de Alvito D. Diogo Lobo, e elle o tinha dado

a ElRey. E este, primeiro que sahisse do porto do maleficio, foi morto ás punhaladas per João Rodrigues Pao, hum cavalleiro da Cidade Evora, o qual o matou, não tanto por vingar a morte de seu Capitão, quanto por se segurar delle, polo ter injuriado; e elle João Rodrigues primeiro que chegasse á India, se perdeo em hum navio. E assi se perdeo em outro João de Ataíde, e com elle entre algumas pessoas nobres foram Ruy de Sousa, e Lopo Mendes de Vasconcellos, indo elle em companhia de Francisco de Tavora, e Christovão de Sousa pera invernar em Çocotorá, onde achá-ram D. Diogo da Silveira. E partindo dalli todos pera a India, morreo no caminho D. Diogo de doença, e o seu corpo foi levado em hum batel, per popa da náo té Goa, onde o sepultáram. Destoutros seis Capitães, Jorge de Brito, Antonio d'Azevedo, Aires da Silva, Fernão de Rezende, Pero Ferreira, e Antão Nogueira, huns foram invernar a Melinde, outros a Moçambique, e delles os dous derradeiros falecêram de doença daquelles trabalhos, e seus navios foram dados a Lourenço Godinho, e Francisco Godiz; e todos, tanto que tiveram tempo, foram com Lopo Soares a Ormuz. Fernão Gomes de Lemos na sua galé não sómente correo a tormenta dos

ou-

outros, mas ainda teve novo trabalho, cá lhe fugio o ſeu Piloto por deſavença que houve entre elles; e não tendo outra agulha, ou carta per que governaſſe ſua viagem, poz a proa no naſcimento do Sol té dar de roſtro em Chaul, onde eſtava por Feitor noſſo hum João Fernandes criado de Triſtão da Cunha, e por ſeu Eſcrivão Antonio Mendes com té vinte homens Portuguezes feitorizando algumas couſas pera as feitorias de Goa, e Cochij, por aquella terra ſer mui abaſtada de mantimentos, e d'outras provisões que não ha na coſta Malabar. O qual João Fernandes por ſer homem aſpero, não eſtava alli bem quiſto de alguns Mouros; e com a chegada de Fernão Gomes dobrou o odio que lhe tinha; porque como elle vinha ſem remeiros, pedio eſte João Fernandes ao Tanadar Capitão da Cidade, que ſe chamava Cide Hamed, que governava a terra pelo Yzamaluco ſeu ſenhor, que lhe mandaſſe dar alguns remeiros da terra a ſoldo pera eſquipar a galé. E como ſe não achava gente que o quizeſſe fazer, temendo o trabalho do remo, e mais porque poucas vezes depois que entram os não leixam ſahir; vendo-ſe Cide Hamed apreſſado de João Fernandes ſobre o não ſe acharem os remeiros, de importunado diſſe-lhe: *Não ſei que vos*

faça : vedes ahi hum homem meu, andai por essa Cidade, e tomai os que achardes pera isso. O povo como vio tomar alguns, e que lhe não valia acolherem-se á mesquita de sua oração, porque dalli os hia tirai João Fernandes ás pancadas, e os levava, alvoroçou-se contra elle em tanta união, que conveio a elle João Fernandes recolher-se ás casas onde pousava. Sabendo o Capitão Hamed o insulto do povo, e o estado em que João Fernandes estava, acudio rijo com alguns seus; e chegando a elle, que estava mui furioso, como he costume dos Mouros, quando querem aplacar alguem de furia, abraçarem-o per modo de humildade quasi por baixo pelas pernas, fazendo Hamed este officio, tirou elle João Fernandes tão rijo per huma das pernas, por se livrar do abraço do Mouro, que lhe deo com o pé nos narizes, que logo foram lavados em sangue. Quando os criados de Hamed o víram naquelle estado, remettêram a João Fernandes, que logo alli foi morto, e trás elle os que o acompanhávam, que seriam té vinte e dous homens, porque naquella furia a nenhum se deo vida, sómente escapou hum Lopo Dias criado de Fernão Camelo polo salvar hum Mouro seu amigo. O Mouro Cide Hamed como era homem prudente, e mais lhe importava a nos-

noſſa paz, que o ſangue dos ſeus narizes, por ſer Capitão, e rendeiro da entrada, e ſahida das mercadorias daquelle porto, cautelou-ſe logo do que podia ſucceder ao diante, mandando fazer inventario de quanta fazenda alli achou na caſa da Feitoria, e a poz toda em boa recadação, da qual ao diante deo boa conta, como veremos. Fernão Gomes de Lemos não ſómente teve bem que fazer em ſe ſalvar dos da terra, e partir dalli, mas ainda ſendo tanto avante como Dabul, vieram ſobre elle cinco fuſtas que o vinham buſcar; e ſenão acontecêra pôr-ſe o fogo na polvora de huma dellas, andando pelejando com elle, o qual caſo metteo as outras em preſſa de ſalvar a gente que andava nadando, elle ficára alli. Mas eſte damno dos Mouros, e huma fuſta noſſa que ſobreveio, a qual mandou D. Goterre Capitão de Goa, ſabendo como elle Fernão Gomes chegára a Chaul desbaratado, foi cauſa de ſe ſalvar, por não ter comſigo mais que dez homens Portuguezes, e os outros eram remeiros Malabares, e alguns dos que tomou em Chaul, cauſa da morte de João Fernandes. Eſte em ſomma foi o ſucceſſo daquella grande Armada, que Lopo Soares levou ao Eſtreito, ao qual nós leixaremos hum pouco, por dar razão do que ſe paſſou na India, em quanto elle fez eſte caminho.

CA-

CAPITULO VII.

Do que fizeram D. Fernando, e Dom João, que D. Goterre mandou de Armada: e o que succedeo em huma entrada, que elle mandou fazer em as terras firmes de Goa; onde matáram João Machado, e alguma gente da nossa; donde se causou o Hidalcão a mandar cercar, no qual tempo os nossos padecêram muito trabalho té a chegada de Antonio de Saldanha.

PArtido Lopo Soares pera as partes do mar Roxo, (de que té ora fallámos,) leixou recado a D. Goterre de Monroy Capitão da Cidade Goa, que mandasse duas Armadas, huma ás Ilhas de Maldiva a guardar as náos, que fugindo da costa da India per entre o canal dellas faziam seu caminho, assi de Cambaya, como do estreito de Méca, e hiam buscar pimenta, e outras especiarias á Ilha Çamatra; e outra Armada andasse de Goa té Chaul, tambem por razão destas náos de Mouros, que alli hiam carregar de alguma especiaria, que furtadamente haviam da costa Malabar. Pera o qual negocio D. Goterre ordenou seu irmão Dom Fernando em huma náo, e em sua companhia João Gonçalves de Castello-branco em huma galé, o qual partio para as Ilhas de Mal-

Maldiva. E D. João de Monroy seu sobrinho ao longo da costa té Chaul com cinco vélas: elle em huma naveta, e das outras, que eram fustas, e catures, eram Capitães Henrique de Touro, Pero Jorge, Domingos de Xeixas, e Pallos Cerveira; o qual D. João seguio a costa, e andou nella todo o verão sem fazer cousa alguma; sómente chegou té o rio de Maim, onde achou huma náo, que vinha do mar Roxo carregada de mercadoria; a gente da qual, por salvarem a si, e as fazendas, entráram dentro no rio, e varando-a em terra, salváram-se com o melhor que puderam levar, e o mais houveram os nossos, levando tudo a Chaul. Da tomada da qual o Capitão de Maim chamado Xequegij se houve por mui offendido; porque não sómente lhe foi tomada a náo quasi á vista delle, mas ainda lhe esbombardeáram a fortaleza. E partidos os nossos, á grão pressa mandou trás elles dez fustas mui esquipadas, que os fossem atalhar á ponta de Chaul; porque como era já no principio do inverno, começavam de se recolher pera Goa, e podéllos-hiam tomar descuidados. Peró todo este seu pensamento lhe fundio pouco: cá pondo-se no lugar ordenado, e commettendo os nossos, elles se houveram de maneira com que as fustas se puzeram em fugi-

gida. Chegado D. João a Chaul com a vitoria destas fustas, e esbulho da náo; foi provído de mantimentos pelo Feitor João Fernandes, que os Mouros matáram depois (como já atrás fica.) E na demora que Dom João alli fez, veio ter com elle hum Alvaro de Madureira casado em Goa, o qual se tinha lançado com os Mouros por matar hum Lourenço Prégo Tanadar da Cidade, por causa de huma mulher pública Portuguez: o qual do Hidalcão, com quem se elle lançou, era passado áquellas partes. D. João porque levava poderes pera isso, o segurou, e que se fosse com elle, promettendo-lhe perdão de Lopo Soares, o que elle acceitou. E por vir mal roupado, se tirou per todolos nossos té quantia de duzentos pardaos que lhe deram, com o qual dinheiro elle se tornou a terra, dizendo que hia comprar roupa pera se vestir, e prover do necessario; mas elle em lugar de se vir salvar, tornou-se ao estado de Mouro em que andava. E por gratificar a boa obra que lhe os nossos fizeram, foi-lhe ordenar huma traição, que logo veremos. Em quanto D. João se deteve no rio de Chaul, como quinze fustas de Melique Az senhor de Dio traziam o olho nelle, tanto que o víram dentro, parecendo-lhe que se poderiam melhor ajudar delle, por o lugar ser estreito,

to, o foram eſperar na boca do rio, onde os noſſos tiveram bem que fazer em quanto ſe não víram no largo. Porque como as fuſtas andavam melhor remeiras, e tinham muita artilheria miuda, e trabalhavam por fugir abalroarem os noſſos com ellas, era o ſeu modo de peleja huma eſcaramuça bem travada entre remo, ſettas, e fogo, té que ſendo huma das ſuas fuſtas abalroada, fez lançarem-ſe os Mouros a nado, e ſalvaremſe em terra, a qual deo aviſo a que as outras ſe puzeram a balravento das noſſas, e dahi em ſalvo. D. João como vio que lhe não podia fazer mais damno, por o tempo lhe não ſervir, poz-ſe em caminho via de Goa com fundamento de dar huma viſta a Dabul, e ir ſempre á viſta da coſta, por cauſa de topar alguns navios de Mouros, que ſahiam dos portos della, furtados da noſſa Armada. E indo bem ſeguro do que lhe eſtava ordenado, e ſendo já ſobre o porto de Dabul, deſcubrindo hum dos catures que levava diante huma ponta, vio ſeis, ou ſete vélas, as quaes trazia Alvaro de Madureira, com fundamento de dar ſobre elle de noite em o porto de Chaul, onde o elle leixava, parecendo-lhe que o poderia tomar deſcuidado. Porque com a danada conſciencia que trazia naquelle eſtado de Mouro, em que andava, depois de re-

ce-

ceber os duzentos pardaos que lhe deram, pera ſe repairar de quão desbaratado vinha, foi-ſe a Dabul, e fez crer ao Capitão do Hidalcão que alli eſtava, que poderia tomar os noſſos ás mãos, porque ficavam bem deſcuidados de haver per aquelles portos Armada alguma, e mais que os noſſos navios, tirando a naveta do Capitão mór, tudo eram catures, navios que não vinham a conto pera os que elle tinha. Finalmente por elle já lá ſer conhecido, tanto credito teve, que mandando o Capitão de Dabul por nome Miral Melique os ſeus navios de remo, e Capitães que ſeguiſſem o modo do ardil que elle Alvaro de Madureira dava, vinham todos com propoſito de tomar os noſſos de noite ſobre ancora. Peró quando houveram viſta do catur, que os deſcubrio, aſſi como elle fez volta a dar aviſo a D. João, aſſi elles mudáram o propoſito, e foram-ſe todos metter no porto de Dabul; p aos quaes D. João não ſeguio mais, que quanto os pode alcançar com artilheria. E tornando a ſeu caminho via de Goa, chegou a ella a tempo que D. Fernando ſeu irmão era vindo das Ilhas de Maldiva, e naquella viagem tinha tomado duas náos de Mouros de Cambaya, de que era Capitão hum Mouro per nome Cogequi, homem de tanto animo, que ſendo a maior parte da fazenda

da das náos sua, e vendo-se cativo, ellè mesmo se consolava quando os nossos o queriam consolar, dizendo que os bens desta vida não tinham proprio senhor, porque Deos os dava, e tirava a quem lhe prazia. E ao tempo que D. Fernando chegou com esta boa preza, estava D. Goterre pera commetter outro negocio per terra, em que dahi a bem poucos dias o metteo, no qual elle não teve tão boa fortuna como nos do mar, e causou pôr a Cidade Goa em estado de muito perigo, e os nossos de grandes trabalhos; e pera se melhor entender o caso, convem trazer o fundamento delle de longe. Em tempo que Affonso d'Alboquerque governou a India, hum Fernão Caldeira seu paje casado em Goa, por algumas travessuras que fazia ao modo de cossairo em Mouros que vinham ter a Goa, e passavam pela sua costa, ElRey D. Manuel o mandou vir a este Reyno, e depois o enviou solto com Lopo Soares, o qual depois de chegado a Goa, saltou com Henrique de Touro natural de Evora hum destes Capitães, de que ora fizemos menção, e lhe decepou huma perna, e deo huma cutilada pelo rosto, pelo qual caso elle se passou pera a terra firme. Outros dizem que a este crime se accrescentou assombrarem-o alguns por parte de D. Goterre, que como Lopo

Soa-

Soares tornasse de Cochij, o havia de mandar enforcar no lugar onde tinha feito o maior crime, e que isto fizera D. Goterre, por se elle mais temer, que do crime accidental, por razão de olhar pera sua mulher, que elle Fernão Caldeira tinha em Goa, e tambem lhe ter má vontade por humas palavras que com elle passára em Moçambique: seja como for, basta que elle se passou á terra firme dos Mouros, e se foi pera a tanadaria de Pondá, que será de Goa duas leguas, onde estáva Ancostão hum Capitão do Hidalcão. D. Goterre tanto que soube que estava com elle, mandoulho pedir, denunciando delle quantos males tinha feito assi a Christãos, como a Mouros, e neste requerimento andou per alguns dias com Ancostão: a resposta do qual sempre foi que não sabia parte delle, e que a terra era larga per onde se podia esconder. Da qual escusa D. Goterre ficou tão escandalizado delle Ancostão, que lhe mandou dizer algumas palavras em modo de desafio. Ao que o Mouro respondeo, que elle D. Goterre nascêra do ventre de sua mãi com o nome que tinha, e não lho via accrescentado em outro de mais honra; e elle sendo hum escravo do Hidalcão seu senhor, de homem de pouca sorte per nascimento, per merito de seus feitos chegára a

me-

merecer nome de Ancostão, e de homem que per seu braço tinha ganhado tanta honra, bem se devia de crer delle que o não teria fraco pera defender sua vida. Com a qual respoſta D. Goterre ficou mais indignado, vendo que o Mouro o motejava de fraco, e elle gloriava-se de cavalleiro, donde procedeo, que tornado Lopo Soares de Cochij pera Goa, quando se partio pera o eſtreito, D. Goterre lhe fez queixume deſte Mouro, accreſcentando algumas outras culpas, per as quaes determinava de o caſtigar per qualquer maneira que pudeſſe. Lopo Soares como D. Goterre era caſado com D. Mariana ſua ſobrinha, e o leixava com os poderes de Governador em quanto fazia aquella viagem ao eſtreito, reſpondeo-lhe que fizeſſe o que lhe niſſo bem pareceſſe. Partido elle, no tempo que D. Fernando, e D. João fizeram as viagens, que ora contámos, per induſtria de D. Goterre lançou-ſe na terra firme hum João Gomes valente homem de ſua peſſoa, com titulo de ir deſavindo delle Capitão; e a primeira couſa que fez, foi ir pouſar com Fernão Caldeira, como homem que já naquelle tempo tinha valia com Ancoſtão. Finalmente tanto andou pera o matar, té que hum dia no campo o fez, andando ambos a cavallo, ſobre o qual caſo acudio Ancoſtão,

e an-

e ante que João Gomes se salvasse, foi tomado, e morto. Do qual caso procedeo mandar dar D. Goterre seu irmão D. Fernando que entrasse nas terras firmes, ao qual aconteceo o que se verá neste seguinte Capitulo.

CAPITULO VIII.

Como D. Goterre mandou D. Fernando com gente de cavallo, e de pé sobre o Capitão Ancostão, na qual entrada morreo o Alcaide mór João Machado com muita gente nossa, e foi causa da Cidade Goa ser cercada té a vinda de Antonio de Saldanha, que partio deste Reyno com huma Armada.

DOm Goterre indignado mais com esta morte de João Gomes, determinou de se vingar; e pera isso ser mais a seu proposito, dissimulou o caso per alguns dias, nos quaes exercitava os moradores que tinham cavallos, irem ao campo escaramuçar, trazendo-os adestrados pera o que esperava fazer: do qual negocio deo conta a João Machado Alcaide mór de Goa, aquelle que a salvou no cerco grande que teve, (como atrás escrevemos.) Ao qual João Machado ElRey D. Manuel, por elle ser homem que sabia bem as terras firmes de Goa, deo hum Alvará, que havendo gente de cavallo, ou de pé fazer alguma entrada naquellas terras,

ras, não indo o Capitão da Cidade em pessoa, que elle fosse Capitão desta gente. Por a qual razão D. Goterre quiz que aquella vez desistisse do Alvará, dizendo que elle queria mandar seu irmão D. Fernando com alguma gente a castigar aquelle Mouro Ancostão, que tantas cousas lhe tinha feito, e que elle João Machado iria em sua companhia, como pessoa principal, por saber bem a terra, e o modo de pelejar daquelles Mouros, o que João Machado concedeo entre rogo, e força. Finalmente por se tudo fazer per modo que o Mouro não tivesse alguma suspeita deste ajuntar gente de cavallo, metteo D. Goterre aos moradores que jogassem as canas na festa de Espirito Santo, que elle elegeo pera esta ida; e passadas as canas, ao outro dia á tarde levou ao campo todolos encavalgados, e João Machado per outra parte levou a gente de pé, assi dos Portuguezes, como Canarijs da terra. Junta toda esta gente, depois que D. Goterre lhe denunciou sua tenção, pedindo-lhe quizessem acompanhar seu irmão naquella ida, que elle esperava ser de muita honra, e proveito pera todos, passáram pelo passo de Benastarij, onde estava prestes sua embarcação. Seriam de cavallo oitenta, e espingardeiros, e bésteiros de pé Portuguezes setenta, e muitos Cana-

na-

narijs da terra. Poſtos em caminho pera Pondá, quando veio ao paſſar de hum paſſo mui eſtreito, como João Machado era homem de guerra, e ſabia bem a terra, diſſe a D. Fernando que naquelle paſſo leixaſſe alguma gente de cavallo, e de pé, porque como aquelle lugar eſtiveſſe em poder delles, não lhe podia ſobrevir couſa que lhe fizeſſe damno; e ſe lho tomaſſem, vindo gente groſſa ſobre elles, ſeriam perdidos; ao que D. Fernando logo proveo. Peró tanto que ſe partio, os que alli leixou foramſe trás elle, não que os viſſe, dizendo, que elles guardariam o paſſo, e os outros iriam encher-ſe de muito deſpojo. E porque quando chegáram ao lugar de Pondá era ainda de noite, quizera João Machado que deſſem no lugar ante manhã, pera tomarem os Mouros na cama, o que D. Fernando não quiz, ſenão que foſſe manhã clara. E pedindo elle que lhe deſſem a dianteira em modo do deſcubridor, entre inveja, e alvoroço que ſe havia de achar muita riqueza, e que os primeiros fariam mais ſeu proveito; tanto que João Machado partio, foram-ſe trás elle, e a todo correr dam Sant-Iago no lugar, no qual impeto mettêram logo os Mouros em fugida, que já os tinham ſentido, paſſando-ſe além de hum rio per huma ponte. No alcanço dos quaes foram

ram alguns dos noſſos, mas não muito; porque, vendo os Mouros quão poucos eram, tornáram ſobre ſi, e os fizeram voltár per onde vinham, e iſto já tão apertados, que como huns começáram virar as coſtas, os mais ſe puzeram em fugida deſordenadamente. E chegando ao paſſo onde D. Fernando cuidava que tinha algum refugio nos homens que alli leixára, por vir já mui apreſſado de muitos Mouros que o perſeguiam, achou que era tomado per elles, os quaes como eram ſenhores delle, e a ſeu ſalvo, polo lugar ſer azado, podiam ferir em os noſſos, e quantos vieram diante de D. Fernando, todos ficáram alli mortos. O qual, primeiro que chegaſſe áquelle paſſo, tinha feito duas, ou tres voltas ſobre os Mouros de cavallo; mas iſſo aproveitou pouco, porque quando fazia huma volta, achava menos dez, á ſegunda vinte de maneira, que vendo João Machado que ſe podiam perder todos, diſſe a D. Fernando: *Senhor, i tomar o paſſo, porque nelle eſtá noſſa vida, em quanto eu faço huma volta comprida com eſtes Mouros; e ſe vos Deos levar a Goa, direis a voſſo irmão que eſta era a honra pera que vos elle cá mandou, leixardes neſte lugar os principaes homens que tinha debaixo de ſua capitanía, por ſatisfazer á ſua indignação.* Na qual vol-

ta que João Machado fez, entreteve algum tanto os Mouros, com que D. Fernando teve lugar pera paſſar o paſſo já per cima de corpos mortos da gente de pé noſſa, e alguns de cavallo, que os Mouros que o guardavam, quaſi á mão tenente matáram. Finalmente João Machado ficou morto no campo, e com elle cincoenta entre de cavallo, e de pé, e cativos vinte e ſete, em que entráram criados d'ElRey, e outros homens honrados, e dos Canarijs cento e tantos entre mortos, e cativos, e muito mais morrêram delles ſenão ſe embrenháram, por ſaberem bem a terra. O qual caſo foi mui ſentido, e chorado em toda a Cidade, não ſómente neſte dia, mas per muitos, polo que ao diante ſuccedeo delle: cá ſe levantou toda a terra contra nós, e o Hidalcão eſcreveo a Sufo Larij ſeu Capitão mór daquellas terras, o qual reſidia em Bilgam obra de quinze leguas de Goa, que com Ancoſtão que fez eſte feito, e outros Capitães daquellas tanadarias foſſe ſobre Goa, e lhe puzeſſe cerco, pois quebrára as pazes que com elle tinha. Sufo Larij, porque o Hidalcão lhe dava a capitanía de Goa ſe a tomaſſe, e muita parte das tanadarias da terra firme a elle, e aos Capitães que foſſem neſte feito, não era paſſado hum mez da morte de João Machado, quando veio

com

com trinta mil homens, em que entravam quatro mil de cavallo; mas acháram já pejados os paſſos que elle vinha demandar pera paſſar a Ilha. Porque D. Goterre com a nova de ſua vinda tinha provído na defensão delles com obra de quatorze fuſtas, e bateis, que repartio em duas capitanías, a D. Fernando ſeu irmão deo huma, e outra a João Gonçalves de Caſtello-branco, com os quaes andavam Henrique de Touro, Domingos de Seixas, Paulo Cerveira, Pero Soares, Pero Gomes, Pero Jorge, e outros Capitáes. E a Cidade repartio em eſtancias, e vigias, derredor dos muros todolos Canarijs da terra que viviam pelas Aldeas, temendo que commetteſſem alguma traição, como aconteceo em tempo de Affonſo d'Alboquerque. Com o qual cerco, poſto que não foi derredor dos muros, sómente per os paſſos da terra firme, que Sufo Larij muitas vezes commetteo, ſem poder paſſar a Ilha, porque a Cidade ſe mantinha do que cada dia lhe vinha de fóra; o tempo que alli eſteve a poz em muita neceſſidade, e padeceo aſſás de trabalho entre temor, e vigia, por andarem aſſi os do mar, como os da terra de dia, e de noite com as armas ás coſtas, acudindo ora numa parte, ora noutra, ſem terem algum repouſo. E o mais que Sufo Larij fez em eſ-

tã sua vinda foi no passo Benestarij huma força defronte da nossa fortaleza, onde assentou alguma artilheria, com que fez pouco; porque huma péça de metal, com que nos fazia damno, lhe foi logo quebrada. Finalmente o cerco durou naquelle trabalho, em que os nossos fizeram honrados feitos, té Setembro, que João da Silveira, que invernou em Quiloa, chegou a Goa com quatrocentos homens, que era a gente da sua náo, e a que se salvou da de Francisco de Sousa Mancias. E sobre elle veio Rafael Prestrelo em hum bargantim, o qual havia pouco tempo que chegára a Cochij em huma náo; e como vinha rico da China onde fora, e era homem largo, e cavalleiro, metteo-se com elle muita gente. E dahi a vinte dias chegou Antonio de Saldanha com seis náos, com que deste Reyno partíra por Capitão mór; com a chegada do qual não sómente Sufo Larij levantou o cerco, mas ainda per mandado do Hidalcão assentou paz, vendo que mais lhe importava que a guerra, pois per tantas vezes estava desenganado não ser poderoso pera tirar de nosso poder aquella Cidade. E ficando de guerra, perdia o proveito que tinha com nossa communicação, e mais aventurava perder as terras firmes, se as quizessemos conquistar: cá elle pola guerra que ti-

tinha com ElRey de Bisnaga, não podia escusar Sufo Larij, e quantos com elle andavam. E se o mandou commetter Goa, não foi tanto pola entrada que D. Goterre mandou fazer, quanto por lhe parecer que a podia levar na mão aquelles mezes do inverno, por haver conjunção pera isso, com as tregoas que com ElRey de Bisnaga neste tempo tinha, que lhe escusava parte da gente que veio áquelle cerco. E tambem teve grande esperança de lhe succeder bem, por se dizer que Lopo Soares era perdido com toda a Armada no mar Roxo, e por isso tomou por causa deste commettimento mandar D. Goterre fazer aquella entrada, tendo pazes com elle. E neste concerto de paz fez Sufo Larij entrega dos cativos que tinha Ancostão, e ainda D. Goterre, e Antonio de Saldanha tomáram por cautela de honra que estas pazes seriam té vir Lopo Soares pera as confirmar, se lhe bem parecessem, as quaes confirmou depois que veio. E posto que pareça, que neste lugar convinha darmos razão da viagem de Antonio de Saldanha, nós o leixamos pera outra parte, porque pera se melhor continuar o fio da historia he necessario escrever primeiro as cousas que se passáram em Malaca, em quanto Lopo Soares foi ao estreito, que não foram de menos trabalho, e pe-

perigo, que as que elle passou, e assi Dom Gotorre em o cerco de Goa.

CAPITULO IX.

Do que succedeo a Jorge de Brito depois que entrou na capitanía de Malaca: e do que se passou nella depois de seu falecimento sobre quem o succederia no cargo de Capitão.

COmo atrás escrevemos, na Armada que deste Reyno partio o anno de quinze, Capitão mór Lopo Soares, foi Jorge de Brito Copeiro mór d'ElRey D. Manuel, ao qual elle fez mercê da capitanía de Malaca em lugar de Jorge d'Alboquerque, que a servia, e fora provído della por Affonso d'Alboquerque. E de quão boa fortuna Jorge de Brito teve na brevidade de sua viagem, (como escrevemos,) tão contrária lhe foi depois que tomou posse della. Cá estando em muita necessidade de mantimentos, e todo o povo da terra descontente, e não mui seguro em sua vivenda alli; por causa da morte d'ElRey de Campar, que Jorge d'Alboquerque mandou matar, com a vinda delle Jorge de Brito se acabou de desbaratar de todo; e a causa foi querer usar de hum Regimento que levava d'ElRey, sobre o qual caso elle foi mal informa-

mado. E posto que Jorge d'Alboquerque, como experimentado nisto, aconselhava Jorge de Brito, todavia quiz esse ante seguir o Regimento d'ElRey, e conselho d'alguns dos nossos, que tiveram mais respeito a seus interesses, que ao bem da Cidade, começando logo de pôr mãos á obra. Que era tomar todolos criados que foram d'ElRey de Malaca, a que elles chamam Ambaráges, e assi as quintaãs chamadas duções, que eram dos Malayos naturaes da terra, e repartir esta gente, e propriedades per os moradores Portuguezes que alli viviam; e pera se melhor saber o damno que se daqui seguio, repetiremos este caso de seu principio. Quando Affonso d'Alboquerque tomou Malaca, o povo della com temor da furia da nossa entrada fugia pera onde esperava ter salvação; sobre o qual caso (como já escrevemos) elle mandou lançar pregões, que todos se recolhessem á Cidade povoar suas casas, segurando-lhes bom tratamento de suas pessoas, e os manter em justiça ao modo que dantes viviam. E quanto aos que se chamavam criados d'ElRey per este vocabulo Ambaráges, e assi aos escravos do mesmo Rey, que fora de Malaca, comprados per dinheiro, a que elles chamam Balláres, viviriam debaixo da obrigação de serviço, e liberdade que tinham em poder

del-

delle; e não vindo elles té hum certo tempo, todolos que fossem tomados, seriam prezos, e cativos. Com este pregão, e outros modos que Affonso d'Alboquerque teve com alguns principaes da Cidade, assi como Utimutirájá, Nina Chetú, toda a gente que andava pelos matos fugida se tornou á Cidade de maneira, que em pouco tempo elle se tornou reformar de moradores. Depois em tempo de Ruy de Brito primeiro Capitão desta Cidade, e de Jorge d'Alboquerque, que foi o segundo, per Regimento de Affonso d'Alboquerque, sempre estes Ambaráges, e Ballates recebiam hum panno em dous tempos do anno pera seu vestir, e certas medidas de arroz pera ajuda de se manterem. E a obrigação que tinham os escravos era servirem na ribeira em a varação das náos, e outros misteres desta qualidade, e os Ambaráges por terem gráo de honra, serviam no maneio da feitoria, e todos estavam em suas casas, e liberdade, creando seus filhos, e aproveitando suas fazendas; sómente quando eram chamados, acudiam ao serviço; mas com a vinda de Jorge de Brito, todo este uso se desordenou, lançando mão destes Ambaráges com nome de escravos d'ElRey. E algumas quintaãs, e propriedades que tinham homens principaes da terra, lhes eram to-

tomaras, dizendo não serem suas, mas de outros Malayos, que fugíram no tempo da entrada da Cidade, e elles as tomáram como cousa devoluta. O qual negocio foi em tanta desordem feito, que muitos homens livres ficavam cativos; porque como hum homem da terra queria mal a outro, hia ao Capitão, e denunciava delle ser escravo d'ElRey, e com duas testemunhas ficava condemnado, e outro tanto se fazia das propriedades. Vendo o povo como muitos homens livres eram cativos, com temor começáram despejar a Cidade, huns per mar, e outros per terra, o mais secretamente que podiam, por não serem reteudos. Accrescentou-se mais a este mal outra cousa que muito indinou a gente mais nobre da terra; e foi, que estando em costume, quando da Cidade Malaca partiam juncos pera Maluco, Banda, Timor, Borneo, Patane, China, e outras partes, posto que nelles fosse fazenda d'ElRey, ou do Capitão, e officiaes da Feitoria, sempre a capitanía do junco ficava com o senhorio delle. O qual costume Jorge de Brito mudou, mandando que o Capitão do tal junco fosse Portuguez, e com elle fossem alguns homens Portuguezes por maior segurança da fazenda. Finalmente estas mudanças fizeram tanto escandalo nos Malayos, e assi despovoáram

a Ci-

a Cidade, que quando Jorge de Brito o quiz remediar, mandando lançar pregões, que todos se tornassem com grandes [illegible]ros, e liberdades que promettia, aproveitou pouco. No qual tempo veio elle fallecer de doença, leixando por Capitão da fortaleza a Nuno Vaz Pereira irmão de sua mulher, que servia de Alcaide mór, e este cargo deo a Antonio de Brito seu sobrinho filho de Lourenço de Brito, a qual mudança de officios tambem inquietou a terra, e a metteo em grande confusão. Porque dado que per Regimento d'ElRey os Alcaides móres succedem aos Capitães quando fallecem, neste succedimento não consentia Antonio Pacheco Capitão mór do mar, dizendo pertencer a elle, por assi estar ordenado per Affonso d'Alboquerque, quando leixou por Capitão da fortaleza a Ruy de Brito Patalim, ao qual havia de succeder Fernão Peres d'Andrade. Partida em duas partes esta competencia, Nuno Vaz com seus favorecedores estava na fortaleza, e Antonio Pacheco com sua Armada em huma ilheta defronte de Malaca, e hum se vigiava do outro; no qual tempo foi alli ter Fernão Peres d'Andrade, que hia pera a China, (da viagem do qual adiante faremos relação,) e nunca os pode concertar. E partido elle, indo hum Domingos Anto-

nio

nio Pacheco ouvir Miſſa, e paſſando per ante a porta da fortaleza com gente que o acompanhava, ſahio Nuno Vaz de dentro, e tendo-ſe no lumiar da porta, diſſe a Antonio Pacheco, que lhe pedia, pois andavam em concerto de ſe determinar o ſeu caſo per juizes louvados, que o quizeſſe ouvir perante aquelles homens que o acompanhavam. Chegado Antonio Pacheco á porta a ouvir o que Nuno Vaz queria, ſahio de dentro da fortaleza hum Thomaz Nunes homem de muita força, e levou Antonio Pacheco nos braços, e com ajuda de outros que eſtavam pera iſſo, deram dentro com elle. E querendo os que o acompanhavam fazer niſſo o que deviam á ſua amizade, apagou Nuno Vaz toda a furia delles com grandes requerimentos de parte d'ElRey, e perdimento de ſeus ordenados, e prendendo tambem Pero de Faria, e outros da parciliadade de Antonio Pacheco. As quaes differenças não ſómente acabavam em o damno, que eſtás duas partes ſe faziam, como gente mal avinda, mas ainda ſe deſcuidavam tanto em a defensão da Cidade, que puzeram a ElRey de Bintam em grande eſperança de ſe tornar a reſtituir ao eſtado de Malaca. Porque depois que Jorge d'Alboquerque mandou degollar ſeu genro ElRey de Campar, pelo artificio que el-

elle Rey de Bintam teve (como escrevemos) ficou tão gloriosо daquelle negocio succeder segundo elle o ordenou, que com mais animo fez maiores Armadas pera saltear as náos que daquellas partes do Oriente vinham com mantimentos, e mercadorias a Malaca. E isto fazia elle em quanto a nova da morte de seu genro não foi sabida; porque depois que a fama della correo pelas terras vizinhas, e assi per a Java, e Ilhas comarcans, causou tanto escandalo, e principalmente depois que Jorge de Brito começou o negocio dos Ambaráges, que quasi toda-las nações estavam indignadas contra nós, sem quererem acudir com os mantimentos que ordinariamente só hiam trazer á Cidade, que era a principal cousa que ella havia mister. Assi que com nosso máo governo viemos a lhe dar tantas armas, que já mui ousadamente, depois que soube a differença, que entre aquellas duas partes havia, mandava dar vista com suas Armadas á Cidade; porque os nossos polo cuidado que traziam em si, se descuidavam deste imigo, que não estudava em outra cousa. Finalmente por os bons successos que neste tempo teve, elle mandou a hum Capitão seu chamado Ciribiche de Rája, homem valente de sua pessoa, e prudente Capitão, o qual com huma Armada de lancharas, e calaluzes,

zes, que são navios de remo, se veio metter em o rio de Muar, que he cinco leguas de Malaca, onde fez huma fortaleza de madeira cousa tão defensavel, que parecia impossivel poder ser entrada; porque além da força dos páos, e entulho de terra, que da porta de dentro tinha, estava nos lugares de suspeita mui artilhada, que podia bem offender a quem a commettesse. Da qual força, como de parte tão perto da Cidade, este Capitão todolos dias lhe vinha dar rebates, não se contentando de defender que não viessem navios de fóra; mas tomando té hum pescador, se sahia pescar, sem neste tempo os nossos lhe poderem fazer algum damno, por a Cidade estar pobre de gente, e o Mouro dar estes rebates em modo de corredor, a fim de levar os nossos ao rio de Muar, onde tinha suas ciladas de mais vélas. A nova destas cousas foram levadas á India a Lopo Soares, depois que veio do estreito, per Verissimo Pacheco irmão de Antonio Pacheco prezo, que andava em hum navio por Capitão; o qual Lopo Soares vendo o risco que Malaca corria, ordenou de mandar D. Aleixo de Menezes a prover nella, e a metter de posse da capitanía da fortaleza a Affonso Lopes d'Acosta, que deste Reyno fora provído por ElRey D. Manuel na vagante

te de Jorge de Brito. E provído de todalas cousas pera defensão da Cidade, partio de Cochij em Abril do anno de quinhentos e dezoito em tres navios, de que eram Capitães Jorge de Brito, D. Tristão de Menezes, e elle no terceiro, levando té trezentos homens que haviam de ficar na Cidade, por estar mui desfalecida de gente, o qual aportou nella a salvamento; e do que fez, tanto que chegou, diremos em outra parte, porque convem tornarmos a dar conta do que Antonio de Saldanha passou, que com a Armada em que foi por Capitão mór, e assi de algumas cousas que succedêram com sua chegada á India, depois que assentou as pazes de Goa, de que atrás fallámos.

CAPITULO X.

Da viagem que Antonio de Saldanha fez o anno de dezesete, que deste Reyno partio, e as cousas que passáram na India com sua chegada: e como Lopo Soares o mandou de Armada á costa da Arabia, e assi enviou D. João da Silveira ás Ilhas de Maldiva.

ELRey D. Manuel pola experiencia que tinha dos serviços de Antonio de Saldanha nas partes da India, ordenou de o man-

mandar o anno de dezeſete pera andar de Armada na coſta de Arabia, e portas do mar Roxo em guarda das náos dos Mouros, que navegam aquellas partes, como já outra vez andára o anno de quinhentos e tres, (ſegundo eſcrevemos.) E porque de cá do Reyno não podia levar navios de remo, ſegundo convinha pera aquellas partes, eſcreveo a Lopo Soares que o proveſſe delles, conforme ás vélas que elle mandava que Antonio de Saldanha trouxeſſe de Armada. E além deſta capitanía mór, lhe deo mais a das náos da carreira, que aquelle anno partíram pera a India a trazerem a eſpeciaria: os Capitáes das quaes eram D. Triſtão de Menezes filho baſtardo de D. Rodrigo de Menezes, Affonſo Henriques filho de Fernão de Sepulveda, e Manuel de la Cerda, que hia pera ſervir de Capitão na fortaleza de Calecut, e Fernão d'Alcaçova de Veador da fazenda, e Pero Quareſma de Feitor de Cochij. Partido Antonio de Saldanha com eſtas ſeis vélas, chegou á India a dezeſete de Setembro com menos duas que invernáram, e foi ſua chegada cauſa da paz que ſe aſſentou com Suſo Larij, como ora eſcrevemos; e neſte meſmo tempo chegou tambem D. Aleixo de Menezes de Ormuz com os doentes, e trás elle veio Lopo Soares, que por ter lá pou-

co

co que fazer, não se deteve muito. O qual chegado a Goa, vendo Fernão d'Alcaçova com nome de Veador da fazenda, e Regimento, e poderes d'ElRey, que se estendiam a todo o governo da fazenda, e que quasi não ficava a elle Lopo Soares mais que o cuidado das cousas da guerra, e administração da justiça, (não porém que nas Provisões d'ElRey lhe fosse a elle posta esta limitação,) ficou mui descontente, por lhe dar elle coadjutor em seu officio, pois partíra deste Reyno sem elle. E mais ser Fernão d'Alcaçova homem, que além do Regimento que levava se estender a muito, per condição elle o fazia chegar a tudo o que queria entender: donde nasceo, que primeiro que Lopo Soares chegasse, lhe achou já feito muitas cousas em Goa, que o a elle descontentáram. Finalmente aqui, e depois que as náos em Cochij estiveram á carga da especiaria, sobre mandar, que he o fermento de toda discordia, houve entre elles tanta, que causou vir-se Fernão d'Alcaçova aquelle mesmo anno pera este Reyno em companhia das náos da carga da especiaria Capitão de huma dellas. As quaes differenças não sómente lhe custáram honra, fazenda, e muito trabalho que tiveram lá, e cá no Reyno, mas ainda a alguns Capitães das fortalezas, assi como

mo D. Goterre Capitão de Goa, e Simão da Silveira de Cananor, e outros por impedirem a Fernão d'Alcaçova em algumas couſas uſar do regimento de ſeu officio, da qual jurdição elles eſtavam em poſſe. Porque foram depois de ſua chegada a eſte Reyno demandados polo Procurador da Fazenda d'ElRey, e perdêram ſeus ordenados; poſto que ElRey D. Manuel tornou boa parte a alguns por lhe fazer mercê, e principalmente ElRey D. João ſeu filho depois que reinou. E daqui começou eſte coſtume, ſerem todolos Governadores da India, depois de ſua vinda a eſte Reyno, accuſados de culpas, e os que lá acabáram a morte foi cauſa de não procederem contra elles, por ſer couſa geral ſer ella o fim de todos; ou (por melhor dizer) ella tira a inveja, e competencia entre os vivos, donde naſcem os odios, que fazem muitas vezes culpas onde as não ha. E quanto neſte Reyno reina eſta enfermidade, o diſcurſo de muitas couſas que vimos em noſſos tempos, e outras que ante paſſáram, são teſtemunho deſta verdade: couſa certo muito pera condoer da nação Portuguez. Porque no meio da fome, da ſede, e de tantos mil generos de trabalhos, e muito perigos que paſſam naquellas partes, e no fervor da occupação de adquirir fazenda, cau-

ſa principal que os lá leva, aſſi eſtam inteiros, e promptos pera eſpreitar os feitos de quem os governa, e de ſeus naturaes com que communicam, como ſe foſſem livres deſtas couſas, e nelles não houveſſem as proprias culpas, e não pudeſſem ſer citados por maiores ante o juizo de Deos, e dos homens. E o que peior he ácerca deſte modo de culpar, que são algumas vezes mais punidos vicios da peſſoa, que erros do officio: como ſe não foſſe mais damno huma culpa, que hum defeito; por a culpa proceder de acto contra preceito, e o defeito da compleição natural de cada hum, couſa que mui trabalhoſamente ſe muda, ainda que o paciente mude o eſtado. E por evitar eſte damno em couſa de tanta importancia, como he o governo daquellas partes do Oriente, primeiro que os homens ſejam provídos das capitanias, e officios principaes delle, ſe devia ter reſpeito mais aos coſtumes, e habilidade de cada hum, que á qualidade da peſſoa, e ſerviços que tem feito; porque eſtas duas couſas quando obrigam, podem-ſe pagar com mercê de fazenda, e não com governo de eſtado, cá fazer habilidade pera elle, ainda que os principaes muito podem, neſta parte mais póde a natureza. Portanto não ſe aqueixem daquelles, que ſão defei-

feituoſos em ſeus officios , mas de ſi meſmo ; pois ante que metteſſem os taes nos cargos , de que os querem arguir de máo governo , já eram ſabedores quão mal ſe elles governavam ; e quem mal governa ſua peſſoa , e caſa , não ſe deve eſperar delle que governe bem as alheas , que he já huma policia , que requer grandes partes em hum homem. Tornando a Lopo Soares , como ficou deſabafado dos requerimentos , e proteſtos de Fernão d'Alcaçova , começou logo entender em mandar aquelle verão alguns Capitães a diverſas partes , e negocios : a D. João da Silveira ás Ilhas de Maldiva aſſentar pazes com o Rey de huma dellas ; a D. Aleixo de Menezes aſſentar as couſas de Malaca , de que ora eſcrevemos ; e Manuel de la Cerda , em quanto não entrava a ſervir a capitanía de Calecut , que tinha , mandou a Dio com dous navios a negocio , em que não fez couſa pera nos determos na relação della , e por iſſo não tornaremos mais a elle , ſómente aos outros , como ſe verá adiante. E aſſi mandou a Antonio de Saldanha com huma Armada de ſeis vélas á coſta de Arabia , como ElRey D. Manuel mandava ; e não levou os tantos navios de remo , como elle fazia fundamento levar , porque os havia miſter Lopo Soares pera a ida de Ceilão ,

como ſe adiante verá. Os Capitães das quaes ſeis vélas eram elle Antonio de Saldanha, Alvaro Barreto, Miguel de Moura, Fernão Gomes de Lemos, Antonio de Lemos ſeu irmão, e Nuno Fernandes de Macedo. Na qual viagem indo Antonio de Saldanha tanto avante como o cabo de Guardafu, que he o fim mais Oriental de toda a terra de Africa, topou a náo Trindade, de que fora Capitão D. Alvaro da Silveira; per cuja morte os da náo fizeram Capitão Franciſco Marecos, ao qual Antonio de Saldanha prendeo, por achar na inquirição que tirou da morte de D. Alvaro que elle empreſtára hum punhal a Mendafonſo principal author della; e aſſi prendeo Jeronymo d'Oliveira, que era o outro ſegundo, que já eſcrevemos. Partido deſte cabo, pola nova que lhe déram os da náo, foi buſcar hum Mouro chamado Soar, morador em Cambaya, homem poderoſo, que andava tratando per aquella coſta com huma náo groſſa, e dous navios pequenos, em que trazia ſeiscentos homens, o qual per algumas vezes arribou ſobre a noſſa náo Trindade pera a tomar, que per aquella coſta andava com vinte e cinco homens, que a mal podiam marear; mas ſalvou-os Deos em o tempo ſempre lhe ſervir com que o Mouro não pode chegar a ella. Pe-

rô

ro Antonio de Saldanha, poſto que niſſo fez diligencia per todos aquelles portos, nunca o pode achar, e converteo a indinação que trazia delle em dar na Cidade Barbora, que eſtá naquella coſta de Africa. A qual Cidade peró que não he tão nobre como Zeila, que eſtá acima della contra o Norte dezoito leguas, quaſi a quer imitar em a maneira de ſeus edificios, e viver da gente, e entrada, e ſahida das couſas do Reyno Adel, cujo Rey he ſenhor della, e ſómente tem alli Governador, como em Zeila. E ſegundo ſua ſituação parece ſer aquella, a que Ptolomeu chama Malaca, e faz emporio, e eſcala daquella coſta, tão notavel como Zeila, peró que as ponha mais diſtantes huma da outra, do que ellas eſtam. Os Mouros moradores della, depois que paſſou o feito da tomada de Zeila, que fora o anno atrás, ſabendo que per aquella coſta andava huma Armada noſſa, eſtavam tanto á lerta, e aſſi tinham eſpias no mar em quantas voltas ella dava, que quando Antonio de Saldanha chegou, não teve mais que fazer, que entrar nella vazia de gente, e fazenda, ſómente ſe houve alguma miſeria, e mantimento eſcondido; a tudo o mais, e ao caſco da Cidade Antonio de Saldanha mandou pôr o fogo, em quanto ſe deteve em fazer ſua aguada. Paſſado

da-

42668

daquella costa á outra de Arabia, foi tomar hum porto abaixo da Cidade Adem, onde mandou dar pendor á náo Trindade, que se hia ao fundo com a agua que fazia, com fundamento de entrar no estreito; o que leixou de fazer, por o tempo pera entrar, e sahir ser mui breve; e temeo que invernando dentro, poderia receber a perda de gente, como era morta a Affonso d'Alboquerque, e Lopo Soares. Assi que com este conselho se fez á véla pera ir invernar a Ormuz, e de passagem deo vista á Cidade Adem, que o servio com mantimentos. Chegado a Ormuz, onde esteve com toda sua frota aquelle inverno, ante de sua partida, mandou Francisco de Gá, que alli ficára da Armada de Lopo Soares, que lhe fosse fazer prestes mantimentos a Calayate; peró quando Antonio de Saldanha chegou, não os achou prestes. Porque nesta costa com hum tempo que teve, se perdeo Francisco de Gá, com o qual se tambem perdeo João Rodrigues do Pao aquelle que matou Mendafonso, matado de D. Alvaro Capitão da náo Trindade que Antonio de Saldanha trazia em sua companhia. O qual por razão destes mantimentos que lhe faleciam, se deteve alli alguns dias, e dahi poz rosto na costa do Reyno de Cambaya áquem da Cidade Dio, onde an-

andou em quanto o tempo lhe deo lugar, esperando as náos dos Mouros de Méca, em que fez algumas prezas, com que se partio pera a India, e chegou a tempo que Lopo Soares era ido á Ilha Ceilão fazer huma fortaleza, que lhe ElRey D. Manuel mandava fazer. E por esta Ilha ser cousa tão notavel, e de que muitos tem escrito algumas cousas não com verdadeira informação, entraremos no segundo Livro desta terceira Decada, descrevendo o sitio, e cousas notaveis della.

DECADA TERCEIRA
LIVRO II.

Dos Feitos, que os Portuguezes fizeram no descubrimento, e conquista dos mares, e terras do Oriente: em que se contém o que fez Lopo Soares d'Albergaria, que per ElRey D. Manuel governou, e conquistou aquellas partes por tempo de tres annos.

CAPITULO I.

Em que se descreve o sitio, e cousas da Ilha Ceilão, a que os antigos chamam Taprobana.

A Ilha, a que geralmente chamamos Ceilão, cujo Rey Lopo Soares hia metter debaixo da obediencia d'ElRey D. Manuel, está situada defronte do Cabo Comorij, que he a terra mais austral de toda a India, que jaz entre os dous illustres rios Indo, e Gange. A qual Ilha he quasi em figura oval, e o seu lançamento fica ao longo desta costa da India per o rumo, a que os mareantes chamam Nordeste, cuja ponta, a que jaz mais ao Sul, está em al-

altura de feis gráos, e a do Norte quasi em dez, com que o comprimento della será fetenta e oito leguas, e a largura té quarenta e quatro; e a ponta mais vizinha á terra firme diftará della pouco mais ou menos dezefeis leguas. E efte tranfito, e eftreito d'antre ambas as terras he tão cheio de ilhetas, baixos, e reftingas, que fe não póde navegar fenão per certos canaes; e fe he fóra do feu tempo, com tanto perigo, que anda entre as gentes daquelle Oriente outra fabula, como a de Charybdes, e Scylla entre Sicilia, e a terra de Italia. E tambem como cá fe tem por opinião, que ambas eftas terras foram contínuas huma á outra, affi naquellas partes tem outro tanto da Ilha Ceilão, e da terra do Cabo Comorij; e á moftra que ambas eftas fazem, parece fer mais verdadeira a fua, que a noffa. Porque no tempo que o mar eftá quieto, vam os homens que per alli navegam, vendo tudo o que jaz no fundo da agua, por o parcel fer baixo, e a agua mui clara; e quem difto tem mais experiencia são os que alli pefcam o aljofre. Da qual pefcaria, por efta fer das mais principaes daquellas partes, em os Livros do noffo Commercio no Capitulo das perolas, e aljofre particularmente tratamos. Confirma tambem efta opinião de a terra da Ilha fer conjunta

á cof-

á costa da firme, o que dizem os povos della, principalmente os de Choromandel, fallando do tempo que o Bemaventurado Apostolo S. Thomé converteo á Fé de Christo aquella região. Dizendo que ante que se convertesse o Rey da Cidade Meliapor, onde elle prégava, aconteceo que á costa do mar veio ter hum páo de formosa grandeza, o qual desejando ElRey de aproveitar pera madeira, e taboado de humas casas, mandou ajuntar muita gente, e Elefantes pera o tirar a terra, peró nunca o póde fazer, por mais trabalho, e industria que nisso poz. O Santo governado pelo espirito de Deos, porque este páo havia de ser hum meio de elle ser conhecido, e adorado naquella terra, pedio ao Rey que lhe désse o páo, e lhe aprouvesse, que no lugar onde o elle levasse, de sua madeira edificasse huma casa de oração dedicada ao Senhor, que elle prégava. Concedido pelo Rey este petitorio do Santo, quasi como cousa impossivel, elle, (tirada a cinta, com que andava cingido,) a atou em hum esgalho da ponta delle, e fazendo o sinal da Cruz, a arrojões o levou á Cidade Meliapor, que eram dalli seis leguas das suas, e das nossas doze, onde fundou a casa: e o que sobre este caso mais succedeo contamos adiante, fallando particularmente da conversão da gen-

te,

te, que este Santo Apostolo alli fez. Trouxemos aqui esta memoria sua, porque se saiba, que estando a Cidade Meliapor doze leguas ha mil e quinhentos e tantos annos affastada do mar, comeo elle tanto da terra, que ao presente está hum tiro de pedra desta povoação; e segundo affirmam os naturaes, o mesmo Santo profetou haver de ser assi: dizendo, que ao tempo que o mar chegasse áquella Cidade, huma gente branca do Ponente, que cresse no Senhor que elle denunciava, viria ter áquellas partes, e faria nella habitação. E peró que da grandeza que a Cidade Meliapor teve naquelle tempo, quando os nossos alli foram ter, quasi toda era assolada com guerras do tempo dos Chijs, por alli terem a maior habitação sua, (de que hoje parecem grandes edificios seus,) os nossos em memoria deste Apostolo Santo, reformáram esta povoação com muitas casas de pedra, e cal, que nella são feitas; e em reverencia da Casa do Apostolo, que hoje alli está, mudáram nome de Meliapor, e lhe chamam S. Thomé. E quando alguns dos nossos se acham cansados do trabalho das guerras da India, e principalmente tomados da pobreza, a esta Cidade do Santo vam repousar, e he feita huma Colonia de Cavalleiros Veteranos, como tinham ordenado os Romanos áquelles, que

que per decurſo de annos jubilavam na guerra. Anda tambem na lembrança dos naturaes da Ilha Ceilão eſte nome não ſer proprio della, mas impoſto acaſo: cá o ſeu nome antigo he Ilanáre, ou Tranate, como outros dizem, e entre os letrados aſſi he chamada, poſto que o uſo commum, e tempo tem já tomado tanta poſſe, que geralmente ſe chama Ceilão; e o caſo donde lhe ficou eſte nome, ſegundo contam os ſeus letrados, que alguma memoria tem das couſas antigas, foi eſte. No tempo que os Chijs conquiſtáram aquellas partes por razão da eſpeciaria, entre o tranſito deſta Ilha, e a terra firme, com hum tempo, a que elles chamam vara, que he o que faz as maravilhas do ſeu Scylla, e Charybdes: em hum dia perdêram oitenta vélas, donde aquelle lugar ſe chama Chilão, e nós os baixos de Chilão, que ácerca delles quer dizer os perigos, ou perdição dos Chijs. E como nas terras novamente deſcubertas primeiro ſe nota per os mareantes, que as deſcobrem, os perigos do mar, onde podem receber damno pera aviſo dos vindouros, que o proprio nome da terra: quando os Arabios, e Parſeos, que depois dos Chijs per commercio entráram em a navegação daquellas partes, do Cabo Comorij por diante, como couſa em que deviam ter tento em ſeu na-

ve-

vègar, traziam muito na boca estes baixos de Chilão, e por não saberem o proprio nome da Ilha, que era Ilanáre, deram-lhe este dos seus baixos. E porque esta syllaba Chij não corre muito na boca dos Arabios, e Parseos, e he-lhe mais corrente na sua lingua estoutra Ci, por terem duas letras no seu alfabeto, que querem imitar a ella na prolação, as quaes são, Cim, e Xim, mudando Chi em Ci, chamáram á Ilha Ceilão; ou (por fallar mais conforme a elles) Cilan, e nós lhe chamamos Ceilão. Este nome he segundo a gente popular, que os letrados Arabios, e Parseos em suas Geografias per nome antigo lhe chamam Serandib, dos quaes nós temos alguns volumes em sua propria lingua, onde o vimos; a causa porque lhe deram este nome, em a nossa Geografia a escrevemos. E parece que naquelle antiquissimo tempo, de que os Geografos della escrevêram, era da grandeza que a fazem os seus naturaes, dizendo que tinha em roda mais de setecentas léguas, e que o mar a foi comendo, e daqui viria, (se queremos salvar Ptholomeu,) dar-lhe elle tanto comprimento, que passa além da linha Equinocial contra o Sul dous gráos e meio. E sendo isto assi, póde ficar verdadeiro o que conta Plinio, que no tempo de Claudio vieram quatro Embaixa-

do-

dores á Roma do Rey desta Ilha Taprobana, e que se espantavam verem cahir as sombras que o Sol fazia pera a parte desta nossa habitação, e não pera a sua, que era contra o Sul, por habitarem além da linha Equinocial. E que parece tambem no tempo de Ptholomeu já havia alguma noticia deste nome Ceilão; porque fallando elle della, diz que antigamente lhe chamavam Salica, e aos naturaes Sali. O nome Simondi sería no tempo que os Chijs a senhoreavam, e que por sua causa ácerca daquelles, que navegavam para ella destas partes do mar Roxo, lhe dariam aquelle nome, porque aos mesmos Chijs, fallando Ptholomeu da propria região delles, chama elle Sine. E depois, pola causa que dissemos que procedeo delles, perdendo a posse daquella Ilha, foi chamada Ceilão, que corresponde ao nome corrupto de Salica, ou Sali, que lhe elle chama. E os póvos do Reyno de Sião, fallando della, lhe chamam Lancá, e tem por memoria de suas escrituras que foi já conjunta com a outra terra firme do Cabo Comorij, e isto no tempo que a veio habitar Adam, que assi chamam elles per nome proprio ao primeiro homem, e por outro nome lhe chamam Po, Con, que quer dizer primeiro pai, do qual homem veremos logo o que a mesma gente

dá Ilha sente. Serem os Chijs senhores dá costa Choromandel, parte do Malabar, e desta Ilha Ceilão, e das chamadas Maldiva, além de o affirmarem os naturaes della, são disso testemunho edificios, nomes, e lingua que nella leixáram, como fizeram os Romanos, ácerca de nós os Hespanhoes, com que não pudémos negar sermos já conquistados per elles. Na qual Ilha leixáram, (segundo os naturaes dizem,) huma lingua, a que elles chamam Chingálla, e aos proprios póvos Chingállas, principalmente os que vivem da ponta de Gálle por diante na face da terra contra o Sul, e Oriente. Porque junta a esta ponta fundáram huma Cidade per nome Tanabaré, de que hoje muita parte está em pé; e por ser pegada neste Cabo Gálle, chamou á outra gente, que vivia do meio da Ilha pera cima, aos que aqui habitavam, Chingálla, e á lingua delles tambem, quasi como se dissessem lingua, ou gente dos Chijs de Gálle. Os quaes Chijs desistíram da navegação da India por lhe consumir muita gente, náos, e substancia; e os póvos que ficáram delles, por ser gente mistiça de muitas, e diversas regiões, aborrecida aos moradores do maritimo da outra parte da Ilha contra a terra do Cabo Comorij, leixáram os portos de mar, e recolhendo-se ás serranias, onde sempre ha-

bi-

bitáram. E desta gente he a montanhez, com que elles ao presente tem guerra, e outros se foram á Comarca de Choromandel, que he na terra firme, onde havia muitas colonias, e povoações dos mesmos Chijs, donde a gente desta terra tambem hoje tem a lingua Chingálla, que dissemos. Os outros nomes, e cousas que os Geografos dam a esta Ilha, leixámos pera os Commentarios das Taboas da nossa Geografia, por ser materia propria daquelle lugar, onde se verá o engano que alguns presentes recebem em dizer que a Aurea Chersoneso, a que nós chamamos Çamatra, he a Taprobana, e o mais que a antiguidade fabulou destas duas Ilhas. O que nos óra convem he saber ser ella de mui excellentes, e puros ares, e pola maior parte fertil, viçosa, principalmente de oito gráos pera baixo do maritimo té o Cabo de Gálle, e a serrá. E nesta distancia, que será huma faixa de té vinte leguas de comprimento, e dez de largo, he a maior povoação, e os mais portos de mar, e onde a natureza produzio toda a canella, de que naquellas, e nestas partes se tem uso. Verdade he que em muitas das regiões do Oriente se acha alguma, mas he agreste, e brava, como em os Livros do nosso Commercio se verá no Capitulo della; e assi dos rubijs, olhos de gato, çafiras,

e ou-

e outro genero de pedraria, que nella ha; peró nenhuma chega em fineza em sua propria especie ás tres que nomeámos: cá estas tres sortes, as finas dellas, são as mais perfeitas de todas aquellas partes. Dos metaes tem ferro sómente, que se tira em duas partes, a que chamam Cande, e Tanavaca; e se nella houvera tanto ouro, como dizem os antigos, os naturaes são tão amigos delle, e tão diligentes de pedir á terra o metal, e pedraria que tem dentro em si, que já deram nelle. Da especiaria, além da canella, de que ella he madre, (como dissemos,) tem pimenta, cardamomo, brasil, e algumas tintas, de que os naturaes se servem pera tintura de seus pannos; dellas são raizes, outras páo, e outras folhas, e flor. Tem grandes palmares, que he a melhor herança daquellas partes; porque além do fruto delle ser mantimento commum, são estas palmeiras proveitosas pera diversos usos, do qual mantimento, chamado coco, ha aqui grande carregação pera muitas partes. Os Elefantes della, de que ha boa criação, são os de melhor distinto de toda a India; e porque notavelmente são mais domaveis, e formosos, valem muito, e tem muita criação de gado vacum, e bufaras, de que se faz grande cópia de manteiga, que se leva de carregação pera muitas partes. Tem mui-

to arroz, principalmente em huma Comarca, que jaz na face da Ilha, que está ao Oriente chamada Calou, que he Reyno, por razão do qual arroz, que elles chamam bate, se chama o Reyno Batecalou, que interpretam o Reyno do arroz. Finalmente, assi dos frutos, e sementes naturaes, como das estranhas, que nella plantam, e semeam, he tão fertil, por ser a terra em si apta pera tudo, que parece que fez della a Natureza hum pomar regado, porque não ha mez do anno que não chova nella, e o maritimo he quasi alagadiço, e retalhado com rios, huns delles de agua doce, que descem do meio do sertão das serranias, e outros á maneira de esteiros, que faz o mar. As quaes serranias estam quasi á feição oval da mesma Ilha, lançadas de maneira, que parecem hum curral de pedra encossa, porque no meio leixam a terra chã sem aquelles picos, e aspereza que tem este circuito de serras. Não que ellas sejam tão escalvadas, que em si não tenham arvoredo, porque per antre aquellas pedras, e picos tudo he entulhado de arvores de muitos generos, e per tres, ou quatro partes, á maneira de passos dos Alpes de Italia, se entra dentro neste circuito, que he hum Reyno chamado Cande. E se os Reys della se não fizeram herdeiros de seus vassallos, tomando-lhes toda

a fa-

a fazenda, que acham á hora da morte, do que dam aos filhos algumas cousas, se querem, fora muito mais fructifera, e abastada: mas com este temor não querem agricultar cousa alguma. Tem quasi na ponta desta serrania, obra de vinte leguas da costa do mar, huma serra tão alta, e ingreme, que sóbe em altura de sete leguas; e em o cume della faz huma planice em redondo de tão pequena quantidade, que será pouco mais de trinta passos de diametro. Em meio da qual está huma pedra de dous covados mais alta que a outra planice ao modo de meza, e no meio della está figurada huma pégada de homem, que terá de comprido dous palmos, a qual pégada he havida em grande religião, por a opinião que anda entre os naturaes: cá dizem elles ser de hum homem santo natural do Reyno Delij, que he abaixo das fontes dos rios Indo, e Gange: O qual veio ter a esta Ilha, onde esteve per espaço de muitos annos, mettendo os homens em uso de crerem, e adorarem hum só Deos Creador do Ceo, e da terra, a que elles chamam Deunú, e depois se tornou ao Reyno Delij, onde tinha mulher, e filhos. E passados muitos annos de sua vida, á hora da morte tirou hum dente, e mandou que fosse trazido a esta Ilha, e dado ao Rey da terra, pera ser

tido em memoria ſua, além da pégada do pico, o qual dente hoje em dia os Reys tem como Reliquia Santa, a que encommendam todas ſuas neceſſidades. E deſta opinião gentia vieram os noſſos chamar a eſte monte o Pico de Adam, ao que elles per nome proprio chamam Budo. Do qual monte naſcem tres, ou quatro rios, que são os principaes que regam a maior parte da Ilha; e em alguns lugares he tão ingreme eſta ſerrania do monte, que per eſpaço de trinta braças ſe ſóbe a elle per cadeas de ferro, em que ſe os homens pégam, por fazerem ſua romaria a eſta pégada. A qual couſa he tão celebrada de toda a gentilidade daquelle Oriente, que de mais de mil leguas concorrem alli peregrinos, principalmente aquelles a que chamam Jógues, que são como homens, que leixando o Mundo, ſe dedicáram todos a Deos, e fazem grandes peregrinações por viſitarem os templos dedicados a elle. Muitas couſas contam os naturaes deſta Ilha da ſua ſantidade, e da dos ſeus Sacerdotes, e Bramanes, que leixamos pera quando tratarmos della em a noſſa Geografia, e aſſi dos coſtumes da gente, e eſtado dos ſeus Reys, e ceremonias com que ſe ſervem, e guardam entre ſi. Ao preſente o que convem pera noſſa hiſtoria he ſaber que ella eſtá dividida em

no-

nove eſtados, e cada hum deſtes ſe chama Reyno. O primeiro, e mais notavel he ſenhor quaſi daquella faixa de terra, em que diſſemos crear-ſe toda a canella, o qual jaz da parte do Ponente da Ilha, e tem os mais, e melhores portos do mar que ha nella, cuja principal Cidade ſe chama Columbo. Aſſaſtada do qual eſtá huma força, em que ſe o Rey recolhe, chamada Cóta, como nós cá dizemos fortaleza, por ſe apartar do concurſo dos mercadores que concorrem áquelle porto de Columbo, e eſte era o que Lopo Soares hia buſcar. Outro Reyno jaz a Sul deſte na ponta deſta Ilha, ao qual chamam Gálle, e pela parte do Oriente confina com o Reyno de Jaula, e do Norte com outro chamado Tanaváca; e o que eſtá no meio do ſertão deſta Ilha todo cercado de ſerrania, que tem em lugar de muro, he o Reyno Cande. E pelo maritimo deſta Ilha ficam eſtes Reynos, Batecalou, que he o mais Oriental della; e entre elle, e o de Cande, que lhe fica ao Ponente, eſtá outro chamado Vilacem; e indo pela coſta da Ilha contra o Norte arriba de Batecalou eſtá o Reyno Triquinamalé, que pela coſta acima vai vizinhar com outro chamado Jafanapatam, que eſtá na ponta da Ilha contra o Norte, os quaes Reynos per dentro do ſertão ſe vam vizinhar huns com

os

os outros. E são tão grandes entre si, quanto maior poder tem os Gentios, e infieis que os possuem: cá não tem outras demarcações senão a posse de cada hum, por isso não lhas podemos dar com verdade, pois a cubiça dos homens não tem certos limites, ainda que tenham leis Divinas, e Humanas té onde se estende o que podem &c.

CAPITULO II.

Como Lopo Soares, per mandado d'ElRey D. Manuel, foi á Ilha Ceilão fazer huma fortaleza: e o que passou ante de ser feita com o Rey da terra, o qual ficou tributario deste Reyno.

ELRey D. Manuel, porque tinha muita informação da fertilidade desta Ilha, e sabia della proceder toda a canella daquellas partes, e que o senhor de Gálle pelo modo que se teve com D. Lourenço, (como atrás contámos,) lhe queria pagar pareas, por estar em sua amizade; e que depois per meio de Affonso d'Alboquerque o Rey de Columbo, que era o verdadeiro senhor da canella, queria ter essa paz, e amizade, escreveo a elle Affonso d'Alboquerque, que em pessoa fosse a esta Ilha, se lhe bem parecesse, fizesse neste porto de Columbo huma fortaleza, por segurar

com

com ella as offertas deſte Rey. Peró como Affonſo d'Alboquerque ſe, em quanto viveo, teve outros negocios mais importantes ao eſtado da India, e que primeiro convinha ſerem ſeguros, que eſta Ilha Ceilão, e mais como o Rey acudia mui bem com toda a canella que nos era neceſſaria, diſſimulou com as lembranças, que lhe ElRey cada anno ſobre eſte caſo fazia, dando-lhe eſtas, e outras razões porque leixava de o fazer. Vindo Lopo Soares á India, tambem trouxe eſta lembrança; e porém primeiro acudio ao eſtreito do mar Roxo, que pelas razões de Affonſo d'Alboquerque era mais importante; e vendo quão pouco tinha feito neſte caminho, por quão mal as couſas ſuccedêram, e que aquelle anno de dezoito podia vir outro Capitão mór, e Governador, quiz primeiro que ſe foſſe leixar feita eſta obra de ſuas mãos. E poſto que tinha eſte anno mandado muita gente, e náos a diverſas partes, aſſi como Antonio de Saldanha ao eſtreito, D. Aleixo a Malaca, D. João da Silveira ás Ilhas de Maldiva, que lhe minguavam pera fazer eſta obra, e era honeſta eſcuſa pera a não commetter, com tudo ſe determinou a iſſo; porque ſegundo a informação que teve da navegação da Ilha por razão dos baixos que tem, baſtavam galés, e outros navios de

re-

remo, e alguns navios de alto bordo pera levar munições pera a obra da fortaleza. E quanto ao número da gente de peleja, elle tinha por certo, segundo o que era passado da vontade que o Rey mostrava, não haver algum impedimento no fazer da fortaleza. Assi que com este fundamento, no Setembro daquelle anno, de dezoito partio de Cochij, levando huma frota de dezesete vélas, de que as sete eram galés, Capitães Manuel de la Cerda, Lopo de Brito, Antonio de Miranda d'Azevedo, João de Mello, Gaspar da Silva, Christovão de Sousa, Diniz Fernandes de Mello, na qual hia Lopo Soares. E eram mais oito fustas, que D. Fernando de Monroy trouxera de Goa, que aquelle inverno elle Lopo Soares mandára concertar pera esta viagem, e assi levou duas náos com munições, na qual frota iriam té setecentos homens de armas Portuguezes. Seguindo Lopo Soares sua viagem, sendo já quasi abarcado com o porto de Columbo, que elle hia demandar, foram-lhe os ventos tão ponteiros, que as aguas que corriam com elles ao longo da costa, lhe abatêram o caminho, e deram com elle no fim da Ilha no porto de Gálle, que será de Columbo vinte leguas, onde se deteve mais de hum mez, té que o tempo lhe deo lugar pera ir a Columbo,

e che-

e chegou com toda sua frota. Este porto de Columbo quasi quer imitar hum anzolo, porque tem aquella entrada espaçosa, per meio do qual córta hum rio; e a ponta onde este anzolo faz a farpa com que prende, he tão aguda, e assi se afasta do corpo grosso da outra terra, que com huma pedra se póde passar a grossura della, e cortada com huma cava, fica quasi em Ilha, sem ter outra entrada senão pela cava. Lopo Soares como vio a figura do porto, e quão proveitoso era o agudo daquella ponta pera fazer a fortaleza, assentou logo com os Capitães de ser naquelle lugar. Porém primeiro que sahisse em terra, mandou recado a ElRey per João Flores, notificando-lhe a causa de sua vinda áquelle porto, dando algumas razões porque ElRey seu Senhor desejava ter alli huma fortaleza, referindo todo este caso á infidelidade dos Mouros que alli vinham ter, e ao antigo odio que tinham com os Portuguezes, e principalmente ao muito que elle Rey ganhava, fazendo-se alli aquella fortaleza; assi por razão d'ElRey D. Manuel seu Senhor com ella ficar obrigado á defensão delle Rey contra seus imigos, como porque tendo commercio com os Portuguezes, todo seu Reyno seria mui rico, e abastado das cousas do Ponente. ElRey como havia dias que com

Af-

Affonſo d'Alboquerque andava neſte trato; e era mui deſejoſo deſte commercio, vendo quão rico ſe fizera ElRey de Cochij com elle, e que depois que entráramos na India, elle meſmo Rey começava ſentir em ſua fazenda o proveito que havia de ter; tanto que vio o recado de Lopo Soares, lhe concedeo a fortaleza, mandando-o viſitar com palavras, que moſtravam eſte contentamento. Os Mouros de Calecut, e de toda aquella coſta do Malabar, como depois de noſſa entrada na India de todalas partes andavam enxotados de nós, e neſta Ilha Ceilão tinham algum refugio, por noſſas Armadas não irem a ella; alguns que ſe alli acháram na chegada de Lopo Soares, peró que ſe aſſombráram em o verem no porto, quando ſouberam que ElRey lhe concedia fortaleza, ficáram de todo mortos. Finalmente á força de peitas, que em toda parte podem mais, que vivas razões, aſſi tranſtornáram o animo dos acceitos d'ElRey, e o ſeu com o conſelho delles, repreſentando-lhe perigos de ſua vida, e perda de ſeu eſtado ſe alli nos déſſe lugar pera fortaleza: que querendo Lopo Soares huma manhã ſahir em terra a abrir a cava naquella ponta, que elegeo pera a fortaleza, achou que per induſtria dos Mouros eſtavam alli huns cavallos á maneira de trincheiras com re-

repairos de madeira, em que puzeram certas bombardas de ferro com gente frécheira posta em defender a terra. E não abastou isto, mas ainda foram alguns homens dos nossos prezos, que como em parte segura eram sahidos em terra, dos que andavam nestes recados entre elle Lopo Soares, e ElRey, quasi em modo de refens pera depois per meio delles se valerem, se o caso não succedesse bem. Lopo Soares quando soube o gazalhado com que o queriam receber em terra, havido conselho com os Capitães, mudou o modo da sahida, fazendo fundamento que a poder de ferro havia de lançar aquelle impedimento, que lhe tolhia o fazer da fortaleza; o qual entendeo ser industriado pelos Mouros, principalmente depois que mandou de perto ver as estancias, e que gente era a que estava em defensão dellas. A qual determinação fez em toda a gente de armas tanto alvoroço de prazer, quão triste estava d'antes, vendo que ElRey dava de boa vontade lugar pera se fazer a fortaleza; e que naquelle negocio haviam de exercitar mais a força de seus braços, como mecanicos com pedra, e cal ás costas, sem premio de fazenda, e honra, que com a espada na mão como cavalleiros, com a qual elles conseguiam estas duas cousas. Lopo Soares posto

to que vio efte alvoroço na gente, depois que foi notificado o que tinha affentado com os Capitães, não quiz fahir aquelle dia, leixando pera o feguinte ante manhã pera ir melhor provído; e affi fe fez, tomando terra fem os imigos lha impedirem. Porque como elles tinham as forças mais nas bombardas, e tranqueira, que no animo, não oufáram de fe defapegar dellas, e eftavam naquelle lugar como homens, que fe queriam mais defender, que offender. Os noffos tanto que Lopo Soares deo Sant-Iago, fem ter conta com a fumaça das fuas bombardas, nem olhar onde apontavam, era a competencia entre elles a quem primeiro treparia per as eftancias acima, como que no alto dellas eftava o premio da vitoria particular de cada hum. Peró a alguns cuftou efte animo fangue, e vida: cá não fómente de fettas, e efpingardões foram alguns feridos, mas ainda mortos das bombardas, o principal dos quaes foi Veriffimo Pacheco, que (como diffemos) era vindo de Malaca com a nova da prizão de feu irmão Antonio Pacheco. Andando efte conflito ás efcuras da fumaça da artilheria hum pequeno efpaço, em quanto os noffos fe detinham no fubir da eftancia; tanto que hum golpe delles fe fizeram fenhores della, affi defcozêram na carne dos imigos, que

os

os mettêram a todos em fugida, não leixando de os seguir com os pés, e perseguindo a ferro. Lopo Soares porque vio alguns Capitães que se mettiam hum pouco contra onde havia arvoredo, de que podiam receber algum damno, principalmente Christovão de Sousa, que passava hum ribeiro longe da estancia, mandou dar ás trombetas que se recolhessem, pois já era senhor da força de seus imigos, e recolher aquellas peças da artilheria que alli achou; e sem fazer mais detença, por dar hum folego aos homens, se tornou a embarcar. Quando veio ao seguinte dia, por ter já prestes todalas cousas pera seu intento, sahio em terra; e a primeira cousa em que entendeo, foi em se fortificar, ficando senhor da ponta, que elle desejava pera fundar a fortaleza, a qual força não foi mais que cava, e repairo de madeira, em que assentou muita artilheria, na parte que hia contra a terra, per onde os imigos o podiam commetter. E huma das cousas que o mais metteo em confusão, depois que se vio senhor daquelle lugar, foi não achar nelle pedra, ou ostra pera fazer cal; porque ante que partisse de Cochij, tomando informação destas cousas de alguns homens dos nossos, que já alli foram, fizeram-lhe crer que havia pedra, de que se poderia

fa-

fazer cal; e quando esta não servisse, havia muito marisco, da ostra do qual se poderia fazer muita quantidade. E vendo elle que nenhuma cousa destas havia pera cal, sómente a ostra que era necessario trazer-se de longe, que o podia deter mais tempo do que elle tinha, por estar já em Outubro, e convinha-lhe ser na India, por razão da carga das náos que se esperava do Reyno, em que lhe parecia que podia ir Governador que o succedesse, assentou com parecer de todolos Capitães, que pois em breve se não podia fazer cal, que fizessem a fortaleza de pedra, e barro. Porque como atalhasse a terra da ponta de mar a mar, isto bastava por então pera recolhimento seguro dos que alli houvessem de ficar, té que da India se provesse, segundo a necessidade fosse. Assentado neste parecer de todos, mandou Lopo Soares a grão pressa abrir os alicerces, e trazer pedra pera poer mão á parede, repartindo o trabalho de cada cousa per os Capitães. ElRey de Ceilão quando vio muita da sua gente ferida, e morta daquella sahida dos nossos em terra, e que com pouco trabalho se fizeram senhores da força, que os Mouros tinham feita, e sobre isso começáram a obra da fortaleza contra sua vontade, havido conselho com os seus naturaes, sem dar credi-

dito aos Mouros, quiz ante a paz, que com Lopo Soares assentára, que o rompimento della, que elles lhe aconselháram. Sobre o qual caso mandou a elle o seu Governador, dando algumas desculpas do passado, attribuindo tudo a máos conselhos de homens, que lhe fizeram crer cousas contra o que elle Lopo Soares promettia da paz, y amizade, que per meio da fortaleza podia ter com ElRey de Portugal. E pois elle com morte, e damno dos seus tinha pago acceitar conselho de máos homens, que causáram aquelle rompimento, lhe pedia que tornassem a ficar no estado da paz, que com sua chegada logo acceitou, consentindo que se fizesse a fortaleza onde elle pedia. Lopo Soares peró que em sua resposta se mostrou offendido delRey da pouca verdade, que lhe tratára, e traição que elle Rey commettêra, assi nos homens que lhe mandára prender, como no que fizera sobre assento de paz, concluio sua resposta nisto: Que elle era contente de tornar á paz, em que d'ante estavam; porém por a offensa que tinha feita á bandeira real del-Rey de Portugal seu Senhor em permittir que os Mouros, e os naturaes viessem contra ella com mão armada, no qual caso alguns Portuguezes foram feridos, e mortos, elle Rey havia de soldar este damno

com

com ſe ſometter com titulo de vaſſallo delRey D. Manuel ſeu Senhor, cujas inſignias eram as da bandeira do ſeu Rey, que repreſenta ſua peſſoa; a qual quando foſſe offendida, ou alguem deſprezaſſe ſua paz, os ſeus vaſſallos perdiam a vida, té metter ſeu imigo debaixo do jugo della. Partido o Governador delRey com eſte recado, tornou, e foi tantas vezes, té que per derradeiro aſſentou com Lopo Soares, que ElRey era contente de ſe fazer vaſſallo delRey D. Manuel, com tributo em cada hum anno de trezentos bahares de canella, que do noſſo pezo ſão mil e duzentos quintaes, e mais doze anneis de rubins, e çafiras das que ſe tiram nas pedreiras de Ceilão, e ſeis Elefantes para o ſerviço da feitoria de Cochij, tudo pago ao Capitão da fortaleza que alli eſtiveſſe, ou a quem o Governador da India mandaſſe. E que ElRey D. Manuel, e ſeus ſucceſſores foſſem obrigados de amparar, e defender a elle Rey de ſeus imigos, como a vaſſallo ſeu: com outras mais condições, que no aſſento deſte acto ſão declaradas, de que Lopo Soares houve hum, e a ElRey ficou outro, eſcrito em folhas de ouro batido, (ſegundo ſeu uſo,) e o noſſo em pergaminho. Feito eſte aſſento, mandou ElRey eſcuſar-ſe a Lopo Soares de o não ir ver, por eſtar mal diſpoſto, e cou-

cousas da sua religião de Brammane que era; porque ácerca do Gentio daquellas partes, estas duas cousas andam juntas, o sacerdocio, e governo dos homens. E peró que os Reys tenham grande acatamento aos seus Sacerdotes, e muito maior ás cabeças delles, as quaes tem aquella jurdição que ácerca da Clerizia entre nós tem os Bispos, os mesmos Reys são Brammanes, e são superiores de todos em seu Reyno. Tanto póde a ambição de senhorear, que não se contentáram os Principes da terra em terem subditos seus vassallos per via da administração do governo secular que lhe Deos deo, pela qual se fizeram senhores dos corpos, e actos exteriores das obras, que cada hum faz pera executar nelle as leis da justiça, segundo as que pera isso deram; mas ainda quizeram ser senhores das almas, e authores interiores do animo, que sómente pertencem a Deos, ou áquelles que, (segundo o nosso Evangelho,) são herdeiros deste mysterio. Lopo Soares feito este assento, assi com a ajuda que ElRey pera isso mandou dar com a gente da terra, como pela gente da Armada, em poucos dias acabou a fortaleza quasi no fim de Novembro, á qual poz nome *N. Senhora das Virtudes*. E neste tempo chegou a ella Dom João da Silveira, que (como atrás dissemos)

com certos navios fora enviado ás Ilhas de Maldiva; ao qual Lopo Soares, por elle ser pessoa que tinha qualidades pera isso, e mais seu sobrinho, proveo da capitanía della, leixando-lhe a gente necessaria pera sua defensão, e assi officiaes pera feitorizarem as cousas do commercio. E porque os Mouros eram costumados ir áquella Ilha enxotados das nossas Armadas, que andavam no Malabar (como dissemos,) quiz Lopo Soares tirar-lhe esta acolheita, leixando por Capitão mór do mar com quatro vélas, pera guarda daquelle porto Columbo, a Antonio de Miranda d'Azevedo. Provídas as quaes cousas, Lopo Soares se partio pera Cochij, e á sahida do porto per desastre se perdeo a galé de João de Mello, mas salvou-se a gente. E levando Lopo Soares em proposito passar per Coulão, onde estava Heitor Rodrigues, hum cavalleiro de Coimbra, por Feitor, e Capitão da carga da pimenta, não o pode fazer polo que logo veremos. No qual lugar de Coulão quizera tambem fazer outra fortaleza; e a causa era, porque depois que Antonio de Sá, (como atrás escrevemos,) foi morto, nunca mais os nossos, que alli residiam por razão de recolher a pimenta, estiveram seguros. E posto que em tempo de Affonso d'Alboquerque sempre acudiam os Regedo-

res

res de Coulão com a pimenta pera carga de huma, e ás vezes de duas náos, e a Rainha que governava aquelle estado favorecia muito nossas cousas, e em tempo delle Lopo Soares Heitor Rodrigues como homem prudente acabava com ella, e dos seus officiaes muitas cousas em nosso favor, té lhe consentir que fizesse huma casa forte pera recolhimento da fazenda, que elle Feitor tinha, teve sobre isso tantos contrastes, e impedimento por parte do induzimento dos Mouros mercadores, que alli residiam, peitando grossamente aos Governadores da terra, que não podia ir avante com a obra, té que depois acabou de a fazer, sendo já Lopo Soares vindo pera este Reyno, e governando Diogo Lopes de Sequeira, que pera isso o mandou favorecer com a gente que Garcia d'Acosta Capitão de huma galé levou. E a causa porque Lopo Soares não acabou esta obra, vindo de Coulão com este proposito, foi, porque sendo tanto avante como este lugar, foi-lhe recado que Diogo Lopes de Sequeira era chegado a Cochij, e vinha pera o succeder na governança da India; e era já tão tarde pera elle Lopo Soares se despachar em sua vinda, que passou per Coulão, e chegou a Cochij a vinte de Dezembro. Peró ante de sua partida, convem darmos razão de algumas cou-

 sas,

ſas, que elle mandou em ſeu tempo, por não confundirmos a ordem da hiſtoria, e começaremos logo em D. João da Silveira ſeu ſobrinho, que ficava por Capitão em Ceilão, dando conta do que paſſou na viagem que fez ás Ilhas de Maldiva.

CAPITULO III.

Do que paſſou D. João da Silveira nas Ilhas de Maldiva, onde o enviou Lopo Soares, e aſſi em Bengála, onde elle foi ter, té chegar a Ceilão a ſer mettido de poſſe da capitanía da fortaleza de Columbo.

COmo já atrás fizemos menção, huma das principaes couſas que havia nas Ilhas de Maldiva era o cairo, materia de que ſe fazem todalas amarras, e enxarcea, com que as náos daquellas partes navegavam; e muitas dellas não tem outra pregadura, ſómente eſte fio com que o coſtado dellas he coſeito; do qual cairo, e aſſi do grande número deſtas Ilhas em ſeu lugar particularmente eſcrevemos. E como eſte cairo foſſe couſa tão importante a noſſas navegações, pola informação que ElRey D. Manuel tinha que eſtas Ilhas eram huma eſcala que os Mouros faziam em a navegação daquelle Oriente, e outras couſas que lhe Affonſo d'Alboquerque dellas tinha eſcrito,

que

que convinham ao estado da India, desejava elle ter alli huma fortaleza. Sobre o qual caso escreveo a Lopo Soares, encommendando-lhe, que mandasse á principal chamada Maldiva, em que estava o Rey que senhoreava a corda dellas, que jaz vizinha á costa Malabar; e fosse pessoa que soubesse notar as cousas, e pudesse assentar paz com o Rey, e o tentasse pera esta fortaleza, que desejava ser alli feita; e este foi o fundamento com que elle Lopo Soares mandou D. João da Silveira. E tambem a buscar hum Mouro de Cambaya chamado Alle Can, o qual andava de Armada com sete navios de remo em guarda de seis náos de Cambaya, que naquella monção haviam de vir das partes de Málaca, aonde eram idas a tratar; o qual defendia que daquella parte onde elle andava não viesse pera as nossas fortalezas provisão de cairo, e de outras cousas que os Malabares de lá costumavam trazer. Partido D. João a este effeito com quatro vélas, a em que elle hia, e três de que eram Capitães Tristão Barbudo, João Fidalgo, e João Moreno; e ante de chegar á Ilha Maldiva, onde ElRey estava, tomou duas náos que vinham de Bengalla pera Cambaya carregadas de roupa, de que a maior dellas era de hum Mouro chamado Gromálle, parente de outro que

eſtava por Governador em Chatigam, huma Cidade principal do Reyno Bengála, por ſer porto de mar, a que concorrem quaſi todalas couſas que entram, e ſahem daquelle Reyno. As quaes náos elle mandou a Cochij, onde então eſtava Lopo Soares, e tornou a ſua viagem caminho da Ilha Maldiva, onde foi recebido do Rey com muito gazalhado, moſtrando ter grande contentamento da paz, e amizade, que ElRey D. Manuel, e ſeus Governadores com elle queriam ter; e promettendo que em qualquer tempo que em ſua terra quizeſſe fazer caſa de Feitoria pera trato de commercio, elle daria lugar, e ajuda pera iſſo. Finalmente dados, e recebidos alguns preſentes entre ſi, ElRey ficou mui contente de Dom João, e elle ſe partio muito mais delle por a facilidade com que acabou ao que hia; e foi-ſe dalli em buſca do Mouro Alle Can, por achar nova que andava mais adiante em outras Ilhas. Peró neſta ida fez pouco, porque o Mouro tanto que houve viſta delle, como aquellas Ilhas são hum labyrintho de navegar per entre ellas, e elle era mui coſtumado áquella navegação, e os noſſos mui novos nella, andou-lhe furtando as voltas, que enfadado D. João, e mais neceſſitado de mantimentos, havendo já tres meſes que lá andava, ſe foi pera Cochij, on-

onde se deteve sómente o tempo em que se proveo do que lhe falecia, e dalli o mandou Lopo Soares que fosse a Bengála ao porto Chatigam com o mesmo requerimento ao Rey da terra pera alli fazer huma casa de Feitoria, pera que os nossos pudessem ter hum recolhimento de suas mercadorias, e seguramente fazer commutação dellas com outras da terra. E que de caminho passasse pela Ilha Ceilão, e do porto Columbo, onde os nossos costumavam ir buscar canella, tomasse Pilotos pera o levarem a Bengála; e tambem que dissimuladamente visse, e sondasse este porto Columbo, e o sitio da terra pera com seu parecer se determinar no que tinha pera fazer per mandado d'ElRey, que era huma fortaleza naquelle lugar, a capitanía da qual havia de ser delle D. João. O qual partido com os quatro navios, com que andou nas Ilhas de Maldiva, chegou a Columbo; e visto, e notado o lugar, e havidos Pilotos, poz-se em caminho de Bengála: e o primeiro porto que tomou daquella enseada, que ainda per os nossos não era descuberta, foi do rio que vem do Reyno Arracam, onde lhe sahíram seis, ou sete navios de remo; e depois que na pratica que tiveram com elle souberam que hia a Bengála, como estavam de guerra com elle,

quizeram ir em ſua companhia. Peró Dom João o não conſentio, aconſelhado de hum moço Bengála, que elle levava, que era cunhado do Piloto da náo que tomára, dizendo que ſe levava aquella gente, por ſer contraria aos Bengálas, não ſería bem recebido. E quanto eſte moço aproveitou aqui com iſto que diſſe, tanto depois danou. Chegado D. João ao porto de Chatigam, que he huma Cidade do Reyno Bengála mui frequentada de todolos navegantes, que áquelle Reyno vam tratar, porque como elle era natural Bengála, e cunhado do Piloto da náo, que D. João tomára (como diſſemos) não tiveram reſguardo niſſo, e aos primeiros da terra com que fallou deſcubrio tudo o que era paſſado, com que houve o Capitão da Cidade que D. João, e quantos com elle hiam eram ladrões. Porém como naturalmente os Bengálas he gente mais malicioſa de todas aquellas partes, porque não eſtavam apercebidos pera ſe defender, diſſimuláram com D. João, ſem lhe darem a entender o que delle tinham ſabido, té que ſe fortaleceſſem, como logo fizeram, fazendo de noite muitas tranqueiras, e repairos pera os noſſos não poderem commetter o lugar, querendo entrar nelle com mão armada. Aconteceo que hum dia, ante que D. João chegaſſe áquelle porto, tinha entra-

tra-

trado nelle huma náo dalli da terra, que vinha da Cidade Pacem, que he na Ilha Çamatra, carregada de pimenta, e de outras ſortes de mercadoria. Na qual náo vinha hum Portuguez chamado João Coelho, que Fernão Peres d'Andrade, que eſtava naquelle porto de Pacem carregando pera a China, mandava como menſageiro da parte d' ElRey D. Manuel a ElRey de Bengála. Fazendo-lhe ſaber, como eſtando naquelle porto carregando huma náo de pimenta, pera com ella, e outras ir áquella Cidade Chatigam a lhe trazer huma embaixada d'ElRey de Portugal ſeu Senhor, per deſaſtre ſe lhe queimára aquella principal náo de ſua frota, como lhe podiam dizer os ſeus naturaes, que eram preſentes, em que ſe queimáram as principaes couſas que tinha pera levar. Pedindo-lhe que em quanto ſe elle hia reformar das couſas que alli perdêra, e aſſi mandar por outras á India, das quaes eram de Portugal, houveſſe por bem que as náos, e navios Portuguezes, que chegaſſem a ſeus portos, foſſem bem recebidos, e per eſte modo outras palavras que elle João Coelho levava em ſua inſtrucção. O qual, tanto que vio ſurgir a D. João, foi-ſe logo a elle innocente do que lhe havia de acontecer: cá D. João ſabendo a cauſa de ſua ida, o reteve ſem querer que tor-

tornasse a terra, dizendo que não compria a serviço d'ElRey ir elle áquelle negocio, ante danava, pois Fernão Peres não estava naquelle porto. E mais que elle D. João levava do Governador Lopo Soares, que mandasse este recado a ElRey de Bengála, e não elle Fernão Peres, o qual recado havia de ir com mais authoridade, e com algumas peças de presente, que lhe havia de mandar per a pessoa que a isso fosse. Reteudo per esta maneira João Coelho, dobrou a causa de se o Governador da Cidade mais escandalizar de D. João, porque era elle já sabedor como João Coelho hia com recado a ElRey de Bengála da parte d'ElRey de Portugal per mandado de hum seu Capitão, que estava em Pacem. Do qual Capitão, (segundo diziam todos os Bengálas, e Mouros que vieram em a náo que trouxe João Coelho,) recebêram muito bom tratamento, e elle D. João tomára as duas náos, que pouco tempo havia que dalli partíram, segundo tinham sabido do moço Malaio, (como dissemos,) do qual caso affirmavam que Fernão Peres era Capitão d'ElRey, e D. João era algum Portuguez que andava feito cossairo. Finalmente desta boa vontade que o Governador da Cidade lhe tinha, no primeiro requerimento que lhe D. João mandou fazer, respondeo que os

não

não havia na terra, sendo aquelle Reyno de Bengála o mais abastado de todas aquellas partes, por ser regada com as aguas do illustre rio Gange. D. João, porque a necessidade o apertava, e per recados que foram, e vieram, não achou graça no Mouro, não sabendo a causa disso, mandou tomar huma champana, que são á maneira de barcas grandes, que estava carregada de arroz, da qual cousa succedeo o que o Mouro desejava, que era romper em guerra. E porque entre elles houve per muitas vezes paz, e guerra, e nisso se passáram muitas miudezas, baste saber que D. João em quanto alli esteve, que foi quasi todo hum inverno, per ferro, e per fogo, que lhe lançáram de noite pelo rio abaixo, e sobre tudo per fome, padeceo muito trabalho, e necessidade, porque per razão do inverno, como não podia sahir daquelle porto, não havia mais que, (como dizem,) beber estes trabalhos, ou verter a vida. No meio do qual tempo, em que de todo houveram de perecer á fome, veio o Governador da Cidade assentar paz com elle D. João, não por lhe dar repouso, mas por seu interesse. E foi, que esperando elle Governador que com a monção haviam de vir algumas náos áquelle porto, temendo que D. João as tomaria, assentou a paz, na qual, sabendo

D. João quão mal o Governador tomava ter elle reteudo a João Coelho, e quanto folgaria de o elle leixar ir a terra, por se valer delle o mandou, e elle foi o que lhe deo a vida. Porque além de ordenar, depois que sahio em terra, como D. João houvesse mantimentos, huns furtados de noite per meio dos amigos delle João Coelho, e outros dados de dia per consentimento do Capitão da Cidade, depois lhe foi ainda muito mais proveitoso do que elle cuidava que era tello reteudo em o navio. Cá vindas as náos que o Mouro esperava, tanto que as teve despejadas do que trouxeram, tornou outra vez a fazer guerra a D. João; com a vinda das quaes foi ainda João Coelho mais acreditado na terra, por virem algumas do porto de Pacem, que contáram quanto gazalhado, e favor tinham recebido de Fernão Peres d'Andrade. Com o qual favor, que elle João Coelho sentia em o Capitão da Cidade, e tambem por já a este tempo ser vindo recado d'ElRey de Bengála, que mandava que elle João Coelho fosse levar sua embaixada, quasi em modo de conselho, quiz tratar este negocio com o Governador da Cidade. Dizendo que lhe parecia que elle não levava com aquelle Capitão o modo, que convinha pera se tirar da oppressão que lhe dava naquelle porto:

to: cá segundo tinha sabido, elle andava meio alevantado por certas náos que roubára, e outros crimes que tinha feito. Por a qual razão, como homem que receava o castigo do Governador da India, se lançára naquellas partes, e segundo era de animo, e meio desesperado da vida, elle se espantava não ter feito naquelle porto mais destruição, e que lhe confessava que quasi com temor delle soffrêra estar reteudo debaixo de sua mão, e que lhe não dava outro sinal de quem era, senão a sua prizão. Que quanto ao que elle té então alli tinha feito, cousas eram naturaes a todo homem buscar o comer, e amparar a vida, porque se tomára a champana dos mantimentos; fora depois que os elle pedíra por seu dinheiro, e vio que lhos não queriam dar; e se fez damnos na terra, era defendendo-se dos que lhe faziam. E quanto ás náos que tomáram, não era cousa nova terem os Portuguezes guerra com os Mouros do Reyno de Cambaya, e que como em fazenda de imigos se queriam entregar, porque estas eram as leis da guerra, e que já podia ser que por esta travessura, e por outras taes, andaria elle fóra da graça do Governador da India. E se assi era, o remedio daquelle damno que Gromálle seu parente tinha recebido por amor delle Governador tor-

nia-

nado elle João Coelho á India da vinda do recado que levava a ElRey de Bengála, elle sería remediado: cá o Capitão mór da India per elle João Coelho saberia quanto isto importava a elle Governador, e entretanto dissimulasse com aquelle Capitão, e não mandasse que o fossem mais commetter, ante lhe mandasse dar mantimentos pera se ir dalli, e desabafar aquelle porto. O Mouro, posto que com esperança desta restituição da náo, em alguma maneira afloxou de mais commetter descubertamente Dom João; todavia como estava escandalizado, e meio injuriado dos damnos que tinha recebido em mortes, e ferimento de muitos que mandou sobre elle, desejava de se vingar, e pera isso teve este modo. Carteou-se com ElRey de Arracam, vassallo que naquelle tempo era d' ElRey de Bengála, o qual vivia em huma Cidade deste nome, que per hum rio dentro estaria obra de quinze leguas, e daquelle porto de Chatigam trinta e cinco; e do que assentáram entre si, dahi a poucos dias veio ter com D. João hum homem bem tratado de sua pessóa, e acompanhado de gente em tres, ou quatro navios de remo; o qual lhe apresentou da parte d'ElRey de Arracam hum rubij de preço, posto em hum annel, dizendo, que por ter sabido estar elle hum pouco

mal

mal avindo com a gente de Chatigam, por o máo tratamento que lhe faziam, e elle desejar muito ter amizade, e commercio com os Portuguezes, pola boa fama que tinham naquellas partes, o mandava visitar, pedindo-lhe que se quizesse ver com elle no porto da sua Cidade Arracam, onde poderia ser provído do que houvesse mister. Dom João, recebido o presente, e dado os agradecimentos delle com algumas cousas, que deo ao Embaixador, teve prática com os principaes da frota; e visto o trabalho, e perigo que naquelle porto tinham passado, e a necessidade em que estavam de se prover, pera poderem navegar, porque as aguas do inverno, que alli he grandẽ, lhe tinham apodrecido todolos apparelhos, e velame dos navios, em tanto que já se serviam de alguns de algodão, que fizeram de redes de huns pescadores que salteáram, assentou que lhe convinha ir ao porto de Arracam, de que já tinha noticia ser huma Cidade abastada, e de trato. Finalmente elle se foi em companhia do Embaixador, e na boca do rio Arracam foi recebido de alguns calaluzes que ElRey mandava, apresentando-lhe muito refresco da terra, por segurarem melhor a entrada, a qual sendo já no meio do rio, D. João entendeo não ser tão segura, como os nossos navios haviam mister.

ter. Porque era já o rio alli tão estreito, que com as antenas da verga hia roçando pela rama do arvoredo, onde se elle espedio do Embaixador, dizendo que bem via como os seus navios não eram pera navegar per cousa tão estreita; que se ElRey se quizesse ver com elle, havia de ser naquelle lugar, onde poderiam assentar paz, e amizade, e que pera isso esperaria dous dias, té ver seu recado. O Embaixador quando vio que á força de razões o não podia levar adiante, mostrando que não tardaria os dous dias, por a Cidade estar mui perto, espedio-se delle, levando comsigo os navios de sua companhia, mas elle não veio aos tres, nem aos quatro. No qual tempo porque D. João trazia per vigia do rio os dous bargantijs acima, e abaixo, veio-lhe dizer hum delles que em hum certo passo estreito, per que elles abaixo tinham passado, onde acháram começada huma estacada, andava muita gente que mettia mais estacas, como que queriam atravessar o rio. D. João ao passar pera cima, tinha visto o começo desta estacada, e pareceo-lhe que era artificio dos pescadores, como elles usam naquellas partes; peró quando soube que andava muita gente na obra, entendeo o engano, e que lhe podia succeder outro tal desastre, como aconteceo a D. Lourenço d'Almeida

no

no rio de Chaul, e ſem mais demora tornou-ſe per o rio. Ao paſſar da qual eſtacada a gente da obra fugio toda, como que receava receber algum damno dos noſſos, por entenderem a traição que lhe elles queriam fazer. No qual modo de fugida D. João entendeo ſer aſſi, e depois per boca de hum delles, que João Fidalgo com o ſeu bargantij houve ás mãos pera lingua da verdade, o qual deſengano cauſou determinarſe elle fazer ſua viagem pera Ceilão, onde ſabia que Lopo Soares havia de ſer naquelle tempo fazer a fortaleza, da capitanía da qual lhe tinha dado palavra, e com ſua chegada o metteo de poſſe, (como diſſemos.) E João Fidalgo parece que o Indio que tomou lhe deo tal eſperança, com que furtado de D. João, ſe leixou ficar naquella boca do rio Arracam, e em lugar de navios de preza, em que elle eſperava de ſe fazer rico, vieram dar com elle os calaluzes, e lancharas, que ElRey de Arracam armava ſobre D. João. E a vitoria que delles houve, foi livrallo Deos do perigo que niſſo paſſou; e mais cheio de trabalhos, que de prezas, ſe partio pera a India, onde teve muito em haver perdão de Diogo Lopes de Sequeira, que já neſte tempo governava.

CAPITULO IV.

De algumas cousas que D. Aleixo de Menezes fez, depois que chegou a Malaca, entre as quaes foi mandar Duarte Coelho a ElRey de Sião: e do que elle passou nesta viagem.

NO mez de Abril, em que Lopo Soares mandou D. João da Silveira ás Ilhas de Maldiva, na qual viagem passou o que ora escrevemos, mandou tambem a D. Aleixo de Menezes a Malaca sobre as differenças, e trabalhos que lá havia; o qual, partido nos tres navios com a gente, e munições que dissemos, chegou a Malaca na entrada de Junho daquelle anno de dezoito. E verdadeiramente se tardára mais quinze dias, nella estavam outras novas differenças ordenadas entre os nossos, com que não fora muito perder-se por terem ElRey de Bintam por vizinho. As quaes differenças eram entre Manuel Falcão, que servia de Alcaide mór, e o Feitor Lopo Vaz, competindo a quem havia de servir de Capitão da fortaleza per falecimento de Nuno Vaz, que estava cada dia pera morrer de doença, como morreo em D. Aleixo chegando. E quem tecia toda esta têa, era hum Pero de Guilhem Castelhano, que servia

de

de Escrivão da Feitoria com outros officiaes de sua valia, de maneira, que estavam todos partidos em dous bandos; e ElRey de Bintam, que sabia parte de tudo, esperando em que haviam de parar suas competencias, pera os vir estremar com todo seu poder, e se fazer senhor de Malaca. O qual, depois que mandou ao rio Muar o seu Capitão Cyribiche, por quão bem lhe succedia na guerra, que nos dahi fazia, elle mesmo em pessoa com todo seu poder se veio metter no rio Muar; e per elle acima pouco mais de dez leguas, em hum lugar chamado Pago, fez huma fortaleza muito mais forte, que a debaixo donde Cyribiche se recolhia, e dalli guerreava a Cidade Malaca com dobradas forças de maneira, que se contentavam os nossos com lhes não ser entrada, defendendo-a ao modo que fazem os cercados. Tanto que Dom Aleixo chegou, ElRey de Bintam no Pago onde estava soube logo como trazia muita gente, e munições, pera que lhe convinha mudar a ordem que té então tinha de fazer a guerra á Cidade, não mandando correr suas Armadas tão soltamente, como sohiam, ante começou de novo fortalecer mais suas fortalezas, principalmente a do Pago em que elle estava, temendo que os nossos o fossem visitar a ella, donde se causou que

per alguns dias ſuas lancharas leixarem de correr a Malaca, ſómente alguma que vinha em modo de eſpia. D. Aleixo porque o negocio principal a que hia era metter a Cidade em aſſocego por cauſa das differenças paſſadas, a primeira couſa em que entendeo, foi em metter Affonſo Lopes d'Acoſta de poſſe da capitanía da fortaleza, e a Duarte de Mello da capitanía mór do mar, e ſoltar Antonio Pacheco, e os outros prezos. E no caſtigo das couſas paſſadas não quiz entender, porque Nuno Vaz, que era huma das principaes partes em ella, chegando elle, faleceo de ſua doença, (como diſſemos,) e aos outros deo-lhes por caſtigo os trabalhos, fome, guerra que tinham paſſado, e a perda de fazenda, que cada hum, por ſuſtentar ſua opinião, recebeo: e principalmente por a Cidade eſtar em tal eſtado, que havia miſtér mais homens ſoltos, e contentes, que prezos, e caſtigados, e mais de couſas em que todos tinham culpa, cada hum em ſeu modo. Acabando de aſſentar as quaes couſas, e aſſi as da provisão, e ſegurança da Cidade, ordenou enviar Duarte Coelho a ElRey de Sião com cartas, e hum preſente, que lhe ElRey D. Manuel mandára na Armada, em que deſte Reyno partio Antonio de Saldanha o anno de dezeſete. E iſto em retor-

no

no do que o meſmo Rey lhe tinha enviado per Antonio de Miranda, quando lá foi por Embaixador per mandado de Affonſo d'Alboquerque, depois de tomada Malaca, em companhia do qual fora o meſmo Duarte Coelho, como atrás fica. Porque além de elle, deſta vez que lá foi, ſaber mui bem as couſas de Sião, o anno paſſado indo elle com Fernão Peres d'Andrade caminho da China, com hum temporal que lhe deo, elle Duarte Coelho arribou á coſta do Reyno de Sião, e entrou per o rio Menam, que o atraveſſa. Nas correntes do qual eſtá ſituada a Cidade Hudiá cabeça do Reyno, trinta leguas da qual elle invernou aquelle anno, e dahi tornou fazer ſeu caminho pera a China, donde era vindo, como diſſemos; e deſta vez tambem teve grande intelligencia em ſaber as couſas de lá, nas quaes eſtava mui prático: aſſi que por eſtas razões o deſpachou D. Aleixo em hum navio, em que o mandou bem acompanhado. E a ſubſtancia da ſua embaixada era conformação das pazes, que Antonio de Miranda, e elle aſſentáram com ElRey de Sião; e a pedir-lhe, que houveſſe por bem mandar que alguns dos ſeus naturaes vieſſem povoar Malaca, como lhe já mandára dizer, porque ſua tenção era deſterrar della todolos Mouros Malayos;

e po-

e povoando-ſe dos ſeus, ſería hum meio para ſe melhor communicarem com os Portuguezes em amor, e paz, e as couſas do commercio andariam em ſuas mãos, e não dos Mouros, com que ſe tinham feito ſenhores da maior parte do maritimo de todo aquelle Oriente. Com a qual embaixada Duarte Coelho partio a dezoito de Julho daquelle anno de dezoito, e chegou lá em Novembro; porque o navio em que foi era do Reyno de Sião, e foi fazendo algumas demoras nos portos da coſta. Com a chegada do qual, ElRey foi mui contente, e lhe fez grande honra; e quando veio a jurar as couſas da paz, e amizade, que Duarte Coelho com elle aſſentou, em modo de ſacramento de noſſa religião, arvorou huma grande Cruz de páo com as armas deſte Reyno ao pé, no mais notavel lugar da Cidade, como memoria, e teſtemunho da paz que jurava, de que ElRey ficou mui contente. E dahi a poucos dias ao pé della enterrou Duarte Coelho hum Pero Lopo criado do Duque de Bragança D. Jemes, que levava comſigo, o qual faleceo de doença. Deſpachado Duarte Coelho muito á ſua vontade per ElRey de Sião, elle partio da Cidade Hudiá em Novembro do anno de dezenove com tres navios, hum ſeu, e dous que o meſmo Rey manda-

dava em ſua guarda, por cauſa das Armadas delRey de Bintam. E ſendo já no fim da coſta do Reyno Camboja, por os ventos lhe não ſervirem pera vir pela de Patane, querendo atraveſſar a ella pera tomar a ponta de Cingapura, deo-lhe tão grande temporal, que veio dar á coſta junto de Pam, que era de hum genro d'ElRey de Bintam noſſo imigo. O qual em lugar de tratar mal a Duarte Coelho, o agazalhou, e aos que com elle ſe ſalváram; e per derradeiro, por cauſa da prática que Duarte Coelho com elle teve ſobre as couſas de Malaca, e d'ElRey de Bintam ſeu ſogro, com quem naquelle tempo eſtava mal, elle ſe fez vaſſallo d'ElRey D. Manuel, promettendo de lhe dar cada anno em ſinal de obediencia hum vaſo de ouro, que pezaſſe quatro cates, pezo que naquellas partes ſe uſa. E poſto que eſta obediencia, a que elle voluntaria ſe ſometteo, durou pouco, e quaſi fez eſta obra em odio de ſeu ſogro por paixões que entre ambos havia, e principalmente por ElRey de Bintam neſte tempo eſtar mui quebrado, e elle queria eſtar ſeguro de nós, e não perder o trato de Malaca, que lhe importava muito, ao menos naquelle tempo ſalvou a Duarte Coelho, e o enviou a Malaca em navio ſeu. Quizemos aqui dar razão deſta vinda

de

de Duarte Coelho, posto que foi já no fim de Fevereiro do anno de vinte, em que governava Diogo Lopes de Sequeira, por não quebrar o fio da historia, que importa mais a continuação della, pois não são annaes, que sobresaltalla por causa dos tempos, quanto mais que delle se dá tambem razão. E por este mesmo respeito, pois Duarte Coelho quasi em modo de posse de nosso descubrimento arvorou aquelle divino sinal de Cruz, mysterio de nossa Redempção, como padrão de eterna memoria, em huma das mais populosas Cidades daquelle grande, e illustre Reyno de Sião; necessario he que demos aqui noticia delle, por este ser o mais proprio lugar em que o podemos fazer, posto que em a nossa Geografia se faz mais particularmente.

CAPITULO V.

Em que se descreve o grande Reyno de Sião, e algumas cousas notaveis delle.

EM as partes de Asia que descubrimos, ha tres Principes Gentios, com que temos communicação, e amizade, aos quaes podemos chamar Emperadores de toda a gentilidade Oriental, que habita a terra firme della; porque debaixo de seu imperio ha muitos Reynos, e potencias, que nesta nos-

nossa Europa podiam constituir hum poderoso Principe. O primeiro, e mais Oriental he ElRey da China, de que logo daremos alguma noticia; e o segundo a elle vizinho ElRey de Sião, de que ora a queremos dar; e o terceiro ElRey de Bisnaga, de que adiante tambem a daremos. E não tratamos aqui dos Principes, que vizinham com estes dentro pelo sertão, assi como ElRey de Orixá, e ElRey de Bengála, que tem muitos portos do mar, que nós navegamos, e com que temos commercio, posto que são senhores de grandes estados; porque ainda que estes sejam mui poderosos em terra, povo, trato, e riqueza, não se podem comparar aos tres que dissemos. Cá debaixo delles ha Principes seus vassallos, que se fossem os seus estados nesta nossa Europa, podiam constituir grandes Reynos, e principados: a maior parte dos quaes he do povo Gentio, de que aquella terra do Oriente he a madre a mais politica delle, porque a do Ponente habitada de Gentio he a mais barbara de todolos barbaros. E porque melhor se entendam as demarcações, e figura do estado, e Reyno deste Rey de Sião, de que ora queremos fallar, e assi fique na memoria huma imagem pera o que havemos de escrever dos de Bisnaga, Bengála, e Pegu, tornaremos á demonstra-

tração, que já fizemos atrás, fallando da maritima costa da India té o fim do Oriental da China. Quem na mente quizer receber a terra destes Reynos, vire a mão esquerda com a palma pera baixo, e aparte o dedo pollegar do segundo chamado index, ou mostrador, e depois aparte este index dos tres seguintes, os quaes cerre, e encurte pelo primeiro nó, que he quasi o meio, per onde elles levemente se encurtam, e estendem. E depois que tiver assi a mão, olhe que a costa da India lhe fica ao longo do dedo pollegar da banda de fóra, e esta he a parte do Ponente, e na ponta delle he o cabo Comorij, que está em altura do polo Arctico sete gráos e meio. E na ponta do segundo dedo index, que está ao Levante, ante de chegar ao fim delle, que está em tres quartos de gráo da mesma parte, fica em dous a Cidade Malaca. Figure mais, que defronte do primeiro dedo pollegar, quasi da banda de dentro, está a Ilha Ceilão, a mais austral ponta da qual fica em seis gráos, e na ponta do index está a Ilha Çamatra, per meio da qual passa a linha equinocial. Os quaes cabos, e Ilhas são das mais notaveis partes, que a India tem, e que ante de nosso descubrimento em alguma maneira eram sabidas, e notas aos antigos Geografos, ainda que per modo

con-

confuso. Todo aquelle vão assi largo, como fica entre estes dous dedos, he o mar da enseada de Bengála chamado assi do mesmo Reyno Bengála, cuja costa fica a mais curva desta enseada, occupando aquella distancia, que se faz entre os nós dos dous dedos, quando começam a sahir da mão, a qual distancia quasi toda fica retalhada com as bocas do rio Gange, que per alli entra no mar. E no meio do dedo pollegar, onde elle tem o nó, apartada da costa obra de setecentas leguas, alli póde situar a Cidade Bisnaga, de que todo o Reyno tomou o nome, o qual participa de dous mares. Da banda de dentro com o de Bengála, que lhe fica no Levante; e de fóra com o mar da India, em que tem poucos portos; e esta he a largura deste Reyno, hum dos tres Gentios que nomeámos, e o seu comprimento he do nó té o fim do dedo demarcado per esta maneira. Da banda de fóra, que he do Ponente, fica toda a terra Malabar, que occupa não ainda o terço da largura deste dedo, porque sómente he huma faixa de terra mui estreita, e toda a mais terra he de Bisnaga. E do nó pera cima contra a mão, que he a parte do Norte, lhe ficam estes dous estados, o Reyno Decan, que tem todo o maritimo da parte do Ponente, e o Reyno Orixá,

que

que tem o maritimo do Oriente, o qual fica entre este Reyno Bisnaga, e o de Bengála, e pelas costas vizinha com o Reyno Decan. Passando-nos ao segundo dedo index, ou demostrador, toda a distancia que está entre o primeiro nó, quando elle sahe da mão, ao segundo desta parte do Ponente, que he o mar de Bengála, he do Reyno Arracão, que vizinha com o de Bengála, que lhe fica ao Norte, e o de Pegu que jaz ao Sul. E ambos pela parte do Oriente vam dar nas serranias, e terras dos Reynos Avá, e Bremá, os quaes correm ao longo do dedo pelo meio delle, porque já da outra parte, onde elle faz outra enseada com os tres dedos dobrados, aquelle he o maritimo do Reyno de Sião, o qual participa de dous mares; porque com huma chave de terra vem tomar outra costa maritima da parte do Ponente, que he na enseada de Bengála, começando do nó onde acaba Pegu té o terceiro nó do mesmo index, onde jazem as Cidades, Rey Tagala, Tavam, Pulor, Meguim, Tenasarij, e Cholom: os Governadores das quaes, ainda que se intitulam por Reys, são sujeitos ao estado de Sião. Finalmente tirando o que occupam os dous Reynos Arracão, Pegu, e Malaca, que está no fim do dedo index, os limites da qual tem aquella propor-

porção de terra que tem a unha no dedo, todo o mais delle he do Reyno Sião té a juntura que elle faz com a mão. Verdade he que aquella parte, que cérca a unha, e chega té aquella juntura a ella conjunta, posto que foi de seu estado, alguns Mouros que lhe não obedecem, se tem feito senhores do maritimo, porque o interior mais he povoado de bestas feras, que de homens, ou que tem vida dellas. E no fim do dedo, onde se elle ajunta com os outros tres seguintes, faz huma pequena enseada, porque sahem hum poderoso rio chamado Menão, que na lingua delles quer dizer mãi das aguas, o qual vem fendendo de alto a baixo todo o Reyno de Sião, começando no lago Chiamay, que está em trinta gráos de altura da parte do Norte, té se metter no mar em altura de treze, com que toda a terra deste Reyno fica entre os dous nervos, que correm té a juntura do braço, e governam os dous dedos index, e o do meio. Porque á semelhança desta demonstração contém este Reyno de comprimento vinte e dous gráos, que são leguas Hespanhoes, per que sempre nesta nossa historia fallamos, trezentas e trinta e duas leguas e meia. E pela parte do Ponente, indo sempre pelo nervo do dedo index, confina com as serranias, que córtam de Norte Sul, on-

de

de jazem os Reynos Avá, e Bremá, e Jangomá. E pelo ſegundo nervo com hum dos mais notaveis rios daquelle Oriente chamado pelos Siames Mecon, que quer dizer Capitão das aguas, porque traz tanta cópia dellas, que quando vem ſahir ao mar naquelle nó do terceiro dedo do ſegundo nervo que diſſemos, ante de ſahir a elle, retalhando a terra per muitas partes, por ſe eſtender, faz hum lago de mais de oitenta leguas em comprimento, com que fica dividindo eſtes dous Reynos, o de Camboja pegado com o de Sião pela parte maritima da pequena enſeada, que diſſemos, e o de Choampá, que fica no Oriente delle; e hum, e outro entram mui pouco pelo ſertão da terra, que na figura que fizemos he todo o corpo da mão. E onde ella ſe ajunta com o collo do braço, alli ſe atraveſſam humas ſerranias tão aſperas, como os Alpes, em que habitam os póvos chamados Gueos, que pelejam a cavallo, com os quaes continuadamente ElRey de Sião tem guerra, e vizinham com elle ſómente pela parte de Norte, ficando entre elles os póvos Laos, que cércam todo eſte Reyno de Sião, aſſi per cima do Norte, como do Oriente ao longo do rio Mecon, os quaes vam vizinhar com a grande Provincia China, que contém em ſi os dedos derradei-

ros

ros com todo o reſto da mão, e pela parte do Sul ficam a eſtes Laos, os dous Reynos Camboja, e Choampá, que são maritimos. Os quaes Laos, que per eſte modo vam cercando deſtas duas partes Norte, e Levante o Reyno de Sião, por ſerem ſenhores de tão grandes terras, que contém em ſi tres Reynos, todos são ſujeitos a eſte Rey de Sião, poſto que muitas vezes ſe rebelam contra elle. E ſe lhe alguma obediencia dam, he porque os ſegura dos póvos Gueos, que diſſemos, por ſerem homens tão feros, e crueis, que comem carne humana; e ſegundo o uſo delles, e lugar de ſua habitação, parece ſerem aquelles póvos que Marco Paulo diz em o livro que eſcreveo de ſua peregrinação, habitarem hum Reyno, a que elle chama Cangigu. Porque eſtes Gueos, a que elle não dá nome, como ao Reyno, geralmente ſe pintam, e ferrão per todo corpo ao modo que fazem eſtes de que elle falla, e vemos os Mouros de Berberia ferrados, couſa que em todas aquellas regiões não ſabemos que outra gente o faça. E como habitam em altas, e aſperas ſerranias, onde os ninguem póde entrar, deſcem daquelles lugares fragoſos ás terras chans dos Laos, e fazem nellas grande eſtrago. E tanto, que ſe não foſſe pola potencia deſte Rey de Sião,

que

que com grande número de gente a cavallo, e de pé, e Elefantes de guerra vai contra elles, já os Láos foram destruidos, e as mesmas terras de Sião tomadas por elles. Contra os quaes indo ElRey de Sião huma vez, era presente hum Portuguez per nome Domingos de Seixas, homem de boa linhagem, o qual foi levado cativo com outros nossos a este Rey de Sião, (como a historia adiante dirá,) e o teve vinte e cinco annos, no qual tempo pola experiencia que teve delle ser homem cavalleiro, e de sua pessoa, o fez Capitão de gente. E segundo a informação que delle houvemos, neste ajuntamento de gente que ElRey fez pera ir a esta guerra, levaria vinte mil homens de cavallo, e estes cavallos não são grandes, como os de Hespanha, mas pequenos, e porém mui rijos, e aturadores de trabalho. A gente de pé eram duzentos e cincoenta mil homens, e Elefantes dez mil de peleja, e de carga, porque este he o Reyno em que ha maior cópia delles, que em parte alguma, e de que os Reys se mais servem. E a fóra elles, levou grande número de bois, e bufaros, que tambem lhe serviam de carga; e quando na terra per onde foi lhe desfalecia o mantimento, servia-lhe este gado de provisão delle. E esta gente, que então ElRey levou,

he

he a ordenada, que fempre tem feita pera qualquer accidente de guerra que fobrevier ao Reyno, a qual ElRey tem repartida per capitanías, e fenhores, a que elle dá terras, e comedías pera iffo, e são obrigados que do dia que os chamarem a tres feguintes, hão de eftar poftos no campo, e em caminho pera onde os mandarem ir. A qual gente ElRey faz fem dar oppreísão ao Reyno, porque per efte modo he paga á fua cufta; e quando quizeffe ajuntar mais, podia poer em campo hum conto de homens, ficandolhe todalas fronterias, em que tem pofta gente de guarnição provídas do feu ordinario. Porque o Reyno he grande, e mui povoadas as Cidades, e povoações delle; cá fómente da Cidade Hudiá, que he a cabeça do Reyno Sião, onde ElRey refide, lança de fi cincoenta mil homens. E fe quizeffe levar gente dos outros Reynos, de que he fenhor, não teria conta, mas ordinariamente per conftituição, e confelho, eftá affentado não trazer em feus exercitos fenão dos proprios Siames, por cautela de fe não fiar de outra nação, ainda que fejam feus fubditos, cá não querem que lhe faibam fua ordenança, modo, e avifos nas coufas da guerra. Os quaes Siames de nove Reynos, de que o Principe daquelle eftado he fenhor, fómente povoam dous: o primeiro

he onde eſtá a Cidade Hudiá, que da parte do Sul vem enteſtar com as terras de Malaca, ao qual elles chamam Muantay, que quer dizer o Reyno de baixo. E neſte Muantay ſe comprendem eſtas Cidades portos de mar, Pangoçay, Lugo, Patane, Calantam, Talingano, ou Talinganor, e Pam. Em cada huma das quaes eſtá hum ſeu Governador, a que elles chamam Oyá, dignidade como ácerca de nós Duque, e alguns delles ſe tem intitulado por Reys, porque tem polo ſertão muita terra. Dos quaes o mais vizinho ao noſſo Reyno Malaca he Pam, que já lhe não obedece, e aſſi fazem outros acima, como ſe convertem á ſecta de Mahamed. O ſegundo Reyno continuado a eſte pela parte do Norte, he Chaumúa, os póvos do qual tem lingua per ſi; e propriamente o Reyno, a que nós chamamos Sião, nome entre elles mui eſtranho, e impoſto pelos eſtrangeiros áquelle ſeu eſtado, e não per elles. Tres, que eſtam ſobre a cabeça deſtes, são dos póvos Láos, que (como diſſemos) obedecem por temor: ao primeiro chamam Jangamá, cuja principal Cidade ha nome Chiamay, donde muitos por cauſa della chamam ao Reyno Chiamay: ao ſegundo Chancray Chencran: e o terceiro Lanchaã, que he abaixo deſtes, e vai vizinhar com o Rey-

no

no Cachó, ou Cauchichina, como lhe nós chamamos, os quaes póvos Láos tem lingua per si. Tem mais dous Reynos, que hum vizinha com o outro, ambos maritimos: o primeiro chamado Como: e o segundo Cambója, cada hum dos quaes tem lingua propria. Da parte do Ponente lhe fica o Reyno Chaidóco, que tem lingua per si, e a este se segue o Reyno Bremá, que vai correndo estreito, como huma faixa contra o Norte per muita distancia, mudando quasi a terços o nome, porque em baixo se chama Bremá Ová, e logo Bremá Tangut, depois Bremá Pram, e mais acima Bremá Becá, e por cabeça Bremá Limá, os quaes tem lingua propria, posto que nesta differença de terras variam pouca cousa. Finalmente todos estes sete Reynos, tirando os dous que dissemos serem da propria lingua dos Siames, como são gente estrangeira, e conquistada per elles, o temor, e necessidade os faz subditos a ElRey de Sião, e com elles sempre tem que fazer em seus alevantamentos. Os quaes com toda a outra terra que tem por vizinhança he de gente idólatra, e quasi em todalas cousas de sua crença se conformam, por tudo ser trazido da religião dos póvos da Provincia China, que foi já senhora deste estado. Tem os Siames que Deos he Creador do Ceo, e da

Terra, e que dá gloria ás almas dos bons, e inferno ás dos máos, e que a alma do homem tem dous espiritos custodes, que a guardam, e hum que a tenta. Geralmente esta gente dos Siames he mui religiosa, e amiga de veneração de Deos, porque lhe edificam muitos, e mui grandes, e magnificos Templos, huns delles de pedra, e cal, e outros de tijolo, e cal; nos quaes Templos tem muitos idolos de figuras de homens, os quaes elles dizem estar no Ceo, porque vivêram bem na terra, e que tem suas imagens por sua lembrança, mas não que as adorem. Entre estes tem hum de barro, que jaz dormindo encostado sobre humas almofadas do mesmo barro, o qual será de cincoenta passos de comprido, a que elles chamam Pai dos homens, e dizem que Deos o mandou do Ceo, e não foi creado na terra, e que delle nascêram alguns homens, que foram martyrizados por Deos. E a maior figura destas, que tem de metal entre outras muitas que ha naquelle Reyno, he huma, que está em hum Templo da Cidade Socotay, que elles dizem ser a mais antiga do Reyno, o qual idolo he de oitenta palmos, e daqui pera baixo té da estatura de homem tem grande número delles. Os Templos são grandes, e sumptuosos, e nisto despendem os Reys muito, e

to-

todo o Rey, como herda o Reyno, em louvor de Deos logo começa hum Templo, e delles fazem dous, e tres, aos quaes elles dotam grandes rendas. Todos estes templos como são grandes, logo lhes fazem huns pyrames mui altissimos, isto tanto por ser figura dedicada a Deos, como por ornamento do templo, ao modo que se cá fazem os curucheos; peró estes são de pedra, ou de tijolo. Do meio pera cima dourados de ouro de pão, sobre betume que dura per muito tempo, e pera baixo he todo pintado de cores, e per remate delle em todo cima, assi como nós pomos grimpa, põem elles huma maneira de sombreiro, e em roda da aba muitas campainhas, assi leves em seu movimento, que com qualquer ar que lhes dá tangem. Os Sacerdotes destes Templos são mui venerados, e elles em seu modo religiosos, e tão honestos, que dentro nas officinas de suas casas não póde entrar mulher, nem querem ter gallinhas, por serem femeas; e se algum he comprendido em cousa de mulher, logo he punido, e lançado fóra da casa. Seu habito he de panno de algodão, e de cor amarella, porque todo amarello por a semelhança que tem com o ouro, he dedicado a Deos, e he tão comprido, que lhe chega té os artelhos, ao modo do habito dos nossos Religiosos.

Só-

Sómente tem esta differença, que o braço esquerdo trazem nú, e daquelle hombro pera a parte direita lhe atravessa huma tira de panno comprida, ao modo de estola, de que usam os nossos Sacerdotes chamados Diaconos, que dizem o Evangelho, a qual apertam com outra que lhe cinge o habito, e nesta tira atravessada está a denotação de Religioso, como na terra Malabar a linha vermelha dos Bramanes lançada a este modo. Trazem mais por religião andarem rapados, e descalços, e na mão hum abano de papel grande da figura de huma adarga, com que cobrem a cabeça do Sol, e amparam o rosto da gente, quando prepassam per elles, e no tempo das chuvas trazem capellos na cabeça. São homens mui temperados no comer, e beber; e se algum beber vinho, he entre elles tão grande peccado, que o apedrejam por isso. Tem muitos jejuns per todo anno, principalmente em hum tempo, em que geralmente todo povo concorre aos Templos ouvir sermões, ao modo que nestas partes da Christandade se costuma nas Quadragesimas. Tem algumas festas principaes, e todas são no principio da Lua nova, ou quando está chea, e o rezar delles he em coro de dia, e de noite a certas horas. Nestes Sacerdotes está toda a doutrina, porque não sómente estudam

dam nas cousas de sua religião, mas ainda na revolução do Ceo, e dos Planetas, e nas cousas da Filosofia natural. Tem que o Mundo teve principio, e que houve diluvio geral, e que o termo da duração do Mundo he de oito mil annos, de que já são passados seis mil, e disto davam alguns d'outros razão o anno de mil e quinhentos e quarenta a hum Domingos de Seixas, de que atrás fizemos menção, que lhe perguntava por estas cousas. Dizem que a fim do Mundo ha de ser per fogo, e que neste tempo se abriráõ no Ceo sete olhos de Sol, e que cada hum successivamente seccará huma cousa, té que aos cinco seccará o mar, e que nos dous ultimos se queimará toda a terra, na cinza da qual ficaráõ dous óvos, macho, e femea, de que se tornaráõ a prüduzir todalas cousas, de que o Mundo se tornará reformar. E que não haverá nelle mar de agua salgada, senão rios que reguem a terra, a qual será mui fertil, e dará seus frutos sem trabalho dos homens com que elles vivam a seu prazer perpetuamente. Fazem o anno de doze mezes, e começam o seu anno na primeira Lua de Novembro; e a causa he, porque entre elles neste tempo começa o verão, e os rios mettidos na madre trazem suas aguas claras. E como ácerca de nós a cada hum dos mezes attribui-

mos

mos hum ſigno do Zodiaco , notado per huma figura de animal , aſſi elles denotam os ſeus per eſtas. Ao primeiro , que he Novembro , dam a figura de Rato ; a Dezembro , Vaca ; a Janeiro , Tigre ; a Fevereiro , Lebre ; a Março , Cobra grande ; a Abril , Cobra pequena ; a Maio , Cavallo ; a Junho , Cabra ; a Julho , Bogio ; a Agoſto , Gallinha ; a Setembro , Cam ; a Outubro , Porco. São grandes Aſtrologos , e não movem hum pé ſem eleição de tempo pera ſeus orapoſtos ; e poſto que ſigam as horas do Sol , não tem relogios de ſombra , e pera o decurſo do dia , e da noite ſómente nas caſas d'ElRey ha relogio de agua , que de dia , e de noite ſe vigia ; e ao tempo das horas dam tantas pancadas em hum atabaque , que ſe houve per toda a Cidade , e a tempera ſua eſtá calculada pelo aſcendente do Sol. E com eſta aſtronomia , e aſtrologia de que uſam , tambem miſturam outras artes que della dependem , como Geomancia , Piromancia , e mil modos de feiticeria , e eſta per doutrina da gente Quelin da coſta Choromandel , a qual por eſta cauſa he mui eſtimada naquelle Reyno , e vem a elle a ler eſta crença. A outra doutrina commum , aſſi como ler , eſcrever , e artes liberaes , os meſtres dellas são os meſmos Sacerdotes nos proprios Templos , e alli vam

os

os meninos aprender eſtas couſas delles ; e aſſi como os mandamentos , e ceremonias de ſua religião aprendem na lingua da terra , aſſi as couſas da ſciencia enſinam em lingua antiga , que he ácerca delles como entre nós a lingua Latina. Eſcrevem ao noſſo modo da mão eſquerda pera a direita, tem grandes livrarias todas de mão , por não terem impreſsão , como os Chijs. Todo eſte Reyno , tirando as partes per que o confrontamos com os outros póvos , que são partes montuoſas , e de grandes arvoredos , e alagadiços , que quaſi são limites de huns ſe demarcarem com outros , a mais terra delle he chã , e de campinas , principalmente aquella que vem regando o rio Menam , que faz o Reyno mui abundoſo de todalas ſementes , e mantimentos. A' agricultura dos quaes a gente ſe dá mais , que ao outro exercicio , e por eſta cauſa he eſte Reyno pouco frequentado per via de commercio : cá onde não ha mecanica , não ha obras que os póvos eſtranhos lhes vam comprar. E algumas mercadorias que tem , as quaes procedem do Reyno Chiamay , aſſi como prata , pedraria , almiſcre , (eſte Reyno Chiamay vizinha com o chamado Tongu , que he a cabeça dos póvos Brammás , os quaes confinam dentro pelo ſertão com Pegu ,) todas ellas vaſam por eſte Reyno maritimo ,

e por

e por Martabam, por a grande navegação que tem com a India, que lhes fica mais vizinha per o mar de Bengála, que per o de Sião. Ha neste Reyno ouro, prata, e os outros metaes, e delles se leva pera outras partes; verdade he que a prata lhes vem das serranias dos póvos Láos. Geralmente todo Sião he mui sujeito a seu Rey, porque todos vivem delle: cá ninguem tem hum palmo de terra que seja propria, toda he delle, ao modo que neste Reyno de Portugal são os Reguengos, que são as melhores empolas, e Comarcas da terra, que os primeiros Reys tomáram pera si em lugar de patrimonio; e quem lavra na tal terra, paga a ElRey o quarto. Assi neste Reyno de Sião todo he Reguengo, de que os lavradores pagam hum tanto a ElRey, ou aos senhores, a quem elle dá algumas terras pera sua mantença. A repartição das quaes he per huma medida, a que elles chamam cem, a qual contém em si vinte braças em quadrado; e seiscentos cens destes he huma medida itineraria per que medem os caminhos, e distancias que ha de lugar a lugar, per a qual nós assentámos toda a Geografia daquella região em as nossas Taboas. E pera que os vassallos se animem a servir seu Rey, principalmente aquelles que servem na guerra, são seus serviços escritos em Livro;

e em

e em modo de Chronica: estes actos dos homens são lidos ante ElRey, assi pera com a lembrança haverem igual premio de seu serviço, como pera gloria de seu nome aos que delle descenderem, e todos são pagos nestes rendimentos da terra, della se dá per annos, e alguma em vida da pessoa, e nenhuma de juro. O qual modo não sómente usa com a gente nobre, mas ainda com os senhores que tem nome de Oyas, que entre elles he o que ácerca de nós denotam Duques, e dahi pera baixo a outras dignidades. Cá todos estes, peró que d'ElRey tinham Cidades, e Villas com jurdição ao nosso modo, não tem este dominio senão por annos, ou em sua vida, e todos com obrigação de o servirem na guerra com tanta gente de cavallo, e de pé, e tantos Elefantes. E porque maior parte dos meritos, pera haverem estas comedías, está no uso da guerra, ainda que estem na paz, sempre se exercitam nos actos, e manhas della; e algumas festas que ha no anno, que ElRey muito celébra em a Cidade Hudiá, todas são ordenadas a este fim de os homens mostrarem suas habilidades nas armas. Huma destas festas se faz no rio Menam, onde se ajuntam mais de tres mil paraos, e parte-se este acto em dous, ao modo que os Romanos faziam as suas naumachias; porque de-

depois que tem curſo de quem chegará primeiro a hum poſto á força de remo, entram na peleja de huns com outros. A feſta da terra he de ſe encontrarem a cavallo, e em Elefantes, e pelejarem a pé de eſpada, e eſcudo huns com outros, e delles com alimarias feras, e alguns condemnados á morte são lançados a ellas; e ſe fica com vitoria, além de ter vida, tem mercê d'El-Rey. Finalmente todos ſeus exercicios são ordenados a eſte acto de guerra; e peró que ſejam homens que ſe prezam della, e cavalleiros de ſua peſſoa, e principalmente os das Comarcas, onde eſtam ſituadas as Cidades Suruculoeo, e Socotay, que são do Reyno Chaumúa, o mais da vida geralmente gaſtam em delicias, e vicios. Porque naturalmente são comedores, ſem fazerem exceição de alguma immundicia, aſſi das que cria o mar, como da terra, e mui dados a mulheres, e tão cioſos dellas, que aſſi o Rey, como todo homem nobre da caſa pera dentro, onde ellas eſtam, não lhe entra macho, todo o ſerviço he de mulheres, e tem porteiras que guardam eſtas entradas. E ſegundo dizem, tem elles razão, por ellas ſerem taes neſta parte da caſtidade, que hão miſter vigiadas; porque como ſe ellas prezam de mulher ſer inventor daquelle torpe uſo dos caſcaveis, que os homens enxe-

riam

riram na parte da geração, (segundo contámos, fallando de Pegu,) e assi se prezam que a deleitação deste bestial uso he mais seu, que dos homens, todo o mal que nessta parte dellas se puder presumir, se deve crer. Muitos, e varios costumes tem esta gente, e o seu Principe, que leixámos pera os Commentarios da nossa Geografia, o dito baste pera noticia deste tão grande Reyno.

CAPITULO VI.

Como ElRey D. Manuel mandou Fernão Peres d'Andrade descubrir a enseada de Bengála, e a costa da China: e o que passou primeiro que fosse á Cidade Cantam, que he a principal de huma das Provincias que a China tem.

ALém dos trabalhos, e diligencia que Affonso d'Alboquerque teve em quanto governou o estado da India, e conquistou os Reynos, e terras, que per seu falecimento ficáram á Coroa deste Reyno, teve mais hum vivo, e natural espirito ácerca de inquirir todolos Reynos, e Provincias daquelle Oriente, trabalhando por saber o estado dos Principes dellas, e como se governavam, e os tratos, e commercios que entre si tinham, provocando-os em nossa amizade per todolos modos, e meios que

que elle podia. A qual diligencia, e industria, (salva a graça dos outros Governadores, que o succedêram,) a elle se póde attribuir como propria prerogativa. Donde na tomada de Malaca, (segundo escrevemos,) naquelle pequeno espaço de tempo que nella esteve, enviou seus mensageiros a Sião, a Maluco, a Pegu, á Jauha, e á China. E de Ormuz, quando o tomou, enviou Fernão Gomes de Lemos ao Xeque Ismael Rey da Persia, que naquelle tempo era o terror das gentes daquellas regiões, tudo porque o nome Portuguez fosse conhecido no interior dellas, pois o maritimo per potencia de armas a elle obedecia. E ao tempo que partio de Malaca, huma das principaes cousas que encommendou a Ruy de Brito Patalim, que leixou nella por Capitão, e depois a Jorge d'Alboquerque, quando o mandou de Cochij a servir este cargo, era, que não partisse navio de mercadores daquella Cidade, onde não fosse hum Portuguez homem de bom espirito, e disposição pera trazer informação do que visse, e ouvisse daquellas regiões, e tantas mil Ilhas, como aquelle mar Oriente tem. O que estes Capitães fizeram em todo o tempo que residíram naquella Cidade Malaca, donde no tempo de sua monção, (de que atrás escrevemos,) partíram pera aquellas

las partes. Das quaes ElRey D. Manuel tinha grandes informações, não sómente per os primeiros mensageiros que Affonso d'Alboquerque per si mandou, mas ainda pelo cuidado que estes Capitães tiveram. E como ElRey estava avisado da grandeza daquelle Oriente, e da muita riqueza que nelle havia, assi de cousas notaveis, como artificiaes: determinou enviar huma Armada a este descubrimento, principalmente a Bengála, e á China, por lhe dizerem serem os Reynos do maior commercio, e os mais ricos, e poderosos que havia do Cabo Comorij em diante. A capitanía da qual frota, que havia de ser de quatro vélas, que na India se haviam de armar, deo a Fernão Peres d'Andrade, que naquellas partes, principalmente em Malaca, tinha mostrado quanto nelle cabia este, e outros cargos de maior qualidade, o qual (como escrevemos) partio com Lopo Soares, e elle o espedio, tanto que chegou á India, pera ir fazer este descubrimento. Fernão Peres seguindo sua derrota, o primeiro porto que tomou, foi em a Cidade Pacem, cabeça de hum dos Reynos que tem a Ilha Çamatra, á qual os Geografos, (como adiante veremos,) erradamente fizeram terra firme, e não Ilha, como he, chamando-lhe Aurea Chersonezo. Onde pela ordenança que leva-

va,

va, havia de tomar carga de pimenta da muita que nella ha, e outras mercadorias que tem grande preço na China, a qual elle fazia fundamento ir primeiro descubrir, e depois a Bengála, e costa de Pegu. No qual porto de Pacem achou Gaspar Machado com alguns Portuguezes, que alli estavam per mandado do Capitão de Malaca, feitorizando carga de pimenta aos juncos, que hiam a Bengála, e á China ordenados pela Feitoria de Malaca, segundo o modo que ordenára Jorge de Brito, que foi huma das causas de se despovoar a Cidade, como escrevemos. E Manuel Falcão andava tambem com huma galé fazendo arribar a Malaca todalas náos, que alli vinham ter de Bengála, Choromandel, Cambaya, pera que fossem com suas mercadorias a ella. A qual cousa os Mouros não queriam fazer sem esta força, e isto em odio nosso, trabalhando por avocarem alli todo genero de commercio, assi das cousas que havia na terra, como das que costumavam ir a Malaca, por desfazerem em o trato della, e desfeito, nós leixariamos a povoação, por a terra em si não ter cousa que nos obrigasse a sustentalla. Recebido Fernão Peres do Rey da terra com grande honra, e começando entender em o negocio da carga da pimenta, aconteceo que per descuido

dos

dos marinheiros, da pevide de huma candeia, que foi levada abaixo pera tomar agua, a náo em que hia Joannes Impole por Capitão, e Feitor, ardeo com quanta fazenda levava debaixo da cuberta, sómente se salvou a de cima com toda a gente. Quando Fernão Peres vio que per aquelle desastre, por ser a maior náo que levava em sua companhia, ficava desaviado, e esperar per outra náo, que em Malaca lhe havia de ser dada pera novamente começar tomar outra carga de pimenta, perdia a monção, e tempo em que lhe convinha partir pera a China, determinou de se ir a Malaca, e com as mercadorias que lhe haviam de dar na Feitoria, e o mais que deste Reyno levava, e se salvou do fogo, fazer huma viagem a Bengála, e descubrir primeiro esta enseada, e da vinda ir á China. Com o qual fundamento pera nesta sua ida a Bengála ser melhor recebido quando lá chegasse, determinou de mandar diante hum João Coelho em a náo do Mouro Gromalle, parente do Governador de Chatigam, com as cartas, e recado que atrás dissemos, quando tratámos do que elle fez nas cousas de D. João da Silveira. Chegado Fernão Peres a Malaca com este fundamento de ir a Bengála, em nenhum modo o consentio Jorge de Brito, que era Capi-

 tão

tão della, ante lhe requereo da parte d'El-Rey, que como cousa muito importante a seu serviço, elle fosse primeiro á China, dando pera isso muitas razões. A principal das quaes era, que Jorge d'Alboquerque tinha enviado lá Rafael Perestrello em hum junco de hum mercador, que alli vivia chamado Pulate, o qual parecia ser reteudo na China, por ser já passado o tempo em que se esperava por elle. Finalmente por estas, e outras cousas do serviço d'ElRey, e bem do credito daquella Cidade Malaca, posto que era já tarde pera a navegação daquellas partes, Fernão Peres se partio a doze de Agosto do anno de quinhentos e dezeseis; e ainda pera maior impedimento, foram os tempos tão mortos, que chegou meado de Setembro á vista da costa do Reyno de Cochij China. Na qual paragem, por ser no fim do tempo da monção, lhe deo hum temporal por davante, que o fez arribar á costa do Reyno Choampá, com todolos navios que levava; sómente hum junco, em que hia Duarte Coelho, que desta feita foi ter ao rio Menam, que corre per meio do Reyno de Sião, onde invernou, (como ora atrás dissemos,) na qual costa elle Fernão Peres correo maior perigo de sua vida, que em toda a tormenta, per esta maneira. Como por razão das calmarias

que

que trouxe , ante que lhe sobreviesse este tempo , hia necessitado de agua , passou-se a huma caravella , de que era Capitão Antonio Lobo Falcão , e leixou recado ás outras vélas que levava , que corressem a costa sempre á vista delle , por quanto se queria chegar bem a terra , pera a descubrir , e ver se achava lugar onde fizessem aguada , e quando a achasse , lhe faria sinal. Indo com este proposito ao longo da terra , tão perto que podiam notar a qualidade della , onde a vio verde , e huns corregos dispostos pera nelles haver agua : surta a caravella , sahio alli em hum batel , postos dous berços com hum bombardeiro pera servir com elles , e a mais gente eram marinheiros , e grumetes com barris pera tomarem agua , e Antonio Lobo Capitão da caravella , com que per todos seriam nove pessoas. Tomando os barris pera irem buscar agua , leixou dous grumetes em guarda do batel hum pouco largo , com aviso que tivessem olho se vinha alguem , e que fizessem sinal , tirando com hum dos berços ; mas elles tiveram tão bom cuidado , que por razão da grande calma que fazia , se sahíram do batel , e foram-se lançar a dormir debaixo de humas arvores. Hum dos quaes depois que acordou , pelo que vio , foi-se pelo corrego acima em pés , e mãos , sem ousar de se er-

guer, onde achou Fernão Peres em hum ribeiro, o qual eſtava enchendo os barris de agua, e quando o vio vir daquella maneira, perguntou-lhe: *Que couſa he eſſa?* O grumete como hia cortado do medo, não reſpondeo, mas apertou os beiços com o dedo, fazendo-lhe ſinal que ſe calaſſe. Fernão Peres, porque os da companhia não ouviſſem o que dizia, parecendo-lhe algum myſterio, apartou-ſe com elle. Do qual ſoube que por razão da grande calma que fazia, ſe foram lançar debaixo de huma arvore á viſta do batel; e que acertando de dormir, quando acordáram, víram éſtar o batel em ſecco, e derredor delle mais de cincoenta homens, e que eſta fora a cauſa de ir a elle em pés, e mãos, e o outro ſeu companheiro ficava eſcondido á viſta do batel, pera ver que faziam delle. Quando Fernão Peres ſoube deſte perigo, diſſimulou com Antonio Lobo, e diſſe-lhe: *Ficai aqui com eſta gente, e não façais muito rumor, que eu quero ir ver o que eſte vio, que me parece ſonho, porque elle vem de dormir debaixo do pé de huma arvore*; e tomando huma lança, e adarga, diſſe ao grumete: *Anda por hi diante. Senhor* (diſſe elle) *não vá voſſa mercê aſſi, ſenão em pés, e mãos, como eu venho, por não ſer viſto.* Ao que Fernão Peres reſpondeo: *Amigo, eu já lei-*

xei de engatinhar, faze o que te digo, anda diante, não hajas medo. Indo per este modo o mais encubertamente que pode, quando chegou onde o outro grumete ficava escondido, vio estar o batel na praia atravessado, e os berços fóra, e muitos homens á sombra delle com lanças, e arcos; o número dos quaes, (segundo sua estimação,) lhe pareceo ser de setenta pessoas. Tornado onde leixou Antonio Lobo, por não enfraquecer o animo dos que com elle estavam, disse: *Bem sabia eu que sonhára o grumete.* O caso he este: *Elle, e seu companheiro lançáram-se a dormir ao pé de huma arvore, com que o batel ficou em secco: derredor delle lançados á sombra estam dez, ou doze homens da terra, compre que nós vamos caladamente té as arvores, onde estes grumetes jaziam, e dalli remettamos com huma grande grita, e ninguem entenda senão em pôr hombros ao batel, porque se nos puzeremos a pelejar com os Negros, per ventura appellidarão gente da terra, que nos dê algum trabalho, pera nos impedir a embarcação.* Ditas estas palavras, tomou Fernão Peres a dianteira; e tanto que chegou ao lugar assinado, sahio com huma grita, com que fez fugir a gente tão sem tento, que leixáram os mais delles as armas, e fato que traziam, no qual reboliço

os

os nossos aos hombros puzeram o batel na agua, e se recolhêram nelle. Fernão Peres como se vio recolhido, mandou bradar per huma lingua que levava aos que fugíram, os quaes tambem já tornavam sobre si do primeiro assombramento que tiveram; vendo quão poucos eram os nossos. E chegados espaço que podiam estar á falla, mandou-lhes Fernão Peres lançar as armas, e cousas que leixáram, e assi alguns barretes vermelhos, e brincos de cousas miudas, que os marinheiros levavam. Com as quaes assi ficáram domesticos, que não sómente naquelle instante per meio delles os nossos houveram a agua que buscavam, mas ao segundo dia, por elles dizerem a Fernão Peres que tinham alli perto huma povoação, mandou elle recado ás outras vélas que hiam de largo, as quaes fizeram sua aguada, e houveram muito refresco de gallinhas, e mantimentos da terra, que lhe esta gente trouxe. Partido Fernão Peres, foi ter a huma Ilha chamada Pullo Candor; Pullo em lingua Malaya de Malaca quer dizer Ilha, Candor he o proprio nome; e daqui se póde entender, que quando nesta historia fallarmos por este nome Pullo, não he proprio, mas commum. Na qual Pullo Candor, ainda que era despovoada, por ser mui frequentada dos navegantes, onde geralmen-
te

te fazem aguada, e ás vezes tiram os navios em terra, ha tantas gallinhas das que elles alli leixam, que tiveram os nossos hum grande refresco nellas, e assi em outro muito genero de aves que ha nella, e principalmente tanta tartaruga, e variedade de peixes, que puderam carregar as náos. E o porque a elles foi mais novo por té então as não terem visto naquellas partes, foi acharem algumas parreiras de uvas pretas no tempo que se acham inda entre nós: cá era no fim de Setembro. Partido Fernão Peres della, foi ter á costa da terra firme, que corre de Malaca pera o Reyno Sião, e tomou o porto da Cidade Patane, que he do mesmo Reyno, onde concorrem muitas náos de Chijs, Lequios, Jáos, e de todas aquellas Ilhas vizinhas, por ser em trato do commercio mui célebre, e ora por causa nossa com a tomada de Malaca, he mui frequentada de toda a mercadoria daquellas partes. Finalmente Fernão Peres assentou paz com o Governador da terra, pera nossas náos poderem ir a ella, e as suas virem a Malaca, e daqui veio correndo todolos portos daquella costa, fazendo outro tanto, donde se causou que Jorge de Brito logo lá mandou, e assi fizeram todolos outros Capitães de Malaca, por acharem ser negocio proveitoso, em quanto não rompêram a paz.

E ao

E ao tempo que chegou a Malaca, achou que era vindo da China Rafael Perestrello, que elle hia buscar, o qual com as cousas que de lá contava, e com o grande ganho que fez do que levou, e trazia, alvoroçou tanto a Fernão Peres, e aos de sua frota, que houve por melhor fazer primeiro aquella ida, que a de Bengála. Per conselho do qual, logo em Dezembro Fernão Peres se partio pera Pacem fazer carga da pimenta; e por esta ser a melhor mercadoria que lá podia levar, e neste porto se deteve té Maio, em que houve espaço pera Simão d'Alcaçova, que era hum dos Capitães de sua Armada, ir á India carregar a sua náo, e tornar. Partido Fernão Peres deste porto de Pacem pera Malaca, chegou a tempo que Jorge de Brito Capitão della era falecido; e sobre quem sería Capitão, havia entre Nuno Vaz Pereira cunhado delle defunto, e Antonio Pacheco Capitão mór do mar grande contenda a quem serviria este cargo, (como atrás fica.) Entre os quaes elle Fernão Peres se metteo pera os concertar; e vendo que era já em Junho do anno de dezesete, tempo em que lhe convinha partir, por não perder a monção pera a China, leixou-os em suas differenças. Fazendo sua viagem com huma Armada de oito vélas, de que eram Capitães das sete

Si-

Simão d'Alcaçova, Jorge Mascarenhas, Jorge Botelho de Pombal, Antonio Lobo Falcão, Pero Soares, Manuel d'Araujo, e Martim Guedes, com as quaes a quinze de Agosto do anno de dezesete chegou á Ilha Tamão, a que os nossos chamam da Beniaga, que quer dizer mercadoria, vocabulo daquellas partes, já tão recebido entre elles, que o tem feito proprio. E a causa por esta Ilha ser assi chamada, he, porque todolos estrangeiros que vam á Provincia de Cantam, he a maritima mais Occidental, que o Reyno da China tem, a ella por ordenança da terra hão de ir surgir, por estar per espaço de tres leguas da terra firme, e alli provém os navegantes do que vam buscar. E porque as cousas desta região da China são tão grandes, como a mesma terra he, posto que em a nossa Geografia damos toda a relação que della temos sabido; aqui summariamente de algumas cousas o queremos fazer, começando primeiro na descripção da terra, e cousas dos moradores della, e deshi a daremos da Cidade Cantam, cabeça de huma das governanças, que esta região China tem, onde Fernão Peres esteve, e fez todo o negocio a que foi.

CA-

CAPITULO VII.

Em que se descreve a terra da China relata algumas cousas que ha nella e principalmente da Cidade Cantam, que Fernão Peres hia descubrir.

A Grão Provincia, (se este nome póde ter aquella parte da terra, a que nós chamamos China,) he a mais Oriental que Asia tem; a maior parte da qual he lavada do grande Oceano, á maneira que he a nossa Europa opposita a ella, começando da Ilha Cález. Porque como desta Ilha ella vai torneada, e cingida do mar Occidental, e depois que chega ao cabo de Finis terra, corre ao Norte té chegar ás regiões, e Reyno Dinarmaca, e de si faz a grande enseada, a que chamam mar Balteo entre a Sarmacia, e Norduegia, com o mais que se vai continuando com a terra Laponia, e a outra regelada a nós incognita; assi esta região, a que chamamos China, começando da Ilha Aynam, que he a mais Occidental que ella tem, vizinha ao Reyno Cácho per nós chamado Cauchimchina, que he do seu estado, o mar a vai cingindo pela parte do Sul, e corre nesta continuação pelo rumo, a que os mareantes chamam Lesnordeste,

en-

encolhendo-a quanto póde pera o Norte té chegar a hum cabo o mais Oriental della, onde está a Cidade Nimpó, a que os nossos corruptamente chamam Liampó. E daqui volta contra o Noroeste, e Norte, e vai fazendo outra enseada mui penetrante, levando per cima de si outra costa opposita á de baixo, com que a terra de cima fica mettida debaixo dos regelos do Norte, onde habitam os Tartaros, a que elles chamam Tátas, com quem tem contínua guerra. A qual semelhança entre estes dous fins da terra habitada, não está tanto em situação de gráos, quanto em modo de figura; porque a Ilha Cález está em altura de trinta e sete gráos escaços do nosso pólo Arctico; e muita parte da terra desta Europa, quanto ao per nós sabido, acaba em altura de setenta e dous gráos. E a Ilha Aynam está em dezenove gráos, e a terra da China, a que ella está conjunta, (á maneira que Cález o está com a nossa Europa,) a parte della, de que temos noticia, acaba em cincoenta gráos de altura, a fóra o mais que a ella vai continuada. Da qual distancia podemos tirar a grandeza deste estado, pois que em largura, (fallando nas mensuras Geograficas,) esta terra da China tem trinta e hum gráos, e a nossa Europa trinta e cinco gráos. E não fallamos na longura, por-

que

que por razão da differença dos parallelos, os quaes ainda não temos verificados pelo inſtrumento de que uſamos na deſcripção das Taboas da noſſa Geografia, pera eſte lugar leixámos a ſua diſtancia. Sómente notaremos aqui huma maravilhoſa couſa, que tem eſta região da China na traveſſa da ſua largura, que he a longura ao reſpeito de como contamos a graduação da terra: que entre quarenta e tres, e quarenta e cinco gráos vai lançado hum muro, que corre de Ponente de huma Cidade per nome Ochióy, que eſtá ſituada entre duas altiſſimas ſerras, quaſi como paſſo, e porta daquella região, e vai correndo pera o Oriente, té fechar em outra grande ſerrania, que eſtá bebendo em aquelle mar Oriental em modo de cabo, cujo comprimento parece ſer mais de duzentas leguas. O qual muro dizem que os Reys daquella região da China mandáram fazer por defensão contra os póvos, a que nós chamamos Tartaros, e elles Tátas, ou Táncas, (ſegundo lhe outros chamam,) poſto que além do muro contra o Norte ainda tem eſtado ganhado a eſtes Tátas. Eſte muro vem lançado em huma carta de Geografia de toda aquella terra, feita pelos meſmos Chijs, onde vem ſituados todolos Montes, Rios, Cidades, Villas, com ſeus nomes eſcritos na letra delles, a qual man-

dá-

dámos vir de lá com hum Chij pera a interpretação della, e de alguns livros seus, que tambem houvemos. E ante desta carta tinhamos havido hum livro de Cosmografia de pequeno volume com Taboas da situação da terra, e Commentario sobre ellas á maneira de Itinerario; e ainda que nelle não vinha este muro figurado, tinhamos informação delle. E o que sobre isso nos davam a entender era não ser per todo continuado, sómente haver entre os Chijs, e os Tátas huma corda de serras mui asperas, e em alguns passos estava este muro feito; mas agora que per elles o vimos pintado, fez-nos grande admiração. A qual carta, posto que não vem agraduada sómente pera demostração, o Livro das Taboas, que de ante tinhamos, responde a ella na mensura itineraria, de que elles usam, que são tres, ao modo de estadio, milha, e jornada, de que nós usamos. A primeira, e menor distancia sua he Lij, que tem tanto espaço, quanto per terra chã em dia quieto, e sereno se póde ouvir o brado de hum homem; dez dos quaes Lijs fazem hum Pú, que responde pouco mais de huma legua das nossas Hespanhoes, porque dez delles fazem jornada de hum homem, a qual elles chamam Ychan. E té ora não temos sabido que situem a distancia da terra per gráos cor-

correſpondentes ao orbe celeſte, poſto que ſabemos terem eſte uſo nos ſeus Horoſcopos, quando uſam da Aſtrologia, de que são grandes homens: e não he muito não haver entre elles eſta maneira de graduação terreſtre, pois té o tempo de Ptholomeu não era uſado dos Geografos. Dentro deſta terra que diviſámos, a qual he toda de hum Principe Gentio, (como já atrás fizemos menção,) ſe contém quinze Reynos, ou principados, a que elles chamam governanças, os nomes das quaes ora tornaremos repetir, Cantam, Foquiem, Chequeam, Xantom, Nauquij, Quincij, que são as maritimas delle. E Quicheu, Junná, Quancij, Sujuam, Fuquam, Canſij, Xianxij, Honam, e Sancij, são do ſertão. Em as quaes, ſegundo moſtra a carta da Geografia que houvemos, contém duzentas quarenta e quatro Cidades notaveis, as quaes todas acabam neſta ſyllaba fú, que quer dizer Cidade, aſſi como Chincheufú, Nimpofú, polas Cidades Chincheu, e Nimpo, onde os noſſos vam fazer ſeus commercios. No qual modo elles ſe conformam com os Gregos, dizendo Conſtantinopolis, Andrianopolis, por as Cidades que edificáram, ou renováram Conſtantino, e Adriano Emperadores, e as mais das Villas tambem tem ſeu termo final, que denota Villa, que he Cheu, a qual
or-

ordem não guardam nas outras povoações, como são Aldeas, posto que ha muitas dellas, que passam de tres mil vizinhos. Nem ácerca delles fazem esta divisão de Villa á Aldea, por razão de muitos, ou poucos povoadores, sómente porque as vizinhas são cercadas de muro, como as Cidades, e mais tem suas insignias, assi na administração de justiça, como nas outras cousas do governo da terra, e preeminencia de honra. Porque como cada huma destas quinze governanças, ou Provincias, tem huma Cidade, que he sua cabeça, a que acodem todalas Cidades que nella ha; assi as Villas acodem ás Cidades do seu termo, e as Aldeas ás Villas. Ás quaes cabeças vam todalas appellações de qualquer caso, ora seja do estado, e justiça, ora da fazenda, ora da guerra, onde residem os Governadores principaes, que presidem áquella governança. O primeiro, e principal, a que elles chamam Tutam, este he Governador das cousas que pertencem ao estado, e administração da justiça; e o do regimento da fazenda se chama Concam; e o Capitão geral da guerra, Chumpim. E posto que cada hum destes, debaixo de sua jurdição, tenham grande número de Officiaes, com que servem particularmente seus officios com casas proprias; em huma, que he a principal

da

da Cidade pera isso ordenada, cada mez em certos dias se ajuntam todos tres a communicar as cousas principaes, que sobrevem diante de cada hum, isto em modo de consulta, pera com mais maduro conselho determinarem as cousas. Os quaes cargos naquella Cidade não lhes duram mais que tres annos, e ainda muitas vezes no meio tempo, sem o elles saberem, são sobresaltados, com que os tiram dos taes cargos, e os mudam pera outra parte, e isto quando as culpas são leves, porque nas graves gravemente são punidos, té o castigo chegar á morte; per esta maneira. O Rey, e Principe deste grande Imperio, dos homens que andam derredor delle, elege hum de que muito confia, e da-lhe de beber tres vezes do vinho que elles lá usam, isto em modo de juramento, e menagem, e manda-o a huma cabeça destas Provincias, ao qual dá tanta jurdição, e authoridade, que segundo qualidade do crime, elle o possa castigar sem vir mais elle a ElRey, e isto com todo o segredo que póde ser; porque ainda que leva Provisões assignadas pelo Principe, fallam geralmente que lhe obedeçam, mas não particularizam o lugar onde vai, por não ser sabido dos Officiaes que fazem as Provisões, sómente elle que verbalmente lho diz ElRey. Partido com estes poderes, chega

ga á Cidade onde he enviado, e desconhecido, vê, e ouve como cada hum daquelles Officiaes serve seu cargo; e depois que tem informação das obras de cada hum, o dia que os tres Governadores se ajuntam, vai diante delles como homem que quer requerer alguma cousa. E apresentando a Provisão que trás d'ElRey, elles se descem da cadeira onde estavam, e se põem ante elle que sobe no seu lugar, esperando elles que sentença ouvirão de si, a qual por grave que seja no culpado, logo he executada; e este Superior, (a que elles chamam Ceuhij,) provê de outros novos Officiaes; e aos que servem bem, muda pera outros officios de mais confiança na mesma Provincia a que he enviado. Tem ainda o Principe deste Imperio outra ordem na maneira de o governar, que os Officiaes do governo da justiça não hão de ser naturaes da terra, mas estrangeiros, á maneira que neste Reyno de Portugal se usam os Juizes, que chamam de Fóra, e isto por administrarem justiça em toda pessoa, sem affeição de parentesco, ou amizade; e os Capitães da guerra hão de ser naturaes da propria terra: cá dizem elles que o amor da patria lhes fará trabalhar mais pola defender. E bem como os Gregos em respeito de si todalas outras nações haviam por barbaras, assi os Chijs dizem que

elles tem dous olhos de entendimento ácerca de todalas cousas; e nós os da Europa, depois que nos communicáram, temos hum olho, e todalas nações são cégas. E verdadeiramente quem vir o modo de sua religião, os Templos desta sua santidade, os Religiosos que residem em Conventos, o modo de rezar de dia, e de noite, seu jejum, seus sacrificios, os estudos geraes onde se aprende toda sciencia Natural, e Moral, á maneira de dar os gráos de cada huma sciencia destas, e as cautélas que tem pera não haver sobornações, e terem impressão de letra muito mais antiga que nós, e sobre isso o governo de sua républica, a mecanica de toda obra de metal, de barro, de páo, de panno, de seda, haverá que neste Gentio estam todalas cousas de que são louvados Gregos, e Latinos. A qual gente, por não perder nome de Conquistador, já seguio este modo, conquistando per dentro da terra, té vir ter ao Reyno de Pegu, no qual ainda hoje estam obras de suas mãos com letras que o dizem, assi como sinos de metal de mui descompassada grandeza, e bombardas da mesma sorte, donde parece que primeiro este uso se achou entre elles, que ácerca de nós; e em hum campo no Reyno Avá ao Norte de Pegu entre estas duas Cidades, Piandá, e Mirandú, se

acham

acham grandes ruinas de huma Cidade, que elles alli edificáram. E não sómente estes Reynos nomeados, mas quantos compreendem em si o grande Reyno Sião, de que atrás escrevemos, com os Reynos Melitay, Baçam, Chalam, Varagú, que ficam ao Norte de Pegu, com outros do interior da terra que com elles vizinham; todos em alguma maneira observam, e guardam parte da religião delles Chijs, e o conhecimento da sciencia das cousas naturaes, contam do anno per mezes da Lua, doze Signos do Zodiaco, e outras noticias do movimento dos corpos celestes. Porque no tempo que per elles foram conquistadas aquellas partes, leixáram semeada esta doutrina; e ainda em modo de reconhecimento que todos estes Reynos foram conquistados daquelle Imperio da China, quasi té nosso tempo de tres em tres annos, os Reys delles lhe mandavam seus Embaixadores com algum presente. Os quaes Embaixadores sempre haviam de ser de quatro pera cima; porque primeiro que chegassem a este grande Emperador Principe daquelle estado, era tamanha a distancia do caminho, e tardavam tanto tempo em serem ouvidos, e despachados, que primeiro morriam hum par delles; e quando a doença os não matava, em algum banquete lhe davam cousa com que os enterra-

 vam.

vam. Ao qual, ou quaes faziam huma ſumptuoſa ſepultura com letreiro, em que ſe continha quem era, e per quem fora mandado, tudo por perpetuar a memoria de ſeu Imperio. Porém aſſi neſta conquiſta terreſte que tiveram, como na per mar; quando vieram á India, (como já diſſemos,) tiveram maior prudencia, que os Gregos, Cathaginenſes, e Romanos; os quaes, por cauſa de conquiſtar terras alheias, tanto ſe alongáram da patria, que a vieram perder; peró os Chijs não quizeram experimentar eſte total damno. Antes vendo como a India lhe conſumia muita gente, muita ſubſtancia de ſeu proprio Reyno, e que eram avexados dos vizinhos, em quanto elles andavam derramados conquiſtando o alheio, havendo na ſua terra ouro, prata, e todo outro metal, e muita riqueza natural, e tão grão mecanica, que todos tomavam delles, e elles de ninguem: per Decreto de hum Rey prudente, que então governava, tornou-ſe recolher nos termos do eſtado que tinha, fazendo huma pramatica, e defeza, que ſob pena de morte ninguem navegaſſe pera aquellas partes, da qual lei hoje ſe guardam eſtas duas couſas, per terra, nem per mar póde entrar hum ſó homem no ſeu Reyno; e os que entram com algum negocio importante ao ſerviço d'ElRey, he

com

com nome de Embaixador, e os paſſos deſtes são contados per olheiros a iſſo ordenados, que ſe ſabe quanto faz; e té os mercadores, que per terra querem ir a eſta China, ajuntam-ſe muitos, e fazem hum delles cabeça com nome de Embaixador, e com eſta cautéla compram, e vendem. A ſegunda couſa he, que nenhum natural póde navegar pera fóra, e ſoffre-ſe alguns que vivem nas Ilhas pegadas na terra firme, irem a parte que torne aquelle anno, e pera eſta tal ida pede licença aos Regedores da terra, e dá fiança de tornar em tal tempo, e não ha de levar navio, que paſſe de cento e cincoenta toneladas; e ſe pede licença pera maior, não lha querem dar, cá dizem que quer ir longe do Reyno; e ſe alguns eſtrangeiros per mar lá vam, e a eſtas Ilhas, e alli meios furtados, vem os da terra comprar, e vender, e per eſta maneira o fazem hoje os noſſos; porque ainda que Fernão Peres d'Andrade deſta vez aſſentou paz, e amizade com elles, foram lá depôis outros, que fizeram obras com que elles ficáram de guerra comnoſco. A gente deſta Provincia Cantam, onde elle eſteve, em reſpeito da outra que vive mais vizinha ao Norte, he como a gente de Africa aos Alemães, aſſi no parecer, na alvura, e trajo, como no tratamento de ſua peſſoa, de

ma-

maneira, que os debaixo parecem escravos dos de cima. Sómente por respeito do commercio nesta Cidade Cantam, a gente se trata bem, e he rica no seu modo: cá por razão delle, concorrem das outras Provincias do sertão muitas mercadorias de toda sorte, e assi de diversas nações delles, que já variam a lingua natural de Cantam, posto que entre si se entendem quasi ao modo dos Gregos, contrahendo os vocabulos huns mais que outros. Geralmente são homens delgados em todo negocio, principalmente em o da mercadoria; e nos da guerra mui astuciosos, e que em artificios de fogo pera guerra naval, pola experiencia que os nossos tem, não hão inveja aos da Europa, e já quando lá fomos, tinham artilheria. Porém depois que víram a fórma da nossa, logo tomáram o modo, porque são tão excellentes fundidores, que lavram o ferro em vasos do serviço de casa, como vemos o latão de Nurumberga, e he levado per mercadoria per todas aquellas Ilhas do grande Oriente; mas por ser ferro pedrez, quebra como vidro. As mulheres são de bom parecer em seu modo, e tratam-se muito bem, e elles são tão ciosos dellas, que poucos lhas vem; e quando hão de ir fóra, vam mettidas em andas todas cubertas de seda em collos de homens rodeadas de servidores:

e pe-

e peró que todos geralmente tem duas, ou tres mulheres, huma só, que he a primeira, tem por legitima na estimação. Assi ellas, como elles são mui mimosos, e deliciosos no trajo, no serviço de suas pessoas, e no comer dispendem tanta substancia, como tempo, porque tudo são banquetes, em que gastam dias, e noites de maneira, que lhes não chegam Framengos, nem Alemães. Nos quaes banquetes ha todo genero de musica, de volteadores, de comédias, de chocarreiros, e toda outra deleitação, que os póde alegrar. O serviço do qual comer he o mais limpo que póde ser, por ser tudo em procelana muito fina, posto que tambem se servem de vasos de prata, e ouro, e tudo comem com garfo feito a seu modo, sem pôr a mão no comer, por miudo que seja. Peró tem huma differença dos banquetes de cá, porque de dous em dous tem huma meza pequena, posto que na casa haja cincoenta convidados, e a cada sorte de iguarias ha de vir serviço novo de toalhas, pratos, facas, garfos, e colheres. E de ciosos não comem as mulheres com elles, sendo logo servidos naquelles banquetes per mulheres solteiras, que ganham sua vida neste officio, as quaes são quasi como chocarreiros, porque todo o serviço da meza se passa com graças, assi dellas, como dos

outros miniſtres alugados pera iſſo. As mu-
lheres proprias, poſto que não eſtem neſtes
banquetes, com ſuas amigas no interior das
caſas fazem outro, onde não entra homem,
ſómente alguns cégos, que tangem, e can-
tam. Geralmente os homens nobres tem
grandes apoſentos, com pateos, alpendres
cubertos, jardijs, e tudo são caſas terreas
ao menos na Cidade Cantam, e todo o ma-
ritimo que os noſſos víram; e de ouvida
dizem que nas Provincias mais ao Norte
ha edificios ſobradados. Quaſi a maior par-
te deſtas Provincias, ou governanças, (co-
mo lhe elles chamam,) principalmente as
maritimas, todas são retalhadas com rios,
delles de agua doce, e outros são eſteiros
de ſalgada, que entram muito pela terra,
e por ſer mui chã o maritimo della parece
alagadiça, não o ſendo; mas per induſtria
dos naturaes trazem o habitado della á ma-
neira de hum pomar regado. Donde vem
que ha tanta cópia de barcos da ſerventia
deſtes rios, que parece habitar tanta gente
na agua, como na terra; porque os bar-
queiros, como aquella he ſua herança, al-
li trazem mulher, filhos, e ſua fazenda a
hũma parte da barca cuberta á maneira de
caſa, e a outra parte tambem cuberta, ſe-
gundo o tempo do anno, pera os paſſagei-
ros. E como qualquer rio for grande, e
lar-

largo, per que humas possam ir, e outras vir, quasi todo está coalhado de outros barcos estantes á maneira de vendas, onde se acham todalas policias, que póde haver nas Cidades. Finalmente he gente que per industria de ganhar de comer não ha cousa que não invente, té carretas á véla nos lugares de campina, as quaes governam como podem fazer a hum barco per hum rio, onde a gente caminha ao modo dos carros de Frandes, e Italia, posto que tem outros de cavallos. A Cidade Cantam, onde Fernão Peres esteve, não sómente pela informação que tivemos delle, e de outros que foram em sua companhia, mas per hum debuxo do natural delle, que nos de lá trouxeram, sabemos estar situada ao longo de hum destes rios navegaveis, que dissemos, o qual á entrada da barra tem algumas Ilhas povoadas de agricultores, e dalli té a Cidade corre o rio em largura de duzentos passos, e de altura de tres té sete braças, todo pela margem povoado de lugares pequenos viçosos. O assento da Cidade he em campo chão, e gracioso com agricultura delle; sómente quasi no meio della dentro dos muros está hum tezo alto, que parece huma teta, onde está edificado hum sumptuoso Templo, que com seus curucheos á maneira de pyrames, de que elles usam,

do

do cimento té o cume, faz moſtra da Cidade mui formoſa, além de outros Templos que ella tem, que ſe não moſtram tanto, e aſſi as caſas, porque (como diſſemos) todas são terreas. O circuito do muro della parece que ſerá mais de tres milhas, não tanto per eſtimação de viſta, quanto per conta; porque huma noite, em que elles fazem feſta ſolemne de grandes illuminarias, ao modo que nós celebramos á veſpera de S. João Baptiſta, hum Antonio Fernandes homem curioſo dos que levava Fernão Peres, eſtando neſte tempo dentro na Cidade, (porque de dia não ouſava de o fazer,) correo per cima do muro toda a Cidade, e contou noventa torres, que eram ao modo de baluartes. Todo eſte muro he alomborado per fóra, aſſentado ſobre a face da terra ſem outro alicerce, liado de canteria, e cal, e tão groſſo no pé, que quando vem a reſponder ao meio, he tres vezes menos em largura; e per cima per onde ſe elle corre todo ſerá mais de vinte palmos, entulhado per dentro mais das duas partes da altura delle, que poderá ſer de quarenta palmos, o qual entulho ſahio de huma cava mui larga, que cheia de agua tornea todo eſte muro, ficando entre elle, e ella eſpaço tão largo, que poderáõ ir a par ſeis homens a cavallo, e per dentro do

mu-

muro outros tantos de maneira, que se possa todo ver, e servir de dentro, e de fóra, sem algum edificio de casas lhe fazer nojo. Em cada huma das quaes torres ha huma maneira de guarita, ou guarida, (que he mais Portuguez,) cuberta do Sol, e da chuva, onde per ordenança da Cidade todalas noites estam vélas que vigiam. O que faz esta situação da Cidade mais formosa na ordem das casas he ter duas ruas feitas em cruz, que tomam quatro portas da Cidade, das sete que tem de sua serventia, e assi estam direitas, e compassadas, que quem se põe em huma porta, póde ver a outra defronte. Sobre as quaes duas ruas todalas outras vam ordenadas, e á porta de cada casa está plantada huma arvore, que tem todo anno folha, sómente pera sombra, e frescura, e assi postas em ordem, que per o pé de huma se podem com a vista enfiar o de cada huma das outras. Nas sete portas per que se a Cidade serve ha sete pontes de pedra, e cal., e cada porta tem huma torre com a entrada requestada per tres portas, que passando huma fica defensão na outra; e se alguns barcos querem ir per debaixo da ponte, bem o podem fazer, que a cava tem altura pera ser navegada, peró ha de ser indo elles desemmasteados. Em cada huma das portas da entrada da Cidade

ha

ha hum homem como Capitão da guarda, que tem comſigo miniſtros, ſem leixar entrar ſenão homem natural, e conhecido; e dos naturaes nenhum póde levar armas, ſómente os que são miniſtros da guarda della, como cá são os ſoldados, que per ſeu trajo são conhecidos. A gente eſtrangeira, que alli vem ter das outras Provincias, e de fóra da China, pouſa em hum arrabalde, que a Cidade tem, e porém não ha de haver homem, que ſe não ſaiba donde he, a que vem; e ſe he vádio, logo he prezo. Finalmente he o governo, e prudencia deſta terra tal, que as mulheres ſolteiras vivem fóra dos muros, por não corromper a honeſtidade dos Cidadãos, e não ha homem do povo que não tenha officio. Donde vem que não ha pobre que peça eſmola, porque todos ou com os pés, ou com as mãos, ou com a viſta, hão de ſervir pera ganhar de comer, e de cegos haverá dentro na Cidade paſſante de quatro mil, e eſtes ſervem de moer nas atafonas em mós de braço, aſſi trigo, como arroz. As outras couſas da grandeza deſta terra, e do ſeu governo, e coſtumes, (como diſſemos,) ſe guarda pera os livros da Geografia, baſte o dito pera entendimento do que Fernão Peres aqui paſſou, de que queremos dar relação o mais breve que pudermos.

CAPITULO VIII.

Do que Fernão Peres passou em quanto esteve na China.

AO tempo que Fernão Peres começou a entrar pelas Ilhas adjacentes ao porto da Cidade Cantam, e Ilha Tamou, ou da Beniaga, segundo lhe os nossos chamam, (como dissemos,) primeiro que tomasse o pouso nella, per conselho de Pilotos Chijs que levava, achou huma Armada dos mesmos Chijs de muitas vélas com hum Capitão, que per ordenança da Cidade andava em guarda da costa; porque os navios que vinham a seu porto com mercadorias, e mantimentos não fossem roubados dos cossairos, que ás vezes vinhäm andar naquella paragem. Fernão Peres, posto que foi logo quasi rodeado deste Capitão, e tentado com alguns tiros de bombarda de ferro fracos pera saberem se era homem de guerra, se de paz, não respondeo com sua artilheria, ante se leixou ir todo aquelle dia embandeirado, mandando tanger suas trombetas, e fazer todolos outros sinaes de paz, posto que hia apercebido pera pelejar, se os Chijs quizessem vir a mais que áquella tentação. Ao seguinte dia nesta ordenança, levando sempre á ilharga aquella Armada

dos Chijs, foi Fernão Peres ancorar na Ilha Beniaga em hum porto chamado Tamou, onde achou Duarte Coelho, que havia hum mez que chegára; o qual (como dissemos) quando se delle apartou com o temporal, foi invernar ao rio de Sião, e desta vinda topou com huma Armada de trinta e cinco vélas de Chijs cossairos, com que pelejou animosamente, e quasi entre elles esteve de todo tomado. Do qual Duarte Coelho, como Fernão Peres soube que aquella Armada, que vinha ladrando trás elle, andava alli per ordenança da Cidade Cantam por causa dos cossairos, mandou hum recado ao Capitão della, fazendo-lhe saber quem era, e como vinha com huma embaixada delRey D. Manuel de Portugal seu Senhor a ElRey da China, e que por vir acaso de paz mais que de guerra, não respondêra á tentação della, que lhe os seus navios fizeram. Ao que este Capitão respondeo, que elle fosse mui bem vindo, e já per aquelle navio de sua companhia, que havia dias que viera ante elle, tinha sabido como elle partíra de Malaca; e per os Chijs que a ella hiam, tambem tinha noticia da verdade, e cavalleria dos Portuguezes. Que qualquer cousa que houvesse mister, mandasse pedir ao Pio da Villa de Nantó, que viria estar diante, o qual era seu superior, por-

que.

que elle não tinha mais jurdição que andar em guarda das náos, que áquelle porto viessem, por não receberem algum damno de cossairos, e que se tornava ao mar a esse officio. O Pio, a que este Capitão encaminhava Fernão Peres, era hum homem que servia hum cargo, como entre nós o officio de Almirante do mar, e era nome do officio, e não da pessoa. O qual, por razão daquella governança de Cantam ser a mais requestada de estrangeiros, e mais célebre em o trato do commercio, residia naquella Villa Nantó, e alli ordenava todalas Armadas pera guarda da costa, e tinha cuidado de fazer saber á Cidade Cantam que navios eram alli chegados, e donde vinham, e o que traziam, e queriam, e assi de os mandar prover do necessario, de maneira, que não se bolia hum batel sem licença, e ordenança sua. Fernão Peres como teve este recado do Capitão, e soube de Duarte Coelho que já estava instructo em o regimento daquelle porto, ordenou de enviar a Nantó hum homem com seu recado ao Pio; mas elle como official diligente anticipou em mandar outro perguntar a elle Fernão Peres quem era, e o que queria. Ao qual elle deo razão de si, e que a principal causa de sua vinda era trazer hum Embaixador, que ElRey de Portugal, cujo

Capitão elle era, mandava a ElRey da China com cartas sobre assento de paz, e amizade: que lhe pedia houvesse por bem de lhe dar Pilotos, que com aquellas vélas que trazia o mettessem dentro na Cidade Cantam. Tornado este mensageiro a Fernão Peres, trouxe por resposta do Pio muitas palavras de contentamento de sua vinda, e offerecimentos do que houvesse mister; e quanto á sua ida a Cantam não podia ser sem primeiro o mandarem os Governadores da Cidade, que lhe faria saber de sua vinda; e como a resposta viesse, elle lha enviaria. Passados alguns dias, em que Fernão Peres esperou este recado, mandou fazer lembrança ao Pio; mas elle satisfazia tudo com desculpas, dizendo que não podia fazer mais, que a notificação que tinha feito de sua vinda aos Governadores das Cidades. E sobre este negocio houve tantos recados de parte a parte, que enfadado Fernão Peres desta dilação, mandou tirar do porto da Ilha alguns navios pera se pôr em caminho, e com os Pilotos Chijs, que trouxera de Malaca, metter-se em Cantam. Mas parece que não queria sua dita que tão levemente fizesse este caminho, porque não eram os navios fóra do porto, quando saltou hum temporal travessão, que muitas vezes alli acode: com que elle Fernão Pe-

res

res não teve outro remedio de se salvar, senão cortar mastos, e arrazar castellos, que he toda a segurança que tem os juncos, que se alli acham no tal tempo, como lhe os Chijs disseram. Com a qual tormenta aos da Villa de Nantó não pezava, porque roubavam muita fazenda dos navios que hiam ter á costa, e tinham grande esperança que, por os nossos serem novos naquelle porto, haveriam boa parte da sua; ou ao menos que desapparelhando os navios, ficariam os nossos o inverno alli, dos quaes haveriam as mercadorias a bom preço. E isto sentio logo Fernão Peres, porque nunca pode haver de Nantó masto, verga, ou taboa alguma pera concertar as náos, que o tempo lhe desapparelhou; e quando vio que tudo lhe havia de sahir de casa, lá andou mudando os mastos de humas náos a outras, e repairando-se de maneira, té que se tornou a reformar. Acabado este trabalho, que o deteve alguns dias, em que houve espaço pera poder vir recado da Cidade Cantam pera a sua ida, quando vio que não vinha, por lhe parecer que tudo procedia de algum particular interesse do Pio, ou cautelas dos officiaes per que aquelle negocio passava, mandou apparelhar dous navios sómente, o de Martim Guedes em que se metteo, e o de Jorge Mascarenhas, e

derredor de si os bateis das outras náos, todos mui bem apparelhados, assi de guerra, como de paz, e partio-se pera o porto de Nantó; leixando por Capitão das outras vélas a Simão d'Alcaçova, com fundamento de mais perto mandar seus recados, e requerimentos ao Pio, que o leixassem ir á Cidade Cantam; e quando lho impedisse, tomar per si a licença. Chegado a Nantó, mandou logo o Feitor da Armada Joannes Impole, mui bem acompanhado de gente limpa, e trombetas, com hum requerimento ao Pio, pedindo-lhe licença pera passar a Cantam, com recado, e Embaixador que levava; e não o querendo fazer, protestava não incorrer em desobediencia das pramaticas dos Governadores de Cantam, por quanto elle se hia aqueixar a elles do que té li era passado. O Pio quando vio esta determinação de Fernão Peres, depois de se desculpar ao Feitor, dizendo não ser o despacho deste negocio nelle, e outras palavras brandas envoltas com algumas amoestações, tomou por conclusão que se detivesse por aquelle dia; e quando o recado não viesse té o seguinte a taes horas, que então lhe dava licença que se fosse em boa hora. E porque este recado não veio, passando o termo que lhe o Pio poz, na ordem em que hia, começou Fernão Peres

fa-

fazer seu caminho; ao qual o Pio, quando o vio partir, lhe mandou Pilotos da terra, que o leváram ante a Cidade Cantam. Ao tempo que Fernão Peres aqui chegou, que foi quasi em fim de Setembro com toda a pompa, e festa que elle pode, não eram na Cidade os tres Governadores, que dissemos haver nella, que eram o Tutam, Cantam, Chumpim, e estava hum chamado per nome de officio Puchancij, que servia em lugar do Tutam, o qual mandou logo recado a Fernão Peres, que se espantava delle naquella sua entrada fazer tres cousas contra a ordenança da Cidade: a primeira vir sem licença dos Governadores della: a segunda, tirar com artilheria: e a terceira, arvorar bandeira, ou lança. Ao que Fernão Peres respondeo o que tinha passado sobre sua entrada com o Pio de Nantó, e que per fim dos recados, que entre elles houve, lhe deo licença, e pera isso lhe mandára Pilotos, que o mettessem naquelle porto. E quanto ás outras duas cousas, em todalas partes, onde os Portuguezes navegavam, as costumavam fazer em final de prazer, e paz, e não lhe eram impedidas, e o mesmo faziam os Chijs, quando chegavam a Malaca, como elle podia saber. A qual Cidade, sendo delRey de Portugal, cujo Capitão elle era, não lhe

punham impedimento algum, ante eram tratados mui bem, como vassallos de hum tão poderoso Principe como era ElRey da China, a quem elle trazia huma embaixada del-Rey seu Senhor, como já teria sabido per o Pio de Nantó: que lhe pedia houvesse por bem dar ordem como pudesse mandar o Embaixador, e presente, que trazia a El-Rey á Corte, onde elle estava. O Puchancij ouvindo estas razões de Fernão Peres, se deo por satisfeito; e quanto ao despacho do Embaixador, mandou-lhe dizer que os Governadores da Cidade eram fóra, e que se esperava por elles cedo, que como viessem, seria despachado; que se entretanto houvesse mister alguma cousa, que de mui boa vontade o proveriam. A ida dos tres Governadores fóra da Cidade, segundo depois pareceo, foi mais artificio pera Fernão Peres ver a magestade, e pompa de suas pessoas quando entrassem nella, que alguma outra necessidade; e ainda pera ver os gráos da precedencia de cada hum, e a differença que a Cidade fazia no seu recebimento, vieram hum, e hum, tomando dia proprio pera isso. E porque gastariamos muito tempo em contar como o Concam, que tem administração da fazenda, que era o primeiro na entrada, foi recebido per todolos officiaes, que estam debaixo de sua juri-

dição, e depois a entrada do Chumpim Capitão da guerra com ſeus miniſtros, e ao terceiro dia como toda a Cidade recebeo o chamado Tutam, que he o mais principal, baſte ſaber em ſomma que todos tres entráram com tanta pompa, como ſe cada hum fora ſenhor da Cidade, principalmente na entrada do Tutam. Porque o rio era coalhado de bateis, todos com bandeiras, e toldos de ſeda, e a terra cuberta do povo da Cidade com feſtas a ſeu modo. E em huma grande praça, onde eſtava hum cais de pedra muito bem lavrado, em que elle deſembarcou, era couſa formoſa de ver a differença que faziam em cores, em trajo, e em número os miniſtros de cada hum deſtes officios da fazenda, da guerra, da juſtiça, e do eſtado: huns, que haviam de ir a pé, e outros a cavallo, e facas guarnecidas eſtranhamente com mais retranças, e borlas do que cá uſámos em huma grande feſta. E neſte meſmo dia todo o muro eſtava embandeirado de bandeiras de ſeda, e nas torres havia maſtos arvorados, de que dependiam bandeiras, tambem de ſeda, que podiam ſervir por véla de hum navio redondo: tanta he a riqueza daquella terra, e tanta a cópia de ſeda, que aſſi gaſtam elles o ouro batido em pão, e a ſeda neſtas bandeiras, como nós gaſtamos as tintas de pou-

co

co preço, e o lenço de linho grosso. Levado o Tutam com esta festa, e apparato a sua casa, Fernão Peres o mandou logo visitar de sua boa vinda, como o tinha mandado fazer aos outros, quando vieram. E teve neste tempo, em quanto elles não vieram, grande resguardo, que nenhum seu fosse á Cidade, nem consentio que Chijs entrasse em os navios, que tambem elles sob graves penas não podiam fazer, senão depois que os navios fossem despachados, e pagassem os direitos á Cidade da mercadoria que traziam. Passados aquelles dias da entrada dos Governadores da Cidade, no qual tempo entre elles, e Fernão Peres houve visitações, ajuntáram-se todos tres em a principal casa de seu despacho, onde quizeram ouvir o que elle Fernão Peres queria, pera lhe responderem á conclusão do caso, posto que já tinham sabido a causa de sua ida. No qual dia Fernão Peres mandou o Feitor da Armada Joannes Impole bem acompanhado de gente vestida de festa, e com trombetas diante, por ir com mais pompa, vendo que os Chijs nestas cousas eram mui fumosos, e que as celebravam com grande apparato, e que com esse estavam esperando este recado. Chegado o Feitor ao cais nos bateis que levava, alli foi recebido de alguns principaes da Cidade,

e le-

e levado aos Governadores; diante dos quaes propoz, como ElRey D. Manuel, que reinava no Ponente da terra chamada Portugal, que descubríra muitas terras, e regiões, té suas Armadas virem ter a Malaca, parte tão remota do seu Reyno, sendo sabedor per hum seu Capitão chamado Affonso d'Alboquerque, que tomou aquella Cidade Malaca aos Mouros, como ao tempo que houvera esta vitoria, achára alli alguns juncos de Chijs, aos quaes elle vingára de algumas tyrannias, que o tyranno daquella Cidade lhe tinha feito, por lhe dizer serem vassallos de hum Principe o mais poderoso de todo aquelle Oriente; e que na communicação que teve com elles, vio ser gente nobre, politica, douta em todo genero de sciencia, e que se não tratava per o modo barbaro das outras nações da India: por causa desta nova, desejando este seu Rey, e Senhor ter conhecimento, e prestança de amor, e amizade com este tamanho Principe, como era ElRey da China, mandára armar alguns navios a elle Fernão Peres seu Capitão pera trazer hum Embaixador com cartas, e presente que alli vinha. O qual Embaixador, e presente elle Senhor Rey, mandava que fosse entregue aos seus Governadores de Cantam, que, (segundo tinha sabido,) per meio delles podia ser enca-

ca-

caminhado á Corte, onde estava o seu Rey, e elle Fernão Peres se tornasse pera Malaca, e no seguinte anno tornaria lá outro Capitão pera trazer o dito Embaixador, porque já neste tempo poderia ser despachado. E por quanto elle Fernão Peres havia dias que era vindo, e fora detido muito tempo per o Pio de Nantó, onde com hum temporal houvera de perder seus navios, lhe pedia que o mais breve que pudesse ser o despachassem. Ouvido este recado pelos Governadores, respondêram a Fernão Peres muitas palavras de contentamento que tinham de sua vinda, e sabiam que havia de ter ElRey da China pola boa fama que naquellas partes havia dos Portuguezes, e do seu Rey. E quanto ao Embaixador, que logo se daria aviamento pera ser agazalhado em terra; e tanto que elles recebessem a entrega delle, escreveriam a ElRey seu Senhor a causa de sua vinda pera saber o que mandava que nisso fizessem, por quanto sem recado seu não podia dalli partir. E se elle Capitão entretanto alguma cousa quizesse da Cidade, ou trazia mercadoria pera fazer commutação com as da terra, que o podia mui bem fazer, e isto sería depois que o Embaixador estivesse em terra. Fernão Peres assi per esta resposta, como per recados, que depois entre elles hou-

houve, ſabido o modo que havia de ter, ordenou de pôr em terra o Embaixador com as peſſoas, que com elle haviam de ficar, e preſente que levava, o qual havia nome Thomé Pires, que Lopo Soares na India eſcolheo pera iſſo. E poſto que não era homem de tanta qualidade, por ſer Boticario, e ſervir na India de eſcolher as drogas de botica que haviam de vir pera eſte Reyno, pera aquelle negocio era o mais habil, e apto que podia ſer; porque além de ter peſſoa, e natural diſcrição com letras, ſegundo ſua faculdade, e largo de condição, e aprazivel em negocear, era mui curioſo de enquerir, e ſaber as couſas, e tinha hum eſpirito vivo pera tudo. Finalmente no dia que Fernão Peres o entregou no cais de pedra com grande eſtrondo de artilheria, e trombetas, e a gente veſtida de feſta, elle com ſete Portuguezes, que ficáram em ſua companhia pera irem com elle a eſta embaixada, foram levados a ſeu apoſentamento, que eram humas caſas das mais nobres que haviam na Cidade. O qual foi logo viſitado dos principaes da Cidade, e os Regedores lhe ordenáram certa couſa pera ſeu mantimento, ſegundo o uſo que a Cidade tem com os Embaixadores; mas Fernão Peres o não conſentio em quanto alli eſteve, dizendo, que depois que eſtiveſſe poſto em

ca-

caminho pera a Corte delRey, que então seguiria o costume da Cidade. Feita esta entrega, mandáram os Governadores pedir a Fernão Peres que houvesse por bem sahir em terra pera ver, e festejar sua pessoa, de que se elle escusou, dizendo que segundo seu uso, tinha dado menagem a ElRey seu Senhor daquelles navios, dos quaes não podia sahir; mas que em seu lugar mandaria o Feitor daquella Armada com algumas mercadorias, que lhe pedia o mandassem agazalhar em alguma casa perto de agua, por estar mais vizinho aos navios, pera o maneio dellas. Ordenada esta casa, mandou Fernão Peres o Feitor, e Escrivão com alguns homens da Feitoria, e mercadorias poucas, e poucas, fazendo seu commercio com o melhor regimento que podia ser, dando licença a alguns homens que fossem á Cidade pera elle tambem desconhecido ter modo como a pudesse ver, e notar as cousas della, como fez. E depois que poz tudo em ordem corrente, succedêram duas cousas, que lhe conveio partir-se dalli: a primeira, vir-lhe nova de Simão de Alcaçova, que fora commettido per alguns juncos de cossairos; mas como elle estava a recado, não puzeram em o effeito seu desejo; e a segunda, adoecer-lhe gente, por aquelle rio ser enfermo aos nossos: e em

quan-

quanto alli esteve, que foi todo o mez de Outubro, lhe morreriam de febres nove homens, o principal dos quaes foi o Feitor Joannes Impole. Assi que por estas cousas, elle se mandou espedir dos Governadores da Cidade, dizendo que se tornava á Ilha Tamou, onde lhe ficáram as náos, pera as ir repairar do damno que tinham recebido no temporal passado, e assi o fez; porque como era já acceito na terra, mór provisão houve de todalas cousas pera se repairar, do que pudéra haver estando na ribeira de Lisboa; tanta he a abastança de tudo naquella terra. E elle foi o primeiro homem, que por ver este bom uso aos Chijs lançou lapes ás náos, e navios que levou, o que se ora costuma entre nós, e assi as varandas sobre o leme fóra do corpo da náo. O qual lapes he hum forro de taboado delgado, que se préga per todo o costado da náo, vindo debaixo té hum pouco acima das cintas, já onde o mar não chega; e entre este taboado novo, e o debaixo se mette hum betume feito de cal, e azeite de peixe, picádo alli do maceme velho da náo, com que a taboa de cima se gruda com a outra debaixo. E depois em lugar de breu, sómente com a cal, e azeite vai o novo taboado cuberto per cima, a qual composição he tão proveitosa ao taboado, que o busano não

en-

entra nelle, e faz-se este betume com agua em pouco tempo quasi pedra. E de ser cousa que faz durar hum junco muito tempo, e o tem estanque de agua, entre os Chijs se acham juncos, que tem quatro, e cinco lapes, com que o costado delles parecem hum muro: peró ficam com esta fortaleza muito pezados na véla. Fernão Peres, porque levava regimento d'ElRey D. Manuel, que se detivesse nestas partes da China o mais tempo que pudesse, por se melhor informar das cousas della, e em quanto esteve naquella Ilha da Beniaga, e vieram alli ter alguns juncos dos póvos, a que chamam Lequios, de que já em Malaca havia grão noticia que habitavam em humas Ilhas adjacentes naquella costa da China, e elle vio que a mais mercadoria que traziam era grande cópia de ouro, e outra de muito preço, e pareceo-lhe mais desposta gente, que os Chijs, e melhor tratados de sua pessoa, desejando ter informação da terra delles per olho dos proprios Portuguezes; ordenou de mandar a isso Jorge Mascarenhas em o seu navio, pera que houve licença dos Governadores de Cantam. O qual Jorge Mascarenhas partio dalli em companhia de alguns juncos, que hiam pera a Provincia Foquiem, que he além de Cantam pela costa em diante contra o Oriente, a qual Provincia

cia os nossos, por razão de huma Cidade, que alli está maritima chamada Chincheo, onde alguns depois foram fazer commercio, geralmente lhe chamam o nome da Cidade. E porque Jorge Mascarenhas foi hum pouco tarde, pera atravessar dalli ás Ilhas dos Lequios, que serão contra o Oriente obra de cento e tantas leguas, a primeira das quaes está em vinte e sinco gráos e meio do Norte, e dahi vam correndo huma corda dellas per o muro chamado Lesnordeste, e des-hi caminho do Norte: havendo conselho com os Pilotos Chijs, que levava, não partio dalli, e leixou-se estar fazendo seu commercio com dobrado proveito do que se fez em Cantam. Porque como aquella parte não he tão frequentada dos mercadores, valem as cousas da propria terra pouco, e as de fóra muito. E neste mesmo tempo espedio Fernão Peres a Duarte Coelho, por estar já de todo prestes, pera levar nova a Malaca como fora recebido o Embaixador que levára, e tinha assentado paz com os Governadores de Cantam, e como nossas cousas eram mui bem recebidas naquellas partes. O qual Duarte Coelho, (segundo atrás fica,) chegou a Malaca no fim de Março do anno de dezoito; e esta boa nova que trouxe, causou armar o Capitão, e Officiaes hum junco pera ir

á Chi-

á China, e assi pera dar nova a Fernão Peres dos trabalhos, em que aquella Cidade estava por causa da guerra que lhe ElRey de Bintam fazia, como pera vir carregado de munições, e mercadoria. Fernão Peres sabendo per Jorge Alvares Capitão deste junco o estado de Malaca, por ser cousa tão importante, mandou logo per terra chamar Jorge Mascarenhas á Cidade Chinchéo, onde soube que estava, e não partíra pola razão do tempo, o qual teve logo este recado per posta que naquellas partes tambem usam. Sómente os correios em lugar de corneta, como usam os nossos, trazem o peitoral do cavallo cheio de muitos cascavéis, assi pera serem conhecidos, como pera com o rugido darem espirito ao cavallo em seu curso, como costumam os Castelhanos da Villa de Xarez, pera correr melhor a carreira. Chegado Jorge Mascarenhas aonde Fernão Peres estava, não teve elle mais que fazer que mandar-se espedir dos Governadores de Cantam, dos quaes tinha nova como lhe era vindo recado do seu Rey, que podia mandar o Embaixador Thomé Pires a elle. E ante de sua partida, em Cantam, e na Villa de Nantó, como naquelle porto de Tamou em que elle estava, mandou Fernão Peres lançar pregões que se queria partir, que se houvesse pessoa que de algum

Por-

Portuguez tiveſſe recebido algum damno, ou lhe deveſſe couſa alguma, vieſſe a elle pera lhe mandar ſatisfazer tudo; a qual couſa foi mui louvada dos naturaes, e nunca entre elles viſta, e houveram ſermos homens de muita verdade, e juſtiça. Partido Fernão Peres com toda ſua frota no fim de Setembro do anno de dezoito, e ſendo tanto avante como a Ilha Aynam, onde ſe peſca aljofre, que he junto de huma ponta da terra da China, quando querem entrar na enſeada Cauchinchina, com tempo ſe perdeo delle o navio Santo André, Capitão Pero Soares com certos Portuguezes. E depois quando Simão d'Andrade irmão delle Fernão Peres foi á China, (como ſe adiante verá,) os Chijs lhe entregáram eſte Pero Soares, e os Portuguezes que foram ter á coſta perdidos. Fernão Peres ſeguindo ſua viagem, quando entrou no eſtreito de Cingapura, que he na coſta de Malaca, per onde entram os que vem daquellas partes, achou Diogo Pacheco com huma Armada, que D. Aleixo de Menezes mandára em guarda delle Fernão Peres, eſperando que por razão da monção do tempo pódia ſer alli aquelle mez, e receber alguma affronta das Armadas d'ElRey de Bintam. Em companhia do qual elle entrou em Malaca mui proſpero em honra, e fazenda, couſas que

pou-

poucas vezes juntamente se conseguem, porque ha poucos homens que per seus trabalhos as merecem pelo modo que Fernão Peres naquellas partes as ganhava.

CAPITULO IX.

De algumas cousas que passáram em Malaca, em quanto D. Aleixo de Menezes esteve nella.

A Chegada de Fernão Peres a Malaca foi mui festejada de todos, não sómente por as cousas que leixava feito na China em favor nosso, por ser terra mui proveitosa pera os que estavam naquella Cidade Malaca, e retorno que vinha a muitos dos que Fernão Peres alli leixára, por mandarem suas mercadorias em os seus navios, mas ainda porque vinha elle mui provído de munições de toda a sorte pera as necessidades que aquella Cidade tinha, de que se elle aprovêra pelo recado que lhe Jorge Alvares levou do estado em que ella ficava. E daquella viagem não sómente á Feitoria de Malaca, mas ainda a todolos que leváram seus empregos naquella Armada, fizeram mui grossa fazenda, assi no que se ganhou na China, como no retorno em Malaca. Affonso Lopes d'Acosta com todolos Officiaes da fortaleza, e assi Duarte de Mello

Ca-

Capitão do mar, e os outros que haviam de ficar por moradores em Malaca, ante da vinda delle Fernão Peres, tinham pedido muito a D. Aleixo que houvesse por bem de irem dar huma vista á força, que o Capitão Ciribiche tinha feito á entrada do rio Muar, donde lhe corria pera lhe desfazerem aquelle covil, e isto ante que D. Aleixo se partisse pera a India. O qual requerimento lhe D. Aleixo não concedeo, porque depois que elle chegou áquella Cidade, cessára o Capitão Ciribiche de vir dar os rebates, que ante dava á Cidade com suas lancharas, sómente com elle Dom Aleixo mandar pôr na boca do rio Muar huma galé, e alguns calaluzes de remo, e isto bastava pera ter aquelle Mouro cercado, sem lhe poder vir mantimento de fóra, com que lhe perecesse a gente á fome. Porém porque Fernão Peres era vindo da China, e além da gente que trouxera, tinha provída a Cidade com muitas munições, o Affonso Lopes se aqueixava a elle D. Aleixo que se queria partir pera a India, e em sua companhia Fernão Peres, com os quaes havia de ir muita gente, e elle ficava com a guerra á porta, quasi querendo encarregar sobre elle D. Aleixo qualquer cousa que por esta causa succedesse: chamou D. Aleixo a conselho todolos Capitães, e no-

notaveis pessoas ; e posto que todos não eram deste voto de Affonso Lopes , todavia por não ter causa de se mais queixar, nem ter que temer daquella parte tão vizinha, ordenou D. Aleixo que o mesmo Affonso Lopes fosse per pessoa com a gente necessaria. E posto que elle se escusava por causa da menagem que tinha dado da fortaleza , D. Aleixo que lha tomára a houve por levantada naquelle caso , e elle D. Aleixo não foi a isso , por trazer por regimento de Lopo Soares que por nenhum caso sahisse de Malaca , pois o não enviava a mais que a prover das desordens della , de que atrás escrevemos. Nem menos foi Fernão Peres , porque não havia de ir debaixo da capitanía de Affonso Lopes , pois não hia o mesmo D. Aleixo. Finalmente foram com Affonso Lopes d'Acosta , D. Tristão de Menezes , D. Rodrigo da Silva , D. Manuel seu irmão , Alvaro de Sousa , Francisco Pereira , Duarte Furtado , Jorge Mascarenhas , Jorge Botelho , Duarte de Mello Capitão mór do mar , Diogo Pacheco , Manuel Falcão , Pero de Faria , Antonio Lobo Falcão , e outros , que hiam por Capitães de calaluzes , e lancharas , e Jorge Mascarenhas que viera da China em o seu navio , que era forte , e maior que as outras vélas , pera com elle poderem abalroar com a tran-

quei-

queira da força, que eſtava na borda da
agua, e com elle ſeriam té trezentos homens
Portuguezes, além de alguns principaes Ma-
laios com gente da terra. Chegada eſta fro-
ta ao rio Muar, foi a tempo que a maré
começava deſcabeçar, e deſcubria huma
groſſa eſtacada, com que os Mouros tinham
atraveſſado o rio hum bom eſpaço da for-
taleza; e porém não tão perto, que com a
noſſa artilheria ella pudeſſe receber damno.
Affonſo Lopes quando vio que não podia
paſſar a eſtacada em a galé, em que hia,
nem menos o navio de Jorge Maſcarenhas,
que era o maior, em o qual levavam mui-
ta artilheria, ſurgio áquem da eſtacada com
toda a frota. Alvaro de Souſa filho de Ni-
coláo de Souſa, e cunhado delle Affonſo
Lopes d'Acoſta, como era mancebo de té
dezoito annos, de animo generoſo, que de-
ſejava ganhar honra naquelle feito, em hum
calaluz, em que levava ſete Portuguezes,
paſſou além da eſtacada, e foi-ſe pôr dian-
te da fortaleza. Affonſo Lopes ſeu cunha-
do quando o vio aſſi deſmandado, e met-
tido em tanto perigo, porque da fortaleza
tiravam com eſpingardas, mandou depreſſa
a Jorge Botelho que em hum calaluz, em
que hia, o foſſe recolher; mas por muita di-
ligencia que Jorge Botelho niſſo poz, quan-
do o recolheo, eſtava ferido dos tiros de

 den-

dentro, de que logo morreo em Malaca. Jorge Botelho por lhe parecer que estava mais prestes pera quando ao outro dia pela manhã houvessem de dar na fortaleza, leixou-se ficar dentro da estacada, ao qual outros houveram inveja, por ser lugar de honra, e foram-se para elle tres, ou quatro Capitães de calaluzes. E estando elle, e os outros contentes, cuidando terem bom posto, pera quando viesse a maré da manhã, em que haviam de commetter a fortaleza, foram de noite todos chamados, e assi os mais principaes Capitães, e Fidalgos á galé de Affonso Lopes d'Acosta a conselho sobre aquelle feito. O qual no parecer de alguns se houve por tão duvidoso, por muitas razões que deram, quão facil parecia a outros de contraria opinião, entre os quaes era D. Tristão de Menezes, a quem o caso parecia mais leve, que a Jorge Mascarenhas, e Affonso Lopes, que o haviam por mui duvidoso. E não era muito parecer este commettimento facil a D. Tristão; porque como o anno de quinhentos e oito, quando D. João de Menezes seu tio irmão de seu pai sahio na praia de Arzilla lançar ElRey de Féz fóra da Villa que tinha tomada, elle D. Tristão foi o primeiro homem que poz os pés em terra, e o peito na boca das bombardas dos Mouros, tinha

pera si que menos sería commetter aquella tranqueira de Muar. Porque a differença que havia da praia de Arzila á tranqueira de Muar, he a que póde haver de hum leão a hum gato, posto que tem a mesma figura, e natureza. Cá segundo affirmam homens, que se acháram em honrados feitos, dous víram que tinham a morte ante os olhos, de quem os commetteo: este do soccorro de Arzila, sahindo em pequenos bateis em hum recife de pedras, onde quebrava o mar da costa brava; e pondo os pés em terra, punham o rosto na boca das bombardas, e outro soccorro que em outra tal costa, e recife fez D. Henrique de Menezes, sendo Governador da India, quando soccorreo a fortaleza de Calecut, estando nella por Capitão D. João de Lima, como a historia contará em seu tempo. Assi que desfeita esta ida de Muar em persias, tornáram-se pera Malaca com menos honra da que leváram, com a qual cousa D. Aleixo não tinha paciencia, lembrando-lhe quão pezadamente concedêra aquella jornada, o caso da qual elle havia por maior desastre, que ser commettida a fortaleza, e virem os homens bem sangrados sem vitoria alguma. Mas parece que não quer Deos que nestes casos da vitoria contra os imigos, os homens vam mui confiados em suas proprias

for-

forças, sómente na esperança de sua ajuda. Donde vem vermos casos commettidos per tantas, e taes pessoas, que no juizo dos homens parece não haver cousa que lhes possa resistir, e tudo succede ao contrario, e outros em que tudo fica na misericordia de Deos, e succedem prosperamente, como aconteceo nesta tornada a repetir dahi a poucos dias. D. Aleixo passado este caso, que elle havia por proprio seu, determinou de mandar a D. Tristão de Menezes ás Ilhas de Maluco, como lhe Lopo Soares mandára; e succedeo ainda pera o elle fazer melhor, chegarem juncos da Jauha. Em os quaes vinham cartas de Maluco pera o Governador da India, e Capitão de Malaca, as quaes cartas mandava ElRey Boleife de Tarnáte, hum das Ilhas de Maluco, e Francisco Serrão, que era hum dos Capitães que Affonso d'Alboquerque lá mandára, (como atrás escrevemos.) E nellas mui estreitamente pedia este Rey ao Governador, e Capitão de Malaca, que mandasse lá navios, e gente pera fazerem huma fortaleza, obrigando-se ElRey a toda a despeza que se nisto fizesse, por desejar muito ter amizade, e commercio com ElRey de Portugal, e seus vassallos, escrevendo tambem Francisco Serrão muitas cousas daquellas Ilhas, e quão proveitosa cousa sería haver nellas hu-

ma

ma fortaleza nossa, dando pera isso muitas razões. Finalmente D. Tristão se partio pera aquelle negocio em hum navio, em que levou cincoenta homens, e dous juncos de mercadores de Malaca, a viagem do qual escrevêmos em seu lugar. ElRey de Bintão per alguns Mouros, que da sua mão tinha em Malaca, soube que não commetterem os nossos sua fortaleza na ida que fizeram, fora mais por paixões, e differenças que houve entre os Capitães da frota, que por outro caso; e que D. Aleixo de Menezes que alli estava, era sobrinho do Governador da India, e trazia os seus poderes, e estava tão indignado contra os Capitães por não commetterem a fortaleza com as paixões que tiveram entre si, que lhe parecia ante de poucos dias elle em pessoa com quanto poder havia na Cidade, haviam de ir outra vez sobre sua fortaleza. ElRey tanto que foi disto sabedor, como era sagaz, e mui prudente em seus negocios, considerando a maneira que teria pera abrandar esta furia de D. Aleixo, determinou de lhe mandar commetter algum modo de paz. Porque sabia que partido elle pera a India, pera onde estava de caminho, segundo lhe diziam, em cuja companhia havia de ir Fernão Peres, e muita da gente que viera da China, com a que ficasse em Malaca, de-

pois

pois da sua partida, elle se haveria bem. Com o qual fundamento mandou alguns recados a D. Aleixo, pedindo-lhe que mandasse alguma pessoa a elle pera praticar sobre este negocio. E como lhe foi aceitado per recados que foram, e vieram, houve D. Aleixo, e Affonso Lopes d'Acosta quasi por acabado tudo, e que sómente se detinha por elles não concederem algumas cousas, que ElRey delles queria em modo de segurança, pera que elle pedia vontade do proprio Governador da India, mostrando desconfiar sem vontade delle aquelle negocio ficar seguro, tudo isto a fim de o dilatar té se chegar a partida de D. Aleixo. O qual partido na monção, trazendo comsigo Fernão Peres com alguns que com elle vieram da China, ficou o negocio quasi em modo de tregua, té elle mandar confirmação do concerto da paz, que elle ElRey de Bintão queria, tendo elle no peito guardada a traição que poz em obra ante de pouco tempo, como se verá. E porque quando D. Aleixo chegou á India, Lopo Soares em chegando de fazer a fortaleza de Ceilão, a entregára a Diogo Lopes de Sequeira, o qual governava já; he necessario que neste terceiro Livro, que ora queremos começar, entremos com o novo Governador, escrevendo as cousas de seu tempo.

DE-

DECADA TERCEIRA.

LIVRO III.

Dos Feitos, que os Portuguezes fizeram no descubrimento, e conquista das terras, e mares do Oriente: em que se contém parte das cousas, que se nelle fizeram em quanto Diogo Lopes de Sequeira governou aquellas partes.

CAPITULO I.

Como ElRey D. Manuel o anno de quinhentos e dezoito mandou por Capitão geral, e Governador da India a Diogo Lopes de Sequeira.

PORQUE Lopo Soares neste anno de quinhentos e dezoito acabava os tres annos, que ElRey D. Manuel per ordenança quiz que os Governadores das partes da India residissem nella, e assi todolos Capitães, e Officiaes das fortalezas que nella tinha, mandou fazer huma grossa Armada pera ir Diogo Lopes de Sequeira Almotacel mór do Principe D. João seu filho, e Alcaide mór da Villa Alandroal, filho de Lopo Vaz de Sequeira, que tivera a mesma

ma Alcaidaria. Ao qual Diogo Lopes ElRey houve por bem dar esta governação da India pola experiencia que tinha de sua pessoa, não sómente em a viagem que fez a Malaca, quando a descubrio, (segundo escrevemos,) mas ainda em outras Armadas sobre mar, e principalmente na Villa de Arzilla em Africa, onde esteve por Capitão. E porque com Lopo Soares acabavam tambem muitos Capitães, e Officiaes os tres annos que haviam de servir, e por esta causa convinha irem outros que os succedessem, e gente de armas pera defensão das fortalezas, pola muita que era fallecida; mandou ElRey aperceber nove vélas pera mil e quinhentos homens, de que estes eram os Capitães: D. João de Lima, que hia pera servir ElRey de Capitão de Calecut, Ruy de Mello filho de Fernão de Mello pera Capitão de Goa, D. Aires da Gama pera Capitão de Cananor, Garcia de Sá filho de João Rodrigues de Sá, Lopo Cabreira pera Alcaide mór de Malaca, João Lopes Alvino pera andar na costa de Melinde pera Sofala, Pedro Paulo filho de Bartholomeu Forlentim, João Gomes Cheira-dinheiro pera as Ilhas de Maldiva. Apercebida esta frota, partio Diogo Lopes de Lisboa a vinte e sete do mez de Março deste anno de dezoito, e com bons tempos

que

que teve, chegou a Moçambique. E ante que chegasse aqui na paragem do Cabo de Boa Esperança, hum peixe deo huma encontrada em a náo de D. João de Lima, que cuidáram alguns no estremecer que ella fez, que dera em algum penedo; e acudindo logo á bomba, parecendo que podia a náo fazer agua, víram que não fazia mais que a ordinaria. Porém depois em Cochij, dando pendor á náo, acháram mettido no costado della hum focinho de hum peixe, que sería de comprimento de dous palmos e meio, agudo na ponta, e preto, e duro á maneira de corno das alimarias, a que os Gregos chamam Rhynocero, e nós Ganda, como lhe os Indios chamam. Sómente tinha este huma differença, que a crespidão da superficie delle era á maneira de grossa de ferro, e tão dura que o limava, como faz huma líma de dura tempera. E parece que quando deo este encontro no costado, entrou grande parte per hum liame, e ao espedir, baraфundando com o corpo, fez estremecer a náo, e esnocou per junto das cachagens, o qual foi trazido por mostra a este Reyno, dizendo ser de hum peixe, e outros de outro. Depois passados alguns annos confirmei ser do peixe agulha, como alguns diziam; porque indo eu pera o castello de S. Jorge da Mina, que he na cos-

ta

ta de Guiné, levando o Piloto per popa do navio huma linha com ſeu anzol pera tomar os peixes, a que os mareantes chamam Albecóras, que são do tamanho, e feição do Atum, veio cahir no anzol hum deſtes peixes Agulha, o qual anzol ficou mettido entre as duas farpas das cachagens, com que teve o peixe, té que ao eſtremecer do navio acudíram todos; e ſuſpendendo o focinho fóra da agua, ou (por melhor dizer) o bico, tanto andáram marinheiros com fiſgas, e arpões, que o prendêram per muitas partes, e lhe lançáram no governo do rabo huma laçada. Finalmente eram ao arribar mais de vinte homens, e repartido depois per todos, tinha mais polpa do que hum touro tem de carne; e o ſeu focinho, poſto que limaſſe o ferro, e foſſe da feição do da náo de D. João de Lima, era mais pequeno com o que o outro peixe era maior; e porque ambos eſtes dous focinhos, ou bicos de peixe tivemos na mão, e o que ſe tomou neſte navio affirmáram os mareantes ſer peixe Agulha, nos parece que tambem era o outro. Diogo Lopes partido de Moçambique, chegou a Goa a oito de Setembro, onde ſe deteve poucos dias, por achar nova que Lopo Soares eſtava de caminho pera ir a Ceilão, parecendo-lhe que o podia tomar ante que ſe partiſſe pera lá.

E ſen-

E sendo tanto avante como Pondarane, foi dar com elle Antonio de Saldanha, que (como atrás fica) vinha de Ormuz, onde invernára; e posto que o topou de noite, ella foi bem alumiada com o fuzilar da artilheria, com que se ambas estas Armadas salváram. Acabado este prazer, foi logo Antonio de Saldanha em hum batel visitar Diogo Lopes, e ficou lá com elle toda aquella noite, dando-lhe conta das cousas do estado da India, que fez apressar mais a elle Diogo Lopes, não se querendo deter pelas fortalezas perque passou, sómente leixava os Capitães que levava pera residirem nellas; porque sua tenção era (como dissemos) tomar Lopo Soares primeiro que partisse de Cochij pera ir a Ceilão, e impedir-lhe aquella ida, por não ser cousa tão importante naquelle tempo a fortaleza que hia fazer, como outras cousas, que levava d'ElRey mais encommendadas, pera as quaes lhe convinha a gente, e náos, que Lopo Soares levava pera aquelle feito. Mas os tempos foram taes, que em Baticalá o detiveram nove dias, donde mandou recado a Lopo Soares sómente polo entreter; e chegou este seu recado a Cochij huma tarde da manhã, que elle Lopo Soares era partido. E posto que este recado per mandado de Diogo Lopes não passou mais adi-

an-

ante, ao caminho foi aviſo a Lopo Soares da vinda delle Diogo Lopes, o qual elle diſſimulou, e foi avante com ſeu intento, que acabou (como eſcrevemos.) Chegado Diogo Lopes a Cochij, onde foi recebido com muita feſta, teve elle tanta temperança, e reverencia á peſſoa de Lopo Soares, que não quiz pouſar na fortaleza, que he o apoſentamento dos Governadores, e agazalhou-ſe em humas caſas de Lourenço Moreno, em quanto Lopo Soares não veio de Ceilão, nem uſou de ſeu officio 'té delle receber a entrega, ſegundo a ElRey mandava em ſuas Proviſões com as ſolemnidades coſtumadas, porque tinha Lopo Soares huma Proviſão que governaſſe 'té ſe de todo embarcar. Depois da vinda do qual, que foi a vinte de Setembro, teve ainda Diogo Lopes muito primor nos cumprimentos de honra com elle, o que 'té hoje não temos viſto, ante grandes deſgoſtos, e taes, que podiam bem macular a honra, não dos que ſe embarcáram, (porque os mais deſtes muita ganháram na paciencia do que lhe foi feito,) mas daquelles, per cujas culpas ſe partíram bem deſcontentes; materia certo não de barões, que entram em tão grande couſa, como he o governo da India. A qual neſtes actos ſempre lhe vimos aos ſeus novos Governadores moſtrar bom roſto, e o con-

o contrario aos que se partem della ; e o que peior he , que quem nella mais suor, e sangue verteo pola servir, menos galardão tem de seus frutos : quasi como que quer ser tida por crua madrasta de huns, e a tempo lisongeira madre de outros, certo duro castigo de Deos, cuja causa he escondida a muitos , e a poucos descuberta. Lopo Soares entregue a India a Diogo Lopes, partio-se de Cochij, e veio per Cananor , onde tomou gengivre, e dahi pera este Reyno a vinte de Janeiro, anno de dezenove , com nove náos carregadas, com que chegou a elle. Parece que toda a fortuna delle Lopo Soares estava em ir, e vir com sua frota, e boa carga de especiaria, porque desta vez não lhe succedêram as cousas da governança da India tão prosperamente , ao menos na ida do mar Roxo, como a primeira vez o anno de quinhentos e quatro no feito de Panáne. Diogo Lopes ficando em seu governo, em quanto alli esteve em Cochij, espedio alguns Capitães per diversas partes por a necessidade que disso havia : D. Affonso de Menezes com tres navios pera estar sobre a barra de Baticalá , sem leixar entrar, ou sahir véla alguma, té elle Diogo Lopes alli ser, e tomar vingança do Governador da Cidade, por estar alevantado contra nós, e não que-

rer

rer pagar às pareas que devia. E assi espedio a João Gomes Cheira-dinheiro pera ir fazer huma fortaleza nas Ilhas de Maldiva, onde ElRey D. Manuel mandava que elle ficasse por Capitão. No qual tempo tambem espedio Christovão de Sousa com huma Armada de tres vélas, elle em huma galé, e em duas caravelas Ruy Gomes d'Azevedo d'Elvas, e Lourenço Godinho. Ao qual se havia de ajuntar João Gonçalves de Castello-branco, que com tres fustas estava sobre a barra de Dabul por mandado de Lopo Soares, polo que alli passára D. João de Monroy por causa de Alvaro de Madureira, que andava lançado com os Mouros, (como atrás escrevemos,) e de caminho havia elle Christovão de Sousa levar de Goa dous catures, que lhe havia de dar Ruy de Mello Capitão délla, como deo, com que elle Christovão de Sousa fez corpo de cinco vélas; em que levava té cento e sessenta homens. Diogo Lopes, despachados estes Capitães, e providas as cousas de Cochij, partio-se pera Goa; e de caminho veio provendo as fortalezas de Calecut, e Cananor, e assi no levantamento de Baticalá, onde tinha mandado D. Affonso de Menezes, tornando o Governador á nossa obediencia com pagar as pareas que devia, e outras satisfações que Diogo Lo-

Lopes quiz delle por causa da rebelião passada. Chegado Diogo Lopes a Goa, começou logo a entender em mandar outros Capitães a diversas partes: o primeiro foi Antonio de Saldanha com huma frota de mais quatro vélas além das que trazia comsigo pera andar na costa de Arabia, e dahi vir invernar a Ormuz, e de caminho passar pela costa de Dio, onde se havia de deter, esperando as náos de Méca pelo modo que fez, quando Lopo Soares o enviou. E assi mandou Simão d'Andrade pera a China com certos navios, ao qual ElRey Dom Manuel proveo de cá per seu Alvará da capitanía mór daquella viagem, depois que viesse seu irmão Fernão Peres d'Andrade. O qual a este tempo era já chegado á India em companhia de D. Aleixo de Menezes, que (como atrás fica) partíram de Malaca, nas costas dos quaes veio nova como os commettimentos de paz, que ElRey de Bintam movêra, tudo fora simulações té se D. Aleixo partir, e que viera sobre Malaca com grande poder, a qual mettêra em grande trabalho, e que ficava em muito maior, assi por estar desfalecida de mantimentos, como de gente, e essa pouca que havia era toda enferma; por causa da qual nova, e assi por aproveitar Antonio Correa, com que tinha razão de parentesco,

elle lhe deo huma náo, e hum navio, que fosse a Malaca com algumas provisões que de lá pediam, onde o Capitão Affonso Lopes d'Acosta lhe daria mais dous juncos, com que fosse a Pegu assentar paz, e trato com o Rey delle; e carregados os juncos, e navios de mantimentos, por alli haver grande cópia delles, os enviasse a Malaca pera provisão della, e elle carregasse a náo de outras mercadorias, que tem valia em Ormuz, e as levasse lá. Mas Deos ordenou esta sua ida de outra maneira mais em favor das cousas de Malaca, pera entendimento das quaes convem dizer primeiro o que se nella passou depois da vinda de D. Aleixo.

CAPITULO II.

Do que se passou em Malaca depois que D. Aleixo de Menezes se partio, assi no cerco que lhe ElRey de Bintam poz, como na vitoria que os nossos houveram na ida do rio Muar, tomando-lhe a fortaleza que alli tinha feita na entrada do rio.

AO tempo que D. Aleixo de Menezes partio de Malaca, ficava a Cidade no estado que dissemos; e porque com esperança de paz, segundo ElRey de Bintam simulava, com as cautelas que nisso mostra-

ra

va ter: leixou-a D. Aleixo aſſi fortalecida, que pode ſoffrer o impeto da vinda d'ElRey, que dahi a poucos dias per terra, e mar a veio commetter. Per terra com mais de mil e quinhentos homens com muitos Elefantes armados; e per mar com ſeſſenta lancharas, e calaluzes, navios mui guerreiros, e leves no remo. Chegado huma manhã ſubitamente com eſta frota, e exercito, poz os noſſos em grande coufusão, e trabalho; porque na fortaleza não haveria mais que té duzentos homens, muita parte delles doentes de febres, e outras enfermidades, que ſe gêram da corrupção dos peſtiferos ares que a terra tem por razão de ſeu ſitio. Porém como a honra, e a vida nos taes conflitos ambas ſe animam pera ſe defender, foi eſta vinda d'ElRey de Bintam quaſi hum aziar pera eſquecerem todalas febres de maneira, que a muitos não lhes vieram mais, e todos cobráram força pera ſe levantar, e veſtirem as armas. Affonſo Lopes, ante deſta vinda d'ElRey, tinha repartida a vigia, e guarda da Cidade em eſtancias, e eſtas em capitanías per eſta maneira. Na parte da povoação chamada Ilher, em duas eſtancias feitas ſobre a cava, eſtavam Franciſco Fogaça, e André Peſſoa; e no outeiro, que eſtá ſobre a noſſa fortaleza, onde depois Duarte Coelho

fundou huma Ermida da vocação de Noſſa Senhora da Graça, eſtava Jorge Botelho de Pombal, e os Portuguezes caſados na terra, onde chamam a Bato China; e na ponte, que atraveſſa o rio per onde vam á povoação grande dos Mouros, que he contra Upij, guardava Fernão de Lemos; e a guarda deſta meſma povoação, que tambem eſtava cercada de cava, per que entrava agua, tinha elle Affonſo Lopes entregue ás principaes cabeceiras dos Mouros, e Gentios que alli viviam: aſſi como ao Bendára, ao Colaſcar, ao Tamungo, e outros, todos offerecidos a morrer por ſua caſa, mulher, e filhos: cá tinham por certo ſe ElRey de Bintam entraſſe a Cidade, não haver de ficar algum com vida polo odio em que eſtava com elles. Do mar tinha cuidado Duarte de Mello Capitão mór delle, com os outros Capitães, que eram D. Rodrigo da Silva, Fernão Figueira, Diogo Mendes, Gabriel Gago, Carlos Carvalho, e elle Affonſo Lopes ficava pera acudir ás eſtancias da terra, onde viſſe mais neceſſidade. Chegado ElRey huma manhã (como diſſemos) foi a tempo que a maré era vazia, e os noſſos navios eſtavam quaſi todos na vaſa, que cauſou terem os imigos lugar pera pôr fogo a huma galé noſſa deſmaſteada, que eſtava pera ſe renovár, por ſer já mui ve-

lha,

lha, e assi a duas náos de mercadores já descarregadas. E como a primeira noticia, que os nossos tiveram desta vinda d'ElRey, foi a mostra da sua Armada do mar, já quando punham fogo a estas peças, todos naquelle primeiro subito da vista acudíram á praia, cuidando que queria poiar em terra. Porém quando elles nas costas ouvíram huma grita de outros, que sahíram do mato, onde estavam lançados em cilada, e remettiam ás estancias que dissemos, leixou Affonso Lopes d'Acosta esta parte do mar entregue a Duarte de Mello, que a defendesse, e com a outra gente ordenada ás estancias acudio a elles, onde já achou Mouros da Cidade, que lhe defendiam a subida. E posto que estes imigos da cilada naquelle primeiro impeto ousadamente commettêram as estancias, como quem nellas achou fraca defensão, por ser da gente da terra; tanto que os nossos chegáram, assi lhes puzeram o ferro de vontade, que os fizeram descer dos lugares das estancias, onde tinham subido, havendo entre elles huma cruel competencia á custa do sangue, e vida de muitos, assi ás lançadas, espingardadas, como com alguns berços encarretados, que Affonso Lopes mandou trazer aos lugares de maior perigo, que varejavam, e despendiam bem de pelouros. Duarte de Mel-

Mello com os outros Capitães, por cauſa da maré, detiveram-ſe hum bom pedaço primeiro que nadaſſem, pera ir commetter os imigos; e tanto que começáram deſparar nelles ſua artilheria, deſparelháram tantos, que lhe conveio a elles alargárem-ſe hum pouco, com que os noſſos tiveram tempo de apagar o fogo, que tinham poſto. Mas não foi eſte negocio tão levemente de fazer, que primeiro não cuſtaſſe vidas, e ſangue dos noſſos; porque Gabriel Gago com quantos levava na ſua lanchara ſe affogáram per deſaſtre de lhes ſaltar fogo na polvora, ſem poder ſer ſoccorridos, quando a lanchara ſe abrio, por todos terem tanto que fazer em ſi, que não podiam ſoccorrer aos outros. E a Diogo Mendes Capitão da outra, huma bombarda dos imigos lhe levou a cabeça fóra dos hombros, ficando o toro do corpo em pé. Finalmente aſſi no mar, como na terra, os noſſos tiveram tanto que fazer per eſpaço de tres horas, que durou aquella furia, que ſe contentáram com ficar em poſſe do ſeu, recolhendo-ſe os imigos aos lugares, que elegêram pera ſeu alojamento: os do mar pera a Ilha grande, que eſtá defronte da Cidade; e os da terra quaſi á viſta das eſtancias, fazendo-ſe todos fortes, como quem vinha de vagar, e aſſi o fizeram; porque El-

Rey

Rey per dezoito , ou vinte dias contínuos teve os noſſos cercados, dando-lhes per muitas vezes duros, e fortes combates, que os trazia mui canſados aſſi do trabalho, como da vigia , e neceſſidade de mantenedores, que lhes começáram falecer. Mas aprouve a Deos que em todo eſte tempo os imigos acháram nelles tanta reſiſtencia, e houve entre elles tantos mortos, e feridos, que vendo ElRey que recebia mais damno do que fazia, e que os noſſos começavam já tomar tanta ouſadia contra elles, que o hiam commetter, temendo que ſaltaſſem com elle dentro no ſeu proprio arraial , huma noite o mais caladamente que pode, ſe partio, tornando-ſe ao Pago, donde viera. Na qual vinda, poſto que deo muito trabalho aos noſſos , e delles morreſſem dezoito homens, aſſi no mar, como na terra, de que os principaes foram os Capitães, que nomeámos, dos imigos ſe ſoube ſerem mais de trezentos e trinta, e hum grande número de feridos, com que ElRey entre os Mouros, que viviam em Malaca, perdeo muito credito, vendo que deſte feito em que elle poz todas ſuas forças , e os noſſos eram poucos, e mui debilitados nellas por cauſa da enfermidade , e fome, que padeciam, em todolos combates ſempre levou a cabeça quebrada. Elle como teve eſta experiencia, que

que rosto por rosto não podiam levar o melhor delles, por pelejarem como gente, que não tinha mais salvação que o seu braço, determinou tornar á guerra que lhe ante fazia, por se achar melhor della, mandando suas lancharas correr a Malâca, e a saltear os juncos, que a ella vinham. E algumas vezes per terra mandava gente, que commettiam as tranqueiras, combatendo-as de dia, e de noite; e como achavam defensão, tornavam-se recolher, parecendo-lhes que algum dia podiam tomar os nossos descuidados; ou ao menos pera os cansar tanto, que entre este trabalho da guerra, enfermidade da terra, e fome que lhe fazia padecer, defendendo-lhe trazerem mantimentos, os podia diminuir de maneira, que não houvesse quem defendesse a Cidade, e se viesse metter nella. Pera conseguir o qual effeito, tirou da força que tinha no rio de Muar o Capitão Ciribiche, que vinha fazer estes saltos, e poz outro per nome Sansotea de Raja, que era o mais affamado cavalleiro daquellas partes. E o que tinha dado a este Mouro tanto credito entre elles, era por ter acima do artelho hum mamillo de carne duro á maneira de callo, á semelhança de esporão de gallo, e haviam todos que este sinal era de animoso; porque naquellas partes como acham gallo, que

tem

tem grande esporão, dam por elle muito, por os achar mais feroces que os outros, que o tem menor, nos desafios em que os mettem; por ser cousa mui costumada, e hum grande passatempo, e delicias, que os nobres daquella região costumam ter, principalmente em Patane, metterem estes gallos em desafio: E perde-se, e ganha-se grande somma de dinheiro nas apostas, que sobre isso fazem os que vam ver este espectaculo; porque huns põem por parte de hum gallo, e outros por outro; do qual duello, e peleja ha juizes, que julgam qual delles o fez melhor. Este Sansotea de Raja, posto que era cavalleiro de sua pessoa, e bom Capitão, mais tinha ganhado esta opinião que delle havia com artificio, e ardis da guerra, que por seu proprio braço. Por não perder a qual opinião, e mais mostrar quanta differença havia delle a Ciribiche, per hum grande tempo, assi per mar, como per terra, fez muita guerra á fortaleza. E tanto a apertou com defender que lhe não viesse mantimento, e da India foi tarde provída, que valia algum que se achava tanto preço, que quasi ficava pezado a ouro; e de não haver vinho, muitos dias se leixou de celebrar Missa. Com a qual necessidade poz os homens em tal estado entre fome, e doença, principalmente a gente

te commum, que não podiam mover os braços; no qual tempo tiveram algum soccorro com a vinda de Antonio Correa, que (como atrás dissemos) Diogo Lopes de Sequeira mandára áquella Cidade com alguma provisão, e dalli havia de levar dous juncos a Martabam, ou a Pegu carregar de mantimentos. O qual, em quanto elles se fáziam prestes, assi com o que trouxe, como com sua pessoa, muito resistio aos rebates, com que este Sansotea de Raja apertava a Cidade: té que sobreveio cousa não cuidada dos nossos, (sendo já Antonio Correa partido pera Pegu,) com que elle Sansotea perdeo a vida em huma vitoria que houveram delle; e o caso succedeo per esta maneira. Continuando elle este modo de nos fazer a guerra, per terra rebates nas tranqueiras, e per mar correndo a Malaca, ás vezes mais a se mostrar que a pelejar, convertia a vingança do que não podiam fazer em esbulhar os navios, que vinham á Cidade, principalmente áquelles que eram de partes, que estavam em nossa amizade, e aos outros fazia entrar no rio de Muar, e tomando-lhes o melhor do que traziam, como direitos, e do mais pagava-lhes ao preço que queria; dizendo que aquellas cousas eram pera ElRey de Malaca seu Senhor, o qual posto que tivesse perdido a posse do

sitio

ſitio da Cidade, não tinha perdido a poſ-ſe da navegação daquelles dous eſtreitos, per que ſe navegava a ella; por razão do qual ſenhorio ſe lhe devia tudo o que lhe pagavam quando em ſua proſperidade elle eſtava em Malaca. E acontecco que entre eſtas tomadias foi o junco de hum mercador Jáo de nação, que continuava vir muitas vezes a Malaca com mantimentos, ao qual elle metteo dentro no rio Muar, e levou á fortaleza que tinha, com lhe dizer querer-lhe pagar quanto trazia. Porém depois que o esbulhou de todo, diſſe-lhe que da vida lhe fazia graça; pois ſendo nós imigos delRey ſeu Senhor, com quem elle eſtava de fogo, e ſangue, por o terem lançado fóra da ſua Cidade, elle trazia mantimento, e outras couſas perá nos ſuſtentar, e favorecer. Finalmente o Jáo quando ſe vio perdido de todo, ſómente com o caſco do navio veio-ſe a Malaca apreſentar a Affonſo Lopes d'Acoſta, dizendo ſer-lhe feito aquelle damno por noſſa cauſa, e que Sanſotea não dava outra razão de o esbulhar do ſeu. Affonſo Lopes d'Acoſta, porque eſte Jáo era homem mui poderoſo, e acreditado na Cidade entre todolos mercadores, ſentio muito eſte mal que lhe foi feito; porque perdendo elle o ſeu, ſem outra emenda, ou reſtituição, não ouſaria merca-

cador algum vir á Cidade, com que se perderiam de todo, pois ella de si não tinha cousa alguma. E depois que o consolou de sua perda, dando-lhe esperança de restituição della, esteve-lhe perguntando polo lugar onde Sansotea tinha assentada a fortaleza, e outras cousas de que desejava ter mais informação, do que elle tinha visto della, quando lá foi, como escrevemos atrás. O Mouro depois que satisfez ás perguntas de Affonso Lopes, affirmou-se em que elle daria modo como aquella fortaleza fosse tomada, dando pera isso razões por causa das entradas, e sahidas, que elle notou, assi pela parte do mar, como da terra. Finalmente posto este negocio em conselho, chamando Affonso Lopes pera isso as principaes pessoas, depois que se ouvíram razões humas em contrario de outras, em que havia dúvida no commettimento desta fortaleza, pola ida passada que foi sem fruto algum, como por parte do credito que se dava pera tamanho feito a este Jáo, vencêram outras razões. E assentou-se que Duarte de Melló devia ir commetter esta força, repartindo logo o commettimento della per duas partes: huma per mar de rosto a ella, e outra per terra per hum certo lugar, porque o mesmo Jáo offendido promettia levar a gente encubertamente, té

a pôr

a pôr pegada nos páos da tranqueira, onde não havia mais perigo, que resguardarse dos esterpes de peçonha, que alli estavam semeados, os quaes elle iria tirando todos, por os nossos não encorrerem neste perigo. A qual entrada per terra Affonso Lopes d'Acosta encommendou a Manuel Falcão, debaixo da capitanía do qual havia de ir Antonio Lobo Falcão seu sobrinho, Diogo Pacheco, Manuel Pacheco seu irmão, Diogo Brandão do Porto, João Guedes de Santarem, e outras pessoas nobres; e o mesmo Jáo com dous filhos, e alguns criados hiam diante por guia de todos. Levando mais esta ordenança, que tanto que entrassem no rio Muar, hum pedaço ante de chegar á fortaleza, que havia de sahir Manuel Pacheco com sua gente em hum certo lugar, e ir per huma vereda, que corria entre a espessura do arvoredo ao longo do mar. A qual vereda hia dar nas tranqueiras da fortaleza, per a qual o Jáo os havia de encaminhar; e não haviam de commetter a entrada della, senão depois que ouvissem varejar a artilheria, com que Duarte de Mello per mar a havia de combater. Assentada esta ida o mais secretamente que se pode fazer, apercebeo-se Duarte de Mello, com fama que havia de ir ao estreito de Sabão dar guarda aos navios que vinham á Cidade,

de, por não receberem damno da Armada que trazia Sanſotea de Raja. E tanto que de todo foi preſtes, partio Duarte de Mello veſpera de todolos Santos do anno de quinhentos e dezenove, levando em toda a frota té duzentos homens, de que ſeriam cento e vinte Portuguezes, e os mais eram Malayos da terra, e foi a tempo que lhe amanheceo no lugar, onde Manuel Falcão havia de ſahir. O qual tomando o Jáo por guia, ſegundo tinham aſſentado, começou caminhar com aſſás trabalho; porque como a terra era alagadiça, e havia alguns eſteiros que paſſar, e ſobre iſſo aquella noite chovêra, hiam todos mais pera tomar por repouſo huma chaminé de fogo, onde ſe enxugaſſem, que do fogo de polvora que acháram. Duarte de Mello, por lhe dar eſpaço a elles fazerem eſte caminho, e tambem por ſer menos ſentido, a remo ſurdo foi de vagar, té que ao tempo que lhe pareceo que ſeriam no lugar que o Jáo dizia, ſe moſtrou ante a fortaleza, dando Sant-Iago com a artilheria. Manuel Lobo tanto que a ouvio, como ainda não eſtava junto da tranqueira, apreſſou o Jáo que hia diante ás coſtas de hum eſcravo ſeu tirando os eſterpes, o qual com a preſſa deſcido dos hombros do eſcravo, por muito reſguardo que teve, não andou muitos paſſos que não
foi

foi encravado, com que lhe conveio tornar a subir aos hombros do mesmo escravo: mas aproveitou-lhe pouco, por ser a peçonha delles de tanta potencia, que morreo logo. Manuel Falcão posto que perdêra a guia, não leixou de seguir seu caminho, levado ante si dous filhos do Jáo homens, e os seus escravos, que lhe fossem tirando estes estrepes. Dos quaes posto que Deos guardou Manuel Falcão, não se pode elle guardar na primeira chegada, commettendo entrar na tranqueira, porque veio huma das bombardas, que os imigos naquella parte tinham posta, que lhe quebrou huma perna, com que logo ficou quasi morto ao pé de huma palmeira. Vendo os nossos que com elle hiam em que estado ficava o seu Capitão, e o Jáo guia, que os té li trouxera era esterpado, e outros que se não puderam guardar, ficáram suspensos no que fariam, porque ainda neste tempo não tinham sabido do que fazia Duarte de Mello, sómente ouviam na parte do mar os trons da artilheria, per que sabiam ser já diante da fortaleza. E estando assi confusos, levantou a voz hum João Fernandes de Santarem, e disse contra todos: *Senhores, que fazemos? Aqui está o Senhor Diogo Pacheco, tomemos a elle por Capitão, porque elle he tal cavalleiro, que nos mette-*

terá em parte onde ganhemos honra com vitoria. Com o qual parecer houve, nos que se alli achâram juntos, hum rumor que eram neste voto. Ao que Diogo Pacheco respondeo: *Não he tempo de mais eleição, nem de Capitão, cada hum o seja de si mesmo: Sant-Iago.* No qual appellido assi ficáram animados, que como homens, que se offereciam em sacrificio a Deos, todos juntamente commettêram a tranqueira, onde achâram assás resistencia, porque ella estava naquella parte já mais defensavel, do que a leixou o Jáo, que levou este ardil de commetterem a entrada per aquella parte. Duarte de Mello pela outra, que estava fronteira á margem do rio, poz-se a dar bateria per meio de fogo, settas, e outros aguilhões de morte, huns de arremesso, outros a mão tenente, passando avante, té que fez affastar os Mouros. E porque assi nesta sua entrada, como na outra do Sant-Iago, que deo Diogo Pacheco, era tamanha a fumaça, e tanta a confusão, que huns se não conheciam dos outros, sómente no appellido, sería cousa muito mais confusa, e incerta querer dar razão do que cada hum fez, e disse, depois que a furia accendeo o animo de todos: baste saber que espaço de duas horas os Mouros se defendiam animosamente. Porque além de passarem de oitocentos ho-

homens, número mui desigual dos nossos, eram todos gente limpa, em que entravam obra de trezentos Mandarijs, que são como entre nós os Fidalgos, e muitos destes tinham este appellido Raja, que (como já escrevemos) se dá em denotação de grande honra, ao modo que nós temos o titulo de Conde. Peró nem a cavalleria, nem a nobreza, nem o seu Capitão tão nomeado Sansotea de Raja, o qual alli fez maravilhas, os pode livrar de morte, leixando a sua bem vingada em vidas, e sangue, que derramáram dos nossos. Finalmente este foi hum dos honrados feitos, que se naquellas partes fizeram, assi no commettimento, como no pelejar delle, no qual quasi todolos Mouros, que defendiam aquella força, ficáram estirados no meio della, e delles foram cativos, sem algum estar inteiro em suas carnes; e dos nossos morrêram mui poucos, porém feridos houve assás. Havida esta vitoria, mandou Duarte de Mello recolher a artilheria que nella estava, a qual passou de trezentas peças, em que havia muitas de bronço sem outro esbulho; porque como todos estavam alli em guarnição, e defensão desta força, não tinham mais movel, que quanto traziam sobre suas pessoas, e per derradeiro foi queimada, e feita em cinza. Duarte de Mello, porque

a Armada, que hia dar os rebates a Malaca, tanto que elle entrou no rio per mandado do Capitão Sanſotea de Raja, ſe recolheo per elle acima, quizera ir trás ella té o lugar do Pago, onde ElRey de Bintam eſtava, e em modo de ſalto dar tambem ſobre elle com aquella vitoria, que lhe Noſſo Senhor moſtrava; mas não o pode fazer. Porque como ElRey tinha ſabido que a ſua Armada, por grande que foſſe, não havia de poder reſiſtir á noſſa; toda a ſua guerra era ſahirem dalli as ſuas lancharas a ſaltear os juncos, que vinham a Malaca, e ás vezes dar moſtra de ſi á Cidade, em modo de rebate, e tornar-ſe logo a recolher a eſta guarida do rio. E temendo que a noſſa Armada podia ſubir pelo rio acima, té onde era o Pago ſeu apoſento, tinha mandado atraveſſar o rio com grande tranquia de madeira em partes, porque as noſſas, quando ſubiſſem acima, foſſe per caneiros mui eſtreitos, e de paſſagem perigoſa. O primeiro atalho dos quaes era ante de chegar a eſta força que lhe tomáram, e acima della outro, e outros de maneira, que dahi á povoação do Pago, onde ElRey eſtava, nos lugares mais eſtreitos havia eſtes atraveſſados de tranquia. E ſegundo Duarte de Mello ſoube dos cativos que alli houve, a cauſa porque Sanſotea de Raja mandou que

ſua

ſua Armada ſe foſſe per o rio acima, foi porque lhe pareceo que elle Duarte de Mello não vinha a mais, que a lha queimar, e não a commetter a fortaleza, por eſtar mui defenſavel, e com mais gente, que quando alli foi ter o Capitão Affonſo Lopes d'Acoſta, que levava dobrada frota do que elle trazia. Vendo Duarte de Mello, depois que ſe embarcou, a ſegunda eſtacada de tranquia, que eſtava logo acima da fortaleza, e que acima havia outras, que lhe impediam ſeu deſejo, contentou-ſe com aquella tão illuſtre vitoria, que lhe Noſſo Senhor deo, e veio-ſe pera Malaca, onde foi recebido com grande feſta, e prazer de todos, por ficarem deſabafados dos ſobreſaltos deſte Capitão Sanſotea, e mais poderem haver mantimentos de fóra, que com temor delle não vinham, couſa que os mais atormentava, que a meſma guerra.

CAPITULO III.

Como Garcia de Sá foi ter a Malaca, e Affonso Lopes d'Acosta, por estar mui doente, lhe entregou a capitanía da Cidade, e se veio á India, onde morreo em chegando: e do que Antonio Correa passou assi em Pegu, como em Malaca, onde Diogo Lopes de Sequeira o mandou.

HAvendo pouco mais de tres mezes que este feito era passado, adoeceo Affonso Lopes d'Acosta Capitão da Cidade, a qual quiz Nosso Senhor livrar de outras taes revoltas, como vimos que houve nella sobre o succeder á capitanía por falecimento de Jorge de Brito; porque em tal estado estava Affonso Lopes, que não dava a sua doença muita esperança de vida. E ante que o Nosso Senhor levasse, acertou de vir á India Garcia de Sá filho de João Rodrigues de Sá, a quem Diogo Lopes de Sequeira deo licença, que em quanto não entrava em cargo algum, e elle não hia ao estreito de Méca, onde esperava ir o anno seguinte, fosse em huma náo a Malaca fazer seu proveito. E tambem a fim que com sua chegada, Malaca receberia favor, assi de gente, como de mantimentos, porque de todas estas cousas havia de ir bem provído: e

mais

mais tornaria na monção de Dezembro com o cravo, nóz, maça, e as outras ſortes de drogas, que daquellas partes ſoiem vir pera a carga das náos, que haviam de partir o Janeiro ſeguinte de quinhentos e vinte. Affonſo Lopes d'Acoſta quando vio Garcia de Sá, peſſoa tão principal, e que levava comſigo paſſante de ſeſſenta homens de armas, além da gente que amarinhava a náo, houve que Noſſo Senhor o vinha a ver, e á meſma Cidade, porque elle eſtava mui deſconfiado de ſua vida; e ſegundo lhe dizia o meſtre, no mar, ou na India podia haver ſaude. Finalmente chamando elle Affonſo Lopes os Capitães, officiaes, e peſſoas principaes da Cidade, lhes propôz o eſtado em que eſtava; e que vendo quanto compria a ſerviço d'ElRey, e bem daquella Cidade ſer governada per huma tal peſſoa, como era Garcia de Sá, elle deſiſtia da capitanía, e lha entregava, pois a ſua doença era mais de morte que vida. E ſua tenção era ir-ſe pera a India na propria náo, em que elle Garcia de Sá fora, com o qual, (ſegundo já o tinha praticado,) haviam de ficar mais de ſeſſenta homens, que vinham em ſua companhia pera guarda, e defensão da Cidade, que era hum grande ſoccorro para ella, por quão desfalecida eſtava de gente, e a que havia (como todos ſabiam) eſ-

estava doente, e não mui inteira nas forças corporaes pera soffrer os trabalhos daquella terra, que sempre havia mister ser cevada com gente fresca pera isso. A esta vontade de Affonso Lopes d'Acosta contrariou Lopo Cabreira Alcaide mór da fortaleza, allegando o regimento d'ElRey ser em contrario do que elle queria fazer, por quanto a elle pertencia a succesção da capitanía, fazendo sobre isso alguns requerimentos; mas tudo cessou, havendo respeito ás qualidades de Garcia de Sá, e á gente que com elle ficava. Por a qual razão Affonso Lopes lhe entregou a capitanía per hum acto solemne; e elle partio em a náo caminho da India, onde faleceo em chegando, por ir já mui debilitado. Garcia de Sá, tanto que começou entender no governo, e estado da terra, e nas cousas d'ElRey de Bintam, soube que todo seu intento, e trabalho era ajuntar parentes, amigos, e grandes apparatos de guerra, com fundamento de vir cercar Malaca, e não se levantar della té a tomar, ou morrer sobre isso. Porque ainda que tinha muito sentido tão grande québra, como foi a perda de tanta gente, e munições de guerra, que se perdeo na fortaleza do rio Muar, (segundo vimos,) muito mais sentia ir já perdendo o credito em todas aquellas partes. Cá os parentes, genros, e ou-

outras ajudas, que levemente achava no tempo de sua prosperidade, quando as pedia, começavam de lhe falecer, por ser cousa mui geral o favor seguir a prosperidade, e não as quebra. As quaes cousas, posto que Garcia de Sá sabia, vendo-se pobre de gente, e de outros provimentos, com que não podia pôr em effeito seu desejo, que era, ante que esta serpe creasse mais cabeças das que queria ajuntar á sua, ir á fortaleza de Pago a lha cortar, se o Deos ajudasse, convertia esta sua tenção em prover, e repairar a Cidade, reformando tambem navios velhos, de que tinha necessidade. Alguns dos quaes deo a Duarte Coelho, que era vindo do Reyno de Sião, onde o mandou D. Aleixo, segundo atrás fica, o qual per espaço de tres mezes andou no estreito de Sabam, e naquelles canaes, per onde vinham os juncos a Malaca em guarda delles, por causa das Armadas d'ElRey de Bintam, té que aprouve a Deos que tornado Antonio Correa de Pegu, onde era ido, veio ter a Malaca, com que ElRey foi fugindo do Pago. Pera entendimento do qual feito, (ainda que vai mais adiante,) convem fazermos aqui relação do que primeiro procedeo. Atrás escrevemos como Diogo Lopes de Sequeira mandou Antonio Correa com huma náo, e hum navio que viesse

ſe a Malaca, onde Affonſo Lopes lhe daria juncos pera ir a Martabam, e Pegu carregar de mantimentos pera provisão da Cidade, e elle carregaſſe a náo, e navio de lacre, e outras mercadorias, e ſe foſſe a Ormuz entregallas aos officiaes d'ElRey, por o muito proveito que ſe neſta viagem fazia. Deſte navio que elle levava era Capitão Antonio Pacheco, que hià pera ſervir o ſeu cargo de Capitão mór do mar de Malaca, do qual cargo fora tirado de poſſe, quando o prendeo Nuno Vaz Pereira ſobre ſuas differenças, como fica atrás; e tanto que o navio foſſe em Malaca, havia de ficar por Capitão delle hum cavalleiro por nome Duarte Franco, que hia no meſmo navio, e aſſi hia tambem Manuel Pacheco irmão delle Antonio Pacheco. E além deſte navio, houvera de ir em companhia de Antonio Correa té a Ilha Çamatra Diogo Pacheco irmão deſtes dous, o qual havia pouco que com Manuel Pacheco viera de Malaca, e trouxera grandes informações das Ilhas do ouro, de que havia geral fama na India eſtarem ao Sul de Çamatra. Sobre o qual deſcubrimento Diogo Lopes o mandava, por elle Diogo Pacheco ſer mui experto nas couſas do mar, e ter grande habilidade pera deſcubridor, além de ſer cavalleiro de ſua peſſoa; e pera iſſo lhe man-

mandou armar hum navio, em que elle hia, e hum bargantim, de que era Capitão Franciſco de Sequeira. E como pera o reſgate, e commercio do ouro ſe haviam miſter algumas ſortes de pannos de Cambaya, que não havia na feitoria de Cochij, ao tempo que Antonio Correa dalli partio, não pode ir com elle, ſómente Antonio Pacheco ſeu irmão, cuja companhia lhe durou pouco a elle Antonio Correa, com hum temporal que ſobreveio, com que foi ter ao porto de Pacem, e dahi a Malaca, e depois partio pera Pegu, como já diſſemos; e do que lá paſſou, adiante ſe verá, porque queremos continuar eſte Capitulo, relatando os trabalhos deſtes irmãos Pachecos. Os quaes ſe tiveram tanto favor da fortuna na India, quanto tinham de ſerviço, e cavalleria, elles foram bem proſperos em fazenda. Peró como neſte Oriente, a que chamamos India, reina mais a cegueira da fortuna, que a luz da razão, diſſemos já por ella ſer crua madraſtra dos fieis, e lijongeira madre dos artificios: couſa tão approvada na boca do povo deſte Reyno cabeça della, que quando vem paſſar hum deſtes ſeus mimoſos com a pompa da ſua proſperidade, dizem: *Vedes, alli vai hum filho da India.* O qual dito nunca ſe pode dizer por algum deſtes irmãos, porque qua-

tro

tro de que se ella servia, a tres sepultou em si; e hum que cá veio, foi Antonio Pacheco, acabou neste Reyno mais farto de serviços, que de galardão. E tornando á viagem de Diogo Pacheco, que partio logo nas costas de Antonio Correa, tanto que começou tomar per rumo de sua navegação a costa da Ilha Çamatra pela parte do Sul, sendo tanto avante como o Reyno chamado Daya, que sería vinte leguas do de Achem, que fica ao Occidente na ponta da Ilha, com hum tempo que teve, perdeo-se delle o bargantim, o qual foi alli dar á costa, e delle escapou sómente hum escravo Canarij, que depois veio ter a Achem, onde os nossos o achâram, e delle souberam a perdição deste bargantim. Diogo Pacheco seguindo a costa, foi ter ao Reyno de Barros, mui nomeado naquellas partes polo muito ouro que nelle ha, e assi o cheiroso beijoim, a que os nossos por a suavidade chamam beijoim de boninas, e por outras mercadorias de preço. Por causa das quaes cousas concorrem alli algumas náos de Cambaya, e navios dos Reynos de Pacem, Pedir, Achem, e Daya, das quaes partes elle achou surtas tres vélas, que como conhecêram ser navio nosso, ficáram desamparadas, acolhendo-se a gente a terra. Diogo Pacheco entendeo o seu temor, fez

finaes

ſinaes de paz, com o que os Governadores da terra mandáram ſaber quem era, e o que queria, viſitando-o com algum refreſco. Aos quaes elle, depois de gratificar ſeu preſente com algumas couſas das que alli podiam ſer eſtimadas, reſpondeo ſer hum Capitão d'ElRey de Portugal, mandado pelo ſeu Governador da India rodear aquella Ilha per a banda do Sul; e nos portos que deſcubriſſe, notificaſſe que ſeguramente podiam levar ſuas mercadorias a Malaca, e que tambem podiam vir a elle, ſe lhe aprouveſſe, porque mercadorias levava pera com elles fazer pacífica commutação. E quanto á gente que fugíra dos navios com ſua chegada, ſeguros podiam tornar a elles, poſto que foſſem de lugares, com que os Portuguezes tiveſſem guerra; porque por reverencia de eſtarem naquelle porto d'ElRey de Barros, com quem ElRey D. Manuel de Portugal ſeu Senhor deſejava ter conhecimento, elle lhe faria muita honra, e os ampararia, ſe alli outrem lhes quizeſſe fazer algum mal, ou damno. Da qual reſpoſta o Rey da terra, e ſeus Governadores ficáram mui contentes, e mandáram logo a bordo do navio refreſco, e que foſſem fazer com elle commutação das couſas que havia na terra com as que elle traziã. Diogo Pacheco, porque ſe vio ſem o bar-

gan-

gantim, que era a principal cousa que elle havia mister pera aquelle descubrimento a que hia, determinou de gastar os pannos, que levava pera o resgate do ouro, a troco do que lhe alli deram, que foi hum pouco de ouro, e beijoim, e algumas cousas que dalli levam a Malaca. Porque os Mouros como são ciosos de nós, poucas vezes em terras, onde novamente imos ter, descobrem a grossura que tem, temendo que nos façamos senhores della, e os lancemos daquelle proveito que elles logram. E em quanto alli esteve, sómente trabalhou em duas cousas; em se vigiar, temendo que de noite per industria dos Mouros de Cambaya não lhe fosse feita alguma traição; e em se informar dos da terra do que tinham sabido, e se dizia das Ilhas do ouro, que estavam ao Sul daquella Ilha Çamatra; por quanto geralmente em Malaca, onde hiam alguns mercadores daquelle Reyno Barros, se dizia que na terra não havia tanto ouro, como elles levavam, mas que a maior quantia haviam per resgate nas Ilhas do ouro, a que elles navegavam. E posto que os Mouros, e naturaes da terra deste negocio eram mui ciosos, tanto puderam peitas, que Diogo Pacheco deo a dous, ou tres naturaes dalli, que já lá foram, que vieram a lhe dizer o que tinham visto, e experimentado,

dizendo que quasi ao Sueste daquelle porto de Barros cento e tantas leguas havia huma corda de baixos, e restingas, em meio dos quaes estava huma Ilha não muito rasa, e per as fraldas chea de palmares, dentro na qual vivia muita gente preta, com que faziam resgate de ouro á borda da agua, por não consentirem que alguem fosse onde elles habitavam, e por isso não sabiam o sitio de terrapel dentro, nem o mais que nella havia, nem o modo da vida daquella gente, a qual dava muita quantidade de ouro a troco de huns pannos de Cambaya da sorte que elle alli trouxera, que eram vespicias, mantazes, e bertangijs azues, e vermelhos. E posto que elles faziam bom barato do ouro a troco de tão baixos pannos, ainda havia muitos homens, que se lá fossem huma vez, por mais ouro que trouxessem, não tornariam lá outra, com temor de perder a vida, porque geralmente de vinte vélas que lá fossem, não ficava a quarta parte, por ser esta navegação mui perigosa. A causa era não se poder ir a esta Ilha, senão em monção de tempo, que durava tres mezes, e em vasilhas mui pequenas, por os muitos baixos, e restingas, que tinha, em que havia alguns canaes per que navegavam, e estes mui estreitos, e que cada anno se mudavam por serem de arêa,

com

com a revolução das aguas no inverno daquellas partes. E quando acertavam de entrar, ou ſahir per elles, em dia que não foſſe muito brando, e ſereno, quebrava o mar em frol, e acapellava qualquer couſa que achava diante. Diogo Pacheco peró que eſtes homens lhe fizeſſem maiores difficuldades, cioſos deſte negocio, ſegundo elle entendia, não leixava de lhe perguntar muitas couſas, aſſi pera ſeu aviſo, como pera ver ſe os comprendia em alguma contradicção. E depois que delles tirou o que pode, como iſto era o principal que o alli fez deter alguns dias, mandou-ſe eſpedir d'El-Rey, e de ſeus Governadores, e fez ſeu caminho correndo a coſta da Ilha adiante, té chegar ao canal, que ella, e a terra de Jauha fazem, chamado de Polimbam, de huma Cidade cabeça do Reyno da meſma Jauha, que jaz ſobre aquellas praias. E dahi torneando a Ilha per a outra coſta do Norte, foi ter a Malaca, onde achou Garcia de Sá por Capitão, e partido pera a India Affonſo Lopes d'Acoſta; o qual ante que adoeceſſe, ſendo já Antonio Correa em Pegu, prendeo a ſeu irmão Antonio Pacheco, e o tinha mandado á India, ſem o querer leixar ſervir a capitanía mór do mar. Alguns dizem que a cauſa principal deſta prizão foi ſer Affonſo Lopes d'Acoſta homem

mem

mem de forte condição, e rixoſo, em quanto eſteve em Malaca, com muitas peſſoas; e porque Antonio Pacheco era homem, que não lhe havia de ſoffrer alguma ſoltura de palavras, que elle tinha, quando o vio em Malaca, e que vinha com elle ſeu irmão Manuel Pacheco, e que Diogo Pacheco do deſcubrimento que hia fazer alli havia de ir ter, temeo que tres irmãos, e mais tão cavalleiros, aviaſſem com elle ter moderação de palavras. Finalmente elle mandou fazer autos de ſua prizão, dizendo que lhe era deſcortez, e homem mal ſoffrido; e condemnando-o em culpas, que elle meſmo Affonſo Lopes tinha, o entregou a ſeu irmão Gaſpar d'Acoſta, que elle mandou á India em huma náo, que ſe foi perder nas Ilhas de Gamiſpolá. As quaes, por ſerem fronteiras, e mui vizinhas á Cidade Achem, tanto que ſe ſoube nella que a gente daquella náo eſtava alli perdida, foram a elles lancharas de Mouros, com os quaes pelejáram tanto, que não ficáram mais vivos, que o Capitão Gaſpar d'Acoſta, Antonio Pacheco, Gregorio Gonçalves do Algarve, Diogo Fernandes, e outros tres, cujos nomes não vieram á noſſa noticia; e todos tão feridos, que ſe houveram por tão mortos, como os outros. Dos quaes tanto que Garcia de Sá, que já ſervia de

Ca

Capitão de Malaca, ſoube parte, elle os mandou reſgatar per meio de Nina Cunapam hum Gentio grande noſſo amigo, que eſtava por Xabandar em Pacem, que será de Achem té vinte leguas. E a eſte negocio enviou Diogo Pacheco, que quando chegou a Malaca (como diſſemos) eſtava bem innocente dos taes trabalhos de ſeu irmão. Mas maiores os padeceo elle em tornar ao ſeu deſcubrimento do ouro o anno ſeguinte, pera onde o armou Garcia de Sá em hum navio da terra, e hum bargantim, com que chegou ao porto de Barros, onde eſtivera, no qual tornou achar quatro, ou cinco vélas de Cambaya, e de outras partes, que lhe não conſentíram tomar pouſo dentro no porto, tirando-lhe ás bombardadas. Diogo Pacheco, porque o vento lhe era contrario, e vio que gente da terra a grão preſſa ſe mettia em lancharas pera vir tambem contra elle, metteo-ſe no bargantim, querendo tirar á toa o navio ao mar largo polo não tomarem; e foi o tempo tanto, que o mar comeo o bargantim, e o navio veio á coſta, do qual eſcapáram alguns Malayos homens do mar caſados em Malaca, que ſe mettêram pelo ſertão da Ilha atraveſſando-a toda, e vieram ter da outra banda do Norte, onde acháram embarcação, que os levou a Malaca, os quaes

con-

contáram esta perdição de Diogo Pacheco, que foi o primeiro dos nossos que perdeo a vida por descubrir esta Ilha do ouro.

CAPITULO IV.

Como Antonio Correa chegou ao Reyno de Pegu: e assi se descreve o sitio, e cousas delle, e da paz que elle Antonio Correa assentou com o seu Rey, e do mais que fez té chegar a Malaca.

TOrnando a continuar com a viagem que Antonio Correa fez a Pegu com bom tempo que teve, depois que partio de Malaca, chegou ao porto da Cidade chamada Martabam, que he do estado d' ElRey de Pegu. E como per hum rio navegavel que tem, do sertão concorrem alli quasi todalas mercadorias, que vam ter á Cidade Pegu cabeça deste Reyno assi chamado, e na propria terra havia os mantimentos que elle hia buscar, e muita cópia de lacre, e dalli per terra á Cidade de Pegu, onde ElRey estava, seriam té sessenta leguas, determinou não subir mais pela costa acima, pera entrar per o rio de Cosmij, per onde vam ter á propria Cidade Pegu. Porque como naquelle tempo toda a costa deste Reyno estava ainda por descubrir por nós, a

qual he mui chea de Ilhas, e os maïs dos rios dos principaes portos tem tão grande macareo, que perigam muitas náos; ab[illegible]tou o em que se elle vio no porto de M[illegible]tabam pera não querer fazer mais expe[illegible]cia; e tambem pareceo-lhe que per este modo podia dar mais prestes aviamento aos juncos, que havia de carregar de mantimento pera Malaca, por a necessidade em que a leixava, e principalmente por achar alli muitos juncos, que a frete vam cada dia a ella, por ser mui breve viagem. Assi que por estas cousas dalli quiz mandar recado á ElRey de Pegu, e pera isso ordenou Antonio Paçanha natural da Villa Alanquer em modo de mensageiro, e por Escrivão desta messaje Belchior Carvalho, e seis, ou sete homens pola mais authorizar, a fóra seus servidores, e alguns peães da terra, que o Governador da Cidade lhe ordenou que fossem em sua companhia com provisões pera os agazalhar per todo o caminho. E porque Antonio Correa foi o primeiro Capitão, e pessoa notavel, que alli foi enviado assentar paz com ElRey de Pegu, depois que Affonso d'Alboquerque de Malaca mandou a elle Ruy d'Acunha, e esta paz, e amizade, que elle Antonio Correa assentou, foi com grande solemnidade; ante que venhamos á relação della, faremos

ou-

outra das cousas deste Reyno. Pegu, per que geralmente nomeamos este Reyno, no-e he imposto pelos Estrangeiros: os natu-s chamam-lhe Bagou, e assi chamam á ncipal Cidade, donde o Reyno tomou o nome. Pela parte do Ponente he cercado este Reyno do mar da enseada de Bengála, e o seu comprimento he da Cidade Rey maritima, que está em quatorze gráos, e hum terço de elevação do polo Arctico, e acaba em dezoito na Cidade Sedoe tambem maritima. Porém nesta costa se contém mais leguas do que se mostra per estes quatro gráos, e hum terço, porque vai ella repartida per esta maneira: o primeiro terço de toda a distancia sua he de Norte Sul, e o segundo de Levante a Ponente, e o outro torna ao Norte, per onde se vê que os dous terços sómente multiplicam em gráos, e o mais em número de leguas por a feição que a terra faz. Pela banda do Norte vai entestar em o Reyno chamado Arracam, com que muitas vezes tem guerra, e não póde tomar, por ser mui montuoso, e cercado de grande arvoredo. E correndo desta parte dentro pelo sertão té chegar ao sertão da Cidade Rey, onde elle fenece da banda do Sul, vem fazendo huma faixa de terra á maneira de meia lua. A maior parte da qual he montuosa, e habi-

bitada dos póvos Brammás, e Jangomás, que se mettem pela parte do Oriente deste Reyno, entre elle, e o grão Reyno Sião o qual Sião vem beber no mar da Ci Tavay pera baixo. Toda esta terra de gu, ou Bagou, como lhe chamam os naturaes, he mui chã á maneira de campina, que a faz ser alagadiça, com muitos esteiros do mar, que entram per ella, e per as bocas de dous notaveis rios, que a retalham toda em grande número de Ilhas á maneira de huma horta regada. As quaes aguas doces a fazem mui fertil de todo genero de mantimento, assi dos agricultados, como dos que a propria terra brota de si; e pela mesma maneira tem a criação dos gados, e alimarias com grande cópia de aves, e peixes, que se pescam na agua salgada, e doce, com que a terra he mui abastada de mantimentos. Té este tempo que Antonio Correa chegou aqui, e depois per alguns annos se demarcava este Reyno, (como dissemos,) em que haveria de comprimento pouco mais de noventa leguas, e no mais largo outro tanto. Porém de poucos annos a cá com a communicação nossa, e alguma ajuda que houve dos nossos, que lá estavam fazendo suas fazendas, fez ElRey guerra aos póvos Bremmás, e tomou-lhes alguns Reynos, té que a fortuna lhe

lhe virou as coſtas, e o roſto a hum vaſſallo delle meſmo Rey, que elle tinha poſ-o por Governador do Reyno Tangú dos mmás. O qual com eſta gente Brammá, he mui bellicoſa, lhe tomou o Reyno; e ainda cuſtou a vida a hum cavalleiro per nome Fernão de Moraes Portuguez, que lá eſtava com hum galeão fazendo carga de lacre per mandado do Governador da India, com o qual morrêram aquelles, que comſigo tinha no galeão. E foi tamanha a fortuna deſte novo tyranno, que não ſómente tomou todo eſte Reyno Pegu, matando todolos principaes da terra hum, e hum, por ſe ſegurar delles, mas ainda conquiſtou eſtes Reynos, Prom, Melitay, Chalam, Bacam, Mirandu, e Avá, que correm contra o Norte mais de cento e cincoenta leguas, todos de póvos Brammás, ſempre ao longo do rio, que vem do lago Chiamay, o qual com ſuas correntes rega grão diſtancia de terra por vir per campinas; e quando com ſua creſcente ſahem da madre, ſe alarga mais de trinta leguas, com que as terras ficam eſtercadas do ſeu nateiro, e reſponde tão em breve com a novidade das ſementeiras de arroz, e criação dos gados á maneira da terra do Egypto com a creſcente da chea do Nilo. E depois de havidas eſtas vitorias, em que

tam-

tambem alguns dos nossos militáram, quasi nos annos que compunhamos esta historia, tentou de ir tomar o Reyno Sião, peró não lhe succedeo como elle desejava. por ser caminho comprido, e muita p montuosa, e tão cego com arvoredo, q lhe convinha á força de machado fazer estrada per distancia de muitas leguas, não ganhou nesta jornada mais que perda de grande número de gente; e porém chegou á vista da Cidade Hudiá cabeça do Reyno Sião, que lhe foi bem defendida. Este povo de Pegu tem lingua propria, differente dos Siames, Brammás, Arracam, com que vizinha, por cada hum ter lingua per si. Porém quanto á maneira de sua religião, templos, sacerdotes, grandeza de idolos, e ceremonias de seus sacrificios, uso de comer toda immundicia, e torpeza de trazer cascaveis soldados no instrumento da geração, convem muito com os Siames. E ainda dizem elles, que os Siames procedem da sua linhagem; e será assi, porque esta torpeza dos cascaveis em todas aquellas partes não se acha em outro povo. Donde se póde crer ser verdade o que elles contam, que aquella terra se povoou do ajuntamento de hum cão, e huma mulher; pois que no acto do ajuntamento delles querem imitar os cães; porque quem o imita, delle deve proceder.

E a

E a hiſtoria deſta ſua geração he, que vindo ter á coſta daquelle Reyno Pegu, que então eram terras hermas, hum junco da China, com tormenta ſe perdeo, de que ſómente eſcapou huma mulher, e hum cão, com o qual ella teve cópula, de que houve filhos, que depois os houveram della, com que a terra ſe veio a multiplicar, e por não degenerarem do pai, inventáram os caſcaveis; e daqui, depois que a gente foi muita, ſe paſſou a Sião, donde os daquelle Reyno tem o meſmo coſtume; e porque em ambas eſtas partes as mulheres tem melhor parecer que os homens, dizem ellas que as femeas ſahem á primeira mãi, e os machos ao pai. Outros dizem, que eſta terra, e a de Arracam foi povoada de degredados, e que o uſo dos caſcaveis foi remedio contra aquelle nefando peccado contra natura. E ainda alguns Judeos daquella região, que ſabem a lingua, e entendem a eſcritura delles, dizem que eſtes degredados eram enviados per ElRey Salamão de Judéa, no tempo que as ſuas náos navegavam áquellas partes em buſca de ouro, que levavam de Offir, que elles tem ſer na Ilha Çamatra, que naquelle tempo haviam ſer terra contínua a eſta. Seja como for, pois de tempos tão antigos não temos eſcrituras; ſómente o que o povo recebe de

de pai a filho, e ſegundo o demonio naquelle tempo, e ainda agora reina em toda aquella gentilidade, mais nefandos abuſos, fóra do penſamento noſſo, tem entre ſi. Baſta para noticia das couſas deſte Reyno, e diſcurſo de noſſa hiſtoria, ſaber as demarcações delle, o ſitio, abaſtança, e religião de gente; o mais de ſeus coſtumes, governo, e eſtado de ſeu Rey, uſo de ſuas armas, e outras couſas que entre elles ſe uſam, leixamos pera os Commentarios da noſſa Geografia, a que ſempre nos remettemos, por ſer da propria materia, quando mais particularmente fallamos de cada Reyno per ſi. E tornando aos menſageiros, que Antonio Correa mandou ao Rey de Pegu, que reinava ao tempo que elle chegou ao porto de Martabam, tanto que per elles foi informado como que eſtava alli, e que ſua vinda não era a mais que aſſentar pazes, e amizade com elle, com alguns juſtos impedimentos de não poder ir a elle, foram logo deſpachados com davidas em retorno do que lhe Antonio Correa mandou. E pera effeito da amizade, e paz que elle queria aſſentar com Antonio Correa em nome delRey de Portugal, como ſeu Capitão que era, enviou com o meſmo Antonio Paçanha duas peſſoas notaveis de ſua caſa, hum ſecular, e outro Religioſo que era o ſeu Rau-

lim

lim maior, a que todolos outros do Reyno Pegu obedecem. Chegadas estas duas pessoas tão principaes á Cidade Martabam, que por causa de sua vinda foi logo mettida em prazer, e festa, e mais sabendo serem vindos a este assento de amizade nossa, que elles muito desejavam pola vizinhança que tinham com Malaca, que era a vida, e principal commercio de toda aquella enseada de Bengála, houve entre elles, e Antonio Correa suas visitações. E quando veio ao dia, que todos tres se haviam de ver pera jurar estas pazes, o qual acto pera maior solemnidade se havia de fazer no templo da Cidade, com muita gente que veio a elle, esperáram por Antonio Correa, o qual foi com os seus na maior pompa que elle pode, por mais solemnizar esta festa, levando o Capellão da náo, que lhe servia de Raulim. E como já entre elles as pazes estavam assentadas, e não vinham áquelle lugar a mais que serem juradas, segundo seu uso; tanto que todos foram juntos, não houve mais que fazer, que tirar o Samibelegam huma folha de ouro batido, onde, (segundo uso dos Reys daquelle Oriente,) vinham escritas estas capitulações. E entregues a hum official, foram lidas em alta voz duas vezes: a primeira na propria lingua da terra, pera serem entendidas dos na-

naturaes; e a segunda interpretadas em a nossa pera os nossos; e per modo semelhante mandou Antonio Correa ler as suas per o Escrivão da náo, escritas em papel a nosso uso. Lidas, e assinadas as quaes cousas, quando veio ao juramento, que o Samibelegam havia de fazer, o seu Raulim começou a ler per hum livro de sua religião, e per fim da lição tomou huns papeis amarellos, (côr dedicada ao culto divino,) do tamanho de letras de cambo, e algumas folhas de arvores odoriferas, em que hiam escritas palavras, as quaes accendidas em fogo, se fizeram em cinza. E de si tomou as mãos do Samibelegam entre as suas, e as poz sobre aquellas cinzas, dizendo algumas palavras: á que o Samibelegam respondia, como que concedia naquelle juramento, promettendo em nome d'ElRey ser firme, e valioso o que assentava, tudo isto com tanta ceremonia, attenção, e silencio, que fez grande admiração aos nossos. Antonio Correa quando veio a fazer seu juramento, chegou-se a elle o Capellão da náo vestido em sua sobrepelliz alva. E porque em a náo não havia outro livro, que fizesse maior pompa, por ser de folha de papel inteira, que hum Cancioneiro de trovas imprimidas, em o qual estavam as obras que os Fidalgos, e pessoas deste Reyno,

que

que tinham vea pera isso, té aquelle tempo tinham feito; quiz Antonio Correa levar ante este livro, que o breviario do Clerigo, ou algum livro de rezar, que na vista do Gentio, que era presente, parecia pouca cousa, e que não ornamentavamos bem as palavras de nossa crença. Finalmente tomando o Capellão o livro na mão, e aberto pera Antonio Correa jurar, pondo os olhos na letra, começou a ler alto, segundo o acto requeria, o principio das trovas, que tinha feito Luiz da Silveira Guarda mór do Principe D. João, que depois de Rey o fez Conde de Sortelha; o argumento das quaes he do Ecclesiastices de Salamão, que começa: *Vaidade das vaidades, e tudo he vaidade.* Na qual hora por razão destas palavras tomou tamanho receio a Antonio Correa com admiração dellas, e lhe faltou no espirito hum tremor, como se puzesse as mãos nas palavras de toda nossa Fé. E teve pera si, que era obrigado cumprir aquelle simulado juramento; porque Deos não he testemunha de enganos, ainda que sejam os taes actos feitos entre pessoas differentes em fé, quando ambas as partes contratam de paz, e concordia em bem commum. Acabado este acto de paz, e concordia, que causou ser logo Antonio Correa provído de todolos mantimentos, que havia

mis-

mister pera Malaca, lacre, e outras cousas pera a sua viagem de Ormuz; ante que se partisse, lhe aconteceo cousa, que lhe mudou esta viagem; e o caso foi este. Havia naquella Cidade Martabam, ao tempo que elle Antonio Correa chegou, alguns Mouros alli estantes fazendo suas mercadorias, os quaes foram presentes a todo o acto de paz, que elle assentou; e como isto foi para elles huma grande dor, porque logravam o commercio daquelle Reyno, onde té aquelle tempo navios nossos não continuavam, em algumas vezes que o Piloto, e Mestre da náo de Antonio Correa foram á terra consertar ás vélas, e prover-se do necessario pera sua viagem, em banquetes que lhe pelos da terra foram dados per alguns principaes homens da terra, como nossos amigos, parece que tiveram os Mouros tal industria, que lhe deram peçonha, de que morrêram, estando Antonio Correa pera partir. Quando se elle vio manco destas duas tão principaes partes de sua navegação, tomou por remedio tornar-se a Malaca em companhia dos juncos, que tinha carregado de mantimentos, porque nelles havia Pilotos da terra, que sabiam esta navegação, e não os tinha pera a India; e sem esperar mais, como fez tempo, se partio pera Malaca, aonde chegou a tempo

que tanto aproveitou com ſua peſſoa, como com os mantimentos que levava. Parece que pera iſſo permittio Deos o deſaſtre da morte do Piloto, e Meſtre, como ſe verá neſte ſeguinte Capitulo.

CAPITULO V.

Como Garcia de Sá ordenou huma Armada a Antonio Correa pera entrar no rio Muar, e aſſi ir ao Pago, onde El-Rey de Bintam eſtava, ao qual elle desbaratou, e deſtruio.

EM quanto Antonio Correa ſe deteve neſta viagem de Pegu, em Malaca paſſáram as couſas que atrás contámos, aſſi do tempo de Affonſo Lopes d'Acoſta, como outras, depois que Garcia de Sá entrou na capitanía; e todas as mais que ſe neſte tempo fizeram té a chegada delle Antonio Correa, deram muito trabalho á Cidade, por não haver nella mais deſcanço que armas ás coſtas, dos rebates, e cercos d'El-Rey de Bintam, fome de que ſuas Armadas eram cauſa, defendendo os mantimentos, e doenças que cada dia hiam gaſtando a gente, que na Cidade havia. Com a vinda do qual Antonio Correa, porque do comer geralmente pende a maior parte do contentamento dos homens, trouxe elle tanta

ta

ta abaſtança á terra, que deſte esforço tomáram todos forças, com que os rebates d'ElRey de Bintam ceſſáram, achando tanta reſiſtencia nas tranqueiras que ſoião commetter, que entendêram ſer vindo á Cidade ſoccorro de mantimento, e gente. Garcia de Sá como vio que ElRey de Bintam mais damno lhe fazia per fome, que per armas, determinou neſta proſperidade, e alegria, que os homens tinham com aquella abaſtança, atalhar ao diante, e mais aos ajuntamentos que ElRey de Bintam fazia, (como atrás eſcrevemos,) pera vir em peſſoa cercar a Cidade. Finalmente elle poz ſua tenção em conſelho; e propoſtas muitas razões, e inconvenientes ſobre o caſo, aſſentou que pera tirar aquella ſerpe que tinham tão perto, como era o Pãgo, donde cada dia eram commettidos, convinha pera quietação daquella Cidade ir ſobre ElRey de Bintam ante que ſe fizeſſe mais poderoſo com as ajudas que convõcava a ſi, e o lançaſſem daquella fortaleza. E que viſtas as qualidades da peſſoa de Antonio Correa, e quanto bem aquella Cidade per meio delle tinha recebido: eſte por ſer o principal, convinha que tambem vieſſe da ſua mão, que era ir por Capitão mór de huma Armada, que ſe faria pera eſte feito. E porque demos o ſeu a cada hum, as prin-

principaes pessoas que eram neste voto foram Garcia de Sá, que havia dias que o trazia no peito, D. Rodrigo da Silva, Duarte Coelho, Manuel Pacheco, e outros tres, ou quatro. Prestes a frota, que sería de trinta vélas, as mais dellas navios de remo, e alguns redondos, e caravelas, que Duarte de Mello Capitão mór do mar trazia de Armada, em que iriam té quinhentos homens, cento e cincoenta Portuguezes, e os mais era gente da terra, partio Antonio Correa a quinze de Julho do anno de quinhentos e vinte, em cuja companhia, além dos nomeados, hiam mais estes Capitães, Duarte Furtado, Francisco de Sequeira, Henrique Leme, Carlos Carvalho, Bartholomeu d'Afonseca, Christovão Dias, Ruy Mendes, Diogo Dias, João Salvado, e outros, cujos nomes não vieram á noticia nossa. Este rio, per que Antonio Correa havia de ir, (como já dissemos,) na entrada tinha aquella força, que Duarte de Mello destruio; e em algumas partes onde era estreito, tinha algumas estacadas, e tranquias que o atravessavam, leixando sómente alguns canaes per onde navegavam as lancharas d'ElRey, todo per ambas as margens delle mui cuberto de grande, e espesso arvoredo, que o assombrava em tanta maneira, que não entrava o Sol nelle senão quando

do ſe podiam enfiar os ſeus raios com a madre do meſmo rio. E quando hiam per elle, rombava a folha, ou qualquer moto que ſe fizeſſe, como em huma abobada de maneira, que hum batel que foſſe remando era ouvido longe. Sómente nos cotovelos que elle fazia com ſuas torturas, aqui era impedido, e ſe quebrava muito o termo do ouvido, em os quaes lugares ElRey de Bintam trazia ſempre eſcuitas, pera ſer aviſado do que entrava per elle, com temor noſſo, o qual eſtava em huma fortaleza ſituada não ao longo deſte grande rio de Muar, de que fallamos, mas nas correntes de outro pequeno, quaſi como eſteiro, ao qual os naturaes chamam Pago, donde ao lugar, e ſitio della chamavam Pago, e vinha-ſe metter neſte grande, que corre mui longe pela terra, ſempre per lugares baixos, e apaulados; e o Pago como he de pouca agua, e mui eſtreito, paſſado o lugar onde ElRey tinha feito ſeu aſſento, não paſſava mui adiante. Na margem do qual de ambas as partes, ao modo de Malaca, ElRey tinha feito huma grande povoação toda de madeira, a huma das quaes partes ficava o povo, e elle na outra, e no meio atraveſſava huma ponte per que ſe ſerviam. E poſto que eſtas forças, e povoações são de madeira, principalmente as

que

que elles ordenam em modo de fortaleza, he cousa tão defensavel, que a muitas dellas não chega muro de pedra, e cal; porque fazem huma estacada de páos tão fortes, e duraveis, que lhe chamam os nossos páo ferro, e delles tão grossos como mastos, e tão juntos huns aos outros, que não póde hum homem passar per entre elles, e são entulhados per dentro; e este entulho he hum terço de toda sua altura, e per este modo são entulhados os baluartes, em que tem assestada artilheria. E como ElRey de Bintam sempre teve receio de o commetterem alli, não sómente neste lugar de sua habitação, mas ainda onde este pequeno rio Pago se mettia no de Muar, tinha feito em hum cotovelo delle outra tal força de grossa madeira de huma banda, e da outra do rio, onde se recolhia parte da sua Armada, e a entrada do rio era per huma cancela, que se fechava cada noite, onde havia gente de guarnição, que guardava este lugar, que tambem tinha muita artilheria. Finalmente em baixo, e em cima tudo eram perigos, e trabalho per que os nossos haviam de passar; pera tirar os quaes impedimentos de madeira, ainda que não fosse tomar a espada, e lança na mão, sómente machados pera a cortar, cansaria mil homens, quanto mais tão pouca gente como

a nossa era. Porém assi constituio Deos as obras dos homens, que os mesmos homens per outro artificio, quando lhes a elle apraz, as vencem, e desfazem. Porque como Antonio Correa per alguns Malayos, que sabiam bem estas entradas, era avisado de tanto embaraço, e impedimento, levava ante si huma manchua com mais de vinte homens com machados pera os desfazer. Indo assi com esta ordem pelo rio acima, ante que chegasse ao cotovelo, que dissemos terem os Mouros feita a primeira força, que sería obra de sete leguas da barra, foi sentido; e houve logo rebate, assi onde elles estavam, como na povoação d'ElRey. O qual suspeitoso de seu mal, a grande pressa mandou recolher muita parte da Armada, que tinha em baixo pera a povoação, onde elle estava; e depois de recolhida, cortar muitas arvores das que estavam á borda do rio pera o encher de tranquia. E em alguns passos mandou decepar outras té o meio, e estarem assi com cordas lançadas nas pontas com gente da outra banda prestes, pera que querendo algum dos nossos navios passar, que as abatessem sobre elles. Antonio Correa quasi noite chegou junto da primeira estancia, que os Mouros tinham feita; e como a terra alli fazia hum cotovelo agudo, ficava a tranqueira dos Mou-

ros

ros da parte dianteira, e a nossa Armada da parte trazeira, tão vizinhas pelas costas, que se no meio não houvera tão alto, e espesso arvoredo, víram-se todos; e porém ouvia-se o rumor de ambalas partes, por as razões do tombar do rio, que dissemos. Ouvindo Antonio Correa esta vizinhança, passada parte da noite, em que a gente algum tanto assocegou do rumor, mandou em hum balão pequeno a Jorge Mesurado Feitor da sua náo, por saber a lingua Malaya, que lhe fosse espreitar a tranqueira dos Mouros, e escuitasse o rumor delles, pera saber em que determinação estavam. O qual tornado a Antonio Correa, disse que a prática da vigia dos Mouros era, que pela manhã haviam de pelejar com elle, e animar-se huns aos outros; e que segundo o rumor delles, lhe parecia que era muita gente. Antonio Correa, por ter dado pera isso hum certo sinal, tanto que foi ouvido, todolos Capitães foram com elle, onde se consultou o modo que haviam de ter ao outro dia ante manhã, em que elle se determinava commetter os imigos; e a ordem que pera isso deo foi esta. Que Duarte de Mello Capitão mór do mar, por ter huma caravela, que podia com os castellos ficar igual das tranqueiras, e cancella per que era a entrada, iria diante, levada a caravela

per bateis á toa, pera pela enxarcea, e mareagem della subir a nossa gente; e logo junto a ella iria elle Antonio Correa, por causa de hum tiro grosso, que levava na galé em que hia, e assi os outros navios maiores, que levavam artilheria pera se servirem naquella chegada della, e mais serem amparo aos navios de remo rasos, té entestárem nas tranqueiras, e principalmente a passagem da caravela. A qual assi estava feita, e fechava aquelle lugar da entrada, que muito mais receava Antonio Correa o embaraço, que lhe ella podia fazer na passagem, entalando-lhe os navios no meio da vea, que commetter a força, que os Mouros tinham feito á de dentro della, onde tinham posta sua artilheria. E como este impedimento era o que lhe maior confusão fazia, ordenou que na caravela fosse da gente do mar a mais despachada, e destra pera subirem pela enxarcea; e tanto que emparassem com a cancella, se lançasse nella hum golpe de homens, e entrados dentro, fossem com machados cortar qualquer fecho, com que estivesse fechada. Posto Antonio Correa nesta ordem, tanto que foi manhã, começou a descubrir o cotovello, que a terra fazia, na volta do qual os Mouros tinham feito sua fortaleza. E ainda a caravela não era descuberta de todo, quan-

do

do a artilheria dos Mouros, que eſtava alli apontada, começou a varejar, ſem ella lhe reſponder com a ſua, por aſſi o ter ordenado Antonio Correa, ſenão depois que elle tiraſſe com huma eſpera em ſinal que dava Sant-Iago. Dado o qual ſinal, com que a artilheria de ambalas partes começou a fuzilar; entrou no vão daquelle rio hum trovão contino, couſa tão eſpantoſa, que não parecia ſer inſtrumento de homens, mais que a natureza da terra, e o furor do ar com todolos elementos concorriam em guerra, e propria deſtruição ſua, com que os homens não ſabiam em que lugar eſtavam. Porque eſte contino, e eſpantoſo trovão per huma parte, a groſſura do fumo, que não ſahia daquelle opaco, e ſombrio lugar per outra, e a luz eſcura dos relampados, que de quando em quando per outra afuzilavam, e per derradeiro a grita de tanta gente, fazia tudo huma tal miſtura nos ouvidos, e viſta, que ſe não podiam entender, reſponder, ou conhecer huns aos outros, ſómente ás cegas cada hum lançava mão do que achava ante ſi. E quaſi apalpando mais, que vendo o que faziam, os da caravela de Duarte de Mello, peró que lhe foi aſſás trabalhoſo, ſubindo pela enxarcea houveram a cancela á mão; e depois que foram ſenhores della, ſe lançáram dentro da tran-

quei-

queira; e como não levavam outro intento, por lhes assi ser mandado, a primeira cousa que fizeram, foi vir abrir as portas da cerca á caravela pera entrarem os outros navios. Na qual entrada sem mais pelejar, assi se houveram os Mouros por vencidos, que nenhum quiz esperar a furia do nosso ferro. Finalmente Antonio Correa com toda sua gente se fizeram senhores daquella fortaleza, té do almoço que os Mouros tinham posto ao fogo, que era arroz cozido, e outras viandas segundo seu uso, que os nossos houveram por melhor que as lançadas, e fréchadas, que naquella entrada esperavam achar. Mas aprouve a Deos que os livrou deste perigo, e ficáram com o animo dobrado, pera logo com esta vitoria ir avante onde ElRey estava: o que Antonio Correa fez, tanto que os nossos esbulháram o que alli foi achado, que por ser de gente de guarnição, era pouca cousa, e a melhor foram vinte e tantas peças de artilheria, a maior parte della de metal, e algumas que foram nossas, que elles tinham havido nas affrontas que nos deram em Malaca. Antonio Correa, porque temeo que indo elle per aquelle pequeno Pago acima, nas costas lhe podiam dar alguma affronta as lancharas da Armada d'ElRey, que per ventura estariam escondi-

di-

didas per esses estreitos, que vinham dar no rio grande; leixou alli Duarte de Mello na sua caravela, e outros navios, que por grandes não podiam ir acima, por ficar seguro, e mais entre tanto recolheriam a artilheria, e munições que alli ficavam. E assi ordenou por causa das arvores, que estavam atravessadas per o rio que havia de ir, e outras que estavam serradas, pera darem sobre elle á passagem dos nossos, ou ao menos pera lhe fechar á tornada o caminho, que fossem diante os bateis com os homens de machado, pera lhes tirar este impedimento, e perigo. A qual providencia aproveitou tanto, que sem ella não pudéra ir adiante; porque além da tranquia atravessada, havia em algumas partes muita estaca mettida ao maço, tão profunda na vasa, por a terra ser apaulada, que lhe deo grande trabalho o arrancar, e cortar desta madeira, e foi causa que se deteve muito em chegar á povoação onde ElRey estava. O qual com esta detença de Antonio Correa teve tempo de pôr sua gente em ordem, e seus Elefantes armados, e tudo tão a ponto, que quando os nossos chegáram, e o víram estar em huma chapa da terra, que se fazia sobre o rio, onde elle havia de desembarcar, lhe fez assás de temor. Porque além desta vista, que parecia

ser

ser de dous mil homens bem armados pera dar, e receber, em elles descubrindo este lugar, foram recebidos com huma grita, que rompia os ares estrogindo as orelhas; e quando foi aos nossos quererem poiar em terra, foram recebidos de muita artilheria, e huma nuvem de fréchas, que cubriam o Sol. No qual feito claramente os nossos víram obrar mais o poder de Deos, que o seu; porque no primeiro ferro que começáram pôr na carne dos Mouros, assi os cortou o temor, e perdêram as forças, e sentido, que em nenhuma outra cousa o tinham senão em os pés, o qual desbarato causou pôr-se ElRey em salvo com toda a potencia de seus Elefantes, parecendo-lhe que dentro no mato os nossos o haviam de tomar: tanto foi o temor que lhe Deos poz no animo, sem haver homem, que tornasse atrás. Acabando esta gente de despejar a Cidade, posto que os corpos de alguns ficáram atravessados per essas ruas, os nossos se fizeram senhores della, sem Antonio Correa consentir que entrassem pelo mato em alcanço d'ElRey, contentando-se com tamanha mercê, como lhe Deos fizera em lançar este tyranno, que tanto nos perseguia, daquelle lugar tão perigoso de entrar, que sómente em o commetter era grande feito, quanto mais acabar-se sem

mor-

morte de algum dos nossos, que foi outro novo milagre. Finalmente a Cidade, e casas d'ElRey foram esbulhadas do melhor, que em tão pequenas vasilhas, como elles traziam, se pode levar, e per derradeiro se poz fogo a tudo; e os Mouros em fugindo, por nos não lograrmos dellas, o puzeram em mais de cem peças de navios, huns que eram da Armada d'ElRey, assi como lancharas, calaluzes, e outras de seu serviço, em que havia alguns de estado, dourados as popas, e proas, ornamento em que estes Principes querem mostrar a magestade, e policia de seu serviço, alguns dos quaes por mostra Antonio Correa levou a Malaca, leixando feito em cinza aquelles dous sitios. Na qual Cidade foi recebido com o maior prazer, que ella havia dias que tivera; porque com a destruição deste tyranno, (a quem daquella vez não ficou hum barco, nem peça de artilheria,) ficava ella segura das perturbações que lhe dava. O qual como homem desconfiado de mais poder viver naquella parte, se foi assentar na Ilha Bintam, que será de Malaca quarenta leguas, onde per algum tempo quietou, em quanto não teve forças.

CA-

CAPITULO VI.

Como Garcia de Sá mandou de Armada a Manuel Pacheco ſobre o porto de Pacem, e Achem: e do feito que cinco Portuguezes, que com elle foram, fizeram: e do mais que ſobre eſte caſo ſuccedeo.

COm eſte feito, que foi mui ſoado per todas aquellas partes, ficáram os amigos, e liados d'ElRey de Bintam mui quebrados no favor que tomáram delle pera noſſo damno: e alguns delles tinham commettido crimes, e inſultos contra nós, de que té então não houveram caſtigo, por eſtar Malaca tão affortunada da perſeguição deſte tyranno, que não podia acudir a iſſo. E entre eſtes, que começáram tomar ouſadia contra nós, foi hum tyranno que eſtava em Pacem, que ſe tinha intitulado por Rey, e aſſi o Rey do Reyno Achem, dos quaes adiante particularmente faremos relação, por lá ſer mais proprio lugar. Aqui baſte ſaber que tinha eſte de Pacem roubado alguns dos noſſos, que alli foram ter com fazenda, aſſi no tempo que Lopo Soares governou, como depois que lhe ſuccedeo Diogo Lopes de Sequeira. E a couſa mais freſca, que então tinha feito, era ſe-

rem

rem alli mortos mais de vinte e tantos homens, delles criados de D. Aleixo de Menezes, outros de D. João de Lima Capitão de Cochij, os quaes alli foram ter em huma náo do mesmo D. João, em que tambem se perdeo muita fazenda. Garcia de Sá como com a vitoria que houve d'ElRey de Bintam ficou com mais algum repouso pera poder entender no que estes tyrannos da Ilha Çamatra tinham feito, os quaes elle dissimulava pola oppressão em que Malaca estava, ordenou logo de armar huma náo, a capitanía da qual deo a Manuel Pacheco, que polo que alli era acontecido a seu irmão Antonio Pacheco, quando foi cativo, (como escrevemos,) teria mais sabor de fazer esta guerra ao tyranno de Pacem, e Rey de Achem, andando per aquella costa defendendo-lhe a entrada das náos, que com mercadorias viessem a seus portos, e as fizesse arribar a Malaca, e assi não consentisse que os seus fossem pescar ao mar; porque como os Gentios da India, e assi os Mouros que vivem no maritimo della, mais se mantem do pescado, que de carne, em nenhuma cousa lhe podia fazer maior damno, que em lhe defender a pescaria, e assi as náos que vam áquelles portos, grande parte das quaes levam das Ilhas de Maldiva muita muxama, que se faz de pesca-

do,

do, e he entre elles mui eſtimada. Partido Manuel Pacheco a eſte feito, começou atormentar aquelles dous portos de Pacem, e Achem, tomando-lhe quantos peſcadores vinham peſcar, com hum batel que pera iſſo trazia bem eſquipado; e as náos eſtrangeiras fazia-as arribar a Malaca, e as que per força queriam tomar eſtes portos, mettia-as no fundo. No qual tempo por lhe falecer agua, mandou a iſſo o batel remado per marinheiros Malayos, e em ſeu reſguardo com elles eſtas cinco peſſoas, Antonio de Véra do Porto, Antonio Paçanha de Alanquer, Franciſco Gramaixo, João d'Almeida de Quintella, e o barbeiro da náo; porque pela experiencia que tinha de ſuas peſſoas, não lhe haviam de leixar o batel em mãos dos Mouros, ſuccedendo algum caſo, em quanto os marinheiros fizeſſem aguada. Entrando eſte batel em hum rio chamado Jacapárij, que ſerá do porto de Pacem huma legua, onde fez ſua aguada, quando veio ao ſahir, como os Mouros os tinham em olho, de huma parte, e da outra choviam ſettas ſobre elles, por os virem eſperar á margem do rio: Tudo pelos entreter em quanto ſe faziam preſtes tres lancharas no porto de Pacem pera os vir tomar ante que ſahiſſem do rio ao mar, onde a náo lhe podia ſoccorrer, e deram-

lhe

lhe os Mouros tanto trabalho com as nuvens de fréchas que lhe tiravam, que se não se cubríram com as adargas, as quaes hiam cubertas das mesmas fréchas, nenhum delles ficára com vida. Passado o qual perigo, já na boca do rio começou vir a elles a maré, e com ella a viração, que os entreteve tanto, sem á força de braços poderem surdir avante, que vieram a elles tres lancharas, que o vinham buscar. Huma das quaes, que era a capitanía, por ser mais veleira, vinha hum bom pedaço das outras, em cada huma das quaes passavam de cento e cincoenta homens, todas mui bem remadas, e o Capitão della era hum Mouro Jáo de nação per nome Raja Sudamicij, que servia a ElRey de Pacem de Capitão de suas Armadas. Os nossos quando se víram tão longe da náo, e que o vento não servia pera lhes poder soccorrer a tempo, sem primeiro passarem pela furia daquellas tres lancharas, determináram morrer ante que se leixar cativar. E o conselho que tomáram foi offerecer-se a Deos em sacrificio, dizendo, que não pelejassem no batel senão em lanchara, abalroando com elles juntamente, se lançassem dentro, e se mettessem ás lançadas com os Mouros, e os mais Nosso Senhor o faria por elles. A lanchara como vinha com alvoroço de os levar

na

na mão primeiro que as outras chegassem, como cousa de pouca preza chegou a elles, quasi como que os queriam tomar á mão vivos; mas de outra maneira lhe succedeo. Porque ainda ella não chegava, quando os nossos com o nome de Jesus na boca se lançáram dentro tão levemente, que ainda o pé não era posto na coxía, quando o ferro das lanças era no peito dos Mouros; assi animosamente, que como carneirada em que dam lobos, os fizeram logo remoinhar. E como eram muitos, huns embaraçavam os outros, por se resguardar de se não ferirem; e os nossos não tinham outro officio, senão fornear, e ensopar as lanças nelles, com que alguns se lançáram ao mar. Finalmente foi tamanha a desenvoltura, e despacho, que estes cinco homens com os marinheiros tiveram naquelle commettimento, que ainda que andavam bem sangrados, o Senhor Deos que os animava, e favorecia, lhes deo força pera que ficassem senhores da lanchara, morrendo grande parte dos Mouros, huns delles ás lançadas, e outros afogados. E seu proprio Capitão rouco de brados, que se não lançassem ao mar, não como quem fogia, mas com indinação delles, se lançou tambem; e com hum terçado na mão direita, remando com os pés, e a esquerda, matava nelles por se vingar, como

ho-

homem desesperado. Quando as outras duas lancharas de longe víram que os nossos eram senhores desta, parecendo-lhes que o batel trazia tanta gente, que podia fazer aquelle feito, e mais que a náo começava de sobrevir a elles, fizeram a volta ao porto donde sahíram, que foi vida pera os nossos, por estarem taes, que não tinham já alento, e vasavam muito sangue; e o que Nosso Senhor fez mais por elles, foi, que das feridas que houveram, nenhum delles morreo. ElRey de Pacem vendo-se com esta injúria, e temendo que pois Malaca destruíra ElRey de Bintam, que outro tanto poderia fazer a elle com alguma Armada; e tambem sabia que era ido hum Principe herdeiro daquelle estado ao Governador da India requerer ajuda contra elle, por segurar suas cousas, mandou dizer a Manuel Pacheco que queria paz, e não guerra; e que se o Capitão de Malaca a mandava fazer por causa de algumas perdas, que os Portuguezes alli tinham recebido, em que elle não era culpado, (como se mostraria, quando o quizesse saber,) elle era contente de compoer todo este damno. Manuel Pacheco, porque havia já tempo que andava alli, e tinha vindo ao ponto que Garcia de Sá desejava, que era ter paz com esta Cidade Pacem, por ser mui importante ao estado de Malaca,

e es-

e este tyranno se sometia com obrigação de satisfazer as perdas que os nossos recebêram, e mais que lhe convinha ir dar hum folego á gente, que com elle andava; fingio que elle não tinha poder pera assentar paz com elle, senão fazer-lhe crua guerra; e porém por quanto a elle lhe convinha chegar a Malaca, daria conta ao Capitão deste seu requerimento. Partido Manuel Pacheco, levou a lanchara, que os nossos tomáram, pera estar em Malaca por memoria de tão honrado feito, onde foi recebido com muito prazer de todos. E porque Duarte Coelho estava pera ir á China, onde Garcia de Sá o mandava com huma náo, e hum navio a fazer fazenda d'ElRey, pera a qual viagem era mui necessario levar pimenta, e ElRey de Paçem requeria paz; por vir em tão boa conjunção este seu requerimento, leixou de mandar a isso Manuel Pacheco, por se não fazerem duas despezas, e foi Duarte Coelho a este negocio. O qual assentou a paz, e carregou as duas náos, que levava, de pimenta, e seda, e outras mercadorias, que ficáram em Malaca, em que se fez boa fazenda; e com a pimenta, e outra carga partio pera a China, da viagem do qual adiante faremos relação. E por ser já vinda a monção pera a India, partio-se Antonio Correa carregado de honra, e da

fa-

fazenda que fez em Pegu, cousas que poucas vezes se conseguem, onde elle chegou a salvamento. E per aqui acabamos as cousas, que naquellas partes de Malaca se fizeram o anno de dezenove, e vinte, no qual tempo passáram outras na India, de que convem darmos razão por haver muito tempo que della partimos.

CAPITULO VII.

Em que se descreve o sitio das Ilhas de Maldiva, e algumas cousas dellas: e como João Gomes, que foi enviado a fazer huma fortaleza na principal chamada Maldiva, a fez, e depois o matáram os Mouros, e a causa porque.

AO tempo que Diogo Lopes de Sequeira despachou Antonio Correa, Garcia de Sá, Simão d'Andrade, e outras pessoas pera as partes de Malaca, em a relação do que alguns passáram nos detiveram té este passado Capitulo, tambem despachou outros Capitães. E porque João Gomes de alcunha Cheira-dinheiro foi o primeiro pera fazer huma casa forte nas Ilhas de Maldiva, primeiro que entremos na relação do que elle fez, convem darmos huma geral noticia destas Ilhas de Maldiva, em que tantas vezes fallamos. Este nome Maldiva,

posto que seja nome proprio de huma só Ilha, como logo veremos, a etymologia delle em a lingua Malabar quer dizer mil Ilhas, Mal mil, e diva Ilhas, porque tantas dizem haver em huma corda dellas. Outros dizem, que esta palavra Mal he nome proprio da principal, em que reside ElRey, que se intitula por senhor de todas, e a ella commummente chamam Maldiva, como se dissessem a Ilha de Mal; e como ella he cabeça de todas, todas se intitulam della. E esta corda, que corre á semelhança de huma faixa estendida fronteira á costa da India, começa nos baixos, a que chamamos de Pádua na paragem de monte Delij, e vai entestar na terra da Jaóa, e costa de Sunda. Isto segundo demostram algumas cartas da navegação dos Mouros, porque os nossos té ora tem noticia sómente de obra de trezentas leguas do curso dellas, começando nas a que chamam de Mamálle, nome de hum Mouro de Cananor, que era senhor das primeiras, que estam apartadas da costa Malabar per espaço de quarenta leguas em altura doze gráos e meio da parte do Norte. E as derradeiras nesta distancia de trezentas leguas chamadas Candú, e Adú, estam em sete gráos da parte do Sul; e quasi no meio desta faixa de trezentas leguas está a principal dellas chama-

da-

da Maldiva, que dissemos, onde reside o Rey, que se intitula por senhor de todas. As quaes Ilhas as mais pequenas estam encabeçadas em as maiores de maneira, que huma governa trinta, quarenta, segundo estam situadas; e a este número assi encabeçado em huma chamam elles patána. E posto que o Rey, que se intitula por senhor de todas, e todo o povo dellas seja Gentio, os Governadores são Mouros, cousa que elles sempre trabalham; porque com ter a governança das terras, pouco, e pouco se vem a fazer senhores dellas. E o modo que nisto tem he fazerem-se rendeiros da renda das terras, principalmente dos portos de mar, porque com este arrendamento anda junto o governo da justiça, por se melhor arrecadarem as rendas do Principe da terra; e este uso que os Mouros tem, mais he inda nas terras firmes que nas Ilhas. A situação destas de Maldiva, ainda que algumas das maiores sejam apartadas humas das outras per espaço de vinte, quinze, dez, e cinco leguas, o maior número dellas he estarem tão conjuntas, e apinhoadas, que parecem hum pomar meio alagado de agua, que quasi tanta parte he cuberto como descuberto della; e que de salto em salto, por não molhar os pés, e ás vezes lançando a mão nos ramos das arvores, se an-

da todo. E são os canaes desta agua que as retalha tão retorcidos, que os mesmos naturaes ás vezes huma maré os apanha, e lá os vai lançar em parte, onde não sabem atinar. Porque ainda que estes canaes muitos delles tem tanta altura, per que possam navegar náos mui grossas, são tão estreitos, que em partes vam dando com a entena das vélas nos palmares; não que dem tamaras, como dam as de Barberia, e toda Africa, mas hum pomo do tamanho da cabeça de hum homem; ao miolo do qual primeiro que lhe cheguem, tem duas cascas á maneira de noz. A primeira, posto que per cima, he mui liza, passada aquella tez liza, todo o mais he tão estopento, que se fia todo melhor que esparto, da qual cordoalha se serve toda a India: e principalmente em amarras, por serem as que se fazem deste fiado mais seguras, e duraveis no mar, que nenhuma sorte de linho. E a causa he porque enverdece com a agua salgada; e faz-se tão correento nella, que parece feito de coiro, encolhendo, e estendendo á vontade do mar: de maneira, que hum cabre destes bem grosso, quando a náo com a furia de tempestade, estando sobre ancora, porta muito per ella, fica tão delgado, que parece não poder salvar hum barco; e no outro saluço, que a náo faz arfando, torna a

ficar em ſua groſſura. Servem-ſe mais deſte cairo em lugar de pregadura; porque como tem eſta virtude de reverdecer, e engroſſar no mar, cozem com elle o taboado do coſtado das náos, e tem-as por mui ſeguras: verdade he que elles não navegam pela furia dos mares do Cabo de Boa Eſperança, nem menos tem hum pairo a pezar dos ventos, como fazem as noſſas náos, ſómente navegam no tempo do verão em monções, que são tempos bonanças regulados em ſeu curſo per eſpaço de tres mezes, e como entra inverno, logo ceſſam de navegar. Tem mais eſte pomo tão proveitoſo outra caſca de mui duro páo, per cima da qual ficam os ſinaes daquelles nervos, e fios da outra, á maneira do entre-caſco da ſovereira, ou (por melhor dizer) á maneira de huma noz deſcuberta da caſca verde. Eſta caſca per onde aquelle pomo recebe o nutrimento vegetavel, que he pelo pé, tem huma maneira aguda, que quer ſemelhar o nariz poſto entre dous olhos redondos, per onde elle lança os grellos, quando quer naſcer: por razão da qual figura, ſem ſer figura, os noſſos lhe chamáram coco, nome impoſto pelas mulheres a qualquer couſa, com que querem fazer medo ás crianças, o qual nome aſſi lhe ficou, que ninguem lhe ſabe outro, ſendo o ſeu proprio, como

lhe

lhe os Malabares chamam, Tenga, e os Canarijs, Narle. O miolo, que tem dentro nesta segunda casca, ficará de tamanho de hum grande marmelo, e porém de parecer differente, porque sua propria semelhança na côr de fóra, e de dentro he huma avelã, que tem dentro algum vão, sem ser maciça, e do mesmo sabor, mas com mais grossura, e substancia, cá tem mais partes olioginosas que a avelã. Dentro no qual vão se estilla huma agua mui doce, e cordeal, principalmente ao tempo que elle está na arvore já de vez; e quando quer nascer, todo este concavo em que esta agua está, se faz huma massa espessa á maneira de nata, a que elles chamam lanha, cousa mui suave, e saborosa, e de melhor substancia, que as amendoas, quando na arvore querem coalhar. Porque este fruto na substancia, na altura, no uso de comer, e oleo que em si tem, muito semelhavel he ás avelans, e amendoas, e assi tem per cima aquella côr alionada, e per dentro he alvo. Este pomo, e a palmeira que o dá parece ser das mais proveitosas cousas, que Deos deo ao homem pera sua sustentação, e necessario uso; porque além de servirem no que já dissemos, fazem delle mel, vinagre, azeite, vinho, e mais he mui substancial mantimento per si só comido, e misturado

com

com arroz, e per outros modos, de que os Indios em ſeus comeres ſe ſervem delle. E da primeira caſca que o cobre, ſe faz o cairo, que diſſemos ſer tão commum, e neceſſario pera a navegação de todo aquelle Oriente, depois que o curtem, máçam, e fiam á maneira do linho canamo. As palmeiras que o dam tambem ſervem de madeira, de lenha, e telha, porque cobrem as caſcas com as folhas, por vedar bem a agua, e aſſi lhes ſerve de papel, eſcrevendo nellas da maneira que já diſſemos; e os ſeus palmitos, quando são novos, não lhes chegam os da Barberia. Finalmente, como hum homem naquellas partes tem hum par de palmeiras, ha que tem todo o neceſſario pera ſeu uſo; e quando querem gabar algum de bondade em ſuas obras, dizem por elle: *He mais frutifero, e proveitoſo, que huma palmeira.* A fóra eſtas arvores, que ſe criam naquellas Ilhas ſobre a terra, parece que he tão viva a ſemente dellas, que a natureza alli repoſitou, que em algumas partes debaixo da agua ſalgada naſce outro genero dellas, as quaes dam hum pomo maior que o coco; e tem experiencia que a ſegunda caſca delle he muito mais efficaz contra a peçonha, que a pedra Bezoar, que vem daquellas partes Orientaes, que ſe cria no bucho de huma alimaria, a que os Parſeos

ſeos chamam Pazon, de que nos livros de noſſo Commercio tratamos largamente fallando das couſas contra peçonha. A mais commum, e notavel mercadoria que eſtas Ilhas tem, por cuja cauſa ſe navega para ellas, he o cairo que diſſemos, por ſe não poder navegar em todas aquellas ſem elle. E aſſi tem huma maneira de mariſco tão miudo, como caracóes, mas de outra feição, e de hum oſſo duro, branco, e luſtroſo, entre os quaes ſe acham alguns tão pintados, e luſtroſos, que feitos em botões com hum cerco de ouro, parecem alguma couſa eſmaltada, dos quaes ſe carregam por laſtro muitas náos pera Bengála, e Sião, onde ſervem de dinheiro, ao modo que entre nós ſerve a moeda miuda de cobre pera comprar as couſas miudas da praça. E a eſte Reyno de Portugal tambem ſe trazem por laſtro dous, e tres mil quintaes alguns annos, os quaes ſe levam a Guiné, aos Reynos de Beneij, e Congo, onde ſe gaſtão no meſmo uſo de moeda, e o Gentio do interior daquellas terras fazem deſta moeda theſouro. E á maneira de como os moradores daquellas Ilhas o apanham, e peſcam, he fazerem grandes balſas de folha de palma, liadas humas com outras por ſe não eſpedaçarem; e lançadas no mar, ſóbe eſte mariſco a ellas buſcar algum cevo;

vo; e como eſtas balſas eſtam bem cubertas delle, tiram-as á terra, e apanhado, todo he mettido debaixo da terra té que apodrece o peſcado que tem, e de ſi lavado no mar, ficam os buzios, (que aſſi lhe chamamos nós, e os Negros Igovos,) mui alvos, pera com menos nojo os tratar nas mãos, que a moeda de cobre, de que neſte Reyno val hum quintal de tres té dez cruzados, ſegundo vem muito, ou pouco da India. Tem mais eſtas Ilhas muita peſcaria, de que ſe faz grande cópia de moxama, que ſe leva pera muitas partes por mercadoria, em que ſe ganha bem, e aſſi em azeite de peixe, e cocos, e jágara, que ſe faz delles ao modo de açucare. Quanto ás couſas de artificio que a gente dellas faz, ſão pannos de ſeda, e algodão, e delles ſão taes, que couſa de recedura não ſe faz melhor em todas aquellas partes, e iſto principalmente nas Ilhas Ceudú, e Cudú, onde dizem que ha melhores tecelões, que em Bengála, e Choromandel. Porém toda a ſeda, e algodão, de que fazem eſtes pannos, lhes vem de fóra, por ſerem mui desfalecidas deſtas duas couſas, e aſſi de arroz, que todo lhe vai de carreto. Tem criação de gado vacum, carneiros, e ovelhas; mas não tanto que lhes eſcuſem as manteigas, que lhes vam de Ceilão, e de outras partes,

em

em que ſe faz muito proveito. A gente deſtas Ilhas, com que os noſſos tem communicação, he baça, fraca, e malicioſa, couſas que ſempre andam juntas, não ſómente em a natureza dos homens, mas ainda nos brutos animaes, donde ſe póde verificar huma paradoxa, que todo fraco de animo he malicioſo em cautelas. Veſte a principal gente pannos de ſeda, e algodão; e a outra da plebe, das meſmas palmeiras, e de hervas tecem ſua cubertura. Tem lingua propria, poſto que os que vizinham com a coſta do Malabar, fallam a ſua lingua, principalmente na Ilha Maldiva, onde eſtá ElRey, por cauſa de concorrerem a ella muitos Malabares. E a eſta Ilha chegou João Gomes, que, (como no princípio diſſemos,) Diogo Lopes deſpachou pera vir a ella fazer huma caſa forte á maneira de fortaleza, pera dalli feitorizar cairo, e outras couſas que ha na terra pera provimento das Armadas. O qual polo que já eſtava aſſentado entre ElRey, e D. João da Silveira ſobre o fazer deſta caſa, como atrás fica, elle João Gomes foi recebido d'ElRey com gazalhado, e lhe deo lugar onde pudeſſe fazer a caſa que requeria. E porque elle levava recado que mandaſſe logo cairo, e outras couſas que ha na terra pera proviſão da feitoria de Cochij, e não podia junta-

ta-

tamente dar aviamento a isso, e mais fazer a casa forte de pedra, e cal, por não achar estas achegas prestes, pera que havia misster mais vagar; como homem que estava em terra pacífica, e que tinha o Rey por si, fez huma força de madeira pera seu recolhimento, no qual durou pouco tempo; porque o regular curso das cousas, em que os homens trabalham, he, que cada hum colhe a novidade da terra segundo o que nella semeou. E como João Gomes, por ser homem cavalleiro de sua pessoa, era hum pouco imperioso, e queria que todo mundo lhe obedecesse, e que bastava ser Portuguez, pera isto assi ser, e mais Capitão d'El-Rey de Portugal; quantas náos de Mouros alli vinham ter, todas queria que estivessem a seu mandar, como se elle fora o Rey da terra. Do qual modo, e tratamento os Mouros se escandalizavam; e sobre este escandalo se ajuntou o damno, e perda, que Gromalle Mouro de Cambaya recebeo em a náo, que lhe tomou D. João da Silveira, quando alli veio ter, (como atrás escrevemos.) Finalmente, tanto que elle soube que João Gomes alli estava, e que tinha dez, ou doze homens comsigo sómente, ajuntáram-se os Mouros escandalizados de João Gomes, que foram ter a Cambaya, e armados certos navios deram

so-

sobre elle, e o matáram com quantos tinha comsigo.

CAPITULO VIII.

Do que fez Christovão de Sousa com huma Armada, que lhe o Governador Diogo Lopes deo pera ir á costa de Dabul: e assi do que passáram outros, que tambem enviou o anno seguinte.

ATrás fica como Christovão de Sousa foi mandado per Diogo Lopes de Sequeira com seis vélas de Armada para andar na costa de Dabul, por razão do que os Mouros alli tinham feito no tempo de Lopo Soares. Sobre o qual caso elle tinha lá enviado João Gonçalves de Castello-branco com tres fustas, ao qual Diogo Lopes mandava que se ajuntasse com Christovão de Sousa, e andasse com elle té a entrada do inverno em guarda daquella costa, e náos que de Goa, Cananor, Cochij hiam carregar a Chaul, onde tinhamos huma feitoria, de que era Feitor Diogo Pais. Seguindo Christovão de Sousa esta viagem, como foi já no fim de Janeiro, achou os ventos Noroestes, que naquella costa pera sua viagem eram mui contrarios. E parecendo-lhe que abraçando-se mais com a costa, em algumas enseadas, ficaria mais abrigado dos ven-

ventos, que lhe eram ponteiros, e tambem nas abras dos rios podia achar alguns navios de Mouros, que furtadamente de nós passavam dalli pera Cambaya com alguma pimenta; coseo-se bem com a terra, té chegar á barra do rio Citápor, onde soube que estava huma náo, que carregava de pimenta. A gente da qual tanto que vio hum catur, que Christovão de Sousa mandava a ella, salvou-se em terra, leixando a náo desamparada, com que o catur não teve mais que fazer que levalla. Christovão de Sousa, tanto que os Noroestes o leixáram, se poz em caminho pera Dabul; onde achou nova que os Mouros, chegando Ruy Gomes d'Azevedo á barra do rio, ao longo do qual está a Cidade Dabul situada, o vieram commetter com muitas fustas; e estando com ellas ás bombardadas, saltou-lhe fogo na polvora, com que se queimou elle, e a gente; do qual desastre escapou huma mulher Portuguez, que os Mouros cativáram, e isto haveria seis, ou sete dias que passára: Cuidando Christovão de Sousa que esta caravela lhe ficava atrás, por não ser boa pera abolinar no tempo que a levou ao longo da costa, e ella lançou-se ao mar pera mais cedo se ir perder. Christovão de Sousa com o primeiro impeto da indinação que teve deste caso quizera

com-

commetter ir dar ſobre a Cidade Dabul; peró leixou de o fazer, porque a entrada do rio tinha hum baluarte mui forte, e cheio de tanta artilheria, que podia metter no fundo quantas vélas quizeſſem entrar pera dentro, e mais tinha já perdida a gente da caravela. E eſtando determinado pera ir a Chaul ver ſe andava lá João Gonçalves, e com elle vir commetter eſte caſo com mais cópia de gente, deo-lhe tamanho temporal de Noroeſte, que o fez recolher na enſeada dos Malabares, que ſerá de Chaul duas leguas. Paſſada a qual furia do temporal, depois de naquella enſeada ter poſto o fogo a huma povoação de Mouros, tomou-ſe á barra de Dabul, onde achou outra tal nova como a primeira de huma náo noſſa, que os officiaes de Cananor mandavam á feitoria de Chaul, a qual as fuſtas de Dabul tinham mettido no fundo. Quando Chriſtovão de Souſa ſe vio em meio deſtes dous deſaſtres, que elle attribuia a ſi meſmo polo modo que paſſáram, foi-ſe com eſta indinação a Chaul em buſca de João Gonçalves; mas achou lá nova ſer partido pera Goa, donde depois o tornou o Governador a mandar, como veremos. Chriſtovão de Souſa, porque não o leixavam os Noroeſtes, que naquelle tempo alli curſavam muito, e podia já mal ſoffrer a véla, e tam-

e tambem não via modo pera tomar emenda dos Mouros de Dabul, recolhidos mantimentos, fez-se á véla caminho de Goa, dando primeiro em hum lugar chamado Calacij cinco leguas de Dabul, por ser seu, o qual commettimento houvera de custar a vida de muitos, per esta maneira. Christovão de Sousa chegado de noite á barra deste lugar, parecendo-lhe que por ser de noite se poderia melhor vingar dos Mouros, se os tomasse de sobresalto, leixou a caravela de Lourenço Godinho, e a sua galé na barra, e em duas fustas, e hum paráo, e bateis se metteo pelo rio acima, sendo luar bem claro. Peró como os Mouros estavam de aviso sobre elle, que sabiam andar per aquella costa, escandalizado do que os Mouros de Dabul lhe tinham feito, quando entrou no lugar, posto que era grande, e nobre, com sumptuosas mesquitas, era já todo despejado, com que não teve mais que fazer, que entrar no lugar, e dessa pouquidade que se pode haver da gente commum recolhia á praia, pera embarcar pela manhã. A qual não lhe pareceo tão pacífica, como a noite: cá com sua vinda appareceo sobre o lugar hum Capitão com té quatrocentos homens, os mais delles frécheiros, como gente determinada, e offerecida a morrer. Christovão de Sou-

sa

ſa parecendo-lhe que andava ainda no lugar alguma gente noſſa no engodo do esbulho, ſahio com té quarenta eſpingardeiros, e a mais gente que tinha, que ſeriam cento e cincoenta homens per todos. E quando chegou a huma rua do lugar, traziam os Mouros diante ſi ás fréchadas alguns dos noſſos, que lá andavam; e dando *Sant-Iago* com o alvoroço que a gente levava, deſcarregáram as eſpingardas nos Mouros. Os quaes ſoffrendo aquelle primeiro impeto, como todos eram frécheiros, amiudáram ſuas fréchas, que nunca mais os noſſos eſpingardeiros puderam cevar ſuas eſpingardas. E porque eſtes não trazem adargas, como a outra gente de armas, foram os primeiros que começáram receber o damno das fréchas, e aſſi os primeiros que ſe puzeram em ſalvo caminho das fuſtas. O qual deſamparo fez a Chriſtovão de Souſa vir-ſe tambem recolhendo a ellas, por ſe ajudar da artilheria que nellas eſtava, com que podiam varejar ao longo da praia, pera os Mouros darem lugar a ſe embarcarem; mas deſta induſtria Chriſtovão de Souſa ſe não pode ſervir, porque ſentindo-a os Mouros, mettêram-ſe entre os noſſos, e a embarcação de maneira, que não podiam tirar das fuſtas, que não fizeſſem tanto damno em os noſſos, como nelles. Finalmente

Chriſ-

Christovão de Sousa por tomar a embarcação, e os Mouros por lha defender, se passáram tres horas, té que á força de ferro elle se achou ao embarcar sómente com dez homens derredor de si, porque de cento e cincoenta, com que elle sahio, todolos outros eram embarcados, de que as pessoas que o mais acompanháram té se metter na fusta, foram Francisco de Sousa Tavares seu sobrinho, e Belchior Tavares. O qual negocio foi tão quente, que entráram os Mouros com elles dentro na agua, e com as mãos queriam reter a fusta, dos quaes muitos ficáram na praia estirados, e dos nossos foram feridos trinta e cinco; e hum bombardeiro, estando dentro na fusta, huma frécha o foi matar. Recolhido Christovão de Sousa ás suas embarcações, foi-se caminho de Chaul, para aquella gente ferida ser melhor curada. Diogo Lopes de Sequeira, porque a Goa lhe foi recado do que acontecêra na perdição da caravela, e náo, que os Mouros de Dabul mettêram no fundo, como ora contamos, e na informação deste caso foi culpado tanto Christovão de Sousa, que sem mais aguardar outro recado, o mandou logo vir. O qual recado levou Antonio Raposo, que hia em companhia de João Gonçalves, que Christovão de Sousa cuidava estar em Chaul, e

elle era já partido pera Goa, como dissemos, o qual trazia quatro, ou cinco navios, e com os mais que tinha Christovão de Sousa, a quem elle escrevia que lhe entregasse os que trazia comsigo, João Gonçalves havia de andar naquella costa. Peró Christovão de Sousa, como lhe constou, que por Diogo Lopes ser mal informado do caso, lhe mandava que entregasse a Armada, elle o não quiz fazer, estando ainda em Chaul curando a gente ferida do caso que ora contámos; e depois que foi em Goa, Diogo Lopes ficou satisfeito das razões que lhe elle deo da culpa, que ante elle lhe quizeram dar, porque tambem soube Diogo Lopes não ser culpa sua, senão desastres; e que quando conveio pelejar, elle o fizera como cavalleiro que era. E logo no verão seguinte mandou Diogo Lopes a Christovão de Sá, filho de Henrique de Sá Senhor de Matosinhos, e Alcaide mór do Porto com tres galés para andar de Armada na costa de Chaul, e paragem de Dio. Porque soube per João Gonçalves quantos modos Melique Az Senhor de Dio buscava pera com suas fustas damnar as nossas cousas, quando se podiam ajudar de nós; e tambem por causa das fustas de Dabul, de quem as nossas náos, e navios, que hiam a Chaul, recebiam muito damno. E

os Capitães das duas galés, que hiam com Christovão de Sá, eram D. Jorge de Menezes seu primo com irmão, filho bastardo de D. Rodrigo de Menezes Commendador da Grandula da Ordem de Sant-Iago, e Jorge Barreto de Béja. Com as quaes vélas Christovão de Sá andou naquella costa de Cambaya, e assi assombrou Melique Az, vendo que começavam já de attentar nelle, que recolheo suas fustas; e acabado o tempo que lhe Diogo Lopes limitou que andasse alli, tornou-se pera Goa. Nas costas do qual veio Antonio de Saldanha ter naquella paragem de Dio, o qual vinha de Ormuz, onde invernára da vinda do estreito, como atrás escrevemos. E este pequeno tempo, que Antonio de Saldanha andou na costa de Dio, quasi de passada, como era na monção que as náos de Méca vem pera aquella Cidade, fez nellas boas prezas, que se accrescentáram ás outras que trazia da costa de Arabia. Com as quaes chegou á India, onde todalas Armadas, que Diogo Lopes fez os annos de dezoito, e dezenove, se recolhêram, porque assi o tinha elle ordenado pela necessidade que havia das vélas, e da gente pera huma grossa Armada, que o anno de quinhentos e vinte havia de fazer pera entrar o estreito do mar Roxo, que lhe ElRey mandava,

 co-

como fez; e adiante faremos relação desta sua ida.

CAPITULO IX.

Do que passou huma Armada de quatorze vélas, Capitão mór Jorge d'Alboquerque, que o anno de quinhentos e dezenove ElRey D. Manuel mandou á India: e do que Diogo Lopes de Sequeira nisso fez.

O Anno de quinhentos e dezenove fez ElRey D. Manuel huma grossa Armada de quatorze vélas, porque mandava fazer algumas fortalezas na India, e Capitães a novos descubrimentos, pera que convinha cópia de vélas, e gente, a capitanía mór da qual frota deo a Jorge d'Alboquerque, que na India havia de servir de Capitão da Cidade Malaca depois de Affonso Lopes d'Acosta. E em quanto não entrasse nesta capitanía, dava-lhe ElRey huma viagem pera a China, pelo modo de Fernão Peres d'Andrade, pera a qual ida lá na India lhe haviam de ser dados navios. O que lhe dava pola experiencia que tinha de seus serviços naquellas partes, em que mostrou muita virtude, e cavalleria que havia nelle. Da qual Armada aquelle anno passáram sómente quatro náos, de que eram

os

os Capitães Lopo de Brito filho de João de Brito, Pero da Silva filho de Ruy Mendes de Vaſconcellos ſenhor das Villas de Figueiró e Pedrógão, que havia de andar por Capitão do trato de Cochij pera Ormuz, João Rodrigues d'Almada, e Franciſco da Cunha, que partindo depois a ſete de Junho, chegou a Cochij a dez de Outubro. E os que não paſſáram aquelle anno á India, e invernáram em Moçambique, e per aquella coſta, foram eſtes: o meſmo Jorge d'Alboquerque, Chriſtovão de Mendoça filho de Diogo de Mendoça Alcaide mór de Mourão, Rafael Pereſtrello, Rafael Catanho, Diogo Fernandes de Béja, o Doutor Pero Nunes, que hia pera ſervir de Vêador da fazenda daquellas partes, pelo modo de Fernão d'Alcaçova, de que atrás fallámos. Manuel de Souſa, filho de Duarte de Souſa, Gonçalo Rodrigues Correa, D. Diogo de Lima, que arribou a eſte Reyno, e D. Luiz de Guſmão Fidalgo Caſtelhano, que ſe levantou com hum formoſo galeão que levava; e o caſo ſuccedeo per eſta maneira. Seguindo eſte D. Luiz ſua viagem, quando foi na traveſſa do cabo de Santo Agoſtinho pera o de Boa Eſperança, que he a regular derrota, deo-lhe hum tempo que lhe quebrou o leme, e ficou tão ſem corregimento, que lhe foi forçado arribar á terra
de

de Sancta Cruz do Brasil. Na qual parte por descuido que teve, estando em terra fazendo o leme, os Brasijs lhe matáram cincoenta e tantos homens, em que entrou o Piloto. Vendo-se D. Luiz com este desastre, que elle houve por boa fortuna, segundo seus máos propositos, de que já havia alguma noticia em palavras que ante tinha soltado, como era homem á maneira de soldado, assentou em seu peito de se tornar, e ir-se pera Italia, e andar naquelle arcipelago a toda roupa. E porque se pudesse melhor senhorear dos Portuguezes que ficáram, fingio que queria buscar as arcas de todos, dizendo que tinha sabido que dos defuntos que os Brasijs matáram, muitos tinham tomado parte de sua fazenda. A qual busca fazia per mãos de Castelhanos, que hiam em o galeão, entre criados, e outros que convocou pera seu proposito; e como achava arma alguma nas arcas, tomava-a logo, dizendo que o fazia por evitar brigas em a náo. Per este modo feito senhor da náo, começou descubertamente mostrar quem era, fazendo cruezas como hum algoz, em que matou alguns Portuguezes; e posto na volta das Ilhas terceiras, o Mestre Fernando Affonso, que elle trazia como prezo, per artificio lhe fogio, o qual lhe servia de Piloto, e assi hum batel com al-

alguns marinheiros. E porque elle levava já tomada huma naveta de Duarte Bello hum mercador de Lisboa, a qual vinha da Ilha S. Thomé carregada de açucares, e escravos, e huma caravela que tomou entre as Ilhas, e com os pousos que de humas em outras andou fazendo, e fama que os fugidos deram delle, se soube seu proposito, vigiáram-se as povoações pequenas delle, e nos primeiros navios que partíram pera este Reyno se veio o Mestre dar conta a ElRey. O qual logo a grão pressa mandou dar aviso a todolos portos de Castella, que vindo alli, o prendessem, e trabalhassem por lhe tomar o galeão. Elle tanto que nas Ilhas houve estes dous navios, partio-se com elles caminho das Canarias, ante de chegar ás quaes, tomou outros dous carregados de pastel, e pescado, com que entrou no porto da Gomeira por vender estes roubos. Sobre a qual venda, em que entrevinha o Capitão do lugar, houveram ambos differenças, com que D. Luiz começou de lhe esbombardear a povoação; e houve tal resposta da artilheria que nella havia, que lhe quebráram a verga grande do galeão. Vendo-se elle manco sem o poder marear, já como homem assombrado dos males que tinha feito, e que não se atrevia com tamanha preza, pera que havia mister mais

po-

poder de gente, e que ella hia dizendo quem era, baldeou a artilheria do galeão na melhor caravela, com o mais precioso que lhe pareceo destes roubos, e com gente de sua quadrilha se partio pera Castella, leixando o galeão, e as outras vélas, que depois vieram ter a poder de seus donos. E por acabarmos esta sua vil tragedia, chegado elle D. Luiz ao porto de Cales, onde já era o aviso d'ElRey sobre elle, escapou da prizão em que o quizeram tomar; mas depois foi tomado em terra, e levado a huma torre do alcacer de Sevilha, da qual per tiras, que fez dos lançoes em que dormia, se lançou; e como ainda tinha grande altura pera chegar a baixo, leixou-se cahir, onde quebrou ambas as pernas. E jazendo assi como mereciam suas obras, aos gemidos da dor que tinha acudio hum homem, que o salvou ás costas em hum Mosteiro de Frades, e depois foi ter a Italia, onde acabou mal, como suas obras mereciam. Outro galeão, que tambem hia nesta Armada, de que era Capitão Manuel de Sousa, tem outra tragedia mais miseravel; o qual apartando-se da companhia de Jorge d'Alboquerque, e chegado a Moçambique, posto que era já tarde, commetteo passar á India. Peró como os ventos Levantes eram forçosos, não os poden-

dendo soffrer, arribou a terra áquem do cabo Guardafú pera se prover de agua, de que andava mui desfalecido: á mingua da qual, por a muita gente que levava, que passavam de duzentos homens, lhe eram mortos alguns. Com a qual necessidade seguindo a costa caminho de Melinde, veio ter a hum lugar chamado Matua, onde leixado o galeão hum pouco largo da costa com quarenta homens no batel, sahio em terra buscar agua, a qual achou em fontes hum pouco affastadas da povoação. A gente da terra tanto que os víram, com refresco de gallinhas, e outras cousas os vieram buscar, aos quaes achâram occupados enchendo barris, e vasilhas de agua; e como todos vinham famintos destas duas cousas, descuidáram-se tanto do batel, que lhes ficou em secco com a maré, que alli espraia muito. Quando o elles víram tão longe da agua, huns a levar a que tinham recolhido nos barris, outros aos hombros, a elle começáram de se apressar; a qual pressa os Mouros lhe atalháram com outra maior, vindo sobre elles mais de dous mil, que os tinham em olho do lugar onde estavam escondidos, esperando alguma conjunção; e foi ella tal, por o galeão estar mais de meia legua a la mar, que todolos nossos ficáram enterrados naquella praia. Os do ga-

galeão vendo tamanho desastre, em que entrou o Capitão, e Piloto, que haviam de governar a elles, e a elle, não ousando sahir em terra, nem esperar mais tempo, por a grande necessidade que tinham de agua, deram á véla o melhor que puderam, por a maior parte da gente andar enferma, e foram a hum lugar chamado Oja, que será além de Melinde contra a India vinte leguas. No qual lugar acháram mantimentos, e o mais que haviam mister; e houve tanta facilidade na maneira desta communicação per espaço de dias, que se foi á terra o mestre com cinco pessoas, de que os principaes eram, Simão de Pedrosa moço da Camara d'ElRey, e Belchior Monteiro, ambos naturaes do Porto, onde o senhor de Oja os teve seis dias, sem os querer leixar ir ao galeão, mostrando ter muito contentamento de sua estada, pedindo-lhes que invernassem alli, onde lhes seria dado todo o necessario. Os do galeão parecendo-lhes que eram elles mortos, ou cativos, como já não traziam cabeça que os governásse, e todo seu estado era salvar-se das mãos dos Mouros, pois o não podiam fazer da enfermidade, de que o galeão andava tão iscado, que cada dia lançavam mortos ao mar, porque entre elles não havia força pera levar ancoras, cortáram-

ram-as, fazendo-se á véla, com temor que os podiam tomar ás mãos: tanta era a confiança, que elles tinham na sua força. Quando o mestre, que estava em terra, o vio partir, foi-se ao senhor que o entretinha, a que elles chamam Rey, o qual havendo compaixão do que lhe sobre isso disseram, lhes mandou dar hum paráo pera irem tomar o galeão; mas elle hia já tão longe, que tomáram elles por salvação tornar-se á terra a ElRey, que os recebeo mui bem. O galeão como não levava outro Piloto senão o contra-mestre, que do officio sabia mui pouco, foi assentar a quilha em hum secco de arêa junto da Ilha de Quiloa, onde per os Mouros della, e de Monfia, e Zenzibar foram mortos, sem dárem vida a mais que a hum moço sobrinho do mestre, o qual ElRey de Zenzibar salvou para mandar em presente a ElRey de Mombaça, cujo vassallo elle era; e per derradeiro escorchado o galeão de quanto levava, lhe puzeram o fogo, que he o consumidor de todalas cousas. As outras vélas, que foram em companhia de Jorge d'Alboquerque, posto que não tiveram tantos trabalhos, assás foram aquelles que lhe fez não passarem á India, e invernar em Moçambique, onde muitos ficáram enterrados de enfermidade. Diogo Lopes de Sequeira, posto que

não

não ſabia deſtes deſaſtres, per as náos que chegáram á India ſoube como partíram deſte Reyno quatorze vélas, e que ſegundo os tempos que tiveram neſta viagem, parecia que invernavam todas em Moçambique, e per aquella coſta. E como pelas cartas que ElRey D. Manuel lhe eſcrevia apertava muito que em toda maneira entraſſe o eſtreito de Méca, ſe o já não tinha feito, pera a qual ida elle ſe apercebia, e como vieſſe a monção, partir; houve que eſta invernada de Jorge d'Alboquerque lhe vinha a popa, pera de Moçambique o ir eſperar ao cabo Guardafú, e levar parte das náos, e gente freſca, que com elle hia. Pera o qual negocio mandou hum Gonçalo de Loulé homem diligente, e que entendia bem as couſas do mar, com cartas a Jorge d'Alboquerque em hum navio, que lhe deo, em que lhe eſcrevia que com o primeiro tempo elle ſe puzeſſe em caminho, e o foſſe eſperar ao cabo Guardafú com toda ſua frota; e achando nova que era já paſſado, ſe foſſe trás elle caminho do eſtreito. E poſto que neſta viagem tambem Gonçalo de Loulé, entre animo, cubiça, e neceſſidade paſſou muitas couſas, por ſerem mui miudas, que nos poderiam deter; baſta ſaber que tomando elle a coſta de Melinde, na mão fez muitas prezas, por recolher as quaes deſ-

pe-

pejou o ſeu navio do neceſſario , e depois com tormenta alijou tudo. E porém per aquella coſta foi apanhando algumas reliquias, que ficáram do galeão Santo Antonio, aſſi como o meſtre com ſeus companheiros em Oja, o ſobrinho em Zanzibar, e aſſi alguma artilheria groſſa em a Ilha Monfia , as quaes peças elle entregou em guarda ao Rey, por ſerem tão groſſas que as não podia levar , e per derradeiro foi levar o recado a Jorge d'Alboquerque. O qual tanto que teve tempo, ſe fez á véla; e quando chegou ao cabo Guardafú, achou nova ſer Diogo Lopes já paſſado; e não o ſeguio como lhe mandava, por muita parte das náos que levava ſerem da carga da eſpeciaria, e de armadores, que lho tolhêram com muitos requerimentos, e proteſtos , apreſentando o traslado de ſeus contratos, per os quaes não eram obrigados andar em Armadas. Finalmente Jorge d'Alboquerque poz a proa no cabo de Roſcalgate da coſta Arabia, onde ſabia que Diogo Lopes havia de tornar ; e ſendo tanto avante como as Ilhas da Maceira, teve hum tão grande temporal, que eſteve quaſi perdido em fundo de cinco braças. Sahido do qual perigo, em que ſe tambem achou huma náo de hum Baſtião Figueira de Goa, que hia pera Ormuz , foi ter ao porto de

Ca-

Calayate, onde passou outro maior, por ser causado não dos temporaes, mas da malicia, e cubiça dos homens, que he mais perigosa, que os temporaes da natureza; e o caso foi este. Estava naquella Villa de Calayate, que he d'ElRey de Ormuz, hum seu Governador, a que elles chamam Guazil, o qual havia dias que era chamado por ElRey por causa de mexericos, o que elle dissimulava, dando algumas escusas que ElRey não recebia. E desejando elle de o haver á mão, escreveo a Duarte Mendes de Vasconcellos, que alli andava com huma fusta, per mandado do Capitão de Ormuz, que sabia ser grande amigo do Guazil, que havia nome Raez Xabadim, que trabalhasse por lho haver á mão; por a qual cousa lhe promettia muito, além do serviço que fazia a ElRey de Portugal, pois o Reyno de Ormuz era seu. Duarte Mendes como vio Jorge d'Alboquerque no porto, pareceo-lhe que tinha acabado este feito; e dando-lhe conta do caso, accrescentou tanto com suas razões importar muito ao serviço d'ElRey D. Manuel, por aquelle Mouro estar meio alevantado, que concedeo elle na prizão. E assentou com elle que o modo de o prender seria, ir elle Duarte Mendes ao serão com alguma gente, com que costumava ir visitar o Mouro, no qual tempo

po eſtariam os Capitães das nãos na praia, e a hum certo ſinal dariam de ſubito na caſa, e aſſi o prenderiam. Peró o negocio foi feito tanto com mais alvoroço, que prudencia, dos miniſtros que niſſo eram, e o Mouro ſe vigiava de maneira, que cuſtou eſte commetter entrallo nas caſas vinte dos noſſos que morrêram, e cincoenta e tantos feridos. E ainda houvera de chegar a mais, ſenão fora Diogo Fernandes de Béja, que eſtando ſangrado daquelle dia, acudio com a gente da ſua nao á praia, e ſegurou a embarcação aos noſſos, e per derradeiro o Mouro ſalvou-ſe per huma janella, e não lhe matáram mais de tres homens. Eſte fim tem as obras que ſe commettem, dando o beijo na face com a eſpada eſcondida. O qual caſo, depois da vinda de Diogo Lopes, elle caſtigou na peſſoa de Duarte Mendes, levando-o dalli prezo a Ormuz, por induzir a iſſo Jorge d'Alboquerque, da viagem do qual Diogo Lopes ao eſtreito eſcrevemos neſte ſeguinte Capitulo.

CAPITULO X.

Como o Governador Diogo Lopes de Sequeira partio com huma grossa Armada ao estreito do mar Roxo: e do que passou té chegar á Ilha Maçuá, onde o Embaixador Mattheus foi conhecido ser do Preste João; e do mais que se alli passou.

O Governador Diogo Lopes de Sequeira, tanto que enviou a Gonçalo de Loulé ao caso que ora dissemos, e despachou as náos, que aquelle anno haviam de vir com carga da especiaria a este Reyno, a capitanía mór dos quaes deo a Fernão Peres d'Andrade, que com ellas chegou a salvamento; por não perder tempo, posto que ainda de todo não tinha prestes as náos, que esperava levar, partio-se de Cochij a dous de Janeiro do anno de quinhentos e vinte, vindo per Cananor, Calecut, Baticalá, provendo-se de mantimentos, e cousas que alli tinha mandado fazer, e a estas fortalezas do necessario pera sua segurança, em quanto elle fazia aquella viagem. E porque huns galeões, que tinha mandado fazer em Calecut, não eram de todo acabados, foi necessario deter-se alguns dias em Góa, donde partio a treze de Fevereiro com huma frota de vinte e quatro vélas,

nas

nas quaes levava té mil e oitocentos homens Portuguezes, a fóra outros da terra Malabar, e Canarij, com os quaes fez número de tres mil homens de armas, leixando a D. Aleixo de Menezes por Governador em ſua auſencia. Das quaes vélas eram dez náos groſſas, dous galeões, cinco galés, quatro navios redondos, duas caravelas latinas, e hum bargantim pera recados, de que eſtas peſſoas eram Capitães, D. João de Lima, Franciſco de Tavora, Chriſtovão de Sá, Chriſtovão de Souſa, Jeronymo de Souſa, Manuel de Moura, Diniz Fernandes de Mello, Jorge Barreto Pereira, Pero Gomes Teixeira Ouvidor geral, Antonio Rapoſo de Béja, Fernão Gomes de Lemos; Antonio de Lemos ſeu irmão, Nuno Fernandes de Macedo, Henrique de Macedo ſeu irmão, Gaſpar Doutel, Lourenço Godinho, Simão Guedes, Pero de Faria, Franciſco de Mello, Pero da Silva, Antonio Ferreira, Diogo de Saldanha, e Antonio de Saldanha. Ao qual Diogo Lopes de Sequeira mandou cinco dias ante de ſua partida com quatro vélas dos Capitães, que com elle andavam de Armada, que ſe foſſe diante dar viſta á Ilha Çocotorá; e achando nella alguns navios de Mouros, que os entretiveſſe, por não levarem nova de ſua ida, cá ſua tenção era não tomar a coſta de Ara-

bia, senão a de Africa, começando no cabo Guardafú, onde havia de fazer sua aguada, e alli o esperasse. E sendo caso que no mar achasse alguma náo de Mouros, que hia abocando entre ambalas terras pera entrar o estreito, que lhe désse pouca caça, pera se ella poder salvar, e dar nova que andava alli Armada nossa de poucas vélas, com que ficassem sem suspeita da frota, e que aquelle anno não havia elle entrar no estreito. E posto que Antonio de Saldanha levou diante cinco dias, teve Diogo Lopes tão prospera viagem, que quasi em hum mesmo tempo chegáram todos ao cabo Guardafú, e assi huma caravela que deste Reyno partio, Piloto, e Capitão Pero Vaz de Véra, aquelle que Lopo Soares em sahindo do estreito mandou com Lopo de Villa-lobos com cartas a ElRey, como atrás escrevemos. O qual Pero Vaz trazia por regimento que fosse ter neste cabo Guardafú neste tempo, porque sabia ElRey pelo que tinha escrito a Diogo Lopes da entrada do estreito, que então podia ser alli. A causa da vinda do qual foi trazer cartas a Diogo Lopes, per que lhe ElRey fazia saber como per via de Levante tinha sabido a ida dos Rumes áquellas partes, encommendando-lhe que os fosse receber dentro no estreito o mais poderosamente que pudes-

desse, e que em toda maneira levasse comsigo o Embaixador Mattheus, o qual elle Diogo Lopes já levava, pera fazer sobre o seu negocio o que lhe ElRey mandava. E porque em todalas partes que no rosto de Guardafú elle quiz tomar pera fazer aguada não achou lugar pera isso, foi correndo a costa té chegar ao porto de huma povoação chamada Méte, que com sua vista logo se despovoou, sómente huma Moura velha de tanta idade, que não teve pés pera se salvar. Per meio da qual Diogo Lopes fez sua aguada, mostrando ella hum rio secco, e que cavassem debaixo do muito seixo que tinha, porque naquelle tempo secco toda a sua agua hia furtada per baixo. A qual velha Diogo Lopes, em galardão desta sua obra, mandou dar pannos, e em modo de graça disse que a fazia senhora daquelle lugar, porque ella o merecia melhor que quantos nelle viviam, pois todos o desampararam, e ella não; e por amor della mandou que lhe não fosse posto fogo, posto que do tempo de Antonio de Saldanha elle ficou bem destruido, quando o tomou, segundo atrás escrevemos. Partido o Governador daqui, indo sempre ao longo da costa, como lhe pareceo ter passada a Cidade Adem, atravessou á parte da terra Arabia, em que ella está situada, e

chegou a esta costa a treze de Março. Onde sendo tanto avante como hum lugar chamado Ara, por elle Governador com a sua Santo Antonio ir tomar o pouso junto de Antonio de Saldanha, que estava já surto, sem ambos saberem o perigo que tinham de baixo da agua, que era hum penedo, deo tamanha pancada nelle, que foi logo a náo aberta, da qual se não salvou, mais que a gente, e alguma pouca de artilheria, e fato que vinha sobre cuberta. O qual desastre deo nome ao lugar, porque lhe chamam agora os nossos o Penedo de Santo Antonio. Repartida a gente desta náo, que seriam té quatrocentas pessoas, pelas outras, passou-se Diogo Lopes ao galeão S. Diniz, em que hia Pero de Faria, e aos dezesete de Março entrou per as portas do estreito. A qual entrada elle mandou festejar com bandeiras, estendartes, trombetas, artilheria; e ainda por maior festa, e animar a gente da perda da sua náo, mandou soltar alguns Mouros, que andavam nas galés a banco, por serem doentes; e foi dita que logo os assentos destes foram reformados com outros de novo, que tomou Jeronymo de Sousa em huma gelua. Dos quaes Diogo Lopes soube, como ao porto de Judá eram vindos mil e duzentos homens, e seis galés de Rumes vinham pera lançar gen-

gente em Zeibid, e dahi haviam de ir a Adem. Diogo Lopes, como quem os hia buscar, mandou logo pôr todalas vélas em ordem, pera que em vendo, commettendo; mas elles tiveram cuidado de se guardar deste encontro, por serem avisados da entrada daquella frota, tornando-se recolher ao longo da terra, e leixando o mar largo, per onde ella podia navegar. Diogo Lopes de Sequeira, posto que já na India tinha denunciado aos Capitães daquella frota, como lhe ElRey mandava que entrasse o estreito; ante que partisse daquelle lugar do pouso que tomou, passada a porta delle, os mandou chamar, e alli em conselho lhe tornou resumir a tenção d'ElRey D. Manuel naquella entrada do estreito, que lhe mandava fazer, e o que novamente escrevia per Pero Vaz de Véra, que era chegado, como todos sabiam, e assi a nova que alli achavam dos Rumes. E finalmente que toda aquella frota, em que era feita grande despeza, sómente a duas cousas era vinda: a primeira, a desbaratar a Armada dos Rumes, se lhe a elle Nosso Senhor fizesse tanta mercê que os achasse; e a segunda, pôr o Embaixador Mattheus na terra do Preste, e saberem particularmente das cousas daquelle Principe, a noticia do qual era tão desejada, como todos sabiam. Praticadas

das algumas cousas sobre esta notificação que o Capitão mór fez , ácerca do modo que teriam em a navegação dalli a Judá , onde estavam os Rumes ; porque o caso não estava em termos pera tratarem de outra cousa , partio-se a frota posta na ordem , e com o regimento que lhe elle deo. E como os ventos geraes contrarios a sua navegação começavam já a cursar , andou tão pouco , e isto ainda com muito trabalho , que tinha dalli , (onde de todo surgio , por não poder ir mais avante ,) ao porto de Judá passante de cento e vinte leguas. Sobre o qual caso havido conselho , e praticados todolos inconvenientes , e damnos que succedêram a Affonso d'Alboquerque , e a Lopo Soares , quando commettêram aquelle caminho , por ser fóra de tempo , que assentáram , vista a instancia , com que lhe ElRey encommendava as cousas do Preste , ser mais seu serviço ir buscar a sua costa , que trabalhar por ir a Judá. E por ventura deste descubrimento de seu estado , e portos se saberia cousa , que désse mais breve caminho , e mais seguro modo pera darem fim ás entradas dos Rumes naquelle estreito ; e quando não houvesse mais que fazer , que poer Mattheus em terra , ficava tempo pera darem hum castigo ao Rey da Ilha Dalaca , por causa da morte de Lourenço de Cosme , e
dahi

dahi irem invernar a Ormuz. Approvado este parecer em que todos concorrêram, por ser em parte que demandando a terra rota abatida, nem saberiam tomar a Ilha Maçuá, por se não atreverem os Pilotos a isso, nem menos Pero Vaz de Véra, que já alli fora, foi necessario tornar á Ilha Ceibam, que ficava atrás, pera dalli fazerem seu caminho. Na qual mudança se mudou o tempo de maneira, que não podiam ir atrás, nem adiante, com que assentou Diogo Lopes de leixar alli Antonio de Saldanha com todalas náos, e vélas de alto bordo, e elle em as de remo passar-se á costa Abassia; mas aprouve a Nosso Senhor, que ante de poer isso em effeito, vespera de Pascoa da Resurreição lhe sobrevcio tempo, que com toda sua frota fez seu caminho ao porto da Ilha Maçuá, ainda com assás trabalho. E ao poer do Sol, per detrás de huma alta montanha no dia de Pascoa, víram todos huma bandeira preta da feição daquellas, a que chamam rabo de gallo, dentro no corpo do Sol, affirmando-se alguns que a viam mover, cousa que a todos fez grande admiração; e tomáram este sinal em favor de nossas cousas, e destruição da secta de Mahamed, por ser naquelle dia de tanta solemnidade, e em parte onde elle prevalecia com abusão de sua sepul-

pultura, e nós com poder de armas contra elle. Com prazer, e alvoroço da qual vista, além de o dia ser festival, e o mais celebrado de nossa Religião, houve per todalas náos grandes fulias, e alegria: e quando veio ao seguinte, que eram dez de Abril, chegáram á Ilha Maçuá. A qual Diogo Lopes com os navios pequenos logo mandou rodear, porque a gente de sua povoação se não passasse a terra firme, que será della em parte pouco mais de dous tiros de bésta; mas ella havia já cinco dias que estava despejada, assi de pessoas, como de fazenda, porque tantos havia que a nossa frota era vista das geluas, que andavam na pescaria do aljofre, que alli ha. Porém ainda os nossos acháram alguma pobreza em navios pequenos, que como a nossa Armada entrou no porto, foram tomados, e assi duas náos de Guzarates, que se fizeram á véla na volta da Cidade Çuaquem, onde Jeronymo de Sousa com sua galé foi tomar huma, e queimou outra, salvando-se toda a gente em terra no lugar de Arquico, onde os moradores da Ilha Maçuá estavam todos recolhidos, por ser povoado de Christãos do Preste, e assi em outro seu lugar vizinho menos povoado, per nome Decanij. E segundo se depois soube delles, tanto fugíram os Mouros de Maçuá, quando

do víram as vélas, parecendo-lhes ſerem de Rumes, como noſſas; porque algumas vezes que alli vieram ter navios ſeus, tinham recebido tanto damno delles, que os temiam como a nós, de que tinham ouvido grandes males. Hum bargantim da noſſa Armada, que tambem andava por haver á mão alguma das geluas, que ſe acolhiam ao lugar de Arquico, que lhe o Governador mandava tomar, pera haver lingua da terra, tanto ſe chegou á praia, que em huma almadia vieram ter com elle tres homens. Os quaes ſabendo ſer o bargantim de Portuguezes, foi tamanho o prazer nelles, que dous ſe lançáram dentro no bargantim, dizendo que os levaſſem ao Capitão mór pera lhes darem huma carta, que levavam do Capitão daquelle lugar, que era d'ElRey dos Abexijs. Levados eſtes dous homens ao Governador Diogo Lopes, hum dos quaes era Abexijs de nação, e outro Mouro, em chegando ante elle, lançáram-ſe aos ſeus pés, os quaes elle mandou levantar, e recebeo com gazalhado, ſabendo ſer enviados do Capitão do Preſte. E recebida a carta, que vinha eſcrita em Arabigo, continha-ſe nella, como elle Capitão de Arquico per ElRey de Ethiopia ſeu Senhor dava muitos louvores a Deos por ſer chegado aquelle dia, em que Chriſtãos haviam de vir áquel-
le

le porto, como entre elles ſe eſperava per profecias que diſſo tinham; que ſua vinda foſſe muito boa, e pera tanta paz, amizade, e bem daquella terra delRey ſeu Senhor, como todolos ſeus vaſſallos eſperavam. E porque os moradores daquella Ilha Maçuá, ainda que Mouros foſſem, eram ſeus, lhe pedia por mercê os houveſſe por ſeguros daquella ſua frota, os quaes com temor della eram acolhidos áquelle lugar Arquico, em que elle eſtava, e ao outro Decanij. E quanto aos Chriſtãos que nelles havia, neſtes não fallava, porque aos taes baſtava-lhes o nome que tinham pera eſtarem ſeguros de ſuas armas, pois as do animo de todos eram das chagas de Chriſto Jeſus, em que todos eram ſalvos. E que em retorno de hum annel de prata, que lhe aquelle ſeu homem daria, como ſinal da paz, que no ſeu animo havia, pera receber, e agazalhar aquelle povo Chriſtão de ſua Armada, e o prover do que na terra houveſſe, pedia que lhe mandaſſe outro ſinal tão notavel, que foſſe viſto per aquella meſquinha gente da povoação de Maçuá, que com ſeu temor leixára ſuas caſas. Diogo Lopes, lida eſta carta, e recebido o annel, que lhe deo o Abexij, por as couſas que o Embaixador Mattheus contava daquella Ilha Maçuá, e lugar de Arquico, reſponderem ás que aquel-

le

le Capitão dizia, entendeo ferem feus aquelles homens, e recado, e não algum artificio de Mouros pera fe falvar. E feita mercê a ambos, mandou-lhes dar huma bandeira de damafco branco com huma Cruz no meio, daquellas que coftumam andar em noffas Armadas, da femelhança que tem as da Ordem da Milicia de Chrifto, refpondendo ao recado do Capitão, quanto tempo havia que ElRey D. Manuel de Portugal feu Senhor encommendava aos feus Capitães móres da India que trabalhaffem por vir áquelle porto affentar paz, e amizade com o Prefte fenhor daquellas regiões da alta Ethiopia. E em final defta verdade, e retorno do annel que lhe elle enviára, perque lhe pedia paz pera os vaffallos defte Principe, cujo Capitão elle dizia fer, lhe mandava aquella bandeira com o final da verdadeira paz dos Chriftãos, pois por elle Chrifto noffo Redemptor fez paz entre Deos, e os homens. Tornando o bargantim a terra com eftes dous homens, hia o Mouro tão ledo, polo feguro que levava aos feus, que temendo que o Abexij, que hia occupado com a bandeira, levaffe a alvicera daquella nova, ante que chegaffe mais á praia, fe lançou ao mar, por ir diante com ella. E parece que foi ifto permifsão de Deos pera aquelle final de noffa redempção fer dalli

li levado com mais pompa ; porque polo recado que o Mouro deo no lugar, ſe ajuntáram mais de duas mil almas entre Mouros, e Chriſtãos a quem mais corria; e chegados ao bargantim, parecia que o queriam levar nas palmas. Finalmente o Capitão do lugar ſabendo o dom que lhe o Capitão mór mandava, veio á praia ao receber com grande veneração; e moſtrando aos noſſos quanto contentamento tinha de ſua viſta, depois que per mandado delle a gente ſe poz em prociſsão, levou arvorada a bandeira com cantares de alegria ao lugar, e mandou-a arvorar ſobre ſuas caſas. Diogo Lopes como eſpedio os homens, que leváram eſte recado ao Capitão, quiz dar huma viſta á povoação da Ilha Maçuá, porque lhe diziam haver nella muitas ciſternas de agua, da qual a Armada vinha hum pouco desfalecida: e achou haver nella quarenta e nove, de que as dezeſeis eram de ſeis braças de comprido, tres de largo, e duas e meia de alto, e as outras ſomenos, e em todas havia tanta cópia de agua, que não quiz pôr muita taixa ás náos, e porém repartio-a per todas. E porém depois de vagar elle Diogo Lopes, per ſi quiz ver toda a Ilha pera melhor informação ſua, com fundamento do que lhe ElRey eſcrevia: que notaſſe tudo, pera ver onde ſe po-

de-

deria melhor fazer huma fortaleza contra os Rumes, aqui, ou na Ilha Camarão; e segundo a medição, que elle mandou fazer no circuito della, haverá mil e duzentas braças. A sua figura he quasi como huma meia lua: e jaz-o lançamento della com a terra firme, (de que estará affastada obra de dous tiros de bésta,) de maneira, que fecha hum porto, e acolheita de náos, que muitos dos nossos diziam ser melhor que o de Cartagena, e o de Modam. A povoação dos Mouros era, segundo elles costumam per toda aquella costa, as casas principaes de pedra, e cal com terrados, e as outras de taipa, e cubertas de palha, e huma mesquita, onde depois o Capitão com a gente da Armada per vezes mandou dizer Missa: e a primeira foi das Chagas de Christo Jesus, por ser dita huma festa feira depois das oitavas da Pascoa: e poz nome a esta Casa já com este sacrificio dedicada a Deos, *N. Senhora da Conceição.* A terra desta Ilha em si era grossa, e desabafada, em que andava criação de gado vacúm, e gazellas; e tão grande número de lebres, que alguns dos nossos as tomavam a cosso com regeitos que lhes remessavam. Tornando Diogo Lopes desta primeira vista que deo a esta Ilha, hum pouco chegado a terra, vio descer do lugar Arquico

con-

contra a praia hum homem a cavallo com quatro bois diante, e dous a pé, que os tangiam; e entendendo que vinha á elle com algum recado, mandou chegár o bargantim, em que hia bem a terra pera lhe fallarem. Os quaes tanto que chegáram, por mostrar quem eram neste final, começáram nomear Christo Jesus, e sua Madre, amostrando huma carta de pergaminho grande, em que traziam pintadas suas figuras, dizendo serem Christãos. Diogo Lopes, em elles entrando no bargantim, que lhe apresentáram diante estas Imagens, tirado o barrete, com adoração as beijou, do qual acto elles ficáram muito contentes, e se houveram por seguros de todo; e como gente já mais confiada, falláram ao Governador, dando-lhe aquelles quatro bois da parte do Capitão de Arquico, e huma carta, por a qual lhe dava os agradecimentos da bandeira, que lhe mandára; e lhe fazia saber como tinha escrito a hum Senhor, que governava aquella Comarca, chamado Barnagax, da vinda delle Capitão mór, e a causa della; e tambem tinha mandado chamar os Frades do Mosteiro de Visão, que alli estavam perto, por serem aquelles, que mais fallavam na vinda dos Christãos áquelle porto, e que disso tinham profecias. Porém que lhe parecia que não viriam senão passado o outro

tro Domingo, por guardarem todolos oito dias daquella semana, por razão da festa, e ter tantos dias de seu oitavario; ainda que per outra parte, (por esta sua vinda delles serem passos dados em louvor de Deos,) a elle lhe parecia que logo partiriam. Diogo Lopes, recolhidos aquelles homens no bargantim, folgou de os ver, porque todos traziam ao pescoço em hum cordão huma Cruz pequena de páo, ao modo que nós costumamos trazellas de ouro; senão que nós as trazemos por galanteria, e joia, e o que peior he, pera jurarmos per ellas, e elles por devoção, e sinal do que professam. E o que mais lhe contentou delles foi achallos zelosos das cousas da Fé, assi no que lhe respondiam ás perguntas que lhe elle fazia, como no que lhe elles perguntavam. E houve tanta prática de huma parte, e de outra per meio de André d'Ataíde lingua dos Governadores, sem elle Diogo Lopes lhe querer mentar Mattheus o Embaixador pera ver se fallavam nelle, que vieram elles a perguntar se fora ter á India, ou a Portugal hum Embaixador, que o Preste tinha enviado, o qual havia nove, ou dez annos que era partido, e delle não tinha nova. Diogo Lopes dissimulando o caso, perguntou-lhes pelo nome, e alguns sinaes, per que se podia mais certificar de

suas

ſuas couſas. Ao que elles reſpondêram mui conformes á verdade, dizendo ſer hum mercador, que negoceava no Cairo, de que o Preſte ſe ſervia muito em recados, e negocios, e aſſi ſua madre a Rainha Helena. E por ſer homem diligente, ambos mãi, e filho determináram de o mandar á India, pera dahi ir com recado a hum Rey Chriſtão do Ponente, cujas Armadas diziam ſerem aquellas, que novamente conquiſtavam a India, e faziam guerra aos Mouros. Ao qual mandando o Governador que vieſſe ver aquelles homens, quando elles o víram, e conhecêram, lançáram-ſe a elle, beijando-lhe a mão com grande reverencia, chamando-lhe Abba Mattheus, que quer dizer Padre Mattheus, em denotação da honra, que naquella terra per ſuas cans, e dignidade lhe era dada. Elle quando os vio ante ſi, com aquelle modo de reverencia que lhe faziam ſinal que naquella terra ſua peſſoa era eſtimada, com prazer começáram os ſeus olhos a verter lagrimas pela alvura de ſua barba, que elle trazia bem comprida. E depois que os beijou no hombro, e na cabeça, ſegundo o uſo dos Arabios em lugar de paz, diſſe: *Louvores ſejam dados ao eterno, e piedoſo Deos, que ſe lembrou de meus trabalhos, infamia, e injurias, pois lhe aprouve que houveſſem fim, e ſe*

ma-

manifestasse ante o Senhor Governador, e tanta Fidalguia, e Nobreza, como he presente, ser eu verdadeiro neste caminho que fiz, todo endereçado a serviço delle mesmo Deos, pois era pera ajuntar em paz, e amizade dous tão Christianissimos Principes, como são ElRey David de Ethiopia, e ElRey D. Manuel de Portugal, contra os Mouros imigos de sua Santa Fé, e não sou visto ser hum Mouro enganador falsario espia do Soldão, com outras infamias, e injurias, que pera minhas orelhas eram maior trabalho, que quantos tenho passado de dez annos a esta parte per tantos mares, e regiões como peregrinei. Porém se pera effeito de tamanha Armada, como aqui trás o Senhor Governador, se não podia menos fazer, eu dou todolas minhas tribulações, perigos, e injurias per bem empregadas, e de tudo me esqueço com o prazer desta hora. E pera que de todo seja perfeito, vós-outros, amigos, que me conheceis, ide chamar o Capitão de Arquico de minha parte, e que lhe peço mande chamar o Barnagax, e os Frades do Mosteiro de Visão, porque elles sabem a verdade das minhas cousas; e tambem pera me entregar a elles o Senhor Governador, que não vem a outra cousa a este porto per mim tão desejado. O Governador Dio-

 go

go Lopes, e pessoas que eram presentes, vendo o modo, e lagrimas com que Mattheus disse estas palavras, e lembrando-lhe quanto se delle dizia, que causou padecer elle algum trabalho, além do que elle merecia, por ser homem forte de condição, mimoso, e máo de contentar, houveram piedade delle, e tiveram grande contentamento de se acharem presentes áquella hora, em que se manifestou ser verdadeiro, e não falso Embaixador. Ás palavras do qual acudio Diogo Lopes com outras, em que o consolou; e que quanto á vinda do Barnagax, e Padres, que elle mandava chamar o Capitão, como tinha feito, não sabendo delle Mattheus. Tornados estes Abexijs com o recado do Governador ao Capitão, per os quaes se soube que alli vinha Mattheus, começáram alguns que o conheciam vir ás náos, e com grande prazer se lançáram ante elle, beijando-lhe a mão, mostrando neste, e outros sinaes ser homem estimado na terra. E como os nossos víram este alvoroço naquelle povo Christão, e houve logo fama per toda a Armada que aquelle Rey dos Abassijs era mui rico de ouro, por nas suas terras haver grandes minas delle; movidos tres homens de armas da gente commum com cubiça deste ouro, (a fama do qual tem feito maiores males,) fugíram da

ga-

galé de Jorge Barreto, determinados de se ir á Corte do Preste. Ao que Diogo Lopes logo acudio, mandando ao Ouvidor Pero Gomes Teixeira com recado ao Capitão de Arquico, pedindo-lhe que ordenasse como ambos se vissem, pera praticarem algumas cousas do serviço de Deos, e dos Reys, a que ambos serviam: e tambem que tres homens de baixa sorte eram fogidos da Armada, e se dizia serem lançados em terra, lhe pedia que lhos mandasse entregar. Partido Pero Gomes ao lugar de Arquico, que era duas leguas dalli do pouso, onde a Armada estava surta, ao outro dia tornou em companhia do mesmo Capitão de Arquico, que vinha ver Diogo Lopes, e trouxe comsigo os tres fugidos, que foram tomados cinco leguas caminho da Corte do Preste. E as vistas entre o Capitão, e Diogo Lopes foram na praia, por algumas desconfianças de temor de entrar no mar, que o Ouvidor sentio no Capitão: e assentados em tres cadeiras, elle em huma, Diogo Lopes na outra, e na terceira o Embaixador Mattheus, foi toda a prática do prazer, e contentamento, que todos tinham daquelle ajuntamento, o qual sería pera muito serviço de Deos, e exalçamento de sua Santa Fé, e destruição da secta de Mahamed, pois pera isso em amor, e caridade

 de

de irmãos se ajuntáram dous Principes tão poderosos, ElRey D. Manuel no mar; e ElRey David de Ethiopia na terra. Espedidos hum do outro, tornou-se Diogo Lopes embarcar, e o Capitão mui contente com huma espada, e outras peças que lhe elle deo, não quiz cavalgar em huma mula em que veio, senão em hum cavallo que trazia a destro; e por mostrar o contentamento que levava, affastados obra de trinta de cavallo, e duzentos peães, que trouxe comsigo, começou com huma lança correr o campo, maneando-a a huma mão, e a outra com tanta desenvoltura, e graça, que folgavam os nossos de o ver. Principalmente a Diogo Lopes, que já estivera por Capitão da Villa de Arzilla nas partes de Africa; e dizia por elle que lhe parecia ter ante os seus olhos o Alcaide Lároz senhor de Alcacerquebir, que neste modo de escaramuçar era mui déstro; e mais este Capitão vinha vestido ao modo mourisco, camisa branca das que elles usam, e seu bedem em cima, e na cabeça huma touca. Passado este dia, que todo foi de prazer com a vista deste Capitão, quando veio ao outro, mandou Diogo Lopes a terra o bargantim recolher sete Frades, que do Mosteiro de Visão vinham ver o Embaixador Mattheus, os quaes á entrada do galeão foram recebi-
dos

dos com huma Cruz de prata arvorada, e com o Cantico *Benedictus Dominus Deus Israel*, sendo pera isso juntos todos os Clerigos da Armada com suas sobrepellizes, e os Cantores do Governador. No qual recebimento não houve alguem, que pudesse reter as lagrimas com huma piedosa lembrança de ver dous póvos Christãos, hum Occidental, e outro Oriental tão remotos em lugar, tão differentes em policia, costumes, e ceremonias da Religião que professavam; sómente aquelle sinal da Cruz alevantada ante elles assi os inflammava em fé della, amor, e caridade entre si, que os tinha atados em vinculo de irmandade espiritual, como se entre elles precedêram particulares beneficios de parte a parte. Certo, grande, e maravilhoso sinal da obra, que faz o espirito da Verdade no coração daquelles, que professam nossa Religião Christã. E porque estes póvos Abassijs ante deste nosso descubrimento nunca souberam que cousa era dar obediencia á Igreja Romana, e estas vistas foram causa que os Reys daquella grande Ethiopia per meio d'ElRey D. Manuel mandáram sua obediencia aos Summos Pontifices Romanos, posto que já tinham seu Patriarca, de quem recebiam os Sacramentos do que professavam, ante que mais procedamos neste quarto Livro, queremos escre-

ver

ver alguma couſa da antiguidade, religião, e eſtado deſtes Principes da Abaſſia, a que vulgarmente chamamos Preſte João.

DECADA TERCEIRA.

LIVRO IV.

Dos Feitos, que os Portuguezes fizeram no descubrimento, e conquista das terras, e mares do Oriente: em que se contém parte das cousas, que se nelle fizeram, em quanto Diogo Lopes de Sequeira governou aquellas partes.

CAPITULO I.

Em que se escrevem as coüsas d'ElRey da Abassia, ou Ethiopia sobre Egypto, a que vulgarmente chamamos Preste João: e as cousas do error deste nome, e o mais que deste Principe temos sabido, e assi do seu estado, e povo.

ANTE que descubrissemos estas partes da India, toda a diligencia que ElRey D. João o Segundo pode fazer por descubrir este Rey dos Abassijs, elle a fez com assás custo de sua fazenda, como consta pelo que atrás escrevemos. Depois ElRey D. Manuel a instrucção que deo a Vasco da Gama, quando o mandou a descubrir este Oriente, quasi toda se resumia em saber o estado, e cousas deste Princi-

cipe; e em todalas Armadas, que pelo tempo em diante foram, os degredados que mandava lançar na costa de Melinde, no Cabo Guardafú, a este fim eram lançados. Porque como nestas partes da Christandade communmmente andava este nome Preste João das Indias; e viamos alguns Religiosos que habitavam nesta Abassia, parecia-nos, por a pouca noticia que se tinha daquellas partes, ser este seu Principe aquelle grande Preste João das Indias, donde procedia trabalharem os da nossa Christandade por ter sua amizade, e communicação. E peró que em a nossa Geografia largamente escrevemos do Estado deste Rey da Abassia; pera declaração desta historia aqui trataremos algum pouco de suas cousas, e principalmente deste error, que anda entre o vulgo, cuidando ser elle aquelle grande Preste João das Indias, a qual opinião tem enganado a homens doutos. Segundo o que temos alcançado per algumas escrituras, assi dos Occidentaes, como Orientaes da parte Asia, entre os Tartaros chamados Jagathay, que habitam a Provincia Hathay, a que nós chamamos Catuyo, que he aquella, a que Ptolomeu chama Scythia fóra do monte Imão, houve alguns Principes Christãos Nestorianos, que foram dos mais poderosos daquellas partes, a que os Tartaros Gentios na-

quel-

quelle tempo chamavam Unchá, e os seus naturaes vassallos delle o intitulavam per este nome Jóvano, do nome de Jónas Profeta. O qual nome andava per todolos herdeiros daquelle imperio, por ser proprio do seu estado, como o de Cesar aos Romanos, depois de Julio Cesar primeiro Emperador: e per nós-outros Occidentaes da Igreja Romana era chamado Preste João das Indias, por o seu estado ser naquellas partes Orientaes. E chamavam-lhe Presbyter, porque quando estes Principes prosperavam, (segundo escreve Antonio Arcebispo de Florença,) levavam ante si em lugar de bandeira huma Cruz no tempo da paz, e no da guerra duas, huma de ouro, e outra de pedras de grande preço. He de notar que excedia a todolos Principes da terra em nobreza, e riqueza, significadas estas duas cousas pela materia de que ellas eram, e pelo sinal ser defensor da Fé; donde lhe davam este nome de Presbyter, de que nós corrompemos Preste; e era tão poderoso, (segundo alguns delle descrevem,) que tinha debaixo de seu imperio setenta e dous Reys. Vindo o imperio destes Principes a hum per nome proprio chamado David, pedindo aos Tartaros seus tributarios o tributo que lhe pagavam, per induzimento de hum seu proprio Capitão chamado

Sin-

Singis, ou (segundo outros) Chingijs, os Tartaros se rebeláram, donde entre elle, e elles houve guerra, no fim da qual elle perdeo o estado, e pessoa. O qual estado se traspassou no seu Capitão Singis author desta guerra, que, (segundo alguns querem,) era da linhagem do mesmo Principe per via de mulher, e por se reconciliar em amor do povo, casou com huma filha sua; e não tomando o titulo, que andava nos herdeiros daquelle estado, tomou outro novo, chamando-se Ularchan do Cathayo. Da qual batalha que houve entre este Principe David, e seu Capitão, fallando Marco Paulo em o que escreveo de sua peregrinação naquellas partes, diz, que a causa della foi por este Singis, a que elle chama Chinchis, ser desprezado deste Emperador Preste João, mandando-lhe pedir per seus Embaixadores huma filha em casamento, sendo elle Chinchis a este tempo já levantado por Rey entre os Tartaros. E deste Chinchis Chan, ou Singis, que foi levantado por Emperador o anno de mil cento e oitenta e sete, começa elle Marco Paulo contar a genealogia dos Emperadores Tartaros de Cublay, que era o sexto na ordem delles, em cuja Corte elle estava no anno de mil e duzentos e oitenta e nove, que he differente principio do que escreveo Haitho-

thonio Armenio do Imperio dos Tartaros.
Os quaes por ambos ſerem eſtrangeiros da-
quellas regiões, ſe enganáram neſtas genea-
logias, polo que temos lido em huma Chro-
nica em Parſeo, que houvemos, dos feitos
de Tamor Langue, a que os noſſos cha-
mam Tamerlão, na qual ſe contém a ge-
nealogia daquelles Principes Tartaros, per
decurſo de muitas centenas de annos té o
tempo delle Tamor, dos quaes eſcrevere-
mos em a noſſa Geografia, quando tratar-
mos daquellas regiões. E ainda que o Eſ-
critor della ſeja Mouro, confeſſa que deſte
Principe Preſte João, a que elles (como diſ-
ſemos) chamavam Unchá, ficou hum Rey
de pequeno eſtado, que recolheo as reliquias
daquella chriſtandade Neſtoriana. A qual por
ſer mui avexada dos Principes Tartaros,
que depois ſuccedêram nos annos de mil e
duzentos quarenta e ſeis, o Papa Innocen-
cio Quarto, ouvidos ſeus clamores, man-
dou ao Principe Tartaro, que então impe-
rava, certos Frades Dominicos, o princi-
pal dos quaes ſe chamava Fr. Anſelmo,
pedindo-lhe que não quizeſſe tingir as mãos
em o ſangue Chriſtão, e amoeſtando-o que
quizeſſe receber a Fé de Chriſto. E porque
no tempo que os Principes Chriſtãos deſte
eſtado de Aſia, entre nós os da Europa,
eram nomeados per eſte nome Preſte João

das

das Indias, perdido o seu imperio, ficou na boca das gentes, e ellas o trespassáram no Rey dos Abassijs, que habitavam a Ethiopia sobre Egypto, de que tratámos. Porquè vendo nestas partes os Religiosos daquella Provincia, e sabendo serem subditos a hum Principe Christão, que tambem traz por estado huma Cruz na mão em denotação de defensor da Fé, parecia-lhe ser este o Preste João das Indias tão celebrado nestas partes da nossa Europa. Os quaes Religiosos, quando ouviam nomear o seu Rey por este nome Preste João, parecia-lhes ser nome dado a elle per nós, sem saberem donde procederia. E ainda quando per algumas pessoas doutas, e curiosas eram perguntados da interpretação deste nome, que davamos ao seu Principe, davam-lhe evasões segundo o juizo de cada hum. E daqui procedeo hum Embaixador deste Reyno de Abassia, que veio a este Portugal, dizer ao nosso Lusitano Damião de Góes, quando escreveo da Religião, e costumes desta gente, que em sua linguagem Bebule, e Encoe queria dizer Precioso Joanne: e hum Religioso desta nação dizer a Marco Antonio Sabellico, quando compunha a sua Rapsodia, que este vocabulo Grão na sua lingua queria dizer Potente, e que chamarmos-lhe João, sería corrução destoutro: e Pico Mirandula per

per outra tal informação, em sua escritura chamar-lhe Prestão Rey dos Indios. O qual engano, que estas pessoas tão doutas recebêram, foi por naquelle tempo não termos mais noticia daquelle Principe, que quanto sabiamos per os Religiosos do seu Reyno, que viamos nestas partes, muitos dos quaes contam cousas differentes do que os nossos tem visto; principalmente depois que Diogo Lopes de Sequeira, (como logo veremos,) dalli mandou hum Embaixador a ElRey David, que então reinava naquella Ethiopia: e muito mais particularmente no tempo que D. Estevão da Gama, sendo Governador da India o anno de quarenta e hum, entrou naquelle estreito, e foi té o lugar de Suez, onde o Turco tinha feito huma Armada com tenção de a queimar. Na qual tornada leixou a requerimento deste Rey seu irmão D. Christovão da Gama com quatrocentos homens pera lhe ajudar a recobrar seu Reyno, que de todo lhe tinham tomado os Mouros, havendo já treze annos que o tinha perdido. Na restituição do qual os nossos que lá ficáram, trilháram todo seu estado; e per informação dos que são vindos, (porque grão parte dos outros morrêram nesta guerra, e hoje andam lá,) nós compuzemos a Geografia daquellas regiões, e houvemos noticia das que da-

qui

qui em diante escrevemos, e assi do que escreveo Francisco Alvares, hum Sacerdote que foi com o nosso Embaixador. E segundo o que per estas pessoas temos alcançado, o Rey daquellas partes, a que já per direito de posse tem entre nós adquirido nome de Preste João, he hum Principe Christão Jacobita, a que os seus póvos chamam em geral Rey da terra Abassia, e elle em suas cartas se intitula assi: *David amado de Deos, columna da fé, parente da estirpe de Judá, filho de David, filho de Salamão, filho da columna de Siom, filho da semente de Jacob, filho da mão de Maria, filho de Nahú per càrne, Emperador da grande, e alta Ethiopia, e dos seus grandes Reynos, e Provincias, Rey de Xoá, de Gaffate, de Fatigar, de Angóte, de Buze, de Adea, de Vangue, de Gojame onde nasce o Nilo, de Damára, de Bagamedre, de Ambea, de Vague, de Tigre Mahom, de Sabay donde foi a Rainha Sabá, de Barnagax, senhor té Nobia onde he a fim do Egypto.* Das quaes regiões, e senhorios, posto que a maior parte possuia pacificamente, de alguns assi de Mouros, como de Gentios, tem sómente o titulo, como alguns Principes desta nossa Europa, que se intitulam per senhores de Reynos, e estados, de que será mais certo senhor aquelle, que

os

conquistar da mão dos infieis, em cujo poder elles estam. Porque muitos a este Rey obedecem quando querem, e o mais do tempo estam alevantados: donde se causa andar elle sempre no campo com a mão armada, ora contra Mouros, ora contra Gentios, em meio dos quaes elle tem seu estado. E sendo tão grande como he, e o mais numeroso em povo de toda Ethiopia, não tem Cidade, ou povoação nobre: havendo na mesma Ethiopia fóra de sua jurdição entre póvos mui barbaros na vida politica, povoações nobres per edificio, defensaveis per arte, populosas per mercadores, e ricas per trato de commercio, que a elles concorrem, as quaes com razão se podem chamar Cidades. Muitas das quaes são cercadas de muro de pedra, tijolo, ou taipa, com vallos, e cavas tão profundas, e largas, e agua a que as enche, que se podem defender do impeto de quaesquer imigos. E vendo os nossos, que andavam na Corte daquelle Principe Preste João, quantas vezes os Mouros, e Gentios faziam entrada em suas terras, e á mingua destas defensões lhe matavam, e cativavam muito povo com outros damnos de guerra, praticando com os principaes senhores sobre este caso, e dizendo-lhe o modo que os Reys desta nossa Europa tinham na defensão de seu estado, edi-

edificando Cidades, Villas, e Castellos cercados de muro, respondiam que o seu Rey não punha a potencia de seu estado em cercas de pedra, mas no braço de seu povo. E que este com as taes defensões descuidar-se-hia tanto de si, que viria a receber maior damno, e perderia o exercicio das armas, que se conserva com o cuidado de segurar a vida, e defender a fazenda, o qual exercicio se ganhava andando sempre no campo, e não em o repouso das casas. Per o qual modo os Reys daquella grande Ethiopia tinham ganhado dos infieis a maior parte do seu estado; e que se alguma pedra, e cal gastavam, era em fundar sumptuosos, e magnificos templos, em que Deos era louvado, porque as casas de sua adoração haviam de ser differentes da habitação dos homens, assi por ser cousa a elle Deos dedicada, como por os ministros do culto divino estarem seguros dos insultos dos infieis, que tinham por vizinhos, o qual modo os seus Reys tinham já continuado per muitas centenas de annos, e o recebêram da doutrina de Salamão Rey de Judéa, donde o seu primeiro Rey descendia. E parece, posto que estes Abassijs dessem aos nossos estas razões de não fundarem Cidades, ou Castellos cercados, que costume mui antiquissimo he entre elles não as haver, porque vemos

mos que os Geografos, e Ptolomeu, que foi mais moderno em ſuas Taboas, tres, ou quatro Cidades mediterraneas ſitua em toda eſta região da Ilha Meroe pera cima. E ainda deſtes não ha memoria, ſómente da Cidade Axuma, que ſegundo os Abaſſijs dizem, foi Camara, e quaſi Metropoli da Rainha Sabá, da qual ora não apparece mais que algumas antigualhas de edificios arruinados, e pedras ao modo de pyrames, que por ſua grandeza o tempo não pode conſumir, ao qual lugar elles chamam Acaxumo. Peró pera demarcação dos Reynos, e Comarcas uſam aquelles Principes na parte onde ha maior povoação, (poucas das quaes chegárão a dous mil vizinhos,) ter huma caſa de pedra, e cal, ou de taipa; não pera defensão da terra, mas como cá uſam huma caſa pública, a que chamamos do Conſelho, a qual elles chamam Betenegux, que quer dizer caſa d'ElRey. Na qual caſa pouſa o Governador da terra quando ahi eſtá, e alli faz ſuas audiencias ao povo; e quando pouſa em outra parte, ou não he na terra, ſempre eſtá aberta, e porém ninguem ouſa de entrar nella, cá ſería logo punido como trédor, que ſe queria levantar com a terra. E a eſta cauſa em as Taboas da noſſa Geografia tomamos eſtes Betenegux por ſituação de cada huma das Co-

marcas que aquellas regiões têm. E seguindo o que do estado deste Emperador da Ethiopia temos sabido, elle jaz entre as correntes dos rios Nilo, Astabora, e Astapus, que Ptolomeu descreve na quarta Taboa de Africa, aos quaes rios os naturaes chamam Tacuij, Abavij, Tagazij. Dos quaes rios elles têm por maior o do meio, e por isso lhe deram o nome que tem, que quer dizer pai das aguas: o qual procede do lago, a que Ptolomeu chama Coloe, e elles Barcená: e este lago podemos dizer ser o coração de todo o estado do Preste: cá lhe fica no meio, e em torno vai cercado dos Reynos, e Provincias que se elle intitula, como ora dissemos. Os confins do qual estado pela parte do Oriente entesta no mar Roxo, começando quasi na fronteria das portas do estreito, que estam em altura da elevação do pólo Arctico doze gráos, e hum terço, e acaba na paragem da Cidade Çuáquem maritima, que está em dezenove gráos, e hum quarto: assi que deste lado Oriental podemos dizer que contém pouco mais, ou menos, cento e vinte e duas leguas. Peró entre o mar, e as suas terras vai huma corda de serranias quasi sobre as praias delle, que he povoada de Mouros, que são senhores dos portos de mar, sem elle ter mais que o da Villa Arquico, ou Arcoco, como

ma lhe alguns chamam, onde (ſegundo atrás eſcrevemos) Diogo Lopes de Sequeira eſtava com ſua frota. Da parte Occidental vai enteſtar em grandes minas de ouro, cujos habitadores são Negros Gentios, que lhe obedecem, e pagam tributos, as quaes ſerranias vam correndo quaſi com as correntes do rio Nilo, que elles chamam Toavij, de que elles tem ſómente noticia ſem uſo das ſuas aguas, por razão das grandes ſerranias de Damud, e Sinaxij, (em que tambem ha outras minas,) ſe metterem entre elles, e elle. E daqui vem chamarem elles ao rio Abavij pai das aguas, por não verem as do Nilo: e eſtas dizem elles que bebem dous generos de gente, de que tem noticia: huma he Hebrea, que jaz mais ao Ponente, a qual tem Rey mui poderoſo, de que elles fabulam grandes couſas, e chamam-lhe per nome commum Neguz Tederos, que quer dizer Rey dos Judeos. A outra gente fica mais vizinha ao ajuntamento que fazem os rios Nilo, e os outros dous, iſto da parte do Ponente, a qual he de Amazonas, a que elles geralmente chamam Manguiſte das Suétes, que quer dizer Reyno das mulheres. E parece que ou eſtas procedêram da Rainha dos Nobijs, a que elles chamam Gaüa, ou ella dellas, porque eſta Gaüa fica com o ſeu eſtado fronteiro a

ellas pela parte do Oriente, e mette-se entre todos os rios Abavij, e Tagâzij, quasi na paragem onde se elles ajuntam, e em hum corpo se vam metter no rio Nilo, e assi se mettem as serranias de Magáza, onde tambem ha outras minas de ouro mui ricas. E lançando huma linha com o entendimento da Cidade Çuáquem maritima que dissemos, ao fim da Ilha Meroe, que ao presente se chama Nobá, onde o Nilo vai já todo em huma vea levando todolos outros rios incorporados em si, fica este lado da parte do Norte, que aparta o estado do Preste dos Mouros, em comprimento de cento e vinte cinco leguas. E caminhando deste fim do Nilo pela parte do Occidente, que descrevemos, fazendo huma maneira de arco não mui curvo, que vai fenecer contra o Sul, chega ao Reyno Adeá, que he a mais austral terra que elle tem: nas serras do qual nasce o rio Obij, a que Ptolomeu chama Raptus, que vai sahir ao Oceano na povoação Quilmance junto de Melinde. Na qual distancia de caminho per a linha curva que dissemos, haverá duzentas e cincoenta leguas; e toda a vizinhança que per esta parte tem he de Gentios, gente preta, de cabello revolto, mui bellicosa, principalmente os póvos a que elles chamam Gallas, vizinhos a este Reyno Adeá. E partin-

do

lado delle, (que eſtá em altura de ſeis gráos da parte do Norte), pera Oriente, vai enteſtar com o Reyno Adel, que he de Mouros, cuja Metropoli ſe chama Arar, e eſtá em altura de nove gráos, na qual diſtancia póde haver pouco mais, ou menos cento e oitenta leguas. Aſſi que ajuntando as diſtancias deſtes quatro lados, que cércam o eſtado deſte Principe, podemos dizer que contém pouco mais, ou menos ſeiſcentas e ſetenta e duas leguas. E os tres rios, que diſſemos que o regam, não são ſoberbos quando ſahem de ſuas fontes, que baſtem regar a terra do Egypto; mas são ajudados das aguas de outros mui notaveis; porque em o chamado Tagazij, que he mais Oriental, entram ſete, e no ſegundo Abavij oito, e no Tacuij quatro, que naſcem nas ſerras de Damut, Bizamo, e Sinaxij, a fóra outros que elle já traz incorporados em ſi quando aqui chega. O curſo, e nome dos quaes ſe verá em as Taboas de noſſa Geografia, e no Commentario della, quando tratamos do Egypto, e a razão do ſeu creſcimento no tempo de noſſo verão: materia bem diſcutida entre graves Authores, e poucos entenderám a cauſa por não terem noticia dos temporaes daquellas partes. E aſſi eſcrevemos particularmente da origem dos Reys deſte imperio, com os coſtumes de ſua re-

li-

ligião ; e por iſſo neſte ſeguinte Capitulo ſómente queremos dar huma geral noticia de ſuas couſas, pera enfiar aſſi o que neſta parte Abaſſia fez Diogo Lopes, cómo o que fizeram os outros Governadores pelo tempo em diante.

CAPITULO II.

Como a Rainha Sabá ſe foi ver a Jeruſalem com Salamão Rey de Judéa, de que houve hum filho chamado David, do qual, ſegundo dizem os póvos Abaſſijs, procedem os ſeus Reys, e o mais que elles dizem deſta Rainha Sabá, e aſſi da chamada Candáce, e de algumas couſas do eſtado deſte Principe, e ſua religião, e coſtumes.

SEgundo o que eſtes póvos Abaſſijs tem per eſcritura, de que ſe gloriam, he, que ouvindo a Rainha Sabá daquella Ethiopia a fama do poder, e ſapiencia de Salamão Rey de Judéa, por ſe informar da verdade, mandou a Jeruſalem hum Embaixador. E ſendo per elle, depois de ſua vinda, certa do que víra, e ouvíra, deſejando em peſſoa participar da ſapiencia delle, peró que idólatra foſſe; partio pera Jeruſalem com grande apparato de eſtado, e riquezas, embarcando no mar roxo em hum porto, on-

onde se depois edificou huma Cidade do seu nome Sabá em memoria desta passagem. A qual Ptolomeu situa em altura de doze gráos e meio, de que ao presente não ha mais memoria, que dizerem alguns ser na terra, defronte da qual está huma Ilha chamada Sarbo em altura de quinze gráos e hum oitavo, a qual em alguma maneira retem o nome da Cidade, e he mais propinqua á situação de Ptolomeu que Maçuá, ou Çuáquem, onde outros querem que fosse. Passando ella este mar roxo a outra parte da terra Arabia, e atravessando aquelle deserto, ante de chegar a Jerusalem, em huma lagôa, no cabo da qual estavam humas traves atravessadas a modo de ponte per que a gente passava, ella alumiada de espirito profetico não quiz passar per ellas, dizendo que não havia de poer os pés onde o Salvador do Mundo havia de padecer; e depois que se vio com Salamão, pedio-lhe que as mandasse dalli tirar. O qual em sua chegada a recebeo com honra, assi por razão de sua pessoa, como polos grandes dões de ouro, cousas aromaticas, e pedras preciosas, que levou pera o Templo do Senhor, e serviço da casa delle Salamão, com o qual esteve té ser instructa em as cousas da Lei, e concebeo hum filho delle, que pario no caminho á tornada pera seu Reino. E depois que foi em

em idade, com grande apparato, e riquezas o enviou a ſeu padre, pedindo-lhe que ante o tabernaculo do Santuario lhe aprouveſſe de o ungir por Rey daquella Ethiopia, pera ficar por ſucceſſor della; poſto que té aquelle tempo ſeu Reino andaſſe na linha feminina, e não maſculina per coſtume do Gentio da terra. Chegado Meilech (que aſſi havia elle nome) a Jeruſalem, foi recebido de ſeu padre com muito amor, e delle alcançou ſeu requerimento; e ao tempo que foi ungido por Rey, lhe mudou o nome, chamando-lhe David, como ſeu avô. E ſendo já doutrinado em todalas couſas da Lei de Deos, ordenou Salamão de o enviar a ſua madre com apparato de Rey; e pera iſſo de cada hum dos doze tribus lhe deo officiaes ao modo de ſua caſa delle Salamão, e por Principe dos Sacerdotes Azaria filho de Sadoch, que tambem era Principe dos Sacerdotes do Templo de Jeruſalem. O qual Azaria poucos dias ante de ſua partida alcançou per intercesſão de David que pudeſſe entrar em o *Sancta Sanctorum* a orar, e ſacrificar por ſucceſſo do caminho, na qual entrada elle furtou as taboas da lei, poendo outras em ſeu lugar, que pera eſte caſo tinha feitas, ſem diſto dar conta a David, té que partido elle, e ſendo já nos confins da Ethiopia, lho diſſe. David, como quem

que-

queria imitar a seu avô em zelo da honra da Lei de Deos, com grande prazer, e alegria se foi á tenda de Azaria; e tiradas as taboas do lugar onde as trazia, começou ante ellas a bailar, e cantar louvores, e glorias ao Senhor, ao qual todolos seus imitáram vendo a causa do seu prazer. Finalmente chegado David ante sua madre, ella lhe entregou o Reino; e deste Principe dizem elles Abassijs que procedem todolos seus Reys per linha masculina té hoje, e que ácerca delles não reinou mais mulher. E mais que todolos officiaes, de que se ora os Reys servem, são da linhagem daquelles, que este seu primeiro Rey David trouxe; e que não póde tomar outros pera governo de sua casa, e Reyno, senão destes tribus, no gráo, e qualidade que cada hum trouxe naquelle princípio. E tambem se gloriam que per duas Rainhas suas naturaes, celebradas na Sagrada Escritura, tiveram conhecimento de duas leis, que Deos quiz dar aos homens pera se salvar em diversos tempos; per a Rainha Sabá, a que deo per Moysés; e per a Rainha Candáce, a que deo per Christo Jesus seu filho. E porque parece contradicção dizerem estes póvos Abassijs que os seus Reys daquella Ethiopia procedem desta Rainha Sabá, e que não houve depois della mais Rainhas no seu Rey-

Reyno, e dizerem que a Rainha Candáce, que foi depois desta, ao menos mil e oitenta annos tambem sua Rainha, convem que não leixemos esta confusão aos ouvintes. Este nome Ethiopia não sómente he nome commum das duas regiões Oriental, e Occidental, a que os Cosmografos o deram; mas ainda de huma Cidade situada junto da Ilha Meroe, em huma Provincia oriental a ella, que carrega hum pouco contra o Sul, á qual os Abassijs chamam Tigray, e Estrabo Tenezes, a qual Provincia sabemos ser governada per mulheres com titulo de Rainhas. E parece que se intitulavam do nome da Cidade Ethiopia, como Metropoli do Reyno, e não de toda a região de Ethiopia sobre Egypto, porque no mesmo tempo havia Principes, que tinham o titulo de Reys da Ethiopia commum. Da qual região Tenezes, fallando Strabo, diz: *E depois o porto de Sabá [illegible] o lugar da caça dos Elefantes, assi chamada deste uso, e a região interior se chama Tenesis, a qual tem os desterrados, que em outro tempo fugíram de Psammiticho Rey do Egypto, os quaes sam chamados Sebritas, que quer dizer estrangeiros, e tem Rainha, debaixo do senhorio da qual está a Ilha Meroe, vizinha a estes lugares, e assentada em o Nilo.* E mais adiante, fallando elle das vitorias,

…ias, que Petronio Capitão Romano houve nesta terra, diz: *Destes póvos eram os Capitães da Rainha Candáce, a qual em nossos tempos imperou os Ethiopas, certamente mulher baroil, a qual tinha hum olho perdido.* E procedendo ainda mais em as vitorias de Petrónio, conta dos Embaixadores que lhe esta Candáce enviou, ao requerimento da qual elle não concedeo, ante lhe tomou huma Cidade per nome Napáta, em que estava hum filho della Candáce, que se salvou do impeto delle Capitão. E segundo a conveniencia dos tempos, esta deve ser a Rainha Candáce, cujo era o Eunucho, a quem o Diacono S. Filippe declarou a profecia de Isaias, e converteo á Fé de Christo. Per o qual Eunucho, e per a prégação de S. Mattheus, confessam os Abassijs receberem a Fé: peró não celebram muito a vida deste Santo, por ser author da sua conversão, nem tem a sua lenda conforme a Igreja Romana: Cá segundo ella, este Apostolo esteve naquellas partes per espaço de trinta e dous annos, e a sua primeira entrada foi em huma Cidade chamada Nabader, e pousou com o Eunucho convertido per Filippe, e elle o levou a ElRey Egypto, o qual se converteo com toda sua casa, por este Apostolo lhe resuscitar hum filho. Ao qual Rey succedeo Hyrtaco, que

mar-

martyrizou o Apostolo; e per morte deste tyranno os póvos elegêram hum filho d'El-Rey Egypto defunto, que viveo per espaço de setenta annos, e leixou por herdeiro do Reyno hum filho, que foi barão santissimo. Assi que em hum mesmo tempo vemos nesta parte da Ethiopia barões intitulados por Reys della, e mulheres do mesmo titulo, que não eram conjuntas per matrimonio a algum delles. Porque ora Candáce, de que se falla nos Actos dos Apostolos, e a de Strabo seja toda huma, sabemos, (segundo conta Alexandro de Alexandro em os seus Dias geniaes,) que muitas Rainhas destas partes em memoria da primeira, pola excellencia de sua pessoa, foram chamadas Candáces, como Cesares, os Emperadores Romanos, e Faraós os Reys de Egypto, tendo cada huma nome proprio, como tinha a Senhora do Eunucho, á qual chamam Judith, segundo dizem os proprios Abassijs. E ainda que não seja com nome de Candáce, sabemos que, quasi naquelles confins que dissemos, hoje reina huma mulher, e não de pequeno estado, a qual os mesmos Abassijs chamam Gaüa. Nas terras da qual, principalmente nas que são da região, a que chamamos Nobia, e os Abexijs Nobá, alguns dos nossos que alli foram, víram muitos templos da christandade que aquella terra

ra teve, os quaes jaziam arruinados das mãos dos Mouros, e em algumas paredes imagens de Santos pintadas. E a causa desta destruição, (segundo elles diziam,) foi serem desamparados da Igreja Romana, por razão do grande número de Mouros, que os tinham cercado. E sendo os nossos na Corte do Preste João, em companhia de hum Embaixador, que Diogo Lopes de Sequeira desta vez do porto de Arquico lhe mandou, (como logo veremos,) esta Gaüa Rainha daquelles Nobijs, mandou pedir ao mesmo Preste per seus Embaixadores, que lhe mandasse Clerigos, e Frades pera lhe reformar o seu povo, que com a entrada dos Mouros havia muito tempo que estava sem doutrina Evangelica, por não poderem haver Bispo Romano, como já tiveram. Ao que o Preste respondeo que o não podia fazer, porque tambem o seu Abuna, debaixo da doutrina do qual estava toda a Igreja da Ethiopia, elle o havia do Patriarca Alexandrino, que estava entre os Mouros, e sem recado do que pediam, se tornáram estes Embaixadores da Gaüa. Certo grave cousa pera as orelhas de hum Christão zeloso da fé ouvirem, vendo que o grão do Senhor semeado nesta, e outras partes per os primeiros agricultores de seu Evangelho, que foram os Apostolos, se perde por os seus successores

cessores não tirarem a zizania della, pera que a espiga do número centesimo cresça. E os principaes, a quem compete o adjutorio desta obra, polo poder do segundo gladio que lhe foi dado, leixam este antigo agro da primeira semente, e vam romper terras novas apauladas da muita idolatria que em si contém, porque lhe responde ao presente mais com temporaes fruitos, que com almas ganhadas ao Senhor. E praza a Elle que os ministros, e jornaleiros desta obra não se entreguem tanto na temporalidade, e abominações do ceno dos taes paves, com que no dia do final juizo não appareçam ante o Tribunal de Christo, delles feitos mais gentios do que elles per catholica doutrina daquelle gentio ganháram almas, que apresentem ao Senhor como fieis servos, que deram á usura o talento de sua possibilidade. E tornando ás nossas Rainhas da Ethiopia de que fallamos, confirma tambem não serem ellas senhoras universaes da região de que se nomeam, sómente da Cidade do tal nome, o titulo que Josefo no livro da antiguidade Judaica dá á Rainha Sabá, quando conta como foi ver Salamão: cá elle a intitula por Rainha da Ethiopia, e de Egypto, havendo neste tempo Faraó sogro do mesmo Salamão, que era Rey de todo Egypto: cá se fora verdade ser ella Rainha des-

ta região, per alli fizera o caminho a Jerusalem, que era mui perto, e não atravessára o mar roxo, e o deserto de Arabia. E porque fez este caminho per ella, disse a Escritura: *Veio a Rainha do Austro.* Donde alguns quizeram commentar ser Rainha da região Sabea, que he nas partes da Arabia Feliz, a que ora os Mouros Arabios della chamam Yáman. E pois Josefo, não sendo ella Rainha de Egypto, lhe dá o titulo delle, assi se deve crer que não de toda a Provincia da Ethiopia era Rainha, senão da Cidade assi chamada, e das Comarcas a ella vizinhas. E tambem o proprio nome della não era Sabá, mas Maqueda, segundo dizem os Abassijs: peró davam-lhe aquelle nome Sabá, que era o proprio de huma Cidade Metropoli daquella região que ella imperava: e por já não haver tal Cidade, os Abassijs chamam áquella região Sabay, (como dissemos.) A qual Cidade Sabá, ante de ella ser Rainha, havia muitas centenas de annos que era fundada: cá segundo o sitio, esta era aquella Sabá, que Moysés cercou, e tomou per industria da filha do Rey della, quando Faraó Rey do Egypto o mandou por Capitão a esta guerra, segundo conta Josefo no livro que allegamos. E passados quatrocentos e setenta annos, pouco mais, ou menos, Cambyses conquistador desta Ethiopia,

mu-

mudou o nome a esta Cidade Sabá, chamando-lhe Meroe, que era o nome de sua irmã, ou segundo querem outros Escritores, de sua madre: donde ficou este nome á Ilha que faz o Nilo, em a qual ella era edificada. Parece que estes Escritores, quando fallavam destas Rainhas, ás vezes tomavam a parte polo todo, e outras ao contrario; intitulando-as ora per huma maneira, ora per outra. E os mesmos Abassijs, que se gloriam dellas, mostram algumas memorias da sua habitação; porque ainda que a Rainha Sabá se intitulasse da Cidade Sabá, que era na Ilha Meroe, dizem elles que a camara, em que ella tinha seus thesouros, he hum lugar chamado Acaxuma, onde ora se mostram grandes edificios, e alguns pyrames da grandeza da agulha de Roma, a qual naquelle tempo foi tão principal Cidade, e durou tanto curso de annos, que Ptolomeu como cousa célebre, chamando-lhe Axuma, a situa em altura de dez gráos da parte do Norte. E assi dizem que a Rainha Candáce nasceo em hum lugar perto desta Cidade Acaxuma, o qual ora he huma aldea de ferreiros; e o proprio lugar de Acaxuma era a principal estancia della, posto que o Reyno proprio, de que se elle intitulava, era a terra a que elles chamam Buro, mui vizinha á Cidade Acaxuma. E tambem dizem

que

que o Capado da Rainha Candáce não converteo á Fé de Christo sómente o Reyno chamado Tigray, que (como dissemos) he aquella parte da terra, a que Strabo chama Tenesis, na qual ainda hoje ha huma povoação chamada Temey, que parece que delle procederia a toda a Comarca, e que algum destes nomes he corruto do outro, mas ainda converteo outras Comarcas. E assi dizem que David filho da Rainha Sabá se coroou por Rey naquella Cidade Acaxuma, donde ficou em uso que os Reys, que depois o succedêram té hoje, se vam coroar áquelle lugar; e não o fazendo, reina injustamente. E que assi os Reys, que succedêram a este David té o tempo que recebêram a Fé de Christo, como desta sua conversão té ora sempre foram accrescentando seu estado per conquista de armas: e todolos Reynos, e senhorios, que per este modo tem accrescentado a sua Coroa, como de cousa propria, quando provêm delles a algumas pessoas, ainda que procedam da linhagem daquelles de quem os houveram, he em quanto lhes bem parece, sómente o Reyno Dambeá. Cá este, ainda que o Principe que o governa seja vassallo delle Preste João, não o póde remover, nem tirar daquelle estado, e herda-se de pai a filho. E a causa he, que no tempo que David filho da Rainha Sabá começou conquis-

tar os Reynos da gentilidade a elle vizinhos, este se deo a elle por vassallo ante de ser conquistado. E dos outros Reynos, que estes Principes conquistáram dos Reys Gentios daquella Ethiopia, assi como dos pόvos Goragens, e de outros, quando os nossos lá andáram, gloriando-se elles Abassijs daquellas vitorias, lhe mostravam as proprias casas, onde aquelles Reys gentios habitavam. E dizem que o primeiro Reyno, que este seu primeiro Rey David conquistou da mão do Gentio daquella Ethiopia, foi o que elles chamam Tigray. Trouxemos todas estas cousas, porque se veja que em hum mesmo tempo houve naquella Ethiopia os Reys, e Rainhas illustres que nomeamos; e que os Abassijs por gloria do seu princípio, que começou neste primeiro David, querem encubrir os outros Reys, que tambem houve naquellas partes. Condição mui geral de todalas gentes, que por darem antigos, e illustres principios á sua linhagem, sempre fabulam cousas a que a antiguidade não testemunha dá licença: posto que per outra parte estes Abassijs mostram o contrario na conquista, que dizem ter os seus Principes com os Reys Gentios comarcãos, de que conquistáram tantos Reynos, como tem. O que parece pelo decurso do tempo, e per as Rainhas, que sempre naquellas partes hou-

ve

ve té hoje, he, que a Sabá daria a seu filho alguma parte da terra da que elle possuia para herança sua, e tudo o que fosse conquistando do Gentio daquellas regiões accrescentasse a sua coroa: e o mais que ella possuia como Rainha, conformando-se com o costume, e lei da terra, ficava á outra femea, té vir ter per este modo a Candáce, e desta successivamente a Gaüa, que ora reina, da qual particularmente fallamos em a nossa Geografia. Muitas cousas destas não estam alumiadas antre os Abassijs, por ser gente, que não se dá a escrever os annaes dos seus Reys, como costumáram os Gregos, e Latinos, que não são tão antigos na Lei de Deos, como elles dizem ser. E prevalece entre elles tanto esta antiguidade da Rainha Sabá, e Lei de Moysés, por ser o leite de sua primeira doutrina, que ainda hoje estam aguados della, porque todos guardam o sabbado, e Domingo, tem circumcisão, e baptismo de agua ao nosso modo. Peró differem nisto, o macho he levado á Igreja a receber este sacramento aos quarenta dias, e a femea a sessenta, e sempre ha de ser ao sabbado, ou Domingo; porque como guardam estes dous dias, e nelles celebram Missa, dam o sacramento ás crianças, dando-lhes logo a madre a mamma pera poder levar aquella pequena particula. E quanto a hum sinal de fogo,

que trazem ſobre o nariz, que alguns queriam dizer ſer baptiſmo de fogo, tirado daquella palavra da Eſcritura: *Ipſe vos baptizabit in Spiritu Sancto, & igne*, não he aſſi, ſómente uſam delle per preceito dos primeiros Reys, que foram Catholicos. Os quaes como viviam em meio de tanta gentilidade, porque o ſeu povo foſſe conhecido, mandáram que ſe aſſinaſſe com fogo naquelle lugar: e he tão guardado o tal preceito, que achando-ſe algum homem ſem elle, ſendo accuſado, fica cativo do Principe. A circumcisão de que tambem uſam, he feita aos oito dias em caſa per Sacerdote; os homens no lugar ordenado, e as mulheres cortàndolhes huma particula glandoſa, a que os Latinos chamam nynfa, o qual uſo não havia ácerca dos Hebreos, e dizem elles que o tem por preceito da Rainha Sabá. Além deſtas ceremonias da lei velha, que elles hão por ſacramentaes, tem outras ácerca de não comer porco, e couſas a que chamam immundas, muitos abuſos que elles confeſſam tomarem, não ſómente por preceito do ſeu Abuná, que (como diſſemos) tem a doutrina dos Jacobitas, mas ainda por pramatica do ſeu Rey. Porque, excepto os ſacramentos, e ordenar os Clerigos nas ordens pera o ſacerdocio, que ſe faz pelo Abuná, em todo o mais o Rey he ſobre todos: cá

el-

elle os provê dos beneficios, e os remove quando lhe apraz, e caſtiga ſeus delictos, como ſe foſſem leigos. Os Clerigos não tem dizimos, cá todolos rendimentos da terra são delRey, ſómente tem algumas terras, que lhe os Reys ordenam, que rendem pera as Igrejas; e iſto he ſegundo a devoção dos Principes, os quaes neſte modo de repartir com a Igreja ſe tem moſtrado ſerem zeloſos da honra de Deos. Porque em toda aquella Ethiopia (como diſſemos) não ha hum edificio, ou caſa, que os Reys tenham feito pera ſi; e pera ſe louvar Deos são tantos os Moſteiros de Frades da Ordem de Santo Antão, (porque não tem outra,) e tantas as Igrejas de Conegos Regrantes, que elles tem ao modo que temos as Sés Cathedraes, e tanta a outra Igreja pàrochia, e tanta Ermida, que não tem número: e a todas os Reys provêm de renda, ornamentos, e niſto ſómente ſe moſtra a grandeza, e policia daquelles Principes. Aos Frades, e Conegos Regrantes nas Comarcas onde habitam dá terras aſſinadas, a que elles chamam Gultos, que rendem pera a caſa: e aſſi vive o ſacerdote abaſtadamente, e he eſtimado naquellas partes, principalmente os que reſidem nos Conventos, e Igrejas Collegiaes, que por nenhuma outra couſa os homens mais trabalham naquellas partes,

que

que por ter gráo de Sacerdote, porque com isto tem a vida certa. E daqui vem haver naquellas partes grande número de Frades, e Clerigos: cá a multidão delles fundada na cubiça de ter o necessario em aquelle estado, faz conservar-se entre elles tanto tempo o que professam da lei. Geralmente todo aquelle povo he barbaro nas cousas da sciencia; porque tirando as que pertencem ás ceremonias do seu sacerdocio, (e ainda estas barbarizadas,) em todo o mais não se acha nelles doutrina alguma, nem procuram por isso: té nas cousas mecanicas não tem engenho algum; e se lá acolhem algum estrangeiro engenhoso, não o leixam vir; e porém não pera lhes servir em mais, que na instructura de seus templos, por entre elles não haver pedreiros, carpinteiros, ou pintor que lhos faça, e esses que tem são obra de estrangeiros. E todolos ornamentos, paramentos que tem, que são muitos, e mais do que se espera em tão barbara gente, assi pola cópia, como por serem de seda, e brocadilhos, todo este panno lhes vai da India, do Cairo, e de outras partes: té os pannos das tendas do seu Rey, e ornamentos de sua casa, na qual, e nas Igrejas estam todalas alfaias, que per partes a gente nobre de toda aquella Ethiopia podia ter. E he tão estranha cousa entre elles algum

ar-

artificio, do pouco uſo que tem da policia, que té hum ferreiro, que lavra o ferro pera ſuas neceſſidades, tem per couſa que ſe faz por arte diabolica: e por eſta cauſa são antre elles infames; e ſe acertam de ver pela manhã hum ferreiro, e adoecem naquelle dia, dizem que do olho do ferreiro lhes veio aquelle mal. E chega eſta ignorante opinião a tanto, que vivem eſtes ferreiros quaſi apartados do conſorcio da outra gente, e não os leixam entrar nas Igrejas. Finalmente he Nação tão bruta, que muitos dos vizinhos, ſendo negros de cabello torcido, tem mais policia na mecanica das couſas, do que elles tem. E não póde ſer mais bruto do engenho, que acertando hum Armenio, que ſe achou naquellas partes, de fazer a ElRey hum moinho de agua pera lhe moer o trigo, e todo outro genero de pão, a farinha do qual elles fazem entre humas pedras á mão, mais remoendo que moendo, e iſto com muito trabalho: acabando ElRey de ver a obra que fazia, mandou-a logo desfazer, dizendo que aquillo não ſervia em ſua terra, porque elle andava ſempre no campo per todo o ſeu Reyno, e não havia de levar comſigo aquelles engenhos, que ſempre eſtavam em hum lugar. Como ſe aquelle artificio não convinha a mais, que onde elle foſſe preſente,

e não

e não ao povo de todo ſeu Reyno. O qual povo tudo merece, cá habitam em tão groſſas terras, onde ha grandes criações pera ſe aproveitarem das lans, regadios pera linhos, e ſitios pera todo algodão, que quizerem ſemear; de bruteza, e preguiça padecem andarem veſtidos geralmente de pelles por cortir; e quem as traz cortidas, he huma grande policia. E são tão curtas eſtas ſuas veſtes, que lhes cobrem pouca parte do corpo: té o commum dos Clerigos, Frades, e Freiras he huma vergonha ver como andam, ſem a elles terem de quanto lhes parece. Sómente os Conegos, e Frades, que reſidem em ſeus Conventos, eſtes veſtem panno de algodão, e trazem as roupas compridas, como convem a ſeu habito: e aſſi a gente nobre uſa deſte panno, o qual lhe vai da India, e de algumas partes vizinhas. Porque (como diſſemos) são taes, que nem pera veſtir, tomar hum peixe, huma ave, huma fera, per modo de artificio, não tem pera iſſo engenho, ſómente pera furtar são aſſi engenhoſos, que lhes não chegam os Ciganos vagabundos, e iſto na Corte d'El-Rey, que nas outras partes não ha eſta ſoltura ſem punição. E parece que de andar o ſeu Principe ſempre no campo paſtando as hervas, ao modo dos Alarves, ſegundo os temporaes do anno, ora em huma re-

gião,

gião, ora em outra, na qual inquietação, e concurso de muitas, e varias nações, assi de que andam naquelle arraial, como das que conquistam, os puzeram em necessidade de dous usos, os quaes lhes fez a natureza, pera roubar, e pelejar, a que Naturalmente são inclinados. Donde vem que estes Abassijs geralmente como são fóra da miseria de sua patria, tem animo ousado, principalmente naquellas partes Orientaes, e alguns delles são excellentes Capitães, como os nossos tem experimentado. O estado do Preste, peró que ao presente que nós compomos esta historia seja bem pequeno, e mudado com a entrada que os Mouros fizeram em todo seu Reyno, fazendo-se senhores delle, quasi per decurso de treze annos, sendo elle recolhido em partes remotas de serranias, por salvar a vida, té que os nossos á custa de seu proprio sangue o restituíram, como se dirá em seu tempo; neste, em que o Governador Diogo Lopes de Sequeira enviou a elle D. Rodrigo de Lima por Embaixador da parte d'ElRey D. Manuel, (como logo veremos,) era mui poderoso em terras, e povo. Em terras, porque tinha as que atrás nomeámos; e povo, porque com sua potencia não sómente era senhor obedecido de toda a Christandade daquella Ethiopia, mas ainda mui-

tos

tos póvos da gentilidade, e dos Mouros; em que entravam grandes ſenhores. E em nenhuma couſa ſe moſtravá mais a potencia delle, que no aſſentar do ſeu arraial; porque (como diſſemos) por antigo coſtume eſtes Principes andam ſempre no campo paſtando as hervas, ora a huma parte, ora a outra, ao modo dos Parthos, Parſeos, e Arabios, que ſeguem eſte coſtume. E verdadeiramente era couſa maravilhoſa de ver: cá em huma populoſa Cidade de pedra, e cal achar-ſe-hão edificios, templos, praças, ruas, mantimentos, mercadorias, e policia de bom regimento; e neſte arraial achava-ſe huma Cidade de panno, de grande número de tendas de algodão, humas de huma côr, outra de outra, e dellas de ſeda entretalhadas, aſſi armadas, e arruadas, e os officios poſtos em bairros, e as Igrejas em Freguezias, que por muitas vezes que ſe o Preſte mudaſſe, já cada hum ſabia onde ſe havia de aſſentar, ſe ao Levante, ſe ao Ponente, e a que mão, e em quanta diſtancia; de maneira, que nenhum homem tinha neceſſidade de perguntar: *Onde pouſa foão?* porque pola ordenança do lugar em que cada hum ſe havia de apouſentar, já ſabia que os Officiaes d'ElRey em tal parte, e os da juſtiça em tal, e os mecanicos de tal officio em tal, e a tantas tendas. E ſe-

segundo o grande número da gente, que este Principe fazia, se não houvera esta ordem, pola pouca demora que elle ás vezes fazia em lugares, primeiro que se hum homem achára, se partíra dalli. Porque o arraial, que estando a praça principal situada no meio delle, era dalli ás tendas d'ElRey huma legua; e se era em campo chão legua e meia, tudo per huma rua tão direita, e larga, que das portas dos paços d'ElRey se via o concurso della, por elles sempre serem assentados no lugar mais alto daquelle sitio: bem se deve crer que não tomaria este arraial pouco espaço de terra, e que a gente delle não era de pequeno número, pois tinha treze Freguezias, huma das quaes era dos cozinheiros d'ElRey. E quando se mudava, além do grande número de homens, que serviam de levar cargos á cabeça, de mulas de carga dizem que passavam de cem mil, a fóra muitos camelos que levavam as tendas. Das quaes mulas elles se servem não sómente neste serviço de carga, mas ainda pera caminharem nellas, e os cavallos levam a destro; porque como entre elles não se usa ferrarem as bestas, e são mais mimosos que as mulas, pelejam nelles, e caminham nas mulas. A maneira do serviço d'ElRey, e tratamento de sua pessoa naquelle tempo, que flore-

re-

recia em potencia de todalas cousas, era mais de homem divino, que humano: peró agora que a guerra dos Mouros trouxe á terra necessidade de homens, já se communica, e já o conversam, e já se leixa ver como homem, e não com aquellas ceremonias, de que ante usava, como se elle fora alguma divindade. Porque té os senhores de seu estado no modo de o ver, e fallar não pareciam vassallos, mas escravos; em tanto, que mandando elle recado ao mais poderoso delles per o mais baixo homem de sua casa, ainda que fosse ao Tigre Mahon, ou ao Barnagax, que na dignidade representavam Reys, tanto que em sua casa lhe era dito que lhe vinha hum recado do Preste, logo em continente se sahia de sua casa, e no campo, e a pé, nú da cinta pera cima havia de receber o seu recado. Ouvido o qual recado, se era em contentamento do Preste, vestia-se das mais nobres vestiduras que tinha, e tornava a cavalgar, e hia-se pera casa; e se era em seu descontentamento, a pé, nú como estava, se tornava. E a primeira palavra que estes mensageiros diziam da parte d'ElRey, era: *ElRey vos envia saudar*; á qual palavra todos por cortezia, e acatamento hiam com a mão ao chão. Outros muitos costumes tem a gente Abassij, e o seu Principe, que

são

são mui diverſos dos noſſos, os quaes (como já diſſemos) leixamos pera o Commentario da noſſa Geografia, porque eſte lugar não requer mais.

CAPITULO III.

Como Diogo Lopes de Sequeira ſe vio com o Barnagax, hum principal Capitão do Preſte, com o qual aſſentou paz; e entregue o Embaixador Mattheus, e D. Rodrigo de Lima, que elle em ſua companhia mandou ao Preſte, ſe partio pera ir invernar a Ormuz: e o mais que fez neſte caminho.

O Governador Diogo Lopes de Sequeira, ante que eſtes Padres do Moſteiro de Visão, que elle com tanta ſolemnidade (como diſſemos) mandou receber, tinha ſecretamente enviado a elle hum Fernão Dias, homem que ſabia mui bem a lingua Arabia, que geralmente ſe falla per aquellas terras, pera que notadas as couſas do Moſteiro, e Religioſos delle, o pudeſſe bem informar, e de tudo eſtar aviſado quando os Religioſos, que Mattheus mandára chamar, vieſſem ſaber ſe reſpondia o ſeu dito com a viſta delle Fernão Dias. E porque elle tardava, e os Frades eram vindos, os quaes contavam muitas couſas da ſua Reli-

gião,

gião, número, grandeza das casas que tinham, e assi dos muitos Religiosos que nellas havia; e que o Mosteiro de Visão, que he da vocação da Ordem de Jesus, era hum dos principaes que elles tinham: o Ouvidor Pero Gomes Teixeira zeloso das cousas de nossa Fé, desejando ver per si o que estes Frades diziam, pedio licença ao Capitão mór, que em companhia delles o leixasse ir ver aquelle Mosteiro. Diogo Lopes quando vio que huma tal pessoa, como era Pero Gomes, se offerecia a este caminho, per o qual podia ser melhor informado das cousas que desejava, que per outra pessoa alguma, agradecia-lhe muito esta ida, dizendo, que lhe havia grande inveja a ella. Finalmente Pero Gomes se foi em companhia dos Frades té a Villa de Arquico, e dalli o Capitão do lugar mandou hum seu irmão com elle; e sendo no caminho, começáram achar magotes de gente do Barnagax, que se vinha ver com Diogo Lopes. E quando chegavam a estes magotes, o irmão do Capitão de Arquico, por obediencia, e reverenciar a pessoa do Barnagax, cuja aquella gente era, se descia a pé, e lhe fallava; e tornado a cavalgar quando vinha outra, fazia outro tanto, nas quaes ceremonias, segundo seu uso, se foram detendo hum bom espaço, té que vieram encontrar com a pes-

soa

ſoa delle Barnagax, o qual trazia ante ſi quatro mulas a deſtro mui formoſas, e quatro cavallos grandes, como os de Andaluzia em Heſpanha, e toda a gente que acompanhava o Barnagax vinha de mulas. O irmão do Capitão de Arquico, viſto a peſſoa delle, per eſpaço de hum tiro de béſta ſe apeou, e fez apear a Pero Gomes, e ambos a pé foram contra o Barnagax a lhe fallar; o qual por honrar Pero Gomes, teve a redea da mula em que vinha; e chegados elles, lhe beijáram a roupa no lugar do geolho direito, ſegundo ſeu coſtume de reverenciar as peſſoas tão notaveis. O qual Barnagax, depois que ſoube de Pero Gomes quem era, e a romaria que hia fazer, e como o Capitão eſtava eſperando por elle, reſpondeo com palavras de homem prudente, que o meſmo deſejo de ſe ver com o Capitão mór o movêra áquelle caminho que fazia; e que a romaria que elle Pero Gomes hia fazer era tão perto, que bem poderia tornar ante que elle Barnagax ſe viſſe com o Capitão; que lhe pedia por amor delle que aſſi o fizeſſe, porque folgaria de fallar primeiro com elle; e aſſi ſe fez. Porque Pero Gomes, viſta a caſa, e tomada informação do que deſejava ſaber dos Padres do Moſteiro, dos quaes foi mui bem recebido, ſe tornou pera Arquico. Dos

quaes

quaes Religiosos houve hum livro escrito em lingua Chaldea, em que elles tem toda a lenda da Igreja, de Evangelhos, Epistolas, Psalmos de David que rezam, e outras cousas que respondem á Igreja Romana, e algumas segundo seu uso. Chegado o Barnagax ao lugar Arquico, per meio de Pero Gomes houve alguns recados entre elle, e o Capitão mór Diogo Lopes sobre o lugar onde se ambos haviam de ver; porque hum requeria que fosse no proprio lugar Arquico, que do pouso onde as náos estavam, (que era hum pouco abaixo,) a elle haveria duas leguas, e outro queria dentro em as náos. Nas quaes dúvidas se metteo conselho dos Mouros, a quem nossa amizade com o Preste era mui odiosa por ser em sua destruição, os quaes mettêram tanta desconfiança no animo do Barnagax, que não havia remedio pera querer que as vistas fossem de outra maneira, té que entreveio nisto ir Antonio de Saldanha a elle. E entre muitas práticas que ambos tiveram sobre este negocio, depois de elle regeitar arrefens de parte a parte, escusando-se disso com dizer, que onde havia Christandade havia de haver toda a verdade, em hum Sacerdote querendo descubrir huma Cruz, que levava de prata, que Antonio de Saldanha pera o provocar lhe queria entre-

tregar, como penhor de ſeguridade de ſua peſſoa naquelle acto das viſtas, levantou-ſe muito rijo donde eſtava, indo á mão ao Sacerdote que não deſcubriſſe a Cruz; dizendo, que pera couſas de tão pouca importancia, como eram as que ſe entre elles tratavam, pera que era entrevir o ſinal de que dependia toda noſſa Fé? E ſem mais altercar nas dúvidas que tinha, diſſe, que era contente de chegar á praia, que eſtava defronte de Arquico. E pois diziam que as náos por razão dos baixos não ſe podiam mover do lugar onde eſtavam pera vir alli, que vieſſe o Governador em navios de remo, e que ambos ſe veriam na praia. Tanto poder tem a viſta daquelle ſinal entre aquella barbara, e ruſtica gente, creada na codea da noſſa lei, que mais os ſegura a viſta delle pera não temerem perder a vida, que a nós, creados na policia da Igreja Romana, e verdadeiro entendimento da lei Evangelica, os juramentos ſolemnizados com tanto ſacramento de palavras na ſegurança dos bens, a que chamamos fazenda. Donde parece que mais tem aproveitado a eſtes, neſta parte, a ignorancia da luz da lei, que a nós a claridade della. Finalmente eſte Barnagax, como homem ſeguro dos temores que lhe os Mouros punham, e ſem pontos de honra, (materia que faz toda diſcordia,)

elle se veio ver com Diogo Lopes á praia, acompanhado com té duzentos homens de cavallo, e dous mil de pé, os quaes entregou ao Capitão de Arquico como guarda do campo; e sahindo-se do corpo desta gente, veio com té seis pessoas ao lugar onde estavam ordenados assentos, em que se haviam de assentar. O vestido de sua pessoa era ao modo Alarve, huma camisa branca de lenço vestida sobre outras roupas, e em cima hum bedem preto, e na cabeça huma touca branca de lenço. E segundo se depois soube, elle, e os seus vinham em habito honesto, e triste, por haver poucos dias que em huma entrada que elle fizera nas terras dos Mouros contra as partes do Egypto, perdêra hum filho, e quatrocentos de cavallo, per o qual caso o Preste estava descontente delle, dando-lhe a culpa disso. Diogo Lopes veio a modo contrario com té seiscentos homens vestidos de festa; e quando vio a ordenança em que o Barnagax leixava a gente que trouxera comsigo, poz a sua ao longo da praia em ordem de boa mostra; e sahido com outros seis homens, foi-se onde estavam seus assentos, cadeiras pera elle Diogo Lopes, e Embaixador, e hum catele cuberto de seda pera o Barnagax, por este ser o modo da maior honra, que elles podem ter em seu assento. Che-

gados a hum tempo a este lugar, assentáram-se todos tres; e depois de feitas suas cortezias, segundo o uso de cada hum, e darem graças a Deos polos ajuntar naquelle acto de congregação Christã, em amor, e paz, começou Diogo Lopes dar conta das cousas que eram passadas, assi nas diligencias que os Reys de Portugal tinham feito por ter conhecimento, e communicação com aquelle Emperador da Abassia tão nomeado per toda a Christandade, como as dúvidas que os Capitães da India tiveram, quando víram lá o Embaixador Mattheus, parecendo a todos ser alguma industria dos Mouros pera fim de seus negócios. Porém depois de elle ser em Portugal, ElRey D. Manuel, que então reinava, o recebeo como se devia receber o Embaixador de tal Principe, e que per alguns inconvenientes, e occupações que houve no Reyno, não foi logo despachado. Depois vindo á India, ElRey D. Manuel seu Senhor mandára a Lopo Soares o Governador passado, que fora ante delle, que entrasse no estreito poderosamente, e entregasse a elle Mattheus naquelle porto de Arquico aos Capitães delle: e assi por falecer o mesmo Embaixador, que ElRey com elle mandava, e por tempos contrarios não pode haver effeito aquella vista, e acto de ir-

irmandade, em que elle Diogo Lopes, elle Barnagax estavam. Porque as cousas per Nosso Senhor ordenadas pera tamanho fruto, como aquelle sería, convinhá terem estes principios de trabalho pera maior consolação, e merito daquelles, que per elle mesmo Deos os soffriam. E pois Deos fizera a elle Diogo Lopes tão particular mercê, que o chegára áquella hora em que estava, duas cousas lhe convinha fazer pera cumprir com a instrucção que lhe ElRey D. Manuel seu Senhor mandava: a primeira, levar huma authentica certidão delle Mattheus como ficava naquelle porto entregue a elle Barnagax, pessoa das mais principaes daquelle Reyno, e assi hum Embaixador seu, que mandava que fosse ao Preste em companhia delle Mattheus em lugar do outro que faleceo. E a segunda era fazer huma fortaleza na Ilha Camarão, ou naquella Maçuá, qual parecesse mais proveitósa pera guerrear os Mouros daquelle estreito do mar Roxo, conformando-se nisto com a vontade do Preste, e tambem tomar emenda d'ElRey da Ilha Dalaca, pola morte de hum Capitão Portuguez, que alli foi ter na entrada de Lopo Soares, segundo elle Mattheus sabia, como pessoa que este negocio prognosticou, por saber ser aquelle Mouro homem atraiçoado. E que quanto a elle Mattheus

theus ser entregue, disso estava já satisfeito; e o Embaixador, que com elle havia de ir, era aquelle Fidalgo, amostrando a D. Rodrigo de Lima, filho de Duarte da Cunha de Santarem, o qual era hum dos seis que levava comsigo já ordenado pera este acto, que por não estarem ainda prestes algumas pessoas que com elle haviam de ir, e assi cousas pera a pessoa do Preste, por isso lho não entregava logo. Que elle havia de ir em companhia delle Mattheus té o Mosteiro de Visão, onde (segundo elle dizia) por sua devoção havia de estar alguns dias: que alli pedia a elle Barnagax que mandasse alguma pessoa, que o encaminhasse té a Corte do Preste, quando elle Mattheus tivesse algum impedimento de não poder ir tão cedo. Que quanto ao fazer da fortaleza, por aquelle anno lhe parecia que não podia ser, assi porque a elle Capitão mór lhe convinha ir invernar fóra do estreito, por ter perdidas a maior parte das munições que trazia em huma náo que perdêra, como por haver ainda de vir recado do parecer do Preste sobre este caso; e que conformandose com o breve tempo que tinha de caminho, daria huma vista q Dalaca. O Barnagax, em quanto Diogo Lopes disse estas cousas, esteve mui attento, e a todas respondeo como homem prudente; e per dera-

radeiro em confirmação de paz, e amizade, que alli assentáram, veio hum Sacerdote, e apresentou huma Cruz de prata dourada, em que ambos a haviam de jurar. A qual Cruz tomando o Barnagax na mão pelo pé, e posto em geolhos, disse: *Aquella paz, e amor que Christo Jesus nosso Redemptor mandou a seus discipulos que houvesse entre elles, esta seja entre nós-outros, que professamos sua Fé, a qual quanto em mim for, por parte d'ElRey David meu Senhor cumprirei, e assi o juro neste sinal de nossa salvação.* Diogo Lopes per seu modo feito outro tal juramento, tornáram-se assentar; e depois que hum pedaço estiveram praticando nas cousas da guerra, que aquelles dous Principes, (cujas pessoas elles alli representavam,) tinham com os Mouros, e Pagões, espedíram-se hum do outro, por o tempo não ser pera mais, por causa da grande calma que fazia. Na qual vista Diogo Lopes mandou dar algumas peças de armas ao Barnagax, e hum corpo inteiro dellas, com que estava armado hum homem, que elle pedio: por ser a elle cousa nova aquelle corpo de armas brancas: Em retorno das quaes peças elle mandou logo a Diogo Lopes hum cavallo, e huma mula, e cincoenta vaccas, que se repartíram pelas náos; e ao seguinte dia o tornou Dio-

go

go Lopes visitar com mais algumas peças, e assi ao Capitão de Arquico. Finalmente naquelles dous, ou tres dias que o Barnagax esteve em Arquico depois destas vistas, sempre de huma parte, e da outra houve visitações, té que elle se mandou espedir de Diogo Lopes, dizendo, que lhe convinha partir-se, e que ao Capitão de Arquico ficava recado pera dar aviamento ao Embaixador que havia de mandar. No despacho do qual Diogo Lopes entendeo logo, e ordenou irem em sua companhia té treze pessoas, de que as principaes eram Jorge d'Abreu d'Elvas, segunda pessoa depois de D. Rodrigo, João Escolar Escrivão da Embaixada, Lopo da Gama, João Gonçalves Feitor, e lingua, Manuel de Mariz tangedor de orgãos, por razão de huns que hiam de presente ao Preste entre outras cousas da Igreja que lhe mandava, e Francisco Alvares Sacerdote. O qual desta viagem em que foi, e assi do que lá soube, e alcançou, segundo a possibilidade de seu engenho, compoz hum livro, mais puro que doutamente, que ora anda convertido em lingua Italiana. Apercebido D. Rodrigo do necessario a sua viagem, com hum honrado presente que levou, assi de armas, como de ornamentos de casa, e principalmente das cousas necessarias ao culto Divino,

se-

ſegundo o uſo Romano , foi elle, e ſua companhia, e o Embaixador entregue ao Capitão de Arquico, ſegundo a o[illegible]m que o Barnagax pera iſſo leixou; e por teſtemunho do acto deſta entrega, que ſe em Arquico fez, no proprio lugar della ſe arvorou huma grande Cruz de páo. E parece que Noſſo Senhor tinha limitada a vida de Mattheus no Moſteiro de Visão, onde elle deſejava chegar; porque chegados a elle, faleceo, e D. Rodrigo ſeguio ſeu caminho á Corte do Preſte, onde chegou: e do que lá fez adiante faremos relação, porque aqui convem continuar com Diogo Lopes. O qual em quanto eſteve naquella Ilha Maçuá, ſempre hia ouvir Miſſa á meſquita da povoação, á qual mandou poer nome *Santa Maria da Conceição*: e a primeira Miſſa que ſe nella diſſe, foi das Chagas, por ſer em ſeſta feira depois das oitavas da Paſcoa, em que houve muitas lagrimas de devoção dos noſſos, vendo o lugar onde Noſſo Senhor os tinha levado, e quanta mercê delle recebiam, pois em lugares onde elle era blasfemado per Mouros, e Gentios, elles eram miniſtros daquellas oblações, e ſacrificios a elle acceitos, por ſer em memoria do ſangue de Chriſto Jeſus. Por a qual obra ſempre a nação Portuguez ſería louvada, e trazida na boca das gentes de ge-

geração em geração té o fim do Mundo; e nosoutro teriam premio de Catholicos nesta vinhes militante do Senhor. Diogo Lopes, acabadas estas cousas com grande prazer de todos, e feita a sua aguada nas cisternas que havia na Ilha, partio-se via da outra chamada Dalaca, onde chegou, a qual será de trinta leguas, quasi todo este comprimento lançado ao longo da terra firme de Africa chamada Abassia. A terra da qual Ilha he baixa, cheia de muitas ilhetas, e baixos; e se não he tão doentia como o sitio della mostra, he porque os ventos que alli cursam, quasi todos lhe vem por cima da agua, na qual ha sómente huma Cidade nobre, chamada como a mesma Ilha, a fóra outras povoações pequenas á maneira de aldeas. As quaes, por serem maritimas, onde os nossos podiam ir, todas estavam despejadas, temendo esta visitação, que lhes havia de ser feita, e por isso não houveram dellas mais despojo, que algum gado, que a gente commum matou, entre o qual eram camelos, a carne dos quaes haviam por bom refresco. Diogo Lopes, porque alli não havia mais que fazer, por sinal do que fizera aos moradores, se os acháram, mandou derribar algumas casas notaveis de pedra, e cal, e poer fogo á Cidade. Partido dalli, foi haver vista da outra

tra costa da Arabia; porque como aquella da Abassia era cheia de muitas Ilhas, e baixos, e ainda per nós não navegada, não quiz sahir do estreito per aquelle canal; e tambem pera de lá mandar á Ilha Camarão hum navio saber se fóram lá ter dous galeões, que se apartáram delle, Capitães Christovão de Sá, e Francisco de Mello, e não achando nova delles; que o seguisse. Sahido do estreito, foi ter onde perdeo a sua náo Santo Antonio, de que ainda mandou recolher tres ancoras, que se puderam haver, e daqui partio pera Adem, onde foi visitado com muito refresco. E por muita pressa que se deo em sahir de entre estas duas terras que fazem o estreito, temendo poder sobrevir o tempo, que tanto damno fez a Lopo Soares, já quando começou descubrir a garganta que faz o Cabo de Guardafú, e a terra Arabia, achou tamanhas cerrações, e tempo do inverno, que não se pode espedir daquella paragem sem perder todolos bateis das náos que levava per popa, por os comerem os mares grossos. E assi huma galé real, Capitão Jeronymo de Sousa, que se alagou junto da terra Arabia, além do Cabo Fartáque onde morreo muita gente nobre, entre os quaes foi Manuel de Sousa Galvão, filho de Duarte Galvão, com que aquelle estreito ficou

por

por sepultura de dous filhos; e hum pai, e assi morreo Pero da Silva de alcunha o Cafre: e milagrosamente no batel da galé escapou o Capitão Jeronymo de Sousa com onze homens, de que os principaes eram Henrique Homem, e Pero Borges. E havendo dous dias que andavam na lingua das ondas a Deos misericordia, chegáram a terra, onde passáram outra tanta fortuna. Porque como toda aquella costa he de Mouros Arabios, per espaço de cem leguas que fizeram caminho sempre ao longo da praia, além da fome, sede, e outros trabalhos de tão comprida jornada, recebêram delles tal companhia de pancadas, vituperios, leixando-os em coiro, que quando chegáram a Lalão, que está na fronteria do Cabo Roscalgate, não levavam já figura de homens; tão cortidos os tinha o Sol, e tão desfigurados os fizera a fome, sede, e trabalhos que passáram. E porque o Xeque desta Cidade era vizinho de Calayate per espaço de quinze leguas, e mui familiar d'ElRey de Ormuz, por lhe parecer que nisto o comprazia, os teve alli alguns dias pera recobrarem suas forças, e depois vestidos, e acompanhados de gente os mandou a Calayate, e dalli vieram os nossos, como veremos. Diogo Lopes de Sequeira correndo tambem sua tormenta, veio com a Armada ter á Villa

Ca-

Calayate, onde achou Jorge d'Alboquerque, que (como atrás fica) o veio aqui esperar, e assi ao Doutor Pero Nunes, a quem deo posse do officio de Veador da Fazenda que levava per ElRey. E ante que se daqui partisse, sendo já no fim de Junho do anno de quinhentos e vinte, chegou huma náo, que deste Reyno partio aquelle anno, Capitão e Piloto Pedro Eanes, Francez de alcunha, ao qual por ser homem diligente, e que sabia bem as cousas do mar, ElRey D. Manuel mandava com cartas a Diogo Lopes sobre algumas cousas de seu serviço. E tambem com a nova do que tinha sabido da Armada que o Soldão fazia, se lhe tinha enviado dizer per Pero Vaz de Véra, temendo que per algum acontecimento não passasse á India com este recado. E esta foi a causa por que Pedro Eanes foi demandar aquella paragem, por em Moçambique achar recado como Diogo Lopes mandára alli chamar Jorge d'Alboquerque. E entre outras cousas, que ElRey mandava a Diogo Lopes que fizesse aquelle anno, era, que na mesma náo com Pedro Eanes enviasse alguma pessoa, de que elle confiasse esta ida a descubrir as Ilhas do ouro, a través da Ilha Çamatra, de que já atrás escrevemos, por lhe muitas pessoas, que andáram naquellas partes da India, darem grande es

pe-

perança de se poderem descubrir. A qual ida Diogo Lopes logo alli deo a Christovão de Mendoça filho de Pero de Mendoça Alcaide-mór de Mourão, da viagem do qual adiante faremos menção. E pera que ElRey soubesse o que elle Diogo Lopes fizera naquella entrada do estreito, que lhe mandára fazer, enviou com este recado a Pero Vaz de Véra, costumado levar as novas deste estreito, o qual chegou a este Reyno, onde a sua vinda foi mui celebrada, não sómente com festas temporaes, mas ainda espirituaes de solemnes procissões, dando louvores a Deos polo descubrimento daquelle Emperador da Abassia, chamado Preste João, tão desejado neste Reyno. E porque estas novas fossem mais celebradas em as Cidades, e Villas do Reyno, ElRey lhe escreveo, notificando-lhe o que Diogo Lopes fizera, tudo muito particularmente por dar noticia a todos do estado daquelle Principe Christão té então mal sabida, da qual obra elle tinha tanto contentamento, como de se descubrir per elle a India, por estas duas cousas nestas partes da Christandade serem muito incognitas, e a noticia dellas escura, e em muitas cousas falsa. Diogo Lopes, despachado Pero Vaz, porque aquelle porto de Calayate não era tão bom como o de Mascate pera as náos grandes inver-

na-

narem, passou-se a elle, e alli leixou Jorge d'Alboquerque por Capitão de todos, e elle foi invernar aquelle anno a Ormuz, levando comsigo todas as vélas de remo; ao qual leixaremos té dar conta do que se passou na India, em quanto elle fez esta viagem do estreito, e invernou em Ormuz.

CAPITULO IV.

Em que se escrevem algumas cousas dos estados d'ElRey de Narsinga, e Hidalcão, e huma guerra que entre si tiveram em quanto Diogo Lopes foi ao estreito, e o que della resultou em proveito nosso.

NO principio do livro quinto da segunda Decada, tratando das cousas de Goa, e como os Mouros se fizeram senhores da terra chamada Decan, e parte da Canará, démos huma geral noticia dos Principes que nellas havia, e as contendas que entre si tinham. E como esta guerra sempre foi entre estes dous estados, hum dos Mouros, e outro dos Gentios, e os mais poderosos no tempo em que nós entrámos na India, nestas duas Provincias Decan, e Canará, eram o Hidalcão Mouro, e ElRey de Narsinga, ou Bisnagá Gentio, e deste não temos dado tanta noticia como do outro,

po-

polo que convem determo-nos hum pouco nisso, pera se mais claramente ver a causa que Ruy de Mello Capitão de Goa teve pera tomar as terras firmes sujeitas ao Hidalcão, em quanto Diogo Lopes de Sequeira andou nas partes que escrevemos. E tambem porque se saiba a potencia deste Principe, com que tinhamos vizinhança, e tantos negocios, como se verá per o decurso desta historia: posto que entre elle, e nós não houve rompimento de guerra, ante procurou sempre nossa amizade, e de nós recebeo ajudas, com que alcançou vitorias de seus imigos, como se logo verá. E posto que dando nós noticia de como se serve, e dos apparatos de sua casa, davamos huma mostra em que se podia julgar sua riqueza, e poder, por serem cousas de Principes deliciosos, e soberbos, que querem com ouro, prata, e muita policia fazer suas casas templos de adoração, e no serviço de suas pessoas huma maneira de idolatria, com que querem ser servidos dos seus póvos, leixaremos todas estas superstições, que procedem do sobejo ter, e repouso da vida, por tratar da maneira com que este Principe Gentio se apercebeo pera ir tomar huma Cidade, que era do Hidalcão; porque em nenhuma cousa com razão se póde melhor notar a potencia, e ser de hum Principe, que nos ap-

pa-

paratos, e ordem das cousas do exercicio militar. Porém porque este seu apparato não pareça aos que tem pouca noticia dos Principes daquelle Oriente, maior nesta escritura, do que sería em verdade, diremos o modo que tem de fazer tanta gente de guerra. Segundo o que temos sabido dos Officiaes da fazenda daquelle Principe, quasi regularmente em cada hum anno tem de renda doze contos de pardaos de ouro, cada hum dos quaes pardaos val da nossa moeda trezentos e sessenta reaes, e delles sómente enthesoura em cada hum anno tres contos, ou dous e meio. Todo o mais dispende no governo de seu Reyno, e serviço de sua casa; e principalmente em ter feita gente contra dous generos de vizinhos, com que a maior parte do tempo tem guerra, hum he ElRey de Orixá, ou Oria, Gentio; e os outros são os Capitães do Reyno Decan Mouros. E esta gente de guerra se faz per duzentos Capitães que elle tem, aos quaes dá terras no Reyno com obrigação que tenham ordinariamente feita certo número de gente de cavallo, e tanta de pé, e tantos elefantes pera quando quer que forem chamados, acudirem logo. E pera estarem melhor apercebidos, certas vezes cada anno hão de fazer alardo; e se lhe acham menos gente de sua obrigação, ou mal armada,

man-

manda-lhe ElRey tirar a capitanía ; e aos que andam concertados com o número , e armas da sua gente vai-lhes ElRey accrescentando as quantias. E o rendimento das terras , que ElRey dá a estes Capitães, se reparte em terços; ElRey leva hum, e os dous são pera os soldados de sua capitanía, e mantença de sua pessoa. E ha Capitanía destas, que rende hum conto e cem mil pardaos, outra oitocentos, e daqui pera baixo té cincoenta mil. E quem tem tal rendimento de seu Reyno , e assi reparte com seus Capitães , e tem tal ordem na maneira de seu governo, levemente põe em campo hum tão grande exercito como este Principe levou pera ir tomar a Cidade Rachol , e o fundamento disso procedeo desta causa. Havendo o Hidalcão, o principal senhor do Reyno Decan, e ElRey Crisnaráo de Bisnagá paz assentada pera muitos annos das guerras que entre estes dous estados houve, e desejando elle Crisnaráo cumprir o que seu pai Marsanay mandára em seu testamento, que era tomar a Cidade Rachol, que o Hidalcão nas guerras passadas tinha tomado, por não lhe mover guerra sem causa, usou de hum artificio com que a pudesse quebrar, e foi este. Nas capitulações das pazes, que entre elles eram assentadas, se continha, que quando de Reyno a Reyno fogisse algum

homem, que fizesse roubo, ou furto, era cada hum delles obrigado de entregar ao outro; e não o entregando, e querendo-o defender, quebrava a paz. A qual capitulação nunca o Hidalcão cumprio em muitos Gentios, e Mouros, que se tinham acolhido a suas terras com sommas de dinheiro, que levavam d'ElRey, e de seus Capitães, e com peitas que davam se dissimulava com elles de maneira, que as partes nunca houveram o seu. Crisnarão, como sabia que neste laço podia acolher o Hidalcão, chamou hum Mouro per nome Cide Mercar, o qual andava em cousas de seu serviço havia muitos annos, e mandou-lhe entregar quarenta mil pardaos, com os quaes fosse a Goa comprar cavallos, dos que alli vinham de Ormuz. Escrevendo elle Crisnarão cartas ao Capitão nosso, em que lhe encommendava, que pera aquelle negocio lhe désse todo favor, isto a fim de o caso ser mais notorio a todos pera seu proposito. Cide Mercar, ou que a somma do dinheiro o tentou, ou que foi movido por huma carta, que dizem ser-lhe dada do Hidalcão, em elle chegando a huma tanadaria chamada Pondá tres leguas de Goa, dalli se foi a elle. O qual como o teve comsigo, o mandou logo a Chaul, dizendo que lhe dava aquella tanadaria por ser homem honrado,
da

da carta de Mahamed, a que elle Hidalcão queria honrar; peró dahi a poucos dias desappareceo, e dizem que foi por elle o mandar matar, depois de lhe ter tomado os quarenta mil pardaos. Sobre o qual caso, depois de recados de parte a parte, ElRey Crisnaráo moveo seu exercito pera tomar a Cidade Rachol, denunciando, que o Hidalcão per este modo tinha quebrado a paz, que entre elles havia: e ainda pera mais justificação sua, escreveo a alguns Capitães do estado do Reyno Decan, assi como ao Cóta Maluco, Madre Maluco, e a Melique Verido vizinhos delle Crisnaráo, por saber que não estavam bem com o Hidalcão, e que lhe haviam de approvar aquelle seu proposito. Partido ElRey Crisnaráo da Cidade Bisnagá sua Metropoli, depois de ter feito muitos sacrificios, e oblações aos seus deoses polo successo daquella ida, começou a caminhar nesta ordem. O seu Porteiro mór chamado Camanaique levava a vanguarda com mil de cavallo, e dezeseis elefantes, e trinta mil homens de pé; e trás elle hia hum Capitão per nome Trimbecára com dous mil de cavallo, vinte elefantes, e cincoenta mil homens de pé: Seguia a este outro Capitão per nome Timapanaique com tres mil e quinhentos de cavallo, trinta elefantes, e sessenta mil homens de pé.

Hadapanaique, que ſeguia eſte, levava cinco mil de cavallo; cincoenta elefantes, e cem mil homens de pé; e trás elle hia Condomára outro Capitão, que levava ſeis mil de cavallo, ſeſſenta elefantes, e cento e vinte mil homens de pé, ao qual ſeguia o Capitão Comóra com dous mil e quinhentos de cavallo, quarenta elefantes, e oitenta mil homens de pé. Gendrajó Governador da Cidade Biſnagá, que ſeguia a eſte, levava mil de cavallo, dez elefantes, e trinta mil homens de pé; e trás elle hiam dous capados privados d'ElRey com mil de cavallo, quinze elefantes, e quarenta mil homens de pé. O page do betel d'ElRey levava duzentos de cavallo, e quinze mil homens de pé, cem elefantes, ao qual ſeguia Comarbereá com quatrocentos de cavallo, vinte elefantes, e oito mil homens de pé. Vinha logo ElRey com a gente de ſua guarda, que eram ſeis mil de cavallo, trezentos elefantes, e quarenta mil homens de pé, nas coſtas do qual hia o Gim da Cidade Bengapor; ao qual per razão do officio ſe ajuntavam grande número de Capitães, com os quaes fazia ſomma de quatro mil e duzentos de cavallo, vinte e cinco elefantes, e ſeſſenta mil homens de pé. Além deſta gente poſta em tal ordenança hiam repartidos dous mil de cavallo, e cem mil homens em capitanías pe-

que-

que[illegible]s, os quaes á maneira de deſcubrido-res pela dianteira, trazeira, e lados de toda parte, duas, e tres leguas deſcubriam a terra, e aſſi ordenados, que per atalaias de huns á viſta de outros em hum inſtante ſe ſabia o que havia naquella diſtancia. E da provisão que cada hum deſtes Capitães levava de agua, por não perecer eſta gente á ſede, hiam doze mil homens ſobreſalentes, repartidos pelo comprimento do fio deſta gente, cada hum com ſeu odre de agua ás coſtas, pera que com neceſſidade della não ſe ſahiſſem da ordenança que levavam. A recovagem deſte exercito não ſe podia numerar, porque ſómente de mulheres públicas paſſavam de vinte mil, e homens que lavam roupa, a que elles chamam Mainatos, e regatães, mercadores, officiaes mecanicos de todo officio, era couſa maravilhoſa ver o número delles, e a ordem que cada hum tinha de ſe agazalhar quando ElRey ſe apouſentava em alguma parte dous, e tres dias. Porque neſte arraial ſe achavam praças cheias de todolos mantimentos, ruas, e tendas de mercadorias de toda ſorte, té ourivezes, que não ſe contentavam de vender joias feitas, mas ainda as faziam, e lavravam a pedraria pera as fazer a contentamento dos compradores, como ſe eſtiveſſem em ſuas caſas dentro na Cidade Biſnagá. E em que ſe notou

o gran-

o grande número de gente, e animaes, que foram neste exercito, foi ao passar de hum rio, o qual aos primeiros dava por meia perna; e quando veio aos derradeiros, querendo beber achavam arêa, onde faziam covas por recolher huma pouca de agua. E não era muito, porque além deste número de gente, cavallos, e elefantes de peleja que dissemos, havia tão grande multidão de bois, e bufaros, que seguiam este arraial, que cubriam os campos, e podiam esgotar hum rio por cabedal que fosse; os quaes levavam todalas cousas que pera tamanho exercito se requeria, porque naquellas partes não de bestas, mas de bois, e bufaros se servem em as cousas da carga. A ElRey em todo este caminho no lugar onde se havia de alojar, per ordenança em meio de todo o exercito, quasi per centro delle lhe havia de ser feita huma cerca de mato grosso, de huma sorte de espinhos, que se dam naquellas partes, cousa mui aspera de romper, e que em circuito de muitas povoações se plantam pera lhe ficar em lugar de defensão, por serem sempre verdes, de maneira, que té o fogo entra mal nelles. Dentro da qual cerca se armavam as tendas do serviço da pessoa d'ElRey; e pegada á sua estava outra, que lhe servia de templo, onde adorava seus idolos. E todalas manhans, primeiro que outra

tra cousa fizesse, recebia as benções do seu principal sacerdote Bramane, e era per elle mesmo lavado com agua pura, e outras ceremonias, em que elles põem a remissão dos peccados, e naquelle lugar recebia per este Bramane a resposta do que elle queria saber dos seus idolos sobre o successo daquella guerra. Primeiro que movesse a qual, per número de noves lhe tinha sacrificado tantas mil aves, e tantas mil alimarias, dobrando cada hum destes nove dias o número de cada sorte, de maneira, que no derradeiro dia dos noves matou de cada nove sortes das aves, e alimarias duas mil trezentas e quatro cabeças, que fazem todas vinte mil setecentas e trinta e seis, que he bem differente número das Hecatombas, de que usava o Gentio Grego, (tanto faz huma progressão dobrada,) e a carne destes animaes se dava aos pobres por amor do idolo a que eram sacrificados. Toda a sua gente de guerra, a de cavallo levava laudees de algodão embutidos assi no corpo, como na cabeça, e braços, tudo tão duro, que defendiam qualquer bote de lança, como se fossem laminas de ferro. E os cavallos acubertados tambem hiam armados da mesma sorte, e assi os elefantes, cada hum dos quaes levava seu castello, de que pelejavam quatro homens, e nos dentes postas humas bisarmas em revés

das

das outras, assi talhantes, que não se lhe tinha cousa alguma. A gente de pé, que havia de pelejar, era repartida em frécheiros, lanceiros, e outros de espada, e adarga, as quaes adargas eram tão grandes, segundo seu uso, que cubriam todo hum homem, e por isso estes não levavam outras armas defensivas, como os outros que eram laudees.

CAPITULO V.

Como ElRey Chrisnarão assentou seu arraial, e combateo a Cidade Rachol, a qual tomou, depois que deo huma batalha ao Hidalcão em que o venceo, e esta tomada foi por favor dos nossos que se acháram com elle: e do mais que se passou entre estes dous Principes, no qual tempo Ruy de Mello Capitão de Goa tomou as terras firmes.

CHegado ElRey com este grande exercito á Cidade de Molabundim, que será pouco mais de huma legua da Cidade Rachol que hia tomar, assentou aqui seu arraial por dar repouso á gente, e tambem porque era tão perto, que segundo o número da gente que levava, em estar aqui alojada ficava ao pé do muro de Rachol, onde lhe ainda veio muita gente de outras Comarcas,

com

com que occupava as campinas daquellas Cidades, nas quaes dellas feitas á mão, e outras nadiveis havia grandes alagoas de agua. E ainda pera que a gente não perecesse com a necessidade della, estava a Cidade Rachol assentada entre dous rios cabedaes; o maior dos quaes, que lhe ficava da parte do Norte, era da parte donde ElRey esperava que podia vir o Hidalcão; e outro, que estava da parte do Sul, era per onde elle viera, e dahi ao rio haveria espaço de seis leguas, ficando a Cidade Rachol quasi no meio desta distancia. A qual Cidade per natureza estava mui bem situada, porque era sobre hum outeiro feito como huma teta, que a natureza no meio daquella campina creou, e de huma certa parte era pena viva, e todo o mais terra; e além deste sitio per si ser mui defensavel, os primeiros fundadores dobráram esta defensão com tres cercas de muros, que lhes fizeram, todo de tão grande cantaria, que estando huma sobre outra sem ter cal, a grandeza das pedras, e largura delle soffria ser per dentro entulhado assi da situação do monte que era bem ingreme, como de terra sobreposta quasi té as ameias. E em torno destas cercas pelo pé do monte tinha huma profunda, e larga cava, as torres da qual cerca eram tão bastas, que de huma a outra se podia fallar, e ouvir o que diziam; e en-

e entre torre, e torre, principalmente nos lugares de suspeita, posta muita artilheria, de que sómente a grossa eram duzentas peças. Além destas cousas, o que fazia mais forte esta Cidade, era, que no bico alto desta teta, onde estava feita huma fortaleza, alli arrebentava huma fonte de muita, e boa agua, a qual, e assi poços, e tanques feitos á maneira de cisternas descubertas, que estavam dentro das cercas, tinham tanta cópia della, que bastava pera quatrocentos homens de cavallo, vinte elefantes, e oito mil homens de pé, que alli estavam de guarnição, pera os quaes havia tanta provisão de mantimentos recolhidos, que poderiam soffrer hum cerco por tempo de tres annos. ElRey depois que per seus Capitães foi certificado desta defensão que a Cidade tinha., no dia, e hora, que os seus Bramanes deram por eleição, a mandou combater: peró assi neste dia, como em outros, que foi combatida per espaço de tres mezes, ella se defendeo á custa de muitas vidas de ambas as partes. E chegou o negocio a tanto, que pera dar animo á gente de pé, que se não chegava bem ao combate do muro, por a artilheria fazer muito damno, vieram os Capitães deste combate comprar por dinheiro qualquer pedra, que hum homem trouxesse do pé delle, por os fazer chegar. No fim do qual tem-

tempo veio nova a ElRey, que o Hidalcão era chegado, e se apousentára além do rio, que estava da parte do Norte, per onde elle esperava que podia vir, e que trazia dezoito mil de cavallo, cento e cincoenta elefantes, e cento e vinte mil homens de pé, archeiros, espingardeiros, e outros de lança, e espada ao seu modo. Passados alguns dias, nos quaes ElRey mandou sempre ter vigia no que o Hidalcão fazia de si, vendo que se não mudava, mandou combater a Cidade pera ver em que se determinava. O Hidalcão havido seu conselho, e vendo que ElRey, como quem não fazia muita conta delle, não se mudava da estancia que tomára, nem menos lhe vinha defender o passo do rio, e hia per seus combates em diante, quasi como affrontado desta pouca estima em que ElRey tivera sua chegada, foi tomar hum váo abaixo que o rio fazia. Passado o qual, foi assentar de noite seu arraial logo na margem delle, porque não sómente lhe defendia as costas, mas ainda lhe servia pera beber o grande número de gente que trazia; e per toda outra parte ficou cercado de huma cava, que mandou fazer, e vallos com sua artilheria, que era muita, e grossa, em que elle trazia grande confiança, por saber que seu imigo não vinha tão provído della. ElRey como não dese-

ſejava mais que vello, paſſado da parte donde elle eſtava, ainda que ſería de hum a outro eſpaço de tres leguas per as campinas, que diſſemos, tomada eleição do dia per ſeus Bramanes, com ſuas azes ordenadas foi commetter o arraial; o qual logo naquelle primeiro impeto da gente, quaſi per todo foi tão bem commettido, que muita della era já dentro nas cavas, quando o Hidalcão mandou deſparar a artilheria, que té aquella hora de induſtria mandou que não tiraſſe. E como o campo todo era coalhado de gente de pé, e cavallo, foi tamanho o eſtrago que fez em todos, e os elefantes aſſi tornáram atrás furioſos do eſpanto della, que sómente elles fizeram grande parte do damno. Sobre o qual eſtrago ſahio hum corpo de gente dentro do arraial, que poz todo o Gentio em fogida per eſpaço de meia legua. Quando o rumor da gente que fogia foi dar onde ElRey vinha em ſua batalha, como era cavalleiro de ſua peſſoa, tirou hum annel de hum dedo, e o deo a hum page, dizendo em alta voz: *Trabalha por te ſalvar, e leva eſte ſinal a minha principal mulher, e dize-lhe, que ella, e as outras, tanto que ſouberem que eu ſou morto, me acompanhem na morte, porque ante eu quero que o Hidalcão ſe glorie que me matou, que venceo.* E tornando virar o roſto, diſſe

aos

aos principaes Capitães que eſtavam com elle : *Quero ver quem ſegue minha fortuna.* Acabando as quaes palavras, como homem offerecido a morrer, fez volta á gente que fogia, mandando matar nella, como nos proprios imigos; porque ſe fogiam de hum perigo, ſoubeſſem ter a morte no lugar onde buſcavam amparo da vida. Finalmente com eſte furor delRey aſſi ſe mudou o animo dos ſeus, que vindo fogindo como ovelhas, voltando ſe fizeram leões, té que mettêram os Mouros em fogida; e não curando parar no arraial, lançavam-ſe ao rio, onde morreo grande número de gente. E ſe ElRey não ſe moſtrára piedoſo, mandando aos ſeus que não fizeſſem mais mal, dizendo que eram innocentes da culpa do Hidalcão, quaſi toda aquella gente perecêra na paſſagem do rio. E vendo-ſe ſenhor do arraial, foi deſcer á tenda do Hidalcão, dizendo que baſtava a hum homem fazer-ſe ſenhor da caſa de ſeu imigo. No qual deſbarato foram prezos cinco Capitães do Hidalcão, e o geral delles, que ſe chamava Salebatecan, em guarda do qual andavam quarenta Portuguezes, que ſe lançáram com os Mouros por crimes que tinham feito entre nós; os quaes, por ſalvar a peſſoa de Salebatecan, morrêram todos; e elle depois de lhe ſerem mortos dous cavallos, com

duas

duas feridas foi tomado. O despojo que se tomou naquelle desbarato, foram quatro mil cavallos dos Arabios, cem elefantes, quatrocentos tiros de artilheria grossa, a fóra outra miuda, rocijs da terra, bois, bufaros, gado, tendas, pavilhões; e cativos, e cativas foi cousa sem número, dos quaes cativos ElRey por grandeza mandou soltar muitos. Passado este dia, deteve-se ElRey no arraial do Hidalcão quatro, nos quaes mandou queimar dezeseis mil corpos de homens dos seus, que alli morrêram, e por suas almas dar muitas esmolas pera os seus templos, e pagodes, e dos Mouros que morrêram não se fez conta, porque a não tinha. O modo que o Hidalcão teve de escapar deste furor d'ElRey, foi conselho de Sufo Larij senhor de Bilgão, que depois por accrescentamento de honra houve nome Sadacan, com quem pelo tempo em diante tivemos muitos negocios. O qual como era homem que sempre usou de artificios, e todos seus serviços eram de cautelas, e resguardos á vida, aconselhou ao Hidalcão que se leixasse estar dentro no arraial, té passarem os primeiros impetos de ambos os exercitos; e como vio a furia com que ElRey vinha com quatrocentos homens de cavallo, disse ao Hidalcão: *Senhor, hoje não he o teu dia; se queres viver, segue-*

me,

me, que eu te porei em salvo; e assi o fez, indo buscar outro váo, e caminhos que elle trazia bem decorados pera os taes tempos. E não sómente elle, mas hum capado Capitão, de dous que estavam dentro na Cidade Rachol, fez outro tanto, o qual vendo que ElRey abalava pera ir ao arraial do Hidalcão, sahio da Cidade nas costas delle com duzentos de cavallo, e elefantes, e alguma gente de pé; e como vio o desbarato, tornava-se recolhër á Cidade, mas não o quizeram recolher, com que lhe conveio pôr-se tambem em salvo. Tornado ElRey ao seu arraial, depois de recolhido o despojo do Hidalcão, ordenou de tornar ao combate da Cidade, no qual tempo acertou de ir ter com elle hum Portuguez per nome Christovão de Figueiredo, que vivia em Goa, e levava huns poucos de cavallos Arabios a vender a ElRey, em companhia do qual iriam té vinte Portuguezes, delles que tambem hiam lá fazer sua fazenda, e outros em sua companhia, e todos com espingardas, e armados como gente de guerra. ElRey, porque Christovão de Figueiredo era já conhecido delle por razão destes cavallos que costumava levar, e tambem por ser homem mui aprazivel em toda parte, fezlhe grande gazalhado. O qual per seu modo de comprazer a ElRey, pedio-lhe licença

ça que lhe leixasse ir ver o sitio da Cidade, o que lhe concedeo, dando-lhe alguma gente que fosse com elle em sua guarda. Chegado Christovão de Figueiredo mui perto dos muros da Cidade per a parte mais encuberta que elle vio, esteve notando os lugares per onde lhe parecia ser a entrada menos perigosa; e estando assi com os Portuguezes de sua companhia mais perto do muro, que o Gentio que lhe ElRey mandou dar, apparecêram per cima das ameias muitos Mouros. Christovão de Figueiredo como levava sua espingarda cevada, e assi os outros Portuguezes, disse-lhes: *Amigos, não percamos tiro*; e dizendo isto, descarregáram todos a primeira cevadura. E porque cada hum derribou o seu, foi-se por aqui areando o fogo da ousadia, que quantos Gentios levava comsigo, se achegavam ao muro; e correo a nova tanto, que deo rebate em ElRey, que Christovão de Figueiredo entrava a Cidade. Finalmente foi tanto o alvoroço no arraial, que acudio a gente toda; e per aquelle dia tanta pedra se tirou do muro, que quando veio aos combates que se depois deram, o proprio Christovão de Figueiredo com os outros Portuguezes acabáram de rematar a vitoria do combate da Cidade. Porque querendo o Capitão della olhar o damno que os seus re-

recebiam pola parte onde andavam os Portuguezes, de que elle já tinha sabido serem elles a causa do mal que recebiam, em lançando a cabeça fóra per entre as ameias, foi derribado de huma espingarda dos nossos, e dizem ser a de Christovão de Figueiredo. Vendo a gente de dentro a morte de seu Capitão, ao outro dia se entregáram a ElRey, que lhe deo as vidas, e fazendas, sómente tomou a artilheria. E porque depois delle entrar na Cidade se fizeram alguns roubos aos Mouros, mandou castigar os culpados, dizendo que pois elle tinha segurado aquella gente pola lealdade que guardáram a seu Senhor em lhe defender aquella Cidade, não havia vassallo seu olhar com odio áquelles em quem elle punha os seus de piedade. Provída a Cidade de gente pera sua defensão, tornou-se ElRey a Bisnagá, onde lhe vieram Embaixadores do Yzamaluco, Cotamaluco, Verido, e de outros Capitães do Reyno Decan, dizendo, como tinham sabido o desbarato do Hidalcão, que lhe pediam que se contentasse com a vitoria que houvera, por ser fortuna que todos aquelles que andavam na guerra eram obrigados soffrer. Peró porque a fazenda, e esbulho não pertencia a tamanho Principe como elle era, lhe pediam houvesse por bem de o mandar tornar ao Hidalcão; por-

que os cavallos, elefantes, artilheria, e outras munições, que o Hidalcão perdêra naquelle desbarato, eram do estado do Reyno Decan, cujo Capitão o Hidalcão era, e não proprio delle. E porque elles tambem eram Capitães, e defensores daquelle Reyno, a elles competia por o bem commum delle pôr em sua fazenda, e pessoas: por tanto lhe pediam que não quizesse que se ajuntassem com mão armada a vir buscar o que como amigos pediam. Ao que ElRey respondeo, que a elle lhe pezava ver homens de tanta qualidade, como elles eram, mais tristes pola perda da fazenda, que da honra do Hidalcão, o qual lhe tinha roubada muito mais no que tinha tomado áquelles ladrões, que do Reyno Bisnagá se acolhiam a elle, do que lhe fora tomado no arraial: que quanto a se ajuntarem todos com mão armada, que a elle lhe pezava de os perder de amigos por culpas alheias; mas pois assi queriam, que ante os queria juntos, que cada hum per si, por os não andar buscando por tão derramadas terras, como habitavam. Dada esta resposta a estes Capitães, não tardou muito outro tal requerimento do proprio Hidalcão per seu Embaixador, dando grandes desculpas pola causa daquelle rompimento, e culpando El-Rey por tão leve causa quebrar a paz assen-

sentada per tantos. Ao que ElRey respondeo, que elle lhe perdoava o mais que lhe tinha merecido, e não queria outra satisfação delle, que vir-lhe a beijar o pé; como a supremo Senhor que era do imperio Canará; e feita esta obediencia, lhe mandaria tornar tudo o que lhe fora tomado, porque elle não movia guerra por razão do esbulho, senão por castigar culpas, e gloria da vitoria. Partido o Embaixador do Hidalcão, foi elle posto em grande confusão ácerca do que faria; porque por huma parte contendia a honra de sua pessoa, e pela outra perder o estado, pois o não podia soster, nem defender senão com o que tinha perdido, que era o nervo de quanto ser elle tinha. Finalmente depois de muitos conselhos, e irem, e virem recados, elle se determinou com ElRey que era contente, com tanto que havia de ser esta reverencia no estremo do estado delle Hidalcão, junto de huma Cidade sua chamada Mudogal. ElRey polo desejo que tinha de ver este Mouro ante seus pés, feito seu exercito, chegou á Cidade, mas não achou o Hidalcão, e com lhe dizerem: *Aqui está, alli está*, entrou tanto pela terra, que foi ter a outra Cidade por nome Bisapor, huma das mais populosas, e de melhores casas que o Hidalcão tinha. E porque ainda aqui o Hidal-

dalcão não se atreveo ir ante ElRey, e tamanho exercito nos lugares por onde ElRey hia não se achava agua, tornou-se elle a Mudogai. O Hidalcão vendo o estrago que ficava feito em Bisapor, e que elle fora causa disso polo modo que teve naquelle negocio em mentir tantas vezes, mandou a ElRey Sufo Larij, per cujo conselho se elle então governava, e fora causa de se sahir do arraial, offerecendo-se o mesmo Sufo Larij a abrandar ElRey de toda a indignação que tinha contra elle. O qual como era homem malicioso, e de grandes cautelas, offereceo-se a ElRey pera ir a este negocio mais porque pertendia huma maldade, que nesta ida commetteo, que por desejo de servir ao Hidalcão. A qual maldade foi, que estando ante ElRey Crisnaráo desculpando o Hidalcão de não ir a elle, disse, que a causa de o não ter feito, fora porque Salebatecan, que tinha cativo em Bisnagá, o avisava que em nenhuma maneira fosse ante ElRey; porque a nenhum outro fim se movêra de Bisnagá com tamanho exercito, senão pera depois de o ter acolhido, e morto, entrar pelas terras do Decan, e as tomar; e que homem que per hum seu Capitão mór era avisado destas cousas, não lhe devia pôr culpa nas cautelas, e resguardos que té então tinha dado á sua

vi-

vida, e estado. ElRey Crisnaráo indignado de Salebatecan, parecendo-lhe ser assi como Sufo Larij dizia, e mais da parte do Hidalcão, a quem tanto importava dizer-lhe mais verdade do que té alli lhe tinha dito, sem mais examinar o caso, mandou a grão pressa recado a Bisnagá, que cortassem a cabeça a Salebatecan, e dilatou a resposta a Sufo Larij do que requeria té vir recado do que mandára fazer. A causa por que este Sufo Larij ordenou a morte de Salebatecan, foi, porque sabia que dizia elle em Bisnagá, onde estava cativo, que ninguem tinha destruido o Hidalcão seu Senhor, assi na honra, como na fazenda, senão elle Sufo Larij, no conselho que lhe deo que fogisse do arraial, e em outras cousas que ante, e depois tinha feito; e que Principe que se governava per parecer de hum seu escravo como elle era, e não per conselho de muitos Capitães homens nobres, e que haviam de pôr a vida por seu estado, como puzeram, merecia ver-se em tal estado, como estava. Sufo Larij por se vingar destas palavras, e tambem temendo que no concerto do Hidalcão havia de entrar a liberdade delle Salebatecan, o qual tornando a seu estado, pola valia que tinha como Hidalcão, o podia indignar contra elle, por se segurar delle buscou este modo

do

do de o matar. E como veio a nova de sua morte, temendo que se estivesse mais dias na Corte d'ElRey, se poderia saber a maldade que tinha feito, secretamente fogio, e foi-se pera o Hidalcão, dizendo, que ElRey o quizera matar, como matou a Salebatecan, por isso lhe aconselhava que em nenhuma maneira se fiasse delle. E dissimulando com ElRey alguns dias, fingio huma subita necessidade com que se veio pera a Cidade Bilgam, que era sua, quinze leguas de Goa, e se fez forte nella, leixando o Hidalcão, e ElRey travados em guerra, com causa de maiores odios, por a maldade que elle ordenou, que logo foi sabida de ambos estes Principes, da qual guerra se causou tomar Ruy de Mello Capitão de Goa as terras firmes della, como dissemos; e foi por esta maneira. Entre a gente que habita aquellas Comarcas, e terras vizinhas a Goa, ha duas linhagens antigas, e nobres, que eram as cabeceiras de baixo de cujo governo estavam todas aquellas Tanadarias, ante que os Mouros as conquistassem da mão delles, (como já escrevemos.) Huma linhagem destas tinha por appellido Berás, que era a mais principal, e a outra Gijs. Destes Gijs, dous irmãos, hum per nome Comogij, e outro Appagij, vendo como o Hidalcão fora desba-

baratado por ElRey Crisnaráo, e que lhe não ficava posse pera poder defender as terras da fralda do mar da serra de Gate pera baixo, que foram delles, ajuntáram obra de oito mil homens, e pouco, e pouco vieram tomando a terra aos Mouros de guarnição que nellas havia, té virem dar nas Tanadarias, que foram de Goa, onde estava hum Capitão Mouro polo Hidalcão. O qual Capitão vendo o tempo disposto polo desbarato de seu Senhor, determinou naquella agua envolta (como dizem) ver, se dos rendimentos que tinha recebidos das terras lhe podia ficar alguma cousa na mão. E pera effeituar este seu proposito, mandou dizer a Ruy de Mello, que elle era mui perseguido daquelles Gentios que se levantáram, os quaes andavam roubando a terra, donde se causava não acudirem tantos mantimentos á Cidade Goa, como acudiam no tempo que a terra estava sem aquelles levantamentos: que lhe pedia por mercê, pois entre elle, e o Hidalcão havia tanta paz, e commercio, como vizinho, e amigo o quizesse ajudar com alguma gente contra aquelles ladrões, que tanto damno faziam a todos, em quanto o Hidalcão tardava com soccorro, por causa das differenças que havia entre elle, e ElRey de Bisnagá. E que quando a esta ajuda tivesse algum impedimen-

mento, podia ir tomar as terras da mão daquelles Gentios, por quanto elle se não atrevia defendellas com quão pouca gente tinha; e que pera isso daria qualquer ajuda, e industria que necessaria fosse, por ter sabido do Hidalcão seu Senhor, que muito mais havia de folgar estarem as terras em mão delle Capitão, que dos Gentios. Ruy de Mello havido conselho sobre este caso, assentou com os principaes da Cidade, (por D. Aleixo de Menezes naquelle tempo estar invernando em Cochij, a quem Diogo Lopes leixava o governo da India,) que quanto ás ajudas que pedia, se lhe deviam negar, dando a isso alguma honesta escusa; e quanto a tomallas, pois o tempo, e caso as trazia a casa, e a pouco custo, que as havia de acceitar, e ir logo sobre ellas. Sabida pelo Mouro esta determinação que Ruy de Mello tomava, ficou mui contente, porque não desejava elle outra cousa pera conclusão de seu proposito. Finalmente Ruy de Mello com mui pouco trabalho em huma entrada que fez com té duzentos e cincoenta de cavallo, e oitocentos peães Canarijs da terra, em espaço de dez, ou doze dias tomou as principaes Tanadarias, leixando nellas Ruy Jusarte por Capitão do campo com alguma gente de cavallo, e de pé em seu favor. Na qual cousa os Gentios

ti-

tiveram tanta prudencia, vendo que a requesta era comnosco, que sómente saber que Ruy de Mello as hia tomar, as leixáram, e foram correndo toda aquella fralda do mar té Chaul, por serem terras que já não eram do senhorio de Goa, em que nós pertendiamos ter direito, por a Cidade ser nossa; e per espaço de quatro annos andáram aquelles Gentios tão prosperos, que comêram os rendimentos da terra a pezar do Hidalcão. O Mouro seu Capitão, que teceo esta tea, de nós havermos as de Goa, por elle salvar o que tinha roubado dellas, veiose a Goa, fingindo temor do Hidalcão por não defender as terras, confiando que alli lhe seria feito honra polo que fizera por nós. E não se atrevendo per si poder salvar a prea do roubo, dizem que em dinheiro o entregou a huma pessoa, em cuja mão lhe parecia que o tinha seguro; e porque depois, quando o pedio, lhe foi negado, endoudeceo. O qual deposito ainda que foi secreto, o Mouro o publicava, andando por muito tempo pelas ruas de Goa com esta mania, e cá neste Reyno menos o logrou a pessoa de quem se elle queixava, porque a justiça de Deos se tarda em tempo, não dissimula os exemplos de seu castigo, pera que vejamos que tem conta com todos, e que se lhe desapraz a maldade do in-

infiel, por mais offendido se ha daquelles que professão sua lei; porque quanto por ella são mais chegados á verdade, e caridade proximal, tanto mais obrigados de a guardar a todo genero de pessoa, principalmente em casos de confiança. E neste de cubiça, que começou no Hidalcão, tomando os quarenta mil pardaos que ElRey Crisnaráo entregou a Cide Mercar, pera lhe comprar os cavallos, vemos hum notavel exemplo, em que se vê os frutos, que se colhem della, perdendo o que dissemos, e outras cousas que pelo tempo em diante os damnos da guerra em que ficava lhe trouxeram. E pelo modo semelhante o seu Capitão, que se acolheo a Goa com o roubo, se não foi morto, como elle matou Cide mercador, endoudeceo pera maior pena. E quem lhe negou o deposito, além de o não lograr, segundo dizem, jazendo na cama de doença de que morreo, tambem fallando com o dinheiro, teve quasi outra mania; e depois de sua morte, pessoa em cuja mão elle confiou parte desta fazenda, ainda que não foi negada per elle a seus herdeiros, elles a não logram. E por não ficar sem pena o artificio, de que ElRey Crisnaráo usou pera romper a paz, depois tornou a perder per guerra o que naquella guerra ganhou. Finalmente, porque cada hum colhesse

se

ſe o fruto da ſemente que ſemeou, té hum Manoel de Sampayo Tanadar do paſſo chamado Noroá, que he da meſma Ilha de Goa, o qual andou por medianeiro entre Ruy de Mello, e o Capitão do Hidalcão, que ſe acolheo á Cidade, (ſegundo ſe diſſe,) elle houve eſta paga da terçaria. Eſtando doente de enfermidade de que morreo, temendo que por ſua mulher ficar rica, o Capitão da Cidade que então era a caſaſſe com peſſoa de menos qualidade que a ſua, eſtando na cama, quizera per ſi fazer os deſpoſorios da mulher com hum ſeu amigo: peró ante que effeituaſſe eſte deſejo, morreo, e a mulher caſou logo, como elle receava. E nós ainda que provocados tomaſſemos aquellas terras firmes de Goa, não tardou muito que as não perdeſſemos, (como ſe adiante verá,) de maneira, que todos pagáram na moeda que recebêram.

CAPITULO VI.

Do que Lopo de Brito Capitão da fortaleza de Ceilão paſſou com a gente da terra.

NEſte meſmo tempo eſtava por Capitão da fortaleza de Ceilão Lopo de Brito filho de João de Brito, o qual o anno paſſado de dezoito ElRey D. Manuel ordenou que foſſe fazer eſta fortaleza com té

oi-

oitocentos homens, em que entravam muitos officiaes mecanicos deſte miſter, acabada a qual obra, havia de ficar com a gente neceſſaria pera defensão della, e officiaes da fazenda, e a mais ſe havia de ir ás outras fortalezas. Succedeo que eſtando ElRey com eſta determinação, veio Lopo de Villa-lobos, que Lopo Soares deſpachou pera eſte Reyno quando ſahio do eſtreito, (como eſcrevemos atrás,) per o qual elle eſcreveo a ElRey, como tanto que chegaſſe á India, havia de ir fazer eſta fortaleza de Ceilão. Com tudo o anno de dezenove ElRey o deſpachou para ir ſervir a capitanía della, e ſeu irmão Antonio de Brito que lá andava foſſe Alcaide mór; e Feitor André Rodrigues de Béja, e Eſcrivães João Rabello, e Gaſpar d'Araujo, de alcunha Benimágre, ambos ſeus moços da camara. Da qual fortaleza chegado Lopo de Brito á India foi entregue per D. João da Silveira, que eſtava nella por Capitão. E como elle Lopo de Brito levava quatrocentos homens, em que entravam muitos pedreiros, e carpinteiros, e ella eſtava quaſi pera ſe vir a terra, por ſer feita de pedra, e barro, ordenou Lopo de Brito de a fazer de pedra, e cal. E porque alli perto não achou pedra, nem mariſco pera poder fazer a cal, mandou algumas champanas á peſcaria do aljofre de Calleca-

re,

te, que he alli mui perto, carregar da ostra donde se tira o aljofer, da qual fez quanta quantidade de cal lhe era necessaria, com que não sómente fez a fortaleza, mas ainda algumas casas; e além desta obra guarneceo mui bem a cava, que atalhava o terrado mar a mar, com que a fortaleza ficava em Ilha pelo modo que já dissemos. Os da terra quando víram esta reformação da fortaleza, como gente assombrada do que lhe os Mouros diziam de nós, começáram temer mais aquella força, parecendo-lhes que tudo era pera lhes tomar a terra. Finalmente a esta suspeita ajuntáram outras causas, que importavam sua liberdade, porque os nossos não lhes consentiam que viessem alli os Mouros contratar com elles, de que recebiam muita perda, assi huns, como outros. Da qual defeza procedeo não acudirem aos nossos com o mantimento da terra, que lhe vinham vender; e sobre isto se achavam algum desmandado fóra da nossa fortaleza, era ferido, ou morto se o podiam fazer. Lopo de Britò por conservar a paz, que estava assentada per Lopo Soares, dissimulava algumas cousas destas, levando-as per pontos tão brandos, que começou entre os nossos haver murmuração, não chamando a este soffrimento prudencia, mas covardia: donde se causou querer elle cumprir ante com

a von-

a vontade da gente de armas, que com o soffrimento seu, ainda que lhe parecia ser mais proveitoso pera o governo da terra. Finalmente estimulado tanto dos imigos, como dos amigos, huma sésta, tempo em que o Gentio da terra por ser depois de comer se lança a repousar, e menos suspeitoso pera este caso, com té cento e cincoenta homens escolhidos, deo na povoação de Columbo; que era pegada com a nossa fortaleza. E como esta sahida foi de sobresalto, ficáram os imigos tão cortados de medo, que sem lhes lembrar mulher, nem filhos, todos se puzeram em fogida naquelle primeiro impeto. Lopo de Brito, porque sua tenção era assombrar, e não matar, pera ficarem temerosos de commetterem mais o que tinham feito, mandou-lhes atar as mulheres, e filhos ás portas das casas pera verem que os tiveram em seu poder, e não lhes quizeram fazer mal. Porém quando se espedio, mandou pôr fogo a huma rua larga, e direita, que era a principal da Cidade, e de maiór concurso da gente, temendo que ao recolher dos nossos, por a rua vir direita demandar a nossa fortaleza, os imigos lhe viessem dar nas costas, com que recebesse algum damno; e assi foi. Porque passado o primeiro impeto do temor, que os fez pôr em salvo, vendo que lhes ficavam mulher, e filhos,

vol-

voltáram com o amor delles, como gente offerecida a morrer. E posto que o fogo foi grande amparo aos nossos, por ser já grande, e se metter entre huns, e outros, todavia com aquella furia custou a vida a muitos delles, e dos nossos: cá primeiro que se espedissem desta sua furia, ficáram feridos mais de trinta, de que depois morrêram alguns. E verdadeiramente se elles não se occupáram em matar o fogo, e não acháram as mulheres, e filhos atados ás portas, em que entendêram que aquella sahida de Lopo de Brito fora mais ameaça, que vontade de os offender, segundo acudíram muitos, e vinham furiosos, não fora muito entrar de envolta com os nossos na fortaleza. Todavia com o damno que alli recebêram em commetter os nossos, dobrou-se sua indignação, com que descubertamente mostráram o odio, que nos tinham, não tardando muitos dias em vir pôr cerco á nova fortaleza. Na primeira chegada do qual, peró que Lopo de Brito se vio em muito trabalho, por serem perto de vinte mil homens, como vinham mal ordenados, á custa das vidas de muitos elle os affastou, e fez industriosos em assentar seu arraial. Fazendo seus vallos de terra, e repairo de muitas palmeiras, e pouco, e pouco como gente que vinha de vagar, foram-se chegando á nossa fortaleza, té arma-

marem dous baluartes das mesmas palmeiras, em que assentáram alguma artilheria. A qual peró que não fosse tão furiosa como a nossa, o grande número suppria a furia, porque naquelle cerco haveria mais de seiscentos espingardões, de que alguns eram do tamanho de berços, que tiravam virotões de páo de dez palmos de comprido, com pennas de couro de porcos montezes, que a duzentos passos faziam mui grão passada. E além deste trabalho, em verem de dia o ar coalhado destes virotões, de noite tinham outro, que era ser alumiado com settas de fogo pera lhes queimar as casas de palha que tinham; e o maior de todos era irem buscar agua pera beber fóra da fortaleza, porque toda custava muito sangue. O qual cerco durou per espaço de cinco mezes; porque como era no tempo do inverno, e da India não lhe podia vir soccorro, foi causa de os nossos padecerem muito trabalho; té que de Cochij lhe veio em soccorro huma galé, Capitão Antonio de Lemos filho de João Gomes de Lemos Senhor da Trofa, na qual trazia té cincoenta homens, e ainda estes com difficuldade se puderam mandar. Porque como neste tempo Diogo Lopes de Sequeira era ido ao estreito do mar Roxo, com a potencia de tantas vélas, e gente, (como escrevemos,) e as fortalezas

da India ficáram sómente com a ordenada pera sua defensão, e a de Cochij, que era mais vizinha a Ceilão, tinha menos gente que as outras, por ser mais segura, não se pode mandar maior soccorro a Lopo de Brito. E este que lhe foi ainda era mais por salvação delle, e das pessoas que alli estavam, que por causa da posse da mesma fortaleza: cá não se havia por cousa importante ao estado da India termos alli tomado aquella posse, porque sem ella haviamos toda a canella pera carga das nossas náos, e ElRey da terra sem este jugo que o assombrava, queria pagar suas pareas. E depois correndo o tempo se vio quão escusado era, com que se mandou desfazer, ficando sómente huma casa de feitoria, com que o Rey da terra ficou desassombrado de todo; e ainda a alguns delles foi proveitosa, com ajuda que houveram de nós contra seus imigos com que tinham guerra, como adiante escrevemos. Lopo de Brito vendo quão pouco soccorro lhe viera, e sabendo as causas porque determinou lançar dalli aquella vizinhança, de que tanto damno tinha recebido, primeiro que elles entendessem quão pouca gente lhes acudíra. Fazendo conta, que quando mais não pudesse fazer naquella sua sahida fóra da fortaleza, que tomar os dous baluartes, que tanto damno lhe ti-

nham feito, iſto haveria por grande vitoria. Aſſentado em conſelho o modo que haviam de ter naquella ſahida, mandou Lopo de Brito a Antonio de Lemos que com ſua galé ſe puzeſſe diante dos baluartes, moſtrando que per alli lhe havia de dar bateria com as peças groſſas que levava na galé: e elle ao outro dia pela ſéſta, que he o tempo do repouſo do Gentio, (como já diſſemos,) feito ſinal com té trezentos homens, deo nas eſtancias dos imigos. E aprouve a Deos que como elles ſentíram em ſi o ferro dos noſſos, deram lugar a que ſe fizeſſem ſenhores dos baluartes, tendo já neſte tempo Antonio de Lemos a ſua galé cuberta de fréchas, e virotões, de que recebeo muito damno. Vendo o corpo da gente que eſtava mais mettida no arraial, e aſſi a que ſe alojava na Cidade, que era a principal, como eſtes dous baluartes eram entrados per nós, e o grande arroido que havia por cada hum ſe ſalvar, acudíram os Capitães de todas as partes, em que ſe fez hum grão número de gente, na qual entravam cento e cincoenta de cavallo, que pera aquella Ilha Ceilão, onde não ha muito uſo delles, era huma grande cópia; e aſſi vinham té vinte e cinco elefantes armados com ſeus caſtellos, de que pelejavam muitos homens com fréchas. Quatro dos quaes, como mais adeſtrados no

uſo

uſo do pelejar, vinham diante fazendo grandes montantes com humas eſpadas, que traziam atadas em revés nos dentes. O qual eſpectaculo de feras, por virem acompanhadas de tão grão pezo de gente, metteo os noſſos em tamanha confusão, que muitos fizeram pé atrás. Lopo de Brito recolhida toda a gente a ſi, ante que aquellas feras lhe arrombaſſem tudo, juntamente em deſparando todolos eſpingardeiros, que levava comſigo nos quatro elefantes dianteiros, deo *Sant-Iago* nelles, e com as lanças em tezo os feríram aſperamente. Os quaes como ſe achâram eſcandalizados das eſpingardas, e lanças, voltáram urtando contra os ſeus, fugindo tão ſem tento, que deram nos que vinham atrás, e huns nos outros de maneira, que o ſeu desbarato deo maior ouſadia aos noſſos, levando-os ante ſi com grande grita ás lançadas. E porque no corpo dos Mouros, e Gentios da Ilha não havia tanta dureza como no couro dos elefantes, que quando embravecem, não faz mais o ferro de huma lança nelle, do que faz o ferrão de huma aguilhada no couro de boi quando o caſtiga, ficáram daquella feita mortos, e feridos. Lopo de Brito paſſada huma rua larga, per que eſta gente vinha, tanto que começou entrar por arvoredo, tornou-ſe a recolher, temendo o ſitio da terra, e con-

 ten-

tentou-se da vitoria que Deos lhe dera: a qual tambem custou assás do sangue dos nossos. E porém succedeo deste feito, que vendo ElRey alguma da sua gente nobre morta, e que os Mouros que o mettiam nesta rebelião contra nós, não eram parte pera o livrarem da nossa sujeição, como lhe elles promettiam, passado este dia, não tardáram muitos que não mandasse pedir paz a Lopo de Brito, com que as cousas daquella fortaleza ficáram no estado da paz, como dantes estavam.

CAPITULO VII.

Em que se dá noticia do curso dos tempos nas partes do Oriente que navegámos, donde se causa o verão, e inverno aos navegantes, e das suas monções. E como Diogo Lopes se partio de Ormuz onde invernou, passando per Mascate onde achou recado de huma Armada que aquelle anno partíra deste Reyno, e dalli se foi pera a India: e o que lhe succedeo no caminho, e assi em Dio com Melique Az.

ATrás escrevemos como o Governador Diogo Lopes de Sequeira, por razão do inverno que começava, em elle sahindo das portas do estreito, perdêra os bateis das náos da Armada, e de Calayate se fora in-

vernar a Ormuz, ſendo iſto no fim do mez de Junho. E porque a nós os que vivemos neſtas partes da Europa, parecerá eſtranho inverno em taes mezes, e muitas vezes neſta hiſtoria tratamos de invernarem as náos em Moçambique, quando vam, e quando vem, e aſſi outras Armadas noſſas, que decorrem per todos aquelles mares, dizemos invernarem em tal parte, ſendo nos mezes do noſſo verão, e tambem fallamos per monções, que são os tempos que lá navegam, parece-nos bem tratarmos hum pouco da maneira dos temporaes daquellas partes do Oriente, poſto que algumas vezes o tenhamos tocado; pera que aquelles, que deſta couſa não tem experiencia, por nós tenham alguma noticia dellas, por não terem dúvida na maneira de noſſa elocução, que vai conforme a uſo dos navegantes daquellas partes, e iſto ſerá conferindo os tempos que nellas curſam com os deſta noſſa Europa, e principalmente da coſta de Heſpanha. Não dividindo o curſo do anno em quatro tempos, como geralmente per todos he repartido, dando a cada quartel delle ſeu proprio nome, mas fallando em curſo de navegação, na coſta da noſſa Heſpanha de onze de Março té quatorze de Setembro, que são os dous Equinocios, chamamos-lhe Verão, pera partir della, e tornar a ella

sem tormenta alguma, porque neste tempo anda o Sol da Equinocial pera esta parte do Norte que nós habitamos. E porque nesta nossa região o movimento do Sol causa o curso dos ventos, como se verá em o primeiro Livro da nossa Geografia, onde tratamos esta materia mais precisamente, he cousa mui regular nestes mezes ventarem Noroestes, Nortes, e Nordestes; e no Inverno os oppositos a estes, e os outros a elles transversaes, ou collateraes se ventão, he por accidente, e não per curso de muitos dias. Na India per experiencia vemos, que os ventos não se regulam com o accesso, ou recesso do Sol, per o modo que faz ácerca de nós; porque os mezes do seu Verão não convem com os nossos ácerca do navegar, posto que toda a terra da Asia jaz dáquem da linha Equinocial, como nós estamos. E ainda na mesma costa della, posto que estê em hum parallelo, ha tanta differença de hum tempo ao outro, que a hum chamam Inverno, e a outro Verão. E vemse este modo, ou por melhor dizer, este curso da natureza a particularizar tanto com seus effeitos, que sómente huma ponta, ou cotovello de terra, a que nós chamamos Cabo, cuja distancia ás vezes he pouco mais que o comprimento de huma náo; em esta náo chegando áquelle termo da ponta, que

he divisão, onde ella participa de duas costas contrarias, na véla dianteira dá-lhe o embate do vento contrario, e na trazeira vai á popa. E assi como acha estes dous ventos contrarios em hum lugar tão pontual, assi participa de dous tempos, hum he Verão, e outro Inverno. E onde se isto muitas vezes per os nossos experimenta, he no Cabo Roscalgate, como se vio vindo Diogo Lopes do estreito: cá eram já com elle tão grandes cerrações, que se não viam os navios huns aos outros, vindo mui juntos, e sendo no mez de Junho. Dobrado o qual Cabo per mui pequena distancia, achou a região da outra costa, clara, serena, e com o Sol tanto na força de sua quentura, que da grande calmaria não se afastavam as vélas dos mastos. E em outro tempo quem vem da costa de Choromandel pera o Malabar com tempo desfeito, e mares grossos, que parece que querem comer o navio, emparelhando onde elle participa da outra linha da costa transversal, acha (como dizem) calma borralho, e a contrario modo, indo da India pera Choromandel: em tanto, que hum mesmo navio (como dissemos) na véla da proa tem hum vento geral, e na popa outro, e por a mesma maneira ha outras partes naquelle Oriente onde isto acontece. Donde podemos ter quasi

ſi por regra geral, em as coſtas maritimas daquellas regiões mais reſponder o ſeu verão, e inverno ao curſo dos ventos, que ao curſo do Sol; e eſtes ventos ſe regulam mais por razão dos golfãos, eſtreitos do mar, pontas, e torturas que a terra faz, que por cauſa particular do meſmo Sol, poſto que delle depende a univerſal de todolos motos naturaes, pera entendimento da qual regra neſte material exemplo ſe póde ver. O raio do Sol quando fere direito dando na terra, aquelle primeiro acto ſeu he; peró quando o corpo da terra o impede que não paſſe mais abaixo, torna rebater eſte raio, e faz outro, ao modo que vemos pullar a pella, a qual quando ſahe da mão, quanto com maior força dá no chão, tanto mais alto pulla pera cima, donde podemos dizer que o movimento de cima pera baixo foi do braço que a lançou, e o debaixo pera cima fez a terra com o rechaço de ſua dureza. Aſſi neſtas partes da India o Sol cauſa o movimento dos ventos; peró quando elles correm com aquelle curſo natural dos grandes golfãos de mar daquelle Oriente, e vem dar com aquelle impeto em alguma coſta da terra, principalmente ſe he montuoſa, que os não leixa paſſar avante, ella os torna rebater per outro rumo, com que de hum vento procedem

dem dous, hum causado do Sol como prima causa, e outro do rebate da terra, e daqui vem dizerem os mareantes algumas vezes: *Este vento não he geral, mas embate da terra.* E como os ventos são o espirito exterior do mar, que o move a huma, e a outra parte, e a furia, ou mansidão delle faz o verão, e inverno aos navegantes, acontecem naquellas partes grandes differenças de tempos em hum mesmo clima, e parallelo. A demostração da qual variação fazemos nos livros da nossa Geografia, onde a olho por razão da pintura da terra se verá ser mui regular este curso do Sol, posto que comparado o seu curso ao desta nossa região o hajamos por vario. O qual curso de todo anno, tambem como cá se reparte em quatro tempos de Verão, Estio, Autumno, e Inverno, mas não tão distantemente como ácerca de nós, por razão de terem o Sol mui vizinho, principalmente nas terras que jazem entre os dous Tropicos, que em hum mesmo tempo muitas arvores tem juntamente frol, fruto verde, e outro maduro, e isto mais notavelmente nas terras que jazem debaixo da linha. Verdade he que as que jazem da Equinocial pera esta nossa parte, regularmente respondem com suas novidades nos mezes do nosso Verão, hum pouco mais cedo ou tarde,

de, ſegundo vemos em a noſſa Europa nas terras que tem differença de mais, ou menos quentes. Porém ácerca da navegação ao noſſo modo tem ſeis mezes de Inverno, e ſeis de Verão: não em hum proprio tempo, cá eſta he a differença de que tratamos. Porque o Inverno daquelle eſtreito donde Diogo Lopes ſahio té o Cabo Guardafú, e de Roſcalgate, que he a garganta delle, o ſeu Verão começa em Setembro, e acaba em Abril, e os outros mezes do anno são do Inverno. Neſte Verão ventam regular, e geralmente Leſte, Leſnordeſte, que entram pera dentro do eſtreito; e no Inverno Oeſtes, Oeſnoroeſtes, com que ſahem de dentro. E o Inverno de Ormuz he como neſta coſta de Heſpanha, de Outubro té fim de Fevereiro; porque o lançamento do mar Parſeo, em que eſta Ilha jaz, per o rumo a que os marcantes chamam Aloeſnoroeſte, em comprimento de cento e cincoenta leguas com as correntes dos rios Eufrates, e Tigre, e terra eſcampada, per que elles paſſam, quando ſe já vem metter no mar, participa dos tempos do noſſo clima, e curſam per aquelle eſtreito Noroeſtes, Nortes, e Nordeſtes o mais do tempo deſtes mezes do Inverno, e os do Verão são os que falecem pera doze do anno. E na coſta da India, porque ſe vai já mettendo entre

tre o Tropico, e linha Equinocial, pera poderem navegar, ha mais mezes de Verão, que em outras partes, porque começa em Agoſto, e acaba per todo Abril, e os outros são do Inverno. E per toda a coſta de Melinde té Moçambique, nos mezes do ſeu Verão geralmente ventam Leſtes, Leſnordeſtes, que são da entrada de Outubro té fim de Março; os do Inverno são os que falecem, e ventam naquella paragem Oeſtes, Oeſnoroeſtes. E o Verão do Cabo de Boa Eſperança começa no principio de Janeiro té quinze de Maio, e ventam Oeſtes, Oeſnoroeſtes, e alguns Sudueſtes, que he traveſſia no Cabo, e no ſeu Inverno os contrarios. Eſtes taes tempos por ſerem geraes pera navegar a certas partes, e não a outras, commummente os mareantes noſſos, conformando-ſe com os daquelle Oriente, chamam-lhe monção, que quer dizer tempo pera navegar pera tal parte. Dizem tambem monção grande, monção pequena; a grande he tempo que curſa a maior parte dos ſeis mezes do Verão ſeu, e a pequena a menor. Porque fallando propriamente, não he hum vento tão contino, que per todolos ſeis mezes curſe de hum rumo; mas venta ao modo que vemos em a noſſa coſta de Heſpanha, que o geral, no tempo do ſeu Verão (como diſſemos) pela maior

par-

parte cursam Noroestes, Nortes, e Nordestes. Porém nestes mezes tambem per alguns dias ventam Levantes té meio dia; e delle té o poer do Sol Ponentes, a que chamamos virações do mar por virem com a maré, e de noite vam buscar a estrella do Norte, e este he o curso natural da costa de Hespanha. E por a continuação de hum rumo durar em huns mezes mais que em outros, esta duração de tempo se chama monção maior, e a de menos menor. E como a de Ormuz pera a India era em Agosto, tanto que veio este mez, Diogo Lopes que alli invernou, (como dissemos) se espedio d'ElRey, leixando algumas cousas ordenadas na Cidade pera bem da fazenda delle Rey, que foram causa do damno, que adiante veremos. Partido com sua frota, chegou a Calayate, onde leixára Jorge d'Alboquerque com a frota das náos, e achou alli Jeronymo de Sousa com seus companheiros, que (como atrás dissemos) milagrosamente Deos os salvou dos trabalhos, e perigo que passáram, aos quaes proveo segundo suas necessidades. E ante que se dalli partisse, chegou Ruy Vaz Pereira filho bastardo de João Rodrigues Pereira senhor de Basto, o qual partio deste Reyno por Capitão de hum galeão em companhia da frota de nove vélas, que ElRey D. Manuel

aquel-

aquelle anno de quinhentos e vinte mandou á India, Capitão mór Jorge de Brito filho de João de Brito, o qual hia fazer huma fortaleza em as Ilhas de Maluco; e os outros Capitães eram elle Ruy Vaz Pereira, Lopo d'Azevedo filho de Ruy Gomes d'Azevedo, Gaſpar da Silva filho de Diogo Gomes da Silva, que hia pera ſervir de huma fortaleza, que ElRey mandava fazer em Chaul, Pero Lopes de Sampayo, que hia pera ſervir outra nas Ilhas de Maldiva, Pero Lourenço de Mello, que havia de fazer huma viagem pera a China, Pedro Paulo filho de Bartholomeu Florentim, Antonio d'Azevedo, e André Dias Alcaide de Liſboa, que havia de feitorizar a compra de quanta pimenta aquelle anno ſe carregaſſe para eſte Reyno, D. Diogo de Lima filho de D. João de Lima Biſconde de Villa nova de Cerveira. Partida eſta frota do porto de Lisboa, peró que os tempos que levou fizeram que huns chegaſſem primeiro que outros em diverſas partes, todos foram a ſalvamento. Na qual viagem a Ruy Vaz Pereira aconteceo hum maravilhoſo caſo, e grão perigo em hum galeão em que hia; porque paſſado o Cabo de Boa Eſperança, indo huma noite com todalas vélas mettidas, ſubitamente eſteve quedo, como ſe encalhára em alguma cabeça de arêa, e por

en-

encalhado o houveram todos, ſegundo o rojo grande que fez. E acudindo logo á bomba pera ver ſe abríra, e fazia agua, e tambem aos prumos, lançando-os de huma, e de outra parte, acháram que o galeão nadava, e que quem os detinha era hum monſtro do mar, o qual jazia pegado na quilha do galeão per todo o comprimento delle, ſendo de vinte e hum rumos, que são cento e cinco palmos, e com o rabo retinha o leme, e com as azas, ou perpetanas abraçava os dous coſtados de maneira, que chegavam té meza da guarnição, e alguns dos noſſos lhe tocáram com a mão. A cabeça do qual, que foi a derradeira couſa que elle moſtrou, ſería do tamanho de huma pipa, e junto della tinha humas trombas, per que eſpirava, lançando maior eſpadana de agua que huma Balea, a qual couſa como era mui nova, e nunca viſta dos noſſos, fez nelles tão grande eſpanto, e mais por ſer de noite, que lhes não leixava bem diviſar a figura deſte monſtro, que alguns houveram ſer eſpirito máo, que os vinha ſoçobrar. Outros querendo-lhe fazer arremeſſo de lanças, fiſgas, e arpões pera o fazer mudar, havendo ſer algum peixe, não o conſentio o Capitão, porque com a furia da dor ao eſpedir-ſe não ſoçobraſſe o galeão. Finalmente depois de muitas dúvi-

das

das per eſpaço de hum quarto de hora, que eſtiveram neſte temor, veio o Capellão da náo, que o eſconjurou, e com alguns exorciſmos elle abaïxou as prepetanas, e eſpedio-ſe per baixo, ſem fazer mais que reſpirar grande quantidade de agua per as trombas; e ſegundo diziam alguns mareantes, era peixe Sombreiro, chamado aſſi per elles, por haver hum no mar mui grande, que ſobre a teſta tem huma cubertura a eſte modo. E delles eram lembrados andar outro tal, (ainda que não tão grande,) na paragem da Villa Atougia, o qual mettia a cabeça dentro nas barcas, que hiam a peſcar, por tomar homens, com que tinha ſoçobrado já duas; e de maneira aſſombrou a gente, que não ouſavam ir peſcar, té que orações, e preces do povo o trouxeram morto á coſta. Ruy Vaz paſſado eſte perigo, e chegado a Moçambique, por nelle achar nova que o Governador Diogo Lopes invernava em Ormuz, leixando a derrota da India, quiz ir buſcallo, porque levava huma via das cartas que lhe ElRey eſcrevia. Per as quaes, e per o meſmo Ruy Vaz ſoube das náos, que aquelle anno hiam para a carga, as quaes lhe deram grão cuidado por cauſa das outras da Armada de Jorge d'Alboquerque, que faziam grande número, e não ſabia ſe poderia haver tan-

ta

ta especiaria, que pudesse haver carga pera todas. E parece que o espirito lhe dizia o que este anno havia de succeder sobre a carga desta especiaria; porque mandando ElRey a André Dias por Feitor desta carga, por ser homem que sabia bem os negocios da compra, e carregação da pimenta, por estar muito tempo em Cochij servindo de Escrivão da Feitoria, ou que fosse por os Officiaes, que então lá estavam tomarem por injúria ir deste Reyno pessoa sómente áquelle negocio, em que parecia ter ElRey desconfiança delles, ou que André Dias não teve respeito á bondade da pimenta, sómente a carregar muita, foi toda a que elle trouxe tão verde, e masçabada, e falecida em pezó, que algumas náos quebráram a trinta, e quarenta, a sessenta, e a setenta por cento, e outras mais de cento por cento. Porque havendo trinta e tres annos que isto passou, ainda hoje na casa da India em Lisboa, que nós feitorizamos, estam paióes cheios della, tão mascabada, que parece haver ainda de custar dinheiro lançalla ao mar, em que se tem perdido grão somma de dinheiro. Além deste negocio da carga da especiaria, assi pela Armada de Jorge d'Alboquerque, como na de Jorge de Brito daquelle anno, mandava ElRey muitas cousas a Diogo Lopes, segundo via por

suas

ſuas cartas, que lhe davam grande cuidado, vendo concorrerem tantas em hum tempo, pera que lhe convinha muita gente de armas, muitas náos, e grande número de mareantes, e munições. Cá ElRey queria que ſe fizeſſe huma fortaleza em Maluco, outra em Çamatra, outra nas Ilhas de Maldiva, outra em Chaul, e que entraſſe no eſtreito, e trabalhaſſe por tomar Dio, onde tambem fizeſſe outra fortaleza, e que mandaſſe á China, e deſcubriſſe as Ilhas do ouro, e a outras partes; cuidar nas quaes couſas canſava o eſpirito, quanto mais poelas em effeito. E por quanto a em que ElRey então mais apertava que elle Diogo Lopes commetteſſe, era fazer huma fortaleza em a Cidade Dio per vontade d'ElRey de Cambaya, e de Melique Az Capitão, e ſenhor della, e quando o não conſentiſſe, a tomaſſe per força de armas, e a capitanía da fortaleza déſſe a Diogo Fernandes de Béja, de que já levava Alvará ſeu, logo dalli quiz elle Diogo Lopes tentar eſte caſo, mandando o meſmo Diogo Fernandes com tres vélas diante que o foſſe eſperar á ponta de Dio, á qual geralmente vam demandar as náos, que vam do eſtreito de Méca, e de toda a coſta da Arabia, pera nellas fazer as prezas que pudeſſe. Peró como Diogo Lopes, depois que eſpedio Dio-

go Fernandes, se deteve pouco, logo o alcançou, e juntamente com toda a frota seguio sua viagem, a qual indo junto da costa de Dio, acháram huma mui grande, e poderosa náo, que confiada na muita gente, e artilheria que levava, se quiz defender a dous navios pequenos, que por serem leves de véla, foram os primeiros que lhe chegáram. Mas como ella era alterosa, e elles lhe ficavam muito a baixo da mareagem, o mais damno que lhe puderam fazer, em perpassando ao longo do costado della, foi de cima da gavéa lançar-lhe algumas panellas de polvora sobre a ponte que levava, as quaes foram queimar muitos Mouros que vinham de baixo. E com todo este damno pola muita artilheria que trazia, e gente bem armada, os navios se não podiam melhorar, té que veio Ruy Vaz Pereira com o seu galeão, em que levava trezentos homens, que a ferráram, e entrando ás lançadas com elles, começáram alguns Mouros com temor do ferro lançar-se á agua. Andando já os nossos como senhores da náo buscando o esbulho della, huns dizem que foi obra dos Mouros, outros desastre de faiscas do fogo, que os navios lançáram, que foram dar em jarras que traziam polvora, com que a náo lançando as cubertas pera o ar, se foi ao

fun-

fundo, onde morrêram alguns dos noſſos, entre os quaes foi o contrameſtre. Diogo Lopes quando chegou á náo, e não vio della mais que huns poucos de Mouros meios aſſados do fogo, os quaes os noſſos bateis andáram tomando, e ſoube dos meſmos Mouros que por razão das panellas de polvora, que lhe os navios lançáram, fora a náo queimada; aſſi por a perda della, como por ſerem cauſa de os noſſos, que entráram dentro, ficarem queimados, mandou prender os Capitães dos navios, e tambem por dar melhor côr ao que eſperava fazer chegando a Dio, como fez. E foi mandallos em preſente a Melique Az ſenhor delle, dizendo, como topára aquelles ſeus hoſpedes, que vinham pera ſua caſa, e que ſe hiam tão mal tratados, fora por ſua culpa, por não quererem amainar á bandeira d'El-Rey de Portugal ſeu Senhor, e ſobre iſſo elles meſmos puzeram fogo á náo, com que ficáram naquelle eſtado, aos quaes ainda elle mandára ſalvar que ſe não affogaſſem, como lhe elles diriam, e eſte bem lhe fizera por amor delle. Melique Az como era prudente, lançou o feito a termos de paço, reſpondendo, que ainda aquelles Mouros hiam pouco aſſados pera o que mereciam; pois foram tão mal enſinados, que em vendo ſua Senhoria não ſe vinham lançar a ſeus

pés. Paſſados eſtes primeiros recados, Fernão Martins Evangelho, que alli eſtava por Feitor em Dio já do tempo de Affonſo d'Alboquerque, (como atrás eſcrevemos,) veio ver Diogo Lopes, per o qual ſoube do eſtado da Cidade. E pelas práticas que deſte tempo de Affonſo d'Alboquerque eram paſſadas, ſobre ElRey de Cambaya dar lugar pera ſe alli fazer huma fortaleza em modo de feitoria, em que elle Melique Az moſtrava ter muito contentamento, (poſto que ſe ſabia quanto elle trabalhára que não houveſſe effeito,) mandou Diogo Lopes tentar a Melique Az per elle Fernão Martins deſte caſo, trazendo-lhe á memoria quanta palavra elle, e ElRey de Cambaya já ſobre iſſo tinham dada, e que importava a bem delle Melique Az eſtar alli aquella caſa; porque depois que elle Fernão Martins feitorizava as couſas d'ElRey ſeu ſenhor naquella Cidade, elle Melique Az neſte trato tinha recebido muito proveito. E porque de huma, e de outra parte ſe paſſáram muitos recados, que tudo eram palavras deſatadas; por as cautelas que cada hum tinha em não deſcubrir nellas ſua tenção, principalmente Diogo Lopes, a quem ElRey aquelle anno eſcrevia, que quando lhe não déſſe Melique Az lugar de fortaleza, trabalhaſſe por tomar a Cidade; não lhe queria elle moſtrar ter

mui-

muita ſede do negocio, polo ſegurar de á não fortalecer mais, em quanto ſe elle hia fazer preſtes a Cochij pera vir ſobre ella com Armada poderoſa, como lhe ElRey mandava que a commetteſſe. E o em que elle Melique Az ſe reſumio ácerca daquelle requerimento de Diogo Lopes, foi, que por haver já muitos annos que per Affonſo d'Alboquerque fora requerido a ElRey de Cambaya, e niſſo ſe não fallára mais, era neceſſario elle Diogo Lopes mandar-lhe ſeu Embaixador ſobre iſſo, e que elle Melique Az daria logo ordem como partiſſe dalli; e havida a vontade d'ElRey, na ſua pouco havia que fazer, porque ſempre eſtivera preſtes pera o ſervir. Finalmente Diogo Lopes, por não moſtrar a Melique Az que de propoſito vinha áquelle porto de Dio a eſte negocio, e tambem polo ſegurar, diſſe, que da India mandaria aquelle recado a ElRey, porque então abaſtava ſaber a boa vontade delle Melique Az, moſtrando-ſe muito contente delle. E aquelles dias que ſe alli deteve veio ter com elle Gaſpar da Silva Capitão da náo Nazaré, que foi huma das mais formoſas deſte Reyno, em que elle levava quatrocentos homens, o qual tambem com nova, que podia achar Diogo Lopes naquella paragem, fez o caminho de Ruy Vaz Pereira, que no ſeu galeão levava trezentos ho-

homens; e segundo toda esta gente hia fresca do Reyno, e bem disposta, com ella, e com mil e quinhentos homens, que Diogo Lopes trazia nas outras náos, bem se pudéra tomar a Cidade Dio. Cá segundo se depois soube, ella estava mui pobre de gente estrangeira, de que Melique Az sempre fez mais cabedal, que dos naturaes Guzarates, por ser gente fraca; e a estrangeira em que elle confiava eram Mouros Arabios, Turcos, Parseos, e Rumes, que naturalmente todos nos tinham odio, por lhes termos tomada aquella navegação, e mais eram homens animosos, e mui astuciosos nas cousas da guerra, e sobre isso mui offendidos de nossas Armadas. E porque com a entrada que Diogo Lopes fez no estreito, e mais invernar aquelle anno em Ormuz, e Jorge d'Alboquerque em Calayate, não ousáram as náos do estreito de Méca vir aquelle anno a Dio, e aquella que Ruy Vaz aferrou houve o fim que dissemos: assi que com desfalecimento de gente, e mercadorias que estas náos traziam, que tambem he nervo da guerra, estava a Cidade pobre, e Melique Az assombrado. Peró como era sagaz, contrafazia as cousas de maneira, que ninguem lhe sentia necéssidade, nem desconfiança; e naquelles dias que Diogo Lopes alli esteve, fez vir tanta gente da terra com mantimen-

tos,

tos, e cousas de refresco, que mandou em abastança a toda nossa Armada, que com o muito povo, que vinha das aldeas a trazer estas cousas, não se podiam revolver pelas ruas da Cidade. E inda pera contentar a todos, não sómente a Diogo Lopes, mas a todo o Capitão mandou peças de presente, e per derradeiro como homem seguro, e que se não vigiava de nós, mandou dizer a Diogo Lopes, que lhe disseram que naquella náo, que alli então chegára de Portugal, vinham algumas mulheres, que lhe beijaria as mãos mandar-lhe mostrar huma, porque desejava ver as femeas que pariam homens tão cavalleiros, e gentis homens, como eram os Portuguezes. Diogo Lopes além das peças que lhe tambem enviou em retorno das suas, mandou-lhe mostrar huma mulher Mourisca, que alli vinha casada, per o mesmo seu marido; e posto que era mulher de bom parecer, em a vendo Melique Az era tão discreto, que disse: *Não he esta a que pare Portuguez*; e quando lhe disseram de que nação era, respondeo, que bem parecia ser da linhagem daquella gente Arabia. Depois que se Diogo Lopes espedio delle, e partio pera á India, ficando alli Rafael Perestrello com fama de carregar a sua náo de roupa pera levar a Malaca, onde elle esperava ir, como veremos, pera neste tempo elle poder

no-

notar bem as forças, e entradas daquella Cidade, pera Diogo Lopes vir ſobre ella, como lhe ElRey nas cartas daquelle anno mandava; acertou que entre algumas couſas que Rafael Pereſtrello mandou a Melique Az de preſente, (pera com mais facilidade poder fazer ſeus negocios,) ir hum panno de armar de figuras, o qual em ſe abrindo, que Melique Az vio as figuras das mulheres, diſſe aos que eſtavam preſentes: *Eſtas são as mulheres que parem os Portuguezes, e não me eſpanto agora da cavalleria, e parecer delles, pois procedem deſtas.*

CAPITULO VIII.

Como Diogo Lopes de Sequeira, depois que deſpachou as náos, que o anno de quinhentos e vinte vieram com carga de eſpeciaria pera eſte Reyno, fez huma groſſa Armada, em que foi pera Dio com tenção de fazer ahi huma fortaleza.

Diogo Lopes de Sequeira tanto que chegou a Goa, provídas algumas couſas neceſſarias ao governo da Cidade, principalmente as terras firmes, que achou que Ruy de Mello tinha tomado, pela maneira que atrás eſcrevemos, paſſou-ſe a Cochij a dar aviamento á carga das náos, que aquelle anno haviam de vir com eſpeciaria pera

eſte

este Reyno, e assi ordenar as cousas necessarias pera com huma poderosa Armada tornar sobre Dio, como lhe ElRey mandava. E porque da frota que Jorge d'Alboquerque levou, que invernou em Moçambique, ficáram na India muitas náos, que com as daquelle presente anno da Armada de Jorge de Brito fazia hum grande número pera todos tornarem com especiaria, desspachou sómente aquellas a que pode dar carga, de que veio por Capitão mór Antonio de Saldanha, que chegou a este Reyno a salvamento, e as outras ficáram pera ir com elle ao feito de Dio; e por esta causa, e lhe ElRey mandar que fosse o mais poderosamente que pudesse, reteve todolos Capitães que hiam ordenados pera aquellas partes de Malaca, com fundamento, que acabado este negocio os espediria, como fez; e segundo o que depois succedeo, per ventura lhe fora mais proveitoso ir ao mesmo feito sem elles, que levallos em sua companhia, como se verá. Melique Az como não estudava em outra cousa senão em se vigiar de nós; e sobre isso trazia grandes espias; tanto que soube dos grandes apparatos que Diogo Lopes fazia, (ainda que a fama delles eram pera tornar ao estreito do mar Roxo fazer huma fortaleza,) mandou hum Mouro per nome Camallo visitar Diogo Lopes

com

com hum presente; levando per instrucção, que depois que o visitasse da sua parte, e lhe désse o presente, se leixasse andar de vagar espreitando o que elle fazia; e neste tempo como de seu lhe dissesse, que elle Melique Az estava esperando que mandasse alguma pessoa a ElRey de Cambaya sobre a casa de feitoria que queria fazer, como com elle assentára; porque segundo elle Camallo tinha entendido de Melique Az, em chegando não haveria muito que fazer neste negocio. E depois que este Mouro per tal modo tentou Diogo Lopes, porque sentia nelle que o não queria despachar, sendo esta a cousa que elle mais desejava pera melhor notar tudo o que elle fazia, de que logo avisava Melique Az, disse-lhe hum dia que tinha cartas de Melique Az seu senhor, que se fosse o mais prestes que pudesse; e que tambem lhe escrevia, que quanto á casa da feitoria que elle Capitão mór desejava ter em Dio, que elle Melique Az tinha cartas da Corte d'ElRey de Cambaya, em que lhe escreviam alguns seus amigos, a quem elle Melique Az tinha encommendado este negocio da casa, que ElRey de Cambaya não leixava de dar esta licença sómente por esperar que Diogo Lopes lha mandasse pedir: que de seu conselho elle o devia logo fazer, por ser cousa geral a todolos Princi-

pes

pes quererem-se rogados ao modo das mulheres, posto que muito desejem fazer a mesma cousa. E pois que este negocio estava em tal estado, a elle Camallo lhe parecia, e assi lho escrevia seu senhor Melique Az que lho dissesse, que elle Diogo Lopes devia mandar algum Capitão com náos, munições, e officiaes pera logo poer mão á obra, por não se perder tempo em irem, e virem recados. Diogo Lopes ainda que não entendia naquelle tempo todos estes artificios de Melique Az, o que então alcançou delles era, que de assombrado da Armada que lhe diziam que elle fazia, lhe mandava aconselhar que mandasse lá hum Capitão, porque elle Diogo Lopes desistisse do que ordenava, com que poderia poer o peito em terra, e tomar a Cidade que elle Melique Az receava, o que não podia fazer qualquer outro Capitão, que elle lá mandasse; e por o mais assombrar, entretinha a Camallo, porque visse o grande apparato da Armada, e Camallo não andava olhando outra cousa. Finalmente vindo o tempo em que podia partir, elle se poz em caminho com huma frota de quarenta e oito vélas, entre náos, galeões, galés, fustas, bargantijs, e outros navios de remo, a qual frota foi a maior que té aquelle tempo se ajuntára naquellas partes, os Capitães da qual eram estes, D. Alei-

xo-

xo de Menezes, D. João de Lima, Jorge d'Alboquerque, Antonio de Brito, Fernão Gomes de Lemos, Antonio de Lemos seu irmão, Christovão de Sá, Francisco de Mendoça, André de Sousa Chichorro, D. Jorge de Menezes, Miguel de Moura, Lopo d'Azevedo, Jeronymo de Sousa, Antonio Ferreira, Francisco Pereira de Berredo, Francisco de Sousa Tavares, Pero Lourenço de Mello, Francisco de Mendoça de Murça, Simão Sodré, Diogo Fernandes de Béja, Rafael Catanho, Rafael Perestrello, Pero da Silva, Christovão Correa, Nuno Fernandes de Macedo, Antonio Raposo, Ruy Vaz Pereira, Antonio de Brito de Sousa, Antonio Correa, Aires Correa seu irmão, Gonçalo Pereira, Christovão Jusarte, Francisco de Mello Gallego, Duarte d'Afonseca, André Dias Alcaide de Lisboa, Diogo Pereira, Gaspar Doutel, Alvaro d'Almada, Gonçalo de Loulé, Paulo Machado, Thomé Rodrigues, Aires Dias, Lourenço Godinho o Pireirinhã, Pero Gomes de Sequeira Malabar, João Fernandes Malabar, o Panical de Cochij, que depois desta vinda se fez Christão, Malu Mocadam dos Canarijs de Goa, que tambem se fez Christão, e ora ha nome Manuel da Cunha. Na qual frota hiam té tres mil homens Portuguezes, e oitocentos Malabares, e Canarijs de bai-

xo

xo do governo dos Capitães Gentios da terra que nomeamos. Seguindo Diogo Lopes sua viagem com esta grande frota, foi tomar o rio Banda cinco leguas áquem de Chaul; porque como he rio largo, e sem banco algum na barra, podia dentro sem perigo agazalhar toda a frota. No qual lugar Diogo Paes, que estava por Feitor em Chaul, lhe trouxe toda a provisão de mantimentos, que lhe Diogo Lopes tinha mandado fazer prestes pera aquella viagem. E recebidos os mantimentos, denunciou a todos os Capitães a tenção d'ElRey D. Manuel sobre aquella ida sua, que era mandar-lhe que naquella Cidade Dio fizesse huma fortaleza; e quando Melique Az lhe não quizesse dar lugar pera isso, que então a tomasse elle per força de armas, polo muito que importava ao estado da India ser feita naquelle lugar, por evitar ser aquella Cidade Dio huma acolheita de quantos Turcos, Arabios, e Rumes hiam áquellas partes. E porque além de ElRey D. Manuel encommendar a elle Diogo Lopes, que trabalhasse muito per todolos modos que a fortaleza se fizesse ante per vontade d'ElRey de Cambaya, e de Melique Az, que per força de armas, e o Mouro Camallo por parte do mesmo Melique Az (como ora dissemos) lhe dizia que mandasse alguma pes-

soa

ſoa a ElRey de Cambaya, por quão facilmente havia de conceder naquella fortaleza, e que baſtava mandar a iſſo hum Capitão com alguma gente, e munições, pera em vindo o recado ſe poerem logo mãos á obra, aſſentou Diogo Lopes no conſelho que teve com os Capitães de mandar diante D. Aleixo com té vinte vélas entre grandes, e pequenas, pera tentar a tenção de Melique Az, quaſi pelo modo que o elle mandára aconſelhar per ſeu criado Camallo, por moſtrar que naquelle negocio em tudo queria ſeguir ſeu conſelho. Porque quando elle Diogo Lopes chegaſſe o poder mais culpar ſe fizeſſe o contrario do que aconſelhava; e que a voz da outra frota, que com elle ficava, ſería que era pera Ormuz, por elle com grande inſtancia ſer chamado por ElRey, que lhe foſſe dar vingança d'ElRey Mocrim, que por elle governava a Ilha Baharem, o qual eſtava meio levantado, e não lhe queria acudir com os rendimentos. E por iſto paſſar aſſi em verdade do levantamento deſte Mouro, e requerimento d'ElRey de Ormuz, e ſer já ſabido em Cambaya pola vizinhança, e communicação que hum Reyno tem com outro, podia-ſe bem diſſimular o mais que elle hia fazer. E querendo elle Diogo Lopes mandar o Mouro Camallo em companhia de D. Aleixo, não foi achado, e ſoube

be

be que á ſua partida de Goa com toda a frota fogíra em huma fuſta; o que deo má ſuſpeita a Diogo Lopes, parecendo-lhe que não reſpondiam ſuas palavras, e conſelhos com o acto da fogida. Finalmente elle ſe partio dalli com toda ſua frota; e tanto que foi na paragem da ponta de Damão, donde ſe póde atraveſſar de lugar mais perto a enſeada de Cambaya pera Dio, eſpedio Dom Aleixo, ficando Diogo Lopes com toda a mais frota hum pouco de vagar por dar eſpaço ao que D. Aleixo havia de fazer. Mas como neſtas couſas ſempre ſe acha huma pouca de inveja, dizem que partido Dom Aleixo, não faleceo quem fizeſſe crer a Diogo Lopes que não convinha muito a ſua honra mandallo diante. Porque ſe era verdade o que Diogo Lopes dizia, que lhe Melique Az mandava dizer quão facilmente ſe podia impetrar aquella licença d'ElRey de Cambaya; per ventura eſtaria eſta materia tão diſpoſta na vontade d'ElRey, e delle Melique Az, que em elle vendo D. Aleixo com aquella frota, ou por vontade d'ElRey, e delle Melique Az, que em elle vendo Dom Aleixo com aquella frota, ou por vontade, ou por temor acabaria logo tudo de maneira, que quando elle Diogo Lopes chegaſſe, iria (como diziam) ao atar das feridas, e ficaria D. Aleixo com a honra daquelle fei-

feito. Diogo Lopes como lhe tocáram nesta parte da honra do caso, parece que o removeo de maneira, que não lhe levou Dom Aleixo mais que hum dia sómente. No qual dia não era mais feito, (por Melique Az não ser na Cidade,) que terem entrado dentro nella Pero Lourenço de Mello Capitão de huma náo, e Jorge Dias Cabral, hum cavalleiro que andára muito tempo em Italia nas guerras de Napoles com o grão Capitão Gonçalo Fernandes, donde trouxe honrado nome de feitos que lá fez, aos quaes Diogo Lopes encommendou, que tanto que D. Aleixo chegasse, em habito de marinheiros fossem dentro á Cidade, como que hiam pedir algum mantimento ao Feitor Fernão Martins, e que notassem bem a entrada do rio, e do modo que Melique Az tinha provída a defensão da Cidade.

CAPITULO IX.

Como Diogo Lopes de Sequeira com sua frota chegou sobre a Cidade Dio, onde não fez fortaleza, e a causa porque; e como foi invernar a Ormuz, espedindo os Capitães que hiam ordenados pera as partes de Malaca, os quaes foram em companhia de D. Aleixo de Menezes, que os havia de despachar em Cochij.

CHegado Diogo Lopes ante o porto da Cidade Dio em nove de Fevereiro do anno de quinhentos e vinte e hum, achou o negocio a que elle hia bem differente do que cuidava; e em duas cousas logo notou ser falso quanto lhe Melique Az mandava dizer da facilidade do caso. A primeira, porque o não achou na Cidade, e segundo lhe contáram Pero Lourenço, e Jorge Dias, que o souberam de Fernão Martins, elle era ido á Corte d'ElRey de Cambaya; e posto que lançou fama que ElRey o mandára chamar, a elle Fernão Martins parecia o contrario. Porque quanto elle pode alcançar da sua ida, ella fora a impedir a vontade d'ElRey de Cambaya, que em nenhuma maneira désse palavra pera se fazer a fortaleza, se elle Diogo Lopes lá mandasse com este requerimento alguma pessoa. Cá esta sua ida

fora depois que ſoubera, que elle Diogo Lopes partíra com aquella grande frota, e que o Mouro Camallo, que lá andava neſtes enganos, havia poucos dias que chegára, e logo ſe partíra em buſca delle; e polo que elle contou a Melique Saca ſeu filho que alli eſtava, e a ſeus Capitães, a Cidade ardia aſſi no mar, como na terra, provendo toda parte per onde podia ſer entrada. A ſegunda couſa, em que tambem Diogo Lopes notou que não o queriam hoſpedar nella, foi, que lhe diſſe D. Aleixo que no dia de ſua chegada, e depois no ſeguinte, o porto da Cidade eſtava deſpejado, e aberto pera ſahir, e entrar, e a manhã que elle Diogo Lopes apparecêra ao mar, logo ſe atraveſſára a cadea que vio, e as náos que eſtavam junto della. E mais, que mandando elle chamar aquelle dia Fernão Martins pera praticar com elle as couſas que lhe mandára, não viera, e que lhe dera a entender per hum recado, que lhe mandára de eſcuſa, que eſtava quaſi reteudo ſem ouſar commetter o caminho, por não deſcubrir a vontade dos Mouros, té que elle Diogo Lopes vieſſe, porque vendo ſua peſſoa diante, tomariam melhor conſelho. Havida eſta primeira noticia das couſas da Cidade no dia que Diogo Lopes chegou, não teve nelle tempo pera mais, que mandar ancorar as náos,

ga-

galeões, e galés nos lugares que convinham, segundo a ordem que já pera isso tinha dado aos Capitães. E primeiro que algum recado mandasse a Melique Saca, filho de Melique Az, quiz tomar alguma mais informação de como a Cidade estava provída, e achou que com Melique Saca ficáram estas tres pessoas, per cujo conselho se haviam de fazer, e ordenar todalas cousas assi da paz, como da guerra. Hum dos quaes era o Capitão principal de Melique Az chamado Haga Mahamed, Tartaro de nação, e parente seu; o outro havia nome Sufo Turco, Capitão da sua Armada; e o terceiro chamado Sedalim, que servia de Capitão mór della, os quaes eram homens de que tinha muita experiencia de seu saber, e cavalleria. E além destas tres cabeças ficava a gente da terra, de que a Cidade estava atulhada, e mais muita gente estrangeira de Arabios, Parseos, Turcos, e muitos arrenegados de varias nações, delles a soldo, e outros que eram vindos a seus tratos de mercadoria em náos, que alli estavam. E de hum baluarte que estava no meio do rio, que era á entrada do porto da Cidade, atravessava huma grossa cadea de ferro, enroladas nella amarras de cairo, por o ferro não desfazer huns barcos, sobre que ella se sostinha naquelle grande váo do canal que havia entre o baluarte, e a ter-

terra onde ella estava preza. E junto della no meio deste canal estavam tres náos grandes carregadas de pedra com rombos dados, pera ao tempo da necessidade as encherem de agua, e as calarem no fundo, com que o canal ficasse de todo atupido. E além destas náos estava toda a fustalha que Melique Az senhor da Cidade tinha prestes, que seriam té cento e oitenta peças, afóra muitas náos de carga suas, e dos mercadores que alli eram vindos, as quaes náos elle tinha arestado pera esta defensão. E ainda pera impedir mais aquella passagem, tinha feito huma estacada de grossa, e espessa madeira, assi ordenada, que parecia a quem entrava per ella entrar per as torturas que contam do labyrintho. Tinha mais feita outra obra derredor do baluarte, que estava no meio do rio, que era muita pedra grossa quasi penedos lançada derredor delle á maneira de recife, porque não pudessem as nossas galés pela banda de fóra abalroar com elle. As quaes pedras se naquelle tempo nos impedíram entrar na Cidade, depois no anno de quinhentos e trinta e oito nos aproveitáram muito, quando Soleimão Bassá Capitão do Turco veio sobre esta Cidade á instancia de Soltão Badur Rey de Cambaya em odio nosso, tendo nós já feito nella fortaleza, de que era Capitão Antonio da Silveira de Mene-

vezes, como se verá em seu tempo. Entre o qual baluarte, e a terra firme fronteira á Cidade, onde está a povoação a que chamamos dos Rumes, (segundo fica atrás na descripção que fizemos do sitio desta Cidade,) era aquelle lugar tão aparcelado, e baixo, que não podia per alli passar hum navio por leve, e raso que fosse. Finalmente, no mar, na terra, e per todo o muro eram artificios, e artilheria, como que os nossos eram aves que haviam de subir pela agrura da penedia, sobre que o muro estava feito, naquella parte do mar, per que os nossos podiam ter alguma subida. Diogo Lopes vendo que a entrada daquella Cidade estava mui differente do que elle cuidava, e que com a ida de Melique Az ficavam suas promessas desfeitas, mandou chamar Fernão Martins Evangelho, que já estava com mais liberdade, do que teve na chegada de D. Aleixo, do qual teve ainda mais particular informação da força, e defensões, que a Cidade tinha. E primeiro que passasse mais tempo, depois que entre elle, e Melique Saca houve visitações, mandou-lhe dizer, como elle hia caminho de Ormuz ao negocio que lhe Fernão Martins diria; e que por não perder tempo, e seu pai lhe mandar muitos recados per Camalo seu messageiro sobre a fortaleza que alli

que-

queria fazer, em que elle Melique Saca estaria mui prático, por haver tanto tempo que se nisso tratava, folgaria que lhe mandasse dizer o lugar que seu pai pera isso queria dar, porque elle vinha apercebido de munições, officiaes, e gente pera tudo o que aquella obra havia mister. E mais, que como elle sabia, os Portuguezes em poucos dias punham huma fortaleza em pé; e isto quando tomavam a peito de a fazer, como fizeram outras que tinham feitas na India. Melique Saca como de seu pai ficára instructo do que havia de responder a elle Diogo Lopes se alli viesse com tal requerimento, e mais tinha á ilharga os tres mestres que dissemos, respondeo, que por elle Fernão Martins sua Senhoria podia saber como seu pai fora chamado d'ElRey de Cambaya, e que havia poucos dias que lhe escrevêra; que huma das cousas que o ainda lá detinha, era estar esperando que elle senhor Governador mandasse alguma pessoa a ElRey, como lhe muitas vezes tinha mandado dizer, porque em quanto elle Melique Az lá estivesse, com seus amigos podia aproveitar muito neste negocio. E pois seu pai estava esperando que elle senhor Capitão mór mandasse alguem a este negocio, que o devia logo fazer, por não perder tempo, como elle dizia; e que elle Melique Saca daria aviamen-

mento á sua partida pera em breve ir, e vir com recado, porque elle não tinha outro de seu pai, e por ser filho não podia tomar mais licença, por haver a benção delle, que quanta lhe dera; e que ainda que em mais elle quizesse servir sua Senhoria, tinha as mãos atadas per tres velhos que seu pai leixára em guarda daquella Cidade. Que pera qualquer outra cousa de mantimentos, e provisão pera aquella Armada, a Cidade estava tão abastada delles, que nisso lhe faria pouco serviço. E além destas palavras, que eram a força de sua resposta, disse outras a Fernão Martins, que tambem tinham outro entendimento, ao modo das que lhe Diogo Lopes mandou dizer, quasi que não lhe havia de custar a entrada na Cidade tão barato, como custáram as outras, em que elle dizia que os Portuguezes tinham feito fortaleza. Diogo Lopes com esta resposta de Melique Saca teve logo conselho com os Capitães, diante dos quaes elle quiz que Fernão Martins dissesse o que lhe parecia de Melique Saca, e assi da força que a Cidade tinha, e se era cousa que se devia commetter. E assi per elle, como per Pero Lourenço, e Jorge Dias foi dito, que pera commetter a Cidade per alguns lugares que parecia poder-se entrar, havia mister mais de dez mil homens, e com menos era cousa impossivel. Diogo Lopes, de-

depois que ouvio a prática que se teve sobre o tomar a Cidade per força de armas, como houve mui differentes votos, não quiz tomar final conclusão sem primeiro mandar mais alguns recados a Melique Saca, sem lhe dar a entender que o entendia, pera entre tanto examinar este caso. O qual exame foi pedir elle a alguns Capitães, e Fidalgos principaes que em habito de marinheiros fossem á feitoria, como que hiam buscar alguma provisão, e notassem bem tudo, pera de vista poderem dar seu voto naquelle caso. E porque no cabo da Cidade, que estava mais ao mar sobre a entrada do rio, estava hum lanço de muro, que não era maciço como o outro que estava feito na pena viva, e este dizia João de la Camara Condestabre mór que daria em duas horas com elle em terra, foi elle Diogo Lopes em hum batel com o Condestabre, e alguns Fidalgos ver este lugar, e se era cousa possivel o que elle dizia. A qual vista não aproveitou pera mais, que pera depois, como em lugar de suspeita, fazer Melique Az hum baluarte mui forte, que segurou aquella parte, ao qual ora chamam o baluarte de Diogo Lopes, por elle com esta vista ser causa de se fazer. Feitas todas estas diligencias, e elle Diogo Lopes estar desenganado de Melique Saca, por recados que foram, e vie-

veram, dizendo elle que não podia naquelle caso mais fazer, que dar aviamento ao Embaixador, que elle podia mandar a ElRey de Cambaya se quizesse, teve Diogo Lopes outra vez conselho sobre a determinação daquelle caso; e a conclusão delle ácerca dos mais, foi, que não era cousa pera commetter tomar aquella Cidade á escalá vista. E porque toda a gente da Armada estava com grande alvoroço da vista do muro, que Diogo Lopes foi ver, per onde João de la Camara dizia que daria com elle em terra, houve por toda a Armada rumor que por alli haviam de commetter. Peró quando ao outro dia se disse que não se havia de combater a Cidade, foi à tristeza tão grande na gente de armas, e tanta a murmuração contra Diogo Lopes, que não faleceo cousa que lhe não levantassem; e a causa disto foram duas cousas. A primeirà, que em dous, ou tres dias, que andáram aquelles tratos per meio de Fernão Martins entre elle Diogo Lopes, e Melique Saca, temendo Fernão Martins pelo que sentia em elle Diogo Lopes que a Cidade fosse commettida, e que se podia perder huma somma de dinheiro, que elle tinha feito na fazenda d'ElRey, que alli feitorizava, e em que com algum seu, e do Escrivão de seu cargo podia ser té trinta mil cruzados: huma noite veio com el-

les

les á não de Diogo Lopes aos pôr em cá bro, e elle os mandou entregar a Bastião Rodrigues Lagues de alcunha, da qual cousa se logo affirmou ser aquillo peita. E a outra cousa, porque a mais da gente de armas julgava mal Diogo Lopes, foi, que muitos dos Capitães, que no conselho passado votavam que lhe não parecia serviço de Deos, nem d'ElRey D. Manuel, commetterem aquella Cidade á escala vista, estes mesmos por fóra, cada hum na sua não de que era Capitão, por se congraçar com a gente della, e habilitar sua pessoa, diziam ser a mais malfeita cousa que pódia ser não commetterem aquella Cidade, e que seu voto não fora outro, com outras mil cousas desta qualidade. Diogo Lopes tanto que soube o que estes Capitães diziam, tornou outra vez aos ajuntar, como que se queria ratificar em seu parecer; e mandou ao Secretario que tomasse o voto de cada hum per escrito, e os fez assinar. E com tudo neste caso de Diogo Lopes mais verdadeiramente se póde dizer estar a culpa em outras duas cousas, que nelle. Huma foi, ter Diogo Fernandes de Béja hum Alvará d'El-Rey D. Manuel, que levou deste Reyno, per que lhe fazia mercê da fortaleza, que se fizesse alli em Dio; e outra, haver mais de vinte Capitães que estavam todos ordena-

nados pera fazer ſuas viagens de mais ſeu proveito, que ir tomar experiencia da polvora das bombardas de Melique Az ſe tinha muito, ou pouco ſalitre; e quaes eſtes foram, adiante na eſpedida delles ſe verá. Aſſi que tendo todos mais reſpeito á conta que cada hum fazia de ſeu proveito, que á honra que Diogo Lopes ganhava naquelle feito, os mais delles aſſináram o que d'antes tinham dito. E as cauſas que houve pera ſe reſolverem todos no que tinham votado, foram: que naquelle negocio não ſe havia de ter tanto reſguardo ao perigo das bombardas, e artificios, com que Melique Az tinha provído aquella Cidade, e número de gente, com que elle eſperava de a defender, como Capitães que era della; quanto reſpeito convinha que ſe tiveſſe a ElRey de Cambaya, que era ſenhor della. O qual ſe haveria por muito offendido naquella força, que lhe foſſe feita; e não havia mais miſter pera começarem abrir huma guerra de novo, que era a couſa que ElRey mais defendia a todolos Governadores. E pois ElRey nas cartas que aquelle anno eſcrevia, encommendava a elle Diogo Lopes, que primeiro tentaſſe todolos meios, e que o derradeiro foſſe commetter a Cidade, e iſto ainda com grandes cautelas ſobre o riſco da gente, o qual todos viam

eſtar

estar ante os olhos, devia-se primeiro tentar este modo, em que Melique Az tantas vezes repetia, que era mandar alguma pessoa a ElRey. E quando este seu conselho fosse falso, então tempo ficava pera lhe fazerem a guerra; porque depois das pazes que tinham feitas, em que então estavam, erros tinha elle Melique Az commettido em tempo de Lopo Soares com suas fustas: donde se podia tomar a causa de lhe fazer a guerra, e assi do recolhimento que não havia de dar aos Turcos, e Rumes, como ficára assentado pelo Viso-Rey D. Francisco d'Almeida: quanto mais que bastava quanta mentira neste caso tinha dito. E entre tanto devia ficar sobre aquelle porto Diogo Fernandes de Béja, (que era o noivo, que havia de ser desposado com a fortaleza,) com algumas vélas esperando o recado d'ElRey; e vindo mandado que havia por bem que se fizesse, começaria logo abrir alicerces, em quanto levavam recado a elle Diogo Lopes a Ormuz. E quando fosse o contrario, elle mesmo podia logo denunciar a guerra, não leixando entrar, nem sahir hum barco; e este era o maior damno que lhe podiam fazer, pôr-lhe a mão na garganta per onde elle recebia vida; e depois que elle Diogo Lopes tornasse de Ormuz, então lhe ficava lugar pera o mais que o tem-

tempo desse de si. Tanto que Diogo Lopes ficou satisfeito dos Capitães per este modo, não houve mais que dizer, sómente dissimular elle com Melique Saca, e mandar-lhe dizer, que naquelle caso da fortaleza que alli queria fazer, sempre elle, e os Governadores passados se quizeram conformar com o parecer, e vontade de seu pai: e pois a elle lhe parecia bom conselho o recado que elle Diogo Lopes devia mandar a ElRey, que assi o queria fazer. Que lhe pedia, que a Ruy Fernandes, que elle alli leixava com o Feitor Fernão Martins Evangelho, pera ir a ElRey de Cambaya com seu recado, lhe mandasse logo dar aviamento pera isso. E que em quanto elle fosse, leixava Diogo Fernandes de Béja com alguns navios, e munições, pera, tanto que viesse recado, começar logo poer mãos á obra: que elle lho encommendava: que lhe fizesse bom gazalhado, porque havia de ficar alli por hospede alguns dias na fortaleza. Melique Saca ouvida esta determinação de Diogo Lopes, como homem desabafado daquella Armada, que lhe tinha posto a mão na vida, não teve que dizer a Diogo Lopes, senão mandar-lhe louvar tão bom conselho, e fazer grandes promessas de si ácerca do aviamento do homem, que queria mandar, dando o negocio por

aca-

acabado por parte de ſeu pai em eſtar lá: e aſſi a diligencia que ſe daria ao que Diogo Fernandes houveſſe miſter, tanto que vieſſe recado. Finalmente, poſtas eſtas couſas em effeito, Diogo Lopes entregou Ruy Fernandes ao Feitor Fernão Martins que o proveſſe do neceſſario pera aquella jornada; e leixou Diogo Fernandes naquelle porto em huma náo, e com elle Nuno Fernandes de Macedo em hum navio, e ſeu irmão Manuel de Macedo em outro com o regimento do que haviam de fazer. E eſpedio todos os Capitães que hiam ordenados pera vir com as náos que deſte Reyno foram pera trazerem a carga da pimenta, e aſſi os ordenados pera as partes de Malaca, e outros que tinham náos, e navios, que haviam miſter corregimento, aos quaes mandou que ſe foſſem a Cochij com D. Aleixo, ao qual deo todos os poderes que elle tinha de Governador pera prover neſtas couſas, e em todos os negocios daquellas partes em quanto elle Diogo Lopes hia a invernar a Ormuz. E por quanto elle eſperava tornar alli ſobre Dio acabar de rematar as couſas daquella fortaleza, ou fazer outra em Madefadar cinco leguas de Dio, onde elle já tinha mandado Antonio Correa, e o Piloto mór João de Coimbra ver o ſitio, e diſpoſição do lugar; mandou elle á D. Alei-

xo

xo que fosse alli naquelle tempo com quantos navios, e gente pudesse ajuntar. E mandou tambem dalli Fernão Camelo, que já estivera por Feitor em Chaul, que da sua parte fosse ao Nizamaluco hum dos principaes Capitães do Reyno Decan, que era senhor daquella Cidade, pedir-lhe licença pera alli fazer huma fortaleza, porque seu fundamento delle Diogo Lopes era estar tambem provído per esta parte; que quando o negocio da fortaleza de Dio, ou Madefadar não succedessem bem, ter lugar pera isso nesta Cidade Chaul, onde nossas cousas eram bem recebidas. E mais sabia elle Diogo Lopes que o Nizamaluco desejava ter alli esta fortaleza nossa, por causa do grande interesse que lhe disso vinha, e de outros fundamentos que elle fazia, de que adiante daremos conta. Donde procedia consentir elle pagarem os moradores da Cidade dous mil pardaos de pareas, que lhe o Viso-Rey D. Francisco d'Almeida poz, em penitencia de não serem em ajuda de seu filho D. Lourenço quando os Rumes pelejáram com elle, e foi morto polo modo que atrás fica, e tambem ElRey D. Manuel encommendava a elle Diogo Lopes que tentasse este Nizamaluco desta licença. Finalmente acabadas estas cousas, Diogo Lopes se partio pera Ormuz, e Diogo Fernandes

ficou

ficou sobre Dio, e D. Aleixo fez sua viagem caminho da India com toda a mais frota, com o qual nós iremos hum pouco de tempo, por dar razão do que fizeram tantos Capitães como hiam ordenados pera aquellas partes de Malaca.

CAPITULO X.

Do que aconteceo a Simão Sodré ao longo da costa caminho de Góa, e houvera de acontecer a D. João de Lima que se com elle achou: e do despacho que D. Aleixo deo, depois que chegou a Cochij, aos Capitães, que levava em sua companhia.

COmo em companhia de D. Aleixo hiam vélas differentes, que eram náos, galeões, fustas, e catures, huns haviam mister huma navegação, e outros outra. As náos, e galeões, por serem de grande porte, tomavam o golfão do mar por atravessarem mais cedo á India; e as outras vélas de remo, que eram pequenas vasilhas, seguiam a costa da terra, que foi causa de esta frota ir hum pouco derramada. E tambem como muitos hiam descontentes daquella viagem, de que levavam as mãos vazias, e sempre ao longo da costa se achava algum navio de Mouros, que de hum porto ao outro furtados de nós andavam fazendo suas

com-

commutações, e assi havia alguns ladrões, que os nossos sabiam andarem alli ao salto, e se acolhiam a certas guaridas, com esta tenção alguns se leixavam esquecer da companhia dos outros, e outros não podiam mais andar. E peró que neste caminho alguns tiveram que contar delle, tomamos nós sómente hum caso, que aconteceo a huma fusta, de que era Capitão Simão Sodré, e o que houvera de acontecer a D. João de Lima em hum bargantim, por razão do que elle passou na barra de Dio com Diogo Lopes de Sequeira, de quem elle hia aggravado; e o caso foi este. Como os homens nobres nos lugares de honra, como era commetter o combate da Cidade Dio, todos se querem mostrar, trabalhava cada hum de tomar bom posto. D. João de Lima, porque naquella jornada hia por Capitão de hum galeão, que era das melhores peças de toda a frota, e por as qualidades de sua pessoa pertencia-lhe aquelle posto que elle tomou, o qual era no meio do canal junto, onde a cadea de ferro que dissemos estava atravessada: veio d'outra parte Christovão Correa filho de Christovão Correa Commendador dos Colos com outro galeão pequeno, e com o mesmo desejo de ganhar honra, como mancebo, e novo no officio de Capitão, sem ter resguardo de D. João, pas-

ſou-ſe diante delle. Gonçalo de Loulé, (de que atrás fizemos menção,) ſendo homem que (ſegundo diziam) de mareante viera a eſtado de Capitão de hum navio; não tendo reſpeito a quem elles eram, perpaſſou per ambos, e vai-ſe por diante de Chriſtovão Correa junto com huma lagea contra a Cidade. Donde D. João de Lima, quando vio Gonçalo de Loulé naquelle lugar, ainda que folgou polo que Chriſtovão Correa lhe fez, levantou-ſe do pouſo em que eſtava, e foi-ſe pôr diante de Gonçalo de Loulé; e como o galeão demandava muita água; e Dom João com a indignação que tinha fazia com o meſtre delle que foſſe mais avante, foi dar com elle quaſi ſobre a lagea, em que ſe houvera de perder, ſe lhe logo não acudíram muitos batéis. No qual caſo houve tirar com huma bombarda do meſmo galeão que lhe acudiſſem; e foi tanta a revolta em toda a Armada, que cuidavam todos que começava já o galeão dar bateria á Cidade. Tambem os Mouros acudíram acima ao muro, que ficava ſobre o galeão, e travou-ſe huma união que acudio Diogo Lopes, parecendo-lhe ſer outra couſa. E porque naquelle tempo ſe tratava entre elle, e Melique Saca o negocio da fortaleza, e houve da Cidade recados que couſa era aquella, como que ſe aggravavam de ſe romper a paz, eſtando

em

em requerimento de fortaleza, paſſou Diogo Lopes palavras com D. João ſobre aquelle deſmancho, donde lhe tirou a capitanía do galeão. Tanto polo feito, como porque D. João retorcido pera os que eſtavam per derredor, diſſe que o Diogo Lopes, que havia de tomar Dio, ficava em Portugal, a qual palavra dizem que ouvio Diogo Lopes. E a peſſoa, por quem D. João dizia aquillo, era por Diogo Lopes de Lima ſeu irmão, o qual tinha aquella capitanía mór da India; e a frota, que Diogo Lopes de Sequeira levou, pera elle Diogo Lopes de Lima ſe ordenava. Mas como a Corte dos Reys he cheia de muitas mudanças, foi Diogo Lopes de Sequeira, e Diogo Lopes de Lima foi ſatisfeito da mercê que lhe era feita a dinheiro de contado; e per eſta maneira vem os Reys deſpender mais em pagar injúrias, que fazer honras. Paſſada aquella primeira indignação, que Diogo Lopes de Sequeira teve, tornava depois a dar o galeão a D. João, mas elle o não quiz acceitar; e quando veio á partida pera Goa em companhia da outra frota, não quiz ir ſenão em hum bargantim; e como homem deſgoſtoſo hia mui mal provído de remeiros, e ſem lhe parecer que podia achar couſa, que lhe impediſſe ſeu caminho. O qual ſendo tanto avante como huma enſeada, que eſtá além

de Dabul, foi dar de subito com huma fusta de Turcos, que estavam em resguardo de huma náo, que se alli carregava de Adem, a qual era de hum Mouro arrenegado per nome Alle Frange, que estava em Dabul, a quem como a nosso amigo Diogo Lopes tinha dado licença pera poder navegar com aquella náo suas mercadorias; e posto que tinha este seguro, como cauteloso poz a fusta em resguardo della. E verdadeiramente segundo D. João hia descuidado, e mal provído pera aquelle officio de lançadas, per ventura alli acabáram seus desgostos. Peró como Simão Sodré hia diante sem D. João o saber, nelle empregáram os Turcos sua furia, mettendo-se com elle tão rijo no primeiro impeto, que lhe entráram a fusta, por todos irem tão descuidados, e com as armas postas em parte, que foi muito terem tempo pera as vestir: tão subitamente deram os Turcos nelles detrás de huma ponta, onde os estavam esperando, como gente que vigiava a costa. Eram com Simão Sodré naquella fusta Tristão d'Ataíde, filho bastardo de Alvaro d'Ataíde Senhor de Penacova, Paio Correa filho de Fr. Paio Correa Commendador da Ordem de S. João, João Cerregeiro moço da Camara d'ElRey, João de Goes casado em Cananor, e outros que fariam número de té quinze pessoas, os quaes

de

deram de ſi tal conta, que mettêram os Turcos em fugida, porque víram elles vir Dom João de Lima em o ſeu bargantim, e cuidáram ſerem mais vélas. Ainda que não ſe haviam muito de gloriar deſte commettimento, por irem bem feridos; e dos noſſos os que ficáram mais fréchados foram Simão Sodré, e Paio Correa. Vendo todos que a coſta não eſtava tão ſegura, como elles cuidavam, ajuntáram-ſe ambos, e foram a ſalvamento, como os outros daquella frota de D. Aleixo. O qual tanto que chegou a Cochij, começou a entender em o deſpacho das náos, que haviam de vir aquelle anno de quinhentos e vinte hum com a carga da eſpeciaria pera eſte Reyno. E como acabou de as deſpachar, entendeo no aviamento das outras, que haviam de partir pera as partes de Malaca; e por ſerem muitos Capitães ordenados pera differentes negocios, faremos huma pequena detença em tornar repetir algumas couſas, que ficam atrás, porque convem ſer aſſi pera levarmos enfiada noſſa hiſtoria. Atrás eſcrevemos como deſte Reyno partíra Jorge d'Alboquerque por Capitão mór de toda a frota, que aquelle anno partio deſte Reyno, o qual levava a capitanía de Malaca, onde já eſtivera em tempo de Affonſo d'Alboquerque, e que em quanto nella não entraſſe, (porque a ſervia

Dio-

Diogo Lopes d'Acosta,) que pudesse fazer huma viagem á China. E como por razão de não passar á India, e invernar em Moçambique, e depois andar em companhia de Diogo Lopes de Sequeira, não houve lugar de ir fazer sua viagem; neste meio tempo faleceo Affonso Lopes d'Acosta, e servia de Capitão de Malaca Garcia de Sá, que lá foi ter pelo modo que escrevemos, de maneira, que estava ella vaga pera elle Jorge d'Alboquerque a poder logo servir, sem primeiro ir á China. Por a qual razão ante que Diogo Lopes em Dio o espedisse, mandou-lhe que levasse hum Principe herdeiro do Reyno Pacem na Ilha Çamatra; o qual sendo elle Diogo Lopes no estreito do mar Roxo, lhe viera pedir ajuda contra hum tyranno, que lhe tomára o Reyno, encommendando-lhe muito que trabalhasse por lançar o tyranno fóra do Reyno, e metter o Principe em posse delle, por quanto se fazia vassallo d'ElRey D. Manuel, e o queria ter por senhor. E acabado este feito, no lugar de Pacem fizesse huma fortaleza, na qual havia de ficar por Capitão mór Antonio de Miranda d'Azevedo com mais outros officiaes, e gente ordenada a ella pera sua defensão, e favor do Principe. E pera isso levaria duas, ou tres náos, além de outra companhia que té li o haviam de seguir,

pe-

pera ferem naquelle feito de lançar o tyranno fóra, e metter o Principe em posse do seu. E a outra companhia que té li o haviam de seguir, eram Christovão de Mendoça com tres navios a descubrir as Ilhas do Ouro, e com elle Pedro Eanes Francez, como tambem escrevemos, e Rafael Perestrello em huma náo pera a China, e Bengala, e Rafael Catanho pera Malaca, e ambos haviam de fazer em Pacem carga de pimenta. E assi Diniz Fernandes de Mello com hum navio hia fazer huma viagem a Malaca, e se aproveitar por ser homem de serviço; e Pero Lourenço de Mello tambem em outra náo havia de fazer outra viagem pera Bengala, depois de Rafael Perestrello. Todos estes Capitáes mandava Diogo Lopes de Sequeira que partissem juntos; porque ainda que cada hum tinha seu lugar limitado a que hiam ordenados, podiam mui bem ser no feito de Pacem, sem perder tempo; e mais os ordenados pera a China, e Bengala, por força haviam de ir tomar carga de pimenta, e de outras mercadorias em Pacem. Havia mais outro Capitão ordenado contra aquellas partes do Oriente, o qual era Jorge de Brito, que, (como tambem escrevemos,) ElRey mandava que com certas vélas fosse fazer huma fortaleza em Maluco, o qual aquelle anno de quinhentos e vinte partíra como Jorge d'Al-

d'Alboquerque por Capitão mór de toda a frota, que deste Reyno foi, e por a mesma causa do negocio de Dio foi detido com os outros. Assi que neste anno podemos dizer que na India se acháram dous Capitães móres da carreira daqui pera a India, ambos ordenados pera irem fóra da India, que jaz dentro do Gange, com outros muitos Capitães a differentes negocios, e todos se acháram juntos em o negocio de Dio, sem fazer mais do que vimos, e todos despachou Dom Aleixo, e o Doutor Pero Nunes Veador da fazenda, os quaes levariam dezesete vélas entre grandes, e pequenas, em que iriam mil homens, dos quaes não tornáram á India cento, e a este Reyno vinte, todolos mais o mar, e aquellas barbaras terras gastáram: da qual triste Tragedia alguma relação faremos em somma, porque descer ao particular della o animo entristece, e a penna recea entrar. E porque todos se foram ajuntar em a Ilha Çamatra, primeiro que entremos na relação dos feitos, faremos huma digressão, dando conta della.

DE

DECADA TERCEIRA.
LIVRO V.

Dos Feitos, que os Portuguezes fizeram no descubrimento, e conquista das terras, e mares do Oriente: em que se contém parte das cousas, que se nelle fizeram, em quanto Diogo Lopes de Sequeira governou aquellas partes.

CAPITULO I.

Em que se descreve a situação da Ilha Çamatra, e Reynos della, e de algumas cousas que nella acontecêram aos nossos: e a causa por que o Principe do Reyno Pacem mandou á India pedir ajuda ao Governador contra hum tyranno, que lho tinha tomado.

NO princípio do sexto Livro da segunda Decada, escrevendo da fundação, e princípio que teve a Cidade Malaca, dissemos a causa por que se enganáram os antigos Geografos, chamando a esta Ilha Çamatra, Chersoneso. O lançamento da compridão della jaz pela nossa navegação per o rumo, a que os mareantes chamam

mam Noroeste, Sueste, e tomada quarta do Sul, e terá duzentas e vinte leguas de comprido, e de largo sessenta, ou setenta na maior sua largura. A qual fica tão vizinha á terra de Malaca, que no lugar mais estreito do canal que ha entre ellas não será mais que té doze leguas, quasi na fronteria da Cidade Malaca; e dalli assi pera a parte do Levante, como Ponente, vai esta terra da Ilha affastando-se da firme de maneira, que faz estas duas entradas daquelle estreito mais largo que no meio. E porém per todo elle tudo são baixos, restingas, ilhetas com canaes, os quaes errados se perdem as náos que per alli navegam: e daqui (como atrás dissemos) procedeo naquelle antigo tempo de Ptolomeu, e dos outros Geografos não ser aquelle transito navegavel, como ora he, porque a cubiça dos homens todolos atalhos busca, ainda que perigosos, pera conseguir seu intento. Fica esta Ilha com a linha Equinocial, que a córta pelo meio em figura de huma aspa, donde a ponta mais Oriental está em seis gráos da parte do Sul, e com ella vai vizinhar na terra da Jaüa, fazendo ambas hum estreito per que antigamente se navegava pera aquellas partes Orientaes; e por esta parte ao presente fica ella menos povoada, e em torno mui cheia de Ilhas, e bai-

e baixos. E pela parte do Ponente, que eſtá em quatro gráos e tres quartos da banda do Norte, he mais limpa, principalmente da banda de fóra, mas muito mais povoada, por nella haver grande concurſo de navegantes, e a terra em ſi ter muitas ſortes de mercadoria. Geralmente per toda a fralda do már he terra alagadiça, e de grandes rios, e pelo ſertão montuoſa, onde eſtá hum lago, de que alguns delles procedem. E como jaz de baixo da linha Equinocial, he a terra tão humida com as aguas, e quente do Sol, que cria grandes arvoredos, com que ella fica mui fumoſa de tão groſſos vapores, que ardendo o Sol per cima della, não tem força pera os gaſtar, nem os ventos livre entrada pera os lançar daquelles lugares ſombrios da eſpeſſura do arvoredo, que a fazem doentia, principalmente aos eſtrangeiros. Além da muita quantidade de ouro que nella ha, tambem ſe acha muita cópia de eſtanho, ferro, e algum cobre, ſalitre, enxofre, tintas de minas, e huma fonte de que mana oleo, a que chamam napta em o Reyno de Pacem, e no meio tem hum monte como o chamado Ethna em a Ilha Sicilia, per que lança fogo, a que os da terra chamam Balaluam. Entre o grande, e diverſo número de arvores, e plantas que cria, dellas de frui-

tos

tos de que a gente commum ſe mantem, e outras que a natureza deo pera ſeu ornamento, tem as do ſandalo branco, aguila, beijoim, e as que dam a canfora, como a da Ilha Burneo, poſto que alguns digam que a daqui he mais fina, e de outro genero da que vemos que vem da China, que he composição, e eſtoutra he couſa natural de outra eſpecie. Das eſpeciarias tem pimenta commum, pimenta longa, gengivre, canella; e cria ſeda em tanta quantidade, que ha hi grande carregação pera muitas partes da India. As feras, e bichas que cria he tanta a variedade delles, que falece nome a nós, e aos naturaes da terra pera per elle poder fazer a differença que huns tem dos outros. Os rios como são cabedaes, tem grande variedade de peſcado, e peixes; e em alguns, aſſi como no rio de Siaca, onde ſe peſcam ſaves menores que os deſtas partes, não lhes aproveitam mais que as ovas, e deſtas ha maior carregação do que nós cá temos dos meſmos ſaves. O geral mantimento da gente he milho, e arroz, e muitas ſementes, e fruitas agreſtes do mato, porque per razão do clima não póde crear outras ſementes; que venham com fruito maduro, como aquellas de que nós uſamos. A terra he povoada de dous generos de gente, Mouros, e Gentios, eſtes são na-

tu-

turães, e os outros no principio foram estrangeiros, que per via de commercio començáram povoar o maritimo, té que multiplicando, de pouco mais de cento e cincoenta annos a esta parte, se vieram fazer senhores, e intitular com nome de Reys. O Gentio, leixando o maritimo, recolheo-se pera o interior da Ilha; e o que vive naquella parte da Ilha, que cahe contra Malaca, he aquella geração a que elles chamam Bátas, os quaes comem carne humana, gente mais agreste, e guerreira de toda a terra. Os que habitam a parte contra o Sul chamados Sotumas, são mais conversaveis; e assi este Gentio, como os Mouros que vivem pelas fraldas da Ilha que vizinham o mar, peró que huns dos outros differem na lingua propria, quasi todos fallam Malayo de Malaca por ser a mais commum daquellas partes. E assi estes como os de dentro do sertão da Ilha, todos são baços, de cabello corrido, bem dispostos, e de bom aspeito, e não do parecer dos Jáos, sendo tão vizinhos, que he muito pera notar em tão pequena distancia variar-se tanto a natureza. E principalmente chamando-se per nome commum toda a gente desta Ilha Jaüijs, por se ter entre elles por causa mui certa serem já os Jáos senhores desta grande Ilha; e primeiro que

os

os Chijs, tiveram o commercio della, e da India. E com esta variedade tão notavel no aspeito do rostro, parece ficar verificado o que já dissemos desta gente da Jáüa, não ser natural da terra que habitam, mas gente vinda das partes da China, por imitarem os Chijs no parecer, e na policia, e engenho de toda obra mecanica. Ante que conquistassemos a India, as armas destes habitadores de Çamatra eram fréchas de zervatanas hervadas, como os mesmos Jáos usam; mas depois que tomámos Malaca, com a continuação da nossa guerra se fizeram industriosos em pelejar, e em todo genero de armas, té artilheria de ferro, e bronze, principalmente com alguma nossa, que houveram de náos, e navios, que alli foram ter, e com outros casos de má fortuna, que alli tivemos, de que ao diante faremos relação. A terra das fraldas do maritimo desta grande Ilha, ao tempo que nós entrámos na India, estava repartida em vinte e nove Reynos; mas como nós mudámos todos aquelles estados Orientaes, favorecendo huns, e supprimindo a outros, segundo recebiam nossas cousas, destes vinte e nove que abaixo nomeamos, alguns estam já encorporados no vizinho mais poderoso. E começando da ponta da Ilha mais occidental, e austral, e indo rodeando-a pe-

la

la parte do Norte, o primeiro se chama Dáya; e os que se seguem, assi como a costa vai, são Lambrij, Achem, Biár, Pedir, Lide, Piradá, Pacem, Bára, Darú, Arcat, Ircan, Rupat, Purij, Ciáca, Campar, Capocam, Andraguerij, Jambij, Palimbam, Taná, Malayo, Sacampam, Tulumbavam, Andalóz, Piriáman, Tico, Barros, Quinchel, e Mancópa, que vem cahir sobre Lambrij, que he vizinho de Dáya, o primeiro que nomeámos. Dentro no sertão da Ilha, como he grande, ha muitos Principes, e senhores, de que não temos noticia em particular, e por isso trataremos sómente daquelles, com que tivemos commercio, ou guerra, cujo estado de alguns delles não tem mais que huma Cidade, de que se intitulam por Reys; e outros tem ao presente tanto poder, que nos tem custado sangue, como no decurso desta nossa historia se verá. De todos estes Reynos o de Pedir foi o maior, e mais celebrado naquellas partes, e isto antes que Malaca fosse povoada. E a elle concorriam todalas náos, que hiam do Ponente, e vinham do Levante, como a emporio, e feira, ondẽ se achavam todalas mercadorias, por este Reyno ser senhor daquelle canal entre esta Ilha Çamatra, e a terra firme. Peró depois que Malaca se fundou, e princi-

ci-

cipalmente com noſſa entrada na India, começou creſcer o Reyno de Pacem, e diminuir eſte de Pedir. E ſendo o de Achem ſeu vizinho o ſomenos em poder, ao preſente he o maior de todos, tanta variação tem os eſtados, de que os homens fazem tanta conta; e quem a eſte Reyno deo principio de ſer o que ora he foi a chegada de Jorge de Brito, como logo veremos. O Reyno de Pacem, a que Jorge d'Alboquerque hia a metter de poſſe o Principe que diſſemos, tinha hum novo coſtume, e tal, que não era pera alguem deſejar ſer Rey delle, porque o povo não lhe dava muito tempo vida. E de quão mal affortunado era o herdeiro deſta herança, que o povo dava a quem queria, tinha hum bem, que não ſe concedeo a todo homem, que era ſaber a hora da ſua morte; e ſe não era a hora, era o dia, e quando muito incerta, não ſahia da ſemana. Porque como eſta doudice, ou furia ſaltava no povo, todos andavam pelas ruas quaſi em modo de cantiga: *Ha de morrer ElRey*, ſem haver quem contrariaſſe eſta voz, nem ella fazer nojo ás orelhas de alguem, ſómente a ElRey, e a alguns ſeus privados, que logo como ouviam cantar eſte canto de morte, recolhiam-ſe com elle, e ás vezes juntamente pareciam. De maneira, que quando Fernão

Pe-

Peres d'Andrade foi á China, e esteve alli em Pacem fazendo carga de especiaria, matáram dous Reys, e não se fez mais conta disso, nem houve mais rebuliço, e alvoroço na Cidade como se não fora morto hum Rey, que os governava, e levantado outro que elegiam pera os governar. E tem elles pera si que este seu costume, (o qual approvam por mui bom,) que Deos o ordenou, dizendo que tão grande cousa como he hum Rey, que governa na terra em lugar de Deos, não ousaria alguem de o matar, se Deos o não permittisse; e que quando o permitte he por elle ter taes peccados, que não merece ser Rey, e quer que o seja o matador. E por esta causa, como este matador he da linhagem real, tanto que mata o Rey, e se assenta em sua cadeira, e está nella hum dia assentado pacificamente, he entre elles havido por legitimo Rey. E ás vezes ha sobre este reinar tanta revolta, que já aconteceo em hum dia fazerem tres Reys, hum per morte do outro. E sabendo o Principe, que Jorge d'Alboquerque levava, este cruel costume, he tão doce cousa reinar, que não sómente elle, que não tinha idade pera temer, mas outros de maior juizo, procuravam de haver este Reyno. E o caso que obrigou a este Principe ir á India pedir soccorro nos-

ſo procedeo daqui. Atrás fica eſcrito como indo Affonſo d'Alboquerque pera tomar Malaca, tomou na coſta deſta Ilha Çamatra hum junco, a que os noſſos chamáram Bravo, pelo grande trabalho que lhes deo primeiro que o tomaſſem, no qual junco hia hum Principe herdeiro do Reyno Pacem, por ſe lhe levantar contra elle hum ſeu tio, que era Governador delle; e como Affonſo d'Alboquerque, depois que ſoube ſua fortuna, o levou comſigo a Malaca, dando-lhe eſperança de o reſtituir em ſeu Reyno; o que elle não quiz eſperar, e deſappareceo ao tempo que Affonſo d'Alboquerque eſtava de partida pera a India. Eſte Principe chamado Geinal, ou porque lhe pareceo que Affonſo d'Alboquerque o queria levar comſigo á India, ou por qualquer outra couſa; quando lhe fogio, foi-ſe a ElRey que fora de Malaca, que naquelle tempo andava tão desbaratado, como elle. O qual Rey o foi entretendo com eſperanças, que como acabaſſe de aſſentar ſuas couſas, lhe daria ajuda pera cobrar ſeu Reyno. Sendo já paſſados ſeis, ou ſete annos neſtas eſperanças, no qual tempo ElRey o caſou com huma filha ſua, tanto que ſe vio em Bintam com algum repouſo por cauſa de algumas vitorias que houve em noſſo damno, ordenou de o mandar com huma

fro-

frota, porque tambem no mesmo Reyno de Pacem succedêram cousas pera isso, e foram estas. O tío, de que este Principe Geinal fogia, segundo se depois soube, era irmão de sua mãi, e Rey de Arú vizinho de Pacem, o qual se apoderou do Reyno, e ficou senhor de ambos. Os Pacens por terem por costume o que dissemos, que como se anojavam de hum Rey, logo lhe procuravam a morte, como este era estrangeiro, não tardáram muito em lha dar, e levantáram outro natural, o qual tambem não durou muito tempo. Porque como já havia alguns Arús em Pacem, que ficáram do Rey passado seu natural, trabalháram por lhe dar a morte, e assi o fizeram; e levantado outro em seu lugar, chegou o Principe Geinal poderosamente com o favor de seu sogro, e matou o que então reinava, cujo filho era o moço que Jorge d'Alboquerque trazia. Do qual moço, que sería de té doze annos, lançou mão hum Mouro per nome Moulana, que naquellas partes entre os Mouros era como o supremo Califa de sua secta, e este o trouxe á India pedir ajuda a Diogo Lopes. Fazendo conta, que como Geinal pela ajuda que trouxe d'ElRey de Bintam tomára o Reyno de Pacem, que muito melhor o poderia haver aquelle Orfacam, fazendo-se vas-

ſallo d'ElRey de Portugal; e mais requerendo ajuda contra hum imigo dos Portuguezes, aſſi por ſer genro d'ElRey de Bintam, como polo que elle tinha feito a alguns Portuguezes, que alli foram ter, depois que tomou o Reyno, pelo qual eſtava poſto em odio com elles; e o caſo foi eſte. Ao tempo que eſte Geinal chegou a Pacem, eſtava alli feitorizando algumas couſas hum Gaſpar Machado per mandado do Capitão de Malaca, o qual Gaſpar Machado temendo que poderia receber algum mal, por ſer genro d'ElRey de Bintam noſſo imigo, eſcapulio o mais encubertamente que pode naquella revolta de ſua chegada, e foi-ſe pera Malaca, leixando em terra muita fazenda. ElRey Geinal quando ſoube que eſtava alli aquelle Portuguez, e que fogíra com temor ſeu, pezou-lhe muito; porque ainda que entre elle, e ElRey de Bintam eſtava aſſentado que ambos haviam de fazer guerra a Malaca, e por eſte reſpeito lhe dera ElRey ſua filha, e mais ajuda pera cobrar ſeu Reyno, ſua tenção era ao preſente não offender, mas favorecer noſſas couſas, temendo que ſe nos indignaſſe, não eſtava ſeguro em ſeu Reyno. Com o qual fundamento como algum navio noſſo per alli paſſava, fazia-lhe quanto gazalhado podia de maneira, que pro-

vo-

vocou a que Garcia de Sá Capitão de Malaca mandasse lá Duarte Coelho assentar pazes com elle. E correndo o trato do commercio entre os nossos, e elle em toda paz, e concordia, acertou de ir áquelle seu porto hum Diogo Vaz homem de má cabêça, e de peior consciencia, que fez quebrar esta paz per esta maneira. Este Diogo Vaz fora com João Gomes ás Ilhas de Maldiva por Capitão de huma fusta, (segundo atrás escrevemos,) o qual chegando ás Ilhas, dizem que se fez esgarrado dellas com tempo, e correntes, e deo comsigo na costa de Choromandel, onde tomou huma náo carregada de muita roupa, que hia pera Çamatra, e Malaca, não levando mais gente que a do mar, que mareava a náo. Morta a qual gente, metteo a fusta no fundo do mar, passando-se á náo, e deo comsigo no porto de Pacem, onde foi bem recebido d'ElRey Geinal, que já reinava. E porque per costume de todos aquelles Reynos, qualquer mercadoria que vem a seu porto primeiro que venda, os officiaes d'ElRey hão de tomar por os preços da terra a que ElRey houver mister, tomáram a este Diogo Vaz a mais da mercadoria que levava pera ElRey. O qual Geinal com os trabalhos de assentar as cousas do Reyno, não estava ainda com tanta substancia, que logo pu-

pudesse pagar o que tomáram para elle: cá primeiro havia de mandar vender na terra as cousas, pera da venda dellas lhe pagar, e elle ficaria com ganho. No qual modo de paga houve alguma detença, que Diogo Vaz mal soffria; e como homem alevantado, e pouco paciente, muitas vezes requerendo seu pagamento a ElRey, tinha-lhe dito algumas palavras tão soltas, que anojados alguns homens acceitos a ElRey, tornando elle outra vez requerer o seu com esta soltura de palavras, foi alli morto ás crisadas diante d'ElRey. E com esta indignação alvoroçou-se a gente da Cidade com voz: *Matallos*, *matallos*, em que morrêram alguns Portuguezes, assi dos que foram com Diogo Vaz, como os de huma náo que hi estava de Goa do Feitor Ruy d'Acosta, de que era Capitão hum João de Borba. Porém como aquella morte foi mais accidente, que ordenada, mortos os primeiros, que acháram pelas ruas da Cidade, não curáram de ir á náo de João de Borba. O qual posto que em terra tinha ainda muita fazenda por recolher, acolheo-se ante que mais fosse, com a qual náo elle chegou a Goa, onde foi notificado por nosso imigo este Rey Geinal. Sobre o qual caso succedeo vir o Principe, que levava Jorge d'Alboquerque, pedir soccorro contra elle,

que

que lhe foi concedido, e fez ſobre iſſo o que veremos neſte ſeguinte Capitulo.

CAPITULO II.

Como Jorge d'Alboquerque chegou ao Reyno de Pacem, onde pelejou com o tyranno que o tinha, e o tomou com quanta gente comſigo tinha em huma fortaleza, e depois metteo o Principe em poſſe delle.

DEſpachado Jorge d'Alboquerque em Cochij com a ordem que diſſemos, que pois todolos Capitães hiam pera aquellas partes, e forçadamente haviam de tomar o porto de Pacem, pera ſe alli prover de ſuas mercadorias, todos foſſem em ſua conſerva, tirando Jorge de Brito, que levava armada de oito vélas pera Maluco; quando veio ao ſeguir a bandeira de Jorge d'Alboquerque, huns ficáram diante, outros atrás, e outros foram ſurgir em outro porto, e não ao de Pacem. Peró quando chegou a elle, achou já ſurto Rafael Pereſtrello na barra, e das ſeis vélas que eram da ſua conſerva, eſta foi diante, e ſómente o ſeguio D. Affonſo de Menezes, D. Sancho Henriques ſeu genro, que hia por Capitão mór do mar de Malaca, e aſſi Diniz Fernandes, e Rafael Catanho chegou depois que o feito do negocio

a que

a que foi era acabado. Achou mais com Rafael Pereftrello Manuel da Gama, que Garcia de Sá Capitão de Malaca alli mandára em huma caravella armada em favor de hum junco, o qual o Feitor d'ElRey, e alguns mercadores de Malaca mandavam com fazendas, pera com ellas fazerem commutação de outras, como fe entre elles ufa. Achou tambem outro junco, de que era Capitão hum João Pereira, o qual fora ter ao porto de Arú fazer fua fazenda. E como o Rey daquelle Reyno tinha guerra com os de Pacem pola morte do feu Rey, que (como efcrevemos) era tio do Principe Geinal, que ora eftava em poffe do Reyno, concertou-fe com elle que vieffe per mar com alguma gente fua, e elle iria per terra com toda a mais. A qual ida João Pereira acceitou, por faber o que efte Geinal tinha feito aos Portuguezes, que fe acháram com Diogo Vaz. Donde fuccedeo que efte Rey de Arú, o dia ante que Jorge d'Alboquerque chegaffe, era vindo; e quando foube de fua chegada á barra de Pacem, deteve-fe té ver o que elle Jorge d'Alboquerque faria, pofto que logo entendeo o cafo, por ter já nova que ao Principe Orfacam era concedida ajuda, e que podia fer efta. O que elle logo foube per meio de João Pereira, per quem mandou vifitar Jorge d'Alboquerque, dando-lhe conta da

cau-

causa de sua vinda, e que estava alli com aquella gente junta a seu serviço, por elle ser grande servidor d'ElRey de Portugal. E posto que o seu porto de Arú não fosse tão celebrado dos Portuguezes, como era aquelle de Pacem, sempre os Capitães de Malaca delle recebêram boas obras. Jorge d'Alboquerque lhe mandou agradecimentos desta sua offerta, e denunciar como vinha metter de posse aquelle Principe, e lançar fóra do Reyno a Geinal, que o tinha indevidamente, e mais era imigo dos Portuguezes: Que se elle Rey de Arú vinha tomar vingança delle, ante de pouco tempo elle Jorge d'Alboquerque esperava de lha dar, por tanto se quizesse esperar, que o podia fazer. Ao qual recado respondeo que lhe pedia por mercê, que havendo o negocio de vir a determinar-se per armas, houvesse por bem que elle fosse com sua gente nisso; e por o trabalho que nisso puzesse, não queria mais por honra sua, que levarem os cavalleiros, que comsigo trazia, o despojo que engeitassem os seus delle Jorge d'Alboquerque. O que lhe elle concedeo, quando o caso estivesse nesses termos, e que entretanto elle se fosse pôr á vista da fortaleza, onde estava o tyranno, e que alli lhe mandaria dizer o que fizesse. ElRey Geinal quando sobre si vio hum exercito per terra, e armada nossa per

mar,

mar, e tudo contra si, bem entendeo que o fim daquelle negocio havia de ser leixar elle o Reyno, ou perder a vida, se o quizesse defender, pois na terra, e no mar tudo era contra elle, té o natural povo da Cidade Pacem, por ter morto o Rey que elles tinham levantado. Porque como elles tem em pouca conta matar hum Rey pelo modo que dissemos, assi tem em pouco morrerem todos por defenderem aquelle que elles alevantam, ou vingar sua morte. E se té então o não tinham feito, era porque Geinal como sabia o costume delles, não se quiz apousentar na Cidade, que está obra de meia legua per hum rio acima, que vem de dentro da terra, por não ficar sujeito a elles, e aos nossos navios, que alli fossem ter. E fez pera seu apousento á vista da mesma Cidade em hum escampado huma grande cerca de grossa madeira, ao modo de muro de villa, com huma cava em torno, ficando sómente duas portas pera sua serventia. E dentro desta grande cerca fez outra mais forte como castello, onde elle tinha suas casas da mesma madeira, e canas da terra segundo seu uso, nas quaes tinha sua fazenda, e mulheres. E a cerca de fóra ficava em povoação de gente, que tinha da sua guarda, da qual ao tempo que Jorge d'Alboquerque chegou, sería pouco mais de té tres mil homens

da

da mais escolhida gente, e mais fiel que elle pode haver. E ainda como homem não confiado delles, temendo que se succedesse alguma cousa, pera que lhe conviesse pôr-se em defensão, e que elles o podiam desamparar, fez-lhes recolher dentro na grande cerca suas fazendas, e parte das mulheres. Finalmente elle estava como homem, que determinava não sahir dalli senão perdendo a vida; e dissimulando esta sua determinação, em Jorge d'Alboquerque lançando ancora, o mandou logo visitar. As palavras da qual visitação foram de homem, que não se temia ter feito cousa, per onde esperasse delle Jorge d'Alboquerque poder receber algum damno, dizendo, que sua vinda fosse mui boa; e que pois hia pera Malaca, onde tinha sabido que elle havia de estar por Capitão, lhe pedia por mercê que quizesse delle algum serviço de mantimentos, ou de qualquer cousa que houvesse mister; porque pois haviam de ser vizinhos, que se começassem de prestar hum com o outro. Ao que Jorge d'Alboquerque respondeo, que ao presente não havia mister delle mais, que despejar aquelle Reyno, pera metter de posse delle o Principe herdeiro, que alli trazia comsigo, o qual era feito vassallo d'ElRey de Portugal seu Senhor; e tambem mandar-lhe entregar a fazenda dos Portuguezes que alli ficou, assi

dos

dos mortos, que os seus alli matáram, como dos vivos que fogíram com temor sel. E que por quanto elle tinha pera fazer muitos negocios em Malaca, e se não podia alli deter, que se determinasse logo, pera elle poer em execução o que naquelle caso lhe mandava fazer o Governador da India. Geinal não ficou mui espantado desta resposta de Jorge d'Alboquerque, porque bem sabia elle que esta havia elle de ser; porém parecendo-lhe que per aqui podia sahir fóra daquella affronta, mandou-lhe outro recado per Nina Cunapam, o Gentio nosso amigo, que estava alli por Xabandar, aquelle que resgatou Gaspar d'Acosta, Antonio Pacheco, e outros que escapáram em Achem, (como atrás contámos.) Per meio do qual Nina Cunapam, por causa desta amizade que tinha comnosco, lhe parecia poder moderar a indignação que tinham delle; e a substancia das palavras eram, que elle não sabia que causa haveria pera aquelle moço de tão pequena idade ser mais verdadeiro herdeiro do que elle era, como todo mundo sabia; que se era por dizer que se fizera vassallo d'ElRey de Portugal, elle o queria ser da maneira que bem parecesse, e que assás mostrava desejar isto na paz, e amizade em que estava com o Capitão de Malaca, como podia saber per elle mesmo Nina Cunapam, pois fora media-

dinheiro em algumas cousas, que entre elles passáram por razão desta amizade, e de outras que elle Geinal tinha feitas por servir a ElRey de Portugal. Que fazenda de Portuguezes elle não sabia de tal parte, que verdade era vir alli ter hum homem de má cabeça, e peior lingua, o qual foi morto havendo razões com os seus; e a fazenda que alli trouxera, depois da sua morte soubera que a roubára elle de huma náo, que vinha dirigida a certos mercadores, que residiam naquella Cidade, aos quaes a mandára entregar, depois que fizeram certo ser sua. E quanto a elle leixar o Reyno, que fora de seu pai, isto não podia ser senão perdendo a vida, e esta tinha elle offerecido polo defender, quando as outras cousas que offerecia lhe não fossem a elle Jorge d'Alboquerque acceitas. Finalmente, porque de huma, e de outra parte houve mais recados, sem Geinal vir á conclusão que Jorge d'Alboquerque queria, conforme ao que trazia per regimento; havido conselho, sem embargo da pouca gente que com elle estava, que não seriam mais que trezentos homens, e os imigos tres mil, Jorge d'Alboquerque se determinou ir dar huma vista á fortaleza em seus bateis; e vista, se determinaria de todo, porque como não tinha mui certa informação no lugar, e sitio della, não podia

dia fazer outra couſa. Poſto neſte caminho, tanto que ſe poz com ſua gente junta ao pé de huma arvore já hum pouco ſobre a tarde, por ſe não poder dar maior aviamento, veio logo Nina Cunapam com recado de Geinal, pedindo-lhe por mercê que ſobreſtiveſſe hum pouco da indignação que trazia contra elle, porque elle queria conceder no que mandava, e que pera iſſo eſtava em conſelho com os ſeus no modo que ſeria melhor fazer-ſe. Tornado Cunapam com a reſpoſta, veio, e tornou outra vez, tudo por elle Geinal ter eſpaço de deſpejar as mulheres, e ſe recolher pouco, e pouco pera o mato per outra porta que tinha naquella parte. E porque a reſpoſta que lhe Jorge d'Alboquerque mandava era mui apreſſada, e elle Nina Cunapam entendia que Geinal a não havia de cumprir, e que depois ficaria em odio de Jorge d'Alboquerque, não quiz tornar mais dentro, dando a entender que fizeſſe o que havia de fazer, porque Geinal eſtava em outro propoſito. Finalmente Jorge d'Alboquerque praticando aſſi em pé com os Capitães, e principaes peſſoas, aſſentou que por quanto não traziam eſcadas, nem couſa pera commetter aquella força, ſómente eſpadas, lanças, e eſpingardas, deviam dormir com boa vigia aquella noite ao pé daquella arvore, e que entretanto viriam as

mu-

munições das náos, e dariam combate pela manhã. A este tempo estava ElRey de Arú á vista delle Jorge d'Alboquerque esperando que lhe mandasse recado do que faria, entre os quaes houve alguns recados, e no fim delles Jorge d'Alboquerque lhe mandou dizer que estivesse prestes, e não commettesse entrar a fortaleza, senão depois que visse que os Portuguezes tinham feito portal pera isso. E porque na entrada dos seus podia haver alguma desordem, lhe pedia que se mudasse dalli pera a outra banda do mato, porque como elles sabiam bem a terra, podiam seguir melhor o alcance dos imigos; cá (segundo via) não tinham outra acolheita, e mais que mandasse logo pôr aos seus hum ramo verde na touca da cabeça per a differença dos imigos, por não receberem algum mal dos Portuguezes, sem o qual sinal o puderam padecer. Em quanto se estes recados passavam, acertou que de dentro da cerca dos Mouros se tirou hum, ou dous tiros de huma espingarda, hum dos quaes veio quebrar huma perna a Francisco Quatrim criado do Conde de Portalegre D. João da Silva. Quando a nossa gente vio este damno, começáram de se queixar, dizendo contra Jorge d'Alboquerque: *Senhor, que fazemos aqui? quereis que nos matem a todos esta noite? que aguardamos mais escadas? não te-*

temos nós mãos? E com iſto começou hum rumor entre a gente, alvoroçando-ſe pera o combate. Vendo Jorge d'Alboquerque eſte alvoroço ſer a verdadeira conjunção que os negocios da guerra querem, por a não perder, diſſe contra os Capitães: *Pois que nos Deos chama, ſús ſenhores, a elles*; e em dizendo iſto, mandou dar ás trombetas, e diſſe: *Nome de Jeſus, Sant-Iago.* Bem como quando huma preza de groſſa agua, cujo pezo quer romper o impedimento que a detem, quando lho talliam, ou tiram, ſahe com hum impeto que ninguem póde eſperar ſua força; aſſi a noſſa gente dado *Sant-Iago*, ſahio em corrida tão impetuoſamente, que nenhum parou ſenão com as mãos nos páos, que faziam aquella cerca; trabalhando huns por ſubir per elles acima, outros por os arrincar, aluindo dous, e tres homens a hum páo, outros fazendo vai e vem dos que achavam ſoltos, de maneira, que todos eſtavam occupados no em que trabalhavam, e não no que lhes faziam, que era de dentro tirarem-lhes os Mouros muitas fréchadas, zarguncliadas de arremeſſo, e todo genero de armas, como que os podiam apartar. E como a gente do mar he mais déſtra, e leve em trepar por razão de ſeu officio, o primeiro homem que trepou per aquelles páos acima foi

hum

hum calafate da náo de Rafael Pereſtrello, de alcunha Marquez, e o ſegundo Peſtana marinheiro, e trás eſtes hum mulato tambem homem do mar. Per outra parte Diniz Fernandes de Mello com a gente de ſeu navio, correndo ao longo daquella baſtida de madeira, achou em hum canto hum páo abalado, e tanto aluio com ajuda de outros, que entrou com aquelles que o ſeguiam, e veio per dentro ao longo da baſtida demandar a porta da entrada della pera a abrir aos noſſos; mas quando chegou, eſtava já aberta. Porque como alli concorreo o maior pezo da gente, por ſer a entrada, e nella a maior defensão, trabalháram os noſſos, que hiam em companhia de Jorge d'Alboquerque, por deſpejar aquelle lugar, no qual lhes quiz Noſſo Senhor moſtrar o princípio de ſua vitoria. Havia ſobre eſte lugar da porta huma maneira de guarita aſſi ordenada, que podiam de cima vinte, ou trinta homens pelejando, e lançando pedras, e outros rios, defender poer-ſe alguem de baixo pera arrombar a porta, no qual lugar foram alguns dos noſſos dos primeiros que ſe a ella chegáram bem eſcalavrados. Soltam Geinal como eſte era o lugar, em que elle tinha poſto maior defensão, andava em cima mandando, e animando os ſeus té que per

acerto, sem saber ser tão illustre pessoa, sómente pelo ver mais diligente naquella defensão, apontou pelle Cide Cerveira huma espingarda que levava, com que logo veio abaixo, como se fora huma ave derribada do caçador, por lhe dar o pelouro no meio da testa. Com a morte do qual os seus desampararam a porta, e o primeiro que per ella entrou foi hum Bartholomeu Caiado criado do Duque de Bragança D. Gomes, e trás elle entrou todo o corpo da nossa gente. Peró não foi muito avante, porque aquelle grande terreiro de povoação de dentro estava coalhado de Mouros, que como homens offerecidos á morte, por ser lugar mais despejado, começáram de ferir animosamente os nossos, com que conveio a Jorge d'Alboquerque recolher em hum corpo os seus. Porque com aquelle primeiro impeto da entrada da porta, os que foram com elle, e outros que entráram per outra parte, começáram de se espalhar de maneira, que se não enxergavam entre tanta multidão de Mouros; e feitos em hum corpo, deo outro *Sant-Iago*, onde se fazia huma maneira de rua larga, que hia dar na outra fortaleza. No qual rompimento começáram alguns dos nossos a cahir mortos: os primeiros foram Christovão d'Acosta criado da Rainha D. Lianor, e Affon-

so

J. de Freitas natural de Alcacere do Sal. E querendo Heitor Henriques de Santarem, como homem de animo, poer a lança na testa de hum elefante, de dous que alli andavam pelejando, desviou o elefante a lança com a tromba, e apanhou-o com ella per antre as pernas, e lançou-o pera o ar como se fora huma laranja: e quiz-lhe Deos bem, que indo arrojado cahio em lugar, e de maneira que o não matou. A outro elefante commettêram tambem Domingos de Seixas, e João do Valle, mas tiveram outra industria; que Domingos de Seixas poz a lança em o negro, que governa de cima o elefante, e o derribou, e João do Valle nelle. O elefante tanto que sentio o ferro da lança em si, e não teve quem o governasse, com a dor da ferida, e espanto das nossas espingardas, que tiravam como hum trovão, tornou contra os seus, e foi derribando, e trilhando nelles. Andando a furia da guerra em estado, que os Mouros começavam de se ir apinhoando, e recolhendo á outra cerca pequena, que dissemos que tinham em lugar de fortaleza, quasi como homens que esperavam de se recolher per detrás per huma porta, que ella tinha pera o mato; acertou D. Affonso de Menezes com a gente da sua náo andar per de fóra buscando entrada, por-

que não se achou no que se fez pela porta. Os Mouros quando sentíram que de fóra queriam entrar com elles, parecendo-lhes que os tinham cercado de todo, e que não tinham outra salvação senão o seu braço, pois detrás, e diante tudo era ferro, e morte, a pé quedo se deixavam atassalhar, e elles tambem respondiam com retorno. Finalmente, a esta entrada de D. Affonso per aquella parte, onde ElRey de Arú tinha olho, por ser o lugar per que seus imigos se haviam de acolher ao mato, acudio elle com toda sua gente, a qual como vinha folgada, acabáram de rematar o caso com morte de seus imigos, ficando aquellas duas cercas cubertas com mais de dous mil corpos mortos, de que sómente na pequena passavam de setecentos estirados em terra, a mais fea cousa que podia ser. E dos nossos além dos nomeados foram mortos Bartholomeu Fernandes criado do Duque de Bragança, e hum grumete da náo de Jorge d'Alboquerque, e feridos hum grande número delles, de que os principaes foram Jorge de Mello, Gaspar d'Acosta, Jorge Lobo, e Jorge d'Alboquerque, de duas fréchadas, huma no rostro, e outra no corpo. E porque a gente daquella terra usa muito de peçonha, mandou elle logo que lhe fossem chupadas, porque se a le-

levavam, que lhe não impediſſe; e de ſi mandou hum recado a ElRey de Arú, que elle víra vingança de ſeu imigo, que lhe entregava aquella fortaleza pera ao outro dia lha entregar, por quanto elle ſe recolhia ás náos por ſer já tarde. Peró quando veio ao dia ſeguinte, que Jorge d'Alboquerque lhe mandou que a deſpejaſſe, andavam os Arús tão encarniçados no deſpojo della, que eram máos de ſahir: com tudo ElRey os tirou fóra, e ſe mandou eſpedir de Jorge d'Alboquerque com grandes offerecimentos de ſua peſſoa, e eſtado. Acabado eſte feito de armas, entrou Jorge d'Alboquerque em outro de poſſe ao Principe, mandando concertar hum elefante com pannos de ſeda, em que o menino foi poſto; e com os principaes Mouros da Cidade diante, e os noſſos detrás, em que entravam muitos Fidalgos, foi levado com eſta pompa, e muitas trombetas per toda a Cidade, denunciando-o por Rey daquelle Reyno, e que elle Jorge d'Alboquerque em nome delRey D. Manuel de Portugal o mettia de poſſe, e o havia por enveſtido nelle, como couſa que elle tomára per juſto título de armas daquelle tyranno que o poſſuia, e iſto como obrigação de ſeu vaſſallo. Feita eſta ceremonia de poſſe, de que elle Jorge d'Alboquerque mandou fazer hum auto, em que

que tambem dava por Governador delle ao Mouro Moulana, e por seu Xabandar a Nyna Cunapam, havendo respeito aos serviços, e boas obras, que tinha feito aos Portuguezes, e a elle já servir o mesmo cargo em vida do pai do novo Rey. No qual auto tambem se continha como ElRey de Pacem recebia da mão deste Jorge d'Alboquerque àquelle Reyno, o qual elle ganhára per força de armas; o que elle em nome d'ElRey D. Manuel de Portugal, cujo Capitão era, lho entregava com obrigação de vassallagem, e que pagaria de tributo todolos ordenados dos officiaes daquella fortaleza, que alli havia de fazer pera segurança do mesmo Reyno, e assi os soldos da gente de armas: e toda a pimenta, que ElRey houvesse mister pera a carga das suas náos, elle Rey de Pacem lha daria a razão de dous cruzados o bahar de quatro quintaes cada hum. E da madeira, que estava na cerca que os nossos tomáram a Soltão Geinal, mandou Jorge d'Alboquerque fazer huma fortaleza junto da barra do rio no lugar mais conveniente, e esta em quanto se buscasse algum modo pera ser de pedra, e cal, por quanto em tão breve tempo não se podia fazer mais. Pera guarda da qual leixou cem pessoas, e os officiaes eram Antonio de Miranda d'Azevedo, que

hia

bia já ordenado pera Capitão, Antonio Barreto Alcaide mór, Feitor Pero Cerveira, com ſeus Eſcrivães, e os mais Officiaes, como as outras fortalezas da India. Havendo poucos dias que Jorge d'Alboquerque tinha havido eſta vitoria, chegou Antonio de Brito com a frota de ſeu irmão Jorge de Brito bem desbaratada de gente, a qual com elle foi morta em o porto de Achem per hum deſaſtrado caſo que lhe aconteceo no proprio dia da vitoria delle Jorge d'Alboquerque, como ſe verá neſte ſeguinte Capitulo.

CAPITULO III.

Como Jorge de Brito com ſua Armada foi ter ao Reyno Achem, onde elle, e outros Capitães com muita gente foram mortos em huma peleja, que tiveram com o Rey da terra; e vindo ſeu irmão Antonio de Brito com os navios a Pedir, onde os achou, tomou poſſe da capitanía delles: e do mais que elle, e Jorge d'Alboquerque paſſáram té chegarem a Malaca, e o que aconteceo aos outros Capitães, que ficáram em Pacem.

JOrge de Brito, porque ſe não pode deſpachar tão brevemente como Jorge d'Alboquerque, não ſahio com elle de Cochij; e po-

e porém não tardou ir logo na sua esteira, levando seis vélas, de que eram Capitães Christovão Correa, Christovão Pinto, Francisco Godiz, Lourenço Godinho, Pero Fernandes, e Gaspar Gallo em huma fusta, e as outras vélas eram navios redondos, e latinos. A fóra hum navio, de que era Capitão Antonio de Brito irmão delle Jorge de Brito, que por não estar de todo apparelhado, não sahio naquelle dia, e depois foi ter no porto da Cidade Achem na Ilha Çamatra, onde foi herdar a capitanía mór de toda a Armada, pelo que alli aconteceo a seu irmão, como se logo verá, na qual frota iriam passante de trezentos homens de armas, além da gente mareante. Com as quaes cinco vélas elle Jorge de Brito chegou ao porto da Cidade Achem, que está abaixo de Pacem obra de vinte leguas contra o Sul. Na qual Cidade achou hum João de Borba natural desta villa de que tinha o appellido, homem que sabia bem a lingua Arabia, e algumas daquellas partes, por a qual razão era conhecido dos Mouros dalli, onde elle já fora quando fogio de Pacem por causa da morte de Diogo Vaz, como no Capitulo atrás contámos. O qual por razão do proveito que achava naquellas partes, alguns officiaes d'ElRey de Goa o tornáram armar com outra náo, que

foi

foi carregar de moxama a Maſcate, que era mercadoria em que ſe ganhava muito em Çamatra; peró a não com hum temporal que lhe deo no meio do golfão antre as Ilhas de Maldiva, e aquella Ilha Çamatra, abrio, e ſe foi ao fundo. Da gente da qual quinze peſſoas ſe ſalváram no batel, e elle com nove em huma almadia; e eram os mares tão groſſos, que não pode elle haver o batel á mão, e foi ter com toda eſta gente a Pegú, os quaes depois houve Rafael Pereſtrello eſtando em Bengala, per meio de hum Mouro que alli tratava por nome Alle Aga. E elle João de Borba com as nove peſſoas correo contra Çamatra per eſpaço de nove dias, e foi ter naquelle porto de Achem milagroſamente, porque em todo eſte tempo elle, e as outras oito peſſoas não comêram, nem bebêram, ſómente cada hum tomava hum grão de Anfião tamanho como hum grão de pimenta, o qual acertou de levar no ſeio hum Mouro que alli hia, por ſer entre elles tão coſtumado o uſo daquella *mézinha*, que não ſabem andar ſem ella, do qual Anfião particularmente fallamos em os *livros do noſſo Commercio*. Chegado João de Borba a eſte porto de Achem, como era homem de bom ſaber, e naturalmente loquaz em qualquer das linguas que ſabia, ElRey da

ter-

terra o recebeo em graça, principalmente sabendo que se perdêra com huma náo de mercadoria, que vinha perá aquelle seu porto. Este, tanto que Jorge de Brito chegou, logo o foi visitar á náo em companhia de huns messageiros, per os quaes o ElRey mandou visitar de sua boa chegada com algum refresco da terra, e leixou-se ficar, dando-lhe conta de sua fortuna, e do estado da terra, e de algumas cousas que alvoroçáram os nossos, e movêram a Jorge de Brito pera commetter o que fez. Huma das quaes foi dizer-lhe que alli havia hum templo dos Gentios, no qual (segundo fama) havia muito ouro; e mais que aquelle Rey tinha tomado toda artilheria, e fazenda da náo, em que alli veio ter Gaspar d'Acosta irmão de Affonso Lopes d'Acosta Capitão de Malaca, a qual se alli perdeo. E tambem tinha havido á sua mão a fazenda de hum bargantim, que se perdeo junto de Dáya, que era perto dalli, no qual hia pera descubrir as Ilhas de Ouro Diogo Pacheco, e era Capitão delle Francisco de Sequeira; e mais tinha tomado huma náo, que D. João de Lima mandára de mercadoria ás Ilhas de Maldiva, e dahi havia de ir a Malaca; e andando em calmaria á vista deste porto Achem, sahíram as lancharas d'ElRey a ella, e a tomáram, e ma-

tá-

táram seis Portuguezes, que nella hiam, porque a mais gente era Malabar. Jorge de Brito, depois que se affirmou bem destas cousas, e do estado delRey, e força que tinha pera se defender, quiz-se mais certificar dellas per hum Diogo Lopes, que levava comsigo pera Maluco, onde elle estivera com Francisco Serrão, o qual tambem vindo com Gaspar d'Acosta em a náo que se alli perdeo, fora cativo, e resgatado com elle per Nina Cunapam, como ora escrevemos, do qual cativeiro sabia a lingua da mesma terra, como João de Borba. E movido elle Jorge de Brito per estas duas linguas, que o peccado lhe offereceo, e desviou de sua jornada, per o mesmo João de Borba, que estava na terra, e era o mais linguaraz, mandou dizer a ElRey como hia de caminho pera Malaca; e por o Governador da India ter sabido como elle recolhêra toda a fazenda, e artilheria, que se alli perdêra de huma náo, e bargantim, lhe mandára que passasse per alli, e arrecadasse tudo delle Rey, em cujo poder estava, que lhe pedia que lhe mandasse entregar tudo. Ao que o Rey da terra respondeo, que elle não sabia outro mais certo author, em cujo poder estivessem aquellas cousas, que no fundo do mar, em que se a náo, e bargantim perdêram, segundo ouvio

vio dizer, por tanto com elle devia ter este requerimento. Que havendo elle mister alguma cousa daquelle seu Reyno, que de mui boa vontade folgaria de a dar, como fazia aos Portuguêzes que alli chegavam, de que elle João de Borba era testemunha em que estado alli veio ter, e como foi per elle agazalhado. Em quanto este, e outros recados andávam entre ElRey, e Jorge de Brito, veio alli ter Rafael Catanho, que se apartára no mar com tempo da conserva de Jorge d'Alboquerque, e quizera ficar alli com Jorge de Brito, o qual elle não consentio; porque estavam já todos tão cheios da esperança do ouro daquelle pagode, que lhe parecia que eram muitos pera a repartição, e elles foram poucos salvos do perigo, que lhes aconteceo. Ou quiz Deos livrar a Rafael Catanho delle; porque como era cavalleiro, per ventura ficára alli, como ficáram outros deste nome. E vendo que não queriam sua companhia, por não ser daquella conserva, foi correndo a costa caminho de Pacem, e no porto de Pedir achou Christovão de Mendoça, que hia ordenado ao descubrimento do ouro, tão incerto, e perigoso, como era o do pagode; e ambos se partíram dalli, e foram ter com Jorge d'Alboquerque, que estava ordenando a fortaleza de madeira, que dissemos.

mos. Jorge de Brito, depois que aquelle urdidor do peccado João de Borba andou tessendo com recados de huma, e outra parte aquella tea da morte, já com indignação de quão pouca razão fazia de si aquelle barbaro, determinou per conselho de todolos Capitães entrar na Cidade. E porque do pouso onde estavam as náos a ella haveria huma legua per hum rio acima, ordenou de ir em os bateis, e em na fusta Capitão Gaspar Gallo, na qual embarcação podiam ir té duzentos homens. E por a fusta ser maior vasilha de todas, mandou que fossem nella quasi todos os bésteiros, e espingardeiros, que seriam té sessenta, com alguma artilheria, fazendo fundamento que ao tempo da sahida em terra esta fusta assi provída lhe podia servir em lugar de baluarte, que defendessem a ribeira, por lhe não ser impedida sua embarcação em algum aperto, em que se podia ver. Ordenada esta ida, partio Jorge de Brito ante manhã; e sendo quasi a meio caminho, achou huma povoação de poucas casas ao sobpé de hum teso, que vinha beber na agua, a qual quebrava em huma rebanceira alta de barreiras, onde estava feito huma força de madeira ao modo de baluarte com alguns berços pera defender a passagem. Chegado Jorge de Brito já dia bem claro

a es-

a este lugar, deteve-se hum pouco esperando pola fusta de Gaspar Gallo que não vinha, por vir mais carregada que os bateis assi de gente, como artilheria; e sobre tudo ventava o terrenho da terra enfiado pela madre do rio, que lhe era ainda maior inconveniente. Estando assi quedos, pareceo aos do baluarte que sua detença era por temerem passar per diante delle, por ser tão perto, que lhe podiam chegar com os berços que tinham: e por dar mostra de si, e assombrar os nossos, fizeram alguns tiros. Vendo a gente que lhe tiravam, começou de se agastar, dizendo a Jorge de Brito, pera que era mais esperar, porque não sabiam em terra tomar aquelles tiros ante que os matassem alli sem fazer alguma cousa; e mais que pera passar por diante, de força os haviam de tomar. Importunado Jorge de Brito da gente, e vendo que não apparecia Gaspar Gallo, mandou a Lourenço Godinho com alguns bésteiros, e espingardeiros, que ficáram nos bateis, que rodeasse o teso que a terra fazia, por ser huma encuberta per onde podia vir gente, que lhe tomasse a embarcação, e lha segurasse. Dado este resguardo áquelle lugar de suspeita, foi elle commetter o outro, em que a tinham menos, onde acháram maior perigo; não tanto por culpa do lugar, quanto

to, da leviandade de hum dos que levava comsigo chamado João Serrão. Porque tendo já entrado o baluarte levemente, e lançado fóra os Mouros que estavam dentro, e tomados tres, ou quatro berços com que tiravam, estava Jorge de Brito determinado de se fazer alli forte té que viesse Gaspar Gallo, e Lourenço Godinho pera juntamente fazer seu caminho. E porque os Mouros da povoação, que estava ao sobpé do baluarte, e assi dos que fogíram delle, tiravam de baixo, este João Serrão, a que os outros chamam Pero de Gião, ou por lhe dar mais certo nome, homem que levava o aguião de Jorge de Brito na mão, e na cabeça os fumos do vinho, em que se entregára aquella madrugada, por lhe dar córagem ao commetter, desattentadamente lança a correr pelo teso abaixo, e não parou senão entre os Mouros, onde logo foi morto, e trás elle Aires Botelho, que o seguia. Ao correr dos quaes acudíram outros, e travou-se huma peleja de maneira, por verem perder o aguião de Jorge de Brito, que lhe conveio a elle sahir do baluarte com toda a outra gente. Na qual conjunção chegou ElRey que vinha com té oitocentos, ou mil homens, e seis elefantes armados a seu modo. E a primeira cousa de que se quiz ajudar dos nossos, foram

ram huns bufaros bravos, que naquelle lugar tinha encerrados; porque dando os nossos nelle, achassem alli aquellas féras, de que podiam receber damno, como recebêram, e assi dos elefantes que vieram trás elles. Hum dos quaes querendo-lhe Gaspar Fernandes pôr o ferro da lança, elle com a tromba o lançou tão alto, que quando cahio, por ir muito armado, embaçou, de maneira, que a mão tenente o matáram os Mouros. Jorge de Brito vendo o damno que lhe faziam estas féras, a grão pressa mandou per hum pagem seu chamar Lourenço Godinho, que acudisse com os bésteiros, e espingardeiros, e o desabafasse delles, porque com a gente bem se haveria; e espedido este recado, veio-se retrahendo contra o baluarte, onde esperava de se fazer forte. Porém era já tanto Mouro sobre elles com zarguncho, fréchas, e páos tostados de arremesso, que não havia couraça, ou adarga, que não passassem, com que derribáram alli alguns dos nossos. Por acudir aos quaes traspassáram com huma azagaia de arremesso as queixadas a elle Jorge de Brito; e vendo alguns dos Capitães que o acompanhavam naquelle estado, começáram de o obrigar a que se recolhessem, pois não vinha Lourenço Godinho, nem Gaspar Gallo. Ao que elle respondeo, co-

mo

mo cavalleiro que era, já mal pronunciando a palavra: *Pera que he vida sem honra? adiante, senhores, que nos taes trabalhos acode Deus.* Mas não tardou muito que sobre esta ferida veio hum daquelles páos tostados, que lhe atravessou as pernas, com que cahio, e dalli acabáram de o matar. E como aqui foi o maior conflito dos nossos, ficáram naquelle lugar mortos com Jorge de Brito Christovão Correa, Christovão Pinto, João Pereira, Francisco Godiz, e outros, em que entravam quatro, ou cinco musicos, que por ser cousa nova áquella jornada de Jorge de Brito, e elle ser dado a isso, folgou de os levar. Entre os quaes era hum chamado Gomes, moço da Capella d'ElRey D. Manuel, que não se podia bem determinar qual era o maior estremo delle, a voz, e a suavidade, e modo do seu cantar, ou os vicios a que era inclinado. Ouvindo Luiz Raposo, e Pero Veloso ambos criados d'ElRey, os quaes foram da creação de Jorge de Brito, como elle ficava entre os Mouros, começáram bradar: *Volta, volta, senhores, acudi ao vosso Capitão.* Mas todos estes seus brados não aproveitáram pera mais, que pera ambos se irem offerecer em sacrificio, por acudir áquelle de que tinham recebido creação, cuidando de o achar vivo. Finalmen-

te,

te, elles houveram de perecer alli todos, senão sobrevieram Lourenço Godinho, e Gaspar Gallo, que com os besteiros, e espingardeiros, que fizeram-praça, se puderam embarcar as reliquias, que ficavam de obra de cento e vinte homens, que eram com Jorge de Brito; porque os mais, que fazia o número de duzentos, com que elle partio das náos, andavam com estes dous Capitães; e naquelle barbaro, e estranho lugar ficáram mais de cincoenta homens fidalgos, e cavalleiros da mais nobre, e limpa gente, que hia naquella Armada, a fóra outros que foram no conto dos feridos, que falecêram depois. Recolhidos aos navios, não tiveram mais certo conselho, que fazer-se á véla ao longo da costa com fundamento de acharem Jorge d'Alboquerque em Pacem, onde sabiam que havia de ir com o Principe que levava. E sendo tanto avante como o porto de Pedir, achåram Rafael Catanho, e Christovão de Mendoça com os tres navios do seu descubrimento pera as Ilhas do Ouro. O qual quando vio aquella Armada assi desbaratada, e sem Capitão, quizera lançar mão della; peró como ainda alli hiam alguns homens Fidalgos; e de conta, o não consentíram, esperando que viesse Antonio de Brito irmão de Jorge de Brito, que (como dissemos) ficá-

ficára concertando o navio, com a vinda do qual cessou tudo. Porque entregando-se dos papeis que seu irmão levava, foi achada huma Provisão d'ElRey D. Manuel, em que havia por bem que elle succedesse naquella capitanía, falecendo seu irmão. O qual a primeira cousa em que entendeo, tanto que teve posse della, foi prover as capitanías, e officios em lugar dos que falecêram. De Capitão mór do mar, que elle havia de servir, proveo a Simão d'Abreu, e a Pero Botelho irmão de Lourenço Godinho, e a Francisco de Brito de Capitães de dous navios, e de Feitor a Ruy Gago, e de Almoxarife a Gaspar Rodrigues, e a outros de outras cousas, que vagáram por morte de outros. Partidos estes Capitães, foram a Pacem, onde achâram Jorge d'Alboquerque, que tinha já provído destes mesmos cargos a outras pessoas, e de Capitão em lugar de Jorge de Brito, a D. Sancho por ter Alvará d'ElRey D. Manuel, que todolos officios que vagassem em Malaca, e naquellas partes, em que elle tinha jurdição, havia por bem que os provesse té vir pessoa que elle mandasse que o servisse. E peró que houve razões de huma parte, e outra como se haviam de entender estas duas Provisões, a sua, e a de Antonio de Brito, todavia Antonio de Brito ficou com a

ſua capitanía. E porque tinha algumas couſas, de que ſe havia de aperceber em Malaca pera fazer ſua viagem, foi-ſe diante de Jorge d'Alboquerque, por elle ainda ter que prover naquella fortaleza de Pacem, o qual não tardou muitos dias que não foi trás elle. Porque como o acabamento da fortaleza havia miſter muito tempo, e Rafael Catanho, Rafael Pereſtrello, e Chriſtovão de Mendoça alli ſe haviam de prover, e carregar de pimenta, e de outras couſas pera fazerem ſuas viagens, e tambem o tempo não era da monção pera onde cada hum havia de ir, principalmente a de Chriſtovão de Mendoça, que era já paſſada, mandou a todos que ficaſſem alli em ajuda, e favor daquella fortaleza em quanto ella não eſtava em eſtado pera ſe poder defender. Finalmente, acabadas eſtas couſas, elle ſe partio pera Malaca, onde chegou a ſalvamento, e achou Antonio de Brito, e Garcia de Sá, que lhe entregou a capitanía. E verdadeiramente ſe eſtes Capitães não ficáram em favor daquella fortaleza de Pacem, ella não durára em pé muitos dias; e per ventura fora melhor naquelle tempo, que durar té outro, que a fez mais cuſtoſa, e com muito damno noſſo. Porque tanto que Jorge d'Alboquerque ſe partio, Melique Ladil hum Mouro, que di-

dizia pertencer-lhe aquelle Reyno de Pacem, per hum rio, que vem cortando dentro pelo sertão té se metter no que vem dar na Cidade, vinha com lancharas, (que são os navios de remo, que naquellas partes de Malaca se mais usa,) e dava muitos saltos nella, com que a gente recebia muita oppressão. E o que peior era, que lhe não leixava vir os mantimentos, que per aquelle rio abaixo sohiam vir, de que se ella mantinha; e não se contentando com este damno que fazia, por andar mui poderoso com treze lancharas, e cevado nos saltos que fazia a seu salvo, atreveo vir á nossa fortaleza dar rebates de noite, té lhe vir pôr fogo, e acolhia-se logo a hum estreito que tomava por acolheita. Os Capitães vendo esta sua ousadia, fizeram-se prestes, e foram trás elle; o qual depois que começou a sentir o seu ferro, largou as lancharas, mettendo-se pelo mato, com que ficou de todo desbaratado, trazendo os Capitães todalas lancharas pera serviço da fortaleza, a qual depois que foi posta em estado que bem se podia defender, Christovão de Mendoça, e Diniz Fernandes foram-se pera Malaca. E Pero Lourenço de Mello, que alli depois tambem veio ter, foi-se perder nas Ilhas que chamam de Andramú, a gente das quaes come carne humana, indo elle

le pera Bengala carregado de pimenta, que tomou alli em Pacem. E o mesmo risco de se perder correo Rafael Perestrello, indo tambem pera Bengala, onde chegou; e do que alli fez, ao diante daremos razão.

CAPITULO IV.

Como Jorge d'Alboquerque foi á Ilha de Bintam pera destruir a povoação que ElRey nella tinha, e o que lhe succedeo nesta ida, no fim da qual Antonio de Brito se partio pera Maluco.

JOrge d'Alboquerque tanto que foi entregue da fortaleza de Malaca, quiz logo entender nas cousas d'ElRey de Bintam, o qual (segundo lhe disseram) estava mui prospero na Ilha Bintam, e dalli mandava com suas lancharas correr a Malaca, e não leixava vir pelo estreito de Cingápura navio algum, com que tinha a Cidade posta em necessidade de todalas cousas. Ao que Garcia de Sá não podia acudir por estar mui desfalecido de gente; e alguma que tinha, não a queria aventurar, cá podia com isso pôr-se em estado que perdesse a fortaleza; tão pouca era a gente que nella havia. E posto este caso em conselho dos Capitães que alli estavam, vista a necessidade em que a Cidade estava posta, e quão poderoso ElRey

de

de Bintam se hiá fazendo com fazer arribar quantos juncos vinham per o estreito de Cingápura, por elle estar na garganta delle, e quanta, e boa gente então alli estava, assi da Armada de Antonio de Brito, como dos outros Capitães, que per ventura passariam muitos annos em que não houvesse outra tal conjunção, acordáram de o fazer polo muito que este negocio importava ao estado daquella Cidade. E porque Antonio de Brito, que havia de ir pera Maluco, não fosse, e tornasse outra vez a Malaca, ordenou elle com Jorge d'Alboquerque, que esta ida a Bintam fosse indo elle já de caminho, cá não faria mais que chegar a Bintam com elle, e dahi se despedir. Porquê chegára Antonio de Brito em conjunção a Malaca, que tanto importava a sua ida ser logo, como aquelle negocio de Bintam. A qual conjunção era haver pouco tempo que era partido de Malaca hum Mouro per nome Cachiláto, parente d'ElRey Boleife de Ternáte das Ilhas de Maluco, enviado per elle Rey ao Capitão de Malaca em hum junco, que pera isso armou, em companhia do qual (segundo elle contou) partíra tambem outro junco, em que vinha por Capitão Francisco Serrão, que Affonso d'Alboquerque, quando tomou aquella Cidade Malaca (segundo escrevemos) mandou com Antonio d'Abreu, e ha-

havia annos que lá eſtava. E por as couſas que diſſe a ElRey, e outras que depois ſuccedêram aſſi da noſſa, como da ſua parte, deſejava elle Boleife que ElRey D. Manuel mandaſſe lá fazer huma fortaleza. E quando vio que com cartas, que per vezes elle, e Franciſco Serrão tinham eſcrito aos Capitães de Malaca, e Governadores da India, per juncos que lá hiam carregar de cravo, não eram reſpondidos; determinou ElRey, como homem prudente que era, mandar o meſmo Franciſco Serrão em hum junco, e eſte Cachiláto ſeu parente em outro; porque acontecendo alguma fortuna a hum, que o outro podia vir a Malaca; e aſſi foi, (como ſe depois ſoube,) que o de Franciſco Serrão tornou arribar a Malaca. Ao qual Cachiláto Garcia de Sá fez muita honra, e deo muitas dadivas pera elle, e peſſoa d'ElRey; reſpondendo, que as cartas que lhe dera pera ElRey D. Manuel, e ſeu Governador da India, elle as enviára. E polo que elle Garcia de Sá ſentia d'ElRey, e do ſeu Governador, pelas cartas que lhe eſcreviam da maneira que elle Garcia de Sá ſe havia de haver com as couſas de Maluco, a elle lhe parecia que não tardaria muito mandarem hum Capitão pera fazer a fortaleza, que ElRey Boleife tanto deſejava. Sobre o qual negocio o anno paſſado era par-

partido pera lá hum Capitão per nome Dom Triſtão de Menezes, o qual ſe os tempos o não contrariáram, elle eſtaria já com ElRey Boleiſe, ou ſería de lá partido. Partido eſte Cachilato mui contente de Garcia de Sá, chegou o meſmo D. Triſtão, que lhe elle dizia, o qual vinha muito mais contente d'ElRey Boleiſe, e das couſas daquellas partes eſtarem poſtas no que ElRey D. Manuel quizeſſe ordenar daquelle Rey Boleiſe, e de todo ſeu eſtado. Peró eſte contentamento não o trazia elle de ſi, porque como era cavalleiro, e de muito primor nas couſas da honra por o que lá paſſou, que não foi por defeito de ſua peſſoa, mas deſaſtre, gerouſe-lhe huma poſtema (ſegundo dizem) deſta paixão, de que morreo de ſua chegada a Malaca a poucos dias; da viagem, e ſuccedimento do qual, por pertencer ás couſas de Maluco, daremos adiante razão. Com eſta preſſa que ElRey Boleiſe dava a que os noſſos lá foſſem, e couſas que Antonio de Brito, e os de ſua Armada ouviam das riquezas, e variedade daquellas tantas mil Ilhas, que havia naquelle Oriente, era tamanho o alvoroço nelles de ſe partir, por chegar aonde eram chamados, que o meſmo Antonio de Brito era o que mais apreſſava que foſſem ao feito de Bintam por fazer eſta ſua viagem. Do qual lugar de Bintam,

tam, que he huma Ilha, ferá neceffario darmos primeiro noticia do fitio della, e povoação que ElRey alli fez, e quanto importava fer totalmente deftruida. ElRey que foi de Malaca, (como temos efcrito) andou de huma a outra parte bufcando fitio de fua habitação o melhor, e mais feguro, e tambem proveitofo para nos fazer a guerra, como fazia. E deftruida a que fez em o Págo per Antonio Correa, não achou outro mais conveniente, que a Ilha Bintam, ainda que hum pouco longe de Malaca, porque diftava della per efpaço de quarenta leguas. Porque (como atrás he efcrito) a navegação de todo aquelle Oriente pera vir a Malaca he per dous canaes, a que chamamos eftreitos, que fe fazem entre a terra da cofta Malaca, e a Ilha Çamatra; hum corre ao longo defta Ilha, que fe chama de Sabam, e o outro ao longo da cofta de Malaca chamado de Cingápura, por razão da Cidade, que alli efteve antigamente, onde fe fazia o commercio de Malaca, como atrás efcrevemos. E o que faz eftes dous eftreitos em tanta largura, como ha da terra firme a Çamatra, que poderão fer vinte leguas, he metterem-fe no meio defte efpaço tantas ilhas, baixos, e reftingas, que não fe póde navegar per alli, e ficam ao longo deftas duas coftas que dizemos dous canaes, per onde

a for-

a força da agua entrou mais liberalmente, per os quaes ſe communicam, e navegam todalas mercadorias daquelle Oriente do mar da China, e do Ponente do mar da India. Per o canal chamado de Sabam navegam todalas que vam, e vem pera a Jaüa, Banda, Maluco, e a todas aquellas Ilhas a ellas adjacentes, que jazem da linha Equinocial pera o Sul; e pelo da banda de cima chamado de Cingápura navegam da linha contra o Norte, em que entram as Ilhas de Japam, Lequios, Luções, e outras mil Ilhas com todos os Reynos da coſta da China té a ponta de Ugentana; e eſte em partes he tão eſtreito, que vam as entenas das vélas roçando com o arvoredo da ſerra. Finalmente per eſtes dous canaes ſe navegam as partes Orientaes além de Malaca, na entrada de hum dos quaes, que he o de Cingápura, ElRey que foi della, por lhe tirar todo o commercio daquellas partes, ſe foi apouſentar junto em huma Ilha chamada Bintam, onde naquelle tempo era intitulado Rey. A qual Ilha da entrada deſte canal eſtará pouco mais de ſeis leguas, cuja fórma he como quando a Lua tem a terça parte cheia do Sol. E porque os Mouros naquella lingua Malaya chamam á figura da Lua, quando aſſi eſtá, Bintam, houve a Ilha eſte nome. O circuito della ſerá pouco mais de

trin-

trinta leguas ; e per meio daquella angra, ou enſeada que tem, corre hum rio de agua doce, per que a maré entra hum bom pedaço, por a Ilhá per as fraldas ſer baixa, e alagadiça, e no meio montuoſa, e per toda cheia de muito arvoredo. Cortada eſta Ilha em duas partes com eſte rio, ao modo de Malaca, em huma onde a terra era mais fragoſa per dentro, e alagadiça na entrada, alli junto ao rio que a cortava, fez huma povoação grande, onde ſe apouſentou. Atraveſſando o rio com huma ponte de mui groſſa, e forte madeira de páo, a que os noſſos chamam ferro, por ſer mui duravel, que per nome proprio he chamado Barbuſano, e no fim da ponte da outra banda deſpovoada hum baluarte do meſmo páo entulhado de terra de maneira, que ficava todo maciço, onde poz grande número de artilheria. E leixando a madre, per onde corria o rio, porque quando a maré era vazia ficava tudo huma vaſa deſcuberta, per que não ſe podia ſáhir em terra ſenão de maré cheia, toda aquella parte que ficava em vaſa, começando da ponte té a barra, onde o rio entrava no mar, que era hum grande eſpaço, de huma banda, e da outra mandou metter eſtacadas de madeira de nove ordens, que occupavam toda a vaſa deſcuberta. E na foz do rio mandou lançar

mui-

muita pedra solta, por a fazer mui estreita, e per elle acima metter outra estacada á força de maço, assi fortes, e compridos, que parecia nascerem alli. Os quaes hiam mettidos per tal ordem, que ficava a serventia da Cidade per hum canal tão estreito, e retorcido, que parecia huma cobra ferida, de maneira, que subir hum navio per elle té chegar á ponte com boa paz era com muito trabalho. Estava mais a Cidade cercada de madeira per dentro boa altura, toda em pannos á semelhança de dentes de cerra, que huns defendiam os outros com a artilheria nelles posta; pois querer ir á Cidade per outra parte era impossivel, por a Ilha em torno ser alagadiça, e tão cuberta de arvoredo, que per dentro não se andava senão per humas certas veredas. Finalmente, assi per sitio, como per arte aquella Cidade estava tão defensavel, que qualquer homem que a notasse bem, o faria duvidoso de se poder commetter, quanto mais entrar. Jorge d'Alboquerque peró que soubesse muita parte destas cousas per algumas pessoas que o informáram, não era assi particularmente como o caso requeria. Com tudo, porque a estacada que hia posta per meio da madre do rio havia de ser o maior impedimento pera chegar á ponte, mandou ante de sua partida tres navios mui bem arti-

tilhados, e provídos pera isso, que lhe fossem pouco, e pouco tirando aquellas estacas, pera que quando elle chegasse com toda a frota, achar o canal despejado, e ir logo avante com hum dos navios mais altos dos castellos a se igualar com a ponte. Dos quaes navios eram Capitães D. Rodrigo da Silva, João Fogaça, e Henrique Leme; e chegados á barra do rio, começáram sua obra, arrincando as estacas pequenas a gaviete com hum batel, e as maiores ao cabrestante do navio de Henrique Leme. Ao qual passáram muita parte da gente dos outros, por o muito trabalho que nelle havia de haver, e se revezarem a elle, ordenado logo com suas arrombadas, que tambem havia de fazer emparo ao batel. A qual obra lhe foi mais trabalhosa, e perigosa, do que lhe pareceo no princípio; porque como foram per dentro do canal, começáram receber muitas bombardadas de alguns lugares, onde os Mouros vieram pôr sua artilheria pera lhe impedir o que faziam, com que matáram dous, ou tres homens, e feríram muitos com as rachas do navio, que a artilheria quebrava. Havendo já seis dias que continuavam esta obra, assi de noite, como de dia, estando huma noite o navio amarrado a quatro estacas, por serem aguas vivas, foi tamanha a força da agua, quando

va-

vasava, que quebráram as estacas, e amarras. Com que o navio foi dar a través sobre huma fossa alcantilada, que quando a maré acabou de vasar, ficou enforcado, sem os nossos entenderem o perigo, em que estavam, senão quando sentíram outro maior já no quarto da alva, que eram muitas lancharas, que demandam pouca agua, que começáram querer entrar. E quando se víram cercados, e o navio posto de maneira que não se podiam ter em pé, sem estar apegados, e elles neste tempo haviam mister quatro mãos, houve alli alguns que commettêram querer-se recolher ao batel, que tinham a hum costado do navio. Porém como o perigo era commum, em que se tratava da vida de todos, e não se podiam recolher sem leixarem a artilheria, e a honra com ella, e ainda o não podiam fazer a seu salvo, por quão rodeados estavam dos Mouros, não acháram melhor remedio, que subir-se aos castellos da popa delle, donde como de baluarte começáram defender que não entrassem os Mouros dentro; té que em amanhecendo víram os outros navios seu perigo, e acudíram-lhe, recolhendo a gente, e artilheria sem os imigos ousarem de os commetter, porque acertou a esta hora de apparecer Jorge d'Alboquerque, que subia pera cima da barra, onde tomára o pouso,

com

com temor do qual se recolhêram. Na qual frota vinham estes Capitães, Jorge d'Alboquerque, D. Sancho, e D. Garcia Henriques seus cunhados, e Jeronymo d'Alboquerque seu filho, D. Affonso de Menezes, Garcia de Sá, D. Estevão de Castro, Manuel Pacheco, Henrique de Figueiredo, Jorge Botelho. E das outras era Antonio de Brito, e os que hiam com elle pera Maluco, cujos nomes já dissemos. Em que haveria com a gente que já alli estava dos tres navios té seiscentos homens, muita parte dos quaes eram Fidalgos cavalleiros, e criados d'ElRey com outra gente limpa. Visto o lugar, e a difficuldade de sua entrada, e o damno que os primeiros navios tinham recebido, e quão pouco era feito no tirar das estacas, pera o que se ainda havia de fazer com parecer dos Capitães; assentou Jorge d'Alboquerque mudar o proposito que trazia á cerca de commetter aquelle feito, que era ir com os navios acima té abarbar na ponte, pois o sitio, e difficuldades do lugar não dava de si tanta esperança, quanta Manuel Pacheco lhe deo, e per cuja informação commettêra aquelle negocio do modo que vinha. Todavia, porque elle Manuel Pacheco dizia que andára já per alli em outro tempo de armada, e sabia as entradas daquelle lugar, acceitou Jorge d'Alboquerque

que

que levallo por guia per entre hum arvoredo de mangues, que nasciam na vasa, e dahi haviam de ir sahir diante da fortaleza. E per outra parte em bateis iriam demandar abaixo hum pouco do baluarte pera commetter este combate per dous lugares: a dianteira de hum dos quaes Jorge d'Alboquerque deo a Antonio de Brito, que era o da parte da Cidade, e o da ponte a Garcia de Sá, e elle iria com o corpo da outra gente pera acudir onde mais necessario fosse. Posta em obra esta sahida, foi ella tál, principalmente per onde guiou Manuel Pacheco, por tudo ser vasa, que dava pela coixa aos homens; que quando chegáram a hum canto da fortaleza per onde quizeram entrar, tanto damno lhe fazia a vasa, que levavam em si pera commetter, como pera se resguardar da artilheria, porque andavam tão pegados, que não se podiam revolver. Com tudo depois que os homens começáram de se esquentar em furia, houve alguns que começáram a trepar pela tranqueira acima; mas foram logo derribados, porque tudo eram pelouros de artilheria, espingardas, settas, zargunchos, e de tudo tanto, que o ar andava coalhado destas cousas. Com as quaes logo alli ficáram mortos quinze homens, de que os principaes eram D. Estevão de Castro, Fernão da Gama, e Jorge de Mello

tambem ficou de maneira, que dahi a poucos dias morreo; e feridos D. Rodrigo da Silva, Henrique Leme, Jorge Botelho, e outros muitos. Garcia de Sá na outra parte do baluarte onde chegou, tambem foi recebido com outra tal nuvem de tiros; e aperfiou tanto por ſubir ao baluarte per cima dos páos, que querendo-ſe ajudar de dous homens ſeus, que o tomaſſem ás coſtas, houve duas lançadas, huma no roſto pequena, e outra per huma perna, que o derribou abaixo, e aſſi foram feridos outros, que o ſeguiam. Finalmente em toda parte tinham os noſſos tanto que fazer, ſem terem algum artificio de eſcadas, machados, ou outra couſa, de que ſe pudeſſem ajudar, que vendo Jorge d'Alboquerque quanto damno recebia, e quão pouco podia fazer á mingua deſtas couſas, ſe recolheo com parecer dos outros Capitães. E em dous dias que eſtiveram no porto, tiveram conſelho, no qual ſe aſſentou tornarem-ſe pera Malaca, viſto quanto mais lhe alli ſervia o artificio de eſcadas, machados, e de outras couſas deſta qualidade, que o ſeu animo. Porque eſte como era de peſſoas nobres, que deſejavam honra, matavam nelles como em homens decepados, ſem poder chegar aos imigos, por eſtarem debaixo, e elles em cima. E eſperarem alli té que foſſem a Malaca buſcar

al-

algumas destas cousas, era dar mais animo aos Mouros deterem-se tantos dias sem os commetter; e mais convinha que Antonio de Brito se partisse fazer sua viagem, que começava tardar por razão da monção, e tambem por causa das novas, que achou em Malaca. Assi que havendo respeito a estas cousas, Jorge d'Alboquerque se tornou, não com tanta vitoria como a de Pacem; no commetter da qual esperando tambem por escadas, e machados pera cortar aquella tranqueira, que era os muros que lhe defendiam aquella entrada, pelo caso que contámos, Deos o chamou pera lhe dar aquella vitoria. E quanto pela parte do seu animo, onde quer que se elle achára, a houvera de levar, porque elle era muito cavalleiro; e peró como virtuoso, e confiado no que lhe os homens diziam, não era muito previsto nas cautelas, e casos da guerra. E daqui procedeo não levar este feito avante, porque fiou-se no que lhe Manuel da Gama disse de quão facil era a entrada do rio, e assi a defensão da madeira da fortaleza, e baluarte, que sem escadas podia hum homem subir per ella. E posto que nosso officio não seja condemnar, ou assolver estes feitos, apontamos as cousas delles pera doutrina das que estam por vir, por este ser o fructo da historia, em os negocios presentes sempre os applicar

aos casos passados daquelle genero, de que ella faz menção. Chegado Jorge d'Alboquerque ao Cabo de Cingápura, pera dalli espedir Antonio de Brito, vinha Jorge de Mello tal das suas feridas, que alli ficou sepultado; e Antonio de Brito proveo da capitanía do seu navio a Antonio de Mello seu irmão, e assi proveo outras pessoas de cargos per morte de alguns homens, que morrêram naquelle commettimento. E leixando Jorge d'Alboquerque, que dalli se foi pera Malaca, onde chegou a salvamento, continuaremos com Antonio de Brito, que fez sua viagem caminho das Ilhas de Maluco, dando primeiro neste seguinte Capitulo huma geral noticia dellas pera entendimento da historia.

CAPITULO V.

Em que se descrevem as Ilhas chamadas Maluco, e se dá noticia de algumas cousas dellas.

TOda aquella parte do Oriente, que jaz além da Ilha per nós chamada Çamatra, e dos antigos Geografos Aurea Chersoneso, não foi sabida per elles. E peró que assi seja, e Ptolomeu o confesse na descripção de suas Táboas, todavia elle faz a todo aquelle Oriente huma testa de terra contínua, e vem

e vem descendo com ella té nove gráos da parte do Sul. Com a qual testa se aparta da Ilha Çamatra contra o Oriente per espaço de dous gráos e meio, em que cerra, e acaba o número dos cento e oitenta gráos da quarta parte do mundo pouco mais, que em seu tempo era sabido; e naquelle canto onde fecha esta longura, e largura, sitúa huma Cidade chamada Caltigara, que parece mais pera o termo desta sua computação, como ponto celeste imaginado, que por ser assi. E ainda pera mais testemunhar este ponto por verdadeiro, per toda esta testa vai situando outras Cidades, e deliniando rios, nomeando enseadas, e promontorios, como se alli houvera alguma cousa destas. Parece que assi desta parte, como de outras muitas, por o mundo naquelle tempo não ser mui cursado, e navegavel, elle foi mal informado, com que cahio nos erros, que suas Taboas tem, como nós ao presente, tendo tanto navegado, e descuberto, tambem per bocas alheas vimos a cahir em outros taes. Porém quanto a este, sabemos per nossas navegações ser mar, e terra retalhada em muitas mil Ilhas, que juntamente elle, e ellas contém em si grande parte da redondeza da terra, do que ante de nossos tempos era sabida; e no meio deste grande número de Ilhas estam as chamadas Maluco, de que

queremos dar noticia por causa da nossa historia. Por isso leixando a divisão geral deste Oriente repartido em duas partes, Boreal, e Austral por causa da linha Equinocial, rematando tudo no meridiano lançado entre Portugal, e Castella por razão de suas conquistas, (como fazemos em a nossa Geografia,) quanto a estas Ilhas do Maluco, o seu sitio he de baixo da linha Equinocial. Per o qual parallelo distam contra o Oriente da nossa Cidade Malaca pola navegação dos nossos, espaço de trezentas leguas pouco mais, ou menos; e não per situação Geografica de eclipses, e outras observações de conjunção, e opposição d'outros Planetas com o Sol, e com a Lua, que pera verificação das nossas Taboas temos sabido. Estas cinco Ilhas jazem huma ante outra pelo rumo de Norte Sul ao longo de outra Ilha grande: o comprimento da qual per este mesmo rumo será té sessenta leguas, e isto pela costa desta grande Ilha, que está da parte do Ponente, a qual elles chamam Batochina do Moro. E de quão direita ella corre com esta face do Ponente, tão curva, e escachada he do Levante, lançando tres braços, hum na cabeça, que tem contra o Norte, o qual corre ao Nordeste, e dous no meio que correm direito a Oriente, e isto segundo a pintam nas Cartas de navegar, com a qual figura

quer

quer parecer hum troço de páo liso per huma face, e tres esgalhos pela outra. As outras cinco chamadas Maluco, que jazem ao longo desta, todas estam huma á vista da outra per distancia de vinte e cinco leguas. E não dizemos serem cinco porque naquelle contorno da Batochina, e entre ellas não ha já hi outras, nem menos lhe chamamos Maluco, por não terem outro nome; mas dizemos serem cinco, porque naturalmente nestas ha o cravo, e em tres ha Rey proprio de cada huma. E tambem juntamente todas se chamam Maluco, como cá dizemos entre nós, Canarias, Terceiras, Cabo-verde, havendo de baixo deste nome muitas Ilhas, que tem o seu proprio. E o de cada huma destas começando da parte do Norte vindo pera o Sul, o da primeira he Ternate, que se aparta meio gráo da linha Equinocial, e a segunda se chama Tidore, e as seguintes Moutel, Maquiem, e Bacham. As quaes antigamente per nome do Gentio natural da terra se chamavam Gape, Duco, Moutil, Mara, Seque. Todas são mui pequenas, porque a maior não passa de seis leguas em roda: a figura dellas ao longe quer parecer hum curucheo redondo, e pelas fraldas ha alguma terra chã. E porém todo o seu maritimo he de muitos recifes de pedra, em que as náos que alli estam surtas com qual-

qualquer vento travessão correm muito risco senão estam á de dentro de algumas calhetas, com que o mar quebra no recife, e não em o costado dellas. A terra destas Ilhas em si he mal assombrada, e pouco graciosa; porque como o Sol sempre anda mui vizinho, ora passe ao Solsticio Boreal, ora ao Austral, com a humidade da terra cobre-a de tanto arvoredo, plantas, e hervas, que isto faz aquella terra carregada no ar, e vista della com as exhalações dos vapores terrestes, que sempre andam per cima dellas, que faz nunca as arvores estarem sem folha. Porque ainda que mudem huma, já per outra parte está com outra nova, e outro tanto he nas hervas; e com tudo cada cousa vem com sua novidade a hum certo tempo cada anno. Sómente as arvores que dam o cravo respondem com novidade de dous em dous annos, porque no apanhar quebram-lhe o novo, onde ella lança os cachos delle á maneira de madre silva, como vemos que a oliveira, se he muito açoutada da vara, dahi a dous annos não responde com novidade porque ha mister aquelle tempo pera crear rama nova, em que dê azeitona. Geralmente per a fralda destas Ilhas a terra he sadia, e isto a que he alta; a que tem este maritimo alagadiço, como a Ilha Bacham, he doentia.

tia. A terra de todas pela maior parte he preta, grossa, fossa, e tão sequiosa, e porosa em si, que por muito que choiva, logo lhe bebida toda aquella agua; e se algum rio tem que venha do alto das serranias, primeiro que chegue ao mar, a terra o bebe todo. E assi dispoz a Natureza suas sementes, que sendo a Batochina maior que estas cinco juntas, e todas dentro em hum pequeno espaço de mar, nesta grande não ha cravo, e tudo o que tem he mantimentos, e nas cinco cravo sem elles. Finalmente veio a Natureza a particularizar tanto a disposição de sua especifica virtude, que té barro pera louça deo sómente em huma que jaz entre Tidore, e Moutel, chamada Pullo Caballe, que quer dizer Ilha das panellas, polas que se alli fazem do barro que tem, cá entre elles, Pullo significa Ilha, e Caballe panella. E não sómente nas cousas naturaes, mais ainda nas artificiaes assi estam repartidas na inclinação, e uso dos homens pera huns pola necessidade dellas se communicarem com os outros, que na Ilha Batochina em hum lugar chamado Geilolo se fazem os saccos, em que se enfardella todo o cravo, que dam todas as cinco pera se carregar pera fóra, quando o não querem trazer a granel em suas peitacas, como elles costumam. Algumas destas Ilhas lan-

lançam fogo no cume de ſua maior altura, aſſi como a Batochina do Moro, e a Batochina de Muar, e outras a eſtas vizinhas. E o mais notavel aos noſſos he o da Ilha Ternate, de que ſómente daremos noticia pola que houvemos de Antonio Galvão; o qual ſendo Capitão deſtas Ilhas o anno de quinhentos e trinta e oito, reſidindo neſta Ilha Ternate em a fortaleza S. João que hi temos, quiz ir ver aquelle myſterio da Natureza, porque daquella fortaleza viam no cume da Ilha vaporar fogo, ao modo que vemos hum forno de cal quando começa cozer, ſem luz alguma de dia; e de noite era couſa eſpantoſa ver as cores, e faiſcas do fogo, e reſcaldo que lançava em torno; cubrindo muita parte do arvoredo, da maneira que ſe elle cobre quando neſtas noſſas regiões neva. Peró iſto não he em todo o anno, ſómente nos mezes de Setembro, e Abril quando o Sol ſe muda de huma parte a outra, que paſſa a linha Equinocial, que córta meio grão deſta Ilha: cá então ventam huns ventos, que accendem aquelle natural fogo na materia que lhe dá nutrimento per tantas centenas de annos. Subido Antonio Galvão áquella altura, onde viam eſte fogo, achou toda a coroa daquelle monte eſcaldada, e a terra delle foſſa, não feita em cinza, mas ligada huma á outra,

tra, e leve. E per toda aquella coroa havia huns redemoinhos á maneira que vemos fazer a agua, quando estando estanque lhe lançam huma pedra, que vai fazendo aquelles circos; e porém os que estavam feitos nesta terra eram profundos em modo de algar, a que podiam descer per aquelles degráos circulados, que a terra fazia. Contou mais Antonio Galvão, que do meio do monte pera baixo tudo eram grandes arvoredos, e a terra assi fragosa, e cuberta delle, que em muitos passos elle, e os de sua companhia subiam per cordas: e de entre esta fraga corriam ribeiros que vinham regar o chão della, como que o fogo que andava no centro daquelle monte fazia estillar, e suar aquellas aguas. E se Plinio, quando quiz ver o outro tal fogo do monte Vesuvio em Italia, buscára outra tal conjunção, como Antonio Galvão buscou, não ficára elle lá pera sempre, como ficou, segundo dizem. O cravo que per todo o Mundo corre, nasce nestas cinco Ilhas que dissemos, e não se acha notavelmente em outras; e as arvores que o dam, como cousa de menos uso das gentes, veio Deos, universal distribuidor do creado, encerrar nestas cinco ilhetas; e a massa, e noz em outra chamada Banda, que tambem he senhorio destas, da qual adiante faremos relação. Geralmente ainda

que

que tem algum milho, e arroz, toda a gente destas Ilhas de Maluco comem de hum mantimento, a que chamam Sagum, que he o miolo de huma arvore á semelhança da palmeira, senão que a folha he mais branda, e massia, e o verdor seu he hum pouco escuro, cujo toro tem altura de vinte palmos, e no cima lança huns cachos como palmeira de tamaras, e nellas nasce hum fruito como maçans de arcipreste, dentro dos quaes estam huns pós, que se tocam em carne escaldam. Quando este ramo he tenro, pódam hum pedaço delle, e mettem-no em hum vaso de boca pequena; e per espaço de huma noite estilla tanta quantidade do seu licor, que fica o vaso cheio, cuja côr he de leite anaçado, ao qual licor elles chamam Tuáca; e bebido em fresco, segundo dizem os nossos que usam delle, he sadio, e engorda muito, e o sabor he doce, e gostoso. E per modo de cozimento, segundo nós usamos do mosto das uvas, fazem deste licor vinho, e vinagre; e depois que a arvore he já bem sangrada, com estas pódas he velha, em tempo que tem grosso tronco, a decepam rente com o chão. Do qual tronco feito em achas, com huns sachos de páo cavam huma massa branca, e tenra, que he o miolo da arvore, a qual jaz entre os nervos que a sostem. E toma-
da

da aquella maſſa, a diluem na agua á maneira de polme, porque ſe aparte bem dos nervos; e depois que faz pé em baixo, e os nervos vem acima, apartam elles, e eſcoam a agua clara, e a maſſa fica apartada, e limpa. Eſta, tomada aſſi em polme groſſa, he lançada em humas formas quadradas de barro quente, onde ſe coze, o qual mantimento em freſco tem mui bom ſabor; e pera levar ſobre mar em viagem comprida, dizem alguns dos noſſos que delle uſáram, ſer melhor que o noſſo biſcoito. E quando querem fazer depoſito deſta farinha, he primeiro muito enxuta, e depois mettida em vaſilhas que lhes não entre a humidade por não arder; e ao tempo do comer, geralmente aſſi como cozem outra vianda, aſſi fazem quente eſte pão. E porque o hão por bom mantimento, ainda que na Ilha de Moro ſua vizinha haja arroz, e cuſte mais barato que o Sagum, ante querem eſte, porque o acham de melhor digeſtão, e mais ſaboroſo. Tem outras duas eſpecies de arvores, huma chamada Nipa, e outra... ambas lhes dam pão, e vinho, e vinagre como o Sagum; e porém entre ellas he mais eſtimado o pão deſta, que das outras. Finalmente deſtas tres arvores ao modo de palmeira, (como atrás eſcrevemos,) della tem uſo pera comer, beber,

veſ-

vestir, cubrir casas, e outros muitos usos. Tem mais outro licor que se estilla de humas canas grossas pera beber, muito mais suave, e estimado que os outros, e por isso sómente as pessoas nobres, que soffrem o custo das cousas de muito preço, usam delle, o qual licor se cria dentro de huns canudos de huma cana grossa, que terão de comprido de nó a nó cinco palmos. Além destes fruitos, e licores tem outras mui varias cousas, assi de sementes, pannos, e fruitas que lhes servem de mantimentos, que he mui estranho a nós os que vivemos em Europa; e peró que não temos cá uso delle, quando nos vemos naquellas partes algum se come com mais gosto que o natural com que nos creamos. E posto que na terra haja animaes que servem de mantimento, assi como porcos, carneiros, cabras, e outras sortes de animaes montezes, e aves caseiras, e bravas, geralmente mais usam aquelles póvos do pescado, que da carne. Do qual pescado elles tem grão abastança, assi do que se pesca nesta nossa costa de Hespanha, como de outro genero a nós mui estranho. Metal algum não se acha naquellas Ilhas, peró que alguns querem dizer que ha ouro; mas os nossos nunca o víram, sendo a cousa porque o geral dos homens mais trabalha. Os póvos destas Ilhas

he

he de côr baça, e cabello corredio, de corpo robusto, e fortes membros, carregados em sua acatadura, muito dados a guerra, e pera todo outro exercicio mui preguiçosos; e se alguma industria ha, assi no modo de agricultar o mantimento de que vivem, e trato de vender, e comprar, este trabalho he das mulheres: envelhecem cedo em cans, e vivem muito: são mui ligeiros na terra, e muito mais no mar, porque em nadar são peixes, e em pelejar aves, em toda parte gente maliciosa, mentirosa, e desagradecida, e abil pera aprender qualquer cousa; e sendo pobres em fazenda, he tanta a sua soberba, e presumpção, que se não abatem per necessidade alguma, nem sogeitam senão per ferro que os escala, e sangra na vida. Finalmente aquellas Ilhas, segundo dizem os nossos, são hum viveiro de todo mal, e não tem outro bem senão cravo; e por ser cousa que Deos creou, lhe podemos chamar boa; mas quanto a ser materia do que os nossos por elle tem passado, he hum pomo de toda discordia. E por elle se podem dizer mais pragas, que sobre o ouro; e se fora em tempo dos Poetas Gregos, ou Latinos, elles tiveram mais que dizer, e fabular dellas, que das Ilhas Gorgondas. E duas cousas dam argumento pera se poder affirmar, que os ha-

bi-

bitadores destas são de mui varias, e diversas nações: a primeira, a inconstancia, odio, suspeitas, e pouca fé que entre si tem, como gente que sempre se vigia entre si huma da outra; e a segunda, a grande variedade de suas linguagens, cá não lhe chega o vasconço de Biscaya, de maneira, que hum lugar se não entende com outro, e como são varias, assi he o tom, e modo diverso; porque huns fórmam a palavra no papo, outros na ponta da lingua, outros entre os dentes, outros no paldar; e o cantar, pelo qual ainda que se não entenda a palavra, basta para pelo tom delle ser conhecido. E se tem alguma lingua commum per que se possam entender, he a Malaya de Malaca, a que a gente nobre se deo de pouco tempo pera cá, que he depois que os Mouros foram a ellas por causa do cravo. E ante delles não havia conta do anno, pezo, ou medida, e viviam sem conhecente de hum só Deos, ou noticia de alguma certa religião: sómente tomavam, alguns delles pera sua adoração o Sol, Lua, e Estrellas, per que Deos quiz chamar o entendimento de todo racional a olhar pera cima estas primeiras noticias, e sinaes. E outros adoravam qualquer cousa da terra, como ainda hoje tem os que habitam o sertão, que o maritimo já está em poder
de

de Mouros intitulados em Reys, como veremos. Da antiguidade da povoação daquellas Ilhas, como he gente bestial sem letras, e das cousas passadas não tem mais noticia, que trazerem algumas em cantares á maneira de rimances, que nós usamos, por memoria de algum feito, entre elles não ha cousa certa; e porém todos confessam serem estrangeiros, e não proprios indigenas, e naturaes da terra. E ante que entre elles houvesse Senhor, ou Rey, que os governasse, viviam de baixo dos mais velhos, repartidos em parentelas. Depois dizem que aportáram alli juncos destas tres nações, Chijs, Malayos, ou Jáos, e mais se affirmam em Chijs, que em outros, porque ainda agora fica a sua noticia em o nome que tem a grande Ilha chamada Batechina do Moro. Ao longo da costa da qual estam estoutras, porque ácerca dos seus moradores geralmente Báte quer dizer Terra, e composto com China, chama-se a Terra da China, e dam-lhe por denotação Moro, nome proprio da terra, á differença de outra chamada Batechina de Muar. E té á vinda destes não houve noticia do cravo pera se aproveitarem delle em mais, que quando estavam doentes pôr em o seu pó pela testa, e rosto, ao modo que fazem os Negros de Guiné de Malagueta: e desta entrada

dos Chijs, que foram monarcas daquelle Oriente, começou haver noticia do cravo, e entrou nelles a cubiça de o possuir, vendo que por elle lhe davam cousas pera suas necessidades. E principalmente huma moeda de cobre do tamanho dos nossos ceitijs, sem figura, ou caracter algum, sómente hum buraco no meio per que enfiam número de mil em cada fio; á qual moeda elles chamam caixas, de que mil e duzentas fazem ora em nossos tempos hum cruzado em valia, e esta he a moeda que corre per todo aquelle Oriente de Malaca por diante. E posto que os naturaes daquellas Ilhas com seu juizo, e memoria não tornem tanto atrás em tempo, que dem noticia de outra maior antiguidade; parece que estas Ilhas pequenas, que jazem ao longo da Batochina, foram a maior parte dellas, ao menos o baixo, e não o alto della, cuberto do mar. Porque segundo os nossos dizem, cavando a superficie daquella terra preta, e fossa que tem, onde todalas arvores lançam suas raizes á frol della, logo acham arêa, e muito cascalho do mar: donde parece que o tempo foi tomando aquella posse ao mar, e a deo á terra pera creação do fruito, que em si contém. Depois que estes Chijs (como dissemos) começáram continuar a navegação destas Ilhas, e gos-

e gostáram deste seu cravo, e da noz, e massa de Banda, á fama deste commercio acudíram tambem os Jáos, e cessáram os Chijs. E segundo parece, foi per razão da lei, que os Reys da China puzeram em todo seu Reyno, que nenhum natural seu navegasse fóra delle, por importar mais a perda da gente, e cousas que sahiam delle, que quanto lhe vinha de fóra, como já atrás escrevemos fallando das cousas da China, e conquista que tiveram na India por razão das especiarias. Ficando o commercio daquelle Oriente per hum curso de tempo em os Jáos, como senhores da sua navegação, segundo tambem escrevemos fallando da Ilha Çamatra; veio-se fundar a Cidade Cingápura, e depois a Cidade Malaca, com a navegação do seu estreito, com que os Malayos tambem começáram a ter estado, e posse pera navegar aquelle grande número de Ilhas. Finalmente ao tempo que nós entrámos na India estas duas nações, Jáos, e Malayos navegavam toda a especiaria, e cousas Orientaes, trazendo todo aquelle illustre emporio, e lugar de feira, que he Malaca; tomada a qual, ficou em nosso poder. E porém já neste tempo havia nas Ilhas de Maluco muita gente convertida á secta de Mahamed; porque como pela navegação, que os Parseos, e

Arabios tiveram na Ilha Çamatra, e Malaca, trouxeram o natural Gentio á sua seita, assi os Jáos, e Malayos já convertidos, navegando ás Ilhas de Maluco, e Banda, convertêram as povoações maritimas com que tinham commercio. E de quatorze Reys que havia em as de Maluco, de que logo fallaremos, o primeiro que se fez Mouro foi o de Ternáte, per nome Tidore Vongue, pai d'ElRey Boleife, o nosso amigo, que agazalhou Francisco Serrão. E segundo a conta que elles dam, ao tempo que os nossos descubríram aquellas Ilhas, haveria pouco mais de oitenta annos, que nellas tinha entrada esta peste; e ainda quando Antonio de Brito (como veremos) chegou a Ternate, como em cabeça daquellas Ilhas, estava hum Caciz, que lhe deo esta infernal doutrina. E he tanta a divindade, que o estado real quiz em toda parte do Mundo attribuir a si mesmo, que té nestas Ilhas Maluco, entre gente bestial, buscou fabulas de sua genitura, e principio por mostrar aos subditos, que não vem de tão vil compostura como os outros homens, na qual fabula a gente tem tanta fé, que ainda hoje ha lugares desta religião dos seus primeiros Reys. E fabulam per esta maneira: que no tempo que se governavam aquellas Ilhas per os mais velhos, hum destes prin-

principal per nome Bicocigará, que vivia na Ilha Bacham, andando hum dia em hum barco ao longo da terra, vio entre huns penedos huma grande mouta de rotas, que são humas canas mociças chamadas rotas, que quando são delgadas, fazem dellas cordas, e pera atar qualquer cousa servem-se muito dellas. Bicocigará parecendo-lhe bem estas canas, do batel donde estava mandou aos seus familiares, que as fossem cortar, e trouxessem ao batel. Peró elles chegados ao lugar dellas, tornáram-se, dizendo, que a vista o enganára, porque não havia alli taes canas. O qual como do batel em que estava as visse, quasi em modo de persia com elles sahio em terra; e chegando a ellas, que as vio, com grande indignação dos servidores que apersiavam lhas mandou cortar. Fazendo a qual obra começou a correr sangue da cortadura delles, e víram jazer entre as raizes quatro ovos, que pareciam de cobra: e juntamente ouvio huma voz que lhe disse, que tomasse aquelles ovos, porque delles haviam de nascer os principaes que os haviam de governar. Tomando estes ovos com grande admiração, e religião, os levou pera casa, e guardou em lugar seguro, e fechado. Dos quaes dahi a pouco tempo disse que nascêram quatro pessoas, tres de homens, e huma de mulher;

lher: os homens foram havidos por Reys com grande religião da gente, hum reinou na mesma Ilha Bacham, outro na de Butam, e outro nas Ilhas chamadas Papuas, que estam ao Oriente de Maluco. A mulher casou com o senhor de Lolóda, lugar na Batochina do Moro junto da grão Boconóra: destes dizem elles que procedêram os seus Reys. E está entre elles tão arringada esta opinião, que hoje tem os penedos, onde foram achados os ovos, por cousa sagrada, e o Bicocigará por homem santo. Peró a verdade, segundo parece per outras cousas que elles contam deste Bicocigará, he que elle era homem prudente, e buscou este artificio pera leixar quatro filhos que tinha tão honrados como leixou. E quando os nossos lá foram, que foi em vida de Boleife, tinham reinado naquella Ilha Ternate treze Reys, e o primeiro que se fez Mouro foi o pai deste Boleife, ao qual chamáram Cachil, Tidore, Vongue, porque os mais delles se nomeam per tres nomes, ao modo nosso, pronome, nome, e cognome. E dizem que a causa de se fazer Mouro foi huma mulher nobre da Jaüa, com que casou, que era Moura; e ao tempo que Antonio de Brito lá chegou, reinava hum menino de idade de sete annos per nome Cachil Bohaát filho d'ElRey Boleife

leife, o qual Boleife se tinha mostrado tanto nosso amigo, e de sua amizade procedêram taes cousas, que obrigou a ElRey D. Manuel mandar Jorge de Brito fazer lá huma fortaléza; das quaes cousas, e causas nos seguintes Capitulos queremos dar razão.

CAPITULO VI.

Das cousas que succedêram a Antonio d'Abreu, e Francisco Serrão, que Affonso d'Alboquerque na tomada de Malaca mandou descubrir as Ilhas de Maluco, e Banda: e o que succedeo em todo aquelle tempo té a partida de Antonio de Brito, que hia fazer huma fortaleza por causa das razões precedentes, que eram requerimentos delRey de Ternáte, que he a principal dellas.

AFfonso d'Alboquerque tomada a Cidade Malaca no anno de onze, (segundo atrás escrevemos,) como elle era huma feira do Oriente, e Ponente, onde concorriam as mercadorias daquellas Provincias, e tantas mil Ilhas, e a ella vinham todalas nações por razão deste commercio, porque não tivessem algum receio, sabendo que estava em nosso poder, determinou pelo muito que importava á conservação della, mandar per aquellas partes Orientaes notificar,

quo

que todos viessem sem receio algum: cá lhes sería guardada sua justiça, e feito todo favor em seus negocios. Sobre a qual cousa pera a mais favorecer, mandou Antonio de Miranda d'Azevedo a Sião, a Pegú Ruy d'Acunha, e á Jaüa, e a Maluco Antonio d'Abreu, indo diante delle hum Mouro natural de Malaca per nome Nehodá Ismael com hum junco de mercadoria de alguns Mouros Jáos, e Malayos, que tratavam nestas partes, pera que quando Antonio d'Abreu chegasse áquelles portos, que fosse bem recebido: cá segundo o nosso nome era espantoso entre aquelles póvos, não sería muito ser elle mal recebido. E a voz da ida deste Nehóda era ir buscar cravo a Maluco, e noz a Banda; e que como de seu denunciasse quão pacifica ficava Malaca, e quanto favor o Capitão mór mandava fazer a todo mercador estrangeiro, sem lhe serem feitas as tyrannias de que usava ElRey de Malaca. Partido este Antonio d'Abreu com os tres navios que dissemos, fez sua viagem caminho da Jaüa, levando além de Pilotos Portuguezes, alguns Malayos, e Jáos, que andavam naquella navegação. E o primeiro porto que tomou foi da Cidade Agacim, que he na Jaüa, e dahi foi ter á Ilha de Amboino, que he já do senhorio de Maluco, que será della obra de sessenta leguas: e assi

e assi aqui, como nos outros portos que tomou, em todos poz seus padrões ordinarios, pela maneira que os nossos Capitães tiveram no primeiro descubrimento que faziam. E seguindo seu caminho, com tempo que tiveram, se perdeo o navio de Francisco Serrão; mas aprouve a Deos que se salvou toda a gente, a qual Antonio d'Abreu recolheo, e dahi foram ter á Ilha de Banda, que he do senhorio de Maluco. E bem como neste nome Maluco se comprendem as cinco Ilhas, cada huma das quaes tem proprio nome, assi neste nome Banda se contém outras cinco Ilhas juntas. Verdade he que a principal dellas se chama Banda, onde todalas outras acodem a hum lugar chamado Lutatam, por a elle concorrerem todolos navios, que vam ao commercio da noz; e as outras se chamam Rosolanguim, Ay, Rom, e Neira, e todas estam em altura de quatro gráos e meio da parte do Sul, e a Lutatam hiam cada anno os póvos Jáos, e Malayos carregar de cravo, noz, e massa. Porque como estava em paragem que se podia melhor navegar, e lhe era mais segura, e aqui ordinariamente em juncos da terra sohia vir o cravo que havia em Maluco, não trabalhavam polo lá ir buscar. Nestas cinco Ilhas nasce toda a noz, e massa, que se leva per todalas partes do Mundo, como em Malu-

luco o cravo. E a chamada Banda he a mais fresca, e graciosa cousa, que póde ser em deleitação da vista: cá parece hum jardim, em que a Natureza com aquelle particular fruito que lhe deo se quiz deleitar na sua pintura. Porque tem huma fralda chã cheia de arvoredo que dá aquellas nozes, as quaes arvores no parecer querem imitar huma pereira. E quando estam em frol, que he no tempo que a tem muitas plantas, e hervas, que nascem per entre ellas, faz-se da mistura de tanta frol huma composição de cheiro, que não póde semelhar a nenhum dos que cá temos entre nós. Passado o tempo das flores, em que as nozes já estam coalhadas, e de côr verde, (principio de todo vegetavel,) vai-se pouco, e pouco tingindo aquelle pomo da maneira, que vemos neste Reyno de Portugal huns pessegos, a que chamam calvos, que parecem o arco do Ceo chamado Iris, variado de quatro côres elementaes, não em circulos, mas em manchas desordenadas, a qual desordem natural o faz mais formoso. E porque neste tempo que começam amadurecer, acodem da serra, como a novo pasto, muitos papagaios, e passaros diversos, he outra pintura ver a variedade da feição, canto, e côres, de que a Natureza os dotou. Passada esta fralda tão graciosa, levanta-se no meio

da

da Ilha huma serra pequena, hum pouco ingreme, donde correm algumas ribeiras, que regam o chão de baixo; e como se sobe com trabalho o aspero daquella subida, fica huma terra chã, assi cuberta, e pintada como a debaixo. A figura desta Ilha he á maneira de huma ferradura, e haverá de ponta a ponta, que jazem Norte, e Sul, quasi tres leguas, e de largura huma; e na angra, que ella faz com sua feição, está a povoação de seus moradores, e as arvores da noz. Na Ilha chamada Gunuápe não ha arvores de noz, mas outras pera madeira, e lenha, de que se os moradores das que tem este fruito se servem em seu uso; na qual tambem ha outra garganta de fogo, como a de Ternáte em as Ilhas de Maluco, e por esta razão lhe deram o nome que tem, porque Guno quer dizer aquelle fogo, e Ape he o proprio nome da Ilha. O qual Guno por ser pouca cousa, os nossos vam a elle, e da sua boca apanham enxofre, de que se aproveitam por o acharem bom; e toda a noz, que ha nas outras tres ilhetas, a trazem a esta Banda como a sua cabeça, por a ella acudirem os mercadores. A gente dellas he robusta, e a de peior acatadura daquellas partes, de côr baça, e cabello corredio: segue a secta de Mahamed, e mui dada ao negocio do commercio, e as mu-

lhe-

lheres ao ſerviço das couſas da agricultura. Não tem Rey, ou Senhor, e todo o ſeu governo depende do conſelho dos mais velhos; e muitas vezes porque os pareceres são diverſos, contendem huns com os outros. E a gente que os mais enfrea he aquella que povoa os portos de mar, per onde lhe entra o neceſſario pera ſeus uſos, e tem ſahida ſuas novidades, que he maſſa, e noz, porque a terra não tem outra, que ſaia pera fóra. O arvoredo do qual pomo he tanto, que a terra he cheia delle, ſem ſer plantado per alguem, porque a terra o produzio ſem beneficio de agricultura. Querem imitar eſtas arvores o parecer das noſſas pereiras, e porém a ſua folha tem ſemelhança de nogueira, e o pomo deſte tamanho he, e a noz em verde o meſmo parecer tem. Eſtas matas não são próprias de alguem, como herança particular, são de todo o povo; e quando vem Junho té Setembro, em que eſte pomo eſtá de vez pera ſer colhido, eſtam já eſtas matas repartidas per os lugares, e povoações, e cada hum acode a apanhar; e quem mais apanha mais proveito faz. Como ácerca de nós são as matas do conſelho, aſſi da bolota, como as ſerras do carraſco da grã, que no tempo do apanhar geralmente ſe deſcouta aos da villa daquelle termo. Antonio d'Abreu, depois que neſta

Ilha

Ilha Banda poz padrões de ſeu deſcubrimento, porque havia carga pera iſſo de noz, maſſa, e aſſi de cravo que os juncos de Maluco coſtumam trazer alli, (como diſſemos,) comprou hum junco da terra pera vir nelle Franciſco Serrão; e por lhe o tempo ſervir pera Malaca, houve por mais ſerviço d'El-Rey tornar-ſe com nova do que tinha deſcuberto, e mais vindo tão carregado, que ir adiante a Maluco pera onde lhe não ſervia, e principalmente por os navios eſtarem já tão desbaratados daquella comprida viagem, que não ſe atreveo andar com elles tanto tempo no mar. Finalmente, partido daquellas Ilhas de Banda muito contente de quão bem fora recebido da gente da terra, porque não chegaſſe com eſte contentamento a Malaca, com hum temporal que lhe ſobreveio apartou-ſe delle Franciſco Serrão. Com tudo elle Antonio d'Abreu chegou a Malaca; e depois vindo em companhia de Fernão Peres a eſte Reyno pera dar conta do que deſcobríra naquella viagem, faleceo no caminho. Franciſco Serrão quando ſe apartou delle, foi-ſe perder em humas Ilhas, a que os da terra chamam de Luco Pino, que quer dizer Ilha das tartarugas, por cauſa das muitas que alli ha, que ſerão de Banda té trinta e ſete leguas pouco mais, ou menos. E eſtando em terra com to-

toda a gente naquelle estado, e mais em Ilhas despovoadas sem provisão pera se manter, quiz Deos que houvessem remedio per quem lhe queria fazer mais mal; e foi per esta maneira. Como naquellas Ilhas, porque estam em lugar pera isso, se perdem muitos navios, sempre são visitadas de certos ladrões, que per alli andam a roubar os que se perdem nellas, os quaes por haverem vista do naufragio dos nossos, acudíram logo em hum navio de remo chamado córacóra. Da qual cousa Francisco Serrão foi logo avisado per os Mouros Pilotos, que vinham com elle, dizendo, que se apercebesse, porque havia de ser commettido per elles; mas desta feita ficáram no laço que vinham armar; porque tanto que Francisco Serrão os vio vir, poz-se em silada, e sahidos elles em terra desejosos de prear, remettêram os nossos ao navio, e tomáram posse delle. Os ladrões vendo-se assi salteados, e como sabiam que a Ilha não tinha agua, nem cousa de que se mantivessem, e ficando nella eram logo mortos, vieram a tratar com os nossos que os recolhessem comsigo, que elles os levariam á Ilha Amboino em hum porto chamado Ruçotello, onde os agazalháram tão bem, que por causa delles tivéram contenda com os moradores da Cidade Veranula, que he a principal da Ilha Batochina

de

de Muar, que seria de huma Ilha á outra pouco mais de duas leguas, com quem por razão da vizinhança sempre tinham competencia. Os quaes imigos vindo em suas córacóras armados, com este requerimento que lhes fizessem entrega delles, vieram em rompimento de pelejarem; e como os nossos foram em ajuda dos da terra, pois por elles era a contenda, houveram vitoria destes de Veranula. E porque a gente daquellas partes he mui gloriosa de qualquer vitoria, e logo levantam alguma obra por memoria della, fizeram estes de Ruçotello hum baileu de madeira, que naquellas partes serve o que a nós varandas, ou eirados de vista. Na qual obra, que toda era mui bem lavrada a seu modo, esculpíram as Armas deste Reyno, e a Cruz de Christo da ordem da sua milicia, que ha neste Reyno, de baixo da qual insignia os Portuguezes militam na guerra, o qual baileu ainda hoje dizem os nossos que está em pé. Esta vitoria foi logo denunciada per todas aquellas Ilhas, que se houve por grande cousa, por os de Ruçotello não virem a conto em poder, e cavalleria com os de Veranula. Porém quando souberam que fora por razão da ajuda dos nossos, confirmáram a fama que lá tinham delles da tomada de Malaca, que assombrou todo aquelle Oriente, por ser a

mais

mais célebre cousa que havia entre os Mouros Orientaes. Havia neste tempo naquellas Ilhas, (como ha em todalas partes,) alguns Reys, e Senhores, que contendiam com seus vizinhos, entre os quaes eram os Reys de Ternate, e Tidore das Ilhas de Maluco; os quaes tanto que souberam estarem os nossos alli, desejou logo cada hum de os haver em sua ajuda, e principalmente ElRey de Ternate, por já estar informado das nossas cousas per Nehodá Ismael, que, (como escrevemos,) Affonso d'Alboquerque mandou diante, e fora alli ter. O qual Rey de Ternate temendo que o de Tidore enviasse tambem em busca delles, primeiro que o elle fizesse, mandou armar dez navios, em que iriam té mil homens, de que era Capitão hum Cachil Coliba. Nas costas do qual tambem ElRey de Tidore mandou sete navios; peró quando chegou, já Cachil Coliba os tinha levado a ElRey de Ternate, com o qual Francisco Serrão folgou ir, por a sua viagem ser áquellas Ilhas de Maluco. Havia nome este Rey de Ternate Cachil Boleife, homem de muita idade, e grão prudencia, e havido entre os Mouros quasi por profeta nas cousas que dizia, as quaes elle alcançava com o discurso que tinha de muitos annos, mais que por a santidade que elles punham nelle. E como em todalas partes

tes

tes communmente vemos andar entre o povo humas esperanças futuras de bem ou mal, que ha de sobrevir á terra, onde cada hum vive; assi havia huma opinião entre a gente daquellas Ilhas, que a ellas haviam de vir huns homens de ferro de mui remotas partes do Mundo, os quaes haviam de fazer alli morada; e per o poder, e força delles o Reyno de Ternate se estenderia per todas aquellas Ilhas, a qual opinião diziam proceder d'ElRey Boleife quasi que a denunciava em modo de profecia aos seus vassallos. Donde quando elle vio Francisco Serrão ante si armado em humas armas brancas inteiras, acompanhado dos outros Portuguezes tambem armados das armas que tinham, levantou as mãos dando louvores a Deos, pois lhe mostrára ante de sua morte os homens de ferro, em cujas forças estava a seguridade de seu Reyno, e per cujo favor os seus descendentes haviam de permanecer per muitos annos com titulo de Reys daquella terra. Parece que o espirito de homem em as cousas que deseja, ou teme, o fervor que o enleva á contemplação dellas, o faz prognosticar em futuro parte do seu successo. Porque como os cuidados de dia fazem que o espirito entre sonhos de noite esteja maginando muitas cousas, que nós depois vemos postas em effeito por razão de

huma ſympathia natural, a que á Natureza obedece; aſſi em futuro eſta meſma ſympathia, que he obediente aos influxos celeſtes, faz affirmar não per fé, mas per temor, ou eſperança parte do que teme, ou deſeja. Porque ſabemos que os Aſtrologos pera o prognoſtico de qualquer pergunta que lhes fazem, fazem a raiz da interrogação na hora que a parte concebeo o deſejo de fazer a tal pergunta; pera a calcular com o aſcendente do Planeta, que então he predominante. E como os Arithmeticos de dous termos notos tiram hum terceiro per que julgam a verdade da conta proporcional; aſſi o Aſtrologo naturalmente per dous termos notos, hum ſuperior, que he activo, e outro inferior paſſivo, que eſtá na concupiſcivel, ou iraſcivel do homem, vem a ſyllogizar as reſpoſtas que dá. E ſe eſte terceiro operante julga os caſos alheios per eſte modo, em que muitas vezes ſe engana por não calcular bem os termos notos; como não ſerá mais certo o animo de hum homem prudente, que he mais fiel pera ſe julgar, do que o póde ſer o juizo alheio? Seja como for, pois deſtas couſas não podemos mais alcançar, que andar apalpando pera achar a razão delles, como faz o cego, que quer atinar o caminho. O que ſabemos em certo he, que muitas couſas primeiro que ſe vieſ-

ſem

sem a effeituar, andáram muito tempo na boca das gentes, sem saber donde nasceo a tal opinião; e assi aconteceo a esta da gente de Ternate, ora que procedesse da imaginação d'ElRey Boleife, ora de outra qualquer causa. E ainda que por razão destas armas, com que elle vio armado a Francisco Serrão, e seus companheiros, a nós não competisse ser havidos pelos homens de ferro, que elle esperava; sómente pela constancia, e continuos trabalhos, e perigos, que padecemos em tão comprida viagem sem cansar, propriamente a nós convem o tal nome. Quanto mais que por razão da esperança, que este Boleife tinha na continuação do seu Reyno nos de sua linhagem té hoje, os nossos por enfiar esta sua herança de herdeiro em herdeiro, tem vestido mais vezes as armas, do que ha de cravos na sua Ilha. Té que vindo a reinar Cachil Tabarija em tempo que lá em Ternate residia Tristão d'Ataíde por Capitão da fortaleza que alli tinhamos, o anno de trinta e quatro, per alguma suspeita que teve delle, o prendeo, e com os autos de sua prizão o mandou á India ao Governador Nuno da Cunha. E por as culpas não serem de qualidade de mais castigo, que o trabalho de tão comprido caminho, elle foi livre, e per sua propria vontade se fez Christão, e hou-

ve nome D. Manuel em memoria d'ElRey D. Manuel author do descubrimento daquellas Ilhas. Parece que permittio Nosso Senhor esta oppressão, que lhe foi feita de ser prezo, e fazer tão comprida jornada pera dous effeitos: hum pera se salvar na acceitação do Baptismo, em que se mostrou sua innocencia; e o outro effeito foi na obra que fez no caminho de sua tornada, estando na hora da morte. Porque indo este Rey Dom Manuel de Ternate em companhia de Jordão de Freitas, que havia de servir de Capitão da fortaleza que alli temos, adoeceo o mesmo Rey em Malaca, com o qual ficou sua mãi, e hum Pate Sarangue, e outros homens nobres Mouros seus vassallos, que o acompanháram. E Jordão de Freitas partio-se via de Maluco por não poder esperar por elle, e ser mui necessaria sua ida por causa das revoltas que lá havia. Partido elle, e ElRey posto em estado de morrer, fez tódolos actos de Catholico Christão; e em seu testamento, por não ter legitimo herdeiro que o succedesse, fez universal herdeiro daquelle Reyno de Ternate com tódolos senhorios das outras Ilhas a elle subditas a ElRey D. João o Terceiro Nosso Senhor, que hoje reina. O qual testamento levado á Cidade Ternate cabeça daquelle Reyno, os principaes, e povo delle recebêram

com

com solemnidade, e acceitáram por Rey, e Senhor ao dito Rey D. João, segundo fórma do testamento; e pera mais confirmação, todos por modo de eleição pera os reger, e governar, o quizeram, e acceitáram por Rey. O qual acto foi feito com a bandeira Real deste Reyno, e pregões per toda a Cidade, com posse actual daquella herança, e com toda outra solemnidade, segundo quer o Direito, posto que ante tinhamos esta posse já adquirida per armas, como consta pelos estromentos que Jordão de Freitas Capitão daquella fortaleza tirou o anno de mil e quinhentos e quarenta e sete, segundo mais particularmente irá escrito em seu lugar. Per esta maneira que acima contámos, ficou Francisco Serrão naquella Ilha Ternate com os outros Portuguezes de sua companhia tão acceito a El-Rey, que assi estimava sua pessoa, como seu estado, porque havia que nelle o tinha seguro pera seus herdeiros pola esperança que lhe o espirito promettia pola causa que dissemos. Sendo já neste tempo Nehodá Ismael, que viera diante delle Francisco Serrão carregado de cravo, o qual vindo pela Jaüa, se perdeo em hum porto da Cidade Tumbam governada per hum senhor, a que elles chamam Sangue de Pate, dignidade entre elles como ácerca de nós o Duque.

E em Março do anno de quinhentos e treze, Ruy de Brito Patalim Capitão de Malaca, sabendo como a fazenda daquelle junco se salvára, mandou que fosse por elle João Lopes Alvim com quatro navios. Na qual viagem foi elle mui bem recebido em todolos portos da Jaüa, principalmente em a Cidade Sindayo, que era de Pate Unuz, aquelle Principe que Fernão Peres desbaratou em Malaca. E neste mesmo anno, depois da vinda de João Lopes Alvim, foi Antonio de Miranda d'Azevedo com huma Armada ás Ilhas de Maluco, e Banda carregar de cravo, na qual viagem perdeo hum junco; e ambos os Reys assi de Ternate, como Tidore contendiam a quem lhe faria mais favor no despacho da carga do cravo que havia de trazer, por entre elles haver contendas, e invejas de vizinhos que nunca falecem, posto que o de Ternate fosse genro do outro, casado com huma sua filha. Em concertar os quaes Antonio de Miranda se metteo; e por derradeiro temendo-se elles que aquelle sería mais poderoso, que nos tivesse em sua terra, cada hum escreveo a ElRey D. Manuel, pedindo-lhe houvesse por bem de mandar fazer em suas terras huma fortaleza, dando razões cada hum per si do serviço que lhe fariam. E quando o requerimento de ambos o puzesse

se em confusão, e fosse causa de se não determinar nesta fortaleza que pediam, em tal caso elles tinham huma Ilha commum de ambos, que se chamava Maquiem, na qual a podia mandar fazer, e não ficariam com escandalo da obra. Vindo Antonio de Miranda tão carregado de cravo, como do requerimento destes Reys, trouxe comsigo os Portuguezes, que estavam com Francisco Serrão, e elle não veio a requerimento d'ElRey Boleife, porque lhe parecia que vindo-se elle, perdia a esperança que tinha, (como dissemos,) e quasi como penhor della o retinha, em quanto não via a fortaleza que desejava. E desta vinda de Antonio de Miranda d'Azevedo, per hum Pero Fernandes, que veio com elle, que era hum homem dos que estavam com Francisco Serrão, houve ElRey D. Manuel as cartas, que lhe estes Reys escrevêram, e foi informado particularmente das cousas daquellas partes, e per outras cartas do mesmo Francisco Serrão. O qual além de escrever a ElRey, escreveo a seus amigos, e principalmente a Fernão de Magalhães, que já na India, e em Malaca tinha particular amizade de pousarem ambos; e por dar maior admiração áquella sua viagem, engrandeceo o modo, e trabalho della, fazendo a distancia daquellas Ilhas dobrado caminho

do que havia de Malaca a ellas, dando entender que tinha descuberto outro novo mundo maior, e mais remoto, e rico, do que descubríra o Almirante D. Vasco da Gama. Das quaes cartas começou este Fernão de Magalhães tomar huns novos conceitos, que lhe causáram a morte, e metteo este Reyno em algum desgosto, como logo veremos. Neste mesmo tempo que Antonio de Miranda partio pera aquellas partes, e Jorge d'Alboquerque pera Malaca servir de Capitão della, mandou Affonso d'Alboquerque com elle a Duarte Coelho, que viera de Sião, que tanto que chegasse a Malaca, o enviasse logo em hum navio com vinte homens, além dos mareantes, e fosse fazer huma casa de madeira em modo de feitoria na Ilha de Banda pera ter feita a carga da noz, massa, e cravo pera os navios, que de Malaca a fossem buscar, a qual ida não houve effeito por haver necessidade de ir á China, como foi. Peró bastáram as cartas, que Antonio de Miranda trouxe, pera ElRey D. Manuel se determinar em mandar fazer huma fortaleza naquellas Ilhas de Maluco; porque na Armada que partio deste Reyno o anno de quinhentos e dezesete, Capitão mór Antonio de Saldanha, escreveo elle a Lopo Soares, que então era Governador naquellas partes, que enviasse

a es-

a esse negocio huma pessoa apta pera a tal obra. Com o qual fundamento D. Aleixo, estando em Malaca, mandou D. Tristão de Menezes, como atrás fica, o qual fez seu caminho pela Jaüa, e per Banda; e a primeira Ilha das de Maluco que tomou, foi Ternate, onde estava Francisco Serrão. E porque estes dous Reys Boleife de Ternate, e Almançor de Tidore (como dissemos) andavam em competencia a quem nos teria em sua companhia; tanto que ElRey de Ternate vio D. Tristão no seu porto, mandou-lhe fazer de madeira huma casa forte em hum porto chamado Talangame, que será da Cidade Ternate huma legua, por ser o melhor que a Ilha tinha pera estancia das náos, cuidando que hia elle pera estar alli de assento. Feita esta força, começou entre os Reys nova desavença; e mais polo que tinham escrito per Antonio de Miranda, que fosse esta fortaleza em a Ilha Maquiem que era de ambos. Com o qual requerimento de tambem nos querer em sua terra, veio Cachil Laudim Rey da Ilha de Bacham de maneira, que D. Tristão era importunado com requerimentos, e partidos que lhe faziam. E vendo elle que se começava entre estes Principes differenças, que podiam vir a tanto rompimento de guerra, com que não houvesse a carga do cra-

vo

vo que hia buſcar, metteo-ſe entre elles, pera os concertar, ou ao menos quietar por então. E com ſeu trabalho, e as cartas que levava delRey D. Manuel pera eſtes Reys, e principalmente com não fazer a fortaleza, que cada hum receava ſer feita na terra de ſeu competidor, os teve contentes. Dando por eſcuſa, que ſua vinda era ſómente levar aquellas cartas d'ElRey D. Manuel ſeu Senhor, e notar a diſpoſição da terra, e ſe era ſádia pera ſeus vaſſallos nella eſtarem, pera com a reſpoſta, que elle D. Triſtão trouxeſſe, ElRey ſe determinaria niſſo. Praticando o qual negocio mais particularmente com ElRey Boleife de Ternate, diſſe-lhe, que pera ElRey D. Manuel ſeu Senhor mais em breve ſe determinar em fazer alli fortaleza, convinha que Franciſco Serrão vieſſe com elle D. Triſtão. Porque como era homem que ſabia bem a terra, e podia dar a ElRey inteira noticia do que delle quizeſſe ſaber, e amigo, e ſervidor delle Boleife, devia conſentir que vieſſe com elle. Eſte requerimento aſſi córado teve D. Triſtão com ElRey Boleife, porque ſentia delle que per outro modo não viria Franciſco Serrão, e elle meſmo não ſe matava muito por vir, como homem que tinha eſperança que havendo-ſe de fazer lá fortaleza, e eſtando elle ainda lá, ElRey D. Manuel o

encarregaria nisso. Finalmente D. Tristão se partio daquellas Ilhas com cinco vélas, o seu navio, e quatro juncos carregados de cravo, em hum dos quaes vinha Francisco Serrão, e com elle hum homem nobre per nome Cachilató, que ElRey Boleife mandava por Embaixador a ElRey D. Manuel com este requerimento da fortaleza, que queria ter naquella Ilha. Mas não tardou muitos dias que com hum temporal que tiveram, elle D. Tristão chegou no princípio de Abril do anno de quinhentos e vinte á Ilha de Banda com tres juncos menos, Capitães Francisco Serrão, Simão Correa, e Duarte d'Acosta. E quando se vio sem elles, parecendo-lhe que arribáram ás Ilhas de Maluco, por já partir tarde, tornou em busca delles, por o tempo lhe servir mais pera isso, que pera Malaca, e achou Francisco Serrão no porto de Talangame da Ilha Ternate, onde estava a casa de madeira, que ElRey mandára fazer, e Simão Correa estava no outro de Bacham, e de Duarte d'Acosta não teve nova. Vendo elle D. Tristão como por a monção ser passada lhe convinha invernar alli, descarregou alguma parte do cravo em terra pera dar pendor aos navios, e os concertar. E ante de o tornar a recolher, sendo já no fim do inverno, mandou-lhe dizer Simão

Cor-

Correa que lhe fosse soccórrer, por quanto os Mouros o queriam matar. D. Tristão com este recado, peró que ElRey de Ternate lhe dizia que não fosse, que elle o mandaria trazer seguramente, porque não quiz confiar isto senão de si mesmo, foi a' Bacham, e áchou ser desmando de seis, ou sete Portuguezes, que estavam em companhia de Simão Correa, porque a mais gente do junco eram Mouros Malayos marcantes. E porque com esta ida de D. Tristão alguns Mouros cativos, que andavam nos juncos, fogíram pera a serra, e elle quiz culpar á ElRey em o negocio por cujo respeito alli viera chamado Simão Correa, e tambem em não mandar fazer a entrega dos escravos fogidos, de que ambos não estavam contentes hum do outro; aconteceo que se armou hum arroido (ordenado pera isso) com os Portuguezes do junco de Simão Correa, que estavam em terra, sobre que fora a paixão, aos quaes matáram os Mouros sem escapar mais que hum só, que se acolheo a nado ao junco. D. Tristão porque isto foi em conjunção que saltou o vento travessia, foi forçado fazer-se á véla, e por muito que depois trabalhou, não pode tomar a Ilha; e foi tanto o tempo, e tão continuado per alguns dias, que lhe conveio ir-se á Ilha de Amboino, onde acabou

bou de carregar o navio, com que se veio a Malaca: da paixão do qual caso dizem que se lhe gérou huma posthema, de que morreo em chegando a Malaca, como dissemos. Assi que havendo tantas causas precedentes, e mais irem ordinariamente de Malaca áquellas Ilhas de Banda, e Maluco buscar especiaria, dobrando sempre este requerimento daquelles Reys; ordenou El-Rey D. Manuel enviar huma Armada a este negocio, que foi a de Jorge de Brito. E por sua morte succedeo seu irmão Antonio de Brito, como atrás escrevemos, com a viagem do qual tornaremos a continuar neste seguinte Capitulo.

CAPITULO VII.

Da viagem que Antonio de Brito fez nas Ilhas de Banda, e Maluco: e o que passou té fazer huma fortaleza em a Ilha Ternate.

PArtido Antonio de Brito do Cabo de Cingápura, onde se espedio de Jorge d'Alboquerque, fez sua viagem per o estreito de Sabam, levando seis vélas com a em que elle hia, de que eram Capitães Francisco de Brito, Jorge de Mello, Pero Botelho, Lourenço Godinho, Gaspar Gallo; nas quaes vélas levaria mais de trezentos homens.

mens. E a primeira terra que tomou, foi a Cidade Tumbam da Ilha Jaüa, e daqui foi á outra chamada Agacim, onde por ser escala da navegação daquellas partes, e a ella concorrerem muitas mercadorias, e mantimentos, deteve-se dezesete dias, provendo-se de algumas cousas. E porque a Ilha Madura, que naquellas partes tem nome, estava defronte daquella Cidade Agacim, e elle desejava ter informação das cousas della, mandou lá hum navio de remo com dezesete homens. Os quaes entrando per hum gracioso, e fresco rio, per a margem do qual havia muitas fruitas da terra, assi como duriões, e jacas, vianda assás golosa a quem começa de a gostar, assi enganou os do batel, que sahindo todos em terra a comer della, os moradores vendo seu descuido, lhes tomáram o batel, e os prendêram a todos, que não deram pouco trabalho a Antonio de Brito per via de resgate havellos á mão; e isto ainda com favor do senhor da Cidade Agacim, que nisso entervcio. Recolhida toda esta gente, estando já Antonio de Brito pera partir, chegou D. Garcia Henriques com quatro vélas, hum navio em que elle hia, e tres juncos, de que eram Capitães Henrique de Figueiredo hum Fidalgo de Coimbra, Duarte d'Acosta, e Francisco de Lamar, o qual D. Garcia hiá buscar carga

de

de especiaria á Ilha de Banda, como ordinariamente os Capitães de Malaca cada anno mandavam os juncos da terra. Chegado elle, veio naquella conjunção hum junco da mesma Ilha Jaúa, que tambem fora a Banda buscar especiaria, o qual deo nova como lá achára gente branca ao modo dos nossos, entrada novamente na terra, e que lhe deram a elles Jáos huma carta pera navegarem seguramente, se pelo mar achassem outra gente da sua companhia. Antonio de Brito, havida a carta, achou ser de letra Castelhana, e dada per Castelhanos em nome d'ElRey de Castella: tão pomposa, e copiosa em palavras, como esta nação costuma em sua escritura, principalmente em cousas desta qualidade, em que ella espraia muito. E porque na India, quando elle Antonio de Brito partio, havia nova que Fernão de Magalhães, (de que atrás fallámos,) se fora a Castella com fundamento de ir ter áquellas partes; assentou com D. Garcia que podia ser esta gente de sua companhia, e que convinha ambos irem em huma conserva pera qualquer caso que succedesse naquelle caminho. Mas como as cousas do mar são mui incertas, principalmente per entre aquelle numero de Ilhas, que he hum labyrintho acertar os seus canaes, e sobre isso muitas correntes, e mares revessos da differen-

rença dos ventos; tendo já passada a Cidade Tumbaya, onde se detiveram tres dias, emparando no boqueirão de Anjane, alli lhe apanháram as correntes hum junco de Duarte d'Acosta. O qual indo com a força da corrente, sem lhe poder valer, esgarrado contra o Sul, o melhor que pode, elle, e os Portuguezes que levava, acolhêram-se em huma champana, na qual foram ter á Jáoa, e dahi a Malaca, sem do junco se saber onde fora parar. Passadas estas correntes, sendo já na paragem de Amboino, deo-lhe huma trovoada que os apartou de maneira, que Antonio de Brito correo contra a Ilha Banda, aonde chegou sómente com Lourenço Godinho. Porém depois poucos, e poucos vieram ter com elle, achando já na mesma Ilha D. Garcia, o qual lhe deo mais certas novas da Armada de Castella, e o que fizera naquellas Ilhas, de que adiante faremos relação. Antonio de Brito, porque os navios pequenos que levava haviam mister corregimento por haver muito que andavam no mar, deo-lhes pendor; e entretanto por ainda não ser acabado de assentar per nós o preço da especiaria, e cousas que davamos a troco della aos da terra, fez contrato com elles ao modo de Cochij, pera assi o que elles tinham, como o que lhe nós haviamos de dar, estivesse sempre em

hum

hum preço, porque com a ida de muitos navios que alli hiam ter de Malaca, depois que foi nossa, tinham os nossos damnado aquelle trato em damno seu, e proveito dos naturaes da terra; por serem os Portuguezes homens neste negocio do commercio tão apressados, e descubertos em seus conceitos, que lhe está a parte vendo o animo de seu appetite. E como os Gentios, e Mouros daquelle Oriente em comprar, e vender são os mais delgados, e sotijs homens do mundo, e sobre isso tão pacientes, e frios em descubrir seus appetites, e necessidades, que ninguem lhas sente; sempre neste acto do commercio nos levam debaixo, como nós em os da guerra os sopeamos. Acabadas estas cousas, e tomada carga pera os juncos, que D. Garcia levava, partíram-se ambos via de Maluco, leixando alli algumas vélas; que se não puderam tão brevemente aviar, por acudirem ás cousas que lhe contavam serem feitas com a chegada dos Castelhanos. E porque na Ilha Bacham, de que era Rey Laudim, foram mortos os Portuguezes do junco de Simão Correa, como se vio neste passado Capitulo; passando Antonio de Brito per ella, deteve-se em quanto mandou Simão d'Abreu com alguma gente que sahisse em huma aldea sua, e a queimasse, e matasse os que pudesse; porque soubesse El-

Rey Laudim que não ficavam sem emenda os damnos, e mal que se faziam aos Portuguezes: e que como aquella sua Ilha fora a primeira daquellas partes, que os encetou com ferro de morte, com outro tal per elles fosse ella a primeira castigada. Dado este castigo a seu salvo; foi-se Antonio de Brito á Ilha Tidore, de que era Rey Almançor: a chegada do qual foi a tempo, que as cousas daquellas Ilhas, principalmente as do Reyno de Ternate, estavam em estado de se perder, pera que convem fazermos huma pequena demora na relação destas cousas, pois tudo he necessario ao proseguimento da historia. Ao tempo que Antonio de Brito chegou a estas Ilhas, era falecido ElRey Boleife de Ternate, e dizia-se sua morte ser de peçonha, industriada per Mouros que andávam naquelle trato do cravo; vendo quanto este Rey desejava termos alli fortaleza, e quanto elles perdiam se assi fosse. Sendo já a este tempo, poucos dias ante do falecimento d'ElRey, morto Francisco Serrão, e tambem per meio dos Mouros, e segundo os nossos depois souberam, quasi na conjunção que matáram Fernão de Magalhães, como veremos. Parece que permittio Deos que ambos não vissem o rosto hum do outro, nem o dos nossos, por serem causa do que depois succedeo a este

Rey-

Reyno; e nos papeis que ficáram delle Francisco Serrão se acháram cartas de Fernão de Magalhães, em que dava conta de si, e do que esperava fazer em resposta de outras que houvera delle, como adiante se dirá. E ao tempo que ElRey Cachil Boleife se vio no acto da morte, (posto que não entendeo a causa della,) como homem prudente, e que via na imaginação o successo do seu Reyno nas differenças que havia de ter depois de seu falecimento, por leixar dous filhos lidimos, o maior dos quaes chamado Bohaat era de té sete annos, que o havia de succeder, e outro havia nome Dayalo, e bastardos sete, os mais delles homens; ordenou seu testamento, em que mandou que a Rainha sua mulher, que era filha d'ElRey Almançor de Tidore, ficasse por Tutor de seus filhos menores, e Governador do Reyno. Porque com o favor de seu pai ElRey Almançor poderia ser temida, e acatada, e não ousariam os seus mover alguma novidade contra seu filho; e assi encommendou a ella, e ao filho successor, e todolos principaes do Reyno no proprio testamento, que trabalhassem muito por haver nossa amizade. E não contente com as palavras do testamento, em que fazia esta encommendação, depois que o teve cerrado, mandou vir ante si a Rainha, filhos menores, e os

baſtardos, com as principaes peſſoas de ſeu Reyno, e fez-lhes hum arrazoamento, encommendando-lhes a paz, e concordia entre ſi, porque em o eſpirito elle os via todos com a mão armada, não por defensão do Reyno, mas em deſtruição delle, competindo a quem o havia de governar em quanto ſeu filho Bohaat legitimo herdeiro não tinha idade pera iſſo. Por evitar as quaes differenças, elle leixava o governo delle á Rainha, por confiar na virtude, e prudencia della que o podia bem fazer, aſſi pera bem delle, como a prazer dos bons. E quando ella pela occupação da creação de ſeus filhos, e outras couſas proprias das mulheres, não pudeſſe acudir a tudo, ella de antre elles elegeria algum, que a ajudaſſe neſte trabalho do governo; e eſta era a primeira couſa que pedia a todos, com a qual ſua alma iria deſcançada. E a ſegunda couſa, por tambem depender da conſervação, e augmento do ſeu Reyno, e bem commum de todos era, que fizeſſem grande fundamento da amizade dos Portuguezes, porque eſtes os haviam de defender de ſeus imigos, eſtes lhes haviam de dar ſahida ás novidades do ſeu cravo; eſtes lhes haviam de trazer todalas couſas, de que tinham neceſſidade pera ſeu uſo, e finalmente nelles haviam de achar paz, fé, verdade, e outras virtudes, que

na-

naquellas Ilhas se não achavam: com tal que lhes guardassem as mesmas cousas, porque com estas partes se ganhava o animo dos homens; e ainda que fossem differentes em lei, conservar-se-hiam no ser, e sustentamento da vida. E peró que naquella hora em que ElRey propoz estas, e outras cousas, que todas vinham a concluir nestas duas, os presentes tivessem animo de as cumprir, como elle faleceo logo se revolveo tudo; de maneira, que faleceo pouco pera huns com os outros virem a rompimento de guerra. E o que mais os accendeo a cada hum procurar por ser Governador do Reyno, e a ter em poder o novo Rey Bohaat, foi a vinda de Cachiláto parente d'ElRey Boleife, que (como atrás fica) veio a Malaca por seu mandado a Garcia de Sá Capitão della, e quando achou ElRey falecido, trabalhou tambem por ser hum dos que governassem. Porque como levava recado que nossa Armada não tardaria muito em ir áquellas partes, e naquella Ilha fariamos fortaleza; queria que o achassem em posse pera com nosso favor ficar mais firme nella. A Rainha neste tempo não sómente era atormentada com estas públicas differenças, mas ainda com outras que ella secretamente sentia de seu pai ElRey Almançor, o qual não esperava mais pera com titulo de acudir a ella, e ao neto,

to, tomar o Reyno pera si, que ver travados em armas os filhos bastardos, e parentes d'ElRey, que eram os que competiam neste caso. A qual cousa ella como mulher prudente dissimulava, sem dar a entender a seu pai que o sentia na maneira, que elle tinha com ella nos conselhos que lhe mandava ácerca de como se havia de haver com os filhos d'ElRey naquellas competencias que tinham, porque tudo hia ordenado pera elle pôr em effeito seu proposito. E como estava aconselhada da prudencia de seu marido, peró que contra sua natureza ella movesse isto, por ser mui amiga de mandar, todavia constrangida da necessidade, mandou chamar todos seus enteados, e os principaes do Reyno a conselho, fingindo ser occupada na creção de seus filhos, e por sua fraqueza natural não poder acudir aos negocios do Reyno, disse, que ella os mandára chamar pera que soubessem que daquelle dia em diante elegia pera seu ajudador no governo daquelle Reyno a Cachil Daroez; porque além de ser irmão de seu filho, e ter qualidades pera isso, era homem de que todos haviam de ser contentes, por tanto a elle obedecessem, como á propria pessoa delle, e de seu filho. E os negocios da defensão, e cousas da guerra, quando o caso o requeresse, ella os punha nas mãos delle, e con-

confelho de todos, por os taes exercicios pertencerem a elles, e não a ella. Posto o Reyno em assocego com esta obra da Rainha, sobrevieram os Castelhanos áquellas Ilhas, os quaes per que chegassem a esta Ilha Ternate, ella, nem Cachil Daroez os quizeram receber, e passáram-se a Tidore, onde foram bem recebidos d'ElRey Almançor. Porque vendo elle quão inclinados nós estavamos ás cousas d'ElRey Boleife por razão das obras que delle tinhamos recebido, e Embaixador que mandára a Malaca, de que já tinha recado não tardarem muito ir nossas Armadas áquellas Ilhas, temendo que nos poderiamos mais affeiçoar por estas causas ao outro, e não a elle; e que tendo aquelle Reyno de Ternate fortaleza nossa, elle Almançor ficava mui acanhado, determinou recolher os Castelhanos, que lá foram ter com duas náos. Porque além destas razões, que ElRey Almançor por parte de seu proveito punha ante si, deram elles outras em abonação da grandeza, e estado do seu Principe, com que houve Almançor que nesta parte de adjutorio, e favor não tinha menos forte em ter comsigo os Castelhanos, que os de Ternate terem Portuguezes. Finalmente, elle lhe deo carga de cravo pera duas náos, e recolheo comsigo certos homens, que alli deixáram em modo de feitorizar cravo pera

tor-

tornarem ás outras a este commercio. Hum dos quaes homens chamado João de Campos, que ficára alli com nome de Feitor, tanto que vio Antonio de Brito ao mar, parecendo-lhe serem as náos suas, que dalli eram partidas, ou de alguma outra Armada de Castella, metteo-se em hum paráo vestido em hum saio de veludo, e huma gorra na cabeça com outras insignias de trajo, que logo de longe deo suspeita aos nossos ser Castelhano. Ao qual ante que houvesse reconhecimento das nossas náos, Antonio de Brito mandou hum calaluz esquipado que trazia, em que o trouxeram, e delle soube todo o processo de sua vinda, e como carregára alli duas náos, huma das quaes era partida per via da nossa navegação em busca do Cabo de Boa-esperança. E a outra, que tambem partio em sua conserva, por lhe abrir huma grande agua, tornára arribar a Tidore; e depois que foi concertada, partíra com fundamento de ir demandar a terra firme, que está na costa das Antilhas, e alli descarregar, por se não atreverem a tornar pelo estreito per onde vieram. Antonio de Brito porque estas cousas se conformavam com outras, que elle soubera de outro Castelhano per nome Alonço d'Acosta, que trazia já em a náo tirado de hum junco, onde o elle achára naquelle caminho, o qual el-

elle não quiz que apparecesse em quanto praticava com estoutro, pera ver se concordavam ambos; levou tambem comsigo a João de Campos, e foi surgir no porto da Cidade Tidore d'ElRey Almançor, e naquelle dia não houve mais entre ambos que visitações. E quando veio de noite, ouvíram os nossos grande estrondo de tambores, e huns sinos de metal, que se usam naquellas partes, inventados na Jaüa pera os remadores ao compasso, e tom delles irem cantando, e remando ao modo que os Alemães de ordenança lançam os passos remissos, ou apressados, segundo o sentem no pifaro, e tambor; e com estes sinos, e cantares, e outros instrumentos daquelle mister em frota de remos de muita gente, he cousa muito pera ouvir, principalmente de noite. E posto que alguns dos nossos tinham já visto, e ouvido aquelle seu modo de remar, como sentíram grande número de navios no rumor de cantar, e estrondo dos sinos, e não sabiam com que proposito vinham, metteo-os em alvoroço de se aperceber pera pelejar; té que Antonio de Brito foi certificado que era Cachil Daroez Governador de Ternate, que per mandado da Rainha vinha buscar a elle Antonio de Brito, sabendo que chegára á Ilha Bacham. Entre os quaes houve grande festa de salva de artilheria, e pela manhã na vis-

vista de ambos muito maior, o qual prazer, e festa foi pera ElRey Almançor grande confusão, e tristeza. Porque bem vio elle que a diligencia da Ráinha de Ternate sua filha; e de Cachil Daroez em vir tomar nossa Armada ao caminho com tão grande festa, tudo era em seu damno, principalmente pelo que tinha feito contra nós no gazalhado, e carga, que tinha dado aos Castelhanos. E como homem que queria remediar o passado ante que mais fosse, veio logo ver Antonio de Brito á sua náo, desculpando-se de o não ter feito o dia de antes; e porém que em todo o tempo que fosse, elle o vinha buscar como homem mui desejoso de ter Portuguezes naquelle seu porto, por ser a cousa que elle tanto tempo havia que procurava com cartas, e recados que tinha enviado a ElRey de Portugal, e aos seus Capitães, que estavam em Malaca. Antonio de Brito per o mesmo modo lhe respondeo; e que ElRey de Portugal seu Senhor por causa destes recados, e cartas, que elle tinha enviado, o mandava com aquella frota a fazer naquellas Ilhas huma fortaleza no seu porto de Tidore, ou Ternate, onde a elle Antonio de Brito bem parecesse; havendo respeito á disposição do sitio do lugar, e saude delle; e tambem onde achasse melhor gazalhado, e mais verdade, e fé. Porque os Portuguezes

zes quando edificavam alguma casa, em que esperavam viver muito tempo, a duas cousas principalmente tinham respeito, ao sitio, e disposição do lugar, e á boa, ou má vizinhança; porque na primeira seguravam a saude corporal, e na segunda paz, e verdade, de que dependem todolos bens da vida. E porque elle achava aquella sua Ilha occupada com os novos hospedes, que nella agazalhára, vindo elles alli mais acaso que por os elle procurar, ou chamar, como tinha feito aos Portuguezes, a elle lhe parecia escusado buscar porto naquella sua Ilha; pois elle Almançor estava satisfeito daquelles novos amigos. E que por isso se queria partir pera Ternate, onde esperava recado do que ElRey de Portugal seu Senhor lhe mandava que fizesse naquelle caso, sobre que lhe logo escreveria em a primeira monção. ElRey Almançor ficou tão confuso com estas palavras, que todas as suas foram humas desculpas mal atadas, ás quaes Cachil Daroez respondeo, porque via que ElRey retorcia tudo a que era mais razão fazer elle Antonio de Brito fortaleza naquella sua Ilha, que em Ternate. E foi entre elles a persia tão travada, e Cachil Daroez fallava com huma liberdade de fé, que nos tinha guardada, e tão confiado em sua pessoa, como cavalleiro que elle era, que foi necessario

lan-

lançar Antonio de Brito o bastão no meio. E depois que de huma parte, e de outra se altercou mais brandamente, disse elle a ElRey, que queria mandar ver os portos daquella sua Ilha; porque vistos os della, e os de Ternate, conformar-se-hia com o regimento, que lhe pera isso dera ElRey seu Senhor. ElRey já mais contente de si, espedio-se de Antonio de Brito, dizendo, que elle se hia a terra pera lhe mandar entregar aquelles hospedes, por cuja causa ante elle tanto tinha perdido; cá não os queria ter comsigo, pois elle se descontentava disso. João de Campos o Feitor dos Castelhanos como sentio o caso, não lhe faleceo discrição pera requerer a Antonio de Brito que mandasse pôr em cobro a fazenda, que alli tinha, e que a não leixasse em poder d'ElRey. Ao que Antonio de Brito respondeo, que a fosse elle recolher; e que pois as pessoas, que com ella estavam haviam de vir, e eram de mais preço, onde elles estivessem, estaria ella com elles seguramente. E pera isso mandou com elle a Lisuarte de Lix, que era Escrivão da Feitoria, pera que além do inventario que os Castelhanos fizessem della, fizesse elle outro por mais segurança da fazenda d'ElRey de Castella, que elles diziam ter alli. Finalmente recolhida ella, e os Castelhanos que a trouxeram em seu poder,

der, Antonio de Brito se foi com Cachil Daroez a Ternate, onde o novo Rey, e sua madre com todolos principaes o recebêram com grande apparato, e tanto prazer, e festa, como que entrava naquella terra hum remidor de seus trabalhos, e defensor de todas. Antonio de Brito, posto que mais por contentar ElRey Almançor, que por desejar fazer fortaleza em Tidore, elle mandasse lá correr todolos portos; todavia se achára outro melhor que o de Ternate, por então elle o acceitára té assocegar o animo daquelle Mouro sobre as cousas em que os Castelhanos o tinham mettido, posto que elle se mostrava disso muito arrependido. Mas como o de Ternate, ainda que fosse recife, era melhor que todolos de Tidore, teve elle apparente escusa de não fazer lá fortaleza, que não foi pouca dor pera ElRey. Elegido este lugar, por não haver outro melhor, e mais estar pegado na Cidade Ternate, começou Antonio de Brito entender na obra; e a primeira enxadada que se deo no seu alicerce, e pedra que se nelle lançou, foi per mão de Antonio de Brito a vinte e quatro dias de Junho do anno de mil e quinhentos e vinte dous, estando elle, e todolos nossos com capellas na cabeça, e grande festa por a solemnidade do dia, que era de S. João

Bap-

Baptiſta; e todolos outros Fidalgos, cavalleiros, e gente de armas fizeram outro tanto, e por memoria deſte ſanto houve a fortaleza nome *S. João*.

CAPITULO. VIII.

Como Fernão de Magalhães ſe foi a Caſtella em deſerviço delRey D. Manuel, e as cauſas porque: e como ElRey D. Carlos de Caſtella, que depois foi Emperador, acceitou ſeu ſerviço, e ſe determinou em o mandar ás Ilhas de Maluco per nova navegação.

ATrás eſcrevemos como Franciſco Serrão das Ilhas de Maluco onde foi ter eſcreveo algumas cartas a Fernão de Magalhães, por ſer ſeu amigo do tempo que ambos andáram na India, principalmente na tomada de Malaca, dando-lhe conta das Ilhas daquelle Oriente. Ampliando iſto com tantas palavras, e myſterios, fazendo tanta diſtancia donde eſtava a Malaca, por fazer em ſi pera meritos de ſeu galardão ante ElRey D. Manuel, que parecia virem aquellas cartas de mais longe que dos Antipodas, e de outro novo mundo, em que tinha feito mais ſerviço a ElRey, do que fizera o Almirante D. Vaſco da Gama no deſcubrimento da India. As quaes cartas foram

ram vistas na mão de Fernão de Magalhães, porque se prezava elle muito da amizade de Francisco Serrão, e em as mostrar denunciava aquelle grande serviço que tinha feito a ElRey; e tambem elle estribou logo tanto nellas para o proposito que dellas concebeo, que não fallava em outra cousa. O qual proposito se vio depois em cartas suas, que se acháram entre alguns papeis, que ficáram per falecimento de Francisco Serrão lá em Maluco, que Antonio de Brito mandou recolher, e eram respostas das que lhe elle Francisco Serrão escrevia; (como ora veremos,) nas quaes dizia, que prazendo a Deos, cedo se veria com elle; e que quando não fosse per via de Portugal, sería per via de Castella, porque em tal estado andavam suas cousas: por tanto que o esperasse lá, porque já se conheciam da pousada pera elle esperar que ambos se haveriam bem. E como o demonio sempre no animo dos homens move cousas pera algum máo feito, e os acabar nelle, ordenou caso pera que este Fernão de Magalhães se descontentasse de seu Rey, e do Reyno, e mais acabasse em máos caminhos, como acabou, e foi per esta maneira. Estando elle Fernão de Magalhães em Azamor, sendo Capitão daquella Cidade João Soares, em huma corrida que se fez contra

os

os Mouros a hum repique, foi elle Fernão de Magalhães ferido com huma lança de arremesso; e parece que lhe tocou em algum nervo da juntura da curva, com que depois manquejava hum pouco. Sobre o qual caso succedeo em huma entrada que fez João Soares, por ser cousa notavel, segundo contamos em a nossa parte Africa, se chama a de Lei de Farax, em que se tomáram oitocentas e noventa almas, e duas mil cabeças de gado vacúm, da qual cavalgada João Soares por razão de sua aleijão, e lhe dar algum proveito, fez quadrilheiro mór a este Fernão de Magalhães, e com elle a hum Alvaro Monteiro. Os quaes, segundo se depois os moradores da Cidade aqueixavam, por razão das partes que haviam de haver da cavalgada, ambos mettêram bem a mão nella, principalmente no gado, dizendo que vendêram aos Mouros de Enxouvia quatrocentas cabeças. E o concerto foi, que viessem de noite por elle por o terem ao longo do muro da Cidade; e depois de ser levado, e que os Mouros o teriam já posto em salvo, fizeram repicar, dizendo, que furtavam o gado, e ao outro dia foram pela trilha delle, cuidando que estava ainda daquém do rio, e foram dar no váo per onde o passáram. Fernão de Magalhães, passado este impeto da

mur-

murmuração, como era cousa de muitos, a que ninguem quiz acudir, principalmente por se vir João Soares de Azamor, e ir de cá por Capitão D. Pedro de Sousa, que depois foi feito Conde do Prado, nesta envolta de Capitão novo veio-se elle tambem pera este Reyno sem licença de D. Pedro. E como elle Fernão de Magalhães era homem de nobre sangue, e de serviço, e tambem manquejava da perna, começou ter logo alguns requerimentos com ElRey Dom Manuel, entre os quaes dizem que foi accrescentamento de sua moradia: cousa que tem dado aos homens nobres deste Reyno muito trabalho; e parece que he huma especie de martyrio entre os Portuguezes, e ácerca dos Reys causa de escandalo. Porque como os homens tem recebido por opinião commum, que as mercês do Principe dadas per merito de serviço são huma justiça commutativa, que se deve guardar igualmente em todos, guardada a qualidade de cada hum, quando lhe negão a sua porção, peró que o soffrão mal, ainda tem paciencia; mas quando vem exemplo em seu igual, principalmente naquelles a que aproveitou mais artificios, e amigos, que meritos proprios, aqui se perde toda paciencia, daqui nasce a indignação, e della odio, e finalmente toda desesperação, té que vem commet-

metter crimes, com que damnam a si, e a outrem. E o que mais damnou a Fernão de Magalhães, que mais meio cruzado de accrescentamento cada mez em sua moradia, que era seu requerimento, foi, que alguns homens, que se acháram em Azamor no tempo que elle lá esteve, sobre a fama que trouxe do furto do gado, começáram dizer que a sua manqueira era fingida, e artificio pera seu requerimento. As quaes cousas com outras, que elle soltava como homem indignado, vieram á noticia d'ElRey, com que lhe entreteve seu despacho. Accrescentou-se mais em seu damno escrever D. Pedro de Sousa Capitão de Azamor a ElRey, como elle Fernão de Magalhães se viera sem sua licença, e o que tinha feito na cavalgada, segundo se os moradores queixavam; que pedia a Sua Alteza mandasse saber como passava pera lhe dar a emenda que merecia. Fernão de Magalhães, posto que com palavras se queria justificar ante ElRey, não lhas quiz receber, e mandou que se fosse logo a Azamor livrar por justiça, pois lá era accusado. Chegado lá, ou porque elle sería limpo desta culpa, ou (segundo se mais affirma,) os fronteiros de Azamor polo não avexar o não accusáram, elle se tornou a este Reyno com a sentença de seu livramento; pe-

ró

ró sempre lhe ElRey teve hum entejo. E quando veio ao despacho de seus requerimentos, porque não foram á sua vontade, poz elle em obra o que tinha escrito a Francisco Serrão seu amigo, que estava em Maluco; donde parece que sua ida pera Castella andava no seu animo de mais dias, que movida de accidente do despacho. E prova-se, porque ante de o ter, sempre andava com Pilotos, Cartas de marear, e altura de Leste, Oeste; materia que tem lançado a perder mais Portuguezes ignorantes, do que são ganhados os doutos per ella, pois ainda não vimos algum que o puzesse em effeito. Da qual prática que tinha com esta gente do mar, e tambem por elle ter hum engenho dado a isso, e experiencia do tempo que andára na India com mostrar as cartas, que lhe Francisco Serrão escreveo, começou semear nas orelhas desta gente, que as Ilhas de Maluco estavam tão Orientaes, quanto a nós, que cahiam na demarcação de Castella. E pera confirmação desta doutrina, que semeava nas orelhas dos mareantes, ajuntou-se com hum Ruy Faleiro Portuguez de nação Astrologo judiciario, tambem aggravado d'ElRey, porque o não quiz tomar por este officio, como se fôra cousa de que ElRey tinha muita necessidade. Finalmente, avindos ambos neste

proposito de darem algum desgosto a ElRey, deram comsigo em Sevilha, levando alguns Pilotos tambem doentes desta sua enfermidade, e lá acháram outros amorados deste Reyno, com que fizeram corpo de sua abonação por naquella Cidade concorrer muita gente deste mister do mar por causa das Armadas que se alli faziam pera as Antilhas. Na qual Cidade achou elle Fernão de Magalhães gazalhado, e favor pera suas cousas em casa de hum Diogo Barbosa natural Portuguez, que no anno de quinhentos e hum, (como atrás escrevemos,) na primeira Armada foi com João da Nova por Capitão de hum navio, que era de D. Alvaro irmão do Duque de Bragança D. Fernando. E no tempo que elle D. Alvaro andou em Castella, este Diogo Barbosa teve por elle, como Alcaide mór, o castello de Sevilha. Do qual gazalhado, que Fernão de Magalhães recebeo delle Diogo Barbosa, e parentesco que tambem entre elles havia, veio o mesmo Fernão de Magalhães casar com huma filha sua, já acreditado por ElRey D. Carlos de Castella, que depois foi eleito por Emperador, e Rey dos Romanos. Ao qual Rey Alvaro d'Acosta Camareiro, e Guarda-roupa-mór d'ElRey D. Manuel, que então estava em Castella por seu Embaixador sobre o casa-

mento da Infante D. Lianor, requereo que não quizesse intentar a tal empreza, por ser cousa que pertencia a este Reyno, dando pera isso as razões, e causas da antiga demarcação feita entre estes Reynos de Portugal, e Castella. E primeiro que com elle tivesse esta prática, a tivera com o mesmo Fernão de Magalhães, provocando-o a que desistisse daquella opinião, pois no que commettia não sómente offendia a Deos, e a seu Rey, mas ainda maculava perpetuamente sua honra, e damnava a seus parentes, e finalmente era causa de haver paixões, e desgostos entre dous Reys tão amigos, liados, e parentes. Ás quaes razões deo por escusa ter já dado palavra de si a ElRey de Castella, como que em não ir avante com ella offendia mais a sua alma, e menos em seguir sua indignação. ElRey de Castella como estava namorado das cartas, e pomas de marear, que Fernão de Magalhães lhe tinha mostrado, e principalmente da carta que Francisco Serrão escreveo a elle Fernão de Magalhães de Maluco, em que elle mais escorava, e assi das razões delle, e do Faleiro Astrologo, tiveram estas pinturas, e palavras de homens indignados mais força pera ElRey se determinar em mandar huma Armada a este negocio, que quantas razões lhe apresentou Alvaro d'Acosta, sendo

do no maior fervor da liança que ElRey queria ter com elle, que era tratando o casamento da Infante D. Lianor com elle, que se então fez, como particularmente escrevemos em sua propria Chronica. As quaes vodas por serem nesta conjunção, parece que trocáram a ordem de todalas dos Principes, porque as mais das pazes que se entre elles fazem, passadas muitas differenças, guerras, e contendas, a paz destas cousas se remata per casamentos á maneira de Comedias: e este casamento, e nova liança d'ElRey D. Manuel, por guardar o decóro das Reaes pessoas com que se tratava, e fazia; houvesse mais respeito ao modo, que á cousa, e causa de tanto parentesco, porque teve o princípio no fim das Tragedias, que acabam em trabalhos, e desgostos, como daqui procedêram. Porque o interesse he tão proprio a si mesmo, que como faz assento no animo de alguem, poucas vezes dá lugar a outras razões, por mui conjuntas, e obrigatorias que sejam. Finalmente ElRey D. Carlos de Castella pera este novo descubrimento, que Fernão de Magalhães promettia, mandou armar cinco vélas, de que o fez Capitão mór, e os outros Capitães haviam nome, Luiz de Mendoça, Gaspar de Quexada, João de Cartagena, e João Serrão, todos naturaes Castelhanos: e assi to-

toda a mais gente da Armada, que sería té duzentas e cincoenta pessoas, em que entravam alguns Portuguezes, delles parentes delle Fernão de Magalhães, assi como Duarte Barbosa seu cunhado, e Alvaro de Mesquita, e Estevão Gomes, e João Rodrigues Carvalho, ambos Pilotos, e outros homens induzidos per elles. E não foi o Astrologo Ruy Faleiro, ou porque se arrependeo da jornada, ou por ver per sua astrologia em que fim havia de parar aquella Armada; e segundo dizem fingio doudice; mas permittio Deos que fosse ella verdadeira, com que ficou prezo em Sevilha na casa dos doudos, e em seu lugar foi outro Astrologo chamado Andres de San Martin, homem douto na sciencia de Astronomia, segundo vimos nas operações que fez nesta viagem, de que adiante faremos declaração. Mas parece que tambem este não calculou bem a hora do dia que a Armada partio de São Lucar de Barrameda, que foi a vinte e hum dias de Setembro do anno de quinhentos e dezenove, pois não vio como elle, e Fernão de Magalhães haviam de acabar na Ilha de Subo; nem menos vio a justiça, que se fez entre elles dos Capitães, nem quanta fortuna aquella Armada passou, como se verá neste seguinte Capitulo.

CAPITULO IX.

Da viagem que Fernão de Magalhães fez com esta frota: e o que succedeo a elle, e a ella té descubrir hum estreito, que passava ao mar do Povente.

PArtida esta frota de S. Lucar de Barrameda, foi ter ás Canarias, onde se detiveram quatro dias; e aqui veio a Fernão de Magalhães huma caravella, na qual dizem que lhe veio aviso que tivesse tento em si, por quanto os Capitães que levava hiam com proposito de lhe não obedecer. E peró que ao diante elles vieram commetter este caso, mais parece que procedeo das causas do caminho, e do modo que elle Fernão de Magalhães se havia com elles, que de o levarem em proposito. Porque passados o Rio de Janeiro da nossa Provincia de Santa Cruz, a que vulgarmente chamam Brasil, tanto que começáram achar os mares frios, principalmente do rio da Prata por diante, que está em trinta e cinco gráos, quizeram os Capitães pedir razão a elle Fernão de Magalhães do caminho, e do que esperava fazer, vendo que não achava cabo, nem estreito, de que elle fazia tanto fundamento. Aos quaes elle respondia, que o leixassem fazer, que elle o entendia mui bem, dando-lhes enten-

der

der que sobre seu conselho pendia todo aquelle negocio, e não delles. Seguindo seu descubrimento, chegáram a dous dias de Abril do anno de quinhentos e vinte a hum rio a que chamáram de S. Julião, que está em cincoenta gráos, e isto já com tantas tormentas, e frios, que os mareantes não podiam marear as vélas; porque naquellas partes o inverno em proporção de clima he mais frio que da parte do Norte, assi por razão do auge do Sol, como querem os Astronomos, como por ser desabrigado de terra firme da parte do pólo. No qual rio houve entre o Capitão mór, e os outros consulta sobre a navegação que fizeram, e tinham por fazer, da qual procedêram algumas paixões entre todos. Cá Fernão de Magalhães não recebeo bem nenhum de quantos inconvenientes lhe puzeram sobre irem mais avante, ante se determinou que havia de invernar alli, e como viesse o verão, proseguir no descubrimento do cabo, ou estreito té setenta e cinco gráos, dizendo, que pois os mares da costa de Noruega, e Islanda, que estavam em maior altura, no tempo do seu verão eram tão faciles de navegar, como os de Hespanha, assi o seriam aquelles. E porque Fernão de Magalhães nesta prática se mostrou izento, e não sujeito aos votos dos Capitães, e Pilotos, houve entre todos mur-

mu-

muração: os principaes, e de melhor juizo affirmando-se que aquelle descubrimento não era proveitoso aos Reynos de Castella; porque ainda que onde elles estavam, que era em cincoenta gráos de altura, fora cabo, ou estreito, já não era clima pera se navegar de tão longe. E se os mares de Noruega, e Islanda se navegavam, como elle Fernão de Magalhães dava por razão, isto era per gente natural da mesma terra, ou tão vizinha a elles, que em espaço de quinze dias de navegação podiam chegar ao mais remoto delles. Mas vir de Castella, e passar a linha Equinocial, e correr a costa de todo o Brasil, que haviam mister mais de seis, ou sete mezes de navegação, e em tão diversos climas que na mudança de hum se mudavam os tempos, eram todos estes perigos perdição de náos, de gente, e de tanta substancia de fazenda, que importava mais em proveito commum, que todo o cravo de Maluco, quando tão facil fosse o caminho, que estava por passar da banda do outro mar, que ainda tinha por descubrir. A outra gente commum, que não tinha este discurso, dizia, que elle Magalhães por se restituir na graça d'ElRey de Portugal, a quem tinha offendido naquella empreza que tomáram, os queria a todos ir metter em parte onde morressem, e depois tornar-se a Portu-

tu-

tugal. Finalmente como todos não se podiam amparar do frio, e padeciam trabalhos incomportaveis, ajuntando esta impaciencia ao escandalo, copiláram estes tres Capitães João de Cartagena, Gaspar de Quexada, e Luiz de Mendoça de prender, ou matar a Fernão de Magalhães, e tornar-se pera Castella, e dar razão do que té li tinham passado, e da contumacia delle. Fernão de Magalhães sabendo esta sua consulta, teve modo como mandou matar Luiz de Mendoça dentro na sua náo, que estava de fóra da boca do rio, per hum Gonçalo Gomes de Espinhosa, que servia de Meirinho da Armada, levando-lhe hum recado de sua parte; e tanto que este foi morto ás punhaladas, prendeo os outros dous, de que o Gaspar de Quexada logo foi esquartejado vivo, e assi o Luiz de Mendoça depois de morto. E porque na Armada não havia quem servisse deste officio, deo Fernão de Magalhães a vida a hum criado de Gaspar de Quexada pera o fazer, por elle ser comprendido na traição do senhor, porque com titulo de trédores ao serviço d'ElRey de Castella se fez esta justiça. E a João de Cartagena foi perdoada aquella morte natural, e houve outra civel de perpétuo degredo naquella erma terra; e com elle ficou tambem hum Clerigo, que tinha a mesma culpa, com trinta

ar-

arrates de pão a cada hum pera se manter. E peró que muita gente era com elles nesta consulta, sómente em suas pessoas se fez justiça de todos, porque havendo de punir os culpados, poucos lhe ficariam pera fazer sua viagem; mas no trabalho que deo a alguns, recebêram assás de pena. Porque como elle assentou de passar alli o inverno, que eram estes mezes, Maio, Junho, Julho, e Agosto, que o Sol anda cá parte do Norte, que habitamos; neste tempo não sómente os occupou em corregimento das náos, que era cousa piedosa ver o que padeciam com frio, mas ainda os mandou entrar pela terra dentro que fossem descubrir, e a tentar se ouviam da outra parte algum tom do mar, promettendo mercê áquelle que trouxesse alguma boa nova. Na qual ida entráram vinte leguas pelo sertão, em que gastáram dez dias, e trouxeram comsigo huns homens da terra, cujos corpos passavam de doze palmos, aos quaes o Capitão mór mandou dar dadivas, e reteve dous por mostra de sua grandeza, e os trazer a Castella; mas duráram pouco por ser gente costumada comer carne crua. Neste mesmo tempo se lhe perdeo hum navio, Capitão João Serrão, o qual elle Fernão de Magalhães mandára diante ver se achava algum cabo, ou estreito. E posto que a gente se salvou daquelle nau-

fra-

fragio, sendo donde a Armada ficava té vinte leguas, em onze dias que parte da gente melhor disposta a veio buscar per terra, padecêram tantos trabalhos de fome, e frio, que quando chegáram quasi os não conhecia, por virem semelhaveis á mesma morte, e os mais que lá ficáram mandou vir Fernão de Magãlhaes em hum batel. Partido daqui, onde lhe faleceo alguma gente de frio, e trabalho de repairar as náos, foi costeando a terra, entrando em bahias, e portos por ver se achava algum estreito, té que chegáram a hum cabo a vinte dias de Outubro, a que chamáram das Virgens, por ser no dia que a Igreja celébra a festa das onze mil, o qual está em cincoenta e dous gráos; e diante delle obra de doze leguas acháram a barra de hum estreito, que estava em altura de cincoenta e dous gráos, cincoenta e seis minutos, e tinha de boca obra de huma legua. E como pela grande força da corrente que trazia, e diligencias que mandou fazer, e sinaes de baleas mortas que achavam na praia, Fernão de Magalhães entendeo que estava na boca de algum estreito, que passava a outro mar largo, mandou fazer grande festa per todalas náos, como que alli estava o fim de toda sua esperança. E porque entre a gente havia grande rumor sobre o pouco mantimento que
ti-

tinham, visto como elle Fernão de Magalhães se determinava de entrar pelo estreito, e seguir seu intento, mandou lançar hum pregão per todalas náos, que qualquer pessoa que fallasse em não haver mantimento, que morresse por isso. Com a qual determinação elle entrou pelo estreito, que em partes tem largura de tiro de espingarda, e bombarda, e em outras de legua, e legua e meia, tudo de huma parte, e da outra terra alta, muita della escaldada dos ventos, e a outra com arvoredo, em que havia aciprestes. E no cume das mais altas motanhas viam jazer a neve, como que todo anno estava sem se derreter, e alguma declinava a côr celeste, ou de mui antiga, e recopta, ou de qualquer outra cousa natural, que a gente não alcançava. Sendo já per dentro do qual estreito té cincoenta leguas, vendo per a ribeira delle angras, rios, e esteiros, que entravam pela terra, passáram hum lugar mais estreito, que se fazia entre duas serras mui altas, e além desta estreiteza víram que se fazia em dous braços. Fernão de Magalhães, porque se não soube determinar qual daquelles era o que passava a outro mar, pelo da parte do Sul mandou entrar huma náo, Capitão Alvaro de Mesquita, que fosse descubrir o que lá hia dentro; e pelo outro mandou hum batel, que logo tornou, descubrindo

do sómente té doze leguas. E porque elle poz limitação á não, que aos tres dias tornasse com nova do que achava, e eram já passados seis, mandou outra não que a fosse buscar, o Capitão da qual tornou dahi a tres dias, sem achar noticia alguma. Fernão de Magalhães desejando saber o que era feito della, disse ao Astrologo Andres de San Martin que prognosticasse pela hora da partida, e sua interrogação; o qual respondeo que achava ser a não tornada pera Castella, e que o Capitão hia prezo. E posto que Fernão de Magalhães não deo muito credito á isso, todavia passou assi; porque o Piloto com favor de toda a gente se fez á volta de Hespanha; e ainda sobre o Capitão Alvaro de Mesquita o contrariar, foi ferido, e prezo, e vieram-se per onde leixavam os dous degredados João de Cartagena, e o Clerigo, e chegáram a Castella passados oito mezes depois que se partíram de Fernão de Magalhães. Elle quando se vio sem aquella não, por nella ir Alvaro de Mesquita, e alguns Portuguezes, e não ficava com mais favor que de Duarte Barbosa, e alguns poucos de que se esperava ajudar, porque toda a outra gente Castelhana estava delle escandalizada, além do avorrecimento que tinha áquella jornada polos grandes trabalhos que tinham passado, ficou tão confuso, que se
não

não ſabia determinar. E por ſe juſtificar com eſtes do que ſe receava, paſſou dous mandados ſeus ambos de hum theor pera as duas náos, ſem querer que as peſſoas principaes vieſſem a elle; já como homem que não queria ver na ſua náo muito ajuntamento, temendo alguma indignação delles, ſe lhe não reſpondeſſe á ſua vontade. E porque hum deſtes ſeus mandados foi ter á náo, Capitão Duarte Barboſa, onde eſtava o Aſtrologo Andres de San Martin, o qual regiſtou eſte mandado em hum livro, e ao pé poz ſua reſpoſta pera em todo tempo elle dar razão de ſi; e eſte ſeu livro com alguns papeis ſeus, por elle falecer naquellas partes de Maluco, nós os houvemos, e temos em noſſo poder, como adiante diremos; não parece fóra da hiſtoria pôr aqui o traslado deſte mandado, e a reſpoſta delle Andres de San Martin; porque ſe veja não per nós, mas per ſuas proprias palavras, o eſtado em que elles hiam; e o propoſito delle Fernão de Magalhães no caminho que ſe eſperava commetter per vida do noſſo deſcuberto, quando lhe faleceſſe o que elle deſejava achar. E peró que em a noſſa linguagem, eſtas são ſuas palavras formaes, e fraſes da eſcritura, ſem mudar letra, ſegundo eſtava regiſtado per Andres de San Martin, como diſſemos: *Eu Fernão de Magalhães Cavalleiro da Or-*

dem

denr. de Sant-Iago, e Capitão geral desta Armada, que Sua Magestade envia ao descubrimento da especiaria, &c. Faço saber a vós Duarte Barbosa Capitão da náo Vitoria, e aos Pilotos, Mestres, e Contramestres della, como eu tenho sentido que a todos vos parece cousa grave estar eu determinado de ir adiante, por vos parecer que o tempo he pouco pera fazer esta viagem, em que imos. E por quanto eu sou homem que nunca engeitei o parecer, e conselho de ninguem, ante todas minhas cousas são praticadas, e communicadas geralmente com todos, sem que pessoa alguma de mi seja affrontada, e por causa do que aconteceo no porto de S. Julião sobre a morte de Luiz de Mendoça, Gaspar de Quexada, e desterro de João de Cartagena, e Pero Sanches de Reina Clerigo, vós-outros com temor leixais de me dizer, e aconselhar tudo aquillo que vos parece que he serviço de Sua Magestade, e bem segurança da dita Armada, e não mo tendes dito, e aconselhado: errais ao serviço do Emperador Rey Nosso Senhor, e is contra o juramento, e pleito, e menage que me tendes feito. Polo qual vos mando da parte do dito Senhor, e da minha rogo, e encommendo, que tudo aquillo que sentís que convem á nossa jornada, assi de ir adiante, co-

mo de nos tornar, me deis vossos pareceres per escrito cada hum per si: declarando as cousas, e razões por que devemos de ir adiante, ou nos tornar, não tendo respeito a cousa alguma por que leixeis de dizer a verdade. Com as quaes razões, e pareceres direi o meu, e determinação pera tomar conclusão no que havemos de fazer. Feito no canal de todolos Santos defronte do rio do ilheo em quarta feira vinte e hum de Novembro em cincoenta e tres gráos de mil e quinhentos e vinte annos. Per mandado do Capitão geral Fernão de Magalhães. Leon de Espelece. Foi notificado per Martim Mendes Escrivão da dita náo em quinta feira vinte e dous dias de Novembro de mil e quinhentos e vinte annos. Ao qual dito mandado eu Andres de San Martin dei, e respondi meu parecer, que era do theor seguinte: *Mui magnifico Senhor, visto o mandado de vossa mercê, que quinta feita vinte e dous de Novembro de mil e quinhentos e vinte me foi notificado per Martim Mendes Escrivão desta náo de Sua Magestade chamada Vitoria, per o qual em effeito manda que dê meu parecer ácerca do que sinto que convem a esta presente jornada, assi de ir adiante, como tornar, com as razões que pera hum, e pera o outro nos moverem, como mais largo no dito man-*

da-

dado se contém, digo: Que ainda que eu duvide que per este canal de todolos Santos, onde agora estamos, nem pelos outros que dos dous estreitos que a dentro estam, que vão na volta de Leste, e Lesnordeste haja caminho pera poder navegar a Maluco, isto não faz, nem desfaz ao caso, pera que não se haja de saber tudo o que se puder alcançar, servindo-nos os tempos, em quanto estamos no coração do verão. E parece que vossa mercê deve ir adiante por elle agora, em quanto temos a frol do verão na mão; e com o que achar, ou descubrir té meado o mez de Janeiro primeiro que virá de mil e quinhentos e vinte annos, vossa mercê faça fundamento de tornar na volta de Hespanha, porque dahi adiante os dias minguam já de golpe, e por razão dos temporaes hão de ser mais pezados que os de agora. E quando agora que temos os dias de dezesete horas, e mais o que ha da alvorada, e depois do Sol posto, tivemos os tempos tão tempestosos, e tão mudaveis, muito mais se espera que sejam quando os dias forem descendo de quinze pera doze horas, e muito mais no Inverno, como já no passado temos visto. E que vossa mercê seja desabocado dos estreitos a fóra pera de todo o mez de Janeiro; e se puder neste tempo, tomada a

 agua,

agua, e lenha que basta, ir de ponto em branco na volta da Bahia de Calêz, ou porto de S. Lucar de Barrameda donde partimos. E fazer fundamento de ir mais na altura do polo Austral do que agora estamos, ou temos, como vossa mercê o deo em instrucção aos Capitães no rio da Cruz, não me parece que o poderá fazer por a terribilidade, e tempestuosidade dos tempos; porque quando nesta que agora temos se caminha com tanto trabalho, e risco, que será sendo em sessenta, e setenta e cinco grãos, e mais adiante, como vossa mercê disse, que havia de ir demandar Maluco na volta de Leste, Lesnordeste, dobrando o Cabo de Boa Esperança, ou longe delle, por esta vez não me parece; assi porque quando lá formos seria já inverno, como vossa mercê melhor sabe, como porque a gente está fraca, e desfalecida de suas forças; e ainda que ao presente tem mantimentos que bastem pera se sustentar, não são tantos, e taes, que sejam pera cobrar novas forças, nem pera comportar trabalho demaziado, sem que muito o sintam em o ser de suas pessoas; e tambem vejo dos que cahem enfermos que tarde convalescem. E ainda que vossa mercê tenha boas náos, e bem apparelhadas (louvado Deos) toda via ainda falecem amarras, em especialmen-

mento a esta náo Vitoria: e além disso a gente he fraca, e desfalecida, e os mantimentos não bastantes pera ir pela sobredita via a Maluco, e de alli tornarem a Hespanha. Tambem me parece que vossa mercê não deve caminhar por estas costas de noite, assi por a seguridade das náos, como porque a gente tenha lugar de repousar algum pouco: cá tendo de luz clara dezenove horas, que mande surgir por quatro, ou cinco horas que ficam de noite. Porque parece cousa concorde á razão surgir por quatro, ou cinco horas que ficam da noite, por dar (como digo) repouso á gente, e não tempestear com as náos, e apparelhos. E o mais principal por nos guardar de algum revés, que a contraria fortuna poderá trazer, de que nos Deos livre. Porque quando em as cousas vistas, e olhadas sóem aquaecer, não he muito temellos em o que ainda não he bem visto, nem sabido, nem bem olhado, senão que faça surgir ante de huma hora de Sol, que duas leguas de caminho adiante, e sobre noite. Eu tenho dito o que sinto, e o que alcanço por cumprir com Deos, e com vossa mercê, e com o que me parece serviço de Sua Magestade, e bem da Armada: vossa mercê faça o que lhe parecer, e Deos lhe encaminhar: ao qual praza de lhe prosperar vi-

vida, e estado, como elle deseja. Fernão de Magalhães recebido este, e os outros pareceres, como sua tenção não era tornar atrás por cousa alguma, e sómente quiz fazer este cumprimento, por sentir que a gente não andava contente delle, mas assombrada do castigo que dera, pera dar razão de si, fez huma comprida resposta, em que deo largas razões, tudo ordenado a irem avante. E que jurava pelo habito de Sant-Iago que tinha no peito, que assi lho parecia, polo que compria a bem daquella Armada: por tanto todos o seguissem, cá elle esperava na piedade de Deos que os trouxera té aquelle lugar, e lhe tinha descuberto aquelle canal tão desejado, que os levaria ao termo de sua esperança. Notificado pelas náos este seu parecer, e mandado, ao outro dia com grande festa de tiros mandou levar ancora; e dado á véla, fez seu caminho té que sahio daquelle canal ao outro mar de Ponente. E posto que faça alguns tornos, ora a hum rumo, ora a outro, quasi a sahida está na altura da entrada, e em muitas partes vasa com a maré oito, e nove braças, e vai a agua tão teza que corre huma náo grande perigo, se não está mui bem amarrada, porque pórta muito polas amarras.

CA-

CAPITULO X.

Do que Fernão de Magalhães paſſou em ſua navegação do mar do Ponente té chegar á Ilha Subo, onde matáram a elle, e a principal gente de ſua Armada: e do que mais ſuccedeo aos que ficáram.

TAnto que Fernão de Magalhães ſe vio no mar do Ponente, porque andava tão furioſo como o Oriental donde vinha por cauſa da frialdade do clima, mandou navegar contra a linha Equinocial pera ſe metter no quente; e como achou os mares mais brandos, poz a proa em Aloeſnoroeſte per eſpaço de quatro mezes. E ſendo obra de mil e quinhentas leguas da boca do eſtreito, ſegundo ſua eſtimação, e em altura de dezoito gráos da banda do Sul, acháram huma pequena Ilha, que foi a primeira terra que víram depois da ſahida do eſtreito, a que puzeram nome Ilha Primeira. E dahi a duzentas leguas ao Noroeſte deſta em altura de treze gráos, acháram outra que ſería de huma legua, em a qual fizeram peſcaria; e polos muitos Tubarões que nella havia, lhe chamáram dos Tubarões. E porque elle Fernão de Magalhães ſabia que as Ilhas de Maluco eſtavam debaixo da linha Equinocial, deſta Ilha dos

Tu-

Tubarões foi navegando té se metter nella. Cursando tanto per este rumo que levava, que de lhe parecer que tinha escorrido. as Ilhas de Maluco, (cá segundo sua Carta, passava de cento e oitenta gráos de longura,) passou-se da banda do Norte em altura de quinze gráos e meio a ver se achava algumas Ilhas, ou terra das que nós navegamos, pera tomar lingua, e saber em que paragem era, já como homem que tinha perdido a estimação do lugar em que podia ser. Na qual paragem achou hum número de Ilhas pequenas, e dahi por serem desertas foram subindo té altura de vinte e hum gráos, desejando achar alguma terra firme, e fazendo interrogações sobre isso ao Astrologo Andres de San Martin, porque como lhe já falecia a conta, e razão do marear, leixando a Astronomia, convertia-se á Astrologia. Finalmente, porque elle andou per aqui tornando a diminuir da altura de Ilha em Ilha, como dizem as redes, em huma parte lhe matavam homens, em outra lhe furtavam o batel; e se aqui recebiam mantimentos, alli affrontas, e perigos, veio ter a huma Ilha chamada Subo, onde acabou seus trabalhos. A qual Ilha está em altura de dez gráos da parte do Norte, e terra em roda dez, ou doze leguas, onde acháram ouro, e tanto gaza-

Ilha-

lhado no Rey Gentio della, que veio Fernão de Magalhães ao querer fazer Christão, o que elle acceitou, baptizando-se com sua mulher, e filhos, e mais de oitocentas pessoas, e isto mais por artificio do que havia mister delle, que por devoção, ou eleição de melhor estado; e o caso foi este. Como onde ha vizinhança logo ha competencia, este Rey, a que elle no baptismo poz nome D. Fernando, acertou de ter por vizinho outro Rey com quem andava em guerra, contra o qual elle lhe pedio ajuda, pois era já feito Christão, e chamado Fernando do seu nome. Fernão de Magalhães polo comprazer metteo-se neste negocio de guerra: e peró que houve duas vitorias do Rey imigo de D. Fernando, quando veio a terceira com duas ciladas que lhe armáram os imigos, foi necessario os Castelhanos recolherem-se aos bateis. E primeiro que se salvassem, foram mortos Fernão de Magalhães, e o Astrologo Andres de San Martin, e hum Christovão Rabello Portuguez com outros seis, ou sete homens a vinte e sete dias do mez de Abril de quinhentos e vinte hum. O qual tempo, e lugar de suas mortes não alcançou o Astrologo Andres de San Martin, posto que pelo ascendente de sua partida, e per algumas interrogações que lhe Fernão de Magalhães fize-

fizera, elle lhe tinha dito que naquelle caminho lhe via hum grande perigo de morte. Parece que levava errados os números das Taboas do Almenach, per que se regia, como elle dizia, e adiante veremos, em algumas operações que fez, de opposições de Planetas com a Lua para saber a distancia do meridiano de Sevilha ao lugar onde as tomava. Sobre este grande desastre succedeo outro, que os metteo em maior confusão, e foi, que os Reys imigos vieram fazer paz entre si, com tal que o Rey Fernando trabalhasse por os matar a todos. E porque não pode mais, acolheo vinte dos principaes, em que entravam os Capitães Duarte Barbosa, João Serrão; e com simulação de lhes dar hum banquete, foi do vaso da morte, do qual feito escapou sómente vivo João Serrão. Este foi trazido á praia com as mãos atadas á vista das náos, o qual deo nova do caso, e que o traziam alli pera o resgatarem por dous berços de metal, e alguma polvora. E peró que os Castelhanos se puzessem em hum batel chegados hum pouco á praia, onde os Indios estavam com elle, a quem havia de fazer a entrega, começáram a pedir mais, entretendo os Castelhanos de maneira, que temendo elles alguma traição sem terem de ver mais com João Serrão, nem com as pa-

palavras que elle dizia pera os mover a piedade, ſe recolhêram á náo. E quando vio que o leixavam naquelle eſtado, porque João Lopes Carvalho o Portuguez ficou alli por principal cabeça, diſſe contra elle: *Ah compadre, mal vos demande Deos minha morte, pois me não quereis livrar della.* E então pedio que por amor de Deos que não esbombardeaſſem o lugar, por o não matarem logo, ſe com os tiros fizeſſem algum damno, cá ſe tornariam a elle. Os Caſtelhanos partidos dalli o primeiro de Maio de quinhentos e vinte e hum, que foi o dia em que lhe aqueceo eſta má fortuna, foram ter a huma Ilha dez leguas deſta; e feito alardo da gente que tinham, por terem perdidos cincoenta homens na Ilha, e outros per o caminho, acháram-ſe per todos cento e oitenta peſſoas. E havido conſelho, porque não podiam navegar tres náos, queimáram huma, e per as duas repartíram a gente; e de huma chamada a Vitoria fizeram Capitão hum João Sebaſtião, que era meſtre da meſma náo, e da outra o Piloto João Lopes Carvalho, o qual depois foi tirado do cargo, e prezo por algumas couſas que não aprouveram aos Caſtelhanos por ſer homem vicioſo. E eſta prizão foi em a Ilha Burneo, tendo já paſſado por Mindanáo, e por outras Ilhas, onde os

qui-

quizeram matar; e em lugar delle fizeram Capitão a hum João Baptiſta, que era Meſtre da meſma náo. Finalmente de Ilha em Ilha foram ter ás de Maluco, onde ElRey de Tidore polos ciumes que tinha de nós querermos fazer fortaleza ante em Ternate que em ſua terra, os agazalhou mui bem, e acceitou ficarem alli alguns pera feitorizar cravo, que eram aquelles que ficáram com João de Campos, como atrás eſcrevemos. E porque nas Ilhas não havia tanto cravo que abaſtaſſe pera carregar as duas náos por ſer fóra da novidade, e ſómente havia algum velho, quizera-os ElRey deter té vir a novidade, e lho dar em abaſtança; o que elles não quizeram eſperar, temendo que foſſem lá ter noſſas náos, como cada anno coſtumavam. ElRey quando vio a ſua preſſa, em hum mez, que foi o mais tempo que os alli pode deter, não ſómente mandou buſcar quanto pode haver na ſua terra, mas ainda teve muita diligencia como pelas outras Ilhas, e principalmente em Ternate, lhe fizeram boa ſomma, muita parte do qual lá tinham feito Portuguezes per ſeus Feitores. E hum Portuguez per nome João de Lourouſa, que eſtava em Ternate, como homem deſleal á patria, foi ainda em ajuda de fazer eſta carga, e metteo por condição que elle

ſe

ſe queria vir em as meſma náos, e que lhe havia de trazer nellas trinta bahàres de cravo. O qual partido os Caſtelhanos acceitáram, porque pelos aviſos que lhe elle dava das couſas da India, e promeſſas de os levar á Ilha de Banda a carregar de maças, e aſſi a Timor de ſandalo, houveram elles que eſte homem lhe era enviado per Deos, com que polo contentar ao preſente aſſentáram de o fazer Capitão da náo de que tiráram o Carvalho, e aſſi o fizeram. Porém depois tiveram outro conſelho, que melhor lhes vinha pera ſua viagem tornar a capitanía ao Carvalho por ſer Piloto, que vir por Capitão João de Louroſa. Vindos a Banda, tomáram alli alguma maça em dez dias, cá não ſe quizeram mais deter, aſſombrados do que lhe João de Louroſa fazia crer, dizendo que tinha por nova que na India ſe fazia huma Armada de certos galeões, de que era Capitão hum Pero de Faria, o qual mandava o Governador da India a fazer huma fortaleza em Maluco; e que ſe os achaſſe, creſſem verdadeiramente que era homem que os havia de metter no fundo. E não ſe contentou de dizer aos Caſtelhanos iſto, não ſendo aſſi, mas ainda fez algumas cartas a ſeus amigos da India, em que lhe notificava como hia naquellas náos de Caſtella, e as eſcuſas que dava eram com dizer algu-

mas cousas contra este Reyno; as quaes cartas Antonio de Brito quando per elle veio, houve á mão; e polo que disse, e fez, lhe foi depois cortada a cabeça per elle mesmo Antonio de Brito em Ternate, com pregão de tredor, como veremos. Partidas estas duas náos de Banda, passáram per a Ilha de Timor pera sahirem pelo canal de Solor, e atravessarem aquelle golfão, e per fóra da Ilha de S. Lourenço virem demandar o cabo de Boa Esperança. E porque a náo, de que era Capitão, e Piloto o Carvalho, sendo da Ilha Banda obra de cento e oitenta leguas, lhe abrio huma agua de maneira, que se hiam ao fundo, houveram conselho que a outra náo se partisse pera Castella, e elles tornassem arribar a Ternate, como fizeram, e a de Castella fez seu caminho, e veio cá ter, que causou o que adiante diremos, e a outra tornou a Ternate. A qual foi logo mui bem concertada; e ante que partisse, não polo caminho da outra, senão com fundamento de tomar a terra do porto de Panamá, que he nas costas da terra firme das Antilhas, faleceo o Piloto João Carvalho, e em lugar delle fizeram o mestre chamado Baptista Genoes, e Capitão Gonçalo Gomes de Espinosa, que fora Meirinho de toda Armada. O qual seguindo sua viagem, e sendo já oitocentas leguas de Maluco em qua-

ren-

re[illegible]a e dous gráos de altura, tornou outra vez [illegible], e veio ter nas coſtas da Ilha chamada Batochina em o porto de huma Villa per nome Gramboconora, do qual lugar Antonio de Brito foi logo aviſado como alli eſtava, e tão desbaratada de agua que fazia, e fortuna que paſſára, que ſe lhe logo não acudíra, ella, e a gente ſe perdêra. E a primeira couſa que fez a requerimento de hum Bartholomeu Sanches Eſcrivão da meſma náo, o qual o Capitão Gonçalo Gomes mandava pedir miſericordia polo eſtado em que ficava, foi mandar huma caravella com muitos mantimentos, e ancoras pera a náo. E trás ella mandou logo Cachil Daroez Governador de Ternate com algumas coracóras, que são grandes navios de remo; e trás elle foi D. Garcia Henriques em navios pera trazerem a náo áquelle porto, e ſe não perder de todo, como o meſmo Gonçalo de Eſpinoſa lhe mandava requerer. E porque Cachil Daroez per razão dos ſeus navios ſerem de remo chegou primeiro á náo que a caravella de D. Garcia, como homem que ſe queria moſtrar leal a noſſas couſas, e eſtar mui eſcandalizado d'ElRey Almançor receber em ſeu Reyno os Caſtelhanos; entrando [illegible] não, quizera com ſua gente de guerra que levava fazer logo ſangue. E verdadeiramente ſe não fora o Feitor Duarte de

Re-

Rezende, ao qual Antonio de Brito com certos Portuguezes mandou ir com elle, sem dúvida Cachil Daroez houvera de lavrar do ferro. Finalmente entrada a náo, quando Duarte de Rezende vio a gente, houve grande piedade, porque os mais delles andavam derreados, que se não podiam mover senão com ajuda, quasi paralyticos, e eram já mortos trinta e sete homens, e andava a náo tão iscada da enfermidade, além dos trabalhos da fome, e outras necessidades, que receavam os nossos, depois que veio D. Garcia, entrar dentro como em cousa de peste. Trazida a náo, e a gente ao porto de Ternate, como vinha desbaratada, com hum tempo que logo sobreveio se desfez toda em o recife de pedras que o porto tem. A gente Antonio de Brito a mandou curar, e prover com tanto cuidado, como se foram naturaes deste Reyno, e não levados áquellas partes pera lhe darem desgosto; e quando se D. Garcia Henriques veio pera a India, todolos que com elle se quizeram vir elle os trouxe, e assi Gonçalo Gomes de Espinosa o Capitão, que depois o anno de quinhentos e vinte seis veio ter a este Reyno. Do qual eu houve alguns papeis que lhe achei, entre os quaes foi hum livro feito per elle de toda aquella sua viagem; e assi houve outros papeis, e livros, que Duarte

de

do Rezende Feitor de Malucó recolheo do Aſtrologo Andres de San Martin. Porque como era Latino, e homem eſtudioſo das couſas do mar, e Geografia, entendeo logo nellas; e vindo a eſte Reyno, houvemos delle alguns, principalmente hum livro que elle Andres de San Martin eſcreveo de ſua mão, em o qual eſtá o decurſo do caminho que fez, e de todas ſuas alturas, obſervações, e conjunções que tomou. E porque ácerca deſta materia algumas peſſoas tem eſcrito couſas, de que não tiveram boa informação, e outros malicioſamente dizem muitas falſidades, o que aqui diſſermos ſerá do meſmo ſeu livro, por ſer parte ſem ſuſpeita polo que toca á noſſa. No rio de Janeiro a dezeſete dias do mez de Dezembro de quinhentos e dezenove tomou elle huma conjunção de Jupiter com a Lua; e no primeiro de Fevereiro de quinhentos e vinte tomou outra oppoſição da Lua, e Venus; e a vinte e tres do dito mez, e era, outra do Sol, e da Lua; e em dezeſete de Abril do meſmo anno hum eclipſe do Sol, e a vinte e tres de Dezembro, já paſſado o eſtreito, huma oppoſição do Sol; e da Lua, e todas eſtas obſervações calculava ſobre o meridiano de Sevilha. E de lhe não reſponderem a ſeu propoſito ſobre o negocio a que hiam, aqueixaſe de humas Taboas de Joannes de Monte

Regio, dizendo, que não póde ſer ſenão que os numeros eſtavam errados; e que lhe parecia que devia ſer por culpa dos impreſſores. E em huma deſtas obſervações, (não dizemos em que parte foi, porque tudo guardamos pera ſeu tempo,) depois de ter calculado ſuas equações, diz eſtas formaes palavras: *De maneira, que haveria differença deſte meridiano ao meridiano de Sevilha, não eſtando erradas as Taboas do dito Almanach, quarenta e dous minutos de hora; porém porque me conſta ſer muito mais a differença, infiro haver erro nas Taboas, que certo não ſei a que o attribua. Porque attribuillo a vicio da impreſſão, não he de crer huma couſa tão commum, e tão divulgada como os Almanaches de Joannes de Monte Regio da impreſſão de João Lierteſtim abondar de tantos vicios nella, por razão do credito de ſua impreſſão. Pois attribuillo a que Joannes de Monte Regio erraſſe a equação dos movimentos, tambem me parece grave couſa dizer hum homem de tanta veneração, e authoridade em Aſtronomia, ter errado ſua obra. Tambem me maravilho, e muito mais vèr minhas experiencias não convirem com o eſcrito: infiro, e cerro-me em dizer que* Quod audivimus, loquimur; quod vidimus, teſtamur; *e que toque a quem tocar, em o Almanach*

eſ-

estam errados os movimentos dos ceos: Sicuti experientiâ experti fuimus. Foram tambem tomadas algumas cartas de mar; e peró que não houvessemos alguma, sabemos qûe dellas vinham sómente arrumadas pera lançarem as terras que descubrissem. E porque viam per estas operações do Astrologo, e assi per suas singraduras, e estimativa ao modo da sua arte, ser mais em nosso favor que no seu, situavam as terras da derrota a seu proposito, e não segundo o que achava elle Andres de San Martin. E de estas, e outras cousas serem feitas com malicia, testemunhou á hora de sua morte hum delles per nome Bustamente, o qual indo em hum navio nosso de Malaca pera a India, foi ter ás Ilhas de Maldiva, onde faleceo por ir muito enfermo. E no seu testamento disse, que por descargo de sua consciencia declarava, que tal cousa, e tal, em alguns estromentos que os Castelhanos tiráram em Maluco sobre aquelle seu negocio, elle testemunhára o contrario da verdade, porque o fazia em seu favor; e onde se as cousas querem provar per este modo, ellas ficam batizadas em nome. Fica aqui dizer huma cousa por honra de Duarte de Rezende, a que quero acudir por razão de sangue, e tambem das boas letras que tinha. Elle me dirigio hum Tratado sobre esta navegação de

Caſtella, como quem teve na mão huns apontamentos que o Aſtrologo Faleiro tinha feitos ante de ſua doudice, nos quaes dava modo como ſe poderia verificar a diſtancia dos meridianos, a que vulgarmente os mareantes chamam altura de Leſte Oeſte. Sobre os quaes Fernão de Magalhães, em cujo poder elles ficáram, ante que paſſaſſem o eſtreito no porto de S. Julião, quiz ter prática; e foi aſſentado per todolos Pilotos, que em nenhum modo ſe podia navegar per alli. Do qual regimento, que era de trinta capitulos, Andres de San Martin, como homem douto na Aſtronomia, concede o quarto capitulo, que era pelas conjunções, e oppoſições da Lua com os outros Planetas, por ſer cauſa certa, e facil. E porque Duarte de Rezende traz as formaes palavras que Andres de San Martin diz ſobre eſta materia, e tambem ſobre hum eclipſe do Sol, que alli tomou, de que atrás fallámos, e falla per termos Aſtronomicos, ou foi do Tratado que me elle dirigio, que eu empreſtei, ou que tambem elle em ſua vida daria o traslado a outrem, donde quer que foſſe; quizeram-ſe aproveitar delle em huma eſcritura deſta navegação do Magalhães. E o author da obra quando vem a fallar no caſo, (bem ſei que o não fez de malicia, mas de algum deſcuido, ou de não ter noticia dos termos,) confun-

fun-

funde-os, dizendo, que o meridiano daquelle porto diſtava do de Sevilha donde partíram, ſeſſenta e hum gráos de Norte, e Sul. E elle Andres de San Martin diz, que o meridiano daquelle porto diſtava do meridiano de Sevilha ſeſſenta gráos da linha Equinoccial; porque gráos da Equinoccial são gráos de longura; e gráos de Norte Sul são de largura. E quem eſtava além da linha em quarenta e nove gráos, e dezoito minutos, em que eſtá o rio de S. Julião, ſegundo o meſmo Andres de San Martin tomou, e em Sevilha que eſtá da parte do Norte em trinta e ſete e meio, ajuntando huns aos outros, faria oitenta e ſeis gráos, quarenta e oito minutos de Norte, e Sul; mas iſto não ſe conta aſſi, nem menos Andres de San Martin faz eſta conta. Quizemos apontar eſte erro, porque póde a tal eſcritura delle ir á mão de peſſoas doutas neſta faculdade, não queria que deſſem a culpa a Duarte de Rezende, ſenão a quem mal uſou dos ſeus termos; ou demos por deſculpa ao author da obra, a que tomava Andres de San Martin nas ſuas equações, que eſtavam os numeros errados por culpa do impreſſor, que he mui bom valhacouto aos que compomos alguma couſa. E aſſás de prudencia he quem ſe della ſabe aproveitar, poſto que mais modeſtia ſería confeſſar que ſomos homens, de que

he

he proprio errar. O que resultou da vinda da náo que veio ter a Castella, foi haver entre ElRey D. João Nosso Senhor, e o Emperador D. Carlos Quinto, e Rey de Castella algumas dúvidas, *tratando-se o caso sobre* estes dous pontos, posse, e propriedade, por razão das demarcações, que entre estes dous Reynos havia; pera o qual negocio se ajuntáram de ambalas partes tres generos de pessoas, Juristas, Geografos, e Mareantes. E porque entre elles houve mais duvidas das que havia no caso, estes dous Principes se concertáram depois per si da maneira em que ora o caso está; e parece-nos que o ha de vir a determinar por parte da propriedade o mesmo Andres de San Martin com seus eclipses, como demostraremos em a nossa Geografia: e verificallos-hemos per suas proprias experiencias que fez, e per livros que não tenham erros na impresão, porque não haja valhacouto contra a verdade. E quanto á posse, quem ler o que atrás escrevemos da continuação que os nossos tinham naquellas Ilhas, do anno de onze que Affonso d'Alboquerque as mandou descubrir té o anno de vinte, ante que a Armada de Castella lá fosse, que são dez annos de tempo, com todolos outros negocios de cartas, e requerimentos, que os Reys daquellas Ilhas tiveram comnosco, parece que julgará

a pos-

a posse por boa. E pois estamos em a narração das partes mais Orientaes que descubrimos, e conquistámos, que são estas de Maluco; primeiro que partamos dellas, queremos dar conta do que Simão d'Andrade fez na China, terra tambem a mais Oriental da Asia; e do que passou Thomé Pires nosso Embaixador, que Fernão Peres d'Andrade enviou ao Principe daquellas regiões, como atrás escrevemos. E de si trataremos do que Diogo Lopes de Sequeira fez em Ormuz, e na India, em a narração das quaes cousas começaremos, e daremos fim a este seguinte sexto Livro.

FIM DO LIVRO V. DA DECADA III.

00042668

Digitized with financial assistance from the
Government of Maharashtra
on 09 July, 2016